



**FERNANDA SILVEIRA CORRÊA**

**HISTÓRIA HIPOTÉTICA DA ESPÉCIE HUMANA: O PROCESSO  
DE HOMINIZAÇÃO NOS TEMPOS GLACIAIS E NA HORDA  
PRIMITIVA**

**CAMPINAS**

**2013**





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**FERNANDAS SILVEIRA CORRÊA**

**HISTÓRIA HIPOTÉTICA DA ESPÉCIE HUMANA: O PROCESSO DE  
HOMINIZAÇÃO NOS TEMPOS GLACIAIS E NA HORDA PRIMEVA**

Tese apresentada ao Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas como  
parte dos requisitos exigidos para obtenção  
do título de Doutor na Área de Filosofia

**Orientador: Prof. Dr. LUIZ ROBERTO MONZANI**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE  
DEFENDIDA PELA ALUNA FERNANDA SILVEIRA CORRÊA E  
ORIENTADA PELO PROF. DR. LUIZ ROBERTO MONZANI.

ERRATA: Onde se lê "Fernandas Silveira Corrêa", leia-se "Fernanda Silveira Corrêa";  
Onde se lê "...título de Doutor..." leia-se "...título de Doutora..."

CAMPINAS

Profa. Dra. Fátima Regina Rodrigues Évora  
Coordenadora da Comissão de  
Pós-Graduação / IFCH / UNICAMP  
Telefone: 174947

2013

iii

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

C817h Corrêa, Fernanda Silveira, 1963-  
História hipotética da espécie humana : o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva / Fernanda Silveira Corrêa. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Filogenia. 4. Psicologia social. 5. Metapsicologia. 6. Neuroses. I. Monzani, Luiz Roberto, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Hypothetical history of the human species : the hominization process in the ice age and primitive horde

**Palavras-chave em inglês:**

Psychoanalysis

Phylogeny

Psychology social

Metapsychology

Neuroses

**Área de concentração:** Filosofia

**Titulação:** Doutora em Filosofia

**Banca examinadora:**

Luiz Roberto Monzani [Orientador]

José Francisco Miguel Henriques Bairrão

Richard Theisen Simanke

Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave

Fátima Siqueira Caropreso

**Data de defesa:** 08-08-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Filosofia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 08 de agosto de 2013, considerou a candidata FERNANDA SILVEIRA CORRÊA aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Profa. Dra. Carlota Maria Ibertis Lassale Casanave

Profa. Dra. Fátima Siqueira Caropreso



## **Resumo**

Esta tese é uma interpretação e de certa forma uma reconstrução da história filogenética apresentada por Sigmund Freud em *Visão Geral das Neuroses de Transferência* (manuscrito enviado por Freud a Ferenczi, que corresponde ao que seria o XII ensaio da série de ensaios metapsicológicos escritos em 1915). Essa história foi construída, por Freud, a partir do conhecimento obtido em suas análises das neuroses de transferência (histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva) e das neuroses narcisistas (demência precoce, paranoia e mania/melancolia). Freud considera que cada patologia tem como fundo uma determinada disposição e esta revela uma característica que fôra, e continua sendo, fundamental à espécie humana. A soma das disposições possibilita, por sua vez, circunscrever as características básicas do ser humano, concebidas por Freud. A primeira parte da história remete aos tempos glaciais, quando surgiram as disposições para as três neuroses de transferência, e corresponde à constituição do impulso (Trieb) sexual humano, quer dizer, afastado da função biológica (como ensina a histeria de angústia), capaz de satisfação na fantasia (como ensina a histeria de conversão) e capaz de sublimação (como ensina a neurose obsessiva). A segunda parte remete ao tempo da horda primitiva e corresponde à constituição dos vínculos sociais, quer dizer, da disposição à submissão (como ensina a demência precoce), da identificação com os iguais (como ensina a paranoia) e do retorno da agressividade contra si (como ensina a melancolia). O recurso à filogênese, isto é, à história da emergência, na espécie, das disposições serve-nos como ponte para a compreensão da metapsicologia, suposta por Freud, do indivíduo na cultura.

## **Abstract**

This thesis is an interpretation and, in a certain ways, a reconstruction of the phylogenetic history presented by Sigmund Freud in *“Overview of the transference neuroses”*, (a manuscript sent by Freud to Ferenczi, that relates to what would have been the twelfth essay of the metapsychological essay series written in 1915). This history was written by Freud from the knowledge obtained from the analysis of Transference

Neuroses (anxiety hysteria, conversion hysteria and obsessional neurosis) and Narcissistic Neuroses (dementia praecox , paranoia and mania/melancholia). Freud believes that each disease has as its background a certain disposition, that reveals a characteristic that was and is still essential to the human species. The sum of the dispositions allow, in turn, to circumscribe the basic characteristics of the human being conceived by Freud. The first part of the history refers to the Ice Age, when dispositions for the three transference neuroses emerged, and it corresponds to the formation of the sexual human impulse (Trieb) apart from biological function (as the anxiety hysteria teaches), capable of satisfaction in fantasy (as the conversion hysteria teaches), and capable of sublimation (as taught by obsessional neurosis). The second part refers to the age of the primal horde and corresponds to the formation of social bonds, meaning the disposition to submission (as taught by dementia praecox), the identification with the same (as taught by paranoia), and the return of the aggression against the self (as taught by melancholy). The use of phylogeny, which means, the history of the emergence of dispositions in the species, serves as a bridge for us to understand the metapsychology, supposed by Freud, of the individual in the culture.



## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I: XII ensaio metapsicológico e a história filogenética hipotética.....	29
Capítulo II: Angústia de anseio.....	87
Capítulo III: Sexualidade Perversa.....	115
Capítulo IV: Inteligência – Linguagem – domínio da realidade – constituição das hordas.....	155
Capítulo V: Horda primitiva: castração, hipocondria, posição passiva-masoquista .....	190
91	
Capítulo VI: Amor homossexual, o amor pelos iguais.....	233
Capítulo VII: A identificação com o pai primitivo e o Retorno do ódio contra si mesmo.....	273
Conclusão.....	325
Referências bibliográficas.....	341



Dedico ao Nivaldo, meu marido;

à minha querida filha Sofia, para que goste tanto de Freud quanto eu;

ao Prof. Luiz Roberto Monzani, a quem eu sempre escrevi.



Agradeço ao Prof. Luiz Roberto Monzani, quem muito me ensinou de Freud e cuja paciência me possibilitou levar às últimas consequências minhas ideias fixas, obsessivas, e dar a elas alguma forma. Agradeço ao Prof. José Francisco Miguel Bairrão, quem primeiro me mostrou a importância de ler Freud com maior rigor e fundamentação filosófica, cujas observações no exame de qualificação foram fundamentais para que eu me apropriasse de minhas ideias e as explicitasse melhor e cuja síntese de meu trabalho, na defesa desta tese, muito me emocionou. Agradeço ao Prof. Oswaldo Giacoia, quem me apontou a importância de Nietzsche para a compreensão de Freud e cujas observações no exame de qualificação muito me ajudaram. Agradeço à Prof<sup>a</sup> Carlota Ibertis pelos importantes questionamentos a respeito de minha concepção dos vínculos sociais em Freud que geraram uma produtiva discussão na defesa desta tese. Agradeço ao Prof. Richard Simanke cujas observações sobre uma equivocada distinção entre natureza e cultura em Freud muito me ajudaram a entender o alcance de minha interpretação. E agradeço à Prof<sup>a</sup> Fátima Caropreso cujas observações precisas e pontuais de meu texto, observações de uma leitora que compartilha os mesmos temas de estudo que eu, foram muito valiosas.

Agradeço ao Nivaldo Ferraz pela boa vontade de sempre ler meus textos e me auxiliar nas minhas construções gramaticais, e principalmente pela ajuda financeira, sem a qual eu não poderia ter terminado esta tese. Agradeço a minha irmã Dora Silveira Corrêa Montero, pela atenta leitura e correções do texto. Agradeço também à minha analista Almira Rossetti, que me ajudou a apaziguar minha cruel autocrítica e conseguir apresentar a tese.

Agradeço aos leitores que tiverem paciência de ler este texto.



## Introdução

*Eu tenho lidado ... com fantasias que me perturbam ... . O que agora são neuroses foram fases de estado da humanidade. Com a irrupção das privações dos tempos glaciais os humanos tornaram-se angustiados, eles tinham todos os fundamentos para transformar libido em angústia. Quando eles aprenderam que a procriação era adversa à abstenção e precisava ser limitada, eles, ainda sem linguagem, se tornaram histéricos. Depois que eles, na dura escola dos tempos glaciais, desenvolveram a linguagem e a inteligência ... formou-se a horda primitiva com as duas proibições do pai primitivo, enquanto a vida amorosa egoísta-agressiva teve de permanecer. Contra este retorno defende-se a neurose obsessiva. As neuroses seguintes pertencem à nova era e foram adquiridas pelos filhos. Eles foram primeiramente coagidos a desistir, sobretudo, do objeto sexual, eventualmente foram despojados pela castração de toda libido: demência precoce. Eles aprenderam então a se organizar sobre bases homossexuais, expulsos pelo pai. Contra isso, defende-se a paranoia. Finalmente eles dominaram o pai, levando a cabo a identificação com ele, triunfaram sobre ele e ficaram de luto por ele: mania-melancolia. (Carta de Freud a Ferenczi, 12 de julho de 1915) <sup>1</sup>.*

Em 1915, durante a primeira guerra, com poucos pacientes, tempo livre e necessidade de abastecer com artigos as revistas especializadas de psicanálise (Internationalen Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse e Imago), Freud começou a escrever seus ensaios metapsicológicos. Eles seriam doze. Dos doze, apenas cinco foram publicados: *Os impulsos e seus destinos* (publicado em 1915), *A repressão* (p.1915), *O inconsciente* (p.1915), *Complemento metapsicológico à teoria dos Sonhos* (p.1917) e *Luto e Melancolia* (p.1917)<sup>2</sup>. O décimo segundo ensaio: *Visão geral das neuroses de*

---

<sup>1</sup> Ich habe es jetzt bei der Vorbereitung der "Übersicht der Übertragungsneurosen" mit Phantasien zu tun, die mich stören und kaum einen Niederschlag für die Öffentlichkeit ergeben werden. ... Was jetzt Neurosen sind, waren Zustandsphasen der Menschheit. Mit dem Einbruch der Entbehrenungen der Eiszeit wurden die Menschen ängstlich, sie hatten allen Grund, Libido in Angst zu verwandeln. Als sie gelernt hatten, dass die Fortpflanzung jetzt der Feind der Enthaltung sei und eingeschränkt werden müsse, wurden sie - noch sprachlos - hysterisch. Nachdem sie in der harten Schule der Eiszeiten Sprache und Intelligenz entwickelt - wesentlich die Männer -, bildete sich die Urhorda mit den zwei Verboten des Urvaters, während das Liebesleben egoistisch-aggressiv verbleiben musste. Gegen diese Wiederkehr wehrt sich die Zw[angsneurose]. Die folgenden Neurosen gehören dem neuen Zeitalter an und sind von den Söhnen erworben worden. Sie waren zunächst gezwungen, das Sexualobjekt überhaupt aufzugeben, ev[entuell] wurden sie durch Kastration aller Libido beraubt: Dem[entia] praecox. Sie lernten dann sich organisieren auf homosexueller Grundlage, vom Vater ausgetrieben. Dagegen wehrt sich die Paranoia. Endlich überwältigten sie den Vater, um die Identifizierung mit ihm durchzusetzen, triumphierten über ihn und betraueren ihn: Manie-melancholie. (Sigmund Freud/Sándor Ferenczi. Briefwechsel. Band II/1 1914 bis 1916. Wien.Köln. Weimar: Böhlau Verlag, 1996, p. 129)

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. *Trieb- und Triebchicksale; Die Verdrängung; Das Unbewusste; Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre; Trauer und Melancholie*. Studienausgabe. Band III. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1982.

*transferência (Übersicht der Übertragungsneurosen)* <sup>3</sup> foi enviado, em forma de manuscrito, em 28 de julho de 1915 (dezesesseis dias após a carta citada acima), para Ferenczi. No final do *décimo segundo ensaio*, analisando as disposições das neuroses de transferência, Freud inseriu hipóteses sobre a história da espécie humana referentes aos tempos glaciais e à horda primitiva.

Apesar de Freud não ter publicado o *XII ensaio metapsicológico*, e nele a história filogenética dos tempos glaciais e da horda primitiva, o que provavelmente aponta para o fato do material não ter passado pelo crivo do próprio autor, esta história filogenética parece-nos relevante, pois faz referência a alguns temas caros à teoria freudiana: refere-se às condições para a realização do suposto ato inaugural da cultura, o parricídio, e para a constituição da cultura; refere-se às relações entre filogênese e ontogênese; e às disposições constitucionais dos seres humanos. O fato do ensaio não ter passado pelo crivo de Freud não nos parece um argumento convincente a favor da sua pouca importância. Freud fez o mesmo com o *Projeto de uma psicologia* e hoje sabemos da importância deste texto para toda construção teórica, metapsicológica, posterior. Assim como o aparelho psíquico do *Projeto* permaneceu nos textos posteriores de Freud, mesmo deixando a referência aos neurônios, também acreditamos que a história dos tempos glaciais e da horda primitiva permaneceu em textos posteriores de Freud, mesmo sem seu apoio na geologia ou na antropologia física (no desenvolvimento dos antropóides). Do ponto de vista geológico ou de uma antropologia física, de fato, a história não tem qualquer interesse. Já, do ponto de vista da antropologia cultural, filosófica, a história pode ser considerada um complemento às teses de *Totem e tabu*. Um complemento que apresenta as condições de possibilidade do ato inaugural da cultura e de suas consequências. Assim como já apontou Ilse Grubrich-Simits (1984)<sup>4</sup>, a história da formação de traços fundamentais da condição humana, narrada no *XII ensaio*

---

<sup>3</sup> Freud, S. *Übersicht der Übertragungsneurosen: Ein bisher unbekanntes Manuskript* - Ediert Ilse Grubrich-Simitis. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1985.

<sup>4</sup> GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. *Metapsicologia e Metabiologia*. In Freud, S. *Neurose de transferência: uma síntese: manuscrito recém descoberto*. Rio de Janeiro: ed. Imago, 1987. Ilse Grubrich-Simits foi quem descobriu o XII ensaio, quando organizava para publicação a correspondência entre Freud e Ferenczi.



*metapsicológico*, como por exemplo a história da formação da linguagem, tem um estilo "violentamente simplificador", "reducionista", "parece mais com modelos de mitos do que com teoria científica". O mesmo, no entanto, pode ser atribuído ao texto *Totem e tabu*. O próprio Freud considera sua hipótese do parricídio seu "mito científico" (cf. *Psicologia das massas e análise do eu*). Mas sabemos da importância, por exemplo, atribuída por Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco* (1949), ao mito freudiano, que o resgata para a antropologia. A proibição do incesto, instituída no mito freudiano, é considerada uma necessidade estrutural que marca a passagem da natureza para a cultura.

Assim, acreditamos que desta forma simplificadora, reducionista, capaz de condensar em uma única situação diversos elementos, Freud oferece-nos, também, no *XII ensaio metapsicológico*, os elementos principais que organizam, que articulam, que podem ser considerados estruturalmente necessários ao indivíduo na cultura.

No *XII ensaio metapsicológico*, no entanto, Freud não constrói sua genealogia a partir de uma comparação com outras culturas, como aparentemente teria feito em *Totem e tabu*, a partir da análise das sociedades primitivas. No *XII ensaio*, Freud é explícito: o material que constrói seus cenários é fornecido pelas diversas patologias, pelas neuroses (neuroses de transferência) e psicoses (neuroses narcisistas, como são chamadas neste texto). Assim, o que possibilita a reconstrução da história da civilização, neste caso, é aquilo que na nossa civilização resiste a ela. Em outras palavras, os elementos que não se adaptam à civilização são considerados elementos originais das disposições do homem civilizado. É, portanto, o arcaico em cada um de nós (já que a neurose apenas acentua o que existe em todos) que servirá como material para a construção da história da civilização. Apesar de inusitado, este método de reconstrução é o mesmo que ocorre nos tratamentos psicanalíticos, nos quais a história de cada paciente é construída a partir dos elementos incoerentes de seu discurso. Os elementos da civilização que resistem a ela (expressos na doença psíquica), portanto, são aqueles que possibilitam a reconstrução da origem e do percurso que levou à civilização.

É de se notar que este método, de encontrar o arcaico da espécie a partir do indivíduo, ou melhor, do que escapa ao indivíduo (seus sintomas e sonhos), é autorizado à psicanálise pela autoridade de Nietzsche que primeiramente reconheceu no sonho um fragmento antiquíssimo da humanidade. Assim, Freud em *A interpretação dos sonhos*, em um parágrafo inserido em 1919, escreve:

*O sonhar seria no todo um pedaço de regressão às situações mais precoces do sonhador, uma revivificação de sua infância, dos movimentos do impulso que nela foram dominantes e dos modos de expressão que foram nela disponíveis. Atrás dessa infância individual nos é prometido um acesso à infância filogenética, ao desenvolvimento da espécie humana, a partir do qual o do indivíduo é efetivamente uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida. Presumimos como são acertadas as palavras de Nietzsche de que no sonho 'uma parte antiquíssima da humanidade continua em exercício, a qual, por um caminho direto, dificilmente se poderia chegar', e somos levados à esperança de, por meio da análise dos sonhos, chegar ao conhecimento da herança arcaica dos humanos, de neles conhecer o que é inato da alma. Parece que sonho e neurose conservaram para nós mais antiguidades da alma do que podemos supor, de modo que a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque entre as ciências que se esforçam para reconstruir as fases mais antigas e mais escuras do começo da humanidade. (Freud, Interpretação dos sonhos) <sup>5</sup>.*

Portanto, segundo Freud, a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque dentre as ciências que se esforçam por reconstruir o começo da humanidade, pois, por meio da interpretação dos sonhos e, podemos acrescentar, dos sintomas, ela tem um acesso direto àquilo que resiste à consciência e, assim, às exigências da civilização.

Na verdade, também em *Totem e tabu*, o método de reconstrução da história filogenética a partir do conhecimento obtido pela psicanálise, e não do conhecimento obtido pelos etnólogos, foi usado. O título de seu principal ensaio, o quarto, por exemplo, é *O retorno infantil do totemismo*, e também a relação entre o totemismo e a

---

<sup>55</sup> Das Träumen sei im ganzen ein Stück Regression zu den frühesten Verhältnissen des Träumers, ein Wiederbeleben seiner Kindheit, der in ihr herrschend gewesenen Triebregungen und verfügbar gewesenen Ausdrucksweisen. Hinter dieser individuellen Kindheit wird uns dann ein Einblick in die phylogenetische Kindheit, in die Entwicklung des Menschengeschlechts, versprochen, von der die des einzelnen tatsächlich eine abgekürzte, durch die zufälligen Lebensumstände beeinflusste Wiederholung ist. Wir ahnen, wie treffend die Worte Fr. Nietzsches sind, dass sich im Traume "ein uraltes Stück Menschentum fortübt, zu dem man auf direktem Wege kaum mehr gelangen kann", und werden zur Erwartung veranlasst, durch die Analyse der Träume zur Kenntnis der archaischen Erbschaft des Menschen zu kommen, das seelisch Angeborene in ihm zu erkennen. Es scheint, dass Traum und Neurose uns mehr von den seelischen Altertümern bewahrt haben, als wir vermuten konnten, so dass die Psychoanalyse einen hohen Rang unter den Wissenschaften beanspruchen darf, die sich bemühen, die ältesten und dunkelsten Phasen des Menschheitsbeginnes zu rekonstruieren. (Freud, 1900, Die Traumdeutung, Studienausgabe, Band II, p. 524).

neurose obsessiva foi bastante explorada. Assim, uma importante base de interpretação do totemismo é o conhecimento psicanalítico da infância e da neurose obsessiva.

No entanto, no *XII ensaio metapsicológico*, a relação com as neuroses é muito mais acentuada e, quase exclusivamente, sobre ela se constrói a história filogenética. No *XII ensaio* não há referência a conhecimentos vindos da etnologia e a própria alusão aos tempos glaciais é destituída de qualquer registro científico (suas bases científicas não são objeto de preocupação de Freud). Na medida em que é bastante farto o material sobre as neuroses e psicoses, por toda a obra de Freud, a história filogenética, construída a partir deste material, pode ser muito mais explorada. Podemos, além de explicitar as relações sinteticamente propostas por Freud neste ensaio, desenvolvê-las mais amplamente. E, na medida em que o estudo da patologia, na obra de Freud, envolve uma referência ao desenvolvimento ontogenético, sua relação com a história filogenética também nos proporciona uma frutífera comparação do desenvolvimento ontogenético com o filogenético.

Portanto, é este o percurso que pretendemos seguir neste trabalho: compreender a construção da história filogenética a partir do conhecimento psicanalítico das neuroses e psicoses e, ao mesmo tempo, circunscrever o que é considerado, por Freud, o arcaico no indivíduo, sua história (suas transformações, retrocessos, desenvolvimento, reações, inversões e combinações) e sua relação com o processo civilizatório. Aqui, a história filogenética, iluminada pela patologia, acaba servindo para compreensão do ser humano, na sua dimensão temporal. Se, no *XII ensaio*, a história filogenética primeiramente foi elaborada para explicar as neuroses, como explicita seu título: *Visão geral das neuroses de transferência*, veremos como, na sua apresentação, são as neuroses (de transferência e narcisistas) que servirão para construí-la. E o que alcançamos no final é, a partir das neuroses, passando pelas hipóteses filogenéticas, uma visão geral do que Freud entende por ser humano: sua complexidade, sua temporalidade, seus contraditórios desenvolvimentos e as condições para que viva em sociedade.

O primeiro objetivo de nosso texto, então, é empreender uma interpretação da história hipotética da espécie humana formulada em *Visão geral das neuroses de*

*transferência* a partir do estudo das disposições encontradas nas neuroses de transferência – isto é, na histeria de angústia (fobia), na histeria de conversão e na neurose obsessiva – e nas neuroses narcisistas (psicoses) – isto é, na demência precoce (esquizofrenia), na paranoia e na mania/melancolia. Nas patologias, segundo Freud, encontramos de forma intensificada as disposições presentes em todos os seres humanos, assim, o exame destas disposições indicar-nos-á também aquilo que é considerado constitucional nos seres humanos, os “esquemas filogenéticos”, as “categorias filosóficas”<sup>6</sup>, pressupostos por Freud na sua concepção do funcionamento psíquico. Esclarecer o que é considerado constitucional, portanto, é nosso segundo e principal objetivo.

A primeira parte da história filogenética, referente às disposições para as neuroses de transferência, remete às experiências dos seres humanos nos tempos glaciais e narra o surgimento do impulso sexual, como ele é concebido por Freud: desvinculado da função sexual biológica, caracterizado por sua indeterminação, plasticidade e capacidade de sublimação. A segunda parte da história, referente às disposições para as neuroses narcisistas, ocorre quando constituída a horda primitiva e narra o surgimento de disposições que tornam possível a formação e a manutenção da organização social.

O fato das disposições (constitucionais, dos esquemas filogenéticos) terem uma história, retira-lhes o caráter de *a priori*, e oferece não apenas a suposição de um processo de hominização, mas também uma interessante relação entre séries temporais do desenvolvimento filogenético e ontogenético.

A preocupação de Freud em reconstruir uma história para as disposições, e não simplesmente apresentá-las como *a priori*, certamente é bastante influenciada por Haeckel, biólogo e filósofo, divulgador da teoria de Darwin nos países de língua alemã. Segundo Ritvo,

*Haeckel proclamou que a abordagem histórica, que Darwin usara com absoluto sucesso para o problema da espécie, era a chave para todos os problemas. 'Todo*

---

<sup>6</sup> Assim Freud descreve, no caso do Homem dos lobos, o que o sujeito traz consigo, constitucionalmente: “Apenas ainda dois, dos numerosos problemas que ele [o caso clínico] sugere, me parecem dignos de uma atenção especial. O primeiro diz respeito aos esquemas filogenéticos trazidos consigo, que, como as 'categorias' filosóficas cuidam da acomodação das impressões da vida. Quero defender a concepção de que eles seriam precipitados da história da cultura humana.” (Freud. 1914-2, O caso do homem dos lobos. Studienausgabe. Band VIII, p. 229)

*ser só pode ser verdadeiramente conhecido quando conhecemos sua transformação', proclamou Haeckel. (Ritvo. 1992) <sup>7</sup>.*

A ideia, inclusive, de que o desenvolvimento ontogenético recapitula o filogenético foi formulada por Haeckel em sua teoria da recapitulação:

*Como eu tenho aqui mostrado, ontogênese, ou o desenvolvimento do indivíduo, é uma curta e rápida repetição (recapitulação) da filogênese, ou o desenvolvimento da tribo a que pertence, determinado por leis de herança e de adaptação (Haeckel, 1880) <sup>8</sup>.*

Segundo Haeckel, por exemplo, o embrião de um ser humano tem seu início como um ovo fertilizado, semelhante à primeira célula que apareceu no planeta; depois, devido a divisões celulares e desenvolvimentos, passa pela "*fase lombriga*", pela "*fase peixe*", pela "*fase anfíbio*", pela "*fase réptil*" e só então chega à "*fase humana*". Desta forma o embrião humano recapitula toda a evolução da espécie.

Apesar de Freud buscar um paralelo similar entre desenvolvimento do indivíduo e da espécie, veremos que a direção dos dois desenvolvimentos (do indivíduo e da espécie), em Freud, nem sempre coincide. Por um lado, a direção do desenvolvimento ontogenético é contrária a do desenvolvimento filogenético, o que foi perdido na filogênese tem de ser readquirido (mesmo que nunca o seja) na ontogênese, e neste sentido a disposição filogenética funciona não só como ponto de partida, mas também como organizadora do desenvolvimento. Por outro lado, a ontogênese repete o caminho traçado pela filogênese, criando um conflito entre a tendência a resgatar o que fora perdido na filogênese e a tendência de repetir o caminho traçado a partir de então pela filogênese. Diferentemente da visão evolucionista de Haeckel, a história reconstruída por Freud, sua genealogia das constelações psíquicas, não é linear, é sim composta de desenvolvimentos e retrocessos, é composta por direções discordantes, direções que ora se apresentam como forças opostas, ora se unem. As relações entre filogênese e ontogênese acabam, como veremos, auxiliando-nos na compreensão das relações

---

<sup>7</sup> Ritvo, Lucille. A influência de Darwin sobre Freud. RJ: Imago, 1992, p. 32.

<sup>8</sup> Haeckel. The history of creation. New York: D. Appleton and company, 1880, p. 309/310.

conflituosas entre o desenvolvimento do eu e o desenvolvimento da sexualidade (na ontogênese).

Devido à importância atribuída, por Freud, à história e ao desenvolvimento, e devido às inusitadas e elucidativas conclusões que fomos obtendo ao comparar as histórias da espécie e do indivíduo, optamos pelo título de nosso trabalho "história hipotética da espécie humana" e não "mito filogenético".

Mas precisamos ainda dar outras justificativas para nossa opção. Como afirmamos anteriormente, Lévi-Strauss resgatou o "mito" freudiano de *Totem e tabu* para a antropologia. Este resgate foi necessário justamente porque *Totem e tabu* sofreu inúmeras críticas de antropólogos no que diz respeito a sua pretensão de verdade histórica. Ao retornarmos à concepção de história, e não de mito, precisamos, no mínimo, nos posicionar diante da interpretação de Lévi-Strauss, apontar o que a ela aderimos e o que dela recusamos.

Segundo Lévi-Strauss, se Freud, em *Totem e tabu*, tivesse levado suas premissas às últimas consequências, teria chegado à visão da estrutura fundamental do espírito humano, na qual se repete o drama da passagem da natureza para a cultura, drama que pertence a uma ordem que transcende o presente e a sucessão histórica.

*O malogro de Totem e tabu, longe de ser inerente ao propósito do autor, prende-se mais à hesitação que o impediu de se prevalecer até o fim das consequências implicadas nas suas premissas. Era preciso ter visto que fenômenos que se referem à estrutura mais fundamental do espírito não teriam podido aparecer de uma vez por todas. Repetem-se inteiramente no interior de cada consciência e a explicação de que dependem pertence a uma ordem que transcende ao mesmo tempo as sucessões históricas e as correlações do presente. A ontogênese não reproduz a filogênese, ou ao contrário. As duas hipóteses conduzem às mesmas contradições. Só se pode falar de explicação a partir do momento em que o passado da espécie torna a representar-se em cada instante no drama indefinidamente multiplicado de cada pensamento individual, porque sem dúvida ele próprio não é senão a projeção retrospectiva de uma passagem que se produziu porque se produz continuamente. (Lévi-Strauss, 1949, As estruturas elementares do parentesco, p. 531).*

Supor que o drama da passagem da natureza para a cultura ocorreu no passado, e não ocorre mais, é apenas uma forma de projetar na história da espécie o que ocorre em

cada consciência individual. Freud, em *Totem e tabu*, explicou o presente, e não o passado; a estrutura e não a história:

*Freud explica com êxito não o início da civilização mas seu presente. Tendo partido à procura da origem de uma proibição consegue explicar não porque o incesto é conscientemente condenado, mas como acontece que seja inconscientemente desejado (ibidem).*

Então, a importância de *Totem e tabu* foi a de que nesse texto Freud explicitou o desejo incestuoso, quer dizer, a dificuldade em submeter-se a regra fundamental que antecede todas as regras sociais, explicitou a oposição que existe em cada indivíduo contra o estado social. Assim, supor uma história para a origem desta regra fundamental, estrutural, foi um grande equívoco:

*Já foi dito e repetido o que torna Totem e tabu inadmissível, como interpretação da proibição do incesto e de suas origens, a saber, a gratuidade da hipótese da horda dos machos e do assassinio primitivo, círculo vicioso que faz nascer o estado social de atividades que o supõem (ibidem).*

Por que a horda de machos e o assassinio primitivo supõem o estado social? Porque implicam na solidariedade dos machos e na união dos mesmos para o assassinio. Não há origem, não há um estado pré-cultural. Há sim cultura e um desejo inconsciente que resiste a se submeter a ela. Assim, retirando a crença na realidade histórica, factual, *Totem e tabu* nos revela aquilo que é estrutural, um sonho de não ter de submeter às exigências culturais:

*Mas, como todos os mitos, o que é apresentado, com tão grande força dramática, por Totem e tabu admite duas interpretações. [uma é acreditar na gratuidade da hipótese, que ela teve realidade histórica, outra,] O desejo da mãe ou da irmã, o assassinio do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem, sem dúvida a qualquer fato, ou conjunto de fatos, que ocupam na história um lugar definido. Mas traduzem, talvez, em forma simbólica, um sonho ao mesmo tempo duradouro e antigo. O prestígio desse sonho, seu poder de modelar, sem que se saiba, os pensamentos dos homens provêm justamente do fato dos atos por ele evocados nunca terem sido cometidos, porque a cultura sempre em toda parte se opôs a isso. As satisfações simbólicas nas quais, segundo Freud, se expande o sentimento do incesto não constituem, portanto, a comemoração de um acontecimento. São outra coisa e, mais do que isso, são a expressão permanente do desejo de desordem, ou antes, de contraordem. As festas representam a vida social às avessas, não porque tenha sido tal outrora, mas porque nunca foi nem poderia jamais ser, de outro modo. Os caracteres do passado só tem valor explicativo na medida em que coincidem com os do futuro e do presente. (ibidem, p. 531/2).*

O sonho do incesto e do assassinato do pai, sonhos que expressam o desejo da contraordem, são sonhos em que se permite acreditar que é possível escapar da lei da troca, ganhar sem perder, gozar sem partilhar<sup>9</sup>.

Mas, se Freud apontou, como outros mitos, a existência do desejo da contraordem, diferente dos outros mitos que supõem um momento no qual se burla a troca, Freud mostrou que este desejo é reprimido e que a ordem cultural, social, se constitui a partir de sua repressão. Ele compreendeu, portanto, o essencial do que é cultural: a impossibilidade da realização deste desejo. Compreendeu, poderíamos dizer, o que há de angustiante no sistema de alianças, que exige que o encontro sexual se submeta às regras sociais<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> O sonho do incesto seria semelhante por exemplo ao mito Andaman no qual as mulheres não são mais trocadas. A mulher, diferente da palavra, ao tornar-se sinal, coisa que se troca, conserva seu valor. Ela é tanto objeto do desejo do outro, meio de ligar-se a ele, como objeto do próprio desejo; ela é objeto de troca (sinal), objeto de desejo e, além disso, produtora de sinais (ela é uma pessoa que faz parte do dueto do matrimônio, com seu valor particular), por isso, a riqueza afetiva dos matrimônios: "*O surgimento do pensamento simbólico devia exigir que as mulheres, tal como as palavras, fossem coisas que se trocam. Era, com efeito, neste novo caso, o único meio de superar a contradição que fazia perceber a mesma mulher por dois aspectos incompatíveis, de um lado, objeto de desejo próprio, por conseguinte, excitante dos instintos sexuais e da apropriação, e ao mesmo tempo sujeito, percebido como tal, do desejo de outro, isto é, meio de liga-lo aliando-se a ele. Mas a mulher não podia nunca tornar-se sinal e nada mais que isso, porque em um mundo de homens ela é de todo modo uma pessoa, e na medida em que é definida como sinal ficamos obrigados a reconhecer nela um produtor de sinais. No diálogo matrimonial dos homens, a mulher nunca é puramente aquilo de que se fala, porque se as mulheres, em geral, representam uma certa categoria de sinal, destinados a determinado tipo de comunicação, cada mulher conserva um valor particular, proveniente de seu talento, antes e depois do casamento, de desempenhar sua parte em um dueto. Ao contrário da palavra, que se tornou integralmente sinal, a mulher permaneceu, portanto, sendo ao mesmo tempo que sinal, valor. Explica-se, assim, que as relações entre os sexos tenham preservado esta riqueza afetiva, este fervor e mistério que sem dúvida impregnam na origem todo o universo das comunicações humanas*". (p. 536) Essa riqueza afetiva na qual brota o pensamento simbólico e a vida social é também responsável pelos nossos sonhos e mitos, nos quais as palavras e as mulheres não são coisas trocadas: "*Mas o clima ardente e patético no qual brotaram o pensamento simbólico e a vida social, que constitui a forma coletiva do primeiro, aquece ainda nossos sonhos com uma miragem. Até nossos dias a humanidade sonhou apreender e fixar este instante fugitivo em que foi permitido acreditar ser possível enganar a lei da troca, ganhar sem perder, gozar sem partilhar. Em todo o mundo, nas duas extremidades do tempo, o mito Sumério da idade do ouro e o mito Andaman da vida futura correspondem um ao outro. O primeiro colocando o fim da felicidade primitiva no momento em que a confusão das línguas tornou as palavras propriedades de todos, e o segundo descrevendo a beatitude do Além como um céu no qual as mulheres não serão mais trocadas, isto é, lançando num futuro ou num passado igualmente intangíveis a doçura, eternamente negada ao homem social, de um mundo no qual se poderia viver entre si*". (p. 536/7). Se o sonho e o mito se opõem à troca das mulheres, não é demais recordar que é essa troca que, possibilitada pelas regras de casamento, pela exogamia, garante as alianças sociais: "*(um vínculo estabelecido por presentes pode ser quebrado, mas não um vínculo humano). Dois grupos podem unir-se mediante relações amistosas e trocar presentes, embora disputam e combatam entre si mais tarde, mas o inter casamento liga-os de maneira permanente*". (p. 522). "*A proibição do incesto é menos uma regra que proíbe casar-se com a mãe, a irmã ou a filha do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã, a filha. É a regra do dom por excelência*". (p.522). A exogamia, a troca das mulheres, convém lembrar, é, em Lévi-Strauss, o que propicia maior coesão, solidariedade e articulação: "*A exogamia fornece o único meio de manter o grupo como grupo, de evitar o fracionamento e a divisão indefinidos que seriam o resultado da prática dos casamentos consanguíneos. ... O grupo biológico não pode mais estar só, e o vínculo de aliança com uma família diferente assegura o domínio do social sobre o biológico, do cultural sobre o natural. ... Dá-se, portanto, com as mulheres o mesmo que com a moeda de troca, cujo nome frequentemente elas recebem, e que, segundo a admirável expressão indígena, 'figura o jogo de uma agulha de coser os tetos, que estando uma vez fora e outra vez dentro, leva e traz sempre o mesmo cipó que fixa a palha'. ... a exogamia é um permanente esforço no sentido de maior coesão, solidariedade mais eficaz e articulação mais flexível*". (p. 520)

<sup>10</sup> Como afirma Lévi-Strauss: "*Para salvaguardar a perpetuidade social da aliança é preciso comprometer-se com as fatalidades da filiação, isto é, em suma, da infraestrutura biológica do homem. Mas o reconhecimento social do casamento (isto é, a transformação do encontro sexual com base na promiscuidade em contrato, em cerimônia ou em sacramento) é sempre uma aventura angustiante*". (p. 529) "*Todo casamento é pois um encontro dramático entre a natureza e a cultura, a aliança e o parentesco*". (p.



Freud, então, por um lado, reconheceu o drama que perpassa a ordem, o sistema de alianças, revelando não só o desejo inconsciente de contraordem, mas também uma instância interditora interna; no entanto, por outro lado, ao supor que os filhos efetivamente cometeram o parricídio, teria reeditado mais um mito no qual foi possível efetivamente transgredir as regras. Ao buscar a história da repressão primitiva, em vez de encontrar a estrutura, a teria negado. A história, no caso, teria ocultado a estrutura.

Parece ser esta então a crítica que Lévi-Strauss faz à psicanálise, como uma ciência histórica:

*Estas audácias relativamente à tese de Totem e tabu e as hesitações que as acompanham são reveladoras. Mostram uma ciência social como a psicanálise - porque é uma delas - ainda flutuante entre a tradição da sociologia histórica que procura, conforme Rivers, em um passado longínquo a razão de ser de uma situação atual, e uma atitude mais moderna e cientificamente mais sólida, que espera da análise do presente o conhecimento de seu futuro e de seu passado. É realmente esse, aliás, o ponto de vista do prático. Mas nunca é demais acentuar que, ao aprofundar a estrutura dos conflitos de que o doente é palco, para refazer a história dele e chegar assim à situação inicial em torno da qual todos os desenvolvimentos ulteriores se organizaram, o prático segue um caminho contrário ao da teoria, como é apresentada em Totem e tabu. Em um caso, remonta-se da experiência aos mitos, e dos mitos à estrutura. Em outro, inventa-se um mito para explicar os fatos. Em resumo, procede-se do mesmo modo que o doente, em lugar de interpretá-lo. (ibidem, p. 532/3).*

Portanto, para Lévi-Strauss, ter uma atitude científica mais sólida, mais moderna, que de fato interprete, significa ir das experiências aos mitos, e destes à estrutura. O que efetivamente Freud não faz em *Totem e tabu*, pois aí busca no passado longínquo a razão de ser de uma situação atual, inventa um mito para explicar os fatos. Procede assim, segundo Lévi-Strauss, não como um cientista com uma atitude sólida, mas como os doentes, que (juntos com os psicanalistas) inventam mitos, situações iniciais (traumáticas) que, em vez de revelar a organização dos eventos, sua lógica interna, sua estrutura, apenas explicam os fatos. O psicanalista no caso sofreria da mesma cegueira que o doente, que tenta atribuir a um evento a causa de seu sintoma, em vez de reconhecer a organização, a lógica interna dos sintomas, sua estrutura psíquica.

---

530) "Mas uma vez que é preciso ceder à natureza para que a espécie se perpetue, e com ela a aliança social, é preciso ao menos que a contradigamos, ao mesmo tempo em que cedemos, e que o gesto realizado em direção a ela seja sempre acompanhado de um gesto que a restringe". (p. 530).

Parece que Freud, segundo Lévi-Strauss, encontra mais a estrutura quando supõe uma repressão além da história do indivíduo - quando supõe uma angústia anterior ao superego ou inibições organicamente determinadas, anteriores às exigidas pela educação - do que quando constrói a história filogenética de *Totem e tabu*<sup>11</sup>.

Mas, se a história narrada em *Totem e tabu* serve mais para explicar eventos que revelar a estrutura do espírito humano, a importância atribuída à proibição do incesto, neste texto (e na própria história filogenética dos tempos glaciais), garante seu lugar na reflexão da antropologia cultural. A proibição do incesto, o outro lado da exogamia e das regras de casamento, é a marca da passagem do âmbito da natureza ao âmbito da cultura, passagem que deve ser compreendida logicamente e não historicamente, como afirma Lévi-Strauss:

*começamos a compreender que a distinção entre estado de natureza e estado de sociedade, na falta de significação histórica aceitável, apresenta um valor lógico que justifica plenamente sua utilização pela sociologia moderna, como instrumento de método.* (idem, p. 41).

Assim, podemos dizer que, de acordo com Lévi-Strauss, Freud constrói um mito que revela, mais que os outros mitos, o drama presente, em cada espírito humano, da passagem da natureza à cultura. Um mito que expressa o desejo inconsciente da contra ordem (do incesto e do parricídio) e as instâncias psíquicas interditoras, representantes da ordem: a culpa, o tabu, a submissão às instituições interditoras. A compreensão da história narrada por Freud como um mito, possibilita-nos alcançar, por meio dele, algo estrutural do espírito humano. Compreensão que, em *Totem e tabu*, Freud talvez não

---

<sup>11</sup> Assim afirma Lévi-Strauss: "Freud sugeria às vezes que alguns fenômenos básicos encontravam explicação na estrutura permanente do espírito humano, mais do que em sua história. Assim o estado de angústia resultaria da contradição entre as exigências da situação e os meios de que o indivíduo dispõe para enfrenta-la, num caso particular, pela impotência do recém-nascido diante do afluxo das excitações exteriores. A ansiedade apareceria portanto antes do aparecimento do superego. ... (Inibição, sintoma e angústia). Com efeito, a susceptibilidade do superego não guarda de modo algum relação com o grau de severidade que sofreu. A inibição daria prova, assim, de uma origem interna e não externa. ... Nas crianças jovens o 'sentimento de pecado' parece mais exato e melhor formado do que deveria resultar da história individual de cada caso. A coisa se explicaria se, conforme Freud supôs, as inibições entendidas em sentido mais amplo (repugnância, vergonha, exigências morais e estéticas), pudessem ser 'organicamente determinadas e ocasionalmente produzidas, sem o concurso da educação'. Haveria duas formas de sublimação, uma derivada da educação e puramente cultural, outra, 'forma inferior', atuando segundo uma relação autônoma, e cujo aparecimento se colocaria no início do período de latência" (p 532).

tenha alcançado, já que ele aparentemente supôs o parricídio como uma verdade histórica, mas de que muito se aproximou.

Buscamos nesse trabalho, na nossa análise da história filogenética, também, algo além da história, algo que diga respeito aos elementos estruturantes, organizadores do psiquismo humano. Como dissemos, a história filogenética que analisaremos neste trabalho nos conduz a uma maior compreensão das disposições humanas. Não estudamos a história filogenética com o intuito de reconstruir um passado que explique os fatos, nem acreditamos que este tenha sido o objetivo de Freud, uma vez não há nenhuma preocupação de buscar fatos no passado que corroborem com suas hipóteses (mesmo os tempos glaciais aparecem mais como a constituição de um cenário para o surgimento de uma disposição, que uma realidade baseada em dados que a comprovem). É a partir do que é atual, na neurose, que Freud constrói sua história, e é a partir da história que buscaremos circunscrever o que é atual, nos seres humanos em geral. Mas então porque insistimos em chamar de história o que Lévi-Strauss tão acertadamente chamou de mito?

Em primeiro lugar, porque o próprio Freud se preocupou, a nosso ver por uma necessidade teórica e não por miopia, em estabelecer a realidade do parricídio. Mesmo chamando-o por vezes de seu "mito científico" (por exemplo, em *Psicologia das massas e análise do eu*) Freud termina *Totem e tabu*, citando Goethe: "no princípio foi o ato"<sup>12</sup>. A realidade histórica do parricídio parece ser uma necessidade teórica, de Freud, e Enriquez nos auxilia a compreender essa necessidade.

Segundo Enriquez, é importante manter a ideia de que o parricídio, o crime realizado pelos irmãos, marca a passagem da natureza para a cultura (portanto, não a proibição do incesto, mas o crime):

*Passamos então do tempo primordial (o grande tempo regido pela repetição infinita dos mesmos atos e pensamentos), da horda, conduzida por um tirano onipotente, caracterizado pela recusa do amor e pelo manejo da força, ao tempo da história tornada possível por esta primeira infração da ordem, que foi a decisão unânime do crime. Passamos do mundo das relações de força a um mundo de*

---

<sup>12</sup> Im Anfang war die Tat (Freud. Totem und Tabu. 1913-1, Stududienausgabe, Band IX, p.444) (Cia letras, p. 244)

*relações de alianças e de solidariedade (mesmo que estas permanecem frágeis), de um estado de natureza a um Estado de direito, onde a lei é encarnada por aquele que representava em vida o arbítrio total. (Enriquez, 1983, Da Horda ao Estado, p. 34).*

A princípio, a narração do parricídio, mais que a narração de uma história fundamentada, parece ser uma narração mítica, um mito de origem, o big bang da civilização, como o denomina Enriquez:

*“Certo dia, os irmãos, que tinham sido expulsos, retornam juntos”. Tudo começa como num conto de fadas, ou como o relato de um mito originário. Freud nos faz assim pressentir tanto o caráter hipotético (ou romanesco) do que ele enuncia, como seu aspecto de pura origem, de aurora da humanidade. É o big bang da civilização. (idem, p. 30).*

Essa origem, no entanto, é um ato, não um ato sonhado, mas efetivamente realizado, um ato que depois será reprimido, mas que sempre voltará para assombrar. É necessário que o ato tenha sido concluído, para que não se possa voltar atrás. É um ato além da história, pois só a partir dele que a história se desenrola.

*"Certo dia": existe sempre um ato original, um ato fundador (é a necessidade de um ato real, e não simplesmente sonhado, que conduzirá Freud, após ter abandonado a teoria da sedução, pelo menos em sua primeira versão, a pensar que é necessário colocar um acontecimento na origem de todas as coisas). Ele até evocará o evento sobre o qual se funda a realidade. Para que se constitua em um movimento irreversível, é necessário que tenha sido concluído um ato ("no início era o ato" diz o Fausto de Goethe, frase que Freud toma emprestada) que não permite a ninguém voltar atrás e que, mesmo reprimido e censurado, voltará sempre a assombrar as consciências, se inseminar nos sonhos, se revelar nos sintomas neuróticos ou nos atos falhos da vida cotidiana. Toda ação é uma armadilha. Ela não pode ser compreendida sem referência a uma origem a partir da qual o tempo pode ser contado (e narrado) e a história se suceder. (ibidem, p. 30).*

Se, segundo Enriquez, Lévi-Strauss enunciou *"uma ideia eminentemente justa: que o que temos chamado de sonho do assassinato está sempre presente, de forma lancinante e, mesmo não se traduzindo em um ato real, se traduz através da culpa"*(p. 44), é necessário retificá-lo:

*Somos levados a retificar o pensamento de Lévi-Strauss no seguinte sentido: para que a culpa nasça, o sonho de assassinato pode ser suficiente ... Mas não existe sonho que não se ligue a um ato. ... o assassinato não é, unicamente, uma importante fantasia, mas um acontecimento localizável que adquire sentido: assassinato do pai mas, também assassinato dos pais. ... Ao assinalar um ato como*

*originário, ele [Freud] assinala ainda que tal ato (como todo ato originário) inicia uma cadeia. A leitura de Freud convida-nos a refletir sobre o assassinato do pai e a rivalidade entre os irmãos como um elemento constitutivo da cultura. (idem, p. 44/5).*

Assim, ao descaracterizar o ato como real, Lévi-Strauss exclui parte da cultura, a compreende apenas como o mundo das alianças e considera o que está fora das alianças apenas um desejo de não se submeter a elas. Enriquez nos mostra que tão constitutivo da cultura quanto as alianças é o crime contra elas, é a reedição posterior permanente do crime contra o pai e contra os irmãos. A cultura em vez de ser apenas a afirmação das alianças é o combate constante entre a atualização dos desejos (do incesto, do parricídio e do fratricídio) e sua interdição.

*Na verdade não vemos emergir na sociedade desejos de contraordem, ao contrário, a civilização é a manifestação (contínua e violenta) de partidários de diferentes ordens. Justamente a diferença entre o homem e o animal é que o jogo vivido pelos seres humanos é formalmente apresentado como jogo aberto onde a luta é sempre possível e o vencedor não é de antemão conhecido. Contrariamente ao que escreve Lévi-Strauss sobre "os atos por ele [Freud] evocados nunca terem sido cometidos, porque a cultura sempre e em toda parte se opôs a isso", nós pensamos, fiéis a Freud, que a ordem cultural manifesta-se pelo combate, o jogo aberto, assim como pela repressão dessas tendências; tanto pela atualização do incesto como por sua interdição; pela busca da onipotência e do domínio da linguagem, como pelo estabelecimento de regras de reciprocidade.*

*Lévi-Strauss, ao tornar o assassinato do chefe um simples sonho, apaga a efetiva luta pelo poder, o combate pela conquista da palavra. Ele os transforma em pura fantasia. (ibidem, p. 45)*

Concordamos com Enriquez que, ao considerar o parricídio um mito, uma fantasia, se elimina a compreensão de que a cultura é a expressão de uma luta, na qual ambas as forças se manifestam. Ao considerar o crime original uma fantasia, pode-se afastar sua participação na cultura. A cultura, no entanto, é a permanente tensão entre a tentação, muitas vezes realizada, que se opõe ao social, e sua proibição.

*O primeiro drama da humanidade, e o único permanente, é o da tensão entre tentação e a proibição do incesto; os homens desejarão sempre transgredir a interdição (consentindo assim na expressão do desejo) mesmo sabendo que, se eles permitirem a transgressão e se mantiverem nesse estado, deverão assumir as consequências desse ato: a destruição do social e do indivíduo. (idem, p. 36)*

Referimo-nos à "história filogenética" e não ao "mito filogenético", então, em segundo lugar, por esse motivo: considerar o ato do parricídio real e não simplesmente sonhado garante que a cultura seja compreendida não apenas como um sistema de alianças, mas como uma constante tensão, uma luta entre as forças que visam alianças e as que visam sua destruição. Desde o início o crime, ato fundador da cultura, se dirige contra o socius, expressa uma oposição, uma tensão.

Se, com Lévi-Strauss, a história do parricídio e de sua consequência, a proibição do incesto, ganharam estatuto de um mito capaz de revelar a estrutura do espírito humano, afastando assim a crítica de que a hipótese do parricídio não corresponde efetivamente à realidade, com Enriquez resgatamos a importância da concepção histórica, de que algo, mais ou menos próximo ao parricídio, ocorrera. Resgatamos essa realidade não para explicar os fatos por meio de uma origem remota passada, mas para concebê-la como expressão de tensões, de forças que se opõem, que tiveram um começo e que lutam, no presente, por se reatualizar. Supondo uma história, mais que supondo um mito, conseguimos compreender o presente como um combate de forças que visam se atualizar. Construir a história, portanto, não será buscar elementos que provem que no passado os homens tiveram tal desenvolvimento (buscar ossadas, objetos que revelem os hábitos dos primitivos), mas revelar como emergiram as tensões, as forças em combate, a fim de compreender a permanente luta do espírito humano.

O mito considerado um depósito dos movimentos libidinais, oculta as oposições, como diz Monzani: "*Mas, exatamente porque tem a função de depósito, em certo sentido, a formação oculta a diferença ou a separação interior, isto é, a história do próprio psiquismo e de seu acesso à cultura. Em outros termos, fracassa em introduzir a gênese em seus próprios conteúdos.*" (Monzani, 2011, p. 248). Recuperar a história, portanto, é poder diferenciar os conteúdos internos, os conteúdos em combate, do próprio psiquismo. Aqui a história revela aquilo que o mito oculta. Se o mito oculta, portanto, a estrutura encontrada por meio dele, como quer Lévi-Strauss, é uma estrutura que contém elementos ocultos, ela é estática, em vez de dinâmica, ela não revela a tensão de forças que visam se atualizar, mas simplesmente depósitos.

Apesar de Enriquez mostrar a importância de considerar que o ato foi efetivamente realizado, e, portanto, de certa forma afastá-lo da suposição de que é um mito; no que diz respeito ao pai primitivo é mantida a categoria de mítico: "*o pai não existe a não ser como ser mítico. ... O pai é sempre um pai morto, e o pai morto é sempre um pai mítico.*" (Enriquez, op. cit., p. 31). Isso porque "*é seu assassinato que transforma o chefe da horda em pai*" (ibidem).

O que seria essa característica mítica do pai? Algo que diz respeito à função paterna, é em nome dele que os irmãos se submetem à repressão: "*Sem referência paterna, nenhuma cultura é concebível. O acesso à cultura passa por esta referência*" (ibidem, p. 31/2). A questão colocada, a nosso ver, é que não há civilização, cultura, sem submissão, sem culpa, e é este pai morto, simbólico, mítico, que exige a submissão às proibições e a culpa para com ele que estabelece a submissão. Por que ele é mítico? porque antes do parricídio ele era o odiado chefe da horda, e depois ele torna-se admirado e a quem se deve submissão. Mas por que essa história deveria ser chamada de mito? Não encobriria também os elementos psíquicos que envolvem a submissão? Acreditamos que a história filogenética do *XII ensaio metapsicológico* nos leva a esta suposição. Ver o pai com super poderes, como um ser mítico, perante o qual os filhos se submeteram, depois do parricídio, visou talvez também encobrir a história em relação a este pai (odiado e assassinado). Considerar que o pai tem uma função mítica, simbólica, de impor a lei e exigir a submissão, é também, a nosso ver, uma forma de ocultar os elementos presentes nessa submissão, por exemplo, o ódio contra si, o prazer masoquista, o ódio contra as diferenças. Veremos estes elementos, estas forças, na análise da história filogenética.

Mas há ainda um elemento na apresentação de Enriquez que nos parece concebido como mítico, na medida em que oculta os elementos que o compõem. Apesar de apontar a origem dos vínculos sociais, do socius, entre os irmãos: o ódio comum ao pai, Enriquez parece diminuir a importância desta origem, atribuindo ao socius, que surge depois do parricídio, uma característica que a nós parece nele inexistente: "*a alteridade e o reconhecimento mútuo*". Assim, segundo Enriquez, Freud supôs o primeiro projeto "*que pode unir seres diferentes*":

*Ele [Freud] propõe que o primeiro projeto, aquele que permite justamente a tomada de contato e o estabelecimento de relações comunitárias, só pode ser uma conspiração contra um outro, contra um poder vivenciado como maléfico. Então, tanto a alteridade quanto o reconhecimento mútuo procedem de um movimento contrário e são inauguralmente um efeito do ódio partilhado. A primeira vez em que os seres sabem o que querem é quando podem dizer o que rejeitam. Não é o termo originário de todo grupo (e de todo indivíduo). (idem, p. 32).*

Concordamos com Enriquez que o *Não* é originário dos vínculos sociais, que o projeto comum fundamenta-se em um ódio partilhado. O que nos parece exagerado e distante das concepções freudianas é a suposição deste sentimento comunitário, que possibilita a convivência com o diferente, com a alteridade, com um mútuo reconhecimento. Parece-nos que este sentimento acaba sendo a contrapartida do papel mítico do pai. A nosso ver, os sentimentos comunitários, para Freud, visam à aniquilação das diferenças, da alteridade. Os irmãos odeiam as diferenças, assim como odiavam o pai. Eles só convivem com a diferença porque depois do parricídio, recuperaram os impulsos paternos que pressionam a afirmação das diferenças. Veremos isso no decorrer dos capítulos, mas aqui gostaríamos de assinalar que, também em Enriquez, parece existir uma certa mitificação dos sentimentos comunitários. Assim, depois do parricídio, os filhos devoram o pai realizando o sentimento coletivo: *"A refeição instaura a comunidade feliz, funda um grupo onde a alteridade é reconhecida, a potência sexual repartida e onde a linguagem fortifica o vínculo erótico."* Se a história terminasse assim *"só conheceríamos pequenos grupos coesos que viveriam sob a égide de um poder fraternal."* (ibidem, p. 33). A história não termina assim e em seguida surge a culpa, como Enriquez bem mostra. O que queremos apontar, no entanto, neste momento da história, anterior ao surgimento da culpa, é que Enriquez despreza nele a própria história por ele narrada, atribuindo aos vínculos sociais uma superioridade que Freud não atribui, e cuja origem, no ódio comum, é sua prova. Aqui, acreditamos, a mitificação serve não como um caminho para alcançar a estrutura, mas para negar as forças em combate que garantem os vínculos sociais.

Portanto, ao optarmos pelo uso do vocábulo "história" em vez de "mito", buscamos, por meio dele, encontrar os começos dos elementos, das tensões, dos combates presentes no espírito humano, pretendemos desocultar as oposições ocultas na



concepção do socius como pura expressão das alianças e do reconhecimento da alteridade.

Voltemos então à concepção de história consagrada por Darwin, para compreendermos o uso da história feito por Freud. A genealogia realizada por Freud pode ser comparada com o método de Darwin que, como afirma Mayr (2005), constrói cenários hipotéticos, narrativas históricas, nos quais comportamentos, hábitos, instintos, reações, tiveram papéis adaptativos<sup>13</sup>. Por exemplo, Darwin se propõe a investigar as origens da consciência moral, do dever, da característica mais elevada dos seres humanos, nos outros animais. Encontra, então, o prazer de certos animais em prestar serviços aos outros, o prazer na sociedade:

*Convido inteiramente a opinião dos autores que admitem que de todas as diferenças existentes entre o homem e os animais mais inferiores o senso moral ou a consciência é, por muitos motivos, a mais importante. ...*<sup>14</sup>. *A pesquisa em si oferece algum interesse, como tentativa de natureza a permitir ver até onde o estudo dos animais inferiores pode lançar alguma luz sobre uma das mais altas faculdades psíquicas do homem. ... De fato, primeiramente, os instintos sociais impelem o animal a encontrar prazer na sociedade de seus camaradas, a sentir uma certa simpatia por eles e lhes prestar diversos serviços.* (Darwin, 1871, A descendência do homem e a seleção sexual, p. 65/6).

Darwin então supõe cenários nos quais estes instintos sociais, altruístas, teriam tido alguma utilidade e por isso teriam sido preservados. Apesar da semelhança com o projeto darwiniano, a busca pela origem, em Freud, implica em compreender as diversas transformações e inversões que sofreram os impulsos no curso do tempo. Assim, Freud, por exemplo, não busca apenas um cenário no qual o impulso gregário, altruísta (em Freud, os sentimentos homossexuais, o amor pelos iguais) teria sido útil, mas

---

<sup>13</sup> "a biologia evolucionista desenvolveu sua própria metodologia, a das *narrativas históricas* (cenários hipotéticos)" (p. 40). "A biologia evolucionista tenta encontrar a resposta à questão do tipo 'por quê?'. Experimentos são em geral inapropriados para obter respostas a questões evolucionistas. ... Com experimentos indisponíveis para a pesquisa em biologia histórica, um notável e novo método heurístico foi introduzido: o de *narrativas históricas*. Tal como na formulação de teorias científicas começa com uma conjuntura e testa exaustivamente sua validade, assim também na biologia evolucionista o cientista constrói uma narrativa histórica, que tem então seu valor explicativo testado." (p. 48). MAYR, Ernst. *Biologia, Ciência Única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>14</sup> Assim continua: "*Este senso, como Mackintosh faz notar 'tem uma justa supremacia sobre qualquer outro princípio de ação humana.' Ele se resume nesta palavra curta mais imperiosa 'dever', cuja significação é tão elevada. É o mais nobre atributo do homem, que o impele a seus semelhantes; ou após deliberação, a sacrificá-la a alguma grande causa, sob o único impulso de um profundo sentimento de direito ou de dever. Kant exclama: 'Dever. Pensamento maravilhoso que não age nem por insinuações, nem lisonja, nem ameaças, mas simplesmente sustentando na alma a tua lei nua, arrancando assim o respeito por ti, senão a própria obediência; diante da qual todos os apetites emudecem, por mais rebeldes que sejam, secretamente; de onde tiras a tua origem?'*" (p. 65/6). DARWIN, Charles. *A descendência do homem e a seleção sexual*. R.J. Editora Marisa, 1933.

compreende sua origem como resposta a uma necessidade interna, anterior a sua utilidade adaptativa<sup>15</sup>. No caso, o impulso altruísta é compreendido como uma transformação do ódio (pelo pai primitivo) que não pode ser satisfeito. Neste sentido, a genealogia de Freud assemelha-se mais à genealogia realizada por Nietzsche que a realizada por Darwin. Não se trata de supor um cenário no qual a disposição tenha tido um valor adaptativo, mas de compreender as necessidades internas que levaram a modificações, separações, fusões dos impulsos e de seus distintos valores.

Tomemos alguns elementos do texto de Foucault, *Nietzsche, a genealogia e a história*, para diferenciar a história realizada pelos ingleses da efetiva história de Nietzsche, e apontar algumas características dessa história.

Como mostra Foucault, diferente da história dos ingleses, a genealogia ou a efetiva história de Nietzsche não é a história da evolução, mas das invasões, das lutas rapinas, disfarces, astúcias.

*Paul Rée se engana, como os ingleses, ao descrever gêneses lineares, ao ordenar, por exemplo, toda a história da moral através da preocupação com o útil: como se as palavras tivessem guardado seu sentido, os desejos sua direção, as ideias sua lógica; como se esse mundo das coisas ditas e queridas não tivesse conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias. Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história - os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram.* (Foucault. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 15)

A história construída por Freud logo se afasta de uma história evolutiva e torna-se uma história dos conflitos, uma história das forças que emergem, se enfraquecem, se fortalecem, se transformam, se opõem e se compõem.

A história que precisa ser reconhecida são, nas palavras de Foucault, abalos, surpresas, vitórias vacilantes, derrotas mal digeridas: "*É preciso saber reconhecer os*

---

<sup>15</sup> Supor uma necessidade interna, uma vontade, além da seleção natural, parece-nos ser a razão da defesa que Freud faz de Lamarck, de certa forma, contra Darwin.

*acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades."* (ibidem).

A busca pelas disposições não consiste em uma busca por essências, mas visa encontrar tendências construídas peça por peça, a partir de figuras que lhe eram estranhas. Como esclarece Foucault.

*Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há "algo inteiramente diferente": não o seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas não têm essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.* (idem, p. 17/8).

Por que não mito de origem? Por que não se trata de uma origem solene, mas de situações de discórdia:

*O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem - é a discórdia entre as coisas, é o disparate.*

*A história ensina também a rir das solenidades da origem. A alta origem é o 'exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais preciosos e mais essencial'* (idem, p.18).

A alma humana, que encontramos no indivíduo civilizado, muito diferente de uma unidade, é uma multiplicidade com inúmeros começos e em constante conflito.

*Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o Eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca do começo - dos começos inumeráveis que deixam esta suspeita de cor, esta marca quase apagada que não saberia enganar um olho, por pouco histórico que seja; a análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos.* (idem, p.20).

A busca de Freud pelo surgimento das disposições, na história filogenética, parece-nos a busca, não propriamente pela origem, mas por estes começos inumeráveis, por estes mil acontecimentos aparentemente perdidos. "*É descobrir que na raiz daquilo que conhecemos e daquilo que nós somos - não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente.*" (idem, p. 21). Trata-se então de descobrir começos acidentais das disposições que compõem e se opõem em nosso eu.

Como afirma Foucault, para Nietzsche, e acreditamos também para Freud, não se trata da busca da origem (Ursprung) mas da proveniência (Herkunft)<sup>16</sup>, que em vez de fundar fragmenta, mostra a heterogeneidade daquilo que parecia unitário: "*A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo.*" (idem, p. 21).

O começo é o ponto de emergência, o surgimento em um determinado sistema casual de dominação e submissão. "*A genealogia busca as emergências (Entstehung), o ponto de surgimento. A genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações.*" (idem, p. 23). A emergência surge em um determinado estado de forças que se combatem, se fortalecem, se enfraquecem, se revigoram:

*A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças. A análise da Entstehung deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam umas contra as outras, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem - se dividindo - para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu enfraquecimento.* (idem, p. 21).

Seu surgimento é uma interrupção: "*A emergência é portanto a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude*". (idem, p.24). É portanto esta interrupção, este estado de forças, este sistema de dominação que deve ser buscado pela genealogia. Este saber histórico fragmenta, identifica a força e a fraqueza, o retorno do instinto contra si mesmo:

*Mas o saber histórico não tem dificuldade em coloca-los [os instintos] em pedaços - em mostrar seus avatares, demarcar seus momentos de força e de fraqueza, identificar reinos alternantes, apreender sua lenta elaboração e os movimentos pelos quais, se voltando contra eles mesmos, podem obstinar-se em sua própria destruição.* (idem, p. 27)

---

<sup>16</sup> A diferença das palavras em alemão serve para acompanharmos o raciocínio de Foucault, pois Nietzsche nem sempre a faz, e não é feita por Freud, que usa bastante *Ur*.

É, a nosso ver, a partir de uma concepção próxima da de Nietzsche que Freud constrói sua história filogenética, e aqui o sentido histórico, genealógico, ganha todo seu sentido. Trata-se de buscar a heterogeneidade que se oculta por trás da unidade, trata de mostrar as forças e as fraquezas que se encontram em luta, é a história que ensina a lidar com as solenidades, mesmo aquelas que caracterizam a passagem da natureza para a cultura, aquelas que apontam a superioridade da solidariedade, como forma de reconhecimento da alteridade. Por isso se justifica uma história ainda anterior à narrada em *Totem e tabu*, anterior ao parricídio, ao ato fundador. Esse ato já é expressão do vigor de certas forças em oposição a outras, e o que se segue dele, com a instauração da organização social, é uma formação, ainda, muito mais heterogênea e complexa. É esta, portanto, a história que vamos seguir nos próximos capítulos (do segundo ao sétimo capítulo).

Nosso texto se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos o texto *Visão geral das neuroses de transferência*: sua contextualização, sua organização, a síntese feita das neuroses de transferência, os textos a que Freud se refere neste ensaio e a introdução da história filogenética. No segundo, terceiro e quarto capítulos analisamos a primeira parte da história filogenética: as fases nas quais foram constituídas, emergiram, as disposições para as neuroses de transferência, a saber, a angústia que é expressão do impulso sexual destituído da função biológica (angústia de anseio - *Sehnsuchtangst* -, disposição para a histeria de angústia); o impulso sexual que se satisfaz nas recordações, na fantasia (disposição para a histeria de conversão); e a inteligência, a linguagem, o domínio sobre o mundo e o domínio sobre os outros, que possibilitam a constituição dos primeiros agrupamentos humanos, das hordas primitivas (disposição para a neurose obsessiva). Essa primeira parte corresponde à psicologia do pai primitivo, psicologia que, posteriormente, em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud chama de psicologia do indivíduo e relaciona com o além do homem nietzschiano. Esta indicação de Freud nos autoriza a interpretar o pai primitivo não como um símio macho forte, que vive com várias fêmeas e expulsa os outros machos do grupo (suposto por Darwin, nas primeiras hordas humanas, e citado por Freud em *Totem e tabu*), mas como os primeiros conquistadores, organizadores do Estado, o tipo forte, aristocrático, inventor da

linguagem, artista e livre, supostos por Nietzsche em *Genealogia da moral*<sup>17</sup>. Assim concebemos a disposição para a neurose obsessiva (a capacidade de sublimação e o prazer sexual do domínio) como a transformação do impulso sexual em vontade de poder.

Nos três últimos capítulos são analisadas as disposições para as neuroses narcisistas (psicoses). Elas derivam da psicologia dos filhos, ideia inédita que será posteriormente resgatada em *Psicologia das massas e análise do eu*, e que, ainda seguindo a indicação da relação entre o pai primitivo e a filosofia nietzschiana, consideramos a constituição, a emergência, da psicologia dos ressentidos, dos fracos que, em Freud, é um dos pilares da organização social. As disposições para as neuroses narcisistas baseiam-se na constituição de uma posição passiva, de uma posição de objeto do próprio eu e são elas: o desejo da castração (disposição da demência precoce), o amor homossexual (disposição da paranoia) e o retorno da agressividade contra si (disposição da mania-melancolia).

No quinto capítulo analisamos a vivência de castração na filogênese, interpretando-a como a marca da ação do pai primitivo, violento, nos filhos. A disposição é a sexualização dessa intrusão do objeto externo no sujeito, a sexualização da dor e da submissão. No sexto capítulo, analisamos a disposição para a paranoia: o amor homossexual (o amor pelos irmãos, o amor pelos iguais) baseado no ódio comum. Por fim, no sétimo capítulo são analisadas as disposições para a mania/melancolia, concluindo as disposições necessárias para a manutenção da organização social. A mania corresponde à identificação com o pai, portanto, a um resgate da psicologia do indivíduo, e a melancolia ao retorno da agressividade contra si mesmo, à introjeção da crueldade.

Na conclusão, faremos um resumo enfatizando a semelhança entre a divisão proposta na história filogenética (primeira e segunda parte, relativa às neuroses e às psicoses) e as teorias da vivência de satisfação e de dor apresentadas por Freud em sua primeira teoria metapsicológica, no *Projeto de uma psicologia*. Mostraremos o que de

---

<sup>17</sup> Como Freud diz que o além do homem não está no futuro mas no passado, supomos que Freud tem em mente, nesta referência a Nietzsche, o que em Nietzsche estava também na origem da cultura.

novo traz essa história filogenética, esclarecendo vários pontos obscuros da teoria freudiana, várias reformulações necessárias a partir da recuperação da teoria da vivência de dor (em *Totem e tabu* e em *Introdução ao narcisismo*), e o que antecipa do que está por vir na obra freudiana, por exemplo, a psicologia das massas e o masoquismo primário contemplado pelo impulso de morte.

Neste sentido, do movimento da obra freudiana, gostaria de registrar nossa concordância com a leitura de Enriquez. Segundo ele, com *Totem e tabu* começa uma nova reflexão de Freud:

*Assim como a exploração dos sonhos é a via real para o conhecimento do inconsciente, a compreensão dos fenômenos tabus e totêmicos constitui a via real para a exploração do vínculo social.*

*Totem e tabu traçou uma nova via (contudo Freud não abandonará totalmente a antiga), a da especulação filosófica, da reflexão sobre o social e a cultura, e sobretudo da exploração do que resiste à análise, daquilo que impede radicalmente a felicidade da humanidade: a presença persistente do desejo de assassinar. (Enriquez, op. cit., p. 28/29)*

De fato, com *Totem e tabu* inicia-se outro tipo de reflexão, voltada a compreensão dos laços sociais, enquanto que as reflexões anteriores se voltavam para o inconsciente do indivíduo. De certa forma esta divisão será reproduzida na história filogenética, correspondendo a primeira parte, dos tempos glaciais, ao desenvolvimento dos impulsos, da psicologia do indivíduo, e a segunda parte, dos tempos da horda primitiva, ao estabelecimento dos vínculos sociais, determinados pela psicologia dos filhos, que culmina no estabelecimento da organização social e da cultura. Na medida em que relacionamos essa segunda parte da história, dos tempos da horda, com a teoria do objeto hostil do *Projeto*, podemos dizer que essa nova reflexão que se inicia com *Totem e tabu*, recupera alguns elementos da teoria da vivência de dor, abandonada por Freud quando do abandono da teoria de sedução. Recuperação que exigirá nova reflexão sobre o próprio eu e que será complementada com o conceito de narcisismo, no qual o eu é tomado como objeto. Segundo Enriquez:

*Não é por acaso, então, que depois de Totem e tabu Freud se inclina ao estudo do narcisismo, onde o 'ego' se transforma em um 'objeto', uma imagem, um vestígio de*

*identificações passadas, e sua obra se orienta em direção à psicologia das massas e da pulsão de morte. (idem, p.29)*

É, portanto, no espaço dessa nova reflexão sobre os vínculos sociais, sobre o narcisismo, no qual o eu é o objeto, que a segunda parte da história filogenética, dos tempos da horda, irá se encaixar, elucidando questões e elaborando novas soluções (por exemplo, do desejo da castração). Por contraste, a primeira parte da história filogenética, dos tempos glaciais, propõe uma interessante articulação, ou melhor separação, entre os impulsos sexuais e o narcisismo, no qual o eu é tomado como objeto (ou entre impulsos sexuais e vínculos sociais). É, portanto, neste pano de fundo que iremos nos mover, resgatando o que há de heterogêneo, de forças contrastantes tanto no impulso sexual como no narcisismo de objeto (narcisismo no qual o eu é tomado como objeto).







## Capítulo I

### XII ensaio metapsicológico e a história filogenética hipotética

O manuscrito *Visão geral das neuroses de transferência* foi encontrado em 1983 por Ilse Grubrich-Simits quando organizava a publicação da correspondência entre Freud e Ferenczi. No verso da última folha do manuscrito encontrava-se uma carta de Freud dirigida a Ferenczi, escrita em 28.7.1915, na qual é esclarecida a natureza do manuscrito: "*Envio ao senhor, aqui, o projeto do XII*".<sup>18</sup>

Segundo Ilse Gubrich-Simits, a carta possibilita, com segurança, identificar este texto como o rascunho do que seria o último ensaio de uma série sintética de escritos metapsicológicos elaborada por Freud em 1915. O objetivo da série foi formulado por Freud no quarto ensaio: "*A intenção desta série é o esclarecimento e o aprofundamento das suposições teóricas que se poderia tomar por base do sistema psicanalítico*" (Freud, 1915-5, Complemento metapsicológico à teoria dos Sonhos)<sup>19</sup>.

Assim, portanto, o texto (e também a história filogenética) deve ser lido como uma suposição teórica básica do sistema psicanalítico e não como um texto de menor importância ou como uma fantasia de Freud destituída de valor teórico.

É certo, no entanto, que o arcabouço teórico de Freud, sua metapsicologia, deve ser entendido apenas como um instrumento adequado para a compreensão do empírico, como "construções heurísticas" que servem para a compreensão das expressões psíquicas e não como construções "substancialistas" (cf. IRION, 1992. p. 162/3). Construções heurísticas que devem ser modificadas, aperfeiçoadas, abandonadas, se necessário, à medida que são utilizadas na compreensão do observado. Por outro lado, no entanto, sem se submeter a estas construções, os fenômenos empíricos não são compreendidos

---

<sup>18</sup> Ich schicke Ihnen hier der Entwurf der XII. (Sigmund Freud/Sándor Ferenczi. Briefwechsel. Band II/1 1914 bis 1916. Wien.Köln.Weimar: Böhlau Verlag, 1996).

<sup>19</sup> Absicht dieser Reihe ist die Klärung und Vertiefung der theoretischen Annahmen, die man einem psychoanalytischen System zugrunde legen könnte. (Freud, Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre, 1915-5 [p. 1917], Studienausgaben, Band III. p 179.)

(agrupados, ordenados, relacionados). Portanto, a metapsicologia deve ser entendida como convencional, mas absolutamente necessária para a compreensão do empírico. Assim Freud escreve na introdução do primeiro ensaio metapsicológico, *Os impulsos e seus destinos*:

*O início correto da atividade científica consiste na descrição de fenômenos, que mais adiante são agrupados, ordenados e inscritos de forma concatenada. Já na descrição não se pode evitar que se apliquem ao material certas ideias abstratas, que são trazidas de qualquer parte, certamente não apenas da nova experiência. Ainda mais indispensáveis são essas ideias – os posteriores conceitos fundamentais da ciência – na elaboração mais adiante da matéria. Elas precisam primeiramente trazer em si uma certa medida de indeterminação; não pode haver discurso de um claro desenho de seu conteúdo. Enquanto elas se encontram neste estado, se entende sobre seu significado pela indicação repetida do material da experiência, do qual elas parecem extraídas, mas que na verdade a elas está sujeito. Elas tomaram, portanto, rigorosamente o caráter de convenções, em que porém tudo o que importa é que não sejam escolhidas arbitrariamente, mas sim determinadas por relações significativas do material empírico - que se presume adivinhar, ainda que antes de que se possa reconhecer e demonstrar. Só depois de pesquisas mais fundamentais do campo dos fenômenos em questão pode-se também apreender mais apuradamente seus conceitos básicos e assim eles progressivamente mudam, tornam-se utilizáveis em grande alcance e, junto a isso, completamente livres de contradição. Então, pode ser também o tempo de captura-los em definições. O progresso do conhecimento não tolera também rigidez das definições.* (Freud, 1915-2, Os impulsos e seus destinos)<sup>20</sup>.

A metapsicologia, indeterminada, trazida não só da experiência mas também de quaisquer outros lugares (da antropologia, da biologia evolucionista, da neurologia, da física ou de qualquer outro lugar), é fundamental no raciocínio freudiano, na descrição e na compreensão do psiquismo. Mas, uma vez descrito e compreendido o psíquico, de acordo com Freud, esta metapsicologia pode ser abandonada, trocada, modificada.

---

<sup>20</sup> Der richtige Anfang der wissenschaftlichen Tätigkeit besteht vielmehr in der Beschreibung von Erscheinungen, die dann weiterhin gruppiert, angeordnet und in Zusammenhänge eingetragen werden. Schon bei der Beschreibung kann man es nicht vermeiden, gewisse abstrakte Ideen auf das Material anzuwenden, die man irgendwoher, gewiss nicht aus der neuen Erfahrung allein, herbeiholt. Noch unentbehrlicher sind solche Ideen - die späteren Grundbegriffe der Wissenschaft - bei der weiteren Verarbeitung des Stoffes. Sie müssen zunächst ein gewisses Mass von Unbestimmtheit an sich tragen; von einer klaren Umzeichnung ihres Inhaltes kann keine Rede sein. Solange sie sich in diesem Zustande befinden, verständigt man sich über ihre Bedeutung durch den wiederholten Hinweis auf das Erfahrungsmaterial, dem sie entnommen scheinen, das aber in Wirklichkeit ihnen unterworfen wird. Sie haben also strenge genommen den Charakter von Konventionen, wobei aber alles darauf ankommt, dass sich doch nicht willkürlich gewählt werden, sondern durch bedeutsame Beziehungen zum empirischen Stoffe bestimmt sind, die man zu erraten vermeint, noch ehe man sie erkennen und nachweisen kann. Erst nach gründlicherer Erforschung des betreffenden Erscheinungsgebietes kann man auch dessen wissenschaftliche Grundbegriffe schärfer erfassen und sie fortschreitend so abändern, dass sie in grossem Umfange brauchbar und dabei durchaus widerspruchsfrei werden. Dann mag es auch an der Zeit sein, sie in Definitionen zu bannen. Der Fortschritt der Erkenntnis duldet aber auch keine Starrheit der Definitionen. (Freud, 1915, Triebe und Tribschicksale, Studienausgabe, Band III, p. 81) (Cia letras, p. 52/3) . As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das letras).

Portanto, ao estudarmos o conceito de herança filogenética, devemos esforçar-nos, para compreender a que fenômeno ele se refere, que fenômeno busca descrever e compreender. Alcançado isto, podemos sim abandonar, deixar de lado, a construção teórica.

O convencional das hipóteses filogenéticas freudianas é revelado no seu caráter especulativo. Enquanto Darwin assim como outros biólogos, Carl Claus (com quem Freud trabalhou e aprendeu o pensamento darwiniano) e Haeckel, baseavam suas hipóteses filogenéticas em observações, por exemplo, comparando espécies diferentes ou fases de desenvolvimento diferentes (do feto ao adulto), as hipóteses filogenéticas de Freud são pura especulação, pura teoria, chamadas por ele, as vezes, como vimos, de mito. As hipóteses filogenéticas são, parecem-nos, construtos que servem para compreender o indivíduo, seu desenvolvimento e a cultura, servem, portanto, para compreender a ontogênese e não a filogênese, a história dos indivíduos e não a verdadeira história da humanidade.

Vejamos como a história filogenética é inserida no *XII ensaio metapsicológico*. O ensaio, inicialmente, propõe-se a explicar, em conjunto, o mecanismo das três neuroses de transferência: histeria de angústia (Angsthyserie), histeria de conversão e neurose obsessiva (Zwangsneurose). Essas neuroses são analisadas, de forma bastante sintética, a partir de seis fatores: 1) repressão, 2) contrainvestimento, 3) formação de substitutos e de sintomas, 4) relação com a sexualidade, 5) regressão e 6) disposição. Na análise dos primeiros três fatores, Freud repete, de certa forma, a análise feita das três neuroses, no segundo e terceiro ensaio metapsicológico, em *A repressão* (1915-3) e no capítulo IV de *O inconsciente* (1915-4), nos quais mostra os diferentes mecanismos das neuroses. Cada um dos fatores remete prioritariamente a uma das neuroses: a repressão à histeria de angústia; o contrainvestimento à neurose obsessiva e a formação substituta de sintoma, à histeria de conversão.

Na histeria de angústia o mecanismo da repressão é mais explícito, pois não tem sucesso. O mecanismo "*consiste na retirada ou recusa [do] investimento pcs [pré-*

*consciente]*" (Visão geral das neuroses de transferência, 1915-1) <sup>21</sup>. Ou mais especificamente, "*a repressão consiste na recusa da representação da palavra*" (idem) <sup>22</sup>. A recusa do investimento pré-consciente, portanto, é a recusa da representação da palavra, quer dizer, de sua entrada no processo associativo. Tal recusa resulta na "*aparente decomposição, descritiva em vez de sistemática, do processo rejeitado em representação e afeto (representante e fator quantitativo)*" (ibidem) <sup>23</sup>. É conhecida a definição da repressão como a decomposição do representante dos impulsos (Trieberepräsentanz) em representação (Vorstellung) e afeto. Como Freud esclarece, em *A repressão*, o representante (Repräsentanz) psíquico do impulso (Trieb) composto de representações investidas de energia psíquica (libido, interesse) pode ser, mediante a repressão, decomposto e, neste caso, cada elemento terá um destino distinto.

*A observação clínica obriga-nos a decompor o que até então nós apreendemos unitariamente, pois ela nos mostra que algo diferente, que representa o impulso, ao lado da representação, deve ser levado em consideração e que este outro experimenta um destino da repressão que pode ser completamente diferente do da representação. Para este outro elemento do representante (Repräsentanz) psíquico foi adotado o nome de montante de afeto; corresponde ao impulso na medida em que se desligou da representação e encontra uma expressão proporcional à sua quantidade em processos que são perceptíveis como afetos. (Freud, 1915-3, A repressão) <sup>24</sup>.*

Quando um impulso (Trieb) desliga-se da representação consciente tem, portanto, seu montante, sua parte quantitativa, transformado em afeto. Desvinculada da representação, a parte quantitativa fica, de certa forma, solta no aparelho psíquico. É por

---

<sup>21</sup> *Verdrängung* ... besteht in Abziehung oder Verweigerung [der] vbw Besetzung, wird gesichert durch Art von Gegenbesetzung. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen: Ein bisher unbekanntes Manuskript - Ediert Ilse Grubrich-Simitis. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1985, p. 65). A tradução é minha, baseada na tradução brasileira de Abram J. Eksterman, publicada pela Imago com o título: Neuroses de Transferência: uma síntese, 1987.

<sup>22</sup> dass Verdrängung in Verweigerung der Wortvorstellung besteht, also aus [dem] topischen Charakter der Verdrängung. (idem, p. 66).

<sup>23</sup> O texto todo é: Die scheinbare deskriptiv statt systematisch Zerlegung des abzuwehrenden Vorgangs in Vorstellung und Affekt (Repräsentanz und quantitativen Faktor) ergibt sich eben daraus, dass Verdrängung in Verweigerung der Wortvorstellung besteht, also aus [dem] topischen Charakter der Verdrängung. (ibidem, p. 66).

<sup>24</sup> Die klinische Beobachtung nötig uns nun zu zerlegen, was wir bisher einheitlich aufgefasst hatten, denn sie zeigt uns, dass etwas anderes, was den Trieb repräsentiert, neben der Vorstellung in Betracht kommt und dass dieses andere ein Verdrängungsschicksal erfährt, welches von dem der Vorstellung ganz verschieden sein kann. Für dieses andere Element der psychischen Repräsentanz hat sich der Name *Affektbetrag* eingebürgert; es entspricht dem Triebe, insofern er sich von der Vorstellung abgelöst hat und einen seiner Quantität gemässen Ausdruck in Vorgängen findet, welche als Affekte der Empfindung bemerkbar werden. (Freud, 1915-3, Die Verdrängung, Studienausgabe, Band III, p. 113) As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das letras).

isso que o sucesso da repressão é limitado na primeira fase da histeria de angústia. Ele se restringe à exclusão (não realização) de qualquer representante (Repräsentanz) pré-consciente/consciente: "*Sucesso menor na histeria de angústia, limita-se a que não se realize nenhum representante pcs (e cs)*" (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência) <sup>25</sup>. A não inibição do afeto, que foi desligado da representação, corresponde ao insucesso (ou o sucesso parcial) da repressão, pois o "*propósito da repressão é sempre evitação do desprazer*" (idem) <sup>26</sup>.

Freud nos oferece, no ensaio *A repressão* (1915-3), um exemplo clínico do mecanismo da repressão na histeria de angústia, em uma fobia de animal:

*O movimento de impulso submetido à repressão é uma atitude libidinal para com o pai, emparelhada com a angústia [o medo] diante dele. Depois da repressão este movimento desapareceu da consciência, o pai não aparece aí como objeto da libido. ... A parte quantitativa não desapareceu mas sim transformou-se em angústia.* <sup>27</sup>.

O afeto de angústia, portanto, é a parte quantitativa da atitude libidinal para com o pai que foi submetida à repressão. É a libido dirigida ao pai que, reprimida, se torna angústia, se torna medo. Nesse momento, a angústia, o medo, está desvinculada de qualquer representação, o sujeito não sabe de o que tem medo, o que desperta sua angústia. Assim Freud escreve em *O inconsciente* (1915-4):

*Uma primeira fase do processo na histeria de angústia frequentemente não é notada ... Ela consiste no surgimento da angústia sem que seja percebido diante de o que. É suposto que no Ics existia um movimento amoroso que exigia a transposição para o sistema Pcs; mas o investimento voltado a ele a partir deste*

---

<sup>25</sup> Erfolg am geringsten bei Angsthysterie, beschränkt sich darauf, dass keine vbw (und bw) Repräsentanz zustande kommt. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, op. cit., p. 65/6)

<sup>26</sup> Absicht der Verdrängung ist immer Unlustvermeidung. (ibidem, p. 66)

<sup>27</sup> Die der Verdrängung unterliegende Triebregung ist eine libidinöse Einstellung zum Vater, gepaart mit der Angst vor demselben. Nach der Verdrängung ist diese Regung aus dem Bewusstsein geschwunden, der Vater kommt als Objekt der Libido nicht darin vor. ... Der quantitative Anteil ist nicht verschwunden, sondern hat sich in Angst umgesetzt. (Freud, 1915-3, Die Verdrängung, Studienausgabe, Band III, p. 115).

*sistema, retirou-se dele segundo o tipo de uma tentativa de fuga e o investimento libidinal inconsciente da representação repelida foi eliminado como angústia* <sup>28</sup>.

Como a repressão não tem sucesso em inibir o afeto (a angústia), ela continua em uma segunda fase, agora, com um investimento substituto no pcs, um contrainvestimento, que possibilita inibir, ligando e com isso limitando, a própria angústia. Como Freud escreve em *Visão geral*: a repressão "*é assegurada por um tipo de contrainvestimento*" <sup>29</sup>.

Então, em um segundo momento, o reprimido forma um substituto, no pré-consciente, a angústia (o medo) agora liga-se a uma representação do perigo, liga-se a um determinado animal. Em vez de amar o pai então o histérico de angústia tem medo, por exemplo, de um lobo. O amor pelo pai é reprimido, quer dizer, perde seu investimento pré-consciente, desaparece dos processos associativos, enquanto o medo do animal, consciente (portanto com investimento pcs/cs), funciona como uma força que impede que a representação reprimida pressione até o pré-consciente. Na medida em que liga o afeto (a angústia) a uma nova representação, dá um novo fim a parte quantitativa. Ligada a uma representação pcs, a angústia aparece para o eu como ligada a um objeto externo e não à representação reprimida. O fóbico então se protege do desenvolvimento da angústia (do medo) evitando o objeto que lhe parece perigoso, fonte da angústia. O perigo é projetado para fora e, então, se pode fugir dele. Assim, através do mecanismo de defesa

*foi alcançada uma projeção do perigo do impulso para fora. O eu se comporta como se o perigo do desenvolvimento da angústia não o ameaçasse a partir de um movimento do impulso, mas sim de uma percepção, e pode reagir contra este*

---

<sup>28</sup> Eine erste Phase des Vorganges bei der Angsthysterie wird häufig übersehen ... Sie besteht darin, dass Angst auftritt, ohne dass wahrgenommen würde, wovor. Es ist anzunehmen, dass im *Ubw* eine Liebesregung vorhanden war, die nach der Umsetzung ins System *Vbw* verlangte; aber die von diesem System her ihr zugewendete Besetzung zog sich nach Art eines Fluchtversuches von ihr zurück, und die unbewusste Libidobesetzung der zurückgewiesenen Vorstellung wurde als Angst abgeführt. (Freud, 1915-4, *Das Unbewusste*, Studienausgabe, Band III, p. 141). As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das Letras).

<sup>29</sup> Verdrängung ... wird gesichert durch Art von Gegenbesetzung. (Freud, 1915-1, *Übersicht der Übertragungsneurosen*, op. cit., p 65).



*perigo externo com as tentativas de fuga das evitações fóbicas.* (Freud, 1915-4. O inconsciente, capítulo IV) <sup>30</sup>.

Se o objeto fóbico é um exemplo de contrainvestimento, este elemento é mais evidente na neurose obsessiva, pois nela, o contrainvestimento não apenas mantém mas é o principal mecanismo da repressão. A repressão, portanto, na neurose obsessiva, já ocorre mediante representações pré-conscientes, as quais impedem o investimento psíquico da representação reprimida. Não se trata apenas de um desinvestimento, mas da constituição de um novo investimento pré-consciente.

Assim Freud descreve a ação do contrainvestimento em *Visão geral das neuroses de transferência*:

*na neurose obsessiva, onde desde o começo se trata de uma defesa de um impulso ambivalente, ele [o contrainvestimento] realiza a primeira repressão bem sucedida, desempenha então uma formação reativa graças à ambivalência* (Freud, 1915-1) <sup>31</sup>.

Qual é o impulso ambivalente? Em *A repressão*, Freud esclarece:

*Aqui [na neurose obsessiva] primeiramente se fica em dúvida sobre o que se deve considerar como representante submetido à repressão, uma tendência libidinal ou uma hostil. A incerteza provém de que a neurose obsessiva repousa sobre o pressuposto de uma regressão através da qual uma tendência sádica é colocada no lugar da afetuosa. Este impulso [Impuls] hostil contra uma pessoa amada é o que é submetido à repressão.* (Freud, 1915-3) <sup>32</sup>.

O impulso ambivalente é ao mesmo tempo libidinal e sádico (hostil). O que é reprimido, na neurose obsessiva, é apenas uma parte do impulso ambivalente, a parte

---

<sup>30</sup> eine Projektion der Triebgefahr nach aussen erreicht worden ist. Das Ich benimmt sich so, als ob ihm die Gefahr der Angstentwicklung nicht von einer Triebregung, sondern von einer Wahrnehmung her drohte, und darf darum gegen diese äussere Gefahr mit den Fluchtversuchen der phobischen Vermeidungen reagieren. (Freud, 1915-4, Stud., p. 143) (Cia letras, p. 124).

<sup>31</sup> Bei Zwangsneurose, wo es sich von Anfang um Abwehr eines ambivalenten Triebes handelt, besorgt sie die erste glückende Verdrängung, leistet dann Reaktionsbildung dank der Ambivalenz. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 67).

<sup>32</sup> Hier gerät man zuerst in Zweifel, was man als die der Verdrängung unterliegende Repräsentanz anzusehen hat, eine libidinöse oder eine feindselige Strebung. Die Unsicherheit rührt daher, dass die Zwangsneurose auf der Voraussetzung einer Regression ruht, durch welche eine sadistische Strebung an die Stelle der zärtlichen getreten ist. Dieser feindselige Impuls gegen eine geliebte Person ist es, welcher der Verdrängung unterliegt." (Freud, 1915-3, Die Verdrängung, Studienausgabe, Band III, p. 117) (Cia letras, p. 96/7).

hostil (sádica). A outra parte do impulso, a afetuosa, é ampliada e é a responsável pela repressão da parte hostil, como Freud expõe no caso do homem dos ratos:

*O amor não extinguiu o ódio, mas sim apenas pôde pressioná-lo no inconsciente e no inconsciente o ódio pôde proteger-se da supressão, pelos efeitos da consciência, manter-se e crescer. O amor consciente, sob essas circunstâncias, em um modo de reação, tratou de aumentar até uma determinada intensidade elevada, com isso ele cresceu no trabalho imposto constantemente ao ódio, de manter sua oposição em repressão. (Freud, 1909, Observações sobre um caso de neurose obsessiva)*<sup>33</sup>.

Nesse caso, ambos aumentam, tanto o ódio, no inconsciente, quanto o amor, no consciente. A oposição de uma parte do impulso contra a outra parte, acaba por intensificar ambas as partes. O amor, a afeição, por sua vez, opondo-se, reagindo contra o ódio, impulsiona às alturas: “*os fenômenos observados da neurose resultam, por um lado, da afeição consciente que impulsiona através de reações às alturas, por outro lado, do sadismo que continua a atuar como ódio no inconsciente.*” (idem)<sup>34</sup>.

Mas o que é propriamente esta reação que impulsiona às alturas? Trata-se de uma mudança do eu, uma elevação da conscienciosidade, tratam-se das conhecidas formações reativas que possibilitam o êxito completo da repressão na primeira fase da neurose obsessiva:

*O efeito numa primeira fase do trabalho da repressão é completamente diferente do posterior. Primeiramente tem-se esse êxito completo, o conteúdo da representação é recusado e o afeto levado ao desaparecimento. Como formação substituta encontra-se uma alteração do eu, o aumento da conscienciosidade, que não se pode bem chamar de sintoma. ... Esta [a repressão] realizou, como em toda parte, uma retirada da libido, mas serviu-se para este objetivo da formação reativa através do fortalecimento de uma oposição. (Freud, 1915-3, A repressão).*<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Die Liebe hat den Hass nicht auslöschen, sondern nur ins Unbewusste drängen können, und im Unbewussten kann er, gegen die Aufhebung durch die Bewusstseinswirkung geschützt, sich erhalten und selbst wachsen. Die bewusste Liebe pflegt unter diesen Umständen reaktionsweise zu einer besonders hohen Intensität anzuschwellen, damit sie der ihr konstant auferlegten Arbeit gewachsen sei, ihr Gegenspiel in der Verdrängung zurückzuhalten. (Freud, 1909, Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. Studienausgabe, Band VII, p. 96). As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das letras).

<sup>34</sup> nun leiten sich die beobachteten Phänomene der Neurose einerseits von der durch Reaktion in die Höhe getriebenen bewussten Zärtlichkeit, andererseits von dem im Unbewussten als Hass fortwirkenden Sadismus ab. (Freud, idem, p. 97).

<sup>35</sup> Der Effekt ist in einer ersten Phase der Verdrängungsarbeit ein ganz anderer als später. Zunächst hat diese vollen Erfolg, der Vorstellungsinhalt wird abgewiesen und der Affekt zum Verschwinden gebracht. Als Ersatzbildung findet sich eine Ichveränderung, die Steigerung der Gewissenhaftigkeit, die man nicht gut ein Symptom heissen kann. ... Diese [Verdrängung] hat

Podemos então dizer que na primeira fase da neurose obsessiva há uma expansão do eu, da consciência, do escrúpulo. Se nos baseamos na exposição das formações reativa nos *Três ensaios para a teoria sexual*, podemos acrescentar que a repressão na neurose obsessiva se faz por meio da repugnância, da vergonha, da moralidade e das exigências do ideal estético. Freud termina assim o tópico *Formações reativas e sublimações*: "*Eles [os movimentos sexuais] despertam contraforças anímicas [movimentos de reação] ... constroem os citados diques psíquicos: repugnância, vergonha e moral*" <sup>36</sup>. Os diques psíquicos anteriormente citados foram: "*a repugnância, o sentimento de vergonha, as exigências de ideal estéticas e morais*" <sup>37</sup>.

Podemos então dizer que a neurose obsessiva explora a ambivalência dos impulsos opondo uma parte à outra, intensificando assim ambas as partes: por um lado, a parte mais elevada do eu que, ao reagir à outra parte, se amplia e, por outro lado, a parte inconsciente que, reprimida, prolifera.

Apesar da primeira fase aparentemente bem sucedida, na neurose obsessiva, o reprimido retorna (mesmo porque ele proliferou no inconsciente).

*Na neurose obsessiva, o sucesso é primeiramente completo, mas não permanente. Processo menos ainda concluído. Ele continua, depois da primeira fase rica de sucesso, por mais duas, das quais a primeira (repressão secundária: formação da representação obsessiva, luta contra a representação obsessiva), como na histeria de angústia, contenta-se com a substituição do representante [Repräsentanz]. (Freud. Visão geral das neuroses de transferência) <sup>38</sup>.*

---

wie eine Libidoentziehung zustande gebracht, aber sich zu diesem Zwecke der *Reaktionsbildung* durch Verstärkung eines Gegensatzes bedient. (Freud. 1915-3 Stud., p.117) (Cia letras, p. 97).

<sup>36</sup> Sie rufen daher seelische Gegenkräfte (Reaktionsregungen) wach, die zur wirksamen Unterdrückung solcher Unlust die erwähnten psychischen Dämme: Ekel, Scham und Moral, aufbauen. (Freud. 1905. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. Studienausgabe. Band V. p. 86).

<sup>37</sup> Der Ekel, das Schamgefühl, die ästhetischen und moralischen Idealanforderungen. (Freud, 1905, id., p. 85).

<sup>38</sup> Bei Zwangneurose ist Erfolg zuerst ein voller, aber kein dauernder. Prozess noch weniger abgeschlossen. Er setzt sich nach erster erfolgreicher Phase durch zwei weitere fort, von denen erstere (sekundäre Verdrängung [:] Bildung der Zwangsvorstellung Kampf gegen Zwangsvorstellung) sich wie [bei der] Angsthysterie mit Ersetzung der Repräsentanz begnügt (Freud. 1915-1 Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 66)

Vejamus melhor, baseando-nos nos outros textos, a segunda fase, da neurose obsessiva, na qual o reprimido retorna justamente se utilizando da ambivalência do impulso:

*No entanto, a repressão inicialmente boa não se sustenta, no decurso posterior o fracassado da repressão se salienta sempre mais. A ambivalência, que permitiu a repressão através da formação reativa, é também o lugar no qual tem êxito o retorno do reprimido. O afeto desaparecido volta transformado em angústia social, angústia da consciência, novamente em censura sem economia, a representação recusada é substituída pelo substituto por deslocamento, frequentemente através do deslocamento para o menor, para o indiferente. (Freud, 1915-3, A repressão) <sup>39</sup>.*

A formação reativa, portanto, será o lugar onde o afeto da representação reprimida, agora transformado em angústia, em medo, retorna. Passa-se a ter medo da própria consciência moral. No homem dos ratos, em vez da angústia, do medo, surge a dúvida. Como vimos, no homem dos ratos, a formação reativa é um amor exagerado por uma pessoa, cujo ódio e sadismo a ela dirigidos foram reprimidos. A dúvida "*é propriamente uma dúvida do amor que deveria ser subjetivamente a maior certeza, que se difundiu para todo o restante e de preferência deslocou-se para o menor mais indiferente*" <sup>40</sup>.

O amor, a consciência, por extensão, a moral, a piedade, o recato (vergonha), a repugnância (pela sujeira e pela sexualidade perversa), os ideais estéticos, em síntese, todas as formações anímicas mais elevadas, na segunda fase da neurose obsessiva, tornam-se lugar para o retorno do reprimido. Coisas insignificantes põe em cheque a certeza do neurótico a respeito de suas faculdades mais elevadas.

Tanto a histeria de angústia, como a neurose obsessiva, depois da segunda fase, na qual há o retorno do reprimido, tem de continuar numa terceira fase em que se

---

<sup>39</sup> Die anfänglich gute Verdrängung hält aber nicht stand, im weiteren Verlaufe drängt sich das Missglücken der Verdrängung immer mehr vor. Die Ambivalenz, welche die Verdrängung durch Reaktionsbildung gestattet hat, ist auch die Stelle, an welcher dem Verdrängten die Wiederkehr gelingt. Der verschwundene Affekt kommt in der Verwandlung zur sozialen Angst, Gewissensangst, Vorwurf ohne Ersparnis wieder, die abgewiesene Vorstellung ersetzt sich durch *Verschiebungersatz*, oft durch Verschiebung auf Kleinstes, Indifferentes. (Freud. 1915-3. Stud., p. 117) (Cia letras, p. 97/8).

<sup>40</sup> Er ist eigentlich ein Zweifel an der Liebe, die ja das subjektiv Sicherste sein sollte, der auf alles übrige diffundiert und sich vorzugsweise auf das indifferenteste Kleinste verschoben hat. (Freud. 1909. Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. Studienausgabe, Band VII, p. 97/8).

constituem medidas protetoras contra este retorno: fugas, evitações, renúncias e limitações. *“Finalmente na formação fóbica ele [o sucesso] alcança o objetivo, na inibição do afeto de desprazer por grande renúncia, mais abundante tentativa de fuga.”* (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência) <sup>41</sup>.

Na neurose obsessiva essas medidas são acompanhadas de raciocínios lógicos: *“[a fase] mais tardia (terciária) produz renúncias e limitações, correspondentes às fobias, mas, para diferenciar, trabalha com meios lógicos.”* (Freud, id.) <sup>42</sup>.

Em *A disposição para a neurose obsessiva* o impulso para o saber, que junto com a dúvida, pode ser relacionado com este trabalho lógico, é atribuído ao impulso sádico:

*Em especial, a partir do impulso do saber alcança-se frequentemente a impressão de que ele pudesse substituir diretamente, no mecanismo da neurose obsessiva, o sadismo. Ele é no fundo um rebento sublimado, elevado no plano intelectual, do impulso de apoderamento, sua recusa, na forma de dúvida ocupa no quadro da neurose um grande espaço.* (Freud. 1913. A disposição para a neurose obsessiva) <sup>43</sup>.

Assim vemos que também o impulso sádico alcança expressões mais elevadas (as expressões elevadas portanto não são sempre contra ele). Podemos supor que é a oposição, entre o impulso de se apoderar e a dúvida, que os expande e resulta no impulso de saber. Ainda em *A disposição para a neurose obsessiva*, Freud se refere a um avanço do desenvolvimento do eu (do caráter, das formações reativas e das sublimações) em relação ao desenvolvimento libidinal (que remete a fase da ambivalência): *“é registrado um avanço temporal do desenvolvimento do eu frente ao desenvolvimento da libido na disposição para a neurose obsessiva”* <sup>44</sup>. Por um lado, então, avanço do eu que remete às

---

<sup>41</sup> Endlich bei Phobiebildung erreicht er Zweck, in Hemmung des Unlusteffekts durch grossen Verzicht, ausgiebig[er] Fluchtversuch. ” (Freud. 1915-1. Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 66).

<sup>42</sup> [die] spätere [Phase] (tertiäre [Verdrängung]) der Phobie entsprechende Verzichte und Einschränkung[en] produziert, aber zum Unterschied mit logischen Mitteln arbeitet. (Freud. ibidem).

<sup>43</sup> Besonders vom Wisstrieb gewinnt man häufig den Eindruck, als ob er im Mechanismus der Zwangsneurose den Sadismus geradezu ersetzen könnte. Er ist ja im Grunde ein sublimierter, ins Intellektuelle gehobener Sprössling des Bemächtigungstriebes, seine Zurückweisung in der Form des Zweifels nimmt im Bilde der Zwangsneurose einen breiten Raum ein. (Freud. 1913. Die Disposition zur Zwangsneurose. Studienausgabe, Band VII, p. 116). (Cia letras, p 334/5). As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das letras).

<sup>44</sup> ein zeitliches Voranteilen der Ichentwicklung vor der Libidoentwicklung in die Disposition zur Zwangsneurose einzutragen ist.” (Freud. 1913. ibidem)

elevadas formações reativas e ao impulso do saber, por outro, regressão da libido para uma fase em que ela é ambivalente.

Então, tanto a neurose obsessiva como a histeria de angústia tem de continuar o trabalho da repressão em uma segunda e terceira fases para dar conta da parte quantitativa ou da pressão do reprimido em direção à consciência. Já na histeria de conversão a primeira fase é exitosa, ela dá conta da parcela quantitativa do representante reprimido, evitando a angústia, e, com isso, dá conta da pressão do reprimido para se tornar consciente.

Na histeria de conversão, de início, há um compromisso entre as forças repressoras e o reprimido e, por isso, não há uma pressão para um trabalho posterior. Em vez do afeto de angústia ficar desvinculado ele se transforma imediatamente em inervação somática. Em vez de angústia: insensibilidade, paralisia motora, hipersensibilidade (dor) ou movimentos aleatórios. A inervação do corpo, sensória ou motora, por um lado, expressa a representação reprimida, por outro, impede que ela se torne pré-consciente. Atentemos ao mecanismo da histeria de conversão:

*Aqui [na histeria de conversão] é evidente que se pode conseguir levar o montante de afeto ao desaparecimento completo. O doente mostra então em relação aos seus sintomas o comportamento que Charcot chamou de 'la belle indifférence des hystériques'. ... O conteúdo da representação do representante do impulso é profundamente retirado da consciência; como formação substitutiva - e simultaneamente como sintoma - encontra-se uma inervação superforte - em casos exemplares, somática -, ora de natureza sensória, ora de natureza motora, ou como excitação ou como inibição. O lugar superinervado mostra-se, num exame mais pormenorizado, como uma parte do representante do impulso reprimido que, como através de condensação, atraiu para si o investimento completo. (Freud, 1915-3, A repressão) <sup>45</sup>.*

Enquanto na neurose obsessiva a primeira formação de substituto provém do repressor (são as formações reativas), na histeria de conversão (assim como na segunda

---

<sup>45</sup> Hier [das Bild der echten Konversionshysterie] ist das Hervorstechende, dass es gelingen kann, den Affektbetrag zum völligen Verschwinden zu bringen. Der Kranke zeigt dann gegen seine Symptome das Verhalten, welches Charcot 'la belle indifférence des hystériques' genannt hat. ... Der Vorstellungsinhalt der Triebrepräsenz ist dem Bewusstsein gründlich entzogen; als Ersatzbildung - und gleichzeitig als Symptom - findet sich eine überstarke - in den vorbildlichen Fällen somatische - Innervation, bald sensorischer, bald motorischer Natur, entweder als Erregung oder als Hemmung. Die überinnervierte Stelle erweist sich bei näherer Betrachtung als ein Stück der verdrängten Triebrepräsenz selbst, welches wie durch *Verdichtung* die gesamte Besetzung auf sich gezogen hat. (Freud. 1915-3. Studienausgabe, Band III, p. 116). (Cia letras, p. 95/6).

fase da histeria de angústia e da neurose obsessiva), o substituto provém do reprimido. O substituto, o sintoma, na histeria de conversão, como um compromisso entre o reprimido e o repressor, não é nem pura expressão quantitativa do reprimido (como na histeria de angústia), nem pura reação contra o mesmo (como é a formação reativa). É um meio termo e por isso tem sucesso. Dá conta do montante afetivo do reprimido e não precisa de todo o esforço da formação reativa.

*A parte escolhida para o sintoma preenche a condição de exprimir tanto a meta do desejo do movimento do impulso como o esforço da defesa e da punição do sistema Cs; é portanto super investida e de ambos os lados ...Nós podemos destas relações tirar a conclusão de que o gasto da repressão do sistema Cs não precisa ser tão grande como a energia de investimento do sintoma ... o sintoma se apoia não apenas no contrainvestimento mas também no investimento do impulso, condensado nele, do sistema Ics. (Freud, 1915-4, O inconsciente, Cap. IV) <sup>46</sup>.*

Podemos exemplificar o mecanismo da conversão com um dos primeiros casos de histeria publicado por Freud (Breuer/Freud): Fräulein Elisabeth v.R. de 1895:

*Essa moça tinha oferecido ao seu cunhado uma inclinação afetuosa, contra sua aceitação na consciência opôs-se todo seu ser moral. Houve êxito para ela quando, para poupar-se da certeza dolorida de que amava o marido de sua irmã, produziu para si dores corporais, e nos momentos onde essa certeza queria impor-se (no passeio com ele, durante aquela fantasia matutina no banho, diante do leito da irmã) originaram, através da conversão bem sucedida no somático, aquelas dores. (Freud, 1895. Estudos sobre histeria) <sup>47</sup>.*

Mesmo neste texto que parece enfatizar mais o papel do ser moral, portanto do repressor, na produção do sintoma (Freud ainda não havia formulado seu conceito de sexualidade infantil e atribuía a traumas a causa da repressão), já está presente a ideia de que o sintoma (a conversão) envolve prazer, quer dizer, de alguma forma satisfaz o

---

<sup>46</sup> Dies zum Sympton erlesene Stück erfüllt die Bedingung, dass es dem Wunschziel der Triebregung ebensosehr Ausdruck gibt wie dem Abwehr- oder Straftbestreben des Systems *Bw*; es wird also überbesetzt und von beiden Seiten her gehalten ... . Wir können aus diesem Verhältnis ohne weiteres den Schluss ziehen, dass der Verdrängungsaufwand des Systems *Bw* nicht so gross zu sein braucht wie die Besetzungsenergie des Symptoms, ... das Symptom stützt sich nicht nur auf die Gegenbesetzung, sondern auch auf die in ihm verdichtete Triebbesetzung aus dem System *Ubw*. (Freud. 1915-4. Stud., p.143/4).

<sup>47</sup> Dieses Mädchen hatte ihrem Schwager eine zärtliche Neigung geschenkt, gegen deren Aufnahme in ihr Bewusstsein sich ihr ganzes moralisches Wesen sträubte. Es war ihr gelungen, sich die schmerzliche Gewissheit, dass sie den Mann ihrer Schwester liebe, zu ersparen, indem sie sich dafür körperlichen Schmerzen schuf und in Momenten, wo sich ihr diese Gewissheit aufdrängen wollte (auf dem Spaziergange mit ihm, während jener Morgenträumerei im Bade, vor dem Bette der Schwester) waren durch gelungene Konversion ins Somatische jene Schmerzen entstanden. (Breuer/Freud. 1895. Studien über Hysterie. Fischer Taschenbuch Verlag. Beobachtung V: Fräulein Elisabeth v. R., p. 176).

impulso reprimido. Para essa paciente, apesar da zona histerógena (zona corporal onde se manifesta o sintoma) ser dolorida ela parecia proporcionar prazer:

*Mas se, em Frl v. R., se beliscasse ou apertasse a pele hiperalgésica e a musculatura da perna, seu rosto, então, recebia uma expressão peculiar, antes a de prazer que a de dor ..., concilia-se com esta concepção, apenas, que o sofrimento era uma histeria e que o estímulo tocou uma zona histerógena.*

*A fisionomia não ajustava-se bem com a dor que o beliscão da musculatura e da pele supostamente provocava, provavelmente ela [a fisionomia] estava mais de acordo com conteúdos de pensamento que se colocavam atrás dessa dor e que foram despertados na doente através do estímulo da parte do corpo a eles associado. (Freud, 1895, id.)<sup>48</sup>.*

Bem sabemos que as zonas erógenas, supostas como características da sexualidade infantil, tiveram como modelo as zonas histerógenas, conhecidas pelo estudo da histeria: "*Zonas erógenas e histerógenas mostram as mesmas características*" (Freud, 1905, Três ensaios para a teoria sexual)<sup>49</sup>. As zonas erógenas por sua vez caracterizam-se por evocar prazer: "*Ela [a zona erógena] é um lugar da pele ou da mucosa em que estímulos de certo tipo provocam uma sensação de prazer de determinada qualidade.*" (Freud. Id.)<sup>50</sup>.

O sintoma então, em parte, é a realização de um impulso reprimido por meio da erogenização de uma determinada parte do corpo. Elisabeth von R., então, substituiu as fantasias amorosas com o cunhado pelas aparentes dores corporais que, em últimas instância, provocavam tanto prazer como haviam provocado as experiências ao lado do cunhado.

---

<sup>48</sup> Wenn man aber bei Frl. v. R. die hyperalgische Haut und Muskulatur der Beine kneipte oder drückte, so nahm ihr Gesicht einen eigentümlichen Ausdruck an, eher den der Lust als des Schmerzes ... liess sich nur mit der Auffassung vereinigen, das Leiden sei eine Hysterie und die Reizung habe eine hysterogene Zone betroffen.

Die Miene passte nicht zum Schmerze, den das Kneipen der Muskeln und Haut angeblich erregte, wahrscheinlich stimmte sie besser zum Inhalte der Gedanken, die hinter diesem Schmerze steckten und die man in der Kranken durch Reizung der ihnen assoziierten Körperstellen weckte." (Breuer/Freud. 1895. Id. p. 155/6).

<sup>49</sup> Erogene und hysterogene Zonen zeigen die nämlichen Charaktere. (Freud. 1905. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. Studienausgabe. Band V, p. 90).

<sup>50</sup> Es [erogene Zone] ist eine Haut- oder Schleimhautstelle, an der Reizungen von gewisser Art eine Lustempfindung von bestimmter Qualität hervorrufen. (Freud. ibidem).



No caso Dora, Freud afirma explicitamente que o sintoma é a realização de uma fantasia sexual:

*Segundo uma regra, que eu tenho repetidamente encontrado confirmada, mas, em geral, ainda não tive coragem de estabelecê-la, um sintoma significa a apresentação - realização - de uma fantasia com conteúdo sexual, portanto, uma situação sexual. Eu diria melhor, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde a apresentação de uma fantasia sexual ... (Freud, 1901 [p.1915], Fragmento de uma análise de histeria)<sup>51</sup>.*

Vejamos alguns exemplos de realização do impulso sexual no sintoma, no caso da Dora. Depois de uma situação em que Herr K. havia lhe abraçado fortemente e a beijado, situação que aparentemente correspondia a uma situação traumática mas que no decorrer da análise revelou-se como produtora das mais variadas fantasias sexuais com Herr K., Dora desenvolveu como sintoma a repugnância (uma inervação do trato digestivo que a fazia ter aversão aos alimentos, mais que uma formação reativa elevada, ligada à higiene e ao decoro) e uma alucinação sensorial: sentia na parte superior do seu corpo a pressão do abraço de Herr K. A repugnância devia-se a uma inversão do afeto, uma inversão da excitação sexual, quando foi beijada: *"Em vez de sensação genital que em uma moça saudável nessas circunstâncias certamente não faltaria, aparece nela sentimento de desprazer, que pertence ao traçado da mucosa da entrada no canal da digestão, a repugnância."*<sup>52</sup>.

A alucinação sensorial devia-se a um deslocamento, da sensação da zona genital para a zona do tórax (o deslocamento também estava presente no caso da repugnância, mas, nesse segundo sintoma, era mais evidente):

*Eu penso que ela sentiu no abraço impetuoso, não apenas o beijo nos seus lábios, mas sim também o apertar do membro ereto contra seu corpo. Esta percepção, chocante para ela, foi posta de lado para a recordação, reprimida e substituída*

---

<sup>51</sup> Nach einer Regel, die ich immer wieder bestätigt gefunden, aber allgemein aufzustellen noch nicht den Mut hatte, bedeutete ein Symptom die Darstellung - Realisierung - einer Phantasie mit sexuellem Inhalt, also eine sexuelle Situation. Ich würde besser sagen, wenigstens *eine* der Bedeutungen eines Symptoms entspricht der Darstellung einer sexuellen Phantasie, während für die anderen Bedeutungen solche Inhaltsbeschränkung nicht besteht. (Freud. 1901 [p.1905]. Bruchstück einer Hysterie-Analyse. Studienausgabe, Band VI, p 122).

<sup>52</sup> Anstatt der Genitalsensation, die bei einem gesunden Mädchen unter schon Umständen gewiss nicht gefehlt hätte, stellt sich bei ihr die Unlustempfindung ein, welche dem Schleimhauttrakt des Einganges in den Verdauungskanal zugehört, der Ekel". (Freud 1901 [p.1905]. Id., p. 106).

*pela inofensiva sensação de pressão no tórax, que recebeu da fonte reprimida sua intensidade excessiva. (Freud. Id.)<sup>53</sup>.*

O sintoma da repugnância remete à sexualidade oral (reprimida, mas também satisfeita no sintoma) e a sensação alucinatória de pressão do tórax à sexualidade genital, ou melhor, à sexualidade da zona do clitóris.

*A repugnância corresponde ao sintoma de repressão da zona erógena do lábio (estragada por mimos pelo chupar sensual infantil ...). O apertar do membro ereto teve por consequência, provavelmente, a modificação análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação desta segunda zona erógena foi fixada através do deslocamento para a sensação de pressão simultânea no tórax. (Freud. ibidem)<sup>54</sup>.*

Outro exemplo, onde está mais evidente a realização da fantasia sexual no sintoma, é o da tosse de Dora, que significava a satisfação da fantasia de felação, prática que Dora imaginava ocorrer nas relações entre seu pai e sua amante Frau K. (pessoas para as quais estavam voltadas suas fantasias sexuais).

*O complemento então era imperioso, que ela [Dora] com sua tosse intermitente, que, como de costume, uma cócega na garganta revelou-se como ocasião de estímulo, representou uma situação de satisfação sexual per os entre as duas pessoas cuja relação amorosa ela ocupava-se incessantemente. (idem)<sup>55</sup>.*

Os sintomas, na histeria de conversão, portanto, criam zonas substitutas (erotizam partes do corpo) a fim de representar a satisfação do impulso sexual reprimido, quer dizer, a fim de satisfazê-lo de uma forma substituta.

Voltemos, depois deste pequeno apanhado das três neuroses, ao texto *Visão geral das neuroses de transferência*. Na análise do último fator aqui abordado: formação de

---

<sup>53</sup> Ich denke, sie verspürte in der stürmischen Umarmung nicht bloss den Kuss auf ihren Lippen, sondern auch das Andrängen des erigierten Gliedes gegen ihren Leib. Diese ihr anstössige Wahrnehmung wurde für die Erinnerung beseitigt, verdrängt und durch die harmlose Sensation des Druckes am Thorax ersetzt, die aus der verdrängten Quelle ihre übergrosse Intensität bezieht. (Freud, Id. p. 107).

<sup>54</sup> Der Ekel entspricht dem Verdrängungssymptom von der erogenen (durch infantile Lutschen, wie wir hören werden, verwöhnten) Lippenzone. Das Andrängen des erigierten Gliedes hat wahrscheinlich die analoge Veränderung an dem entsprechenden weiblichen Organ, der Clitoris, zur Folge gehabt, und die Erregung dieser zweiten erogenen Zone ist durch Verschiebung auf die gleichzeitige Drucksensation am Thorax fixiert worden. (ibidem)

<sup>55</sup> Die Ergänzung war doch unabweisbar, dass sie sich mit ihrem stossweise erfolgenden Husten, der wie gewöhnlich einen Kitzel im Halse als Reizansatz angab, eine Situation von sexueller Befriedigung per os zwischen den zwei Personen vorstellte, deren Liebesbeziehung sie unausgesetzt beschäftigte. (Freud. Id. p. 122/3).

substituto e de sintoma, depois de afirmar que a formação do sintoma coincide com o retorno do reprimido, Freud afirma que este se impõe a partir da fixação a qual retrocede à regressão. Então, na análise do quarto fator, *relação com a sexualidade*, Freud afirma que, nas neuroses, a repressão se dirige contra a função sexual em sua forma definitiva (procriativa), que, na histeria de angústia, a exigência do impulso sexual, considerada muito grande, é repelida como perigo e que, na neurose obsessiva, a repressão é dirigida também contra manifestações perversas que são fortalecidas quando reprimidas as normais.

No quinto fator, a regressão, Freud afirma que na histeria de angústia não existe regressão, pois esta neurose aparece muito cedo, na infância; na histeria de conversão há uma regressão do eu, a manifestação do impulso que não é aceita pelo eu atual recorre a um eu anterior, no qual ela encontra uma outra maneira de descarga. Podemos supor que a satisfação é do eu prazer e não do eu realidade (voltaremos a isso ao analisarmos o texto *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos*). Na neurose obsessiva há regressão da libido e esta serve à repressão. Voltaremos oportunamente a estas descrições, mas façamos agora um pequeno resumo das principais características de cada neurose:

Histeria de angústia: desinvestimento de uma representação e transformação de sua parte quantitativa em angústia. Dirige-se contra os impulsos sexuais cujas exigências são percebidas como muito grandes e perigosas.

Histeria de conversão: formam-se sintomas (inervações de partes do corpo, quer dizer, formam-se novas zonas erógenas) que são satisfações substitutas dos impulsos reprimidos. Há regressão do eu ao eu-prazer.

Neurose obsessiva: ocorrem alterações do eu (formações reativas) baseadas na regressão da libido a uma fase em que há ambivalência. Repressor (formações reativas) e reprimido se opõem, intensificando ambas as partes.

Por último, no fator disposição, Freud afirma que a regressão retrocede até uma fase que foi demasiadamente marcada ou mantida por muito tempo (fixada), seja devido

a impressões precoces (disposições adquiridas), seja devido a elementos constitucionais (disposições herdadas) ou, ainda, seja devido a uma cooperação de ambos elementos. Os elementos constitucionais, no entanto, apesar de diferenciar as neuroses, são os mesmos em todos os indivíduos, *"todas as disposições existem constitucionalmente na criança"*

56

Este elemento constitucional (herdado), diferenciador das neuroses, mas presente em todos, será chamado por Freud de filogenético. Disposições filogenéticas foram adquiridas por nossos antepassados, no entanto, seu nome já diz, pertencem a toda espécie. Temos de supor, então, que o que diferencia uma neurose de outra não é a presença de uma disposição, já que as mesmas disposições estão presentes em todas as pessoas, mas sua intensidade. É, portanto, a intensidade da disposição filogenética em um indivíduo que determina a escolha da neurose. A disposição, por sua vez, influencia nas consequências das impressões. Assim, uma mesma impressão pode causar diferentes consequências de acordo com a constituição do indivíduo (um trauma ou um excesso de prazer em alguma fase do desenvolvimento pode determinar ou não uma fixação, de acordo com a constituição).

As disposições filogenéticas intensificadas nas neuroses de transferência, no entanto, só podem ser discriminadas se comparadas em conjunto com as neuroses narcisistas. Freud já havia afirmado, quando analisou o fator repressão, que no outro grupo de neuroses, portanto, nas neuroses narcisistas, a repressão aparece como divisão: *"no próximo grupo, a repressão, que tem outra tópica, amplia-se então para o conceito de divisão"* <sup>57</sup>. Agora Freud afirma que o que diferencia as neuroses narcisistas das neuroses de transferência é o relacionamento do eu com o objeto e sua manutenção:

*A mais importante característica distintiva das neuroses de transferência não pode ser avaliada além disso, nesta visão geral, pois ela não sobressai nelas no conjunto, somente se sobressai por contraste na atração das neuroses narcisistas.*

---

<sup>56</sup> alle Dispositionen konstitutionell vorhanden sind im Kinde" (Freud. 1915-1. Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 70).

<sup>57</sup> in nächster Gruppe die Verdrängung, andere Topik hat, sie erweitert sich dann zum Begriff der Spaltung. (Freud. 1915-1, Id. p. 65).

*Nesta ampliação de horizonte vem para o primeiro plano a relação do eu com o objeto e a manutenção do objeto resulta como diferença comum. (Freud. Id.)<sup>58</sup>.*

Se o resultado da repressão nas neuroses narcisistas é uma divisão e a diferença entre ambos os grupos de neuroses é a relação com o objeto e sua manutenção, podemos supor que o objeto mantido pela neurose narcisista é uma parte dividida de si mesmo. Portanto, as disposições das neuroses de transferência remetem a relações objetais, enquanto que as disposições das neuroses narcisistas remetem às relações do eu consigo mesmo (narcisistas). Grosso modo, temos então uma primeira discriminação entre as disposições: aquelas relacionadas com os objetos dos impulsos e aquelas na qual o eu é um objeto.

Devemos notar, no entanto, que, ao nomear as disposições herdadas de filogenéticas, Freud aparentemente mudou o rumo de sua análise. Não se trata mais propriamente de discutir as disposições de cada neurose (como ele fez em relação aos outros fatores), mas de supor como as disposições filogenéticas – existentes em todos os indivíduos, mas intensificadas nas neuroses – foram adquiridas na história da espécie humana. Freud mudou de foco, dos neuróticos para os indivíduos em geral e da descrição de mecanismos neuróticos presentes em todos os indivíduos para a suposição de uma história (na espécie) dos mesmos.

Na sua primeira compreensão das neuroses, Freud buscava aproximá-las do comportamento normal dos indivíduos. Na teoria do trauma, os sintomas substituíam as representações afetivas que os neuróticos não queriam recordar, que queriam esquecer. Atitude absolutamente compreensível, já que todos os indivíduos não querem sofrer e por isso se afastam daquelas recordações que lhe causam sofrimento como uma forma de defesa. A substituição da recordação da representação afetiva pelo sintoma também é compreensível, pois quando queremos inibir determinado afeto ele tem de sair de outra forma, como, por exemplo, quando apertamos a própria mão para não agredir o superior

---

<sup>58</sup> Der wichtigste unterscheidende Charakter der Übertragungsneurosen konnte in dieser Übersicht ohnedies nicht gewürdigt werden, weil er ihnen ja gemeinsam nicht auffällt und erst bei Herbeiziehung der narzisstischen Neurosen durch Kontrast auffallen würde. Bei dieser Vergrößerung des Horizontes würde Verhältnis von Ich zu Objekt [in den] Vordergrund rücken und Festhaltung des Objekts sich als gemeinsam Unterscheidendes ergeben. (Freud. Id., p.71).

ou não morder a mão do dentista, ou quando se briga com a esposa para não brigar com o chefe. Com as primeiras explicações freudianas, portanto, compreendemos – no sentido de Max Weber do termo compreender, as motivações dos sujeitos que realizam as ações – a repressão e o sintoma neurótico, a partir de sua contextualização, a partir de sua história. Se a repressão e o sintoma tornaram-se compreensíveis e comparáveis com as atitudes normais, o que diferenciava a neurose da normalidade era a presença deste mecanismo no tempo. Na neurose não havia desgaste da recordação afetiva, como havia nos mecanismos psíquicos normais, o neurótico reagia à impressão passada como se fosse atual. Freud deu diversas interpretações para essa defesa patológica: podia se tratar da natureza da impressão associada a um descompasso temporal (uma vivência sexual que ocorreu antes de sua compreensão e da maturação sexual) ou de um conflito interno entre exigências sexuais e morais, ou ainda, da incapacidade de enfraquecer representações afetivas (presentes em todos) que se opunham às nossas intenções (as contravontades). O que nos interessa, no entanto, é que a diferença entre a neurose e a normalidade não se referia ao mecanismo defensivo, nas duas havia a repressão e a substituição do afeto; a diferença estava no que ocorria depois. Na normalidade havia um processo de desgaste da recordação afetiva, quer dizer, com o tempo a recordação ia produzindo cada vez menos afeto de desprazer, enquanto que, na neurose, não havia o desgaste da recordação afetiva.

A dificuldade de realizar esse processo de desgaste, cuja ausência é própria da neurose, conduziu Freud ao conceito de sexualidade infantil e das disposições inatas dos neuróticos. No entanto, ao formular o conceito de sexualidade infantil, Freud universalizou aquilo que parecia explicar a diferença entre neurótico e normal. Aqui, não é mais a proximidade dos mecanismos normais que possibilita a explicação da neurose, mas é a neurose que possibilita a explicação dos processos normais<sup>59</sup>. Na verdade as

---

<sup>59</sup> É verdade que também no *Projeto* Freud afirma que suas concepções quantitativas dos processos psíquicos em geral decorriam diretamente da observação clínico-patológica, de suas representações superintensas, seus processos de substituição, conversão e eliminação. Mas devemos notar que não podem ter sido as observações clínico-patológicas que levaram Freud a supor um aparelho psíquico constituído de partículas materiais retentoras e eliminadoras de quantidade. Evidentemente tal concepção é prévia à observação, pois ela é compartilhada por grande parte da ciência moderna. Diferente, nos parece, no entanto, o conceito de sexualidade infantil (perversa e polimorfa), que parece sim muito mais próximo da observação das práticas sexuais dos perversos e daquilo que Freud encontra reprimido nos neuróticos (e nele mesmo).

disposições inatas não servem para determinar a escolha da neurose, pois elas existem em todos os indivíduos. Será então sua intensidade e novamente seu descompasso temporal que determinarão as neuroses. A importância da história filogenética não nos parece estar naquilo que ela revela dos mecanismos neuróticos, mas naquilo que ela revela dos processos psíquicos normais (estes sim alcançados por meio do estudo das neuroses). A importância está em supor (como Freud fez com os mecanismos neuróticos nos seus primeiros escritos) uma história que torne compreensível a constituição do aparelho psíquico humano, a partir de uma vida animal. É evidente que a teoria da evolução de Darwin e seu conceito de seleção natural auxiliam muito nesta compreensão, mas a própria defesa das ideias de Lamarck mostra como Freud valorizou a vontade e os pensamentos nas modificações do aparelho psíquico<sup>60</sup>. A história filogenética, portanto, fará com que as sucessivas modificações do aparelho psíquico, necessárias na suposição de Freud do ser humano, sejam compreendidas, quer dizer, que possamos entender os motivos (as vontades, as necessidades) que determinaram estas modificações.

Assim no tópico disposição (sexto fator analisado em *Visão geral das neuroses de transferência*), não se trata mais de um esclarecimento das neuroses, mas da utilização destas para a compreensão do ser humano em geral e de como o psiquismo humano foi constituído. Trata-se de uma certa genealogia do aparelho psíquico possibilitada pelo conhecimento das neuroses.

Antes de apresentar a história filogenética, no manuscrito, Freud retoma algumas reflexões já feitas anteriormente a respeito da história ontogenética e da sua relação com

---

<sup>60</sup> Assim escreve Ritvo sobre a defesa de Freud das ideias de Lamarck: “É essa adaptação do organismo a seu meio através de seus próprios esforços que distingue a teoria de Lamarck da seleção natural de Darwin. E é essa adaptação voluntária que Freud associou ao nome de Lamarck” (p.71). Freud esclarece em uma carta a Abraham qual é o interesse dele e de Ferenczi por Lamarck: “A ideia é pôr Lamarck inteiramente em nosso campo e mostrar que a ‘necessidade’ que, segundo ele, cria e transforma órgãos, é apenas o poder das ideias inconscientes sobre o corpo da pessoa – do que vemos resquícios na histeria – em suma, a ‘onipotência de pensamento’. Isso na verdade forneceria uma explicação psicanalítica para a adaptação.” (Apud Ritvo, p 81). Assim, o que determina as modificações do aparelho psíquico não é, exclusivamente, a capacidade de adaptação ao meio (que seria selecionada), mas sim, principalmente, as modificações na “vontade”, na “necessidade”, nos termos de Freud, nos impulsos, representados nas ideias inconscientes (submetidas à repressão, intensificadas, tornadas onipotentes e assim por diante). Veremos na análise da história filogenética como as modificações no estado das ideias inconscientes, nos impulsos, conduziram ao surgimento do eu, às modificações da satisfação sexual, à intensificação do poder e toda a constituição do homem social (submissão, igualitarismo e culpa).

as neuroses. Segundo Freud: "*as neuroses testemunham sobre a história do desenvolvimento humano*"<sup>61</sup>.

Qual é a história do desenvolvimento do humano, quer dizer, a história de desenvolvimento do indivíduo? Freud afirma ter diferenciado, em *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos*<sup>62</sup>, o desenvolvimento das aspirações sexuais do das aspirações do eu<sup>63</sup>. As primeiras são satisfeitas autoeroticamente e as segundas, nos objetos<sup>64</sup>. As aspirações do eu, portanto, logo devem submeter-se ao princípio da realidade; as aspirações sexuais, por sua vez (primeiro, satisfeitas autoeroticamente e depois, no período de latência, reprimidas) permanecem por mais tempo dominadas pelo princípio do prazer. De fato, em *Formulações sobre os dois princípios ...*, Freud faz esta diferenciação, mas ela de forma alguma é central no texto. O texto trabalha muito mais com o desenvolvimento do próprio eu, mas a observação de Freud serve-nos como uma alerta de que esta distinção é necessária para nossa compreensão da história filogenética. Acompanhemos, primeiramente, a principal ideia do texto, isto é, o desenvolvimento do eu.

### **Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos**

---

<sup>61</sup> auch die Neurosen Zeugnis von der seelischen Entwicklungsgeschichte des Menschen ablegen müssen (Freud. 1915-1. op. cit., . p.71).

<sup>62</sup> Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. (Studienausgabe. Band III).

<sup>63</sup> *Eu acredito então ter indicado no ensaio (Sobre os dois princípios) que nós podemos atribuir às aspirações sexuais dos seres humanos um outro desenvolvimento que o das aspirações do eu.* Ich glaube nun, in Aufsatz (Über zwei Prinzipien) gezeigt zu haben, dass wir den Sexualstreben des Menschen eine andere Entwicklung zuschreiben dürfen als den Ichstreben. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p 71).

<sup>64</sup> *A razão essencial, que a primeira por muito tempo pode ser satisfeita autoeroticamente enquanto as aspirações do eu desde o começo são dirigidas para o objeto e com isso para a realidade.* Der Grund wesentlich, dass die ersteren ganze Weile autoerotisch befriedigt werden können, während Ichstreben von Anfang auf Objekt und damit auf Realität angewiesen sind. (ibidem).



Freud, em *Formulações sobre os dois princípios ...*, devido à importante característica das neuroses e das psicoses de perder a função da realidade, propõe-se a investigar a relação dos seres humanos com a realidade<sup>65</sup>.

Parte então para o estudo do desenvolvimento ontogenético, apontando os processos inconscientes (que determinam a ausência da função da realidade) como os mais antigos e arcaicos.

*Nós, na psicologia baseada na psicanálise, nos habituamos a tomar como ponto de partida os processos anímicos inconscientes, cujas peculiaridades nos são conhecidas através da análise. Nós os sustentamos como os mais antigos, primários, como restos de uma fase de desenvolvimento na qual eles eram o único modo dos processos anímicos. A tendência superior, à qual esses processos primários obedecem, é fácil de reconhecer; ela é designada como o princípio-prazer-desprazer (ou mais abreviado, princípio do prazer). Esses processos aspiram a conseguir prazer; daqueles atos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira (repressão). Nossos sonhos noturnos, nossa tendência quando acordados de nos separar das impressões penosas são restos da dominação desse princípio e provas de seu poder.* (Freud, 1911, *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos*)<sup>66</sup>.

Antes destes processos, no entanto, havia um estado de repouso psíquico; e só depois destes processos, então, o aparelho psíquico começa a representar a realidade. Eles são intermediários entre o repouso psíquico e o princípio da realidade.

*eu supus que o estado de repouso psíquico no início foi perturbado pelas exigências dominadoras das necessidades internas. Nesse caso, o pensado (desejado) foi simplesmente colocado alucinatoriamente, como hoje ainda acontece toda noite com nossos pensamentos do sonho. Apenas a falta da satisfação esperada, a decepção, teve por consequência que esta tentativa de satisfação pelo caminho alucinatório fosse abandonado. Em vez dele, o aparelho psíquico precisou*

---

<sup>65</sup> *Desperta-nos agora a tarefa de investigar a relação do neurótico e do ser humano, em geral, com a realidade, em seu desenvolvimento.* (Freud, *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos*). Es erwächst uns nun die Aufgabe, die Beziehung des Neurotikers und des Menschen überhaupt zur Realität auf ihre Entwicklung zu untersuchen. (Studienausgabe, *Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens*. Band III, p.17).

<sup>66</sup> Wir haben uns in der auf Psychoanalyse begründeten Psychologie gewöhnt, die unbewussten seelischen Vorgänge zum Ausgang zu nehmen, deren Eigentümlichkeiten uns durch die Analyse bekannt worden sind. Wir halten diese für die älteren, primären, für Überreste aus einer Entwicklungsphase, in welcher sie die einzige Art von seelischen Vorgängen waren. Die oberste Tendenz, welcher diese primären Vorgänge gehorchen, ist leicht zu erkennen; sie wird als das Lust-Unlust-Prinzip (oder kürzer als das Lustprinzip) bezeichnet. Diese Vorgänge streben danach Lust zu gewinnen; von solchen Akten, welche Unlust erregen können, zieht sich die psychische Tätigkeit zurück (Verdrängung). Unser nächtliches Träumen, unsere Wachtendenz, uns von peinlichen Eindrücken loszureissen, sind Reste von der Herrschaft dieses Prinzips und Beweise für dessen Mächtigkeit. (Studienausgabe, Band III, p. 18). (Cia Letras p. 110/1) As traduções deste texto são minhas baseadas nas traduções de Paulo César de Souza (Cia das letras).

*se decidir a representar as reais relações do mundo exterior e a aspirar as reais modificações. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade anímica; já não se representava mais o que era agradável, mas sim o que era real, também quando este devesse ser desagradável. Esse estabelecimento do princípio da realidade mostrou-se como um passo difícil. (Freud, id.)<sup>67</sup>.*

O desenvolvimento ontogenético seria então o seguinte: 1º) um estado de repouso original, 2º) uma perturbação deste estado pelas dominadoras exigências das necessidades internas, 3º) o estabelecimento do princípio do prazer, no qual o que foi desejado foi alucinado e, por último, 4º) o estabelecimento do princípio da realidade (perdido, em parte, na neurose). O princípio de realidade é estabelecido a partir de processos que, em outros textos (*Projeto de uma psicologia, Interpretação dos sonhos, O inconsciente*), são considerados secundários. Em *Formulações* Freud descreve o estabelecimento da forma secundária de funcionamento:

*O mais elevado significado da realidade externa elevou também o significado dos órgãos dos sentidos, voltados para o mundo externo, e da consciência a eles ligada, que além das qualidades de prazer e desprazer, as únicas que até então interessavam, aprendeu a compreender também as qualidades sensoriais. Foi estabelecida uma função especial, que tinha de investigar periodicamente o mundo exterior, com isso os dados do mesmo seriam conhecidos antecipadamente quando aparecesse uma necessidade interna inadiável, a atenção. Esta atividade vai ao encontro das impressões dos sentidos, em vez de aguardar seu aparecimento. Provavelmente foi instituído simultaneamente com isso um sistema de notação, o qual teria de depositar o resultado desta atividade periódica da consciência – uma parte do que chamamos memória. (Freud. Id.)<sup>68</sup>*

A atividade de representar o mundo externo exige a inibição dos processos originais, dependentes exclusivamente do prazer e desprazer (que conduz à alucinação).

---

<sup>67</sup> Ich supponiere, dass der psychische Ruhezustand anfänglich durch die gebieterischen Forderungen der inneren Bedürfnisse gestört wurde. In diesem Falle wurde das Gedachte (Gewünschte) einfach halluzinatorisch gesetzt, wie es heute noch allnächtlich mit unseren Traumgedanken geschieht. Erst das Ausbleiben der erwarteten Befriedigung, die Enttäuschung, hatte zur Folge, dass dieser Versuch der Befriedigung auf halluzinatorischem Wege aufgegeben wurde. Anstatt seiner musste sich der psychische Apparat entschliessen, die realen Verhältnisse der Aussenwelt vorzustellen und die reale Veränderung anzustreben. Damit war ein neues Prinzip der seelischen Tätigkeit eingeführt; es wurde nicht mehr vorgestellt, was angenehm, sondern was real war, auch wenn es unangenehm sein sollte. Diese Einsetzung des *Realitätsprinzips* erwies sich als ein folgenschwerer Schritt. (Freud. ibidem)

<sup>68</sup> Die erhöhte Bedeutung der äusseren Realität hob auch die Bedeutung der jener Aussenwelt zugewendeten Sinneorgane und des an sie geknüpften *Bewusstseins*, welches ausser den bisher allein interessanten Lust- und Unlustqualitäten die Sinnesqualitäten auffassen lernte. Es wurde eine besondere Funktion eingerichtet, welche die Aussenwelt periodisch abzusuchen hatte, damit die Daten derselben im vorhinein bekannt wären, wenn sich ein unaufschiebbares inneres Bedürfnis einstellte, die *Aufmerksamkeit*. Diese Tätigkeit geht den Sinnesindrücken entgegen, anstatt ihr Auftreten abzuwarten. Wahrscheinlich wurde gleichzeitig damit ein System von *Merken* eingesetzt, welches die Ergebnisse dieser periodischen Bewusstseinstätigkeit zu deponieren hatte, ein Teil von dem, was wir *Gedächtnis* heissen. (Freud. idem, p. 19)

A atenção exige o investimento de representações colaterais que inibem o processo primário (a alucinação) e possibilitam que o investimento se dirija para percepções próximas mas diferentes dos objetos desiderativos (alucinados). A notação das percepções, independentemente delas proporcionarem diretamente prazer/desprazer, também dependerá do investimento constante de algumas representações que não do objeto desiderativo e hostil. Freud parece oscilar sobre o papel da linguagem nestes investimentos colaterais (cf *Projeto de uma psicologia*). Mas é certo que é necessário um processo inibitório para se constituírem a atenção e a notação de o que é examinado no mundo externo. Esse mecanismo possibilitará também uma mudança do papel da descarga motora: de uma mera eliminação para uma ação.

*A descarga motora, que durante o domínio do princípio do prazer tinha servido para aliviar o aparelho anímico de aumentos de estímulos, e esta tarefa era satisfeita por meio de inervações enviadas para o interior do corpo (mímica, expressão de afeto), recebeu agora uma nova função, na medida em que foi utilizada para a alteração adequada da realidade. Ela se transformou em ação.*

*A demora tornada necessária da descarga motora (da ação) foi desempenhada pelo processo de pensamento que se formou do representar. O pensar foi equipado com características que possibilitaram ao aparelho anímico o suportar da elevada tensão dos estímulos durante o adiamento da descarga. É em essência uma ação experimental com deslocamento de menores quantidades de investimento, sob mínimos gastos (descarga) dos mesmos. Para isso foi necessário uma passagem dos investimentos livremente deslocáveis em ligados, o que foi alcançado por meio de uma elevação do nível de todo processo de investimento. O pensar foi provavelmente na origem inconsciente, na medida em que se elevou sobre o mero representar e se voltou para as relações das impressões de objeto, e recebeu, além disso, qualidades perceptíveis pela consciência apenas através da ligação com restos de palavra. (Freud. Id.)<sup>69</sup>*

---

<sup>69</sup> Die motorische Abfuhr, die während der Herrschaft des Lustprinzips zur Entlastung des Apparats von Reizzuwächsen gedient hatte und dieser Aufgabe durch ins Innere des Körpers gesandte Innervationen (Mimik, Affektäusserungen) nachkommen war, erhielt jetzt eine neue Funktion, indem sie zur zweckmässigen Veränderung der Realität verwendet wurde. Sie wandelte sich zum *Handeln*.

Die notwendig gewordene Aufhaltung der motorischen Abfuhr (des Handelns) wurde durch den *Denkprozess* besorgt, welcher sich aus dem Vorstellen herausbildete. Das Denken wurde mit Eigenschaften ausgestattet, welche dem seelischen Apparat das Ertragen der erhöhten Reizspannung während des Aufschubs der Abfuhr ermöglichten. Es ist im wesentlichen ein Probehandeln mit Verschiebung Kleinerer Besetzungsquantitäten, unter geringer Verausgabung (Abfuhr) derselben. Dazu war eine Überführung der frei verschiebbaren Besetzungen in gebundene erforderlich, und eine solche wurde mittels einer Niveauerhöhung des ganzen Besetzungsvorganges erreicht. Das Denken war wahrscheinlich ursprünglich unbewusst, insoweit es sich über das blosser Vorstellen erhob und sich den Relationen der Objekteindrücke zuwendete, und erhielt weitere für das Bewusstsein wahrnehmbare Qualitäten erst durch die Bindung an die Wortreste." (Freud. idem, p. 20).

O princípio da realidade, portanto, conta com a constituição da linguagem, do pensamento e da ação que transforma a realidade.

Temos então três fases que, veremos, serão repetidas na história filogenética: 1) o surgimento de imperiosas exigências das necessidades internas, 2) constituição do processo primário, dominado pelo princípio do prazer, que resulta na alucinação do desejado e 3) constituição do processo secundário: da linguagem, do pensamento e da ação que transforma a realidade.

Qual a diferença entre o desenvolvimento das aspirações do eu e das sexuais? As primeiras, devido à ausência de satisfação, à decepção, logo passam do domínio do princípio do prazer, para o domínio do princípio da realidade. As segundas, no entanto, demoram-se mais sob o domínio do princípio do prazer:

*Enquanto, porém, ocorre esse desenvolvimento [o desligamento do princípio do prazer pelo princípio da realidade com as consequências psíquicas provindas dele] nos impulsos do Eu, os impulsos sexuais se desligam deles de modo mais significativo. Os impulsos sexuais se comportam a princípio autoeroticamente; eles encontram sua satisfação no próprio corpo e por isso não chegam à situação de frustração que forçou o estabelecimento do princípio de realidade. Quando então mais tarde começa neles o processo de encontrar o objeto, ele logo experimenta uma longa interrupção através do período de latência, que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois momentos – autoerotismo e período de latência – têm por consequência que o impulso sexual é detido em sua formação psíquica e permanece muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer, ao qual ele, em muitas pessoas, em geral, não consegue jamais se retirar.*

*Devido a essas condições, se produz uma relação mais estreita entre o impulso sexual e a fantasia, por um lado, os impulsos do eu e a atividade da consciência, por outro. (Freud. Id.)<sup>70</sup>*

---

<sup>70</sup> Während aber diese Entwicklung [die Ablösung des Lustprinzips durch das Realitätsprinzip mit den aus ihr hervorgehenden psychischen Folgen] an den Ichtrieben vor sich geht, lösen sich die Sexualtriebe in sehr bedeutsamer Weise von ihnen ab. Die Sexualtriebe benehmen sich zunächst autoerotisch, sie finden ihre Befriedigung am eigenen Leib und gelangen daher nicht in die Situation der Versagung, welche die Einsetzung des Realitätsprinzips erzwungen hat. Wenn dann später bei ihnen der Prozess der Objektfindung beginnt, erfährt er alsbald eine lange Unterbrechung durch die Latenzzeit, welche die Sexualentwicklung bis zur Pubertät verzögert. Diese beiden Momente - Autoerotismus und Latenzperiode - haben zur Folge, dass der Sexualtrieb in seiner psychischen Ausbildung aufgehalten wird und weit länger unter der Herrschaft des Lustprinzips verbleibt, welcher er sich bei vielen Personen überhaupt niemals zu entziehen vermag.

Infolge dieser Verhältnisse stellt sich eine nähere Beziehung her zwischen dem Sexualtrieb und der Phantasie einerseits, den Ichtrieben und den Bewusstseinstätigkeiten andererseits. (Id, p. 21)

Freud resume os desenvolvimentos do eu e dos impulsos sexuais e relaciona-os com as disposições das neuroses, aludindo a possíveis descompassos, ou melhor, oposições entre um e outro:

*Enquanto o eu passa pelas transformações, do eu-prazer em eu-real, os impulsos sexuais experimentam aquelas mudanças que os conduzem do autoerotismo inicial, através de diversas fases intermediárias, até o amor objetal a serviço da função procriativa. Se for correto que cada etapa desses dois cursos de desenvolvimento pode se tornar o lugar de uma disposição para a posterior doença neurótica, é de se supor que a decisão sobre a forma da doença posterior (a escolha da neurose) dependa de em qual fase do desenvolvimento do eu e da libido a inibição do desenvolvimento disposicional aconteceu. O caráter temporal ainda não estudado de ambos os desenvolvimentos, seus possíveis deslocamentos [temporais] um contra o outro, adquirem assim um significado inesperado. (Freud. Id.)<sup>71</sup>.*

Na história filogenética encontraremos também uma alusão a uma oposição (um contra o outro) entre o desenvolvimento do eu (do eu-prazer para o eu-realidade) e o desenvolvimento sexual (do autoerotismo à escolha objetal com função procriativa). Encontraremos, na história filogenética, uma oposição nos sentidos dos desenvolvimentos, quer dizer, evolução, em um caso, e regressão, no outro.

Depois de citar *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos*, em *Visão geral das neuroses de transferência*, Freud cita os *Três ensaios para a teoria sexual*, nos quais considera ter apreendido em grandes linhas o desenvolvimento da vida sexual humana<sup>72</sup>.

Passemos agora para a análise do desenvolvimento sexual.

---

<sup>71</sup> Während das Ich die Umwandlung vom *Lust-Ich* zum *Real-Ich* durchmacht, erfahren die Sexualtriebe jene Veränderungen, die sie vom anfänglichen Autoerotismus durch verschiedene Zwischenphasen zur Objektliebe im Dienste der Fortpflanzungsfunktion führen. Wenn es richtig ist, dass jede Stufe dieser beiden Entwicklungsgänge zum Sitz einer Disposition für spätere neurotische Erkrankung werden kann, liegt es nahe, die Entscheidung über die Form der späteren Erkrankung (die *Neurosenwahl*) davon abhängig zu machen, in welcher Phase der Ich- und Libidoentwicklung die disponierende Entwicklungshemmung eingetroffen ist. Die noch nicht studierten zeitlichen Charaktere der beiden Entwicklungen, deren mögliche Verschiebung gegeneinander, kommen so zu unvermuteter Bedeutung. (Freud, 1911, id, p. 23)

Paulo César de Souza traduz *deren mögliche Verschiebung gegeneinander* por: o possível retardamento de um em relação ao outro, e justifica que *Verschiebung* pode designar um deslocamento temporal, um adiamento. O deslocamento parece-nos sim temporal, mas quisemos com nossa tradução enfatizar a oposição (temporal) que o termo *gegeneinander* alude, oposição entre os dois processos, (entre o desenvolvimento do eu e da libido), que analisaremos na história filogenética.

<sup>72</sup> Welches die Entwicklung des menschlichen Sexuallebens, glauben wir in grössen Zügen gelernt zu haben (*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*). (Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 71. Fischer).

### **Três ensaios para a teoria sexual**

Nos *Três ensaios para a teoria sexual*<sup>73</sup> Freud formulou seu conceito de sexualidade humana: um impulso que não é determinado por um objeto específico, pelo outro sexo; nem por uma meta específica, pela função procriativa. A sexualidade humana expande-se por diversas zonas erógenas, cada uma tendendo a seu modo a eliminar o impulso, e para os impulsos parciais, ligados a genitalidade: de ver/ser visto e de dominar/ser dominado (sadismo/masiquismo). A sexualidade humana é caracterizada, portanto, por sua enorme plasticidade no que diz respeito aos seus objetos, os quais auxiliam a satisfação, pela capacidade de modificação das metas, substituindo a meta de um impulso pela meta de outro, e pela modificação das zonas erógenas, substituindo a excitação de uma pela de outra. Apesar das mais diversas fontes, das quais surge o estímulo sexual (vivências de satisfação, manipulação própria ou externa das zonas erógenas, impulsos parciais e outras formas de excitação psíquica) parece haver sempre (inclusive nas perversões) uma confluência da excitação e satisfação de todas as zonas erógenas e de todos os impulsos para a excitação e eliminação da excitação (satisfação) genital (masturbatória). Embora os impulsos possam propiciar prazer sexual independentemente da vinculação com a excitação e satisfação genital, como no exemplo típico do chupar, parece que eles conduzem sempre, na medida em que intensificam sua excitação ou intensificam o prazer da eliminação da satisfação, à excitação genital.

O autoerotismo implica em uma forma de satisfação que utiliza parte do próprio corpo para a eliminação do estímulo ou, melhor, uma ação muscular que pressiona uma parte do corpo sobre outra para conduzir a eliminação, mas também implica em uma forma de estimulação: a ação muscular conduz à estimulação de novas zonas erógenas,

---

<sup>73</sup> Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905). Studienausgabe, Band V.

novas excitações. O organismo inicialmente se autoestimula pelas ações musculares e por meio da memória (repetição de um estímulo e de sua satisfação) <sup>74</sup>.

A sexualidade infantil, quer dizer, a sexualidade autoerótica se submete, por um processo determinado biologicamente, a forças reativas que a transformam em seu oposto. Estas forças são fundamentais para o processo civilizatório, para a possibilidade da sublimação. São elas: a repugnância, a vergonha, a compaixão e a dor. Quando bem sucedidas estas forças inibem a sexualidade transformando suas metas (em metas dessexualizadas) e posteriormente são parcialmente superadas para que seja possível o ato sexual que serve a função procriativa (a manifestação do efetivo Geschlechtstrieb). Também são reprimidas, como as metas sexuais infantis, as escolhas objetivas realizadas na infância. O objeto prioritariamente escolhido, geralmente a mãe, ou quem cuida da criança, sofre a proibição do incesto, e a satisfação genital ligada ao objeto incestuoso passa a acontecer prioritariamente na fantasia. Processo que adia a satisfação (que, caso contrário, ocorreria por meio da cópula) e amplia a utilização da excitação sexual em processos culturais e não sexuais.

Na vida adulta, então, a sexualidade infantil, que fora inibida, deve retornar conduzindo a um novo objeto com o qual se possa realizar o coito, cumprindo assim a função procriativa. É verdade que os múltiplos usos da sexualidade infantil nem sempre possibilitam tal destino e quando o possibilitam, o impulso sexual, longe de apenas cumprir sua função procriativa, traz consigo toda sua história (sua fonte, sua autoestimulação, seus deslocamentos, substituições e repressões).

O terceiro texto apontado por Freud em *Visão geral das neuroses de transferência*, no que se refere ao desenvolvimento ontogenético, é o texto de Ferenczi de 1913: *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* <sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> Estudaremos mais atentamente os *Três ensaios para a teoria sexual* quando analisarmos a segunda fase filogenética dos tempos glaciais, no terceiro capítulo.

<sup>75</sup> FERENCZI, Sandor. (1913) *O desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios*. Obras Completas, vol I, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

*O desenvolvimento do eu humano, isto é, das funções de auto conservação e das formações derivadas delas, é mais difícil de enxergar. Eu conheço apenas uma única tentativa de Ferenczi, de utilizar a experiência  $\Psi\alpha$  para este objetivo. (Freud, Visão geral das neuroses de transferência) <sup>76</sup>.*

Acompanhemos o texto de Ferenczi.

### **O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios**

Nesse texto, está a preciosa indicação de Ferenczi de que o grande estímulo para a repressão individual teria relação *"com a última e mais importante das catástrofes que se abateram sobre nossos ancestrais (numa época em que certamente já existiam seres humanos na terra), com a calamidade da era glacial que repetimos ainda fielmente em nossa vida individual."* (Ferenczi, O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios.) <sup>77</sup>.

Indicação que faz Freud atribuir a Ferenczi os direitos autorais de sua história hipotética dos tempos glaciais <sup>78</sup>. Mas a indicação de Ferenczi é uma pequena observação no final do texto. O conteúdo do texto de Ferenczi versa sobre o desenvolvimento do indivíduo, sobre a ontogênese e não sobre a filogênese. Ferenczi se propõe a esclarecer as etapas de desenvolvimento intermediárias entre o domínio do princípio do prazer e o domínio do princípio da realidade. É interessante que Ferenczi relaciona a alucinação inicial com a onipotência dos gestos, podemos dizer, nos termos dos *Três ensaios...*, com as ações musculares. Assim, com esse texto podemos relacionar o desenvolvimento do eu

---

<sup>76</sup> "Die des menschlichen Ichs, d.h. der Selbsterhaltungsfunktionen und der von ihnen abgeleiteten Bildungen, ist schwieriger zu durchschauen. Ich kenne nur den einzigen Versuch von Ferenczi, der  $\Psi\alpha$  Erfahrungen zu diesem Zwecke verwertet." (Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 71. Fischer)

<sup>77</sup> Ferenczi, S. (1913) Obras completas, vol I. São Paulo: Martins Francisco. 1991.

<sup>78</sup> "Ferenczi então no trabalho já citado, rico de pensamentos, expressou a ideia de que o desenvolvimento ulterior deste homem primitivo é realizado sob a influência dos destinos geológicos da terra e que especialmente a necessidade dos tempos glaciais trouxe o estímulo para o desenvolvimento cultural." (Visão geral das neuroses de transferência). "Ferenczi hat dann in der bereits erwähnten gedankenreichen Arbeit die Idee ausgesprochen, dass die weitere Entwicklung dieses Urmenschen unter dem Einfluss der geologischen Erdschicksale erfolgt ist und dass insbesondere die Not der Eiszeiten ihm die Anregung zur Kulturentwicklung gebracht hat." (Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 73. Fischer).

Freud termina a carta que enviou a Ferenczi em 12 de julho de 1915 (que iniciamos nosso trabalho, cf p. 3), na qual resume as fases da história filogenética declarando: "Seu direito autoral no acima exposto é evidente". "Ihr Urheberrecht an dem Obigen ist evident". (Sigmund Freud/Sándor Ferenczi. Briefwechsel. Band II/1, p. 129).



descrito em *Formulações ...* (do eu-prazer ao eu realidade), com o desenvolvimento da sexualidade, descrito nos *Três ensaios ...* (do autoerotismo à escolha objetal). Acompanhemos, então, as fases de desenvolvimento supostas por Ferenczi.

Inicialmente, ainda no ventre materno, o feto encontra-se no período da onipotência incondicional.

*Nesse estágio o ser humano vive como um parasita do corpo materno. Para o ser nascente mal existe 'um mundo externo'; todos os seus desejos de proteção, calor e de alimento estão assegurados pela mãe. Ele não precisa sequer fazer qualquer esforço para apoderar-se dos nutrientes e do oxigênio que lhe são necessários, já que mecanismos apropriados se encarregam de fazer chegar estas substâncias diretamente aos seus vasos sanguíneos. ... Pois, o que é a onipotência? É a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o que lhe é necessário à satisfação de seus impulsos, portanto nada tem a desejar, é desprovido de necessidades. (Ferenczi, 1913, O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. 1991, p. 42).*

O segundo período é da onipotência alucinatória mágica. Corresponde ao período que, em Freud, predomina o princípio do prazer e sua expressão nos mecanismos da alucinação e da repressão (chamada por Ferenczi de alucinação negativa):

*No começo do seu desenvolvimento, a criança recém-nascida tenta chegar ao estado de satisfação somente através da violência de desejo (representação), negligenciando (reprimindo) simplesmente a realidade insatisfatória para supor presente a satisfação desejada mas ausente; pretende pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações positivas e negativas. (Ferenczi, id, p. 39).*

Por que o recém nascido reage assim? Segundo Ferenczi, porque há uma má adaptação em suas reações à nova situação. Se do ponto de vista do aparelho respiratório, o indivíduo está apto a se adaptar à nova situação, o mesmo não ocorre no que diz respeito às outras necessidades.

*Imediatamente após o 'parto', ele começa a respirar para suprir a ausência de abastecimento de oxigênio em consequência da ligadura das artérias umbilicais, a posse de um aparelho respiratório pré-formado desde a vida intrauterina permite-lhe remediar de imediato e ativamente a privação de oxigênio. Entretanto quando observamos os outros comportamentos do recém-nascido, temos a impressão de que ele não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude*

*isenta de desejos de que desfrutava no seio materno, e até mesmo que deseja, com todas as suas forças reencontrar-se nesta situação.*

*... podemos supor que a primeira consequência desta perturbação foi o reinvestimento alucinatório do estado de satisfação perdido: a ausência tranquila no calor e na placidez do corpo materno. Por conseguinte, o primeiro desejo da criança não pode ser outro senão o de se reencontrar nessa situação. (Ferenczi id. p. 43).*

O mecanismo da alucinação se mantém, no entanto, porque ele coincide com o restabelecimento de uma situação similar à intrauterina. A alucinação depende, como Freud também já havia afirmado, dos cuidados maternos<sup>79</sup>. Ferenczi mostra que as pessoas que cuidam da criança

*colocam-na em situações que se aproximam o máximo possível da situação intrauterina, ... [têm] o objetivo manifesto de lhe dar a ilusão da cálida proteção materna, protegem ... dos estímulos ..., a fim de permitir-lhe continuar desfrutando da ausência de excitações próprias do estado fetal, ou reproduzem estimulações suaves e monótonas de que a criança não está isenta nem mesmo no útero, ... embalam-na e cantam-lhe cantigas de ninar, de ritmo monótono. (Ferenczi, id., p. 43).*

A criança não tem noção da existência e da atividade das pessoas que cuidam dela, o que a leva a crença de possuir uma força mágica.

*Logo, do ponto de vista 'subjetivo' da criança, a 'onipotência' incondicional de que desfrutava até então só se modificou na medida em que deve investir o que deseja de modo alucinatório (representar) mas sem ter de modificar mais nada no mundo externo a fim de obter efetivamente a plena realização de seus desejos. Não tendo, por certo, nenhuma noção de encadeamento real de causas e efeitos, nem da existência e atividade das pessoas que cuidam dela, a criança é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, que é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação. (Ferenczi, id., p. 44).*

---

<sup>79</sup> Assim Freud escreve em uma nota de rodapé em *Formulações ...*: "Com razão se objetará que uma tal organização, que se abandona ao princípio do prazer e negligencia a realidade do mundo externo, não poderia se manter viva o mais curto tempo, assim que ela nem poderia começar. O emprego de uma ficção desse tipo se justifica, porém, pela observação de que o lactente quase realiza um tal sistema psíquico, apenas quando se acrescenta o cuidado materno". "Es wird mit Recht eingewendet werden, dass eine solche Organisation, die dem Lustprinzip frönt und die Realität der Aussenwelt vernachlässigt, sich nicht die kürzeste Zeit am Leben erhalten könnte, so dass sie überhaupt nicht hätte entstehen können. Die Verwendung einer derartigen Fiktion rechtfertigt sich aber durch die Bemerkung, dass der Säugling, wenn man nur die Mutterpflege hinzunimmt, ein solches psychisches System nahezu realisiert." (Freud Studienausgabe, Band III, p. 18/9).

O terceiro período é o da onipotência com a ajuda de gestos mágicos. Este período é particularmente importante para nós, na medida em que equivale, na patologia, aos processos somáticos da conversão histérica. As crises históricas representam, com a ajuda de gestos, a realização de desejos reprimidos. Os gestos servem também para violar a ordem natural do universo, para, por exemplo, proteger do mau-olhado. Como Ferenczi justifica este período? A ausência da satisfação esperada (quer dizer, a não coincidência da alucinação com a modificação externa que elimina as perturbações) exige mecanismos mais eficientes que a mera alucinação. Como os gestos (as ações musculares) podem ser compreendidos pela pessoa que cuida, serão especialmente valorizados. Assim:

*Como o desejo de satisfações dos impulsos surge periodicamente sem que o mundo externo tenha conhecimento do instante em que o impulso se manifesta, a representação alucinatória da realização do desejo não bastará em breve para acarretar efetivamente a realização do desejo. Essa realização está vinculada a uma nova condição: a criança deve produzir certos sinais, por conseguinte, efetuar um trabalho motor, mesmo inadequado, a fim de que a situação se modifique no sentido de seus desejos e de que 'a identidade de representação' seja seguida pela 'identidade de percepção' satisfatória. (Ferenczi, ibidem)*

O significado destes gestos corresponde ao significado do grito, analisado por Freud no *Projeto de uma Psicologia*. O grito, a descarga motora que surge quando a alucinação não dá conta da eliminação do estímulo, terá um papel fundamental na comunicação com a pessoa que cuida e a partir deste papel assumirá posteriormente outros importantes papéis nas realizações superiores do psiquismo (possibilitados pela linguagem). Trata-se aqui da importância das imagens motoras que conduzirão posteriormente à linguagem verbal, primeiramente comunicativa, depois capaz de representar o mundo. Assim Ferenczi descreve este período:

*O estágio alucinatório já se caracterizava pelo aparecimento de descargas motoras descoordenadas (gritos, agitação), no momento em que surgiam afetos de desprazer. A criança utiliza agora essas descargas como sinais mágicos, cuja emissão realiza prontamente a percepção da satisfação (naturalmente graças a uma ajuda externa, da qual a criança não tem, aliás, a menor suspeita). O que a criança sente subjetivamente no decorrer desses processos assemelha-se, provavelmente, ao que experimenta um verdadeiro mágico que apenas precisa fazer um gesto para provocar a seu bel-prazer, no mundo externo, os mais complexos eventos. (Ferenczi, id., p. 45)*

O que é interessante, na análise de Ferenczi, é que as descargas motoras não se limitam ao grito (e as imagens motoras de sons), mas àquelas ações que são consideradas autoeróticas em os *Três ensaios*, de Freud.

*Em breve essas manifestações por descarga não bastam mais para provocar o estado de satisfação. Os desejos, que assumem formas cada vez mais específicas à proporção do desenvolvimento, exigem sinais especializados correspondentes. Tais são eles, em primeiro lugar: a imitação com a boca dos movimentos de sucção quando o bebê deseja ser alimentado, e as manifestações características, com a ajuda da voz e de contrações abdominais, quando deseja ser trocado. A criança também aprende progressivamente a estender a mão para os objetos que cobiça. Resulta daí uma verdadeira linguagem gestual: por uma combinação apropriada de gestos, torna-se capaz de exprimir necessidades muito específicas, as quais na grande maioria das vezes, serão efetivamente satisfeitas; de modo que a criança – desde que respeite a condição que consiste em exprimir o desejo mediante gestos correspondentes – pode continuar a crer-se onipotente. (Ferenczi. ibidem)*

O movimento de sucção, portanto, ganha importância devido à informação que transmite a seus cuidadores a respeito das necessidades internas. Para criança, no entanto, a importância deste movimento não está na aproximação do adulto (o que, se estivesse, conferiria um significado social ao erotismo oral), mas na sua característica mágica, quer dizer, na sua capacidade de satisfazer o impulso magicamente, sem depender de ninguém. Se a importância do erotismo oral, nos *Três ensaios*, parece estar na relação do sugar com a recordação da vivência de prazer (portanto, no processo de alucinação)<sup>80</sup>, Ferenczi, propondo a fase do gesto mágico, de certa forma, assinala a independência do prazer do sugar, do processo alucinatório. O sugar torna-se prazeroso em si mesmo, pois realiza atos mágicos. É tão satisfatório como a alucinação (o investimento intenso de uma recordação) e pode acompanhá-la ou se tornar independente dela. Nos *Três ensaios*, apesar de Freud não formular a independência do sugar da repetição da vivência de prazer (e, portanto, da alucinação), suas vicissitudes mostram essa independência: por exemplo, o prazer do sugar desloca-se para o de puxar a orelha, manipular os próprios seios e manipular os genitais.

---

<sup>80</sup> Voltaremos a esse tema no terceiro e quarto capítulo.

No *Projeto de uma psicologia*, Freud também atribui uma grande importância às imagens de movimento para todo o desenvolvimento posterior do aparelho psíquico. Apesar das imagens de movimento a princípio terem sua importância devido a sua capacidade de modificar o mundo, elas serão investidas independentemente de modificá-lo e esse investimento propicia que, posteriormente, representem o mundo. Há, portanto, no investimento das imagens de movimento, uma certa independência de sua eficácia, de sua capacidade de transformar o mundo externo.

Ilustrando a importância das imagens motoras, Freud, no *Projeto*, oferece outro exemplo que não o grito, talvez justamente para mostrar a importância de uma imagem motora que não se deve unicamente à comunicação. Seu exemplo é do movimento do bebê de virar o pescoço para que o seio visto de lado se torne um seio frontal (com o mamilo exposto). Como as ações motoras são eficientes para transformar o objeto percebido no desejado, elas são pré-investidas, e posteriormente, se tornam metas das imagens percebidas, quer dizer, se constituem complexos "P (percepção) – Imagem de movimento", sem conduzir diretamente a imagem desiderativa. Como o pré-investimento do complexo "P – imagem motora" se torna independente da imagem desiderativa? Freud não explica, só ressalta a importância das imagens motoras para a posterior representação do mundo. Podemos supor, inclusive, que muito das formulações da sexualidade infantil, perversa e autoerótica, deve-se à necessidade de supor movimentos (ações motoras) que tem sua importância independente da sua capacidade de transformar o mundo, são importantes apenas porque proporcionam prazer <sup>81</sup>.

No texto de Ferenczi, é explicitada a importância destas ações motoras (destes gestos), elas ainda não servem para alterar o mundo (como servirão quando constituídos os processos secundários, e portanto, não são consideradas comunicativas), mas também são, de certa forma, independentes dos objetos desiderativos (alucinados).

---

<sup>81</sup> No exemplo acima, é como se fosse necessário que o movimento do pescoço proporcionasse prazer em si, para ser uma meta da percepção do seio lateral, independente do seio frontal desejado. Só assim o seio lateral poderia ser efetivamente representado no aparelho psíquico, já que ele não é nem objeto desiderativo nem objeto hostil. Se seguirmos o raciocínio de Ferenczi, é como se o movimento do pescoço ganhasse importância não tanto porque transforma o seio lateral em frontal, mas porque assinala ao cuidador que o bebê busca o seio, e este então lhe é oferecido. Muda a realidade mas não devido a sua ação efetiva e sim à ação do outro que é desconhecida do bebê, e que por isso sua ação lhe parece mágica. Podemos dizer que este movimento é eficiente pois realiza uma comunicação, mas do ponto de vista do bebê, e é este que nos interessa, não é uma comunicação e sim um ato mágico.

Chamamos, então, a atenção para a necessidade dos dois autores (Freud e Ferenczi) de supor investimentos de imagens de movimento que possibilitam o posterior surgimento das representações do mundo, em última instância, possibilitam o surgimento dos signos linguísticos em sua função representativa (e não comunicativa). São na verdade ações motoras que inibidas se tornarão imagens motoras capazes de representar o mundo (representação necessária, antes da efetiva transformação do mundo), são ações que proporcionam prazer mas, de certa forma, são independentes do processo alucinatório (da memória) e, ainda, ineficientes como ações efetivas que transformam o mundo (seja por meio da comunicação consciente, seja por meio da técnica). Elas proporcionam a passagem dos processos primários para a linguagem verbal e para os processos secundários.

Os gestos mágicos têm então uma grande importância para o sujeito (são dotados de super poderes), pois transformam a realidade sem ter de agir sobre ela.

No quarto período do desenvolvimento proposto por Ferenczi fica claro o papel dos gestos onipotentes. É necessário registrar a semelhança entre este texto de Ferenczi e as ideias de Freud desenvolvidas no *Projeto de uma Psicologia* (que certamente Ferenczi não leu, mas cujas ideias devia ter familiaridade).

O quarto período é dos pensamentos e palavras mágicas. O interesse voltado ao próprio corpo (às ações musculares) servirá para que a atenção se volte ao mundo externo, para que ele possa ser reconhecido e representado.

*O psiquismo da criança ... confere – no que se refere ao próprio corpo – um interesse inicialmente exclusivo, mais tarde preponderante, pela satisfação de seus impulsos, pelo gozo que lhe propiciam as funções de excreção e atividades como chupar, comer, tocar as zonas erógenas. Nada tem de surpreendente que sua atenção seja atraída, em primeiro lugar, para as coisas e os processos do mundo externo que lhe recordam, em virtude de uma semelhança mesma longínqua, suas experiências mais caras. (Ferenczi, id. p. 47)*

Segundo Ferenczi, um comentário irônico feito à psicanálise define bem as coisas. O comentário é o seguinte: segundo a psicanálise, o inconsciente veria em todo objeto convexo um pênis e em todo objeto côncavo uma vagina ou um ânus. Na verdade,

não se trata apenas de ver um pênis e uma vagina em todas as coisas, mas em reconhecer, representar o mundo a partir do próprio corpo, das próprias ações musculares que propiciam um gozo, independentemente da sua utilidade para a autoconservação.

Por meio dos gestos é possível figurar simbolicamente a diversidade do mundo:

*Assim se estabelecem as relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos relações simbólicas. Neste estágio, a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade, e por outro lado, aprende a figurar por meio do seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Essa aptidão para a figuração simbólica representa um aperfeiçoamento importante da linguagem gestual; ela permite à criança assinalar não só os desejos que envolvem diretamente seu corpo, mas exprimir também desejos que se relacionam com a modificação do mundo externo, doravante reconhecido como tal. (Ferenczi, ibidem)*

No *Projeto*, Freud exemplificou este processo de reconhecer (compreender) o mundo, por meio das próprias atividades (dos próprios movimentos), com a análise da compreensão do ‘próximo’ a partir do movimento de sua mão, movimento similar ao da própria mão:

*Suponhamos que o objeto que a percepção fornece seja semelhante ao sujeito, isto é, um próximo. ... Então, os complexos de percepções, que procedem deste próximo são em parte novos e incomparáveis, suas feições talvez do campo visual, outras percepções visuais, por exemplo; seus movimentos da mão, no entanto, caem no sujeito sobre a recordação das mais próprias impressões visuais, inteiramente semelhantes, a partir do próprio corpo; com as quais as recordações de movimentos vividos por si mesmo colocam-se em associação. ... E, assim, o complexo do próximo se separa em duas partes componentes, das quais uma impressiona pela estrutura constante, permanece junto como coisa, enquanto a outra pode ser compreendida através do trabalho recordativo, isto é, pode ser reconduzida até uma notícia do próprio corpo. (Freud, 1895. Projeto de uma Psicologia)<sup>82</sup>.*

---

<sup>82</sup> Nehmen wir an, das Objekt, welches [die] W[ahrnehmung] liefert, sei dem Subjekt ähnlich, ein *Nebenmensch*. ... Am Nebenmenschen lernt darum der Mensch erkennen. Dann werden die Wahrnehmungskomplexe, die von diesem Nebenmenschen ausgehen, zum Teil neu und unvergleichbar sein, seine *Züge*, etwa auf visuellem Gebiet; andere visuelle W[ahrnehmungen], z.B. die seiner Handbewegungen, aber werden im Subjekt über die Er[innerun] eigener, ganz ähnlicher visueller Eindrücke vom eigenen Körper fallen, mit denen die Er[innerungen] von selbst erlebten Bewegungen in Assoziation stehen. ... Und so sondert sich der Komplex des Nebenmenschen in zwei Bestandteile, von denen der eine durch konstantes Gefüge imponiert, als *Ding* beisammenbleibt, während der andere durch Erinnerungsarbeit *verstanden*, d.h. auf eine Nachricht vom eigenen Körper zurückgeführt werden kann. (Freud, Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 426/7). (baseado na tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 44/5)

Assim, reconhecendo o movimento da mão do outro como semelhante ao movimento das próprias mãos, se é capaz de compreendê-lo, se é capaz de ter uma memória de sua representação, fixando-a.

Dentre as imagens de movimento, dos gestos, que servem para reconhecer (compreender) a diversidade do mundo, a linguagem verbal terá particular importância.

Assim segue Ferenczi:

*Um dos 'meios' físicos utilizados pela criança para figurar seus desejos e os objetos que cobiça adquire então especial importância, sobrepondo-se a todos os outros modos de representação: é a linguagem. Em sua origem a linguagem é a imitação, ou seja, a reprodução vocal de sons e ruídos produzidos pelas coisas ou que se produzem por intermédio delas; a habilidade dos órgãos de fonação permite reproduzir uma diversidade muito maior de objetos e processos do mundo externo, e fazê-lo de um modo mais simples do que pela linguagem gestual. (Ferenczi, id. p. 47/8).*

No *Projeto*, Freud esmiúça um pouco mais este processo. Vejamos como se passa da atenção voltada ao mundo (devido à semelhança com suas próprias atividades) à imitação. Em Freud, como em Ferenczi, a atenção volta-se ao mundo devido à discordância entre a situação desejada (anteriormente alucinada) e a percebida. Uma forma de reconhecer o que é percebido é compará-lo com o que é desejado (o processo primário de pensar). Perceber, no entanto, pode se tornar de certa forma independente da situação desejada (anteriormente alucinada) caso o percebido seja conduzido a uma imagem de movimento (um gesto). Neste caso, o gesto representa a diversidade do mundo (assim por exemplo pode-se compreender o outro a partir do movimento das suas mãos, do seu choro, pode-se também compreendê-lo a partir do seu movimento de sugar, comer, defecar, manipular uma zona erógena). A percepção, no entanto, pode ainda conduzir a movimentos. Assim Freud descreve o processo:

*P [ercepção] corresponde aproximadamente a um núcleo de objeto + imagem de movimento. Enquanto se percebe P[ercepção] imita-se o movimento próprio, isto é, inerva-se a própria imagem de movimento, despertada pelo cair de uma sobre o*



*outra, tão fortemente que o movimento se efetua. Pode-se falar, por isso, de um valor de imitação de uma percepção.* (Freud, 1895. Projeto de uma Psicologia)<sup>83</sup>.

Assim imitamos os movimentos realizados pelo outro, os quais anteriormente já realizamos. Podemos supor ainda que também imitamos movimentos que antes nunca realizamos, quer dizer, que aprendemos novos movimentos quando imitamos e não só reproduzimos movimentos antes já realizados. Mas evidentemente, neste caso, os novos movimentos realizados pelo outro, que são imitados, têm de ser muito próximos aos movimentos antes já realizados. Assim, podemos imitar o som produzido pelas coisas, como as crianças que emitem o som emitido pelos objetos.

Do ponto de vista do funcionamento psíquico, a importância atribuída às imagens de movimento corresponde a um prévio investimento destas imagens, que pré-investidas servem de meta para os deslocamentos dos investimentos; e a sua capacidade de descarga, o que lhe associa com a notícia do prazer. A percepção de uma imagem de movimento nova, por sua vez, pode, devido ao prévio investimento das imagens de movimentos próximas a ela, produzir a imitação deste novo movimento. A emissão sonora, por exemplo, um movimento articulatório de emitir um som, pode ser imitada de alguém que também o emite. E este som, por sua vez remeterá não só a pessoa que o emite, mas também, podemos supor, aos objetos que o acompanham. Este é o caso em que se imita alguém falando e se entende a que se remete, assim como se tende a imitar qualquer som ou ruído produzido pelas coisas e esse som imitado remeterá a coisa que o produziu.

As imagens linguísticas, no *Projeto*, são compostas de imagens de movimento. Assim, por exemplo, Freud descreve o pensar observador que pergunta: o que significa isto? Quer dizer, diante de uma percepção se pergunta o que ela significa.

*Ora, é evidente o propósito do pensar observador, travar conhecimento, no máximo de extensão possível, com os caminhos conduzidos a partir da percepção; para,*

---

<sup>83</sup> W entspricht etwa einem Objektkern + einem Bewegungsbild. Während man W wahrnimmt, ahmt man die Bewegung selbst nach, d.h. innerviert das eigene Bewegungsbild, das auf Aufeinanderfallen geweckt ist, so stark, dass die Bewegung sich vollzieht. Man kann daher von einem *Imitationswert* einer Wahrnehmung sprechen. (Freud. Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 428) (tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 46).

*com isso, ser esgotado o conhecimento do objeto da percepção. ... Ora, pode ocorrer que durante o curso de Q [da quantidade] também seja investido um neurônio motor que, então descarrega Q e fornece um signo de qualidade. (Freud. Id.)*<sup>84</sup>

Deixando de lado a linguagem neurológica e identificando o neurônio motor com uma imagem de movimento, devemos considerar o investimento do neurônio motor como o investimento de uma representação capaz de provocar um movimento, um gesto. Se uma percepção está relacionada com um gesto, assim que ela reaparecer será reconhecida pelo gesto; seja ela um objeto de satisfação (o seio, por exemplo, que ao ser percebido, ativa a imagem de movimento de sugar) ou uma imagem de movimento (o movimento da mão do “próximo”, por exemplo, que ativa a imagem do próprio movimento, do próprio gesto). Continuando a citação:

*Contudo se trata, nesse caso, de receber, de todos os investimentos, estas descargas. Elas não são todas motoras, precisam portanto para esse objetivo, ser colocadas em uma facilitação segura com os neurônios motores.*

*A associação linguística realiza este objetivo. Ela consiste na ligação dos neurônios  $\Psi$  com os neurônios que servem às representações dos sons, e as mesmas têm a associação mais íntima com imagens motoras linguísticas. ... A partir da imagem do som, a excitação chega, em todo o caso, à imagem da palavra e desta à descarga. (Freud. Id)*<sup>85</sup>.

"Imagem da palavra" significa "imagem motora da palavra", como Freud escreve na frase seguinte:

*Se as imagens de recordação forem portanto de tal modo que uma corrente parcial possa ir delas para as imagens de som e para as imagens motoras de palavra, então o investimento da imagem recordativa é acompanhado de notícias de*

---

<sup>84</sup> Nun liegt es offenbar in der Absicht des *beobachtenden Denkens*, die von W aus führenden Wege möglichst weit kennenzulernen; damit ist ja die Kenntnis des W[ahrnehmungsobjektes [zu] erschöpfen. ... Nun kann es geschehen, dass während des Q-Ablaufes auch ein motorisches Neuron besetzt wird, das dann Q $\dot{h}$  abführt und ein Qualitätszeichen liefert. (Freud. Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 454/5) (tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 78/9).

<sup>85</sup> Allein, es handelt sich darum, von allen Besetzungen solche Abführen zu erhalten. Sie sind nicht alle motorisch, müssen also zu diesem Zweck mit motorischen Neuronen in eine sichere Bahnung gebracht werden.

Diese Zweck erfüllt die *Sprachassoziation*. Sie besteht in der Verknüpfung der  $\Psi$  Neurone mit Neuronen, welche den Klangvorstellungen dienen und selbst die engste Assoziation mit motorischen Sprachbildern haben. ... Vom Klangbild gelangt die Erregung jedenfalls zum Wortbild, von diesem zur Abfuhr. (Freud. Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 455/6) (tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 79).

*descarga, cujos signos de qualidade são também, com isso, signos de consciência da recordação.* (Freud. Id.)<sup>86</sup>

As imagens de som, por sua vez, estão associadas às imagens de movimento, devido à tendência à imitação.

*Existem outros objetos que emitem constantemente certos ruídos, portanto, um som desempenha um papel em seu complexo perceptivo. Em virtude da tendência à imitação, que se apresenta no julgar, pode se encontrar para esta imagem de som a notícia de movimento.* (Freud, idem)<sup>87</sup>.

Assim como os sons externos emitidos pelos objetos são imitados e, portanto, reconhecidos, também os sons da linguagem são reconhecidos a partir da própria articulação vocal que os imita. A representação da palavra é então o investimento da imagem motora da palavra (que realiza o movimento para sua emissão) que pode ter um gasto mínimo de quantidade, pode por exemplo corresponder a um movimento imperceptível.

Em última instância, com as palavras, qualquer percepção (não só as que contem sons) ou qualquer processo (por exemplo, de comparação de uma percepção com uma recordação) podem ser atrelados a imagens de movimento (a imagens de articulação vocal), podendo assim ser reconhecidos. Assim como existe a tendência a imitar os movimentos, existe a tendência de imitar o som emitido pelos objetos, e, finalmente, a tendência a imitar as palavras que aparecem juntas aos objetos e que servem para reconhecer os mesmos.

As vocalizações (imagens motoras da palavra), por sua vez, devem ser consideradas atividades sexuais infantis, como os gestos, constituídas a partir de deslocamentos (como do chupar se passa ao manusear, de determinada vocalização se

---

<sup>86</sup> Sind also die Erinnerungsbilder derart, dass ein Teilstrom von ihnen zu den Klangbildern und motorischen Wortbildern gehen kann, so ist die Besetzung der Erinnerungsbilder mit Abfuhrnachrichten begleitet, welche Qualitätszeichen, damit auch Bew[usstseins]zeichen der E[rinnerung] sind. (Freud. Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 456. (tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 79).

<sup>87</sup> Es gibt andere Objekte, die konstant gewisse Laute von sich geben, in deren Wahrnehmungskomplex also ein Klang eine Rolle spielt. Vermöge der beim Urteilen auftretenden *Imitationstendenz* kann man zu diesem Klangbild die Bewegungsnachricht finden. (Freud. Entwurf einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband, p. 457). (tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior, p. 81).

passa a outra). Voltemos então a Ferenczi, ao período dos pensamentos e das palavras mágicos.

*O simbolismo gestual é substituído, portanto, pelo simbolismo verbal: certas seqüências de sons são postas em estreita relação associativa com coisas e processos determinados, e são até progressivamente identificados com eles. ... a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e precisa dos desejos. Ao mesmo tempo, o simbolismo verbal torna possível o pensamento consciente na medida em que, associando-se aos processos de pensamento, em si mesmo inconscientes, confere-lhes qualidades perceptíveis.*

*O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer. (Ferenczi, 1913, O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios, 1991, p. 42).*

Apesar da superioridade dos processos psíquicos acompanhados dos signos linguísticos, com eles ainda não se tem a garantia do fim da onipotência<sup>88</sup>.

*Apesar de tudo, a criança chega ainda a preservar, mesmo neste estágio do seu desenvolvimento, o seu sentimento de onipotência. Com efeito, os desejos que a criança concebe sob a forma de pensamento ainda são tão pouco numerosos e relativamente tão pouco complexos que o meio atento e empenhado no bem-estar da criança consegue facilmente adivinhar a maior parte de seus pensamentos. As mímicas que acompanham em geral o pensamento (sobretudo nas crianças) facilitam muito para os adultos essa espécie de leitura dos pensamentos. E se, além disso, a criança formula seus desejos em palavras, seu dedicado meio apressa-se em realizá-los rapidamente. (Ferenczi, ibidem)*

Podemos dizer que a onipotência dessa fase aponta à independência da existência dos signos linguísticos, assim como apontou à independência dos gestos, do seu efetivo valor para a adaptação à realidade. Na verdade, a imagem motora da palavra não tem originalmente valor adaptativo, justamente, porque se trata apenas de um gesto com menor gasto motor, ela, portanto, compartilha com os gestos (que comparamos ao autoerotismo) sua falta de adaptação, a artificialidade de sua eficácia (já que são os outros que determinam sua eficácia). Neste sentido, podemos supor que falar, imitar a

---

<sup>88</sup> É importante observar que esta fase não corresponde à fase do "pensar observador" do *Projeto* que utilizamos para a análise da imagem motora da linguagem. Ela possibilita o pensar observador, mas este só ocorrerá com eficiência (apesar de sempre passível de erro), com o fim da onipotência, na próxima fase descrita por Ferenczi. Utilizamos a descrição do pensar observador, apenas para mostrar que a imagem linguística, em Freud, se caracteriza como uma imagem de movimento, como o gesto.

fala, reconhecer algo pela palavra e pensar utilizando as palavras são ações prazerosas em si mesmo, assim como são todas as atividades autoeróticas. Mostra disso dão os neuróticos obsessivos, os supersticiosos, mágicos e religiosos.

*É para esse estágio do sentido da realidade que parecem regredir os neuróticos obsessivos, incapazes de se desfazerem do sentimento de onipotência de seus pensamentos ou de suas fórmulas verbais e que, como Freud nos mostrou, colocam o pensamento no lugar da ação. Na superstição, na magia e no culto religioso, a fé no poder irresistível de certas preces e orações, pragas, maldições e fórmulas mágicas – que basta pensar intimamente ou pronunciar em voz alta para que surtam efeito – desempenha um papel considerável. (Ferenczi, id. p.48/9).*

Devemos notar, no entanto, que a ideia de que o pensamento se coloca no lugar da ação é apenas em parte verdadeira. O pensamento se coloca no lugar da ação adaptada, que transforma a realidade a fim de satisfazer às necessidades, ação que, com excessão da função do respirar, exigirá o desenvolvimento do processo secundário e do princípio da realidade, que transforma a realidade percebida na realidade desejada (anteriormente alucinada). Mas o pensar acompanhado de palavras, diferente da alucinação, é em si mesmo uma inervação muscular, um gesto com um menor gasto de quantidade, e, neste sentido, não se coloca no lugar da ação pois é uma ação.

De acordo com Freud, como vimos em *Formulações ...*, a associação com as palavras possibilita a elevação do nível de todo o processo de investimento (podemos dizer, possibilitam um pré-investimento constante). Os investimentos das imagens motoras, correspondentes aos gestos, possibilitam também essa elevação, no entanto, em menor medida e com mais dispêndio de energia. O investimento nas imagens motoras correspondentes aos gestos (às atividades sexuais infantis) que não servem para eliminar adequadamente a estimulação, mas que consistem em um tipo de eliminação, de descarga (proporcionam prazer), servem como imagens de metas pré-investidas, para o reconhecimento dos objetos externos e das relações entre eles. As imagens de palavra pré-investidas, no entanto, farão isso de forma muito mais eficiente e com menos gastos. Elas podem ser pré-investidas, sem despertar o movimento, e quando coincidirem com uma percepção (quando servirem efetivamente de metas), podem produzir um movimento imperceptível (não precisamos emitir sons quando pensamos).

Voltando a Ferenczi, para o efetivo fim da onipotência e para a adaptação à realidade será necessária a objetivação, conseguida por meio da projeção.

*O sentimento de onipotência cede lugar ao pleno reconhecimento do peso das circunstâncias. O sentido de realidade atinge o seu apogeu na ciência onde, em contrapartida, a ilusão de onipotência, dissolve-se em meras condições (condicionalismo, determinismo). ... Reconhecer que nossos desejos e pensamentos estão condicionados, significa o máximo da projeção normal, ou seja, de objetivação. (Ferenczi, id, p. 49).*

A ciência possibilita o reconhecimento da determinação externa não só da satisfação de nossos desejos (no caso da criança a percepção de que sua necessidade foi satisfeita por causa da aproximação do cuidador, e não devido aos poderes de seu desejo) como também da constituição dos próprios desejos (o que significa, atribuir o prazer que se sente com o pensar observador e com os gestos, portanto com a sexualidade, à satisfação da necessidade propiciada pelos outros, propiciada pelo mundo externo)<sup>89</sup>.

Voltemos então ao *XII escrito metapsicológico*. Depois de aludir aos três textos citados aqui (*Formulações...*, *Três ensaios...* e *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*), que remetem ao desenvolvimento ontogenético, Freud afirma que se tem a impressão de que a história do desenvolvimento da libido repete o desenvolvimento das condições dos animais vertebrados e que a história do desenvolvimento do eu depende da história da espécie humana.

A história dos animais vertebrados foi aludida algumas vezes por Freud. No segundo ensaio dos *Três ensaios para a teoria sexual*, no capítulo sobre as fases de desenvolvimento da organização sexual, capítulo inserido em 1915 – no qual Freud versa sobre as fases oral, anal e a escolha objetal infantil –, a respeito da fase sádico-anal, em 1924, Freud insere a seguinte nota: "*Abraham observou que o ânus proveio da boca primitiva do arranjo embrionário, o que parece como um protótipo biológico do*

---

<sup>89</sup> Ferenczi afirma que estes são os estágios de desenvolvimento dos impulsos do eu e que, no que diz respeito aos impulsos sexuais, estes permanecem no período de onipotência incondicional até o abandono dos modos de satisfação autoeróticos. No entanto, não pudemos deixar de relacionar a onipotência propiciada pelos gestos mágicos com a expressão da sexualidade infantil autoerótica, uma vez que os exemplos analisados são: o sugar, o manipular ... exemplos típicos da sexualidade infantil autoerótica.

*desenvolvimento psicosexual.* (Freud, Três ensaios para a teoria sexual)<sup>90</sup>. Trata-se da boca primitiva que migrou para a parte terminal do intestino, como é exposto na Conferência XXXII, de 1932: "*Nos deixemos ser advertidos por Abraham [1924] de que o ânus corresponde embriologicamente à boca primitiva que migrou para baixo, para o final do intestino*"<sup>91</sup>. Na conferência XXII, de 1916, *Pontos de vista do desenvolvimento e regressão – etiologia*, Freud refere-se também à relação, além do ânus, da boca e dos órgãos do movimento com o aparelho genital:

*Do desenvolvimento da libido, eu diria, se vê esta origem filogenética prontamente. Não esqueçam, os senhores, como em uma das classes de animais o aparelho genital é trazido na mais íntima relação com a boca, em outra não se separa do aparelho excretor, ainda em outra está ligado aos órgãos do movimento, coisas que os senhores encontram descritas de forma atraente no valioso livro de W. Bölsche [1911-13]. Vê-se nos animais, por assim dizer, solidificados todos os tipos de perversão da organização sexual.* (Freud. Conferência XXII)<sup>92</sup>.

As relações do aparelho sexual com outros aparelhos que não o genital são exploradas por Ferenczi em *Thalassa*<sup>93</sup>, texto escrito em 1923, mas que resgata as ideias discutidas com Freud durante o período em que foi escrito *Visão geral das neuroses de transferência*. Ideias que certamente influenciaram Freud na suposição da história filogenética. Apresentamos alguns pontos do texto de Ferenczi (voltaremos a ele no capítulo 3).

---

<sup>90</sup> "Abraham macht darauf aufmerksam, dass der After aus dem *Urmund* der embryonalen Anlagen hervorgeht, was wie ein biologisches Vorbild der psychosexuellen Entwicklung erscheint." (Freud. Drei Abhandlung zur Sexualtheorie. Studienausgabe. Band V, p. 104).

<sup>91</sup> "Lassen wir uns darum von Abraham [1924] daran mahnen, dass der Anus embryologisch dem Urmund entspricht, welcher bis zum Darmende herabgewandert ist. (Freud. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. 1933. Studienausgabe. Band I, p. 533)

<sup>92</sup> "Der Libidoentwicklung, möchte ich meinen, sieht man diese *phylogenetische* Herkunft ohne weiteres an. Denken Sie daran, wie bei der einen Tierklasse der Genitalapparat in die innigste Beziehung zum Mund gebracht ist, bei der anderen sich vom Exkretionsapparat nicht sondern lässt, bei noch anderen an die Bewegungsorgane geknüpft ist, Dinge, die Sie in dem wertvollen Buch von W. Bölsch [1911-13] anziehend geschildert finden. Man sieht bei den Tieren sozusagen alle Arten von Perversion zur Sexualorganisation erstarrt." (Freud. Vorlesung zur Einführung in die Psychoanalyse. Studienausgabe, Band I, p. 347.)

<sup>93</sup> FERENCZI, SANDOR (1923) *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Versuch einer Genitaltheorie. Leipzig, Wien, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.

## Thalassa

Podemos supor que a relação dos genitais com a boca remete a um estágio no qual a copulação ou o acasalamento eram realizados por meio da boca, eram uma espécie de devoração do outro. Em Thalassa, Ferenczi escreve que, segundo Freud: "*nas organizações específicas de acasalamento no mundo animal nós podemos ver o protótipo biológico para as formas de manifestações infantis da sexualidade como para as organizações da perversão*" (Ferenczi, 1923, Thalassa, Martins Fontes. p. 68).

Assim, podemos supor que a fase oral da criança corresponde à prática copulativa e de acasalamento de alguns organismos unicelulares que buscavam se devorar, sem, no entanto, aniquilar um ao outro.

*Assim nós lemos na história da natureza que em certos destes seres primitivos, sob condições desfavoráveis, por exemplo, o perigo de seca, surge uma epidemia de copulação e os animálculos começam a se unir sexualmente. Sabemos porém desde o fantástico Bölsche que uma tal união não é propriamente nada diferente que uma forma refinada de devoração mútua. No fim, portanto, a primeira copulação celular pode se realizar de forma semelhante ao que nós representamos como o primeiro acasalamento. Na primeira tentativa de acasalamento do peixe, depois da seca, trata-se de uma tentativa de reencontrar em um corpo animal o local perdido, úmido e rico em nutrientes do mar. Uma semelhante, mas mais arcaica, catástrofe precisou porém também coagir os seres vivos unicelulares a devorar-se mutuamente, onde nenhum dos lutadores conseguiu aniquilar o adversário. Assim pôde então se realizar uma união de compromisso, um tipo de simbiose ... (Ferenczi, 1923, Thalassa, p. 77)*

No que diz respeito à sexualidade anal, o ânus não só corresponde à boca primitiva que migra para o fim do intestino, mas serve também ao acasalamento, nos anfíbios. Assim Ferenczi descreve a função da cloaca (órgão que serve à excreção e a ejaculação) e seu desenvolvimento em órgão genital:

*Certamente [os anfíbios] ainda não tem o órgão propriamente do acasalamento, este começa primeiro nos répteis (lagarto, tartaruga, serpente, crocodilo), mas um tipo de coito per cloacam, um aproximar-se ou introduzir a cloaca masculina na feminina, aparece já na rã. ... Também aqui aparece pela primeira vez a formação das características sexuais visíveis, assim na rã macho aquela formação de*



*calosidade na extremidade dianteira que o habilita ao cerco da fêmea. Um instrumento de perfuração surgido da cloaca, um prolongamento peniano, que ainda é desprovido de canal, é revelado pela primeira vez apenas no lagarto, o primeiro traço de eretividade, como já citado, no crocodilo. No tritão macho já começa a formar uma relação interna entre eliminação uretral e ejaculação, que alcança seu grau mais alto em um mamífero primitivo, o canguru, no qual finalmente a cloaca é dividida em intestino e uretra e o canal comum de descarga do esperma e urina atravessa, como na espécie humana, o prolongamento peniano ereto. (Ferenczi, id., p.66/7).*

Mas além de representar um órgão de acasalamento (que propicia que um corpo, de certa forma, entre dentro de outro), a cloaca caracteriza-se como lugar privilegiado da expressão da tendência da separação daquilo que provoca desprazer, o que parece corresponder à tendência, tão reforçada por Freud, para eliminar, livrar-se da excitação. Rejeitam-se as fezes, a urina, a secreção sexual, assim como também os órgãos que provocam desprazer (como nas auto-castrações). Trata-se do processo, chamado por Ferenczi, de autotomia, que será fundamental também na sexualidade genital:

*Em certos animais, assim nos dizem os zoologistas, encontra-se um singular modo de reação de autotomia, que consiste em que os órgãos irritados ou que dispõem o animal, de algum modo, para o desprazer, com ajuda de ações musculares especiais simplesmente se separam do resto do corpo, isto é, no sentido literal “se deixam cair”. Deve existir por exemplo vermes que são capazes, sob certas circunstâncias, de expulsar do corpo seu intestino completo, outros fragmentam-se no todo em pequenas partes. Em geral é conhecida também a facilidade com que o lagarto deixa para trás sua cauda na mão do perseguidor, para deixá-la certamente logo regenerar-se. Nós sabemos de início que todas as qualidades e quantidades de desprazer, que durante as funções de utilidade todos os órgãos deixaram de lado por realizar, são acumuladas nos genitais e descarregadas neste lugar. Essa descarga, no sentido da tendência à autotomia, não pode ser nada diferente que querer arremessar o órgão tenso. Do ponto de vista do eu, nós já descrevemos a ejaculação como uma tal separação das substâncias que produzem desprazer; uma tendência semelhante nós também podemos supor nos processos de fricção e ereção. Também a ereção é talvez apenas uma tendência de separar, alcançada de forma incompleta, os genitais, carregados de qualidades de desprazer, do resto do corpo. Como no ato da ejaculação nós podemos também aqui supor uma luta entre as tendências do querer separar e querer conservar ... . (Ferenczi, id., p. 36/7)*

Na sexualidade genital, portanto, a tendência a adentrar no corpo do outro se torna a tendência a depositar no interior do corpo do outro a substância sexual da qual se quer se livrar.

Poderíamos, a partir deste desenvolvimento, supor que a história da sexualidade dos animais é reproduzida no desenvolvimento das crianças: fase oral, fase anal e fase genital; o desenvolvimento da sexualidade localizada nas zonas erógenas pré-genitais (oral e anal) para a localizada na zona genital. Mas devemos notar uma diferença: na história dos animais a sexualidade não genital envolve o acasalamento e a cópula. Algo diferente se passa na sexualidade infantil, perversa e autoerótica. Esta não repete propriamente a sexualidade dos animais, pois não envolve nem o acasalamento nem a cópula, caracteriza-se por ser uma regressão a fases mais arcaicas em um organismo cuja sexualidade já é genital. A sexualidade perversa tem um papel diferente que repetir o desenvolvimento dos animais, ela não ocorre nos outros animais vertebrados. Veremos mais atentamente o desenvolvimento ontogenético e filogenético da sexualidade humana, no terceiro capítulo desta tese, quando analisarmos a segunda fase da história filogenética dos tempos glaciais e o surgimento da disposição que corresponde à sexualidade perversa.

De toda forma, não é o desenvolvimento da sexualidade que interessa a Freud na construção de sua hipótese sobre a história da espécie humana, mas o desenvolvimento do eu.

*Tem-se a impressão de que a história do desenvolvimento da libido repete uma parte mais antiga do desenvolvimento [filogenético] que a do eu, a primeira talvez repita relações da estirpe dos animais vertebrados, enquanto a última depende da história dos seres humanos. (Freud, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>94</sup>.*

A história humana, que tem início nos tempos glaciais, e que é narrada em *Visão geral das neuroses de transferência*, portanto, corresponde ao desenvolvimento do eu. É verdade, que esta história, versará também sobre o impulso sexual, e esse será nosso tema no terceiro capítulo, mas do impulso necessário à formação do eu, de um impulso com características bem humanas (flexibilidade, indeterminação) e afastado da função biológica. Freud propõe, na verdade, uma relação inversa entre a história da espécie (e

---

<sup>94</sup> Man bekommt dabei den Eindruck, dass die Entwicklungsgeschichte der Libido ein weit älteres Stück der [phylogenetischen] Entwicklung wiederholt als die des Ichs, erstere vielleicht Verhältnisse des Wirbeltierstammes wiederholt, während letztere von der Geschichte der Menschenart abhängig ist. (Freud, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 71/2)

portanto do desenvolvimento do eu) e o desenvolvimento do impulso sexual. Essa inversão, na direção dos desenvolvimentos, já é apontada por Freud na própria apresentação do conhecimento alcançado por meio do estudo das neuroses, que será utilizado na construção da história filogenética. Vejamos um pouco melhor esta ideia.

O conhecimento alcançado pelo estudo das neuroses será o caminho utilizado por Freud para supor uma história da espécie que coincida com o desenvolvimento do eu. Assim Freud escreve sobre a tarefa de compreender as neuroses e o desenvolvimento do eu: "*Nossa tarefa seria naturalmente muito facilitada se a história do desenvolvimento do eu nos fosse dada de um outro lugar, para compreender as neuroses, em vez de precisarmos proceder agora de forma inversa.*" (Freud, *Visão Geral das Neuroses de Transferência*)<sup>95</sup>.

Apesar de Freud desejar que fosse de outra forma, é a compreensão da neurose que dará a ele subsídios para supor uma história da espécie e, então, para melhor compreender o desenvolvimento do eu na ontogênese. O que, das neuroses, será utilizado para a construção da história da espécie? A ordem cronológica em que surgem as neuroses, nos indivíduos.

Em *A disposição para a neurose obsessiva*<sup>96</sup>, texto de 1913, Freud já havia expressado algumas relações que poderiam ser traçadas com a cronologia do surgimento das neuroses nos indivíduos. Acompanhem as reflexões de Freud nesse texto.

---

<sup>95</sup> Unsere Aufgabe wäre natürlich sehr erleichtert, wenn uns die Entwicklungsgeschichte des Ichs anderswoher gegeben wäre, die Neurosen zu verstehen, anstatt dass wir jetzt umgekehrt verfahren müssen. (Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 71. Fischer)

<sup>96</sup> Freud. Die Disposition zur Zwangsneurose (Ein Beitrag zum Problem der Neurosenwahl). 1913. Studienausgabe, Band VII.

## A disposição para a neurose obsessiva

De forma muito similar a *Visão geral das neuroses de transferência*, em *A disposição para a neurose obsessiva*, Freud expõe a ordem de aparecimento das neuroses:

*A sequência em que as principais formas das psiconeuroses são habitualmente apresentadas – histeria, neurose obsessiva, paranóia, demência praecox – corresponde (ainda que não completamente exata) à ordem temporal em que tais afecções irrompem na vida. As formas históricas de doença podem ser observadas já na primeira infância, a neurose obsessiva manifesta seus primeiros sintomas habitualmente no segundo período da infância (dos seis aos oito anos); e as duas outras psiconeuroses, reunidas por mim como “parafrenia”, se mostram apenas depois da puberdade e maturidade. (Freud, 1913, A disposição para a neurose obsessiva)<sup>97</sup>.*

Esta ordem, por sua vez, corresponde, em um sentido inverso, às fases da libido as quais cada neurose regride. As parafrenias, que surgem mais tarde, regridem às primeiras fase do desenvolvimento da libido.

*Estas afecções, aparecidas por último, [parafrenias] mostraram-se as primeiras acessíveis à nossa investigação das disposições que resultam na escolha da neurose. As características comuns a ambas, a mania de grandeza, o distanciamento do mundo dos objetos e a dificuldade de transferência forçaram-nos à conclusão de que sua fixação, que as dispõe, deve ser buscada num estágio de desenvolvimento da libido anterior ao estabelecimento da escolha de objeto, portanto, na fase do autoerotismo e do narcisismo. Essas formas de doença, que apareceram tão tarde, remontam, portanto, a inibições e fixações bem precoces. (Freud. 1913. Id.)<sup>98</sup>.*

---

<sup>97</sup> A ideia de que as psicoses só surgem na maturidade é uma ideia refutada pela psicanálise atual. De qualquer forma, o inusitado desta ideia só fortalece nossa concepção de que a importância desta relação inversa entre a série em que as neuroses aparecem e a série do desenvolvimento da libido está em supor uma oposição de séries evolutivas.

Die Reihenfolge, in welcher die Hauptformen der Psychoneurosen gewöhnlich aufgeführt werden - Hysterie, Zwangsneurose, Paranoia, Dementia praecox -, entspricht (wenn auch nicht völlig genau) der Zeitfolge, in der diese Affektionen im Leben hervorbrechen. Die hysterischen Krankheitsformen können schon in der ersten Kindheit beobachtet werden, die Zwangsneurose offenbart ihre ersten Symptome gewöhnlich in der zweiten Periode der Kindheit (von sechs bis acht Jahren an); die beiden anderen, von mir als Paraphrenie zusammengefassten Psychoneurosen zeigen sich erst nach der Pubertät und im Alter der Reife. Freud. Die Disposition zur Zwangsneurose (Ein Beitrag zum Problem der Neurosenwahl). 1913. Studienausgabe, Band VII, p. 110. (tradução minha baseada na tradução de Paulo César de Souza, p. 326).

<sup>98</sup> Diese zuletzt auftretenden Affektionen haben sich nun unserer Forschung nach den in die Neurosenwahl auslaufenden Dispositionen zuerst zugänglich erwiesen. Die ihnen beiden eigentümlichen Charaktere des Größenwahns, der Abwendung von der Welt der Objekte und der Erschwerung der Übertragung haben uns zum Schlusse genötigt, dass deren disponierende Fixierung in einem Stadium der Libidoentwicklung vor der Herstellung der Objektwahl, also in der Phase des Autoerotismus und des Narzissmus zu suchen ist. Diese so spät auftretenden Erkrankungsformen gehen also auf sehr frühzeitige Hemmungen und Fixierungen zurück. (Freud, Stud. ibidem)

Foram, inclusive, as parafrenias que levaram Freud a supor o estágio do narcisismo (declaração, citada abaixo, que depois será repetida pelo autor em *Introdução ao narcisismo* (1914) e no caso Schreber):

*Eu primeiramente diferenciei apenas a fase do autoerotismo, na qual os impulsos parciais isolados, cada um por si, buscam sua satisfação de prazer no próprio corpo, e depois a reunião de todos os impulsos parciais para a escolha do objeto sob o primado dos genitais a serviço da procriação. A análise da parafrenia, como sabemos, forçou-nos a intercalar, entre ambas, o estágio do narcisismo, no qual a escolha objetal já aconteceu, mas o objeto ainda coincide com o próprio eu. (Freud, 1913, id.)<sup>99</sup>.*

A análise da neurose obsessiva, por sua vez, leva também Freud a introduzir um novo estágio no desenvolvimento da libido: a organização sádico-anal.

*Agora reconhecemos a necessidade de admitir um outro estágio antes da formação final, no qual os impulsos parciais estão reunidos para a escolha objetal, o objeto já confronta-se com a própria pessoa como um outro, mas o primado das zonas genitais ainda não foi estabelecido. Os impulsos parciais, os quais dominam essa organização pré-genital da vida sexual, são antes os eróticos-anais e os sádicos. (Freud, id.)<sup>100</sup>.*

Por último, Freud afirma que a histeria regride à organização genital infantil, aquilo que chamará posteriormente de fase fálica:

*uma outra regressão para um nível mais precoce também acontece na histeria. A sexualidade da criança do sexo feminino coloca-se, como nós sabemos, sob o domínio de um órgão condutor masculino (o clitóris) e comporta-se frequentemente como o do menino. ... É muito comum que na neurose histérica das mulheres se realize uma reativação dessa sexualidade masculina reprimida (Freud, id.)<sup>101</sup>.*

---

<sup>99</sup> Ich hatte zuerst nur unterschieden die Phase des Autoerotismus, in welcher die einzelnen Partialtriebe, jeder für sich, ihre Lustbefriedigung am eigenen Leibe suchen, und dann die Zusammenfassung aller Partialtriebe zur Objektwahl unter dem Primat der Genitalien im Dienste der Fortpflanzung. Die Analyse der Paraphrenien hat uns, wie bekannt, genötigt, dazwischen ein Stadium des Narzissmus einzuschieben, in dem die Objektwahl bereits erfolgt ist, aber das Objekt noch mit dem eigenen Ich zusammenfällt. (Stud. id., p.112/3). (tradução Paulo César de Souza, p 329/30)

<sup>100</sup> Und nun sehen wir die Notwendigkeit ein, ein weiteres Stadium vor der Endgestaltung gelten zu lassen, in dem die Partialtriebe bereits zur Objektwahl zusammengefasst sind, das Objekt sich der eigenen Person schon als eine fremde gegenüberstellt, aber *der Primat der Genitalzonen noch nicht aufgerichtet ist*. Die Partialtriebe, welche diese *prägenitale Organisation* des Sexuallebens beherrschen, sind vielmehr die analerotischen und die sadistischen. (Id., p. 113). (tradução Paulo César de Souza, p. 330).

<sup>101</sup> eine andere Regression auf ein Früheres Niveau auch der Hysterie zukommt. Die Sexualität des weiblichen Kindes steht, wie wir wissen, unter der Herrschaft eines männlichen Leitorgans (der Klitoris) und benimmt sich vielfach wie die des Knaben. ... Es ist nun sehr gewöhnlich, dass in der hysterischen Neurose der Frauen eine Reaktivierung dieser verdrängten männlichen Sexualität statthat (id. p. 117). (tradução Paulo César, p.336/7)

Assim, o desenvolvimento da libido, correspondente em ordem inversa ao aparecimento das neuroses seria: autoerotismo (correspondente à parafrenia), organização anal (correspondente à neurose obsessiva) e organização genital, (correspondente à histeria).

Em *Visão geral das neuroses de transferência*, Freud alude a esta correspondência, mas a limita. Freud primeiramente, no *XII ensaio metapsicológico*, repete o mesmo raciocínio de *A disposição para a neurose obsessiva*, com pequenas diferenças e acréscimos. Em relação à sequência das neuroses, Freud diferencia histeria de angústia de histeria de conversão, troca a ordem da paranoia e demência precoce (esta virá antes daquela) e acrescenta, por último, a melancolia/mania. Portanto, a sequência será:

Histeria de angústia – Histeria de conversão – Neurose obsessiva – Demência precoce – Paranóia – Melancolia/mania.

*Assim a histeria de angústia é a [neurose] quase incondicional, a mais precoce, encadeia-se a ela a histeria de conversão (aproximadamente a partir dos quatro anos), ainda um pouco mais tarde na pré-puberdade (9-10) aparece nas crianças a neurose obsessiva. As neuroses narcisistas faltam na infância. Destas, a demência precoce é, na forma mais clássica, uma demonstração dos anos da puberdade, a paranoia aproxima-se dos anos da maturidade e mania-melancolia também do mesmo período, alias indeterminável (Freud. 1915-1. Visão geral das neuroses de transferência)<sup>102</sup>.*

Como em *Disposição...*, Freud aponta a mesma relação invertida com o desenvolvimento sexual:

*As disposições de fixação destas afecções parecem também produzir uma série que é porém oposta, especialmente quando se toma em consideração a disposição*

---

<sup>102</sup> Dann ist die Angsthysterie die fast voraussetzungslose, die früheste [Neurose], ihr schliesst die Konversionshysterie (vom vierten Jahr etwa) an, noch etwas später in der Vorpubertät (9-10) tritt bei Kindern die Zwangsneurose auf. Die narzisstischen Neurosen fehlen der Kindheit. Von diesen ist die Dementia praecox in klassischer Form [eine] Erklärung der Pubertätsjahre, die Paranoia nähert sich den Jahren der Reife und Melancholie-Manie auch demselben Zeitabschnitt, sonst unbestimmbar. (Freud. 1915-1. Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 72).

*libidinal. Resulta-se portanto que quanto mais tarde ocorre a neurose, ela precisa regressir para uma fase da libido tanto mais precoce* (Freud, 1915-1, ibidem)<sup>103</sup>.

No entanto, Freud não mantém essa correspondência. A troca na sequência entre paranoia e demência precoce e a introdução da mania/melancolia o impedem de mantê-la pois a demência precoce aparece antes da paranoia e mesmo assim regride a uma fase anterior, a demência precoce regride ao autoerotismo e a paranoia a escolha narcisista de objeto. A mania/melancolia que aparece por último não regride a primeira fase, mas a identificação narcisista com o objeto. A introdução do surgimento cronológico das neuroses narcisistas, nos indivíduos, portanto, desautoriza a correspondência invertida entre surgimento da neurose e desenvolvimento sexual.

*As diferenças consistem em que a demência ocorre indubitavelmente mais cedo que a paranoia, embora sua disposição libidinal tenha sua origem mais distante, e que a melancolia-mania não permite nenhum alinhamento temporal seguro. Não se pode portanto manter que a série temporal certamente existente das Ψneuroses seja determinada apenas pelo desenvolvimento da libido* (Freud, id)<sup>104</sup>

Se as épocas do surgimento das neuroses narcisistas são decisivas para que Freud deixe de lado a ideia de uma correspondência inversa entre o surgimento da neurose e a fase da libido para qual regride, também a relação inversa das neuroses de transferência para com as fases da libido não é simples. Isso porque, parece-nos, nas neuroses, mais importante que a manifestação da libido (anal ou genital) é a forma que ela se opõe à libido. Assim Freud descreve a relação entre a neurose e o estado da libido: *"Indubitavelmente a histeria de conversão se dirige contra o primado dos genitais, a neurose obsessiva contra o estado anterior sádico, todas as três neuroses de transferência contra o desenvolvimento consumado da libido"* (Freud, 1915-1, ibidem)<sup>105</sup>. Podemos nos perguntar, por que contra, se se trata do ponto de fixação para a qual a

---

<sup>103</sup> Die Fixierungsdispositionen dieser Affektionen scheinen auch eine Reihe zu ergeben, die aber gegenläufig ist, besonders wenn man libidinöse Disposition in Betracht zieht. Es ergäbe sich also, je später die Neurose auftritt, auf desto frühere Libidophase muss sie regressieren. (Freud, ibidem).

<sup>104</sup> Die Differenzen liegen darin, dass die Dementia unzweifelhaft früher auftritt als die Paranoia, obwohl ihre libidinöse Disposition weiter zurückreicht, und dass Melancholie-Manie keine sichere zeitliche Einreihung gestatten. Man kann es also nicht festhalten, dass die sicher vorhanden[e] Zeitreihe der Ψneurosen allein durch die Libidoentwicklung bestimmt wäre. (Freud, id. p. 72/3)

<sup>105</sup> Unzweifelhaft richtet sich Konversionshysterie gegen Primat der Genitalien, die Zwangsneurose gegen die sadistische Vorstufe, alle drei Übertragungsneurosen gegen vollzogene Libidoentwicklung. (Freud, ibidem).

neurose irá regredir? Certamente porque Freud se refere às forças repressivas que atuam na neurose, como afirma no tópico relação com a função sexual: "*A repressão não tem nenhuma outra relação com a função sexual que não esforçar-se para dela se defender*" (Freud, 1915-1, idem) <sup>106</sup>.

Este defender-se, afastar-se, repelir, por sua vez, dirige-se tanto à função sexual na sua forma definitiva, como às suas formas de satisfação precoces:

*Na histeria e neurose obsessiva evidentemente a repressão dirige-se contra a função sexual na forma definitiva, na qual representa o direito à procriação. Mais claramente novamente na histeria de conversão porque é sem complicações, na neurose obsessiva antes há a regressão. Entretanto, não exageremos essa relação, supondo que a repressão ocorra efetivamente apenas com este estágio da libido. Ao contrário, a neurose obsessiva mostra justamente que o processo geral da repressão não depende do estado da libido pois nela se dirige contra um estado anterior. Da mesma forma no desenvolvimento, quando a repressão é exigida também contra movimentos perversos.* (Freud, 1915-1, ibidem) <sup>107</sup>.

Freud afirma que a repressão sempre se opõe ao impulso sexual e é sempre derivada do eu, mesmo quando isso está oculto:

*o movimento do impulso reprimido é sempre um libidinal, pertencente à vida sexual, enquanto a repressão provem do eu por motivos diferentes ... Esse fato fundamental é obscurecido por dois fatores: em primeiro lugar, frequentemente parece que a repressão é estimulada pelo conflito de dois impulsos que são, ambos, libidinais. Isso se soluciona pela consideração de que um desses é legítimo do eu e no conflito pode pedir ajuda da repressão provinda do eu. Segundo, na medida em que são encontradas não apenas aspirações libidinais, mas também do eu, sob o reprimido, particularmente frequente e de forma clara, no estado prolongado e no desenvolvimento progressivo da neurose. Esse último acontece porque o estímulo libidinal reprimido busca se impor pelo desvio de uma aspiração do eu, que lhe empresta um componente, transfere sua energia e agora o arrasta consigo na repressão, o que, em grande alcance, pode acontecer.* (Freud, 1915-1. Idem.) <sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> Zur Sexualfunktion [hat] Verdrängung kein anderes Verhältnis, als dass sie zu ihrer Abwehr bemüht wird (Freud, id., p.68).

<sup>107</sup> Bei Hysterie und Zwangsneurose evident, dass sich Verdrängung gegen die Sexualfunktion in definitiver Form, in der es [sie] Anspruch der Fortpflanzung repräsentiert, richtet. Am deutlichsten wieder bei Konversionshysterie, weil ohne Komplikationen, bei Zwangsneurose erst Regression. Indes diese Beziehung nicht übertreiben, nicht etwa annehmen, dass Verdrängung erst mit diesem Stadium der Libido in Wirksamkeit tritt. Im Gegenteil zeigt ja gerade Zwangsneurose, dass Verdrängung allgemeiner Vorgang, nicht libidinös abhängig weil hier gegen Vorstufe gerichtet. Ebenso in Entwicklung, dass Verdrängung auch gegen perverse Regungen in Anspruch genommen." (Freud, ididem.)

<sup>108</sup> Für dies bleibt bestehen, dass verdrängte Triebregung stets eine libidinöse, dem Sexualleben angehörige ist, während Verdrängung vom Ich ausgeht aus verschiedenen Motiven ...



Portanto, a origem da repressão no eu é oculta quando a parte repressora do eu alia-se a um impulso (criando confusão sobre quem é o repressor), como é o caso, que vimos, da neurose obsessiva; nela, então, os impulsos sexuais simplesmente ajudam o eu. É oculta também, quando há, juntamente com os impulsos sexuais reprimidos, partes do eu reprimidas (que ganham força pela associação com o impulso reprimido). Assim, se existe uma evidente oposição entre eu e libido, e as neuroses mostram isso mais que qualquer outra manifestação psíquica, devemos levar em conta que esta oposição em alguns casos é no mínimo diluída, pois: 1º) existem impulsos sexuais próprios do eu (ou em sintonia com o eu), 2º) existem partes do eu reprimidas. Portanto, apesar da oposição eu/libido, podemos afirmar que há um grande entrelaçamento entre ambos. Por exemplo, no tópico regressão, Freud afirmou que na histeria de conversão havia uma regressão do eu, que supusemos ser uma regressão ao eu prazer. O eu prazer, pode, por sua vez, corresponder às fases, descritas por Ferenczi, da alucinação e da onipotência dos gestos. A histeria mostra que esta fase do eu aceita impulsos que não são aceitos pelo eu posterior. Podemos então supor que o eu prazer aceita os impulsos sexuais, pois estes são satisfeitos de outra forma: por meio de satisfações perversas. Outro exemplo é o entrelaçamento na neurose obsessiva, na qual a regressão da libido à fase ambivalente anal, implica em uma ampliação do eu. Portanto, eu e libido se opõem um ao outro, mas se entrelaçam e se misturam. No que consiste esta oposição? Parece-nos que a série cronológica do aparecimento das neuroses nos dá uma pista sobre isto. Como vimos Freud limita sua hipótese de que a época do aparecimento da neurose corresponde inversamente à fase da libido a que regride. Ele se afasta, mas não abandona esta hipótese: *"Não se pode portanto manter que a série temporal certamente existente das Ψneuroses seja determinada apenas pelo desenvolvimento da libido. Enquanto isso*

---

Verdunkelt wird diese fundamentale Tatsache durch zwei Momente: Erstens hat es oft Anschein, als ob Verdrängung durch Konflikt zweier Regungen, [die] beide libidinös sind, angeregt würde. Dies löst sich durch die Erwägung, dass die eine davon ichgerecht ist und in dem Konflikt die Hilfe der vom Ich ausgehenden Verdrängung anrufen kann. Zweitens, indem nicht nur libidinöse, sondern auch Ichstrebungen unter den verdrängten angetroffen werden, besonders häufig und deutlich bei längerem Bestand und fortgeschrittener Entwicklung der Neurose. Letztere[s] kommt so zustande, dass die verdrängte libidinöse Regung sich auf dem Umweg durch eine Ichstrebung, der sie eine Komponente geliehen hat, durchzusetzen sucht, ihr Energie überträgt und nun diese [Ichstrebung] mit in die Verdrängung reisst, was im grossen Umfange geschehen kann." (Freud, id. 67/8).

*acontece, acentua-se a relação contrária entre ambos.*" (ibidem) <sup>109</sup>. Freud, portanto, mantém a ideia do desenvolvimento contrário, inverso, mesmo não sendo uma relação direta, pontual entre uma neurose específica e uma fase do desenvolvimento específico.

Tiremos então alguma conclusão desta discussão. A história filogenética que será narrada corresponde à história do desenvolvimento do eu. A sequência cronológica do aparecimento nas neuroses, nos indivíduos, deu a Freud elementos para estabelecer a sequência dos acontecimentos filogenéticos<sup>110</sup>. Assim, se o desenvolvimento do eu corresponde à história da espécie (filogenética) e essa corresponde à sequência cronológica de aparecimento das neuroses, podemos afirmar que o desenvolvimento do eu corresponde à sequência cronológica do aparecimento das neuroses. Se, por outro lado, a sequência cronológica de aparecimento das neuroses ocorre em uma relação inversa ao desenvolvimento da libido, podemos supor que o desenvolvimento da libido ocorre em uma relação inversa ao desenvolvimento do eu. Assim a oposição entre o eu e a libido é uma oposição entre o desenvolvimento do eu e o da libido. Nossa análise da história filogenética, efetivamente suas três primeiras fases, mostrará justamente esta relação invertida entre o desenvolvimento do eu e o desenvolvimento da libido, quer dizer, na história filogenética encontraremos a evolução do eu e a involução da libido.

A história filogenética dos tempos glaciais, portanto, será a história do desenvolvimento do eu. É verdade que já na primeira fase desta história, Freud refere-se a um eu, mas a um eu, parece-nos, que corresponde a uma frágil organização dos impulsos de autopreservação. É na história dos tempos glaciais que se desenvolverá um eu com características propriamente humanas. Este eu será constituído a custa do impulso sexual; primeiramente, um eu que busca o prazer e, posteriormente, um eu que

---

<sup>109</sup> Man kann es also nicht festhalten, dass die sicher vorhanden[e] Zeitreihe der  $\Psi$ neurosen allein durch die Libidoentwicklung bestimmt wäre. Soweit dies zutrifft, würde man die umgekehrte Beziehung zwischen beiden betonen. (Freud, id. p. 73)

<sup>110</sup> Pode-se porém estabelecer uma outra série, filogenética, que efetivamente tem a mesma direção que a série temporal das neuroses. (Man kann aber eine andere, phylogenetische Reihe aufstellen, die wirklich mit der Zeitreihe der Neurosen gleichläufig ist.) (Freud, ibidem)

desenvolve a linguagem, isto é, os processos secundários, e a capacidade de agir sobre o mundo (transformando-o no mundo desejado). A história filogenética nos possibilita compreender o surgimento de um eu forjado a partir do impulso sexual e o desenvolvimento do mesmo como transformação também destes impulsos (sua capacidade de sublimação).

Passemos para a análise, propriamente dita, da história hipotética nos tempos glaciais.



## Capítulo II

### Angústia de anseio

*subitamente seus instintos ficaram sem valor e suspensos ... nesse novo mundo desconhecido não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos ...e os velhos instintos não cessaram de fazer suas exigências (Nietzsche, Genealogia da moral)<sup>111</sup>.*

A primeira fase da história filogenética narra as transformações iniciais que a humanidade teria passado, sob a influência dos tempos glaciais. A disposição originada nesta fase é a angústia de anseio (Sehnsuchtangst), angústia relacionada à libido. Seguindo a ideia de que a história filogenética expõe as características fundantes dos seres humanos, na primeira fase, teriam emergido os fundamentos econômicos do aparelho psíquico, quer dizer, teria surgido um tanto de quantidade, de estímulos, livres, desvinculados, necessários ao funcionamento do aparelho psíquico. Seriam os impulsos sexuais desvinculados da função biológica.

Primeiramente, nos tempos glaciais, a humanidade se tornou angustiada (ängstlich):

*Nossa primeira colocação portanto afirmaria que a humanidade sob a influência das privações que o tempo glacial sobrevivendo impôs a ela, tornou-se em geral angustiada. O mundo externo até então predominantemente amistoso, doador de toda satisfação, transformou-se em um acúmulo de perigos iminentes. Estava dado todo fundamento para a angústia real perante todo novo. (Freud, 1915-1, Visão Geral das neuroses de transferência)<sup>112</sup>.*

---

<sup>111</sup> ...mit Einem Male waren alle ihre Instinkte entwerthet und "ausgehängt". ... sie hatten für diese neue unbekannte Welt ihre alten Führer nicht mehr, die regulirenden unbewusst-sicherführenden Triebe ... und dabei hatten jene alten Instinkte nicht mit Einem Male aufgehört, ihre Forderungen zu stellen! (Nietzsche, Zur Genealogie der Moral, Reclam, p. 76) (Segunda dissertação, §16, Cia das Letras. 1987, p.72/3)

<sup>112</sup> Unsere erste Aufstellung würde also behaupten, dass die Menschheit unter dem Einfluss der Entbehrungen, welche ihr die hereinbrechende Eiszeit auferlegte, allgemein *ängstlich* geworden ist. Die bisher vorwiegend freundliche, jede Befriedigung spendende Aussenwelt verwandelte sich in eine Häufung von drohenden Gefahren. Es war aller Grund zur Realangst vor allem Neuen gegeben. Freud, 1915-1. Übersicht der Übertragungsneurosen, p.74). (versão baseada na tradução brasileira de Abram J. Eksterman, publicada pela Imago com o título: Neuroses de Transferência: uma síntese, 1987).

Esse primeiro estado psíquico corresponde ao desenvolvimento do afeto de angústia, que aqui poderia ser melhor traduzido por medo<sup>113</sup>. Trata-se de uma reação aos perigos externos reais que, nos tempos glaciais, ameaçaram efetivamente a espécie humana. Reação adequada e com finalidade. Em seguida foi desenvolvida outra disposição:

*A libido sexual perdeu, no entanto, primeiramente seus objetos que são humanos, não, porém deixa-se pensar que o eu ameaçado em sua existência absteve-se, em alguma medida, do investimento de objeto, a libido conservou-se no eu e assim transformou em angústia do real o que antes era libido de objeto. (Freud, ibidem)*

<sup>114</sup>

O eu, ameaçado em sua existência, portanto, absteve-se do investimento dos objetos sexuais e transformou a libido sexual em angústia, temendo ainda mais o real. Não se trata de uma perda do objeto mas sim da abstenção do investimento do mesmo. No decorrer do capítulo, tentaremos justificar porque não se trata de uma perda do objeto. Agora, no entanto, interessa-nos diferenciar a verdadeira angústia do real desta aparente angústia do real que na verdade é transformação da libido.

Existem, segundo as citações acima, duas fontes da angústia do real: a primeira, o perigo externo; a segunda, a libido insatisfeita que se manifesta como uma reação ao perigo externo (como angústia do real). A primeira angústia é a verdadeira angústia do real (o verdadeiro medo diante de uma realidade efetivamente perigosa). Já a segunda é uma falsa angústia do real. Ela se apresenta como medo do real, no entanto, é uma expressão da libido insatisfeita, é a angústia que Freud virá a chamar de angústia de anseio.

A angústia do real é uma reação adequada do organismo perante o perigo externo, pois conduz a uma ação útil. É um afeto que tem uma finalidade: fazer com que o

---

<sup>113</sup> Seria mais adequado traduzir a palavra Angst por medo que por angústia. Apesar de Freud diferenciar Angst de Furcht (angústia/medo), dizendo que, diferente de Furcht, Angst não tem um objeto específico, na maior parte das vezes Freud usa a palavra Angst relacionada a um objeto específico: medo do pai, medo do cavalo, medo do real. Optamos por traduzir por angústia, apenas devido à tradição da palavra na filosofia.

<sup>114</sup> Die sexuelle Libido verlor allerdings zunächst ihre Objekte, die ja menschliche sind, nicht, aber es lässt sich denken, dass das in seiner Existenz bedrohte Ich von der Objektbesetzung einigermaßen absah, die Libido im Ich erhielt und so in Realangst verwandelte, was vorher Objektlibido gewesen war. (ibidem)

organismo evite (fuja de) o perigo. Na conferência 25 proferida por Freud em 1917 sobre angústia, assim é apresentada a angústia real:

*A angústia do real parece-nos agora como algo muito racional e compreensível. Dizemos que ela é uma reação à percepção de um perigo externo, i.e., de um dano esperado e previsto, ela está ligada com o reflexo de fuga e pode ser vista como manifestação de um impulso de autoconservação.* (Freud, 1917)<sup>115</sup>.

Desde os primeiros escritos de Freud, a análise da angústia real ganhou destaque. No aparelho psíquico suposto em *Projeto de uma psicologia*, Freud apresenta uma concepção de afeto que corresponde exatamente a esta concepção de angústia real: uma reação à percepção de perigo externo relacionada ao reflexo de fuga. O afeto, no *Projeto*, surge depois que ocorreu uma vivência de dor (i.e., depois de altas quantidades terem incidido no interior do aparelho psíquico); a representação do objeto que causou a dor associa-se (facilita-se), então, com um neurônio que secreta quantidades internas, afetos. Estes, assim como as altas quantidades externas (a dor), impulsionam à associação com uma imagem de movimento que provoca uma ação eficiente que faz cessar a dor. A ação eficiente é a fuga do objeto que causou a dor e coincide com o desaparecimento deste objeto do campo perceptivo. Para que serve o afeto? Serve para, em uma próxima aparição do objeto que causou a dor, impulsionar o organismo à ação de fuga, antes que o objeto cause novamente dor. O afeto é uma antecipação ao dano, uma antecipação à dor, em outras palavras, é uma percepção do perigo externo e provoca a ação eficiente de fuga.

Na Conferência de 1917, Freud aponta a necessidade da angústia de se tornar apenas um sinal, para ser eficiente. O estado de angústia deve limitar-se a um mero começo, a um sinal, que prontifique o organismo para o perigo: aumente sua atenção sensoria e sua tensão motora, preparando-o para fuga ou defesa ativa:

*Talvez proporcione uma melhor compreensão se decompormos cuidadosamente a situação de angústia. Nela, a primeira é a prontidão para o perigo que se manifesta*

---

<sup>115</sup> Die Realangst erscheint uns nun als etwas sehr Rationelles und Begreifliches. Wir werden von ihr aussagen, sie ist eine Reaktion auf die Wahrnehmung einer äusseren Gefahr, d.h. einer erwarteten, vorhergesehenen Schädigung, sie ist mit dem Fluchtreflex verbunden, und man darf sie als Äusserung des Selbsterhaltungstriebes ansehen. (Freud, 1916/7. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, 25. Vorlesung: Die Angst. Studienausgabe, Band I, p. 381).

*na atenção sensória e na tensão motora aumentadas. Essa prontidão de expectativa é reconhecida sem hesitação como vantajosa, sua ausência pode ser responsável por sérias consequências. Dela provem então, por um lado, a ação motora, primeiramente fuga, em uma fase mais elevada defesa ativa; por outro lado, o que nós sentimos como estado de angústia. Quanto mais o desenvolvimento da angústia limitar-se a um mero começo, a um sinal, mais tranquilamente efetua-se a transformação da prontidão de angústia em ação, mais adequadamente forma-se o curso completo. (Freud, id.)<sup>116</sup>.*

Também no *Projeto*, a liberação afetiva deve ser inibida, deve se tornar um sinal, o que será feito pelo eu, para que a defesa reflexa, a fuga reflexa, torne-se uma ação mais eficiente, deixe de ser reflexa e seja fruto do julgamento do real perigo. O eu, por sua vez, responsável pela atenção, que julga o perigo real e investe a imagem motora eficiente, tem como origem de seu investimento a própria liberação afetiva<sup>117</sup> e é guiado pela mesma, o afeto de desprazer indica para onde deve ser dirigida a atenção.

Também, como na *Conferência 25*, no *Projeto*... a neurose caracteriza-se por uma impossibilidade de inibição da liberação afetiva (impossibilidade de torná-la um sinal), o que revela que o afeto não se relaciona propriamente com um perigo externo, mas, nos dois textos, com a sexualidade.

Analisemos agora a angústia de anseio, aquela que se apresenta como angústia do real mas que não é, pois se trata de uma transformação da libido insatisfeita e não de uma reação ao perigo externo. A ideia de que a angústia é transformação da excitação sexual também aparece cedo nos textos freudianos, em sua teoria sobre as neuroses atuais, especificamente sobre a neurose de angústia. Essa teoria, cuja elaboração assistimos na leitura das cartas de Freud a Fliess, será publicada em 1895, no texto: *Sobre o direito de*

---

<sup>116</sup> Vielleicht verhilft es zu besserer Einsicht, wenn man sich die Angstsituation sorgfältiger zerlegt. Das erste an ihr ist die Bereitschaft auf die Gefahr, die sich in gesteigerter sensorischer Aufmerksamkeit und motorischer Spannung äussert. Diese Erwartungsbereitschaft ist unbedenklich als vorteilhaft anzuerkennen, ja ihr Wegfall mag für ernste Folgen verantwortlich gemacht werden. Aus ihr geht nun einerseits die motorische Aktion hervor, zunächst Flucht, auf einer höheren Stufe tätige Abwehr, andererseits das, was wir als den Angstzustand empfinden. Je mehr sich die Angstentwicklung auf einen blossen Ansatz, auf ein Signal einschränkt, desto ungestörter vollzieht sich die Umsetzung der Angstbereitschaft in Aktion, desto zweckmässiger gestaltet sich der ganze Ablauf. (Freud, id, p. 382).

<sup>117</sup> E se supuser que a liberação de desprazer (Q $\eta$ ) inicial seja recebida pelo próprio eu, tem-se nela mesma a fonte para o gasto exigido do eu para a ocupação lateral inibidora. (*Projeto*, tradução Osmyr Faria Gabbi, ed Imago p. 38).



*separar da neurastenia um determinado complexo de sintomas como 'neurose de angústia'*<sup>118</sup>. Nesse texto, Freud diferencia afeto de angústia da neurose de angústia:

*O psíquico sucumbe ao afeto de angústia quando se sente incapaz de solucionar uma tarefa que se aproxima de fora (perigo) através de reação compatível; ele sucumbe à neurose de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) de origem endógena. Ele comporta-se portanto como se projetasse essa excitação para fora. O afeto e a neurose a ele correspondente estão em uma firme relação um para com o outro: o primeiro é a reação a uma excitação exógena, a última, a reação a uma excitação endógena análoga.* (Freud. 1895)<sup>119</sup>.

O afeto corresponde à angústia do real, é uma reação ao perigo real vindo de fora. A neurose, por sua vez, corresponde à angústia de anseio, é uma reação à excitação sexual que não se descarregou, pois não se transformou em ação. Vejamos mais atentamente o mecanismo da neurose de angústia.

Os sintomas da neurose de angústia podem ser a falsa angústia do real (uma fobia), uma angústia desvinculada de um perigo externo ou ainda uma perturbação somática desacompanhada do sentimento de angústia. No segundo grupo (angústia desvinculada do perigo externo) podemos encontrar uma expectativa angustiada, uma espécie de pessimismo pronto a se vincular a qualquer perigo; uma irritabilidade geral, i.e., uma permanente disposição para assustar-se; ou ainda um ataque de angústia sem qualquer representação associada. As perturbações somáticas que podem substituir a própria angústia (terceiro grupo) – perturbações da atividade cardíaca, respiratória, suor, tremores, perturbação das atividades digestivas (fome devoradora, diarreia, congestão), vertigem, paraestésias (aumento da sensibilidade a dor, uma tendência a alucinações, hiperestesia auditiva) – são sintomas que aparecem no lugar do afeto de angústia (similar

---

<sup>118</sup> Freud, S., 1895-2. Studienausgabe, Band VI, Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als 'Angstneurose' abzutrennen.

<sup>119</sup> Die Psyche gerät in den Affekt des Angst, wenn sie sich unfähig fühlt, eine von *aussen nahende* Aufgabe (Gefahr) durch entsprechende Reaktion zu erledigen; sie gerät in die *Neurose* der Angst, wenn sie sich unfähig merkt, die *endogen* entstandene (Sexual-) Erregung auszugleichen. *Sie benimmt sich also, als projizierte sie diese Erregung nach aussen.* Der Affekt und die ihm entsprechende Neurose stehen in fester Beziehung zueinander, der erstere ist die Reaktion auf eine exogene, die letztere die Reaktion auf die analoge endogene Erregung. (Freud, 1895-2, Studienausgabe, Band VI, Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als 'Angstneurose' abzutrennen, p. 46)

aos sintomas da histeria de conversão, que aparecem no lugar do afeto da representação reprimida).

Mas qualquer que seja o sintoma da neurose de angústia – medo do real, angústia ou perturbação somática – sua origem é a excitação sexual, o que o provoca é uma perturbação na vida sexual. A perturbação sexual pode decorrer da ignorância das coisas sexuais pelos jovens, da impotência do parceiro, de uma abstinência voluntária, da impossibilidade da satisfação sexual proporcional à necessidade (devido, por exemplo, ao climatério, quando aumenta a necessidade sexual) ou do coito interrompido. Em todos estes casos, não ocorre a satisfação sexual. Quando aparecem os sintomas da neurose de angústia em vez da insatisfação sexual provocar um aumento da libido, ocorre um decréscimo da mesma, um decréscimo do desejo sexual. A angústia (ou a perturbação somática que a substitui) é um emprego anormal da excitação sexual que foi desviada da esfera psíquica. Por que a excitação sexual é desviada da esfera psíquica? Ou porque o grupo sexual psíquico não está constituído (é o caso, dos jovens que ignoram as coisas sexuais) ou porque seu investimento se tornaria desejo, anseio, o que pressionaria a uma indesejável ação específica. Quando a excitação sexual é transformada em angústia, ela não pressiona mais à ação sexual.

Para melhor visualizarmos esse mecanismo acompanhemos o esquema do processo sexual proposto por Freud. A excitação sexual somática produzida continuamente, periodicamente (quando atinge determinado nível capaz de vencer as resistências na condução até o córtex cerebral), torna-se estímulo psíquico. Assim, quando o grupo de representações sexuais psíquico é equipado com estímulo, origina-se o estado psíquico de tensão libidinal, o que traz consigo a pressão para remover tal tensão, através da ação específica (adequada). No Rascunho G enviado a Fliess (provavelmente em janeiro de 1895), Freud apresenta este esquema de forma gráfica desenvolvendo um pouco mais alguns pontos. A ação específica é uma ação sobre o objeto sexual, que faz com que este reaja colocando-se em uma posição favorável à satisfação, ao coito. A mulher, por exemplo, é educada a não reagir, ela tem de seduzir o homem para que ele deseje executar a ação específica, mas não pode responder a mesma.

Para não responder à ação do homem, a afluência da excitação sexual para o grupo sexual, na mulher, deve ser interrompida o máximo possível. Nos casos satisfatórios, quando a afluência da excitação não tem de ser interrompida, o objeto em situação favorável produz sensações que estimulam a ação reflexa e a satisfação. Esta produz sensações de prazer que agora são conduzidas novamente ao grupo sexual. Quando as sensações de prazer não são conduzidas ao grupo psíquico temos a anestesia.

Como é constituído o grupo psíquico sexual? Podemos supor (fazendo uma comparação com os esquemas apresentados no *Projeto*) que ele é constituído de imagens sensoriais provindas dos órgãos genitais (sensação sexual), de representações do objeto sexual e de imagens de movimento da ação específica. Em uma vivência sexual satisfatória, o estímulo psíquico investe o grupo psíquico sexual e assim é executada a ação específica, isto é, há a aproximação do objeto sexual. O que ocorre na neurose de angústia? A excitação sexual, em vez de investir o grupo psíquico e tornar-se libido sexual, anseio psíquico, é eliminada na fronteira entre o psíquico e o somático, na forma de angústia. O acúmulo de excitação em vez de tornar-se libido, pressão para a ação, torna-se angústia. Isto ocorre quando o grupo psíquico sexual não está desenvolvido (virgens, recém-casadas), quando há abstinência ou satisfação inadequada, imposta ou desejada, ou quando o grupo psíquico é insuficiente para a excitação (climatério). Em todos esses casos, quando é normalizada a situação (o grupo sexual é constituído, a abstinência não é mais necessária, a satisfação passa a ser adequada ou a excitação sexual se estabiliza), a angústia desaparece e em seu lugar aparece a libido psíquica, isto é, o anseio sexual. A transformação da excitação sexual em angústia parece ser um mecanismo útil que é posto em ação quando a excitação sexual não pode tornar-se anseio sexual (libido psíquica).

Mas também a educação dada às mulheres as induzem a desviar a excitação sexual do grupo psíquico sexual, para que não ajam em direção à execução do coito. Neste caso, o desvio psíquico não é apenas um mecanismo utilizado quando a situação impede o processo sexual normal. O mecanismo tem uma finalidade bem definida: impedir a ação sexual, mesmo quando (ou melhor, principalmente quando) a situação é

favorável ao processo sexual normal. O desvio não é consequência da insatisfação, mas a provoca pois impede a satisfação. Podemos dizer que nas mulheres a transformação da excitação sexual em angústia visa impedir a satisfação sexual. Nos outros casos (de neurose de angústia) a excitação sexual é desviada porque não houve satisfação. Assinalamos esta diferença porque um mecanismo similar ao que ocorre com as mulheres também está presente na história filogenética. Assim, na maioria dos casos de neurose de angústia, a angústia é fruto da insatisfação, no caso das mulheres, ela a impede, em vez de ser fruto da insatisfação da libido, ela a provoca.

Nos tempos glaciais, devido aos perigos envolvidos na satisfação sexual o eu optou por não satisfazer sua excitação sexual e para isso desviou-a de seu grupo psíquico transformando-a em angústia. Na história filogenética, portanto, a transformação da libido em angústia teve como finalidade impedir a satisfação sexual.

Nos *Três ensaios para a teoria sexual*, a angústia infantil é concebida, também, como transformação da libido. Assim Freud explica a angústia infantil:

*O esclarecimento sobre a origem da angústia infantil eu devo a um menino de três anos que uma vez ouvi pedir em um quarto escuro: 'tia, fale comigo; eu tenho medo porque está escuro.' A tia disse a ele: 'O que você ganha com isso? Você não pode me ver.' 'Não tem importância', respondeu a criança, 'quando alguém fala, torna-se claro.' Ele temia, portanto, não a escuridão mas sim porque deu pela falta de uma pessoa amada, e pôde prometer acalmar-se tão logo recebesse uma prova da sua presença. (Freud, 1905)<sup>120</sup>.*

Neste caso, a angústia é fruto da perda do objeto amado. Na ausência do objeto amado, a libido não pode ser satisfeita e é transformada em angústia, no caso, em angústia/medo do escuro.

Assim, como na neurose de angústia em que, eliminados os fatores que impediam a ação sexual, era possível transformar a excitação sexual em libido psíquica (investir o

---

<sup>120</sup> Die Aufklärung über die Herkunft der kindlichen Angst verdanke ich einem dreijährigen Knaben, den ich einmal aus einem dunklen Zimmer bitten hörte: "Tante, sprich mit mir; ich fürchte mich, weil es so dunkel ist." Die Tante rief ihn an: "Was hast du denn davon? Du siehst mich ja nicht." "Das macht nichts", antwortete das Kind, "wenn jemand spricht, wird es hell." - Er fürchtete sich also nicht vor der Dunkelheit, sondern weil er eine geliebte Person vermisste, und konnte versprechen, sich zu beruhigen, sobald er einen Beweis von deren Anwesenheit empfangen hatte. (Freud. 1905-B. Studienausgabe, Band V, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, fussnote, p. 128).

grupo psíquico sexual) e agir em direção à satisfação, também na angústia infantil é possível desfazer essa transformação: se a tia fala, torna-se “claro” e a angústia torna-se libido (anseio).

Na histeria de angústia, também é a libido que se torna angústia, mas diferente da neurose de angústia e da angústia infantil, nela não há reversão da angústia em libido quando o impedimento à satisfação (externo) é removido. Na verdade, na histeria de angústia, o impedimento é interno e não externo, e deve-se à repressão. Se numa primeira aproximação, a angústia, na histeria de angústia, parece remeter à perda do objeto amado, em uma análise mais profunda, é revelada a finalidade da transformação da libido em angústia: impedir que a excitação sexual invista o grupo sexual e provoque a ação sexual; uma finalidade similar à visada pela educação das mulheres. É o que mostra a análise do pequeno Hans<sup>121</sup>, em que vamos agora nos deter.

No caso de Hans, a angústia, como transformação da libido, é extensamente analisada. A primeira interpretação da fobia de Hans é que ela é uma transformação do anseio (*Sehnsucht*) de Hans por sua mãe, anseio que deixou de ser satisfeito devido ao nascimento da irmã. Uma angústia infantil originada na libido, como a descrita nos *Três ensaios para a teoria sexual*. Essa interpretação da angústia, no entanto, é logo contestada, ou melhor, ampliada, por Freud. Se a angústia fosse apenas uma transformação da libido devido à ausência de sua satisfação, uma vez satisfeita a libido, desapareceria a angústia. Isso não ocorre. Hans teme sair de casa mesmo quando acompanhado do objeto de sua libido, de sua mãe. Isso mostra que a angústia não pode mais ser revertida em libido. Não quer dizer que a origem da angústia não é a libido, mas sim que complexos reprimidos estão presentes nessa transformação. As reivindicações libidinais dirigidas à mãe, que buscavam seus carinhos, não são suficientes para explicar a angústia.

A segunda interpretação dada, primeiramente pelos pais de Hans, é a de que a angústia de Hans deve-se a sua prática masturbatória, que foi intensificada devido ao

---

<sup>121</sup> Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben [Der kleine Hans]. 1909. Studienausgabe, Band VIII.

aumento da libido quando do nascimento da irmã (aumento provocado pela privação dos cuidados maternos e pela reanimação da lembrança dos prazeres recebidos quando bebê, devido à observação dos cuidados maternos dirigidos a irmã). Segundo Freud, a ameaça de castração caso continuasse se masturbando, enunciada pela mãe anos antes e agora recordada explicaria, mais que a prática masturbatória em si, o medo de ser mordido por cavalos (sua fobia). Aqui, sua fobia não seria uma transformação da libido, mas uma substituição do medo (Angst) da castração. Seria uma angústia relacionada à sexualidade, mas que não se caracteriza como transformação das excitações sexuais.

A terceira interpretação relaciona a fobia de Hans ao medo de seu pai. Esse medo derivava do ódio que ele nutria pelo pai. Hans desejava que seu pai morresse para ter livre acesso a sua mãe. No entanto esse desejo entrava em conflito com o amor que sentia pelo pai e os impulsos amorosos acabavam por reprimir os hostis tornando-os inconscientes. O ódio inconsciente pelo pai manifestava-se na consciência como medo (o objeto amado era também perigoso e devia ser temido) por um objeto substituto (pelo cavalo). Nesse caso a angústia não era nem transformação da libido, nem medo de uma ameaça real (o pai de Hans não o ameaçou de castração), era sim transformação de um ódio reprimido.

Mas o complexo hostil de Hans dirigido ao pai relacionava-se com (encobria) um impulso libidinoso dirigido a mãe. Que impulso era esse? O impulso sádico-terno (sadistisch-zärtliche) dirigido à mãe, ou melhor, o impulso para copular com a mãe. Esse impulso, assim como o conhecimento da vagina pressuposto nele, devia ficar reprimido; no entanto, ele se agitava dentro de Hans a partir de três grupos psíquicos: do anseio pela mãe, da masturbação e da reflexão sobre o papel do pai na origem dos bebês. Assim Freud descreve esse impulso, a partir da tentativa de solucionar o enigma sobre a origem dos bebês, desperto em Hans pelo nascimento de sua irmã:

*O pai sabia não apenas de onde vem as crianças mas ele também efetivamente exercia algo que Hans só podia adivinhar obscuramente. Devia ter alguma coisa a ver com o pipi, cuja excitação acompanhava todos esses pensamentos e, na verdade, descobriu ser um grande, maior que o de Hans. Se seguia essas indicações de sensações que aí se mostravam, então devia tratar-se de um ato de violência que se cometia na mamãe, um destroçar, um trabalho de abertura, uma*

*penetração em um lugar fechado, o impulso para isso a criança podia sentir em si; mas embora estivesse no caminho, a partir de suas sensações do pênis, de postular a vagina, não podia solucionar o enigma pois alguma coisa, como a que necessitava o pipi, não existia no seu conhecimento; ao contrário, colocava-se no caminho da solução a convicção de que a mamãe possuía um pipi como ele. A tentativa de solucionar o que devia iniciar com a mamãe para ela obter uma criança afundou no inconsciente e ambos impulsos ativos, o hostil em direção ao pai como o sádico-terno em direção a mãe, permaneceram sem emprego, um em consequência do amor ao lado do ódio, o outro em virtude do desnoiteio, que resulta das teorias sexuais infantis.” grifo nosso (Freud, 1909-1)<sup>122</sup>.*

Portanto, a partir do nascimento da irmã – que despertou em Hans um aumento de seu anseio pela mãe e com isso ativou a prática masturbatória e levantou questões sobre a origem dos bebês – ativou-se em Hans o impulso para copular com a mãe e este foi reprimido. Sucumbiram à repressão representações que faziam parte desse impulso: o conhecimento da vagina (e conseqüentemente a representação do coito) e o ódio pelo pai; as forças que as reprimiram foram: a teoria sexual infantil (a teoria de que a mãe tem um pênis), no primeiro caso, e o amor ao pai, no segundo. No entanto o material reprimido (representação da cópula, da vagina e do ódio pelo pai) retornou remodelado na fobia e o afeto se transformou em angústia. Podemos pensar que existiam ainda representações intermediárias (inconscientes) nas quais retornou o reprimido. O ódio retornou como medo do objeto amado (do pai) e o conhecimento da vagina retornou como medo de perder o pênis, abalando assim a crença da existência de um único genital, pois ele podia deixar de existir; em ambos os casos o reprimido retornou contestando a força repressiva: o medo pelo pai contestou o amor paterno e a representação da castração contestou a existência de um único genital. Por último, na consciência o reprimido retornou como fobia de cavalos (medo deles o morderem, deles caírem).

---

<sup>122</sup> Der Vater wusste aber nicht nur, woher die Kinder kommen, er übte es auch wirklich aus, das, was Hans nur dunkel ahnen konnte. Der Wiwimacher musste etwas damit zu tun haben, dessen Erregung all diese Gedanken begleitete, und zwar ein grosser, grösser als Hans seinen fand. Folgte man den Empfindungsandeutungen, die sich da ergaben, so musste es sich um eine Gewalttätigkeit handeln, die man an der Mama verübte, um ein Zerschlagen, ein Öffnungschaffen, ein Eindringen in einen abgeschlossenen Raum, den Impuls dazu konnte das Kind in sich verspüren; aber obwohl es auf dem Wege war, von seinen Penissensationen aus, die Vagina zu postulieren, so konnte es doch das Rätsel nicht lösen, denn so etwas, wie der Wiwimacher es brauchte, bestand ja in seiner Kenntnis nicht; vielmehr stand der Lösung die Überzeugung im Wege, dass die Mama einen Wiwimacher wie er besitze. Der Lösungsversuch, was man mit der Mama anfangen müsste, damit sie Kinder bekomme, versank im Unbewussten, und beiderlei aktive Impulse, der feindselige gegen den Vater wie der sadistisch-zärtliche gegen die Mutter, blieben verwendungslos, der eine infolge der neben dem Hasse vorhandenen Liebe, der andere vermöge der Ratlosigkeit, die sich aus den infantilen Sexualtheorien ergab. (Freud, 1909, Studienausgabe, Band VIII, Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben [Der kleine Hans], p. 113)

A fobia de Hans era um compromisso entre o reprimido e a força repressiva. Por um lado possibilitou levar a cabo vitoriosamente seu impulso terno (Zärtlichkeit) pela mãe, pois, ao temer sair de casa, ficava junto dela. No entanto teve de tornar seu impulso inofensivo: *"o amante agarra-se, em consequência da fobia, ao seu objeto amado, mas certamente para isso cuidou de que ele permanecesse inofensivo"* (Freud. Id.) <sup>123</sup>.

Tornar seu impulso (ou ele mesmo, o próprio Hans) inofensivo é eliminar sua agressividade: a hostilidade para com o pai e o sadismo para com a mãe. Mas o que é a agressividade, especificamente neste texto? Freud é explícito: não se trata de um impulso especial, mas do ímpeto à motilidade: *"Parece-me que Adler hipostasiou, sem razão, em um impulso especial uma característica geral e indispensável de todos os impulsos, exatamente o 'pulsional', o que pressiona nele, o que nós podemos descrever como a capacidade de dar ímpeto à motilidade."* (Freud, ibidem)<sup>124</sup>

Reprimir a agressividade, portanto, é reprimir o ímpeto à motilidade. Aí está, também nesse caso, a razão de ser da repressão: obstruir a ação sexual que deve descansar até a fase adulta.

Freud ainda afirma que o processo analítico, terapêutico, sem anular o resultado da repressão, a substitui pelo julgamento, i.e. , a supressão do impulso deixa de ser um processo automático e excessivo (como é a repressão) e passa a ser um controle das instâncias anímicas mais altas. Afirma que se tivesse tido oportunidade teria confirmado os pressentimentos, provindos dos impulsos, de Hans, contando a ele sobre a existência da vagina e do coito. Com esse esclarecimento, segundo Freud, Hans não perderia nem seu amor pela mãe nem sua essência infantil e compreenderia que sua preocupação com essas coisas importantes e imponentes deveriam descansar até que ele se tornasse grande. Dessa forma o indivíduo se tornaria cultivado (kulturfähig) e aproveitável socialmente

---

<sup>123</sup> der Liebhaber klammert sich infolge der Phobie an sein geliebtes Objekt, aber freilich ist nun dafür gesorgt, dass er unschädlich bleibt. (Freud, id, p. 117).

<sup>124</sup> Es scheint mir, dass Adler einen allgemeinen und unerlässlichen Charakter aller Triebe, eben das 'Triebhafte', Drängende in ihnen, was wir als die Fähigkeit, der Motilität Anstoss zu geben, beschreiben können, zu einem besonderen Triebe mit Unrecht hypostasiert habe. (Freud, ibidem, p. 117)



com um mínimo de dano em suas atividades (inibindo apenas a atividade sexual e não outras atividades como, por exemplo, sair na rua, no caso da fobia de Hans).

A repressão, no caso, é o processo que possibilita que a ação sexual descanse até a vida adulta. Como ela faz isso? Transformando a libido, ligada ao material patogênico, em angústia: "*A libido liberada do material patogênico pela repressão ... torna-se livre como angústia.*" (Freud, id.)<sup>125</sup>.

Nesse sentido, pela angústia de anseio é mantida a repressão, a libido, em vez de investir o grupo psíquico sexual e, com isso, a imagem de movimento que dele faz parte, torna-se angústia. A repressão impede que a libido torne-se ação sexual e o faz por meio de sua transformação em angústia.

Na *Conferência 25*, de 1917, *A angústia*, Freud também aponta que a transformação do afeto é a parte mais importante do processo da repressão, trata-se de um destino do afeto da representação reprimida:

*O que acontece com o afeto atrelado à representação reprimida ... o destino mais próximo desse afeto é ser transformado em angústia ... . Essa transformação de afeto é, porém, de longe, a parte mais importante do processo de repressão. ...*

*Afirmo que a transformação em angústia, melhor, a descarga na forma de angústia seria o destino mais próximo da libido afetada pela repressão.* (Freud. 1917.op. cit.)<sup>126</sup>.

O grupo de representações abandonado (reprimido) ameaça ser reinvestido quando há um aumento orgânico dos impulsos inconscientes e aí começa a luta defensiva. Foi o que ocorreu a Hans por ocasião do nascimento de sua irmã. Suas necessidades eróticas aumentaram (devido à privação do amor materno e da recordação dos prazeres infantis) e foram conduzidas à masturbação, o que conduziu à aproximação

---

<sup>125</sup> Die aus dem pathogenen Material durch die Verdrängung entbundene Libido ... wird als Angst frei. (Freud, id, p. 99)

<sup>126</sup> Was mit dem Affekt geschieht, der an der verdrängten Vorstellung hing ... dass es das nächste Schicksal dieses Affektes ist, in Angst verwandelt zu werden ... . Diese Affektverwandlung ist aber das bei weitem wichtigere Stück des Verdrängungsvorganges. ...

Ich sagte, die Verwandlung in Angst, besser: die Abfuhr in der Form der Angst, sei das nächste Schicksal der von der Verdrängung betroffenen Libido. (Freud. 1916/7. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, 25. Vorlesung: Die Angst. Studienausgabe, Band I, p. 395).

do grupo sexual reprimido (representação da vagina, representação do pai como obstáculo a ser vencido) e que conduziria à ação propriamente sexual (ao coito com a mãe). Diante disso também se intensificaram as forças repressivas: o amor pelo pai e a crença na existência de um único genital. O reprimido, modificado, retornou como medo do objeto amado (do pai) e medo de perder o genital. As forças repressivas impediram a consciência destes substitutos e como solução de compromisso apareceu a fobia: o medo do cavalo mordê-lo ou do cavalo cair.

Mas o complexo de castração de Hans não remetia, na verdade, à repressão da prática masturbatória? Vejamos como a angústia de Hans se relaciona com sua atividade masturbatória. Se, segundo os pais de Hans, a fobia derivava da prática masturbatória (talvez uma transformação da libido liberada pela masturbação); segundo Freud, em uma primeira interpretação, a fobia relacionava-se com o complexo de castração, a angústia não provinha da masturbação em si, mas do medo de ser punido por não abandonar a masturbação. Neste caso, a angústia (o medo) da castração devia provocar o abandono da prática masturbatória. Mas, mesmo abandonando a masturbação, Hans continuou com sua fobia. A repressão da prática da masturbação, assim como de seu prazer com suas funções de evacuação e com a observação das mesmas, eram, no final das contas, apenas uma extensão da repressão mais urgente e importante: dos seus impulsos sádicos para com a mãe e, sua contraparte, os impulsos hostis para com o pai.

*Ele renunciou ao onanismo, ele afastou de si com repugnância o que recordava excrementos e olhar as funções. Mas não são esses componentes que foram incitados na ocasião da doença (...) e forneceram o material para os sintomas, o conteúdo da fobia.*

*Tem-se portanto a ocasião de estabelecer uma diferença de princípio. Provavelmente se alcança uma compreensão mais profunda do caso de doença, quando se volta para aqueles outros componentes que satisfazem as duas condições mencionadas por último. Estes são impulsos em Hans que já estariam anteriormente suprimidos e, tanto quanto aprendemos, nunca puderam expressar-se sem inibição, sentimentos ciumento-hostis dirigidos ao pai e impulsos sádicos, correspondentes a alusões do coito, dirigidos à mãe. ... Essas tendências agressivas não encontraram nenhuma saída em Hans e logo que elas, em um tempo de privação e excitação sexual aumentada, quiseram intensificadamente irromper, inflamou aquela luta que nós chamamos as 'fobias'. Durante a mesma, uma parte das representações reprimidas penetrou na consciência como conteúdo da fobia,*

*deformado e transcrito para outro complexo; mas sem dúvida este é um sucesso miserável. A vitória ficou da repressão, que se estendeu, nesta ocasião, para outros componentes que não os urgentes. (Freud. 1909-1, op. cit) <sup>127</sup>.*

Podemos então supor que o complexo de castração que se sobrepõe a prática masturbatória e que conduz ao seu abandono, à sua repressão, remete também, em última instância, ao complexo referente ao coito com a mãe, mais propriamente, ao conhecimento do genital materno; complexo ativado pelo excesso de libido satisfeito nas práticas masturbatórias. Quando houve o aumento das excitações eróticas (e portanto da atividade masturbatória), a representação da vagina, que estava abandonada pelo investimento pré-consciente, penetrou na consciência como perigo de perder o pênis (castração), vinculando-se a uma ameaça que fora feita e que seria cumprida caso Hans não abandonasse a masturbação. É como se a necessidade de abandonar a masturbação para não se lembrar da vagina aparecesse na sua consciência como necessidade de abandonar a masturbação para não perder o pênis e ter algo similar à vagina (é como se o conhecimento da vagina se introduzisse no seu próprio corpo). Se, primeiro, o conhecimento da vagina foi reprimido pela teoria sexual infantil de que existe um único genital, depois, ele foi reprimido pelo abandono da masturbação que evitou a representação da castração (a substituta da representação da vagina). O que é importante aqui registrar é que o abandono da masturbação, como também o abandono do prazer com os excrementos e de ver os outros nas funções repetem a primeira repressão: a repressão da representação do coito.

---

<sup>127</sup> Er entäussert sich der Onanie, er weist mit Ekel von sich, was an Exkrementen und an Zuschauen bei den Verrichtungen erinnert. Es sind aber nicht diese Komponenten, welche beim Krankheitsanlasse (...) angeregt werden und die das Material für die Symptome, den Inhalt der Phobie, liefern.

Man hat also da Anlass, eine prinzipielle Unterscheidung aufzustellen. Wahrscheinlich gelangt man zu einem tieferen Verständnis des Krankheitsfalles, wenn man sich jenen anderen Komponenten zuwendet, welche die beiden letztgenannten Bedigungen erfüllen. Dies sind bei Hans Regungen, die bereits vorher unterdrückt waren und sich, soviel wir erfahren, niemals ungehemmt äussern konnten, feindselig-eifersüchtige Gefühle gegen den Vater und sadistische, Koitusahnungen entsprechende, Antriebe gegen die Mutter. ... Diese aggressiven Neigungen haben bei Hans keinen Ausweg gefunden, und sobald sie in einer Zeit der Entbehrung und gesteigerten sexuellen Erregung verstärkt hervorbrechen wollen, entbrennt jener Kampf, den wir die 'Phobie' nennen. Während derselben dringt ein Teil der verdrängten Vorstellungen als Inhalt der Phobie, entstellt und auf einen anderen Komplex überschrieben, ins Bewusstsein; aber kein Zweifel, dass dies ein kümmerlicher Erfolg ist. Der Sieg verbleibt der Verdrängung, die bei dieser Gelegenheit auf andere als die vordringliche Komponente übergreift. (Freud, 1909. Studienausgabe, Band VIII, p. 116)

Portanto, no caso do Hans, a repressão do grupo psíquico, composto pela representação da vagina e da imagem motora do coito, provocou a transformação da excitação sexual (da libido) em angústia. A transformação em angústia, por sua vez, mantinha a repressão pois impedia que a excitação sexual se conduzisse ao grupo psíquico reprimido. Acontece, portanto, na histeria de angústia algo similar a o que ocorrera na história filogenética: o afastamento dos objetos sexuais, devido ao perigo que alcança-los envolvia. Provocou-se, então, a transformação da libido insatisfeita em angústia e essa transformação, por sua vez, possibilitou a manutenção do abandono dos objetos sexuais que assim deixaram de fazer pressão em direção ao coito.

A análise da fobia de Hans nos mostra que a repressão, na histeria de angústia, não é efetivamente sobre a representação do objeto amado (da mãe), mas sobre as representações que conduziriam ao coito, as representações da vagina e do ato sexual. Neste caso a transformação da libido em angústia não se dá devido à falta da mãe, nem devido à repressão da masturbação (que satisfazia a libido provocada pela falta da mãe e pela recordação dos cuidados da mãe) mas sim devido à repressão do grupo psíquico que conduziria ao coito caso não estivesse reprimido.

Conseguimos um primeiro ganho com a análise da disposição para a neurose iluminada pela história dos tempos glaciais. Apesar da angústia de anseio ser interpretada na maior parte das vezes como a marca da repressão sobre o nosso primeiro objeto de satisfação, como a perda deste primeiro objeto (da mãe), perda que caracterizaria a inserção do ser humano na ordem do simbólico (o que corresponderia à função do pai de separar o filho da mãe), a história filogenética e a histeria de angústia nos mostram que a angústia de anseio é a marca de um processo anterior à perda do objeto, anterior mesmo à própria inscrição do objeto de satisfação no psíquico. Ela corresponde ao afastamento da função sexual biológica, ao impedimento da ação que levaria a cabo a satisfação da função sexual biológica. Ela é, portanto, a marca do afastamento do ser humano da ordem biológica. Um afastamento a princípio temporário, estratégico, como se fosse um recuo para fortalecer o organismo. No entanto, um afastamento que possibilitou novas formações (inclusive a inscrição psíquica dos objetos de satisfação), que serão descritas

nas próximas fases da história filogenética, e que, por isso, de temporário se tornou permanente, se tornou disposição herdada, inata, presente em todos os seres humanos, todos herdamos um impulso sexual desvinculado de seus objetos e objetivos biológicos. Um impulso sexual que, uma vez não satisfeito por meio da ação biológica, pôde encontrar diversas outras formas de satisfação. Mas um impulso que antes de qualquer satisfação se caracteriza com angústia.

Assim compreendemos a segunda citação de Freud que iniciamos o capítulo e que repetimos aqui, sublinhando o não: “*A libido sexual perdeu, no entanto, primeiramente seus objetos que são humanos, não, porém deixa-se pensar que o eu ameaçado em sua existência absteve-se, em alguma medida, do investimento de objeto*”.

Não se trata de perda do objeto, como ocorre na angústia infantil. Se trata de algo anterior, de uma abstenção do investimento dos objetos que satisfariam a função biológica, se trata da inibição do investimento psíquico de representações que teriam como função satisfazer as necessidades biológicas (inibição de representações como as da memória dos animais, que servem para auxiliar as ações que cumprem as funções biológicas). Essa abstenção do investimento do objeto marca, por sua vez, aquilo que chamamos de afastamento da ordem do biológico.

Surge então na primeira fase filogenética uma certa quantidade de libido insatisfeita, que pode permanecer no eu sem pressionar à satisfação direta. A angústia de anseio é a expressão deste excesso de libido, excesso que corresponde ao fator econômico (a quantidade) necessário para o funcionamento e desenvolvimento do aparelho psíquico. A primeira fase da história filogenética, portanto, cria uma disposição que faz o papel que fez a neurose de angústia nos primeiros textos de Freud, a neurose de angústia possibilitou a Freud supor uma força constante nas neuroses, independentemente das vivências traumáticas e que o conduziu posteriormente a suposição da sexualidade infantil como força constante na neurose. A primeira expressão desta quantidade, deste impulso destituído de finalidade, é angústia. Essa talvez seria uma explicação plausível para a afirmação de Freud de que a angústia não tem objeto, discernindo-a de Furcht. Ela não só não tem um objeto que teme, como

também não é propriamente anseio por um objeto específico, mas sim um anseio originalmente destituído de objeto, destituído de finalidade.

Isso não quer dizer que a angústia de anseio, como transformação da libido, não teve na filogênese uma finalidade. Sim a teve, a história filogenética narra uma situação na qual transformar o impulso sexual (biológico) em angústia teve uma finalidade: evitar que eles se transformasse em ação. Essa transformação é fruto da angústia real que, percebendo os perigos da satisfação libidinal, a impediu. Mas essa finalidade foi justamente destituir o impulso sexual de sua finalidade biológica.

É importante aqui apontarmos a coincidência desta suposição de um excesso de quantidade que não se transforma em ação com a concepção do aparelho psíquico formulada por Freud no *Projeto*. Agora não em relação ao afeto, mas em relação à memória provocada pela vivência de satisfação, em relação à constituição do desejo. No *Projeto*, a incapacidade original do ser humano de realizar a ação específica que satisfaz a fome (lhe faltam imagens de movimento que o aproxime do alimento) justifica o fato de que a representação do objeto que auxilia a satisfação (do objeto desiderativo) se coloque no lugar de uma ação. Dessa incapacidade desenvolve-se, então, o núcleo do eu: o desejo, a alucinação, e toda a constituição do eu a fim de inibir a alucinação e transformar a realidade percebida na realidade desejada (que contém o objeto desiderativo). A incapacidade da ação biológica (alimentar-se) faz com que o humano troque a busca da satisfação biológica pela busca do objeto desiderativo, pela busca por seu reencontro. A ação alcançada posteriormente pelo eu não visará satisfazer as necessidades biológicas, mas reencontrar o objeto desiderativo ou seus substitutos. Também na filogênese é a ausência da ação, no caso da ação sexual, que inicia o processo de hominização.

Mas voltemos ainda à exposição da primeira fase da história filogenética para compreendermos as relações temporais propostas por Freud, tanto na filogênese como na

ontogênese. Assim Freud continua as considerações sobre a primeira fase, em *Visão geral das neuroses de transferência*:

*Na angústia infantil nós vemos então que a criança transforma a libido de objeto no caso de insatisfação em angústia real frente ao estranho, mas também que ela em geral tende a se angustiar perante todo novo. Temos conduzido uma longa controvérsia se a angústia original é a real ou a de anseio, se a criança transforma sua libido em angústia real pois a considera demasiadamente grande e perigosa e assim em geral chega na representação do perigo ou se ao contrário se produz um estado de angústia geral e dele se aprende a temer também sua libido insatisfeita. Nossa tendência foi primeiramente supor a precedência da angústia de anseio (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência) <sup>128</sup>.*

Ordenemos os grupos diferenciando angústia de anseio de angústia real. Quando a criança transforma a libido insatisfeita em angústia real perante o estranho, é um exemplo de angústia de anseio, da falsa angústia do real, na qual o estranho é visto como perigoso porque não pode satisfazer a libido. Quando a criança tende a angustiar-se perante tudo que é novo, trata-se da verdadeira angústia do real, pois o novo pode ser perigoso. Se a criança julga sua libido muito grande e perigosa e por isso a transforma em angústia, temos a angústia de anseio. Quando a criança cede a um estado de angústia geral, ela teme tudo, temos uma efetiva angústia do real, e só posteriormente o temor diante da libido. A diferença entre um caso e outro, parece-nos, não está na percepção, ou não, do perigo. Em ambos os casos há a percepção do perigo. A diferença está no que é percebido como perigoso. No caso da angústia de anseio, perigosa é a libido, são suas exigências. No caso da angústia do real, o mundo externo que é perigoso.

Na Conferência *A angústia* de 1917, Freud faz uma discussão parecida e considera a angústia de anseio anterior a verdadeira angústia do real. Acompanhemos a exposição das ideias de Freud. Aparentemente a criança parece efetivamente temer o real.

---

<sup>128</sup> An der infantilen Angst sehen wir nun, dass das Kind die Objektlibido im Falle der Unbefriedigung in Realangst vor dem Fremden verwandelt, aber auch, dass es überhaupt dazu neigt, sich vor allem Neuen zu ängstigen. Wir haben einen langen Streit darüber geführt, ob die Realangst oder die Sehnsuchtagst das Ursprünglichere ist, ob das Kind seine Libido in Realangst wandelt, weil es [sie] für zu gross, gefährlich erachtet, und so überhaupt zur Vorstellung der Gefahr kommt oder ob es vielmehr einer allgemeinen Ängstlichkeit nachgibt und aus dieser lernt, sich auch vor seiner unbefriedigten Libido zu fürchten. Unsere Neigung ging dahin, das erstere anzunehmen, die Sehnsuchtagst voranzustellen, aber dazu fehlte uns eine besondere Disposition. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p.74). (versão baseada na tradução brasileira de Abram J. Eksterman, publicada pela Imago com o título: Neuroses de Transferência: uma síntese, 1987).

*Por um lado, nós não nos surpreendemos quando a criança se angustia perante todas as pessoas estranhas, objetos e situações novos, e explicamos muito facilmente essa reação pela sua fraqueza e ignorância. Nós atribuímos, portanto, às crianças uma forte tendência para a angústia real e consideramos muito conveniente se este estado de angústia foi trazido no nascimento como herança. A criança repetiria nisso apenas o comportamento do homem original e dos primitivos de hoje, que devido a sua ignorância e desamparo tem angústia diante de toda coisa nova e diante de muita coisa familiar que hoje não nos provoca mais angústia. (Freud. 1917) <sup>129</sup>.*

Essa angústia real, inata, herdada dos primeiros homens, que é uma reação muito adequada ao desconhecido, pois este pode ser perigoso, tornar-se-ia no neurótico medo do excesso de libido, receio diante de sua incapacidade de satisfazê-la. A coincidência da angústia do real com a neurose (angústia de anseio), neste caso, dever-se-ia à consciência, que há tanto na angústia quanto na neurose, dos perigos que representam o mundo diante da própria fraqueza.

*Por outro lado nós não podemos deixar de ver que todas as crianças não são angustiadas na mesma medida e que exatamente as crianças que manifestam um especial receio diante de todos possíveis objetos e situações mostram-se mais tarde como nervosas. A disposição neurótica revela-se, portanto, também por uma tendência pronunciada para angústia do real, o estado de angústia aparece como o primário e chega-se a conclusão de que a criança e mais tarde o jovem se angustiam perante a altura de sua libido, pois eles se angustiam mesmo perante tudo. A origem da angústia na libido seria com isso rejeitada e, se, se investiga as condições da angústia do real, chega-se conseqüentemente à suposição de que a consciência da própria fraqueza e desamparo – o valor de inferioridade, na terminologia de Adler – também é o último fundamento das neuroses, quando ele pode prosseguir da infância à vida madura. (Freud, ibidem) <sup>130</sup>.*

---

<sup>129</sup> Denn einerseits verwundern wir uns nicht, wenn sich das Kind vor allen fremden Personen, neuen Situationen und Gegenständen ängstigt, und erklären uns diese Reaktion sehr leicht durch seine Schwäche und Unwissenheit. Wir schreiben also dem Kinde eine starke Neigung zur Realangst zu und würden es für ganz zweckmässig ansehen, wenn es diese Ängstlichkeit als Erbschaft mitgebracht hätte. Das Kind würde hierin nur das Verhalten des Urmenschen und des heutigen Primitiven wiederholen, der infolge seiner Unwissenheit und Hilflosigkeit vor allem Neuen Angst hat und vor so viel Vertrautem, was uns heute keine Angst mehr einflösst. (Freud. 1916/7. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, 25. Vorlesung: Die Angst. Studienausgabe, Band I, p. 392)

<sup>130</sup> Andererseits können wir nicht übersehen, dass nicht alle Kinder in gleichem Masse ängstlich sind und dass gerade die Kinder, welche eine besondere Scheu vor allen möglichen Objekten und Situationen äussern, sich späterhin als Nervöse erweisen. Die neurotische Disposition verrät sich also auch durch eine ausgesprochene Neigung zur Realangst, die Ängstlichkeit erscheint als das Primäre, und man gelangt zum Schlusse, das Kind und später der Heranwachsende ängstigen sich vor der Höhe ihrer Libido, weil sie sich eben vor allem ängstigen. Die Entstehung der Angst aus der Libido wäre hiemit abgelehnt, und wenn man den Bedingungen der Realangst nachforschte, gelangte man konsequent zu der Auffassung, dass das Bewusstsein der eigenen Schwäche und Hilflosigkeit - Minderwertigkeit in der Terminologie von A. Adler - auch der letzte Grund der Neurose ist, wenn es sich aus der Kinderzeit ins reifere Leben fortsetzen kann. (Freud, ibidem)



Assim, nesta primeira suposição, na ontogênese, a angústia do real seria anterior à angústia de anseio. As crianças teriam primeiramente consciência de sua fraqueza e desamparo, por isso temeriam o mundo real, e só posteriormente temeriam sua libido elevada, quer dizer, apresentariam a angústia de anseio.

Mas, logo depois de considerar a angústia do real consciência de fraqueza e de desamparo, Freud recusará a ideia de que ela exista na criança:

*O que, porém, revela uma cuidadosa observação do estado de angústia da criança? A criança pequena angustia-se antes de tudo diante de pessoas estranhas; situações somente se tornam significativas se tiverem pessoas, e objetos são levados em consideração apenas mais tarde. Diante desses estranhos a criança angustia-se não porque atribua a eles más intenções e compare sua fraqueza com a força deles, portanto, considere-os como perigo para sua existência, segurança e isenção de dor. Uma criança de tal modo desconfiada, assustada a partir de um impulso de agressão que domina o mundo é uma construção teórica certamente malograda. No entanto, a criança assusta-se diante de uma figura estranha, pois ela conta com a visão da pessoa confiável e amável, no fundo a mãe. É sua desilusão e anseio o que se transforma em angústia, portanto, libido tornada inutilizável que não pode ser mantida em suspensão, mas é eliminada como angústia. (Freud, id.)<sup>131</sup>.*

O que há na infância é a transformação da libido, que não pode ser mantida suspensa, em angústia, nada semelhante à consciência da fraqueza ou do desamparo. Para ilustrar a angústia infantil, de anseio, Freud, mais uma vez, utiliza o exemplo da criança que sente medo no escuro e que tem sua angústia (seu medo) acalmada quando sua tia fala, e conclui:

*O anseio na escuridão é transformado assim em angústia [medo] da escuridão. Está de longe afastado que a angústia neurótica seria apenas secundária e um caso especial de angústia do real, nós vemos, ao contrário, na criança pequena, que*

---

<sup>131</sup> Was lässt aber eine sorgfältige Beobachtung der Ängstlichkeit der Kinder erkennen? Das kleine Kind ängstigt sich zu allererst vor fremden Personen; Situationen werden erst dadurch bedeutsam, dass sie Personen enthalten, und Gegenstände kommen überhaupt erst später in Betracht. Vor diesen Fremden ängstigt sich das Kind aber nicht etwa darum, weil es ihnen böse Absichten zutraut und seine Schwäche mit deren Stärke vergleicht, sie also als Gefahren für seine Existenz, Sicherheit und Schmerzfreiheit agnosziert. Ein derart misstrauisches, von dem weltbeherrschenden Aggressionstrieb geschrecktes Kind ist eine recht verunglückte theoretische Konstruktion. Sondern das Kind erschrickt vor der fremden Gestalt, weil es auf den Anblick der vertrauten und geliebten Person, im Grunde der Mutter, eingestellt ist. Es ist seine Enttäuschung und Sehnsucht, welche sich in Angst umsetzt, also unverwendbar gewordene Libido, die derzeit nicht in Schweben gehalten werden kann, sondern als Angst abgeführt wird. (Freud, id., p 392/3).

*algo que se comporta como angústia do real, tem em comum com a angústia neurótica o traço essencial da origem na libido não utilizada. (Freud, id.)*<sup>132</sup>.

Como a origem da angústia infantil é a libido não utilizada (angústia de anseio) Freud, finalmente, descarta a existência da angústia do real na criança:

*A criança parece trazer consigo pouco da verdadeira angústia do real. Em todas as situações que mais tarde podem ser condições de fobia, de altura, pinguelas estreitas sobre a água, de viagem de trem e em barcos, a criança não mostra angústia e certamente quanto maior a ignorância, menor a angústia. Seria muito desejável se ela tivesse recebido por herança mais desses instintos de proteção da vida; a tarefa de vigiá-la, que deve impedi-la de se expor de um perigo a outro, seria muito facilitada. Na verdade, porém, a criança no início superestima suas forças e comporta-se livre de angústia, pois não conhece os perigos. Ela corre na beira da água, sobe no parapeito da janela, brinca com objetos afiados e com o fogo, em resumo, faz tudo que traz danos e que deve preocupar quem cuida dela. É inteiramente o trabalho da educação quando finalmente desperta nela a angústia do real, já que não se pode permitir a ela fazer por si mesma a experiência instrutiva (Freud, id.)*<sup>133</sup>.

A angústia do real é fruto da educação ou, quando possível, fruto da experiência (trata-se aqui, daquilo que resulta das vivências de dor). Não tem nada de inato. Pelo contrário, as crianças que se submetem facilmente à educação para os perigos reais ou que os temem sem terem sido ensinadas, i.e., as crianças que aparentemente apresentam angústia do real são na verdade aquelas que mais têm necessidades libidinais, portanto, sua angústia é uma falsa angústia do real.

*Se existem crianças que vão um bocado longe de encontro a esta educação para a angústia e que também encontram por si próprias os perigos perante os quais não foram alertadas, é suficiente o esclarecimento de que elas trazem consigo na sua*

---

<sup>132</sup> Die Sehnsucht in der Dunkelheit wird also zur Angst vor der Dunkelheit umgebildet. Weit entfernt, dass die neurotische Angst nur sekundär und ein Spezialfall der Realangst wäre, sehen wir vielmehr beim kleinen Kinde, dass sich etwas als Realangst gebärdet, was mit der neurotischen Angst den wesentlichen Zug der Entstehung aus unverwendeter Libido gemein hat. (Freud, id., p. 393)

<sup>133</sup> Von richtiger Realangst scheint das Kind wenig mitzubringen. In all den Situationen, die später die Bedingungen von Phobien werden können, auf Höhen, schmalen Stegen über dem Wasser, auf der Eisenbahnfahrt und im Schiff, zeigt das Kind keine Angst, und zwar um so weniger, je unwissender es ist. Es wäre sehr wünschenswert, wenn es mehr von solchen lebensschützenden Instinkten zur Erbschaft bekommen hätte; die Aufgabe der Überwachung, die es daran verhindern muss, sich einer Gefahr nach der anderen auszusetzen, wäre dadurch sehr erleichtert. In Wirklichkeit aber überschätzt das Kind anfänglich seine Kräfte und benimmt sich angstfrei, weil es die Gefahren nicht kennt. Es wird an den Rand des Wassers laufen, auf die Fensterbrüstung steigen, mit scharfen Gegenständen und mit dem Feuer spielen, kurz alles tun, was ihm Schaden bringen und seinen Pflegern Sorge bereiten muss. Es ist durchaus das Werk der Erziehung, wenn endlich die Realangst bei ihm erwacht, da man ihm nicht erlauben kann, die belehrende Erfahrung selbst zu machen. (Freud, id., p. 393/4)

*constituição uma medida maior de necessidade libidinal ou que foram precocemente mal acostumadas com a satisfação libidinal.* (Freud, id.)<sup>134</sup>.

Angústia real, originada na percepção dos perigos do mundo, na infância, é sempre falsa. Trata-se de intensa necessidade libidinal, determinada constitucionalmente ou por mimos excessivos. Atribuir a angústia à situação (escuridão), ao bicho papão ou às histórias contadas para a criança é desconhecer sua origem, como já fora exposto nos *Três ensaios sobre a sexualidade*:

*A angústia das crianças não é, originalmente, nada diferente que a expressão de que elas dão por falta da pessoa amada; elas vão de encontro a todos estranhos com angústia; elas têm medo na escuridão, pois nela não se vê a pessoa amada, e deixam-se acalmar quando podem pegar a mão da mesma na escuridão. Superestima-se o efeito de todo bicho papão e as histórias arrepiantes das babás, quando os culpam de produzir o estado de angústia das crianças. Crianças que tendem para o estado de angústia apenas acolhem tais histórias que em outros, de passagem, não necessitam fixar-se; e tendem para o estado de angústia apenas crianças com impulso sexual desmedido ou desenvolvido precocemente ou tornado exigente por excesso de mimo.* (Freud, 1905)<sup>135</sup>.

O medo do estranho, do escuro ou do bicho papão é, no fundo, medo da exigência libidinal desmedida. Na infância, só se conhece este medo. Mas é certo que o medo da insatisfação da libido, na criança, deve-se a ausência do objeto amado. O estranho é temido, porque se esperava encontrar a mãe. Se, no entanto, levamos em conta o que encontramos na histeria de angústia (no caso Hans) e na história filogenética, podemos supor que a libido desmedida que se teme deve-se a própria condição do ser humano que afastou-se da ordem da natureza (biológica). Neste caso, assim como ao estranho são atribuídos conteúdos que originalmente não estão ligados a ele mas sim ao objeto amado (ele simboliza a ausência da mãe), também ao próprio objeto amado, como veremos na

---

<sup>134</sup> Wenn es nun Kinder gibt, die dieser Erziehung zur Angst ein Stück weit entgegenkommen und die dann auch selbst Gefahren finden, vor denen man sie nicht gewarnt hat, so reicht für sie die Erklärung aus, dass sie ein grösseres Mass von libidinöser Bedürftigkeit in ihrer Konstitution mitgebracht haben oder frühzeitig mit libidinöser Befriedigung verwöhnt worden sind. (Freud, id., p. 394)

<sup>135</sup> Die Angst der Kinder ist ursprünglich nichts anderes als der Ausdruck dafür, dass sie die geliebte Person vermissen; sie kommen darum jedem Fremden mit Angst entgegen; sie fürchten sich in der Dunkelheit, weil man in dieser die geliebte Person nicht sieht, und lassen sich beruhigen, wenn sie dieselbe in der Dunkelheit bei der Hand fassen können. Man überschätzt die Wirkung aller Kinderschrecken und gruseligen Erzählungen der Kinderfrauen, wenn man diesen schuld gibt, dass sie die Ängstlichkeit der Kinder erzeugen. Kinder, die zur Ängstlichkeit neigen, nehmen nur solche Erzählungen auf, die an anderen durchaus nicht haften wollen; und zur Ängstlichkeit neigen nur Kinder mit übergroßem oder vorzeitig entwickeltem oder durch Verärtelung anspruchsvoll gewordenem Sexualtrieb. (Freud, 1905-B, Studienausgabe, Band V, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, p. 127).

próxima fase filogenética e como já apontamos ao lembrarmos da teoria da vivência de satisfação no *Projeto ...*, são atribuídas características que originalmente não pertencem a ele: a capacidade de aplacar uma exigência libidinal desmedida, na verdade, implacável, já que destituída das suas finalidades biológicas.

O que, no entanto, no momento nos interessa ressaltar é que a angústia de anseio, infantil, é uma angústia ligada não ao perigo externo, mas ao perigo interno: ao perigo da intensidade (da altura) da libido. O estranho é temido porque ele não pode satisfazer a libido como pôde a mãe; a criança transforma sua libido em angústia do real (falsa angústia do real) porque a julga muito grande e perigosa. Atribuir a algo externo o perigo que é interno parece facilitar o lidar com o perigo interno. Também, podemos supor, encontrar objetos amados que parcialmente satisfaçam esta libido desmedida, como faz a criança na ontogênese, é uma forma de lidar com este perigo devido ao excesso de libido insatisfeita (como veremos no próximo capítulo). De toda forma, na ontogênese a angústia da criança antes de ser angústia do real, percepção do perigo externo, está ligada ao perigo interno, ao excesso da libido.

O que ocorre então na filogênese? A angústia do real é anteposta à angústia de anseio.

*A consideração filogenética parece então arbitrar esta controvérsia a favor da angústia do real e deixa-nos supor que uma parte das crianças traz consigo o estado de angústia do começo dos tempos glaciais e então através dele é tentada a tratar a libido insatisfeita como um perigo externo. O relativo excesso da libido derivou porém do mesmo arranjo e possibilitou a nova aquisição do estado de angústia disposto. (Freud, 1915-1. Visão geral das neuroses de transferência)<sup>136</sup>.*

Na filogênese, primeiro encontramos a angústia do real, quando o mundo externo, nos tempos glaciais, se tornou um acúmulo de riscos iminentes, posteriormente, surgiu a angústia de anseio, quando a libido insatisfeita se transformou em angústia, em um

---

<sup>136</sup> Die phylogenetische Überlegung scheint nun diesen Streit zugunsten der Realangst zu schlichten und lässt uns annehmen, dass ein Anteil der Kinder die Ängstlichkeit des Beginns der Eiszeiten mitbringt und nun durch sie verleitet wird, die unbefriedigte Libido wie eine äussere Gefahr zu behandeln. Das relative Übermass der Libido würde aber derselben Anlage entspringen und die Neuerwerbung der disponierten Ängstlichkeit ermöglichen. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p.74). (versão baseada na tradução brasileira de Abram J. Eksterman, publicada pela Imago com o título: Neuroses de Transferência: uma síntese, 1987).

impulso demasiadamente grande e perigoso que perdeu sua direção determinada biologicamente. Podemos dizer que, na filogênese, evitou-se o perigo externo (os perigos envolvidos na satisfação da libido) constituindo um permanente estado de perigo interno. A constituição da angústia de anseio possibilitou que o impulso sexual não mais pressionasse à ação biológica, à custa, no entanto, de conviver com um excesso de quantidade que se caracteriza como um constante perigo interno. Evitou-se o perigo da satisfação da libido por meio da constituição de um excesso de libido insatisfeita, que não deixou de ser um perigo, agora interno e não externo. Não se pressiona mais à satisfação biológica, no entanto, permanece uma pressão destituída de uma direção.

Comparemos então o desenvolvimento ontogenético e o filogenético. Na ontogênese a criança passa da angústia de anseio à angústia do real, ela aprende a temer os reais perigos do mundo externo, na medida em que inibe suas necessidades libidinais transformadas em angústia de anseio. Aprende também a reconhecer sua libido (trazê-la a consciência) em vez de transformá-la em angústia. Na filogênese, no entanto, a angústia de anseio está apoiada na angústia real, é uma consequência dela. Foram os perigos do mundo, mas mais especificamente o perigo que envolve a satisfação da libido, que levou ao mecanismo de transformá-la em angústia. Há, portanto, uma inversão de direção entre os desenvolvimentos na ontogênese e na filogênese. Esta inversão aparecerá de forma mais evidente no próximo capítulo, em relação às formas de satisfação sexual, mas aqui já está presente a ideia de que aquilo que foi adquirido na filogênese tem de ser inibido na ontogênese. Para que o feto volte a ter uma função de autopreservação, i.e., se caracterize como uma verdadeira angústia do real, a angústia de anseio, a falsa angústia do real, tem de ser inibida.

Assim, na ontogênese, originalmente encontramos um excesso de libido destituída de direção (o que mostra a angústia infantil), no desenvolvimento, no entanto, alguma direção deve ser encontrada, ao menos, o indivíduo deve ser capaz de minimamente dominar o perigo interno para que possa perceber os efetivos perigos reais e se autopreservar. Se temos então por um lado uma excitação destituída de direção e que

poderá ser utilizada das mais formas diversas formas, por outro lado, há uma organização do sentido de que os instintos biológicos, no caso, de autopreservação, possam atuar.

Podemos dizer que nesta fase se constitui algo próximo do que Nietzsche descreveu em *Genealogia da moral*, quando os homens perdem seus instintos norteadores: "*ocorreu a esses semi-animais adaptados de modo feliz à natureza selvagem, à vida errante, à guerra, à aventura, subitamente seus instintos ficaram sem valor e suspensos.*" (Nietzsche, *Genealogia da moral*, 1887, p.72). Nietzsche compara esse acontecimento com a mudança de habitat dos animais, na evolução, da água para a terra: "*o mesmo que deve ter sucedido aos animais aquáticos, quando foram obrigados a tornar animais terrestres ou perecer ... A partir de então deveriam andar com os pés e carregar a si mesmos, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles.*" (ibidem). Similar à necessidade de andar sobre os próprios pés é a necessidade de guiar-se sem os antigos guias que eram seus impulsos (Triebe): "*nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos*" "*e os velhos instintos não cessaram de fazer suas exigências*". (ibidem, p. 73).

É verdade que para Nietzsche os impulsos guias são os impulsos de guerra, de aventura (algo próximo da vontade de poder, que consideraremos constituída na terceira fase e perdida na quarta fase filogenética) e não os impulsos sexuais. Mas se trata aqui de impulsos que deixam de ser guias, que irão se interiorizar e ser, posteriormente, responsáveis pela imaginação e pela sublimação.

Outra semelhança de Freud com Nietzsche é a ideia de que esses impulsos não deixam de fazer suas exigências. A tensão sexual, desvinculada da função sexual biológica, possibilita novas aquisições para a espécie, no entanto, sua origem instintiva não deixa de fazer suas exigências. Vimos que na ontogênese o afeto de medo (Angst) diante da realidade efetivamente perigosa tem de ser reconstituído, poderíamos dizer, porque o instinto de autopreservação, no caso o medo real, continua fazendo suas

exigências. Mas mais do que isso, como veremos no próximo capítulo, na ontogênese, a própria função biológica sexual, perdida na filogênese, não deixa de fazer suas reivindicações e determina o desenvolvimento dos impulsos sexuais, que devem (mesmo que nunca consigam) se tornar genitais, se voltar ao outro sexo e conduzir a cópula.





## Capítulo III

### Sexualidade Perversa

*Nas asas da imaginação o homem abandona os limites estreitos do presente, em que o encerra a mera animalidade, para empenhar-se por um futuro ilimitado; ao abrir-se, entretanto, o infinito à sua imaginação vertiginosa, o coração ainda não deixou de viver no individual e de servir ao instante (Schiller, 1795) <sup>137</sup>.*

Na segunda fase filogenética surge então a sexualidade propriamente humana: perversa e polimorfa. A razão de seu surgimento foi o conflito específico com a função procriadora; não o conflito com a busca do objeto para realizar o coito, a ação que satisfaz a função biológica (como na primeira fase), mas o conflito com a consequência do coito, com a procriação: *"Com o avanço dos tempos difíceis, o homem primitivo ameaçado em sua existência precisou render-se ao conflito entre a autoconservação e o prazer da procriação, que encontra sua expressão na maioria dos casos típicos de histeria"*. (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência) <sup>138</sup>.

Nesta fase, os seres humanos abandonam o prazer da procriação. Não devido propriamente aos perigos que acarreta a satisfação da função sexual biológica, como na primeira fase (e como parece apontar a citação acima), mas devido ao amor pelos filhos:

*Os alimentos não eram suficientes para permitir um aumento das hordas humanas, e as forças dos indivíduos isolados não eram suficientes para manter vivos muitos desamparados. A morte dos nascidos encontrou certamente uma resistência no amor especialmente das mães narcisistas. Com isso tornou-se dever social limitar a procriação.* (Freud, *ibidem*) <sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> Schiller, 1795, A educação estética do homem. S.P.: Iluminárias, 2011, p. 115.

<sup>138</sup> "Mit dem Fortschritt der harten Zeiten musste sich den in ihrer Existenz bedrohten Urmenschen der Konflikt zwischen Selbsterhaltung und Fortpflanzungslust ergeben, welcher in den meisten typischen Fällen von Hysterie seinen Ausdruck findet." (Freud, 1915-1 Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 74/5).

<sup>139</sup> "Die Nahrungsmittel reichten nicht hin, eine Vermehrung der menschlichen Horden zu gestatten, und die Kräfte des Einzelnen reichten nicht aus, so viele der Hilflosen am Leben zu erhalten. Die Tötung der Geborenen fand sicherlich einen Widerstand an der Liebe besonders der narzisstischen Mütter. Somit wurde es soziale Pflicht, die Fortpflanzung zu beschränken." (Freud, *ibidem*)

O conflito, portanto, não é entre autopreservação e procriação, mas entre o cuidado com os filhos já nascidos e a procriação, quer dizer, o cuidado com os futuros filhos. Podemos supor que, entre a primeira e a segunda fase filogenética, constituiu-se a família primitiva, o que diminuiu o perigo de se buscar o/a parceiro/a sexual, diminuindo assim o conflito entre a satisfação do impulso sexual e a autopreservação, mas, na família primitiva, se instituiu um novo conflito: entre a satisfação do impulso sexual (e sua consequência, a reprodução) e o cuidado com a prole. Tornou-se então dever social limitar a procriação em prol dos desamparados, portanto, dos filhos já nascidos.

*As satisfações perversas, que não conduziam a geração de criança, escaparam desta proibição, o que promoveu uma certa regressão para a fase da libido anteriores ao primado dos genitais. ... Essa situação completa corresponde conhecidamente às condições da histeria de conversão. (Freud, ibidem) <sup>140</sup>*

Regrediu-se então a fases do desenvolvimento da libido anteriores ao primado do genital, por exemplo, para fases nas quais o acasalamento era uma forma de devoração, ou a fecundação se realizava pelo cloaca. Regrediu-se, na verdade, à atividade de outras zonas erógenas, que agora não cumpriam mais uma finalidade biológica reprodutiva, como cumpriram anteriormente, e agora serviam apenas para substituir as atividades genitais que deviam ser evitadas (pois acarretariam o aumento da horda). A sexualidade perversa também foi uma solução para impedir o acesso aos objetos sexuais, como ocorreu na primeira fase filogenética. Agora a evitação centrava-se menos no grupo psíquico, que se não evitado conduziria à ação, e mais na própria ação sexual genital. Na primeira fase a proibição incidia sobre o grupo psíquico, pois o perigo estava em alcançar os objetos; uma vez alcançado o objeto, o coito, em si, não envolvia perigos. Agora a proibição incide sobre a ação de alcançar o objeto, sobre a atividade genital, sobre o coito em si (para evitar suas consequências): *"proibições, que querem interromper a função*

---

<sup>140</sup> "Die perversen, nicht zur Kinderzeugung führenden Befriedigungen entgingen diesem Verbot, was eine gewisse Regression auf die Libidophase vor dem Primat der Genitalien beförderte. ... Diese ganze Situation entspricht offenkundig den Bedingungen der Konversionshysterie." (Freud, ibidem).

*genital, enquanto impressões precoces fortemente excitantes pressionam para a atividade genital" (Freud, ibidem)<sup>141</sup>.*

No entanto, a libido em vez de permanecer no eu como angústia, como na primeira fase, encontra aqui ações e objetos substitutos. Em vez de se satisfazer no coito, se satisfaz por meio de outras funções biológicas, que foram um dia sexuais mas perderam esta função. Junto com a substituição da ação biológica sexual, substitui-se também os objetos. Agora o próprio corpo satisfaz o impulso, constituindo o autoerotismo.

O surgimento da sexualidade perversa seguiu, então, as seguintes etapas: inicialmente nas famílias primitivas, teve livre curso a ação específica relacionada à sexualidade, i.e., o coito e sua consequência, a procriação; posteriormente, devido aos escassos alimentos que implicavam na matança dos recém-nascidos, as mães, de forma semelhante ao que fizeram os seres humanos em geral na primeira fase, optaram por não satisfazer sua libido de forma que acarretasse a procriação, mas, em vez de transformar sua libido em angústia, passaram a se satisfazer perversamente, de outras formas que não pelo coito. A satisfação genital foi então substituída por uma gama de satisfações perversas.

Acompanhemos os *Três ensaios para a teoria sexual*<sup>142</sup> de Freud, nos quais foi fundamentado o conceito de sexualidade perversa, a fim de compreender o que a história filogenética acrescenta a este conceito.

No primeiro ensaio, Freud analisa a sexualidade humana a partir dos desvios da sexualidade normal (compreendida aqui como aquela que cumpre a função biológica procriativa). A partir da ampla variedade sexual dos seres humanos, Freud constata que o objeto e a meta sexual dos seres humanos não são fixos e apresentam uma enorme variedade. Os objetos podem ser invertidos (homossexuais), fetiches, animais ..., e a

---

<sup>141</sup> unter dem Einfluss der Verbote, welche die Genitalfunktion ausschalten wollen, während stark erregende frühzeitige Eindrücke zur Genitalbetätigung drängen. (Freud, ibidem).

<sup>142</sup> Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, 1905, Freud, Studienausgabe, Band V.

meta, por sua vez, longe de coincidir sempre com o coito pode ser a felação, a relação anal, o exibicionismo, o voyerismo, o sadismo, o masoquismo e assim por diante. A sexualidade humana não coincide com a função sexual biológica: *Geschlecht*, o sexual no sentido genital, reprodutivo, não coincide sempre com *Sexual*.

Neste mesmo ensaio Freud mostra que os desvios da meta sexual (desvio do coito e da procriação) estão presentes tanto na patologia – na perversão e na neurose – como numa relação sexual normal (i.e., no coito). Assim, tanto a prática da felação (encontrada no perverso), como o beijo (encontrado nas relações sexuais normais), como a repugnância histérica, que muitas vezes impede a relação sexual, são manifestações de uma mesma sexualidade perversa, denominada de erotismo oral. Quando esse erotismo se apresenta sem nenhuma oposição, ele se manifesta na prática da felação; quando já existe contra ele a barreira da repugnância, porém esta não é excessiva, presentifica-se no beijo, que conduz ao coito; quando a barreira é muito intensa ela mesma torna-se expressão do erotismo, é o que encontramos na repugnância histérica. Também o erotismo anal pode tanto manifestar-se no paedicatio, como estar presente na relação sexual normal, como ainda apresentar-se na repugnância histérica. Tanto no erotismo oral quanto no anal, as regiões em questão, a membrana mucosa da boca ou do ânus, são tratadas como órgão genital. Não só a felação e a relação anal podem substituir o coito como também o podem as relações fetichistas, o tocar, o olhar e as relações sado-masoquistas. Todas estas práticas (fetichismo, prazer de ver e ser visto, sadismo-masoquismo) estão presentes no perverso, nas relações sexuais normais (supervalorização do objeto sexual, a prática de tocar, olhar e dominar o objeto sexual antes do ato sexual propriamente dito) e no neurótico, através das barreiras (a vergonha, manifestação do impulso de ver, e a dor, manifestação do impulso sádico-masoquista).

Na patologia, as práticas sexuais perversas podem substituir integralmente o ato sexual (o coito) – na perversão, de forma positiva (felação, paedicatio, prazer de ver/ser visto, sadismo-masoquismo ...) e na neurose, de forma negativa (através das barreiras) –, enquanto que na normalidade tais erotismos são compatíveis com o ato sexual. Ora, se na patologia há uma substituição do ato sexual normal pela sexualidade perversa, a

sequência de seu desenvolvimento é a mesma da história da humanidade (a 2ª fase dos tempos glaciais) que substituiu a satisfação genital pelas satisfações perversas.

Freud afirma que a maioria dos psiconeuróticos adoece frente às exigências da sexualidade normal, contra elas.

*Na maioria do psiconeuróticos, a doença só ocorre depois da puberdade sob a exigência da vida sexual normal. Contra esta dirige-se, principalmente, a repressão. Ou doenças posteriores se estabelecem na medida em que é negada a satisfação à libido pelos caminhos normais. Em ambos os casos a libido comporta-se como uma corrente cujo leito principal foi obstruído, ela preenche os caminhos colaterais que talvez tivessem permanecidos vazios até então.* (Freud, 1905, Três ensaios sobre a teoria sexual) <sup>143</sup>.

No adoecer histérico são estabelecidos os sintomas que substituem a satisfação sexual normal (caminho que foi por algum motivo obstruído) pela satisfação perversa, pelas satisfações colaterais. Já havíamos visto, no primeiro capítulo (cf p. 41-43) que Elisabeth e Dora adoeceram diante das exigências insatisfeitas da vida sexual madura: Elisabeth, diante do amor pelo cunhado, e Dora, do amor por Herr K.. Em seus sintomas elas erotizaram partes do corpo: a perna, o tórax, o trato digestivo, a garganta, desenvolvendo sintomas que representavam realizações de fantasias (do passeio com o cunhado, da sensação do pênis do Herr K., da sensação de excitação da própria vagina, da relação sexual com o pai, respectivamente). A fantasia realizada no sintoma, no entanto, não é genital, caracteriza-se como uma satisfação colateral que toma o lugar da genital.

Os impulsos sexuais encontrados de forma reprimida, por trás dos sintomas nos psiconeuróticos são invertidos (fixados em pessoas do próprio sexo), ativo em toda espécie de excesso anatômico (boca, anus e qualquer outra zona erógena) e parciais (ver/ser visto, sadismo/masiquismo). Essas características são substitutas da exigências

---

<sup>143</sup> Bei den meisten Psychoneurotikern tritt die Erkrankung erst nach der Pubertätszeit auf unter der Anforderung des normalen Sexuallebens. Gegen dieses richtet sich vor allem die Verdrängung. Oder spätere Erkrankungen stellen sich her, indem der Libido auf normalem Wege die Befriedigung versagt wird. In beiden Fällen verhält sich die Libido wie ein Strom, dessen Hauptbett verlegt wird; sie füllt die kollateralen Wege aus, die bisher vielleicht leer geblieben waren. (Freud, 1905, Studienausgabe, Band V. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, p. 78)

da sexualidade genital, tanto na histeria como na filogênese, no entanto, elas são originais na ontogênese, são características da sexualidade infantil, sua raiz inata, universal.

*Oferece-se a nós o veredicto de que está na base das perversões, sem dúvida, algo inato, mas algo que é inato em todos os seres humanos que, como disposição, pode oscilar em sua intensidade e esperar sua ênfase pelas influências da vida. Trata-se da raiz inata, dada na constituição, do impulso sexual, que em uma série de casos se desenvolve nos efetivos portadores da atividade sexual (perversões), outras vezes, experimentam uma supressão insuficiente (repressão) de forma que podem, por um desvio, como sintoma patológico, atrair para si uma parte considerável da energia sexual, enquanto que nos casos mais favoráveis, entre os dois extremos, através da limitação efetiva e outra elaboração, dão origem a assim chamada vida sexual normal. (Freud, id., p. 80) <sup>144</sup>.*

Essa raiz inata pode então transformar-se em vida sexual normal, em perversão ou em sintoma neurótico. Há, portanto, um desenvolvimento ontogenético que vai da sexualidade perversa à sexualidade normal, mesmo podendo haver (e sempre haverá) desvios nesse desenvolvimento normal. É suficiente para nós, neste momento, indicar que na ontogênese ocorre um desenvolvimento em sentido contrário a o que ocorre na filogênese. Antes de nos determos no desenvolvimento ontogenético, no entanto, tentemos circunscrever a sexualidade infantil, sexualidade que contém os germes de todas as perversões, com intensidade moderada: *"a constituição considerada, que apresenta os germes de todas as perversões, é indicada apenas nas crianças, embora nelas todos os impulsos possam se apresentar apenas em intensidades modestas."* (ibidem)<sup>145</sup>

No segundo dos *Três ensaios*, Freud descreve a sexualidade perversa como a busca de um prazer já vivenciado e agora recordado. O exemplo típico desta manifestação da sexualidade infantil é o chupar: *"a ação da criança que chupa é*

---

<sup>144</sup> Nun bietet sich uns die Entscheidung, dass den Perversionen allerdings etwas Angeborenes zugrunde liegt, aber etwas, was allen Menschen angeboren ist, als Anlage in seiner Intensität schwanken mag und der Hervorhebung durch Lebensinflüsse wartet. Es handelt sich um angeborene, in der Konstitution gegebene Wurzeln des Sexualtriebes, die sich in der einen Reihe von Fällen zu den wirklichen Trägern der Sexualtätigkeit entwickeln (Perverse), andere Male eine ungenügende Unterdrückung (Verdrängung) erfahren, so dass sie auf einem Umweg als Krankheitssymptome einen beträchtlichen Teil der sexuellen Energie an sich ziehen können, während sie in den günstigsten Fällen zwischen beiden Extremen durch wirksame Einschränkung und sonstige Verarbeitung das sogenannte normale Sexualleben entstehen lassen. (Freud, 1905, id., p. 80)

<sup>145</sup> Wir werden uns aber ferner sagen, dass die angenommene Konstitution, welche die Keime zu allen Perversionen aufweist, nur beim Kinde aufzeigbar sein wird, wengleich bei ihm alle Triebe nur in bescheidenen Intensitäten auftreten können. (Freud, ibidem)

*determinada pela busca de um – já vivenciado e agora recordado – prazer". (Freud, 1905) <sup>146</sup>.*

Trata-se do mecanismo que visa repetir uma vivência de satisfação. Por meio da ação, do sugar, se encontra a satisfação: "*Por meio do sugar rítmico em um lugar da pele ou da mucosa, ela encontra, no caso mais simples, a satisfação*".(Freud, *ibidem*)<sup>147</sup>. A experiência de satisfação, de prazer, recordada, no caso, é a da amamentação.

*É também fácil de adivinhar junto de quais ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que se esforça agora por se renovar. A primeira atividade da criança e a mais importante da vida, o sugar no seio da mãe (ou em seus substitutos), já familiarizou-a com esse prazer. (Freud, *ibidem*) <sup>148</sup>.*

O sugar, no caso, parece reconstituir um prazer anteriormente vivenciado e que agora é alucinado. Freud, nos *Três ensaios*, não fala em alucinação (e sim em recordação), mas a semelhança do prazer do sugar com o desejo que visa repetir uma vivência de satisfação, descrito em *Interpretação dos sonhos* e no *Projeto*, é inegável. Como já vimos em *Formulações sobre os dois princípios*, originalmente, "*o pensado (desejado) foi simplesmente colocado de modo alucinatório*" (cf. p. 51/2). Em *Interpretação dos sonhos*, Freud descreve a gênese do desejo. Ele é constituído a partir de uma vivência de satisfação, cujo componente essencial é uma percepção; seu movimento original é ocupar a imagem recordativa (dessa percepção) a ponto de se torna-la percepção (e não mera recordação), quer dizer, a ponto de torna-la alucinação:

*A criança com fome gritará e se debaterá desamparada. ... Uma mudança apenas pode ocorrer se, por caminhos quaisquer, na criança, através do trabalho de assistência alheia, for feita a experiência da vivência de satisfação, que cancela o estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência é o aparecimento de uma certa percepção (do alimento, no exemplo), cuja imagem de recordação, a*

---

<sup>146</sup> "... die Handlung des lutschenden Kindes durch das Suchen nach einer – bereits erlebten und nun erinnerten – Lust bestimmt wird." (Freud, 1905, Studienausgabe, Band V, p. 88).

<sup>147</sup> "Durch das rhythmische Saugen an einer Haut- oder Schleimhautstelle findet es dann im einfachsten Falle die Befriedigung." (*ibidem*)

<sup>148</sup> "Es ist auch leicht zu erraten, bei welchen Anlässen das Kind die ersten Erfahrungen dieser Lust gemacht hat, die es nun zu erneuern strebt. Die erste und lebenswichtigste Tätigkeit des Kindes, das Saugen an der Mutterbrust (oder an ihren Surrogaten), muß es bereits mit dieser Lust vertraut gemacht haben. (Freud, *ibidem*.)

*partir de agora, permanece associada com o traço de memória da excitação da necessidade. Tão logo esta necessidade ocorra uma próxima vez, devido à ligação estabelecida, produzirá um movimento psíquico que pretende novamente investir a imagem da recordação daquela percepção e provocar novamente a própria percepção, assim, na verdade, reestabelecer a situação da primeira percepção. Um tal movimento é o que nós chamamos de um desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o investimento completo da percepção, a partir do estímulo da necessidade, o caminho mais curto para a realização do desejo. Não há nada que nos impeça de supor um estado primitivo do aparelho psíquico no qual este caminho realmente é assim percorrido, que o desejar acabe, portanto, em um alucinar. (Freud, 1900, Interpretação dos sonhos)<sup>149</sup>.*

A semelhança do circuito do desejo com o impulso sexual original, dos *Três ensaios*, nos leva a supor que uma vez formulado o conceito de impulso sexual infantil, a repetição do circuito do desejo tornou-se independente do surgimento da necessidade. Quer dizer, tornou-se possível pensar a alucinação mesmo sem a fome. O impulso sexual percorre então o mesmo caminho da vivência de satisfação visando restabelecer a percepção (por meio da alucinação) que provocou prazer. Dois fatos da memória da vivência de satisfação são ainda mais explícitos na sua apresentação no *Projeto de um Psicologia*. Primeiro, trata-se da alucinação não do nutriente propriamente, mas do seio, um objeto que só indiretamente satisfaz a necessidade biológica, que auxilia a satisfação biológica, mas que não a satisfaz, um objeto que revela a dependência do organismo humano de uma ação alheia em vez de ser um objeto que satisfaz a necessidade biológica; segundo, a representação (percepção e depois recordação) toma o lugar da ação. Constitui-se neste caminho de eliminação, nesta memória da vivência de satisfação um aparelho determinado por representações, pela memória das experiências e não por impulsos biológicos, constitui-se um sujeito que, antes de ser prático, é teórico.

---

<sup>149</sup> Das hungrige Kind wird hilflos schreien oder zappeln. ... Eine Wendung kann erst eintreten, wenn auf irgendeinen Wege, beim Kinde durch fremde Hilfeleistung, die Erfahrung des *Befriedigungserlebnisses* gemacht wird, das den inneren Reiz aufhebt. Ein wesentlicher Bestandteil dieses Erlebnisses ist das Erscheinen einer gewissen Wahrnehmung (der Nahrung im Beispiel), deren Erinnerungsbild von jetzt an mit der Gedächtnisspur der Bedürfniserregung assoziiert bleibt. Sobald dies Bedürfnis ein nächstesmal auftritt, wird sich, dank der hergestellten Verknüpfung, eine psychische Regung ergeben, welche das Erinnerungsbild jener Wahrnehmung wieder besetzen und die Wahrnehmung selbst wieder hervorrufen, also eigentlich die Situation der ersten Befriedigung wiederherstellen will. Eine solche Regung ist das, was wir einen Wunsch heissen; das Wiedererscheinen der Wahrnehmung ist die Wunscherfüllung, und die volle Besetzung der Wahrnehmung von der Bedürfniserregung her der kürzeste Weg zur Wunscherfüllung. Es hindert uns nichts, einen primitiven Zustand des psychischen Apparats anzunehmen, in dem dieser Weg wirklich so begangen wird, das Wünschen also in ein Halluzinieren ausläuft. (Freud, Studienausgabe, Band II, Die Traumdeutung, Kapitel VII, p. 539)



Vejam os então como se constitui a vivência de satisfação no *Projeto*. Como "*o organismo humano é incapaz de provocar a ação específica*" (Freud, 1895-1, Projeto de uma psicologia)<sup>150</sup>, esta "*se efetua por ajuda alheia, na medida em que ... um indivíduo experiente atenta para o estado da criança*" (ibidem)<sup>151</sup>. "*Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este foi capaz, através de organizações reflexas, de executar sem demora o desempenho necessário no interior de seu corpo para cancelar o estímulo endógeno*" (idem)<sup>152</sup>. Então, se o outro aproxima o alimento, coisa que o organismo humano é incapaz de fazer, aí sim as organizações reflexas, o sugar, por exemplo, proporcionam a satisfação. O que é importante é que dessa experiência constitui-se um caminho facilitado (sem barreiras entre as representações), um caminho de eliminação que só deixará de ser percorrido quando for inibido. O caminho é facilitado porque ao percorrê-lo cessou o desprazer. Ele liga as seguintes representações: 1) representações ligadas à sensação de fome, 2) representação (imagem recordativa) do objeto que realizou a ação específica, 3) representação (imagem de movimento recordativa) do movimento reflexo e 4) cessação do desprazer. Então, uma vez com fome, em vez de aparecer (instintivamente), no aparelho psíquico, uma imagem de movimento que possibilite a aproximação do alimento, é intensificada uma percepção: a percepção do objeto que age em seu lugar. Isso acarreta que:

*Com o reaparecimento do estado de pressão ou de desejo, o investimento prossegue agora também para as re[cordações] e as revivifica. Primeiramente, a imagem recordativa do objeto é atingida pelo revivificar do desejo. Não duvido de que este revivificar do desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, uma alucinação* (Freud, idem)<sup>153</sup>.

---

<sup>150</sup> Der menschliche Organismus ist zunächst unfähig, die spezifische Aktion herbeizuführen. (Freud, Gesammelte Werke, Nachtragsband, Entwurf einer Psychologie, p. 410)

<sup>151</sup> Sie erfolgt durch *fremde Hilfe*, indem ... ein erfahrenes Individuum auf den Zustand des Kindes aufmerksam gemacht [wird] (Freud, ibidem)

<sup>152</sup> Wenn das hilfreiche Individuum die Arbeit der spezifischen Aktion in der Aussenwelt für das hilflose geleistet hat, so ist dieses durch reflektorische Einrichtungen imstande, die zur endogenen Reizaufhebung nötige Leistung in seinem Körperinnern ohne weiteres zu vollziehen. (Freud, id., p. 411)

<sup>153</sup> Mit Wiederauftreten des *Drang-* oder *Wunschzustandes* geht nun die Besetzung auch auf die beiden Er[innerungen] über und belebt sie. Zunächst wird wohl das Objekterinnerungsbild von der *Wunschbelebung* betroffen. Ich zweifle nicht, dass diese Wunschbelebung zunächst dasselbe ergibt wie die Wahrnehmung, nämlich eine *Halluzination*. (Freud, id., p. 412)

O caminho facilitado, portanto, devido ao prazer que proporcionou acarreta sua repetição. O impulso sexual, nos *Três ensaios*, busca também a repetição da vivência de prazer. Com este conceito, de um impulso que busca repetir experiências de prazer, não é mais necessário justificar um caminho facilitado, nem fazê-lo depender do estímulo proporcionado pela fome. Há uma tendência própria do aparelho psíquico, denominada como sexual, que visa repetir as experiências de prazer e que originalmente culmina com a alucinação (uma incapacidade de diferenciar recordação de percepção).

No *Projeto*, este caminho facilitado será o núcleo do eu:

*O eu consiste originalmente de neurônios do núcleo que, através de condução, recebem Q̄ endógena e a eliminam pelo caminho de alteração interna. A vivência de satisfação arranhou para este núcleo uma associação com uma percepção (a imagem do desejo) e uma notícia de movimento (da parte reflexa da ação específica).* (Freud, idem)<sup>154</sup>.

A satisfação do impulso sexual infantil, descrito nos *Três ensaios*, que busca repetir experiências de prazer, corresponde, então, ao núcleo do eu, suposto no *Projeto*, que por sua vez corresponde ao eu prazer, suposto em *Formulações sobre os dois princípios*.

Ao descrever, no *Projeto*, os processos do pensar, que seguem com a inibição do núcleo do eu, Freud explicita o que considera a imagem recordativa desejada: o seio materno: "*Por exemplo, a imagem recordativa desejada seria a imagem do seio materno e seu mamilo em visão completa*" (idem)<sup>155</sup>.

Portanto, a imagem recordativa corresponde a uma visão (junto talvez de uma sensação tátil), a uma percepção, que sempre está presente na satisfação da fome mas que não é o objeto propriamente que a satisfaz, não é o nutriente, o leite, como a descrição de *Interpretação dos sonhos* pode nos levar a pensar. Trata-se de uma percepção que

---

<sup>154</sup> Das Ich besteht ursprünglich aus den Kern-Neuronen, welche die endogene Q̄ durch Leitungen empfangen und auf dem Weg zu inneren Veränderung abführen. Das Befriedigungserlebnis hat diesem Kern eine Assoziation verschafft mit einer Wahrnehmung (dem Wunschbild) und einer Bewegungsnachricht (des reflektorischen Anteils der spezifischen Aktion). (Freud, id, p 459/460)

<sup>155</sup> Z.B. das gewünschte Erinnerungsbild sei das Bild der Mutterbrust und ihrer Warze in Vollansicht. (Freud, id., p. 424).

posteriormente determinará as ações do próprio organismo, ações que visarão restabelecer a vivência de satisfação (alucinatoriamente ou levando em conta a realidade) e não satisfazer o impulso biológico, no caso, a fome. Não se trata da alucinação do alimento que satisfaz a fome, mas do objeto que realizou a ação específica que o organismo era incapaz de realizar. Neste caso, podemos dizer que, no humano, a representação do outro que auxilia toma o lugar da ação que satisfaz as necessidades biológicas, o ser humano será determinado pela primeira e não pela segunda. É verdade que sem a satisfação das necessidades biológicas o organismo não sobrevive, mas essa satisfação, do ponto de vista do aparelho psíquico, é secundária a de repetir a vivência de satisfação. Se a necessidade de repetir o prazer, que culmina na alucinação, nunca coincidissem com a efetiva percepção da representação que pode satisfazer a necessidade biológica, o organismo não sobreviveria. Mas a necessidade de sobreviver de forma alguma tira a prioridade, em termos de importância, da representação do objeto que auxilia, apenas assinala seu limite (quer dizer, a alucinação, pode sim conduzir à morte, mas normalmente ela não o faz pois muitas vezes coincide com a efetiva satisfação das necessidades). O importante de tudo isto é que se constitui um aparelho psíquico cujos movimentos serão determinados pelas representações das experiências que proporcionaram prazer. Um psiquismo determinado empiricamente. Esta é a disposição surgida na segunda fase dos tempos glaciais: um impulso sexual determinado empiricamente pois se satisfaz com suas representações, com suas recordações das experiências.

Ao supor, no entanto, um impulso sexual (que percorre o caminho facilitado independente da fome) que por ter perdido sua função biológica original (a procriação) se satisfaz repetindo as vivências de satisfação, Freud pôde justificar um aparelho determinado por todas as suas vivências de satisfação: pela satisfação da fome, mas também da defecação, da eliminação da urina, do prazer devido a ser tocado nos genitais ou em qualquer outra parte do corpo. A representação alucinada do objeto auxiliar, nestes casos, pode ser o seio, mas também as fezes que pressionam as paredes do intestino e do anus, a urina que pressiona a bexiga e o canal da uretra, um objeto externo que pressiona os genitais ou que pressiona qualquer outra parte do corpo que dê prazer, por exemplo,

um colega dominado numa briga corporal, a temperatura quente de um banho; objetos que proporcionem sensações (provindas de todos os órgãos do sentido) acompanhadas de prazer. O eu prazer, constituído por esse impulso sexual desprovido de função biológica, consiste na busca da repetição infinita de suas experiências de prazer.

Mas se o impulso sexual, perverso, possibilitou a suposição de um aparelho psíquico determinado empiricamente, determinado por suas representações, exigiu também a suposição de um contra poder que inibisse essa determinação. Se a alucinação, primeiramente, toma o lugar da ação, posteriormente, ela tem de ser inibida para que seja reconstituída a ação. Freud então supõe as duas coisas: um aparelho, por um lado, determinado por suas experiências de satisfação, passivo, no sentido de que se satisfaz com suas marcas da experiências; por outro lado, que tem de resgatar sua atividade, agora, não mais determinada pela ação biológica, mas pelas próprias representações. Podemos dizer assim: trata-se de um organismo passivo diante de suas experiências, que tem de recuperar sua atividade diante das representações das experiências.

Acompanhemos as formulações de Freud, dos contra poderes que se opõem ao impulso sexual. Em primeiro lugar, eles são responsáveis pela transformação da perversão em uma sexualidade normal.

*Dos estudos das perversões resultou-nos o conhecimento de que o impulso sexual tem de lutar contra certos poderes psíquicos, como resistências, sob os quais a vergonha e a repugnância são os que se colocam mais nitidamente em evidência. Pode-se supor que estes poderes tomam parte em capturar o impulso para dentro dos limites vigentes como normais e que, se eles se desenvolvem mais cedo no indivíduo, antes do impulso sexual alcançar sua força completa, então são eles, sem dúvida, que indicam a direção de seu desenvolvimento. (Freud, 1905, Três ensaios sobre a teoria sexual) <sup>156</sup>.*

Para que o impulso sexual apresente-se dentro dos limites vigentes da normalidade alguns poderes devem resistir contra ele. Os contra poderes mais conhecidos

---

<sup>156</sup> Bei dem Studium der Perversionen hat sich uns die Einsicht ergeben, dass der Sexualtrieb gegen gewisse seelische Mächte als Widerstände anzukämpfen hat, unter denen Scham und Ekel am deutlichsten hervorgetreten sind. Es ist die Vermutung gestattet, dass diese Mächte daran beteiligt sind, den Trieb innerhalb der als normal geltenden Schranken zu bannen, und wenn sie sich im Individuum früher entwickelt haben, ehe der Sexualtrieb seine volle Stärke erlangte, so waren sie es wohl, die ihm die Richtung seiner Entwicklung angewiesen haben. (Freud, 1905, Studienausgabe, Band V, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. p. 71)

são a vergonha e a repugnância. Já vimos que a sexualidade do neurótico se satisfaz nestes contra poderes. A sexualidade oral pode se manifestar tanto na felação, no caso do perverso, quanto na repugnância, no caso do histérico. Se este contra poder se manifesta muito cedo, ele determina a forma de manifestação do impulso, quer dizer, determina a neurose. Quando, no entanto, ele surge no momento adequado faz com que a sexualidade oral, o beijo, por exemplo, em determinado momento cause repugnância e conduza à satisfação do impulso sexual, dentro da normalidade: quer dizer, ao coito.

A respeito dos contra poderes em 1915, Freud acrescenta uma nota de rodapé, seguida da citação acima:

*Estes poderes represadores do desenvolvimento sexual – repugnância, vergonha e moralidade – por outro lado, devem também ser considerados como precipitados históricos de inibições externas que o impulso sexual experimentou na psicogênese da humanidade. Faz-se a observação de que eles no desenvolvimento individual apresentam-se em seu tempo espontaneamente sob o aceno da educação e da influência. (Freud, ibidem) <sup>157</sup>.*

Estes contra poderes, portanto, também são precipitados históricos. Mas devemos notar que se, na ontogênese, eles conduzem a sexualidade perversa à função biológica, na filogênese, eles parecem ter tido uma função contrária, similar a transformação, na primeira fase, da libido em angústia, isto é, transformaram a função biológica sexual em sexualidade perversa.

Os poderes reativos, no entanto, na ontogênese, não levam apenas ao coito, eles são também responsáveis pelo período de latência, quando o impulso sexual inibido é utilizado para outras finalidades, para as finalidades culturais. Se temos a impressão de que é a educação que exige a inibição da sexualidade perversa, quer dizer, que são as exigências da civilização que a inibem para utiliza-la em outras finalidades, Freud, nos *Três ensaios*, nos alerta, mais uma vez, de que a educação, as exigências culturais só completam um processo organicamente determinado. Na verdade, é a inibição da

---

<sup>157</sup> Man muss diese die Sexualentwicklung eindämmenden Mächte - Ekel, Scham und Moralität - andererseits auch als historische Niederschläge der äusseren Hemmungen ansehen, welche der Sexualtrieb in der Psychogenese der Menschheit erfahren hat. Man macht die Beobachtung, dass sie in der Entwicklung des einzelnen zu ihrer Zeit wie spontan auf die Winke der Erziehung und Beeinflussung hin auftreten. (Freud, ibidem)

sexualidade infantil que propicia a energia para a civilização não vice-versa, quer dizer, não é a civilização que determina a inibição, mas sim um processo organicamente, ou melhor, filogeneticamente determinado.

*Durante este período de latência total ou apenas parcial são construídos os poderes psíquicos que mais tarde se colocarão como impedimento no caminho do impulso sexual e igualmente como diques restringirão sua direção (a repugnância, o sentimento de vergonha, as exigências estéticas e morais de ideal). Tem-se a impressão, nas crianças civilizadas, que a construção destes diques é um trabalho da educação e certamente a educação faz muito por isso. Na verdade, este desenvolvimento é condicionado organicamente, fixado hereditariamente e pode se estabelecer de vez em quando inteiramente sem ajuda da educação. A educação permanece inteiramente em seu âmbito diretor de ação se ela se limita a salientar o desenhado organicamente e imprimi-lo de forma mais nítida e profunda. (Freud, 1905, idem).<sup>158</sup>*

Podemos então supor que há um processo organicamente determinado que é utilizado pela civilização, que dirige a energia sexual, no período de latência, para a vida social e para o aprendizado. Portanto, os mesmos contra poderes que inibem a satisfação perversa e reorientam o impulso sexual ao coito (para a função procriadora) são também responsáveis por reorientá-lo para a vida social e para a aprendizagem, quer dizer, são responsáveis pela sublimação, que é o alicerce de toda a cultura. Veremos esta ideia mais atentamente na análise da próxima fase filogenética. Agora, para nós basta assinalar que o desvio da satisfação da sexualidade infantil, necessário às formações culturais, é impulsionado pela necessidade da sexualidade perversa tornar-se sexualidade normal, quer dizer, função biológica sexual. É como se a cultura fosse construída num hiato que existe entre a sexualidade perversa infantil e a função biológica que tem de ser recuperada na ontogênese.

Sublinhemos ainda que o desenvolvimento filogenético, como ele é apresentado na segunda fase da história filogenética dos tempos glaciais, ocorre em sentido contrário

---

<sup>158</sup> Während dieser Periode totaler oder bloss partieller Latenz werden die seelischen Mächte aufgebaut, die später dem Sexualtrieb als Hemmnisse in den Weg treten und gleichwie Dämme seine Richtung beengen werden (der Ekel, das Schamgefühl, die ästhetischen und moralischen Idealanforderungen). Man gewinnt beim Kulturkinde den Eindruck, dass der Aufbau dieser Dämme ein Werk der Erziehung ist, und sicherlich tut die Erziehung viel dazu. In Wirklichkeit ist diese Entwicklung eine organisch bedingte, hereditär fixierte und kann sich gelegentlich ganz ohne Mithilfe der Erziehung herstellen. Die Erziehung verbleibt durchaus in dem ihr angewiesenen Machtbereich, wenn sie sich darauf einschränkt, das organisch Vorgezeichnete nachzuziehen und es etwas sauberer und tiefer auszuprägen. (Freud, id, p.85)

ao desenvolvimento ontogenético. Enquanto na ontogênese a sexualidade perversa se torna função sexual biológica, na filogênese, a função sexual biológica se torna sexualidade perversa. Podemos então afirmar que aquilo que fora perdido na filogênese, devido aos escassos alimentos que levaram à matança dos recém-nascidos e que conduziu à substituição da função procriadora pela sexualidade perversa, deve ser recuperado individualmente na ontogênese. Neste caso, a ontogênese não repete a filogênese, mas resgata aquilo que fora nela perdido (um esquema similar à tendência do impulso de morte de retornar ao mundo inorgânico, perturbado pelo surgimento da vida). As características constitucionais, inatas, dos impulsos sexuais, apresentadas nos *Três ensaios* (que caracterizam a sexualidade perversa), são uma herança filogenética que cada indivíduo deve, a grosso modo, se desfazer. O caminho para se desfazer dessa herança, no entanto, também é dado filogeneticamente.

Neste sentido, podemos então supor que também o roteiro do desenvolvimento ontogenético é dado pela filogênese. Quer dizer, na ontogênese deve-se recuperar o que foi perdido na filogênese, e o caminho desta recuperação deve ser um mecanismo similar ao que ocorrera na primeira fase filogenética: a transformação da libido em angústia; agora, no entanto, a transformação dos impulsos perversos, em desprazer, em algo que o desvie da satisfação. Assim se na filogênese tivemos a transformação da função sexual biológica, em angústia e depois em sexualidade perversa, na ontogênese a sexualidade perversa deve ser transformada em poderes inibidores (algo similar à angústia, ao medo, a um afeto aversivo) e então em função sexual biológica. Neste sentido a filogênese não só determina o que é inato, mas também o roteiro de desenvolvimento que deve ser seguido na ontogênese (o contrário de sua própria gênese). Trata-se, portanto, de um esquema que deve ser seguido por cada indivíduo. Como vimos, na Introdução, em *História de uma neurose infantil* (O caso do homem dos lobos), Freud compara os esquemas filogenéticos às categorias kantianas que organizam as experiências individuais: "*os esquemas trazidos filogeneticamente que, como as 'categorias' filosóficas, cuidam da acomodação das impressões da vida. Quero defender a concepção*

*de que eles seriam precipitados da história da cultura humana.*" (Freud. O caso do Homem dos Lobos) <sup>159</sup>.

Como estas "categorias filosóficas", os "esquemas filogenéticos" acomodam as impressões dos seres humanos? Por um lado, por meio da sexualidade perversa (um precipitado da história da humanidade), fazem com que as impressões, nos seres humanos, tenham mais importância, sejam mais determinantes, que os instintos biológicos. Por outro lado, se estes esquemas são pensados como orientação do desenvolvimento, determinam como as impressões vão se acomodar no decorrer do desenvolvimento: as mesmas impressões, sentidas como prazerosas, na infância, devem se tornar em parte desprazerosas, de certa forma insatisfatórias, para que conduzam a mudanças psíquicas.

Segundo Monzani, com a ideia dos esquemas congênitos filogenéticos, Freud concilia as características do impulso sexual: não rigidez, plasticidade, não determinação, com as características das fantasias, que são as mesmas para todos.

*Tratar-se-iam de esquemas virtuais que só se cristalizariam, só se concretizariam através das determinações empíricas que serviriam então para catalisar as fantasias sem, no entanto, fazer destas um produto já pronto e acabado que o sujeito carregaria consigo desde o nascimento. Seria um hiato temporal (entre o nascimento e a cristalização das fantasias) que a pulsão sexual se comportaria de forma livre, polimorfa, perversa. Catalisadas as fantasias, através da experiência, teríamos a montagem de um comportamento semelhante ao instintual.* (Monzani, 1991, A fantasia freudiana, p. 103).

Se considerarmos o comportamento final, *semelhante ao instintual*, como o comportamento mais próximo possível do instintual (quer dizer, o cumprimento das funções biológicas sexuais), teríamos então um esquema filogenético que catalisaria as determinações empíricas, particulares a cada um, em comportamentos semelhantes aos instintuais, biológicos, universais.

Podemos então supor, de acordo com as hipóteses dos tempos glaciais, que na segunda fase filogenética se constituiu aquilo que é inato na ontogênese, a sexualidade

---

<sup>159</sup> die phylogenetisch mitgebrachten Schemata, die wie philosophische "Kategorien" die Unterbringung der Lebenseindrücke besorgen. Ich möchte die Auffassung vertreten, sie seien Niederschläge der menschlichen Kulturgeschichte. (Freud, Studienausgabe, Band VIII, Aus der Geschichte einer infantilen Neurose, p. 229) (Cia letras p. 157/8)



perversa, a saber, aquilo que dá ao ser humano sua capacidade de ser determinado empiricamente, por suas experiências particulares. Mas, essa disposição adquirida na segunda fase filogenética, determinou também o sentido do desenvolvimento ontogenético: readquirir aquilo que é universal em todos os seres humanos e que fora perdido na constituição da disposição, que não só funciona como o instinto, mas que é o próprio instinto biológico sexual.

Assim entendemos a dupla existência dos seres humanos suposta por Freud em *Introdução ao narcisismo*: entre a disposição inata que busca o prazer, a saber, a sexualidade perversa, e o desenvolvimento a que tende para cumprir a função sexual biológica necessária a espécie (também determinado filogeneticamente):

*O indivíduo leva efetivamente uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente que, contra ele, em todo caso, sem sua vontade, está pronto para servir. Ele trata mesmo a sexualidade como um de seus propósitos, enquanto uma outra consideração mostra que ele é apenas um apêndice de seu plasma germinal, para o qual ele coloca à disposição suas forças em troca de um prêmio de prazer, o portador mortal de uma - talvez - substância imortal, como um primogênito, apenas proprietário em dado momento de uma instituição que sobrevive a ele.* (Freud, 1914-1 Introdução ao narcisismo)<sup>160</sup>.

Mas voltemos aos *Três Ensaio*s para averiguar um pouco melhor como se dá a passagem da sexualidade perversa para a função sexual biológica, na ontogênese. Se os contra poderes são as justificativas mais evidentes na construção desta passagem, quando Freud descreve essa passagem, no terceiro ensaio, curiosamente, eles não aparecem. Em vez de encontrar contra poderes encontramos uma tensão sexual, que se opõe a satisfação sexual. Tensão sexual que também pode ser relacionada com uma excitação genital que acompanha as satisfações. Acompanhemos Freud.

---

<sup>160</sup> Das Individuum führt wirklich eine Doppelsexistenz als sein Selbstzweck und als Glied in einer Kette, der es gegen, jedenfalls ohne seinen Willen dienstbar ist. Es hält selbst die Sexualität für eine seiner Absichten, während eine andere Betrachtung zeigt, dass es nur ein Anhängsel an sein Keimplasma ist, dem es seine Kräfte gegen eine Lustprämie zur Verfügung stellt, der sterbliche Träger einer - vielleicht - unsterblichen Substanz, wie ein Majoratsherr nur der jeweilige Inhaber einer ihn überdauernden Institution. (Freud, 1914-1, Studienausgabe, Band III, Zur Einführung des Narzissmus, p. 45/6) (Cia letras, p. 20/1). (tradução minha, baseada na tradução de Paulo César de Souza, Companhia das Letras).

Já no primeiro dos *Três ensaios*, Freud, antes de apontar os contra poderes responsáveis pela transformação da sexualidade perversa na sexualidade normal, alude a um aumento de excitação sexual (além do prazer):

*São já conhecidos no processo sexual normal aqueles inícios, cujas formações conduzem aos desvios descritos como perversões. Certas relações intermediárias para com o objeto sexual (situadas no caminho para o coito), como tocá-lo e vê-lo, são reconhecidas como metas sexuais preliminares. Essas atividades são por um lado ligadas com prazer, por outro elas aumentam a excitação que deve persistir até alcançar a meta sexual definitiva. Seguramente um destes contatos, o das recíprocas mucosas labiais, mantém, como o beijo, um alto valor sexual em muitos povos (entre os mais altamente civilizados), embora a parte do corpo considerada não pertença ao aparelho sexual, mas forme a entrada para o canal digestivo. (Freud, 1905, Três ensaios sobre a teoria sexual) <sup>161</sup>.*

Por que na normalidade o beijo conduz ao coito e na perversão o erotismo oral suplanta o coito? Porque no primeiro caso o erotismo oral, a manifestação sexual perversa, funciona como uma preliminar do ato sexual, preliminar que em determinado momento provoca aumento da excitação, quer dizer, provoca desprazer, o que provoca a mudança da meta conduzindo, por fim, à realização do ato sexual. Este desprazer, por sua vez, não ocorre na perversão, nela a satisfação não é preliminar, mas satisfaz inteiramente.

No terceiro ensaio, Freud descreve detalhadamente como a sexualidade perversa infantil – que se expande por todos os órgãos do corpo e por todos os impulsos, e que visa apenas o prazer – se torna a função sexual biológica.

*Com a entrada da puberdade introduz-se as mudanças, que devem transformar a vida sexual infantil em sua formação normal definitiva. O impulso sexual que foi até então preponderantemente autoerótico encontra agora o objeto sexual. Ele até então se ativou a partir de impulsos individuais e zonas erógenas, que buscavam, independentemente uns dos outros, um determinado prazer como única meta sexual. Agora é dada uma nova meta sexual, para alcançá-la colaboram todos os*

---

<sup>161</sup> Doch sind bereits am normalsten Sexualvorgang jene Ansätze kenntlich, deren Ausbildung zu den Abirrungen führt, die man als Perversionen beschrieben hat. Es werden nämlich gewisse intermediäre (auf dem Wege zur Begattung liegende) Beziehungen zum Sexualobjekt, wie das Betasten und Beschauen desselben, als vorläufige Sexualziele anerkannt. Diese Betätigungen sind einerseits selbst mit Lust verbunden, andererseits steigern sie die Erregung, welche bis zur Erreichung des endgültigen Sexualzieles andauern soll. Eine bestimmte dieser Berührungen, die der beiderseitigen Lippenschleimhaut, hat ferner als Kuss bei vielen Völkern (die höchstzivilisierten darunter) einen hohen sexuellen Wert erhalten, obwohl die dabei in Betracht kommenden Körperteile nicht dem Geschlechtsapparat angehören, sondern den Eingang zum Verdauungskanal bilden. (Freud. 1905. Studienausgabe, Band V, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, p.60)

*impulsos parciais, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. ...*

*A nova meta sexual consiste nos homens na descarga dos produtos sexuais; a anterior, o alcance do prazer, não é de nenhum modo estranha, pelo contrário, o mais alto montante de prazer está ligado a este ato final do processo sexual. O impulso sexual coloca-se agora a serviço da função procriadora, ele tornou-se, por assim dizer, altruísta. Se essa transformação deve ser alcançada, então, no processo, ela deve contar com as disposições originais e todas as peculiaridades dos impulsos. (Freud, idem) <sup>162</sup>.*

Então, se a função sexual de procriação fôra abandonada na filogênese e a partir deste abandono se constituiu a sexualidade perversa, na ontogênese encontramos o percurso contrário. Freud é explícito: a sexualidade perversa deve se tornar função sexual procriadora. O impulso sexual, na ontogênese, deverá então deixar suas metas perversas, para se colocar a serviço da função procriadora. Mas para que isso seja possível será necessária a transformação, pelo menos em parte, daquilo que é prazer em desprazer. A transformação do prazer em desprazer é um processo similar à transformação da libido em angústia, que vimos na análise da primeira fase filogenética. Agora, no entanto, este processo é utilizado não para inibir a libido, para que ela não alcance sua meta biológica, mas, ao contrário, para transformar o prazer perverso no prazer da função sexual biológica. Esse desprazer, necessário para que se alcance a meta biológica, deve estar contido na tensão sexual, que apesar de prazerosa, deve ser também desprazerosa para impulsionar a uma mudança.

*um sentimento de tensão deve trazer em si o característica de desprazer. Para mim é decisivo que um tal sentimento traga consigo uma pressão para alterar a situação psíquica, atue impulsivamente, o que é completamente estranho à essência do prazer sensível. Porém, se se acrescenta à tensão da excitabilidade sexual o sentimento de desprazer, choca-se com o fato de que ela é sentida, sem dúvida,*

---

<sup>162</sup> Mit dem Eintritt der Pubertät setzen die Wandlungen ein, welche das infantile Sexualleben in seine endgültige normale Gestaltung überführen sollen. Der Sexualtrieb war bisher vorwiegend autoerotisch, er findet nun das Sexualobjekt. Er betätigte sich bisher von einzelnen Trieben und erogenen Zonen aus, die unabhängig voneinander eine gewisse Lust als einziges Sexualziel suchten. Nun wird ein neues Sexualziel gegeben, zu dessen Erreichung alle Partialtriebe zusammenwirken, während die erogenen Zonen sich dem Primat der Genitalzone unterordnen. ...

Das neue Sexualziel besteht beim Manne in der Entladung der Geschlechtsprodukte; es ist dem früheren, der Erreichung von Lust, keineswegs fremd, vielmehr ist der höchste Betrag von Lust an diesen Endakt des Sexualvorganges geknüpft. Der Sexualtrieb stellt sich jetzt in den Dienst der Fortpflanzungsfunktion; er wird sozusagen altruistisch. Soll diese Umwandlung gelingen, so muss beim Vorgang derselben mit den ursprünglichen Anlagen und allen Eigentümlichkeiten der Triebe gerechnet werden. (Freud, 1905, id., p. 112)

*prazerosamente. Por toda parte, junto à tensão gerada pelos processos sexuais está o prazer; mesmo junto das alterações preparatórias dos genitais está claramente uma maneira de sentimento de satisfação. Como então estão relacionados esta tensão de desprazer e este sentimento de prazer? (Freud, id. p. 114) <sup>163</sup>.*

A tensão sexual não é explicitamente desprazerosa. Ela guarda certa ambivalência, própria da excitação, entre prazer e desprazer, algo prazeroso que em determinado momento se torna desprazer. O exemplo dado por Freud, que explica esta situação, aparentemente contraditória, é o do prazer de ver o objeto sexual. No ato sexual este prazer deve se tornar desprazer caso não conduza a uma aproximação sexual maior. Quando se olha o objeto sexual, já se está

*por um lado, ligado ao prazer, por outro lado, sua consequência é um aumento da excitação sexual ou um provocar da mesma, onde ela ainda falta. Se chegar a excitação de uma outra zona erógena, por exemplo, da mão que toca, então o efeito é o mesmo, sensação de prazer por um lado, que logo é reforçada por meio do prazer das modificações preparatórias, e aumento ulterior da tensão sexual por outro lado, que logo transborda em um nítido desprazer, se não for permitido conduzi-la ao prazer mais distante. (Freud, ibidem.)<sup>164</sup>*

Portanto, ver e/ou tocar o objeto sexual além de produzir prazer, também produz uma tensão sexual que será sentida como desprazer se não conduzir a uma maior aproximação do objeto sexual, se não conduzir ao coito. É como se houvesse uma leve tensão desprazerosa, que se não conduzir ao ato, tornar-se-á, evidentemente, desprazerosa. O esquema aqui é bem parecido ao descrito, em relação ao erotismo oral, que naqueles capazes de realizar o ato sexual (não nos perversos, nem nos neuróticos), deve transformar-se em uma certa repugnância, em um desprazer que afaste a atividade da boca e conduza para outra atividade, para aproximação do genital alheio e para a realização do coito. No caso do prazer de ver, o contra poder é a vergonha: uma certa

---

<sup>163</sup> ... muss ich daran festhalten, dass ein Spannungsgefühl den Unlustcharakter an sich tragen muss. Für mich ist entscheidend, dass ein solches Gefühl den Drang nach Veränderung der psychischen Situation mit sich bringt, treibend wirkt, was dem Wesen der empfundenen Lust völlig fremd ist. Rechnet man aber die Spannung der sexuellen Erregtheit zu den Unlustgefühlen, so stösst man sich an der Tatsache, dass dieselbe unzweifelhaft lustvoll empfunden wird. Überall ist bei der durch die Sexualvorgänge erzeugten Spannung Lust dabei; selbst bei den Vorbereitungsveränderungen der Genitalien ist eine Art von Befriedigungsgefühl deutlich. Wie hängen nun diese Unlustspannung und dieses Lustgefühl zusammen? (Freud, 1905, id, p. 114)

<sup>164</sup> Mit dieser Reizung ist einerseits bereits Lust verbunden, andererseits ist eine Steigerung der sexuellen Erregtheit oder ein Hervorrufen derselben, wo sie noch fehlt, ihre Folge. Kommt die Erregung einer anderen erogenen Zone, zum Beispiel der tastenden Hand, hinzu, so ist der Effekt der gleiche, Lustempfindung einerseits, die sich bald durch die Lust aus den Bereitschaftsveränderungen verstärkt, weitere Steigerung der Sexualspannung andererseits, die bald in deutlichste Unlust übergeht, wenn ihr nicht gestattet wird, weitere Lust herbeizuführen. (Freud, ibidem)

vergonha deve fazer com que o prazer de ver e de ser visto conduza à aproximação do objeto e ao coito. O que vemos aqui, no entanto, é que por traz da vergonha e da repugnância há uma tensão sexual que conduz ao coito. Aquela que, como vimos na análise da primeira fase filogenética, habitava as fantasias inconscientes do pequeno Hans. Uma tensão que conduz ao coito e que deve surgir junto da satisfação da sexualidade perversa.

As zonas erógenas cumprem seu papel quando além de propiciarem o prazer, introduzem uma tensão sexual que conduza ao coito. Só o coito, conduzido até o final, é capaz de extinguir, mesmo que temporariamente, a tensão libidinal. Por isso, ele propicia um prazer superior ao alcançado na estimulação das zonas erógenas.

*O papel, porém, que cabe, neste caso, às zonas erógenas é claro. O que vale para uma vale para todas. Elas são todas juntas usadas para fornecer por meio de sua estimulação apropriada um certo montante de prazer, a partir do qual provém o aumento da tensão que, de sua parte, tem de introduzir a energia motora necessária para conduzir o ato sexual ao final. A penúltima parte do mesmo é novamente a estimulação apropriada de uma zona erógena, da própria zona genital na glândula do pênis, por meio do objeto mais apropriado para isso, a mucosa da vagina, e sob o prazer, que essa excitação proporciona, consegue-se dessa vez a energia motora para o caminho reflexo que se encarrega do despachar da substância sexual. Este último prazer é segundo sua intensidade o mais alto, em seu mecanismo diferente dos anteriores. Ele é inteiramente provocado pelo alívio, é inteiramente prazer de satisfação, e com ele extingue-se temporariamente a tensão da libido. (Freud, id.)<sup>165</sup>.*

No ato sexual, o prazer perverso, ligado às zonas erógenas, caracteriza-se como um pré-prazer, um prazer que deve conduzir, por meio de sua transformação em desprazer, ao prazer final, prazer de eliminação.

*Não me parece injustificado, fixar por meio de uma denominação essa diferença na essência do prazer pela excitação das zonas erógenas e o outro, na evacuação da substância sexual. O primeiro pode apropriadamente ser designado como pré-*

---

<sup>165</sup> Die Rolle aber, die dabei den erogenen Zonen zufällt, ist klar. Was für eine galt, gilt für alle. Sie werden sämtlich dazu verwendet, durch ihre geeignete Reizung einen gewissen Betrag von Lust zu liefern, von dem die Steigerung der Spannung ausgeht, welche ihrerseits die nötige motorische Energie aufzubringen hat, um den Sexualakt zu Ende zu führen. Das vorletzte Stück desselben ist wiederum die geeignete Reizung einer erogenen Zone, der Genitalzone selbst an der *glans penis*, durch das dazu geeignetste Objekt, die Schleimhaut der Scheide, und unter der Lust, welche diese Erregung gewährt, wird diesmal auf reflektorischem Wege die motorische Energie gewonnen, welche die Herausbeförderung der Geschlechtsstoffe besorgt. Diese letzte Lust ist ihrer Intensität nach die höchste, in ihrem Mechanismus von der früheren verschieden. Sie wird ganz durch Entlastung hervorgerufen, ist ganz Befriedigungslust, und mit ihr erlischt zeitweilig die Spannung der Libido. (Freud, id, p.115)

*prazer em oposição ao prazer-final ou prazer de satisfação da atividade sexual. O pré-prazer é então o mesmo que já pode resultar do impulso sexual infantil, ainda que em medida reduzida; o prazer-final é novo, portanto, liga-se provavelmente a condições que são introduzidas apenas com a puberdade. (Freud, ibidem)<sup>166</sup>.*

Quando não há a passagem do pré-prazer para o prazer final, quando o pré-prazer envolve muito prazer e não se transforma em desprazer (em tensão sexual), temos então a perversão:

*A ligação do pré-prazer com a vida sexual infantil, porém, é confirmada pelo papel patológico que pode caber a ele. Do mecanismo, no qual é estabelecido o pré-prazer, resulta, para o alcance da meta sexual normal, frequentemente, um perigo, que então se introduz, se, em algum lugar dos processos sexuais preparatórios, o pré-prazer for muito grande e sua parte de tensão muito pequena. Então não se aplica a força do impulso para continuar o processo sexual adiante, o caminho todo se encurta, a ação preparatória em questão se põe no lugar da meta sexual normal. (Freud, idem)<sup>167</sup>.*

A incapacidade de transformar o prazer em desprazer, por sua vez, tem sua determinação na infância, na qual houve uma medida incomum de prazer.

*Este caso prejudicial, como a experiência ensina, tem como condição que a zona erógena em questão ou o impulso parcial correspondente tenha contribuído já na vida infantil em uma medida incomum para a obtenção de prazer. Se se acrescentam ainda fatores, que atuam para a fixação, então se forma facilmente, para a vida posterior, uma compulsão, que se opõe à ordenação de um pré-prazer em uma nova ligação. Tal é, na realidade, o mecanismo de muitas perversões, que apresentam uma permanência nas ações preparatórias do processo sexual. (Freud, ibidem)<sup>168</sup>.*

---

<sup>166</sup> Es scheint mir nicht unberechtigt, diesen Unterschied in dem Wesen der Lust durch Erregung erogener Zonen und der anderen bei Entleerung der Sexualstoffe durch eine Namengebung zu fixieren. Die erstere kann passend als *Vorlust* bezeichnet werden im Gegensatz zur *Endlust* oder Befriedigungslust der Sexualtätigkeit. Die Vorlust ist dann dasselbe, was bereits der infantile Sexualtrieb, wengleich in verjüngtem Masse, ergeben konnte; die Endlust ist neu, also wahrscheinlich an Bedingungen geknüpft, die erst mit der Pubertät eingetreten sind. (Freud, ibidem)

<sup>167</sup> Der Zusammenhang der Vorlust aber mit dem infantilen Sexualleben wird durch die pathogene Rolle, die ihr zufallen kann, bekräftigt. Aus dem Mechanismus, in dem die Vorlust aufgenommen ist, ergibt sich für die Erreichung des normalen Sexualzieles offenbar eine Gefahr, die dann eintritt, wenn an irgendeiner Stelle der vorbereitenden Sexualvorgänge die Vorlust zu gross, ihr Spannungsanteil zu gering ausfallen sollte. Dann entfällt die Triebkraft, um den Sexualvorgang weiter fortzusetzen, der ganze Weg verkürzt sich, die betreffende vorbereitende Aktion tritt an Stelle des normalen Sexualziels. (Freud, id, p. 116)

<sup>168</sup> Dieser schädliche Fall hat erfahrungsgemäss zur Bedingung, dass die betreffende erogene Zone oder der entsprechende Partialtrieb schon im infantilen Leben in ungewöhnlichem Masse zur Lustgewinnung beigetragen hatte. Kommen noch Momente hinzu, welche auf die Fixierung hinwirken, so entsteht leicht fürs spätere Leben ein Zwang, welcher sich der Einordnung dieser einen Vorlust in einen neuen Zusammenhang widersetzt. Solcherart ist in der Tat der Mechanismus vieler Persionen, die ein Verweilen bei vorbereitenden Akten des Sexualvorganges darstellen. (Freud, ibidem)

O excesso de prazer na infância, determinante da perversão, acaba por neutralizar sua transformação em desprazer. Isso não ocorre quando a primazia das zonas genitais é traçada na infância. Quando a primazia das zonas genitais é traçada na infância, encontramos algo similar a o que ocorre na vida adulta. Por um lado, as zonas erógenas produzem prazer, por outro geram uma tensão, aqui especificada também como uma excitação genital. A zona genital é excitada quando há satisfação nas outras zonas erógenas.

*As zonas genitais já comportam-se nestes anos de um modo semelhante ao tempo da maturidade, elas tornam-se o lugar de sensações de excitação e de modificações preparatórias, quando é sentido qualquer prazer por meio de satisfação de uma outra zona erógena, embora este efeito ainda permaneça sem meta, isto é, nada contribui para levar adiante o processo sexual. Origina-se portanto já na infância, junto com o prazer de satisfação um certo montante de tensão sexual embora menos constante e em menor abundância, e agora nós podemos compreender porque no debate das fontes da sexualidade pudemos mesmo dizer com boas razões, que o processo em questão atuou satisfazendo sexualmente, assim como excitando sexualmente. (Freud, id.)<sup>169</sup>.*

Acompanhemos mais de perto este debate, referido por Freud, entre satisfação e excitação sexual, realizado no segundo ensaio. Voltemos à análise da sexualidade infantil, partindo da nossa comparação entre a satisfação da sexualidade perversa (infantil) e a repetição da vivência de satisfação que culmina na alucinação. Se virmos mais atentamente, notamos algumas diferenças entre ambas as satisfações que devem ser ressaltadas. Em primeiro lugar, a sexualidade infantil se manifesta por meio de uma ação motora, por exemplo, no chupar (o lábio, a língua, o dedo ...). Podemos primeiramente supor que este movimento serve para, de forma mais eficiente, alcançar o estado de satisfação, alcançar a alucinação. Simula-se com o próprio movimento os movimentos do objeto desiderativo (no caso o seio). Essa substituição do objeto externo, por uma parte do próprio corpo, inclusive, caracteriza o autoerotismo: *realçamos como a característica*

---

<sup>169</sup> Die Genitalzonen benehmen sich in diesen Jahren bereits in ähnlicher Weise wie zur Zeit der Reife, sie werden der Sitz von Erregungssensationen und Bereitschaftsveränderungen, wenn irgendwelche Lust durch Befriedigung anderer erogener Zonen empfunden wird, obwohl dieser Effekt noch zwecklos bleibt, das heisst nichts dazu beiträgt, den Sexualvorgang fortzusetzen. Es entsteht also bereits in den Kinderjahren neben der Befriedigungslust ein gewisser Betrag von Sexualspannung, obwohl minder konstant und weniger ausgiebig, und nun können wir verstehen, warum wir bei der Erörterung der Quellen der Sexualität mit ebenso gutem Recht sagen konnten, der betreffende Vorgang wirke sexuell befriedigend, wie er wirke sexuell erregend. (Freud, id., p. 116/7)

*mais surpreendente dessa atividade sexual que o impulso não é dirigido para outras pessoas; ele se satisfaz no próprio corpo, é autoerótico (Freud, idem)<sup>170</sup>.*

Neste sentido, o autoerotismo auxilia a repetição da vivência de satisfação, recordada de forma alucinatória. Mas, o autoerotismo não só possibilita a satisfação, ele também provoca novas excitações na medida em que cria novas zonas erógenas:

*Então a necessidade de repetição da satisfação sexual é separada da necessidade de assimilação de alimentos ... . A criança não se serve de um objeto estranho para sugar, mas prefere um lugar da própria pele porque este é mais confortável para ela, porque a faz independente do mundo externo que ela ainda não consegue dominar e porque de tal modo, por assim dizer, ela cria uma segunda, embora de menor valor, zona erógena. (Freud, idem)<sup>171</sup>*

Portanto, ao sugar o dedo ou o lábio a criança cria uma nova zona erógena: o dedo sugado ou o próprio lábio, não o lábio que suga, mas o lábio sugado. Além da criação de novas zonas erógenas, há também uma deslocabilidade da excitação que vai do chupar, para o manipular e para a masturbação, e que vai encontrando novas zonas erógenas (o lábio, a língua, o dedo, a orelha, os genitais):

*Uma parte do próprio lábio, a língua, um outro lugar qualquer da pele que se alcance – até o dedão pé – são tomados por objeto, nos quais a sucção é realizada. Um impulso de agarrar que se apresenta nessa ocasião se manifesta talvez no puxar rítmico e simultâneo do lóbulo da orelha e pode apoderar-se de uma parte de uma outra pessoa (na maioria, sua orelha) para igual objetivo. O sugar com leite está ligado com o completo consumo da atenção, conduz ou ao sono ou mesmo a uma reação motora nos moldes do orgasmo. Não raro combina-se com o sugar com leite o contato friccionado de determinado lugar sensível do corpo, o seio, os genitais externos. Por este caminho muitas crianças vão do chupar sensual à masturbação. (Freud, idem)<sup>172</sup>.*

---

<sup>170</sup>Heben wir als den auffälligsten Charakter dieser Sexualbetätigung hervor, daß der Trieb nicht auf andere Personen gerichtet ist; er befriedigt sich am eigenen Körper, er ist *autoerotisch* (Freud, id., p. 88).

<sup>171</sup> Nun wird das Bedürfnis nach Wiederholung der sexuellen Befriedigung von dem Bedürfnis nach Nahrungsaufnahme getrennt ... . Eines fremden Objektes bedient sich das Kind zum Saugen nicht, sondern lieber einer eigenen Hautstelle, weil diese ihm bequemer ist, weil es sich so von der Aussenwelt unabhängig macht, die es zu beherrschen noch nicht vermag, und weil es sich solcherart gleichsam eine zweite, wenngleich minderwertige erogene Zone schafft. (Freud, id., p. 89).

<sup>172</sup> Ein Teil der Lippe selbst, die Zunge, eine beliebige andere erreichbare Hautstelle - selbst die grosse Zehe - werden zum Objekt genommen, an dem das Saugen ausgeführt wird. Ein dabei auftretender Greiftrieb äussert sich etwa durch gleichzeitiges rhythmisches Zupfen am Ohrfläppchen und kann sich eines Teiles einer anderen Person (meist ihres Ohres) zu gleichem Zwecke bemächtigen. Das Wonnesaugen ist mit voller Aufzehrung der Aufmerksamkeit verbunden, führt entweder zum Einschlafen oder selbst zu einer motorischen Reaktion in einer Art von Orgasmus. Nicht selten kombiniert sich mit dem Wonnesaugen die reibende



E adiante:

*A criança que chupa procura por toda parte em seu corpo e escolhe uma região determinada para sugar com leite, que para ela torna-se então, por hábito, a região preferida; quando ela casualmente depara-se com uma região predestinada (mamilo do seio, genitais), então certamente permanece esta a preferência. Uma deslocabilidade inteiramente análoga repete-se então na sintomatologia da histérica. (Freud, idem) <sup>173</sup>.*

Neste caso, portanto, a excitação vai se deslocando pelas diversas imagens de movimento: chupar, colocar o dedo na boca, manipular a orelha, o seio, o genital. O processo parece ser o seguinte: o movimento determina uma nova zona erógena que, por sua vez, determina novo movimento (o chupar encontra o dedo que, por seus movimentos, encontra o genital).

O autoerotismo, portanto, além de ser uma forma de satisfação é uma forma de auto estimulação. No entanto, é importante notar que esta auto estimulação não se opõe à satisfação, seu objetivo é ainda a eliminação do estímulo. Assim, Freud descreve a meta sexual infantil:

*A meta sexual dos impulsos infantis consiste em provocar a satisfação através da estimulação apropriada, de uma maneira ou de outra, da zona erógena escolhida. Esta satisfação precisa ter sido anteriormente vivida para deixar atrás de si uma necessidade para sua repetição (Freud, idem) <sup>174</sup>.*

O estímulo provocado pelo movimento (chupar, manipular), visa, em última instância eliminar a si mesmo repetindo o caminho de um estímulo anterior. Provoca-se então uma autoestimulação (que simula uma tensão vivida anteriormente) com a finalidade de provocar sua eliminação. A lógica da sexualidade é, portanto, repetir o estado de tensão para repetir também sua eliminação.

---

Berührung gewisser empfindlicher Körperstellen, der Brust, der äusseren Genitalien. Auf diesem Wege gelangen viele Kinder vom Ludeln zur Masturbation. (Freud, id, p. 87).

<sup>173</sup> Das ludelnde Kind sucht an seinem Körper herum und wählt sich irgendeine Stelle zum Wonnesaugen aus, die ihm dann durch Gewöhnung die bevorzugte wird; wenn es zufällig dabei auf eine der prädestinierten Stellen stösst (Brustwarze, Genitalien), so verbleibt freilich dieser der Vorzug. Die ganz analoge Verschiebbarkeit kehrt dann in der Symptomatologie der Hysterie wieder. (Freud, id., p.90).

<sup>174</sup> Das Sexualziel des infantilen Triebes besteht darin, die Befriedigung durch die geeignete Reizung der so oder so gewählten erogenen Zone hervorzurufen. Diese Befriedigung muss vorher erlebt worden sein, um ein Bedürfnis nach ihrer Wiederholung zurückzulassen (Freud, id, p. 91).

Mas a estimulação da zona erógena tem também outra origem: a projeção de uma tensão, a projeção de uma sensação de um estímulo centralmente condicionada. É esta tensão, e não a provocada pela autoestimulação, que exige em primeiro lugar sua eliminação.

*O estado de necessidade de repetição da satisfação mostra-se de duas formas: através de um peculiar sentimento de tensão, que tem em si mais a característica de desprazer, e através de uma sensação de comichão ou de estímulo, centralmente condicionada, projetada na zona erógena periférica. Pode-se então formular também assim a meta sexual, trata-se de substituir uma sensação de estímulo projetada na zona erógena por aquele estímulo externo, que cancela a sensação de estímulo, na medida em que ele provoca a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consistirá na maioria das vezes em uma manipulação, que é análoga ao sugar. (Freud, ibidem).<sup>175</sup>*

Essa tensão centralmente determinada que se projeta nas zonas erógenas periféricas, assemelha-se ao impulso sexual biológico que perdeu sua função, na filogênese, e passou a se satisfazer repetindo as mais diversas vivências de satisfação. Podemos então supor que a repetição da vivência de satisfação é acompanhada de movimentos próprios (que auto estimulam) que exercem uma pressão a fim de simular as sensações obtidas na vivência de satisfação. O dedo simula o seio, tornando sua alucinação ainda mais real. Simulando o objeto, antes de simular a eliminação, simula-se o próprio estímulo (por exemplo, na satisfação da fome, simula-se o estímulo produzido pela proximidade do seio que conduziu ao ato reflexo do sugar).

Não sabemos efetivamente se essa tensão corresponde a uma excitação genital. É certo, no entanto, que sempre que o estímulo de uma zona erógena (seja ele projetado ou auto estimulado) for intenso, ele se torna excitação genital e sua forma de satisfação será a masturbação. Assim, podemos afirmar que, se a sexualidade humana é independente da função biológica procriadora, não é independente da excitação do genital e da masturbação. Freud afirma, em uma nota acrescentada em 1920, que a masturbação é o

---

<sup>175</sup> Der Zustand des Bedürfnisses nach Wiederholung der Befriedigung verrät sich durch zweierlei: durch ein eigentümliches Spannungsgefühl, welches an sich mehr den Charakter der Unlust hat, und durch eine *zentral bedingte*, in die peripherische erogene Zone projizierte Juck- oder Reizempfindung. Man kann das Sexualziel darum auch so formulieren, es käme darauf an, die projizierte Reizempfindung an der erogenen Zone durch denjenigen äusseren Reiz zu ersetzen, welcher die Reizempfindung aufhebt, indem er die Empfindung der Befriedigung hervorruft. Dieser äussere Reiz wird zumeist in einer Manipulation bestehen, die analog dem Saugen ist. (Freud, ibidem).

executivo da sexualidade infantil: *"O onanismo representa o executivo de toda sexualidade infantil e, por isso, é capaz de assumir o sentimento de culpa ligado a ela"*. (Freud, id.)<sup>176</sup>

No segundo ensaio, Freud afirma que a zona genital *"não desempenha o primeiro papel, também não pode ser a portadora dos movimentos sexuais mais antigos"* (Freud, id.)<sup>177</sup>. Mas, apesar de não ser a primeira zona erógena a zona genital já está presente no lactente.

*Pela posição anatômica, o transbordamento com secreções, pelas lavagens e fricções dos cuidados do corpo e pelas excitações certamente acidentais (como a migração dos vermes intestinais nas meninas) torna-se inevitável que a sensação de prazer que esta parte do corpo é capaz de produzir faça-se notável na criança já na idade lactente e desperte uma necessidade de sua repetição.* (Freud, id.)<sup>178</sup>.

Existe, segundo Freud, uma primeira fase da masturbação que ocorre no lactente. Essa primeira fase retorna mais tarde, caracterizando a segunda fase da masturbação infantil (que será, em textos posteriores, chamada de fase de fálica). Assim, a segunda fase da masturbação infantil, aquela que é mais visível e conhecida, visa repetir a experiência de prazer ocorrida na masturbação do lactente, recorda aquela primeira vivência de prazer. A masturbação do lactente, portanto, serve de referência à segunda fase da masturbação, assim como a satisfação da fome, serve de referência ao chupar.

O retorno da excitação (genital) do lactente e sua busca de satisfação na masturbação podem ser ativos ou passivos:

*Retorno da masturbação do lactente: A excitação sexual do tempo da amamentação retorna, nos anos da infância indicados, ou como uma excitação de cócegas condicionada centralmente, que pede a satisfação onanista, ou como um*

---

<sup>176</sup> dass die Onanie ja die Exekutive der ganzen infantilen Sexualität darstellt und darum befähigt ist, das dieser anhaftende Schuldgefühl zu übernehmen. (Freud, id., p. 95).

<sup>177</sup> die gewiss nicht die erste Rolle spielt, auch nicht die Trägerin der ältesten sexuellen Regungen sein kann (Freud, id., p. 94).

<sup>178</sup> Durch die anatomische Lage, die Überströmung mit Sekreten, durch die Waschungen und Reibungen der Körperpflege und durch gewisse akzidentelle Erregungen (wie die Wanderungen von Eingeweidewürmern bei Mädchen) wird es unvermeidlich, dass die Lustempfindung, welche diese Körperstelle zu ergeben fähig ist, sich dem Kinde schon im Säuglingsalter bemerkbar mache und ein Bedürfnis nach ihrer Wiederholung erwecke. (Freud, ibidem).

*processo do tipo de poluição, que analogamente à poluição do tempo da maturidade alcança a satisfação sem a ajuda de uma ação.* (Freud, id.) <sup>179</sup>.

Entre a masturbação ativa e passiva (fricção com a mão e poluição) está a pressão das coxas, mostrando a mobilidade entre uma e outra (em outras palavras entre a ação e a alucinação): *"A ação que pôs de lado o estímulo e desencadeou a satisfação consiste em um contato friccionado com a mão ou em uma certa pressão, pré-formada por reflexo, da mão ou das coxas que se unem"*. (Freud, id.) <sup>180</sup>.

A excitação genital (da segunda fase da masturbação infantil) pode surgir de maneira espontânea, quer dizer, como necessidade de repetição da primeira masturbação, nos moldes do erotismo oral, mas também pode surgir devido à auto estimulação, como vimos na passagem do chupar ao colocar o dedo na boca e ao manipular outras zonas.

Apesar da independência entre as zonas erógenas, todas as manifestações sexuais infantis, descritas nos *Três ensaios* (no segundo ensaio), relacionam-se com a excitação genital e com a masturbação, ou com seus substitutos. Vimos que o erotismo oral comumente conduz à masturbação. O erotismo anal será, por sua vez, considerado por Freud uma espécie de masturbação (sua análise está no capítulo: Manifestações sexuais masturbatórias<sup>181</sup>) e frequentemente permanece associado à excitação genital.

*A zona anal é, semelhantemente à zona labial, apropriada por sua posição para proporcionar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. O significado erógeno desta região corporal é preciso representar como originalmente muito grande. Pela psicanálise, se aprendeu, não sem surpresa, que são efetuadas normalmente transformações das excitações sexuais vindas daí, e quão frequente da zona permanece, por toda vida, ainda, uma parte considerável da excitabilidade genital.* (Freud, id.) <sup>182</sup>.

---

<sup>179</sup> Wiederkehr der Säuglingsmasturbation: Die Sexualerregung der Säuglingszeit kehrt in den bezeichneten Kinderjahren entweder als zentral bedingter Kitzelreiz wieder, der zur onanistischen Befriedigung auffordert, oder als pollutionsartiger Vorgang, der analog der Pollution der Reifezeit die Befriedigung ohne Mithilfe einer Aktion erreicht. (Freud, id., p. 96).

<sup>180</sup> Die den Reiz beseitigende und die Befriedigung auslösende Aktion besteht in einer reibenden Berührung mit der Hand oder in einem gewiss reflektorisch vorgebildeten Druck durch die Hand oder die zusammenschliessenden Oberschenkel. (Freud, id., p. 94)

<sup>181</sup> Die masturbatorischen Sexualäusserungen

<sup>182</sup> grifo nosso. Die Afterzone ist ähnlich wie die Lippenzone durch ihre Lage geeignet, eine *Anlehnung* der Sexualität an andere Körperfunktionen zu vermitteln. Man muss sich die erogene Bedeutung dieser Körperstelle als ursprünglich sehr gross

Portanto, reter e soltar as fezes acabam também, devido à proximidade, estimulando os genitais. O erotismo uretral é, por sua vez, o principal representante, ao menos o mais próximo, das atividades genitais. Ele aparece como símbolo da segunda masturbação:

*para o aparelho sexual (Geschlecht) ainda não desenvolvido, geralmente, o aparelho urinário aparece, por assim dizer, como seu tutor, como seu símbolo. A maioria dos assim chamados sofrimentos da bexiga deste tempo são perturbações sexuais; e a enurese noturna, onde ela não representa um ataque epilético, corresponde a uma poluição. (Freud, id.)<sup>183</sup>.*

Também os impulsos parciais de ver e de dominar remetem ao prazer de ver o genital (próprio ou alheio), de ter o próprio visto e de dominá-lo (ou em uma vertente passiva de ser dominado). Remetem em última instância à masturbação.

Freud afirma que estes impulsos só entram em relação com a vida genital mais tarde. No entanto a descrição de ambos os impulsos remete diretamente à masturbação. Nos primeiros anos de vida, o prazer de ver remete ao interesse pelo genital despertado pela masturbação e ao prazer de tê-lo visto pelos outros, só depois este impulso volta-se ativamente para o objeto como prazer de ver o genital alheio (ver o genital do outro parece ocorrer mais tarde, portanto, o interesse pelo próprio genital seria então o fundamento do impulso de ver):

*A criança pequena especialmente não tem vergonha e mostra nos primeiros anos um inequívoco divertimento em desnudar seu corpo com especial realce os órgãos sexuais (Geschlechtsteile). A contrapartida dessa tendência vigente como perversa, a curiosidade de ver os genitais de outras pessoas, provavelmente só é conhecida na infância posteriormente, quando o obstáculo do sentimento de vergonha já alcançou um determinado desenvolvimento. ... Crianças pequenas, cuja atenção alguma vez foi dirigida para os próprios genitais – na maioria pela masturbação –*

---

vorstellen. Durch die Psychoanalyse erfährt man dann nicht ohne Verwunderung, welche Umwandlungen mit den von hier ausgehenden sexuellen Erregungen normalerweise vorgenommen werden und wie häufig der Zone noch ein beträchtliches Stück genitaler Reizbarkeit fürs Leben verbleibt. (Freud, id, p. 92)

<sup>183</sup> für den noch unentwickelten Geschlechtsapparat gibt meist der Harnapparat, gleichsam als sein Vormund, Zeichen. Die meisten sogenannten Blasenleiden dieser Zeit sind sexuelle Störungen; die *enuresis nocturna* entspricht, wo sie nicht einen epileptischen Anfall darstellt, einer Pollution. (Freud, id., p. 96).

*tratam de encontrar o progresso posterior sem intervenções estranhas e desenvolver interesses vividos pelos genitais de seus companheiros. (Freud, id.)*<sup>184</sup>.

O impulso de crueldade é relacionado por Freud com a zona erógena cutânea, com o estímulo doloroso da pele, mais especificamente com o estímulo doloroso da pele das nádegas, apontando a proximidade da satisfação do impulso de crueldade com o erotismo da zona anal:

*Crianças, que se distinguem por uma especial crueldade contra os animais e companheiros, despertam habitualmente com direito a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce das zonas erógenas ... A ausência da barreira da compaixão traz consigo o perigo de que esta conexão bem sucedida na infância dos impulsos cruéis com os erógenos mostre-se mais tarde na vida indestrutível. O estímulo doloroso da pele das nádegas é conhecido por todo educador desde as Confissões de Jean Jacques Rousseau como uma raiz erógena do impulso passivo da crueldade (o masoquismo). Eles derivam disto com razão a exigência de que o castigo corporal, que geralmente fere esta parte do corpo, não seja realizado em todas as crianças, naquelas em que, pelas exigências posteriores da educação cultural, a libido possa ser pressionada para caminhos colaterais. (Freud, id.)*<sup>185</sup>.

É difícil supor que o prazer masoquista de apanhar assim como o prazer sádico não envolvam a excitação dos genitais. A raiz erógena, na citação acima, relacionada com a dor, parece corresponder ao fato de que junto com o apanhar surge uma excitação genital que será posteriormente satisfeita por um novo castigo. Já havíamos visto a relação do erotismo anal, devido à proximidade dos genitais, com a excitação genital. O mesmo parece referir-se às sensações de dor nas nádegas.

O sadismo é relacionado diretamente com o erotismo anal. Freud, ao formular as fases pré-genitais, nos complementos de 1915 aos *Três ensaios*, refere-se à organização

---

<sup>184</sup> Das kleine Kind ist vor allem schamlos und zeigt in gewissen frühen Jahren ein unzweideutiges Vergnügen an der Entblössung seines Körpers mit besonderer Hervorhebung der Geschlechtsteile. Das Gegenstück dieser als pervers geltenden Neigung, die Neugierde, Genitalien anderer Personen zu sehen, wird wahrscheinlich erst in etwas späteren Kinderjahren offenkundig, wenn das Hindernis des Schamgefühles bereits eine gewisse Entwicklung erreicht hat. ... Kleine Kinder, deren Aufmerksamkeit einmal auf die eigenen Genitalien - meist masturbatorisch - gelenkt ist, pflegen den weiteren Fortschritt ohne fremdes Dazutun zu treffen und lebhaftes Interesse für die Genitalien ihrer Gespielen zu entwickeln. (Freud, id., p. 98).

<sup>185</sup> Kinder, die sich durch besondere Grausamkeit gegen Tiere und Gespielen auszeichnen, erwecken gewöhnlich mit Recht den Verdacht auf intensive und vorzeitige Sexualbetätigung von erogenen Zonen her ... Der Wegfall der Mitleidsschranke bringt die Gefahr mit sich, dass diese in der Kindheit erfolgte Verknüpfung der grausamen mit den erogenen Trieben sich späterhin im Leben als unlösbar erweise. Als eine erogene Wurzel des passiven Triebes zur Grausamkeit (des Masochismus) ist die schmerzhaft Reizung der Gesässhaut allen Erziehern seit dem Selbstbekenntnis [*Confessions*] Jean Jacques Rousseaus bekannt. Sie haben hieraus mit Recht die Forderung abgeleitet, dass die körperliche Züchtigung, die zumeist diese Körperpartie trifft, bei all den Kindern zu unterbleiben habe, bei denen durch die späteren Anforderungen der Kulturerziehung die Libido auf die kollateralen Wege gedrängt werden mag. (Freud, id., p. 99)

sádico-anal. O impulso de dominar, na verdade, determina as posições ativa e passiva do erotismo genital. O desejo de livrar-se das fezes, de certa forma, corresponde ao desejo de livrar-se da urina e das substâncias sexuais e, na vertente passiva (feminina), o ânus, no qual é retida e posteriormente passa a matéria fecal, corresponde à vagina e sua excitação. Assim Freud descreve o prazer anal:

*Crianças que utilizam a excitabilidade erógena da zona anal traem-se quando retêm a massa fecal até que a mesma, devido sua acumulação, incite violentas contrações musculares e na passagem pelo ânus possa exercer um forte estímulo na membrana da mucosa. Neste caso, junto da dor, teve de surgir a sensação de volúpia. (Freud, id.)*<sup>186</sup>.

Os prazeres (as sensações de volúpia) ativo e passivo corresponderão posteriormente à oposição masculino/feminino, característica do erotismo genital.

*Uma segunda fase pré-genital é a organização sádico anal. Aqui já está formada a oposição que atravessa a vida sexual; ela não pode porém ainda ser masculina e feminina, mas precisa ser denominada ativa e passiva. A atividade é produzida pelo impulso de dominação do lado da musculatura corporal, a mucosa do intestino erógena sobretudo se faz valer como órgão com meta sexual passiva (Freud, id.)*<sup>187</sup>.

Se tais erotismos não trazem consigo a excitação genital, não há a menor dúvida que conduzem a ela.

No último capítulo do 2º ensaio, Freud considera como fonte da sexualidade infantil as estimulações, externas ou internas, que determinam a excitação genital (e certamente conduzem à masturbação ou aos seus substitutos). Em uma nota Freud relaciona a estimulação mecânica (balançar, deixar voar), fonte da sexualidade infantil, à excitação genital: "*muitas pessoas sabem por recordação que elas sentiram diretamente como prazer sexual, no balançar, o embate do ar em movimento nos genitais*" (Freud,

---

<sup>186</sup> Kinder, welche die erogene Reizbarkeit der Afterzone ausnützen, verraten sich dadurch, dass sie die Stuhlmassen zurückhalten, bis dieselben durch ihre Anhäufung heftige Muskelkontraktionen anregen und beim Durchgang durch den After einen starken Reiz auf die Schleimhaut ausüben können. Dabei muss wohl neben der schmerzhaften die Wollustempfindung zustande kommen. (Freud, id., p. 92)

<sup>187</sup> Eine zweite prägenitale Phase ist die der *sadistisch-analen* Organisation. Hier ist die Gegensätzlichkeit, welche das Sexualleben durchzieht, bereits ausgebildet; sie kann aber noch nicht *männlich* und *weiblich*, sondern muss *aktiv* und *passiv* benannt werden. Die Aktivität wird durch den Bemächtigungstrieb von seiten der Körpermuskulatur hergestellt, als Organ mit passivem Sexualziel macht sich vor allem die erogene Darmschleimhaut geltend (Freud, id., p. 104).

id.)<sup>188</sup>. Também a atividade muscular, outra fonte da sexualidade, na qual se manifestará o impulso sádico, está ligada diretamente com a excitação genital:

*É fato, porém, que uma série de pessoas contam que viveram as primeiras indicações de excitabilidade nos seus genitais durante brigas ou lutas com seus companheiros, em cuja situação além do esforço muscular geral ainda foi efetivo o abundante contato de pele com o adversário. ... Na condução da excitação sexual pela atividade muscular seria para reconhecer uma das raízes do impulso sádico. (Freud, id.)<sup>189</sup>.*

A intensificação afetiva, outra fonte da sexualidade, por sua vez, provoca uma excitação sexual que leva a criança a tocar os genitais, portanto, deve se tratar também de uma excitação genital:

*É fácil verificar, pela observação contemporânea como pela investigação posterior, que todos os processos afetivos intensos, mesmo as excitações de susto alastram-se para a sexualidade, o que de resto pode fornecer uma contribuição para a compreensão do efeito patológico de tais emoções. No escolar, a angústia de ser examinado, a tensão de uma tarefa dificilmente solucionável pode tornar-se significativa para a irrupção de manifestações sexuais como para a relação com a escola, na medida em que sob tais circunstâncias com frequência suficiente aparece um sensação de estímulo, que **convida a tocar os genitais ou um processo do tipo de poluição** com todas suas consequências desconcertantes .... O efeito sexualmente excitante daqueles afetos em si desprazerosos, de angústia, horror, pavor, mantém-se em um grande número de seres humanos também por toda vida madura e esta é a explicação para que tantas pessoas corram atrás de ocasião para tais sensações, quando apenas circunstâncias próximas (que pertença ao mundo imaginário, leitura, teatro) atenuam a seriedade da sensação de desprazer. Deixa-se supor que também às intensas sensações de dor compete um efeito erógeno igual, ... assim, coloca-se nessa relação uma das raízes principais para o impulso masoquista-sádico (Freud, id.)<sup>190</sup>.*

---

<sup>188</sup> Manche Personen wissen sich zu erinnern, dass sie beim Schaukeln den Anprall der bewegten Luft an den Genitalien direkt als sexuelle Lust verspürt haben. (Freud, id., p. 107).

<sup>189</sup> Tatsache ist aber, dass eine Reihe von Personen berichten, sie hätten die ersten Zeichen der Erregtheit an ihren Genitalien während des Raufens oder Ringens mit ihren Gespielen erlebt, in welcher Situation ausser der allgemeinen Muskelanstrengung noch die ausgiebige Hautberührung mit dem Gegner wirksam wird. ... In der Beförderung der sexuellen Erregung durch Muskeltätigkeit wäre eine der Wurzeln des sadistischen Triebes zu erkennen. (Freud, id., p. 108).

<sup>190</sup> grifo nosso. Es ist leicht, durch gleichzeitige Beobachtung wie durch spätere Erforschung festzustellen, dass alle intensiveren Affektvorgänge, selbst die schreckhaften Erregungen auf die Sexualität übergreifen, was übrigens einen Beitrag zum Verständnis der pathogenen Wirkung solcher Gemütsbewegungen liefern kann. Beim Schulkinde kann die Angst, geprüft zu werden, die Spannung einer sich schwer lösenden Aufgabe für den Durchbruch sexueller Äusserungen wie für das Verhältnis zur Schule bedeutsam werden, indem unter solchen Umständen häufig genug ein Reizgefühl auftritt, welches zur Berührung der Genitalien auffordert, oder ein pollutionsartiger Vorgang mit all seinen verwirrenden Folgen. ... Die sexuell erregende Wirkung mancher an sich unlustigen Affekte, des Ängstigen, Schauderns, Grausens, erhält sich bei einer grossen Anzahl Menschen auch durchs reife Leben und ist wohl die Erklärung dafür, dass soviel Personen der Gelegenheit zu solchen Sensationen nachjagen, wenn nur gewisse Nebenumstände (die Angehörigkeit zu einer Scheinwelt, Lektüre, Theater) den Ernst der Unlustempfindung dämpfen. Liesse sich



Podemos ainda inferir que na atividade intelectual e nas alterações de temperatura (atestado pela eficiência dos banhos quentes), nas duas outras fontes da sexualidade citadas por Freud, também o que está em jogo é a co-excitação dos genitais. Apesar de Freud, neste caso, não qualificar a excitação como genital parece-nos evidente que é por ser genital que essa coexcitação é considerada sexual: "*Finalmente é inequívoco que a concentração da atenção em uma realização intelectual e o esforço do espírito, em geral, em muitas pessoas jovens assim como maduras, tem por consequência uma co-excitação sexual*" (Freud, id.)<sup>191</sup>.

Em resumo, tudo que de considerável importância ocorra no organismo, deve ser acompanhado da excitação sexual "*É possível que nada de significativo aconteça no organismo que não produza seus componentes para a excitação do impulso sexual.*" (Freud, id.)<sup>192</sup>. Excitação que a nosso ver é a excitação genital.

Enfim parece-nos ser esta a discussão realizada por Freud a respeito da satisfação e da excitação sexuais no segundo ensaio: cada satisfação em uma determinada zona erógena determina uma certa excitação genital, que na infância conduz a masturbação ou a seus substitutos (polução, enurese, evacuação ...) ou que pode ser projetada na zona erógena, determinando sua repetição. Esta repetição da satisfação, por sua vez, determinará novas excitações genitais. Assim, a tensão sexual que surge da satisfação da zona erógena, que funciona como preliminar, não é propriamente a barreira, a formação reativa, a transformação do erotismo no seu oposto (repugnância, vergonha, dor, piedade), como supomos anteriormente. Antes de constituir-se como uma barreira ela é propriamente uma excitação genital que surge simultaneamente a qualquer satisfação sexual (e que exige a repetição da vivência de satisfação). Assim, além de eliminar o estímulo repetindo a satisfação de uma vivência de prazer, cada nova satisfação

---

annehmen, dass auch intensiven schmerzhaften Empfindungen die gleiche erogene Wirkung zukommt ... so läge in diesem Verhältnis eine der Hauptwurzeln für den masochistisch-sadistischen Trieb (Freud, id., p. 108/9)

<sup>191</sup> Endlich ist es unverkennbar, dass die Konzentration der Aufmerksamkeit auf eine intellektuelle Leistung und geistige Anspannung überhaupt bei vielen jugendlichen wie reiferen Personen eine sexuelle Miterregung zur Folge hat (Freud, id., p. 109)

<sup>192</sup> Es ist möglich, dass nichts Bedeutsameres im Organismus vorfällt, was nicht seine Komponente zur Erregung des Sexualtriebes abzugeben hätte. (Freud, id., p. 109/110)

determina nova estimulação. Além disso, o próprio estímulo das zonas erógenas é a projeção de uma tensão centralmente determinada, o que supomos ser, a projeção de uma excitação genital que em vez de se satisfazer pela masturbação (já presente no lactente) se satisfaz com a estimulação apropriada (como ocorreu na vivência de satisfação) da zona erógena na qual o estímulo foi projetado.

Se o aparelho psíquico tende a eliminar estímulos, também tende a produzir constantemente estímulos, quando os elimina. É como se houvesse no aparelho psíquico uma predisposição a se estimular automaticamente frente a qualquer vivência de prazer. É como se houvesse uma constante insatisfação, em cada satisfação. Essa insatisfação coincide com a excitação genital que acompanha todas as satisfações, coincide, em última instância, com uma excitação que buscará um prazer final, na função biológica sexual, e coincide também com as formações reativas que determinarão as forças construtivas da cultura.

Assim, na ontogênese, teríamos uma tensão (excitação) centralmente determinada (fruto da perda da função sexual biológica na história filogenética) que é eliminada repetindo as vivências de satisfação. Para repetir o prazer da satisfação, no entanto, é necessário também repetir o desprazer que o antecede. Neste sentido, a excitação central é projetada na zona erógena e um estímulo externo é aplicado sobre a zona a fim de aumentar a excitação até alcançar a satisfação. A satisfação, por sua vez determina novas excitações que terão a função na vida adulta de conduzir ao coito. Na infância essas excitações satisfazem-se na masturbação e nas formações reativas (e se possível na consequência destas: na sublimação).

Encontramos em *Thalassa*, de Ferenczi (texto que é 1923, mas que, em grande parte, é fruto da correspondência de Ferenczi com Freud, e do trabalho de tradução dos *Três ensaios...* realizado por Ferenczi, por volta de 1915), uma ideia sobre a sexualidade genital, que a nosso ver expressa bem o que seria a sexualidade perversa em suas duas vertentes: busca de eliminação do estímulo e auto estimulação.

Em *Thalassa*, Ferenczi desenvolve uma teoria sobre a genitalidade na qual considera que a realização do coito expressa duas grandes tendências: 1) restaurar um estado original perdido e 2) repetir o momento traumático, no qual o estado original fora perdido, e a superação deste estado. Assim, o objetivo principal do coito é reproduzir a situação pré-natal, o retorno ao ventre materno (objetivo que é alcançado inteiramente pelo esperma, simbolicamente pelo pênis e alucinatoriamente pelo indivíduo). Mas, por outro lado, para que este objetivo seja alcançado é necessário que toda a história da luta adaptativa penosa seja reproduzida.

*Assim tentamos ... atribuir às manifestações pulsionais da sexualidade à tendência para restabelecer a situação pré-natal, espécie de compromisso entre essa tendência, em aparência completamente abandonada na vida real mas, de fato, apenas posta de lado, e os obstáculos com que se defronta na realidade. ... Ora, parece que essa satisfação pulsional não pode alcançar diretamente seu objetivo, mas é constantemente chamada a reproduzir a história de seu próprio desenvolvimento, incluindo a luta adaptativa, em si mesma penosa, que é imposta aos indivíduos pela perturbação de uma situação anterior agradável. A primeira e mais intensa luta adaptativa na vida de um indivíduo é constituída pela experiência traumática do nascimento pelo trabalho de adaptação imposto pela nova situação. Supomos, portanto, que o coito representa não só o retorno – meio fantasiado, meio real – ao ventre materno mas traduz também, por seus sintomas, a angústia do nascimento e a vitória alcançada contra ela, ou seja, o feliz desfecho do nascimento. É verdade que, no decorrer do coito, dispositivos apropriados cuidam de que a angústia não ultrapasse um determinado grau; e uma solicitude ainda maior se emprega para que a realização súbita e quase completa do objetivo da satisfação (atingir o útero da mulher) converta essa angústia em intenso prazer. (Ferenczi, 1923, Thalassa, S.P.: Martins Fontes, 1990, p. 49/50)*

Portanto no coito se repete, por um lado, a situação intrauterina, por outro lado, a angústia do nascimento e o feliz desfecho. A angústia repetida é, no entanto, reproduzida em um grau controlável e parece servir ao feliz desfecho. Ferenczi mostrará que tal tendência corresponde a um impulso lúdico. Para descrever este impulso, Ferenczi recorre às ideias apresentadas por Freud em *Além do princípio do prazer*.

*Freud explica certos sintomas da neurose traumática e também algumas particularidades do jogo da criança pela compulsão a descarregar progressivamente em pequenas doses multiplicadas, as quantidades de excitação não liquidadas e que sua intensidade não permite liquidar 'em bloco'. Nós também consideramos que o coito representa a descarga parcial do 'efeito choque' do trauma de nascimento que ainda não foi liquidado; mas, ao mesmo tempo, também vemos aí um jogo ou, mais exatamente, uma festa comemorativa, celebrando o feliz*

*desfecho de uma situação difícil, e finalmente a negação do trauma por uma alucinação negativa. (Ferenczi, id. p. 50)*

Portanto, parece que o jogo da repetição da angústia e do feliz desfecho (estilo Fort-Da) serve para descarregar progressivamente em pequenas doses o efeito de um choque. É a reação adaptativa à nova realidade, mas por fim ocorre a alucinação negativa que nega a realidade traumática e alcança o retorno alucinado/simbólico/real (do indivíduo/pênis/esperma) à situação anterior ao trauma (retorno ao útero materno). Ferenczi desenvolve um raciocínio similar ao desenvolvido por Freud no terceiro ensaio da sexualidade, se perguntando: o estímulo que conduz ao coito é prazeroso ou é desprazeroso (tensão em Freud, compulsão em Ferenczi)?

*essa repetição constitui uma compulsão ou um prazer? Pensamos que, na medida em que ela corresponde à liquidação progressiva do efeito do choque, é uma compulsão, ou seja, uma reação de adaptação imposta por uma perturbação exógena. Mas na medida em que representa a negação alucinatória da perturbação em causa, ou uma festa comemorativa dessa vitória, estamos diante de puros mecanismos de prazer. (Ferenczi, id. p.51).*

Então podemos supor que para Ferenczi a angústia, que é repetida no coito, é ainda fruto do choque do nascimento, que não fôra completamente eliminado. Em cada coito se elimina um pouco a angústia na medida em que a intensificação da angústia possibilita a recordação também intensa do desfecho feliz.

*Tudo se passa como se, nas condições do coito, uma tensão que atingiu um grau elevadíssimo de intensidade se acalmasse de súbito e com extrema facilidade, de forma que a mobilização intensa de energias de investimento torna-se bruscamente inútil. É essa a origem desse poderoso sentimento de felicidade (Ferenczi, id. p. 48).*

Essa felicidade, essa jovial desenvoltura que supera no coito os traumas corresponde àquilo que Ferenczi vai chamar de os impulsos lúdicos (Spieltrieben):

*É nesse caráter lúdico que vemos o elemento de pura fruição da satisfação genital; isso nos permite formular, finalmente, uma opinião de alcance um pouco mais geral quanto à psicologia do erótico. Sabe-se que a maior parte das atividades pulsionais é deflagrada por perturbações que atingem o organismo de fora para dentro ou então que nascem de modificações internas, igualmente perturbadoras. Em contrapartida, no que se refere aos impulsos lúdicos, entre os quais podemos*

*também classificar, num certo sentido, os impulsos eróticos, é o próprio impulso de desfrutar, em seguida, de sua interrupção. O que caracteriza, portanto, a tendência lúdica e o erotismo é que, ao invés dos outros casos em que a situação de desprazer sobrevém inopinadamente, em primeiro lugar o desprazer só é autorizado de acordo com uma dosagem conhecida e medida; em segundo lugar, as modalidades defensivas são previstas de antemão e, com frequência até um grau excessivo. (Ferenczi, id. p. 51/2).*

No caso do impulso lúdico e erótico, diferente dos outros impulsos, ele próprio suscita um desprazer com o intuito de desfrutar de sua interrupção e o desprazer só é permitido em uma certa medida. Ferenczi exemplifica:

*eu estaria tentado a considerar a fome, por exemplo, um impulso simples que se destina a fazer cessar a sensação de desprazer provocada pela privação física, e o apetite como seu paralelo erótico; pois que, no caso do apetite, essa pequena privação somada à garantia de uma satisfação correspondente deve, antes, ser levada a conta de um prazer preliminar. (Ferenczi, id. p.52).*

Assim a sexualidade de certa forma brinca com o perigo: "*O coito recorda aqueles melodramas em que as nuvens ameaçadoras se acumulam como numa verdadeira tragédia, mas em que se tem sempre a impressão de que 'no final, tudo acabará bem'". (Ferenczi, id. p.53).*

O coito, para Ferenczi, é uma repetição lúdica da lembrança de ter sido libertado do desprazer, de ter conseguido sobreviver ao perigo envolvido no nascimento e da alegria de existir mesmo fora do corpo da mãe. As situações de perigo são reproduzidas para em seguida serem afastadas.

Podemos supor que a sexualidade perversa, de Freud, funciona da mesma maneira que o impulso lúdico, de Ferenczi: é uma auto estimulação a fim de que se repita uma satisfação, quer dizer, a eliminação do estímulo.

Se trocarmos a tendência de retorno ao ventre materno e a substituímos pela tendência a restituir a função sexual biológica, perdida na filogênese, podemos dizer que também para Freud estão em jogo na sexualidade duas tendências de certa forma contraditórias: restituir uma situação anterior perdida e repetir o trauma, a angústia, a estimulação, por meio da sexualidade perversa, a fim de celebrar sua eliminação. Neste

sentido, a sexualidade perversa representaria esta repetição do trauma e sua superação, o indivíduo se auto estimula a fim de eliminar a excitação. É evidente, como vimos explicitada por Ferenczi, a proximidade destas ideias com a teorização posterior de Freud dos impulsos de morte (que visa retornar ao mundo inorgânico) e de vida (que conduz à morte por seus próprios caminhos, que provoca a dor para dominá-la).

O afeto no *Projeto*, que apresentamos como Angst real, funciona mais ou menos como este impulso lúdico, ele repete a excitação dolorosa para antecipar-se ao perigo. No entanto, com a sexualidade perversa, não só se antecipa uma vivência de dor, de certa forma dominando-a, mas se utiliza da recordação das vivências de satisfação para eliminar parcialmente uma excitação pré-existente no indivíduo (devido ao trauma dos tempos glaciais que fez com que a excitação sexual não encontrasse seus objetos e não pudesse realizar o coito).

Assim a sexualidade perversa elimina parcialmente a excitação sexual humana destituída de sua função biológica, o indivíduo se auto estimula para encontrar caminhos alternativos de eliminação do estímulo.

Trata-se então de repetir pequenos traumas, a fim de eliminar a excitação provinda de um grande trauma. A sexualidade perversa, portanto, simulando os pequenos traumas (desprazeres) do organismo: fome, necessidade de evacuação, frio, que foram superados pela amamentação, defecação, micção, mudança da temperatura (aquecimento), repete o surgimento do estímulo e sua eliminação.

A sexualidade perversa, diferente do impulso sexual biológico, na medida em que simula necessidades e, portanto, não é dominada por elas, ganha suas características de flexibilidade, indeterminação, plasticidade, deslocabilidade, inexistentes no instinto biológico. Essas características, por sua vez, garantem todas as transmutações posteriores necessárias para a sublimação e a constituição da cultura. No entanto, na medida em que elimina o estímulo represado do próprio impulso sexual biológico, na medida em que substitui a satisfação deste impulso, pode adquirir suas características: tornar-se

inflexível, fixada em objetos e metas, sem plasticidade e sem capacidade de deslocamento.

A indeterminação e a plasticidade da sexualidade perversa possibilitam o surgimento do eu, do eu-prazer, que não coincide com os impulsos de autopreservação mas sim com um grupo de representações simultaneamente investidas, que se caracteriza como uma organização. Seu núcleo são as representações do corpo – das necessidades e as imagens de movimento – as representações dos objetos desiderativos e as associações (caminhos facilitados) entre as mesmas. Sua flexibilidade e deslocabilidade, no entanto, possibilitam a ampliação deste núcleo e a capacidade de diferenciar a qualidade (se provém do exterior ou interior) de suas representações.

Façamos então um resumo da sexualidade perversa:

- 1) Ela é uma satisfação parcial que, de alguma forma, elimina a excitação biológica sexual, mas a elimina de forma parcial, por mecanismos substitutos. Sua origem no impulso sexual biológico, no entanto, possibilita que ela adquira, em qualquer momento, as características do impulso biológico: sua inflexibilidade.
- 2) Ela se baseia em uma excitação que simula qualquer outra excitação do organismo e assim repete as vivências de satisfação (de eliminação da excitação) do organismo. Apresenta assim flexibilidade, plasticidade, indeterminação.
- 3) Na medida em que repete as vivências do organismo (de satisfação e de dor superada), é determinada, num primeiro momento, pela história do indivíduo (ontogênese) e não pela filogênese (a filogênese aqui só serve como disposição de ser determinado pelas vivências ontogenéticas). É neste sentido determinada pelas experiências acidentais e não determinada biologicamente.
- 4) Possibilita a constituição do mundo interno, da imaginação, pois substitui o objeto externo visado (visado pelo impulso) por uma representação. Possibilita assim a constituição do desejo, de um eu com metas desiderativas (que posteriormente servirão para avaliar a realidade e transformá-la).

A origem da sexualidade perversa, por sua vez, remete a história filogenética. Ao perder sua função biológica nos tempos glaciais, o impulso sexual permaneceu suspenso no indivíduo, primeiro em forma de angústia, depois como um impulso (lúdico) que simula pequenos desprazeres vividos anteriormente pelo indivíduo a fim de repetir a vivência de eliminá-los (a vivência de satisfação). Essa repetição da eliminação ocorre por meio do investimento das representações de satisfação, que simulam também o objeto real percebido. No entanto esta eliminação parcial também deve satisfazer parcialmente, deve produzir não só prazer, mas também um pouco de desprazer (tornar-se uma barreira, uma formação reativa) ou gerar um tensão sexual que primeiramente é satisfeita na masturbação e em determinado momento também deixará de ser satisfatória, pois produzirá desprazer (esta forma de satisfação sofrerá repressão, terá de ser abandonada, gerará mais angústia que satisfação), a fim de que constitua mais excitação que conduza a uma reconstituição aproximada da função biológica perdida (aproximada pois o máximo que se alcança é o coito acompanhado de fantasias e não a função biológica pura). No espaço entre, de um lado, a satisfação no mundo imaginário e, do outro lado, a necessidade do abandono deste mundo imaginário em prol da reconstituição da função biológica perdida, aparece a sublimação (o pensar e o princípio da realidade).

Se na ontogênese a função sexual biológica, perdida na filogênese, nunca será inteiramente alcançada (nunca existirá uma relação sexual humana puramente biológica, ela será sempre acompanhada de fantasias), ela (a função sexual biológica), no entanto, funciona como um telos que organiza o desenvolvimento, evitando que o aparelho psíquico perca na repetição infinita das suas experiências de prazer. Proporciona, assim, um espaço para a sublimação e para as formações culturais. Portanto, é no espaço entre puro imaginário (a fantasia) e o biológico, ambos sexuais, que se constitui a cultura, por meio da sublimação. E é essa a disposição (a sublimação) que surge na terceira fase filogenética.



## Capítulo IV

### Inteligência – Linguagem – domínio da realidade – constituição das hordas

*Insatisfeito apenas com o que basta à natureza e com aquilo que a necessidade exige, o homem procura abundância.*<sup>193</sup>

*O animal trabalha quando uma privação é o móvel de sua atividade e joga quando a profusão de força é este móvel, quando a vida abundante instiga à atividade* (Schiller, 1795)<sup>194</sup>.

Na terceira fase filogenética, surgiu a inteligência: "*Depois que ele aprendeu a economizar na libido*" (o que o ser humano aprendeu na primeira fase filogenética, por meio do mecanismo de transformação da libido em angústia), "*e a diminuir a atividade sexual pela regressão a uma fase mais precoce*" (o que foi possível pela constituição da sexualidade perversa na segunda fase),

*a atividade da inteligência ganhou para ele o papel principal. Ele aprendeu a pesquisar, compreender o mundo hostil e assegurar-se por meio das invenções de um primeiro domínio sobre ele. Ele se desenvolveu sob o signo da energia, formou os princípios da linguagem* (Freud, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>195</sup>.

Se, na segunda fase, se constituiu o mundo interno, o eu prazer e os processos primários, na terceira fase surgiu o eu realidade, que obteve certo domínio sobre o mundo real, e os processos secundários: o pensamento consciente (a inteligência) possibilitado (a) pela linguagem.

---

<sup>193</sup> Schiller, 1795, A educação estética do homem, Iluminuras, 2011 p.129.

<sup>194</sup> Schiller, id., p.130.

<sup>195</sup> Nachdem er gelernt hatte, an der Libido zu sparen und die Sexualtätigkeit durch Regression auf eine frühere Phase zu erniedrigen, gewann die Betätigung der Intelligenz für ihn die Hauptrolle. Er lernte forschen, die feindliche Welt etwas verstehen und sich durch Erfindungen eine erste Herrschaft über sie zu sichern. Er entwickelte sich unter dem Zeichen der Energie, bildete die Anfänge der Sprache aus. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 75) (versão baseada na tradução brasileira de Abram J. Eksterman, publicada pela Imago com o título: Neuroses de Transferência: uma síntese, 1987).

No entanto, devemos considerar que nessa fase apenas as bases do eu realidade são formadas, uma vez que, como Freud afirma em seguida, a característica herdada desta fase é a onipotência do pensamento:

*e precisou acrescentar grande significado às novas aquisições. A linguagem era para ele magia, seus pensamentos pareciam a ele onipotentes, ele compreendia o mundo segundo seu eu. É o tempo da visão de mundo animista e da sua técnica mágica.*<sup>196</sup>

Começemos a análise desta fase pela onipotência dos pensamentos e magia, para depois analisarmos o processo secundário e o princípio da realidade.

O terceiro ensaio de *Totem e Tabu* é reservado exatamente a estes elementos: Animismo, magia e onipotência dos pensamentos. *Totem e Tabu* é o texto no qual Freud expõe sua principal hipótese filogenética: a organização social tem sua origem no crime do parricídio. O parricídio seria a passagem da natureza, da horda primitiva dominada por um “símio” poderoso e composta de várias fêmeas, para a cultura, sociedade composta por vários machos e regida por leis, sendo as duas leis fundamentais: a proibição do incesto e a submissão às leis do totemismo. Os filhos expulsos da horda assassinam o chefe poderoso (o pai primitivo), identificam-se com ele e por necessidade de organização entre os irmãos e pela culpa em relação ao assassinato, constituem as leis que serão as bases da sociedade fraterna. Tese que será repetida, com algumas modificações, na sexta fase filogenética de *Visão geral das neuroses de transferência*. Mas, se neste texto as especulações filogenéticas visam elucidar as disposições neuróticas de transferência e narcisistas e, como tentamos demonstrar neste trabalho, o desenvolvimento ontogenético (da sexualidade humana e do eu), em *Totem e tabu* há, além destas intenções, a intenção de contribuir para a psicologia dos povos (etnologia) e para a antropologia social. Segundo Freud, o texto representa sua primeira tentativa de aplicar as descobertas da psicanálise à psicologia dos povos [Völkerpsychologie].

---

<sup>196</sup> und musste den Neuerwerbungen grosse Bedeutung zulegen. Die Sprache war ihm Zauber, seine Gedanken erschienen ihm allmächtig, er verstand die Welt nach seinem Ich. Es ist die Zeit der animistischen Weltanschauung und ihrer magischen Technik. (Freud, ibidem).

Diferente do que fizeram Wundt e Jung que aplicaram o conhecimento da psicologia dos povos à psicologia do indivíduo, Freud vai do indivíduo para o social e não vice-versa. Serão então analisados os fenômenos descritos pela literatura antropológica (por Frazer, Tylor, Wundt, entre outros): o horror ao incesto, os tabus, o totemismo, a feitiçaria e a magia, do ponto de vista da psicanálise. Podemos dizer que o grande mote de *Totem e tabu* é a análise da ambivalência: nos primeiros três ensaios, é apontada sua presença nas instituições das sociedades primitivas e no quarto ensaio ela é justificada.

No primeiro ensaio (*O horror ao incesto*) Freud mostra, a partir de grande quantidade de dados antropológicos relatados das sociedades “primitivas” ainda existentes (australianos, africanos, melanésios, polinésios, nativos da Nova Bretanha), a existência de organizações (entre elas o totemismo) cujo objetivo é a proibição do incesto (proibição, no caso do totemismo e das classes matrimoniais, ampliada a todos os membros do mesmo clã) ou sua evitação (evitação de relações íntimas: encontros ao acaso, perseguição, encontros no mesma casa, alimentação conjunta, conversas próximas, enunciação do nome do outro, entre irmãos, primos, pais e filhos e sogros, evitação esta que aparece também na nossa sociedade, por exemplo, nas relações hostis para com a sogra). Freud aponta a ambivalência para com os objetos incestuosos, aparentemente repudiados, mas, na verdade, desejados. Expõe o ensinamento da psicanálise que encontrou nos neuróticos uma fixação inconsciente nos desejos incestuosos, desejos encontrados também no desenvolvimento normal, modelador das escolhas objetais, mas dos quais normalmente se consegue libertar, o que não ocorre nos neuróticos, que, por isso, desenvolvem, em oposição à tentação inconsciente, uma aversão à mesma.

No segundo ensaio (*Tabu e a ambivalência emocional*), Freud analisa os tabus dos povos primitivos. O tabu remete ao sagrado e ao proibido, coisas que devido ao seu poder provocam temor. O tabu revela uma ambivalência para com seus objetos ou ações. Consiste em proibições de algo desejado. Freud então analisa a ambivalência de alguns tabus das sociedades primitivas: o tabu em relação aos inimigos revela ambivalência, pois são odiados, mas também admirados e matá-los provoca remorso. A análise do tabu dos governantes também revela ambivalência, revela que a excessiva reverência e

veneração encobrem uma forte hostilidade para com os mesmos. Os mortos, mesmo quando amados, tornam-se também objetos temidos e tabus. Este temor aos mortos, por sua vez, são projeções de sentimentos hostis inconscientes para com eles.

No terceiro ensaio, com exceção da alusão à fase pré-animista (que veremos em seguida), a fase animista e a religiosa caracterizam-se também como projeção de impulsos ambivalentes. Por último no quarto ensaio, a ambivalência é justificada pela origem da organização social: o crime do parricídio, e são expostos todos os desenvolvimentos culturais (religião, eticidade, surgimento do estado, da família) que daí decorrem.

Analisemos então a magia, quando, diferente de todos os elementos analisados em *Totem e tabu*, ainda não há ambivalência. Ela pertence à fase pré-animista (que, no entanto, é, em alguns momentos, chamada de animista), uma fase anterior à feitiçaria, quando já existe a concepção de espíritos ou de alma (que corresponderia ao efetivo animismo). A principal técnica da magia consiste na imitação da ação desejada. A crença na sua eficiência provém da semelhança entre a ação efetuada e o acontecimento desejado. Por exemplo, se se deseja a chuva, basta imitá-la, basta fazer alguma ação motora que se pareça com o movimento da chuva ou que a recorde.

Os motivos da magia são os desejos dos homens. Freud compara a magia à onipotência do pensamento infantil, mais propriamente, à alucinação motora. Freud diferencia a mera alucinação da alucinação motora (presente na magia e na brincadeira das crianças):

*Para a criança, que se encontra em condições psíquicas análogas [aos que praticam a magia], mas ainda não tem capacidade motora, defendemos a hipótese, em outro lugar, de que inicialmente ela satisfaz seus desejos de forma alucinatória, na medida em que a situação satisfatória é produzida mediante as excitações centrífugas de seus órgãos sensoriais. Para o homem primitivo adulto, há um outro caminho. No seu desejo prende-se um impulso [Impuls] motor, a vontade, e esta – que depois, a serviço da satisfação do desejo, mudará a face da Terra – é agora usada para apresentar a satisfação, de modo que possa vivenciá-la, por assim dizer, através de alucinações motoras. Uma tal apresentação do desejo satisfeito é comparável à brincadeira [Spiel] das crianças, que nelas substitui a técnica puramente sensorial de satisfação. Se a brincadeira e a apresentação imitativa são*

*suficientes para a criança e o primitivo, isso não é um sinal de modéstia, no nosso sentido, ou de resignação graças ao reconhecimento de sua real impotência, mas a compreensível consequência do preponderante valor de seu desejo, da vontade, que dependente dele, e dos caminhos tomados por ele. Com o tempo, o acento psíquico desloca-se dos motivos da ação mágica para seus meios, para a própria ação. Talvez diríamos mais corretamente que apenas nesses meios tornam-se a ele evidentes a superestimação de seus atos psíquicos. (Freud, 1913-1, Totem e tabu).<sup>197</sup>*

A diferença entre a alucinação motora e a mera alucinação é que na primeira é atribuída grande importância às próprias ações, aos próprios movimentos. É como se, aos poucos, o objeto de desejo alucinado (o motivo do desejo) fosse perdendo sua importância e cedendo lugar para a ação que se liga a ele (os meios). Por exemplo: mais importante que a chuva alucinada, será a realização da ação que a imita; na criança, mais importante que alucinar o seio, será imitar a ação do seio sobre a boca. É como se os gestos ganhassem uma importância independente da vivência que tentam reproduzir. Ideia de alguma forma já contida na suposição da deslocabilidade da sexualidade perversa (do sugar se passa ao manusear, e assim por diante, quase que independentemente da repetição de uma vivência de satisfação), e que ganhará agora sua importância adaptativa. Retenhamos então a ideia de que a técnica da magia imitativa é expressão da atribuição de importância aos próprios movimentos, para depois a compararmos com o desenvolvimento ontogenético do eu.

Mas não só os movimentos serão superestimados, também os pensamentos o serão:

*Existe portanto agora uma superestimação geral dos processos anímicos ... As coisas recuam em relação a sua representação; o que é feito com estas tem também*

---

<sup>197</sup> Für das Kind, welches sich unter analogen psychischen Bedingungen befindet, aber motorisch noch nicht leistungsfähig ist, haben wir an anderer Stelle die Annahme vertreten, dass es seine Wünsche zunächst halluzinatorisch befriedigt, indem es die befriedigende Situation durch die zentrifugalen Erregungen seiner Sinnesorgane herstellen lässt. Für den erwachsenen Primitiven ergibt sich ein anderer Weg. An seinem Wunsch hängt ein motorischer Impuls, der Wille, und dieser - der später im Dienst der Wunschbefriedigung das Antlitz der Erde verändern wird - wird jetzt dazu verwendet, die Befriedigung darzustellen, so dass man sie gleichsam durch motorische Halluzinationen erleben kann. Eine solche *Darstellung* des befriedigten Wunsches ist dem *Spiel* der Kinder völlig vergleichbar, welches bei diesen die rein sensorische Technik der Befriedigung ablöst. Wenn Spiel und imitative Darstellung dem Kinde und dem Primitiven genügen, so ist dies nicht ein Zeichen von Bescheidenheit in unserem Sinne oder von Resignation infolge Erkenntnis ihrer realen Ohnmacht, sondern die wohl verständliche Folge der überwiegenden Wertung ihres Wunsches, des von ihm abhängigen Willens und der von ihm eingeschlagenen Wege. Mit der Zeit verschiebt sich der psychische Akzent von den Motiven der magischen Handlung auf deren Mittel, auf die Handlung selbst. Vielleicht sagen wir richtiger, an diesen Mitteln erst wird ihm die Überschätzung seiner psychischen Akte evident. (Freud, 1913-1, Studienausgabe, Band IX, Totem und Tabu, p. 372/3) (tradução própria baseada na de Paulo César de Souza, Companhia das Letras, p. 134)

*de acontecer nas primeiras. As relações, que existem entre as representações, são pressupostas também entre as coisas. (Freud, id.)<sup>198</sup>.*

Assim, se na alucinação o que está em jogo são as representações e na alucinação motora, as imagens de movimento, na onipotência do pensamento o que está em jogo são as relações entre as representações, relações que caracterizam o pensar. Essas relações, como analisaremos adiante, são possíveis pela linguagem, pelas imagens de movimento que servem para representar e relacionar os objetos do mundo, sem, no entanto, provocar o movimento.

O que diferencia, no entanto, a magia das fases posteriores, da feitiçaria e da visão animista, é que nela a ambivalência não se desenvolveu a ponto de necessitar da projeção:

*Enquanto a magia ainda reserva toda a onipotência para os pensamentos, o animismo cede uma parte desta onipotência aos espíritos, e assim toma o caminho para a formação de uma religião. O que deve ter levado os primitivos a essa primeira renúncia? Dificilmente foi o conhecimento da incorreção de seus pressupostos, pois eles mantiveram a técnica da magia.*

*Os espíritos e os demônios são, como em outro lugar foi sugerido, nada mais que projeções dos seus movimentos de sentimento; ele despacha seus investimentos afetivos para pessoas, povoa com elas o mundo e reencontra agora fora seus processos psíquicos internos ... .*

*... essa inclinação [de projetar para fora processos anímicos] é reforçada ali onde a projeção traz consigo a vantagem de um alívio psíquico. Uma tal vantagem, com certeza, é de se esperar quando os movimentos que aspiram a onipotência entram em conflito um com o outro; pois evidentemente não podem todos eles tornar-se onipotentes. ... Então, o caso típico de um tal conflito é aquele entre os dois membros de um par de opostos, o caso da atitude ambivalente (Freud, id.)<sup>199</sup>.*

---

<sup>198</sup> Es besteht also jetzt eine allgemeine Überschätzung der seelischen Vorgänge ... . Die Dinge treten gegen deren Vorstellungen zurück; was mit den letzteren vorgenommen wird, muss sich auch an den ersteren ereignen. Die Relationen, die zwischen den Vorstellungen bestehen, werden auch zwischen den Dingen vorausgesetzt. (Freud, Stud, id, p. 373) (Cia das Letras, p. 135)

<sup>199</sup> Während die Magie noch alle Allmacht den Gedanken vorbehält, hat der Animismus einen Teil dieser Allmacht den Geistern abgetreten und damit den Weg zur Bildung einer Religion eingeschlagen. Was soll nun den Primitiven zu dieser ersten Verzichtleistung bewogen haben? Kaum die Einsicht in die Unrichtigkeit seiner Voraussetzungen, denn er behält ja die magische Technik bei.

Quando o homem atribui às suas percepções uma causa externa (por exemplo, os espíritos), projetando assim seus impulsos ambivalentes, tem-se o início do pensamento objetivo. A projeção dá ao homem a chance de ocupar-se mais com suas próprias percepções, quer dizer, compreender um pouco mais o mundo e com isso conseguir dominá-lo. Portanto, a projeção que se inicia com a suposição dos espíritos será, posteriormente, responsável pela suposição determinista da ciência, que proporcionou enorme desenvolvimento tecnológico e domínio sobre o mundo.

O que nos interessa, no entanto, aqui, é a magia, quando ainda não há projeção, quer dizer, não se atribui à percepção uma causa externa. Quando o mundo é compreendido a partir do próprio eu, quer dizer, a partir do próprio corpo, dos próprios movimentos. Algo, como Freud afirma, similar a arte:

*Apenas em uma área em nossa cultura, a “onipotência dos pensamentos” também foi conservada, na área da arte. Unicamente na arte ainda sucede que um homem consumido por desejos faça algo semelhante à satisfação, e que esse jogo provoque – graças à ilusão artística – efeitos de afeto como se fosse algo real. Com direito, se fala do feitiço da arte e se compara o artista a um feiticeiro. ... A arte ... esteve originalmente a serviço de tendências que hoje então em grande parte extintas. Entre elas, pode-se supor várias intenções mágicas. (Freud, id.)<sup>200</sup>.*

O artista, sem o querer, acaba provocando efeitos na realidade. Estes efeitos devem-se principalmente ao reconhecimento, por parte dos outros, do valor da obra de arte produzida. No entanto, a própria valorização dos próprios gestos e pensamentos, pelo artista, parecem, por si só, possibilitar uma compreensão da realidade e, dessa

---

Die Geister und Dämonen sind, wie an anderer Stelle angedeutet wurde, nichts als die Projektionen seiner Gefühlsregungen; er macht seine Affektbesetzungen zu Personen, bevölkert mit ihnen die Welt und findet nun seine inneren seelischen Vorgänge ausser seiner wieder ...

... dass diese Neigung [seelische Vorgänge nach aussen zu projizieren] dort eine Verstärkung erfährt, wo die Projektion den Vorteil einer psychischen Erleichterung mit sich bringt. Ein solcher Vorteil ist mit Bestimmtheit zu erwarten, wenn die nach Allmacht strebenden Regungen in Konflikt miteinander geraten sind; dann können sie offenbar nicht alle allmächtig werden. ... Nun ist der vorbildliche Fall eines solchen Konflikts der zwischen den beiden Gliedern eines Gegensatzpaares, der Fall der ambivalenten Einstellung (Freud, Stud, id., p. 379/380) (Cia letras, p. 145/6)

<sup>200</sup> Nur auf einem Gebiete ist auch in unserer Kultur die "Allmacht der Gedanken" erhalten geblieben, auf dem der Kunst. In der Kunst allein kommt es noch vor, dass ein von Wünschen verzehrter Mensch etwas der Befriedigung Ähnliches macht und dass dieses Spielen - dank der künstlerischen Illusion - Affektwirkungen hervorruft, als wäre es etwas Reales. Mit Recht spricht man vom Zauber der Kunst und vergleicht den Künstler mit einem Zauberer. ... Die Kunst ... stand ursprünglich im Dienste von Tendenzen, die heute zum grossen Teil erloschen sind. Unter diesen lassen sich mancherlei magische Absichten vermuten. (Freud, Stud, id, p. 378) (Cia.Letras, p. 142/3).

forma, um certo domínio sobre a mesma. A primeira compreensão do mundo é artística e é mimética, pois, como vimos, a magia implica na cópia daquilo que é desejado.

As três características da magia elencadas acima: valorização das imagens de movimento, valorização do processo de pensamento e compreensão artística e mimética do mundo, coincidem com os primórdios dos processos secundários no aparelho psíquico. Acompanhemos, no *Projeto de uma psicologia*, a passagem do processo primário para o secundário.

Começemos pelo desenvolvimento do pensar. Como vimos, na análise da segunda fase filogenética, o eu originalmente consiste nos investimentos da imagem correspondente à necessidade interna e da imagem desiderativa. Investimentos que correspondem ao desejo e que têm como resultado a alucinação. Trata-se do processo primário. Este processo é inibido (surge uma barreira inibindo o investimento da imagem desiderativa até a alucinação), o que possibilita o investimento das imagens perceptivas simultâneas ao investimento do estado de necessidade (quando se está com fome). Assim a alucinação é inibida e o que é percebido pode ser comparado com o que é desejado. A imagem do objeto desiderativo (agora investida de forma menos intensa, não produzindo a alucinação) serve de meta para a imagem perceptiva. Este é o processo do pensar:

*A diferença entre R [ a representação do objeto desiderativo] e a percepção vinda dá, então, ocasião para o processo de pensar, que alcança seu fim quando os investimentos de percepção excedentes são transportados, por meio de um caminho encontrado, para investimentos de Representação, então é alcançada a identidade.* (Freud, 1895-1, Projeto de uma Psicologia)<sup>201</sup>.

O pensamento, o processo secundário, portanto, é a associação entre a recordação do objeto desiderativo e as percepções do mundo. Significa relacionar, associar, cada nova percepção (ou inicialmente, as percepções simultâneas ao estado de necessidade) com a representação do objeto desiderativo. Isso só é possível mediante a inibição da

---

<sup>201</sup> Die Differenz zwischen der V und der ankommenden W[ahrnehmung] gibt dann den Anlass zum Denkvorgang, der sein Ende erreicht, wenn die überschüssigen W[ahrnehmungs]besetzungen auf einem gefundenen Wege in V[orstellungs]besetzungen überführt sind; dann ist Identität erreicht. (tradução própria, baseada na de Osmir Faria Gabbi) (Freud, 1895-1, G.W. Entwurf einer Psychologie, p. 452) (tradução Gabbi, p. 76)



alucinação. No *Projeto* essa inibição decorre de processos biológicos, no entanto, no próprio *Projeto*, Freud nos leva a pensar, e isso se torna explícito nos textos posteriores, *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos* e *O inconsciente*, que a mecânica deste processo será possível apenas mediante o investimento de imagens de movimento colaterais, que inibem a facilitação com a imagem do objeto desiderativo. No texto *O inconsciente* estas imagens (representações), que fazem parte do pré-consciente, são imagens linguísticas. Já vimos, nos *Três ensaios*, a importância da capacidade de deslocamento do impulso sexual humano (da sexualidade perversa). Podemos, portanto, supor que a inibição do investimento do objeto desiderativo e o desvio para outros investimentos (para imagens de movimento, para imagens perceptivas) decorrem da capacidade de deslocamento do próprio impulso sexual (constituído na segunda fase filogenética).

No capítulo 1, já vimos a importância atribuída, por Freud, às imagens de movimento, no *Projeto de uma psicologia*. O ganho, adaptativo, do pensamento ocorre quando nele são incluídas imagens de movimento. O pensamento encontra seus frutos apenas quando, entre a representação do objeto desiderativo e a percepção, se encontra uma imagem de movimento e a ocupação desta imagem produz o movimento que transforma a realidade percebida na desejada. Assim Freud descreve o estabelecimento do processo secundário em *Interpretação dos sonhos*:

*O processo primário aspira a descarga da excitação para, com a grandeza de excitação assim reunida, produzir uma identidade perceptiva [com a vivência de satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e assumiu outra em seu lugar, alcançar uma identidade de pensamento. O pensamento completo é apenas um desvio que vai da recordação de satisfação tomada como representação-meta até o investimento idêntico da mesma recordação, que deve ser alcançado novamente sobre o caminho das experiências motoras. (Freud, 1900, Interpretação dos sonhos)<sup>202</sup>.*

---

<sup>202</sup> Der Primärvorgang strebt nach Abfuhr der Erregung, um mit der so gesammelten Erregungsgrösse eine Wahrnehmungsidentität [mit dem Befriedigungserlebnis] herzustellen; der Sekundärvorgang hat diese Absicht verlassen und an ihrer Statt die andere aufgenommen, eine Denkidentität zu erzielen. Das ganze Denken ist nur ein Umweg von der als Zielvorstellung genommenen Befriedigungserinnerung bis zur identischen Besetzung derselben Erinnerung, die auf dem Wege über die motorischen Erfahrungen wieder erreicht werden soll. (Freud, 1900, Studienausgabe, Band II, Die Traumdeutung, p.571).

Comparando então a passagem do processo primário ao secundário com as fases filogenéticas dos tempos glaciais, podemos dizer que, se na segunda fase constituíram-se as representações-meta (em vez da representação da ação, se estabeleceu a representação do objeto desiderativo, a representação-meta), na terceira fase filogenética, a ação (que fora abandonada na primeira fase) ganha agora nova importância e um papel adaptativo: serve pra transformar o mundo percebido no desejado. O símio se torna um trabalhador, capaz de transformar o mundo de acordo com seus desejos.

No *Projeto*, Freud apresenta um elucidativo exemplo, que já citamos, no qual uma imagem de movimento se encontra no processo do pensar e seu investimento determina uma maior adaptação. O exemplo é o seguinte: o neurônio c é uma imagem perceptiva, o seio lateral, e o neurônio b uma imagem desiderativa, o seio frontal. Entre eles está uma imagem de movimento, virar o pescoço, imagem que apareceu entre eles primeiramente ao acaso, porque a criança virou o pescoço (involuntariamente) e o seio frontal se tornou lateral, e que depois será investido voluntariamente, para transformar o seio lateral em frontal.

*Em geral, resulta em uma imagem de movimento que se intercala entre neurônio c e neurônio b, e com a reanimação desta imagem, por um movimento efetivamente realizado, é produzida a percepção do neurônio b e, com isso, a identidade procurada. Por exemplo, a imagem recordativa desejada seria a imagem do seio materno e seu mamilo em visão completa, a primeira percepção seria uma visão lateral do mesmo objeto sem o mamilo. Na recordação da criança encontra-se uma experiência, ocorrida por acaso na amamentação, que com um determinado movimento de cabeça a imagem completa transformou-se na imagem lateral. A imagem lateral vista conduz para o movimento da cabeça, uma tentativa mostra que deve ser realizada sua contrapartida, e é conseguida a percepção da visão completa (Freud 1895-1, Projeto de uma psicologia.)<sup>203</sup>.*

No processo de pensamento, que busca um caminho entre a imagem perceptiva e a desiderativa, as imagens de movimento investidas não devem imediatamente provocar

---

<sup>203</sup> In der Regel ergibt sich ein Bewegungsbild, welches zwischen Neuron c und Neuron b eingeschaltet ist, und mit der Neubelebung dieses Bildes durch eine wirklich ausgeführte Bewegung ist die Wahrnehmung von Neuron b und damit die gesuchte Identität hergestellt. Z.B. das gewünschte Erinnerungsbild sei das Bild der Mutterbrust und ihrer Warze in Vollansicht, die erste Wahrnehmung sei eine Seitenansicht desselben Objektes ohne die Warze. In der Erinnerung des Kindes befindet sich eine Erfahrung, beim Saugen zufällig gemacht, dass mit einer bestimmten Kopfbewegung das Vollbild sich in das Seitenbild verwandelt. Das nun gesehene Seitenbild führt auf die Kopfbewegung, ein Versuch zeigt, dass ihr Gegenstück ausgeführt werden muss, und die Wahrnehmung der Vollansicht ist gewonnen. (Freud, 1895-1, G.W. Entwurf einer Psychologie, p. 424) (tradução Gabbi, p. 42).

o movimento. O movimento só deve ser realizado quando se tiver certeza de que ele conduz à imagem desiderativa, caso contrário interromperia o processo de pensamento em vão. O eu deve inibir a ocupação da imagem de movimento até que a imagem desiderativa seja realmente encontrada. *“Não se move, efetivamente, ao representar uma imagem de movimento. O representar e o mover são, porém, apenas quantitativamente distintos.”* (Freud, id.) <sup>204</sup>. Qual a semelhança entre investir uma imagem de movimento (representar) e efetivamente se mover? *“Todo movimento, através de suas consequências colaterais, torna-se ocasião para novas excitações sensoriais (da pele e dos músculos)”* (Freud, id.) <sup>205</sup>. Tanto o movimento quanto a representação do movimento produzem excitações. A excitação produzida pela representação do movimento (pelo investimento da imagem de movimento), por sua vez, indica ao processo de pensar que se trata de uma imagem de movimento e que, caso tenha sido encontrada a imagem desiderativa, ela deve ser reinvestida a fim de agora provocar o movimento.

*Como os neurônios  $\psi$  no eu podem, de outra forma, saber para onde conduzir o investimento? ... Ora, pode ocorrer que durante o curso de  $Q$  também seja investido um neurônio motor que, então, elimina  $Q\eta$  e fornece um signo de qualidade.* (Freud, id.) <sup>206</sup>.

Então, as imagens de movimento devem ser investidas primeiramente de forma inibida e, quando intercaladas entre a percepção e a imagem desiderativa, reinvestidas, agora não de forma reflexa, mas como ação: *“A ação, porém, não podemos representar de outra maneira do que como o investimento completo daquelas imagens de movimento que foram realçadas no processo de pensar”* (Freud, id.) <sup>207</sup>. Os movimentos passam a ser voluntários, buscam reencontrar algo anteriormente presente na recordação. Como

---

<sup>204</sup> Es wird nicht [wirklich gesprochen, sowenig wie] beim Vorstellen eines Bewegungsbildes wirklich bewegt [wird]. Das Vorstellen und das Bewegen sind aber nur quantitativ verschieden (Freud, GW, id., p.458) (tradução Gabbi, p. 82).

<sup>205</sup> jede Bewegung durch ihre Nebenfolgen Anlass zu neuen sensiblen Erregungen (von Haut und Muskeln) wird. (Freud, GW, id., p. 411) (Gabbi, p. 32). Estas excitações produzidas pelo movimento produzem, em primeiro lugar, a própria imagem de movimento, depois, a indicação para o aparelho de que se trata de uma imagem de movimento e, por último, de que se trata de uma imagem de movimento de palavra.

<sup>206</sup> Wie sollen die  $\Psi$  Neurone im Ich sonst wissen, wohin die Besetzung zu leiten ist? ... Nun kann es geschehen, dass während des  $Q$ -Ablaufes auch ein motorisches Neuron besetzt wird, das dann  $Q\eta$  abführt und ein Qualitätszeichen liefert. (Freud, GW, id., p. 455) (Gabbi, p. 79).

<sup>207</sup> Das Handeln können wir uns nun aber nicht anders vorstellen denn als die Vollbesetzung jener Bewegungsbilder, die beim Denkvorgang hervorgehoben worden sind (Freud, GW, id., p. 476) (Gabbi, p. 101).

afirma Freud em *Interpretação dos sonhos*, a motilidade é usada para finalidades recordadas anteriormente:

*Essa inibição, assim como o conseqüente desvio da excitação tornam-se tarefa de um segundo sistema, que domina a motilidade voluntária, isto é, que no seu desempenho primeiramente associa-se com o uso da motilidade para finalidades recordadas anteriormente. (Freud, 1900, Interpretação dos sonhos)<sup>208</sup>.*

As mesmas manifestações da sexualidade perversa, quer dizer, as ações motoras, os gestos, que visavam restabelecer uma vivência de satisfação recordada, agora ocorrem de forma inibida, sob controle, são voluntários. Assim, se mexer o pescoço podia auxiliar a alucinação do seio materno (assim como o sugar), agora serve pra transformar o seio lateral percebido no seio frontal.

Outro exemplo dado por Freud, além do virar a cabeça para transformar seio lateral em frontal, é o do grito. Primeiramente o grito se caracteriza como uma eliminação de excitação involuntária, reflexa, simples expressão de emoção (de sofrimento). Essa imagem de movimento, como as outras, deve ser investida a ponto de realizar o movimento, caso esteja entre uma imagem perceptiva e a desiderativa. Neste caso ela serve à comunicação, pois transforma a imagem percebida na desejada, chamando a atenção do objeto desiderativo real. O mesmo ocorre com todas as imagens linguísticas que servem à comunicação. Assim podemos pensar que, na criança, vocábulos que produzem efeitos no mundo, tornando-o mais próximo do desejado, são constantemente reinvestidos. Os signos linguísticos, mais ainda que as outras imagens de movimento, podem gerar excitação com mínima descarga, possibilitando um pensar mais eficiente.

Assim, podemos supor que, na filogênese, aquelas emissões verbais que determinavam a cooperação ou a submissão (por medo) dos outros (portanto, que serviram à comunicação) ganharam importância junto com aquelas ações que transformavam o mundo percebido no desejado.

---

<sup>208</sup> Diese Hemmung sowie die darauf folgende Ablenkung der Erregung wird zur Aufgabe eines zweiten Systems, welches die willkürliche Motilität beherrscht, d.h. an dessen Leistung sich erst die Verwendung der Motilität zu vorher erinnerten Zwecken anschliesst. (Freud, Studienausgabe, Band II, Die Traumdeutung, p. 540).

As imagens de movimento, no entanto, e, principalmente, as imagens de movimento linguísticas terão ainda uma outra função que não transformar o mundo (pelo trabalho ou pela comunicação), mas sim de representar o mundo (ideia que já abordamos no primeiro capítulo quando analisamos o texto de Ferenczi).

Como acontece o representar? A eficiência das imagens de movimento em transformar a imagem perceptiva em imagem desiderativa (ou, de acordo com o conceito de sexualidade infantil, sua capacidade de produzir prazer) faz com que o eu pré-investida todas suas imagens de movimento, e estas passem a ser metas para as excitações provindas da percepção, meta independente da imagem desiderativa.

*O fragmento do curso de pensar que vai da percepção até a identidade por meio de uma M [imagem de movimento] pode também ser realçado e oferece um resultado semelhante se então a atenção fixa a M e coloca-a em uma associação com a P, de igual modo, novamente fixada. (Freud, 1895-1, Projeto de uma Psicologia)<sup>209</sup>.*

Então, as quantidades provindas da percepção se dirigem não só para as imagens de movimento inseridas no caminho em direção à imagem desiderativa, mas também para imagens de movimento do próprio corpo que coincidem com a imagem percebida. Por exemplo, como já vimos no 1º capítulo, a imagem visual do movimento da mão de um objeto externo será associada (facilitada) com a imagem do movimento da própria mão. Outro exemplo, o grito emitido pelo objeto, por outra pessoa, será associado à imagem de movimento próprio de emissão do grito.

Freud chama essa associação de juízo primário, quando o complexo do próximo é compreendido, pois é rastreado até uma notícia do próprio corpo.

*O começo dos processos de pensar separados é a formação de juízo no qual o eu chega através de uma descoberta em sua organização, através da já mencionada*

---

<sup>209</sup> Das Stück Denkablauf von der Wahrnehmung bis zur Identität durch ein M lässt sich auch herausheben und liefert ein ähnliches Ergebnis, wenn dann die Aufmerksamkeit das M fixiert und es in eine Assoziation mit dem gleichfalls wieder fixierten W bringt. (Freud, 1895-1, G.W. Entwurf einer Psychologie, p. 474/5) (tradução Gabbi, p. 100).

*coincidência parcial dos investimentos de percepção com notícias do próprio corpo.* (Freud, id.)<sup>210</sup>.

Trata-se de uma nova função das imagens de movimento que, além de transformar a realidade percebida na desejada, possibilitam a representação das imagens percebidas, isto é, a representação do mundo externo. O eu compreende o mundo a partir de seus próprios movimentos.

Esta espécie de facilitação expande-se, como também já vimos, na imitação, quando a quantidade provinda da percepção, em vez de se conduzir para uma imagem de movimento do próprio corpo já existente, produz uma nova imagem de movimento (do próprio corpo). Certamente neste caso a nova imagem de movimento é composta a partir de imagens de movimento já existentes. A possibilidade de imitar o movimento, no entanto, possibilita que todos os objetos externos, que contenham uma imagem de movimento, possam produzir em  $\psi$  uma nova representação, que se expressa na execução de um movimento similar. Assim, originalmente, compreender, interpretar o mundo implica em movimentar-se de forma semelhante ao mundo. Não há aqui qualquer diferença entre o mundo representado e a representação; não há diferença entre o mundo em si e a interpretação do mundo; o mundo, originalmente, é sua interpretação.

Esse processo se expande ainda mais com os signos linguísticos, quando o eu passa a associar os objetos a determinadas imagens de movimento correspondentes à emissão de sons. Provavelmente, na ontogênese, tais articulações de emissão de sons imitam sons associados, por uma outra pessoa, a determinados objetos percebidos. Imitar-se o som e o associa não ao objeto que emite o som, mas ao objeto que o sujeito que emite o som designa. Neste caso, a compreensão do mundo se amplia, se expressando na emissão do nome ou no mero investimento do signo linguístico (no pensamento que implica em mínimas eliminações da quantidade).

---

<sup>210</sup> Anfang der abgespaltenen Denkvorgänge ist die *Urteilsbildung*, auf welche das Ich durch einen Fund in seiner Organisation gelangt, durch das schon angeführte teilweise Zusammenfallen der Wahrnehmungsbesetzungen mit Nachrichten vom eigenen Körper. (Freud, GW, id., p 473) (Gabbi, p. 98).

E os signos linguísticos representam não apenas os objetos percebidos, mas também suas relações com o objeto desejado, com outros objetos percebidos, enfim representam o próprio processo de pensar que se torna então consciente.

Em consonância com esta última função da linguagem, na terceira fase filogenética, os homens compreenderam o mundo a partir do seu próprio corpo e inventaram a linguagem, quer dizer, imitaram os movimentos dos objetos do mundo, imitaram os sons que estes emitem e por fim atribuíram sons aos objetos e às relações entre os objetos percebidos e os desejados, representando-os (os objetos e as relações) psicologicamente. Na magia e na onipotência do pensamento, a linguagem representa o mundo (um mundo muito mais extenso que as imagens desiderativas que eram alucinadas) e ao mesmo tempo transforma o mundo (pois possibilita a comunicação). Aquela imagem de movimento linguística que servia para representar o mundo agora é usada para alterar o mundo (o que é expresso, por exemplo, na crença do poder das palavras secretas). O mesmo ocorre com as ações, sua realização é acompanhada da crença na realização do desejo (como é o caso da magia). É como se houvesse uma mistura das duas funções da linguagem (ou mesmo das imagens de movimento em geral): representar o mundo e transformá-lo. Se as imagens de movimento (e principalmente linguísticas) serviram para representar o mundo porque primeiramente transformaram o mundo, posteriormente elas ampliaram a ação de transformar o mundo (pois possibilitaram o pensamento). O intercâmbio entre as duas funções justifica a mistura das duas que ocorre na magia e na onipotência dos pensamentos, trata-se simplesmente de uma diminuição da inibição.

No *Projeto*, a função representativa da linguagem está aparentemente submetida à função comunicativa. No entanto, podemos sem muita artificialidade pensar que com o conceito de sexualidade perversa é possível supor uma certa independência da função representativa. Com o conceito de sexualidade perversa, as atividades musculares (portanto as imagens de movimento correspondentes) são fontes de prazer e por isso despertam a atenção (quer dizer, são pré-investidas). Neste sentido, a imitação é por si só prazerosa, também o é o reconhecimento do outro (do movimento do outro) a partir do

próprio movimento. Assim, podemos supor que o processo secundário (o pensar associado a uma imagem de movimento inibida) é uma extensão da sexualidade perversa. Trata-se de um processo mais inibido, mas possibilitado pelas características da sexualidade perversa: pelo prazer dos movimentos (que satisfazem o impulso sexual) e pela deslocabilidade (além da plasticidade e flexibilidade).

Podemos então supor, comparando com o desenvolvimento ontogenético acima analisado, que o pai primitivo começou a ter certo domínio do mundo porque alguns de seus gestos alteravam a realidade percebida, aproximando-a da realidade desejada (realidade desejada que anteriormente, na segunda fase filogenética, era alucinada). Se na segunda fase, conseguiu-se uma parcial independência do mundo externo, já que foi criado o mundo interno, na terceira fase, percebe-se que o mundo interno pode servir não só de substituto do mundo externo, para satisfazer o impulso, mas também como guia (valor) para a transformação do mundo externo. O pai primitivo então podia comparar as coisas percebidas com as desejadas (processo de pensar) e investir as imagens de movimento encontradas entre o percebido e o desejado, aos moldes do movimento da cabeça da criança, do exemplo dado no *Projeto*. Por exemplo, se a imagem alucinada da satisfação da fome é a devoração de um animal e a imagem percebida é a do animal, se houver entre essas duas imagens uma imagem de movimento accidental, por exemplo, de um confronto com o animal em que lhe atirou uma pedra, imagem de movimento que transformou o animal percebido em morto, então, se repetirão os atos do confronto, utilizando a pedra, transformando o animal percebido em morto e devorado. Entre as imagens de movimento que transformam a realidade percebida na desejada, estão alguns sons, que fazem com que os outros cooperem consigo, nos moldes da criança que chora e a mãe se aproxima. Por exemplo, a expressão sonora do medo diante do perigo relaciona-se com a aproximação de um companheiro que torna mais fácil o enfrentamento do perigo. Enquanto função comunicativa, a emissão de sons tem um enorme papel para o melhor domínio da realidade, um papel tão importante quanto o das ações que transformam a realidade percebida na desejada (quer dizer, a capacidade comunicativa é tão importante quanto a do trabalho). Não devemos supor, no entanto, que a capacidade de comunicação tem como objetivo a cooperação do outro, mas sim que tem como



objetivo a utilização do outro como um instrumento para melhor alcançar as vivências de satisfação. Trata-se de relações de dominação (a aproximação do outro é útil para usá-lo como instrumento, assim como a pedra. O interessante deste instrumento é que ele também se beneficia em ser utilizado, o que intensifica o poder da comunicação).

As imagens de movimento (entre elas, as sonoras) então têm ainda mais um papel, talvez até independente dos papéis assinalados acima (de transformação da realidade e da comunicação): servem para ampliar a capacidade perceptiva. Isso é possível na medida em que os gestos (as imagens de movimento) produzem, por si só, prazer (substituem o ato sexual, como vimos na segunda fase) e são altamente deslocáveis (como vimos, do sugar se passa para a manipulação, para o masturbação, para o domínio ...). Assim, o pai primitivo desenvolveu a capacidade de associar percepções com imagens de movimento, capacidade que logo se tornou capacidade de imitação. Ele passou então a imitar os movimentos da natureza: dos outros humanos e dos sons emitidos pelos diversos objetos. A utilização desta capacidade de imitação, podemos supor, tornou muito mais eficiente a comunicação, por exemplo, se o medo veio acompanhado da imitação do animal, o qual se temia, ou do som que ele emitia ou, ainda, da imitação da ação que o outro devia realizar para auxiliar a resolver a situação de perigo (por exemplo, o ato de atacar, de pegar uma pedra, de se afastar, esperar ...).

Essa imitação pôde, devido à deslocabilidade, distanciar-se cada vez mais do objeto ou da ação imitada e pôde representar uma cadeia de ações por um gesto ou uma palavra (ou proposição). Neste caso, a imagem de movimento linguística ganhou mais uma função: ampliar a percepção, gerando a memória do objeto percebido. Se cada percepção ligou-se a uma imagem sonora, ela pôde ser guardada na memória e o processo de pensamento se intensificou. Quer dizer, o pensamento não é mais apenas composto de imagem desejada, imagem percebida e imagem motora, mas de inúmeras outras imagens intermediárias (motoras também, mas com pequena eliminação, pois a articulação do som pode ser feita quase sem movimento), que representam percepções passadas. Assim, o pai primevo aprendeu a pesquisar o mundo, o que lhe tornou superior àqueles que não desenvolveram esta capacidade.

O que seria a onipotência do pensamento? Uma mistura da capacidade representativa das imagens de movimento linguísticas com a capacidade das imagens de movimento de transformar a realidade. Na onipotência de pensamento, as representações são tomadas pelas coisas, em um mecanismo similar à alucinação, mas muito mais amplo, pois o que é representado não é apenas o objeto desiderativo, mas tudo que é percebido e também as relações do percebido com o objeto desiderativo. Também se trata de um mecanismo muito mais eficiente (que a alucinação) para alcançar os objetos desiderativos, já que as representações se baseiam em imagens de movimento capazes de transformar a realidade (mesmo não querendo, mesmo não planejando a ação transformadora, a imitação/representação, assim como a obra dos artistas, serve à comunicação e a transformação da realidade). As representações não servem para planejar a ação (como servirão no processo secundário, propriamente dito), mas, na medida em que são imagens de movimento, são também elas mesmas ações, que em alguns casos transformam, ou auxiliam a transformar, a realidade.

Assim Freud descreve o mecanismo da arte e as ações do artista e suas consequências em *Formulações sobre os dois princípios psíquicos*:

*A arte consegue por um caminho peculiar uma reconciliação entre os dois princípios [princípio do prazer e da realidade]. O artista é originalmente um homem que se afasta da realidade, pois ele não pode aceitar a renúncia à satisfação dos impulsos que ela a princípio exige, e consente na vida de fantasia seus desejos eróticos e ambiciosos. Ele encontra, porém, o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, na medida em que devido a dons especiais, ele figura suas fantasias em um novo tipo de realidade, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos do real. Ele se torna, assim, de certo modo, o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo desvio das efetivas alterações do mundo externo. (Freud, 1911-1, Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos) <sup>211</sup>.*

---

<sup>211</sup> Die *Kunst* bringt auf einem eigentümlichen Weg eine Versöhnung der beiden Prinzipien zustande. Der Künstler ist ursprünglich ein Mensch, welcher sich von der Realität abwendet, weil er sich mit dem von ihr zunächst geforderten Verzicht auf Triebbefriedigung nicht befreunden kann und seine erotischen und ehrgeizigen Wünsche im Phantasieleben gewähren lässt. Er findet aber den Rückweg aus dieser Phantasiewelt zur Realität, indem er dank besonderer Begabungen seine Phantasien zu einer neuen Art von Wirklichkeiten gestaltet, die von den Menschen als wertvolle Abbilder der Realität zur Geltung zugelassen werden. Er wird so auf eine gewisse Weise wirklich der Held, König, Schöpfer, Liebling, der er werden wollte, ohne den gewaltigen Umweg über die wirkliche Veränderung der Aussenwelt einzuschlagen. (Freud, 1911-1, Studienausgabe, Band III, Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, p. 22/3) (Cia Letras, p. 117/8).

Podemos supor que as invenções do pai primitivo: a linguagem e o investimento de imagens de movimento que de certa forma transformaram a realidade (a arte no sentido de técnica) foram importantes também devido à impressão que provocaram nos outros.

Assim supomos, portanto, que a base dos processos secundários foi constituída na terceira fase da história da espécie nos tempos glaciais. Assim, nesta fase, se completaria o desenvolvimento do eu. Como vimos, no primeiro capítulo, Freud pretendeu com suas hipóteses filogenéticas, baseadas nas disposições neuróticas, apresentar o desenvolvimento do eu. Teríamos então de início, nos tempos glaciais, um eu, isto é, uma frágil organização biológica, que começa a suportar em si, na forma de angústia, um impulso sexual destituído de sua função biológica. Num segundo momento, este eu se expande por meio de representações capazes de satisfazer os impulsos sexuais (destituídos da função biológica). Caracteriza-se então um eu composto por um mundo imaginário, trata-se do eu prazer constituído a partir da sexualidade perversa (das vivências de satisfação). Por último, ainda se expandindo a partir dos impulsos sexuais, agora inibidos, capazes de representar não só os objetos de satisfação e de dor, mas todo o mundo, o eu amplia seu poder, representa e transforma a realidade de acordo com seus desejos, é capaz de usar seus impulsos sexuais (destituídos da função biológica) para aumentar seu poder, poder sobre si, sobre a natureza e sobre os outros.

Mas este eu desenvolvido se constitui a custa da sexualidade perversa, é uma expansão do eu prazer. Neste ponto conseguimos compreender a inversão de desenvolvimento e a oposição existente entre o eu e a sexualidade. Tanto a sexualidade biológica, que é o fim do desenvolvimento sexual, quanto o próprio eu, se desenvolvem a partir da sexualidade perversa. Mas enquanto a sexualidade biológica busca recuperar o que existia antes da constituição da sexualidade perversa, trata-se de um movimento de retroação, o desenvolvimento do eu coincide com uma expansão dela. Assim, se o desenvolvimento do eu corre na mesma direção que o desenvolvimento da espécie, isto é: 1º) acúmulo de estímulo, 2º) constituição da sexualidade perversa/processo primário e 3º) processo secundário; o desenvolvimento da sexualidade corre na direção inversa do

desenvolvimento da espécie: no indivíduo, 1º) sexualidade perversa e 2º) sexualidade genital que cumpre a função biológica; na espécie, 1º) sexualidade genital que cumpre a função biológica e 2º) sexualidade perversa. Trata-se de linhas de desenvolvimento que se chocam e geram os conflitos entre sexualidade e eu.

Torna-se claro aquilo que Bento Prado Junior chamou de uma "multiplicidade de tempos estratificados", do choque de distintas temporalidades, que no texto *Visão geral das neuroses de transferência* é explicitado:

*Com efeito, a gênese da neurose, no indivíduo, é reportada, neste texto [Visão Geral das Neuroses de Transferência], à gênese biossocial da humanidade ou à arqueologia do aparelho psíquico. Mas, o que nos interessa particularmente é a inversão do vetor do tempo na superposição de três séries diferentes: 1) fases da emergência da neurose, 2) fases da sexualidade infantil e 3) fases da formação biossocial do eu. Numa palavra, as séries 1 e 3 percorrem à contracorrente a série 2: as fases da sexualidade infantil manifestam-se numa ordem inversa à da edificação primitiva do aparelho psíquico. Com isto, de fato, temos algo como uma justificação metapsicológica da retrospectividade essencial do tempo psíquico e do discurso psicanalítico. (Prado, Bento Jr., 1988, Narrativa: ficção e história, RJ: Imago, p. 47).*

Por um lado, uma retrospectividade essencial, determinada pelo desenvolvimento sexual que busca o retorno aos instintos naturais, por outro, o desenvolvimento do eu que necessita do impulso sexual para desenvolver a cultura (sublimar e transformar a natureza). Podemos dizer a grosso modo que se trata do conflito entre natureza e cultura, conflito que se apresenta no ser humano em duas tendências de desenvolvimento com direções distintas, tendências que se apoderam (portanto, de forma conflitante) de uma base comum (do impulso sexual perverso). Podemos dizer, parodiando Freud, que o fato da sexualidade ter de servir a estes dois senhores (o desenvolvimento cultural e a retroação à natureza), faz dela o palco dos sintomas e dos conflitos psíquicos.

Podemos agora retomar duas citações que apontamos no primeiro capítulo, sem lhes dar a devida atenção. A primeira é de *A disposição para a neurose obsessiva*, que citamos na análise da neurose obsessiva, no tópico contrainvestimento (p. 39): "é

*registrado um avanço temporal do desenvolvimento do eu frente ao desenvolvimento da libido na disposição para a neurose obsessiva" (Freud, 1913-2)*<sup>212</sup>.

Ora, a disposição para a neurose obsessiva consiste no avanço do desenvolvimento do eu (portanto, na inibição, no pensar, no desenvolvimento da linguagem, nas formações reativas que alteram o caráter do eu). No entanto, se trata de um avanço em relação ao desenvolvimento da libido, que deveria no caso, conduzir à função biológica. O sintoma, por sua vez, será a atribuição das características do impulso sexual biológico (sua inflexibilidade, sua inevitabilidade) às formações mais desenvolvidas do eu (ao pensar, à linguagem, às formações reativas). Na neurose obsessiva então temos primeiro uma vitória do eu e em seguida uma formação de compromisso com as tendências retroativas. Se nas duas outras neuroses de transferência o conflito psíquico revela a tendência à retroatividade do psíquico em oposição às suas aquisições, a neurose obsessiva mostra o choque de distintas temporalidades: uma retroativa, outra evolutiva. Lembremos que as disposições e os conflitos intensificados nas neuroses estão presentes em todos os seres humanos. Portanto, esse descompasso propiciado por distintas temporalidades caracteriza o efetivo conflito psíquico, a grosso modo, um conflito entre o eu e a sexualidade.

A segunda citação que apresentamos no primeiro capítulo, na análise de *Formulações sobre os dois princípios dos eventos psíquicos* e que lá pouco pudemos compreender é a seguinte:

*Enquanto o eu passa pelas transformações, do eu-prazer em eu-real, os impulsos sexuais experimentam aquelas mudanças que os conduzem do autoerotismo inicial, através de diversas fases intermediárias, até o amor objetal a serviço da função procriativa. Se for correto que cada etapa desses dois cursos de desenvolvimento pode se tornar o lugar de uma disposição para a posterior doença neurótica, é de se supor que a decisão sobre a forma da doença posterior (a escolha da neurose) dependa de em qual fase do desenvolvimento do eu e da libido a inibição do desenvolvimento disposicional aconteceu. O caráter temporal ainda não estudado de ambos os desenvolvimentos, seus possíveis deslocamentos [temporais] um*

---

<sup>212</sup> "ein zeitliches Voranteilen der Ichentwicklung vor der Libidoentwicklung in die Disposition zur Zwangsneurose einzutragen ist." (Freud. 1913-2, Die Disposition zur Zwangsneurose, Studienausgabe, Band VII, p. 116) (Cia letras, p. 335).

*contra o outro, adquirem assim um significado inesperado.* (Freud, 1911-1, op. cit.)  
213

Há na escolha da neurose um caráter temporal com um significado inesperado. A oposição entre eu e sexualidade é concebida como um deslocamento temporal do desenvolvimento de um contra o desenvolvimento do outro. O deslocamento temporal é um retardamento ou um avanço, nos quais um desenvolvimento se choca com o outro. O que seria este avanço ou retardamento de um contra o outro? Parece-nos que significa um apoderar-se ora um, ora outro, desse impulso básico, essencialmente infundado, que é a sexualidade perversa. Quando as tendências do desenvolvimento sexual se apoderam dele busca-se alcançar seu efetivo fundamento, que foi, na filogênese, perdido para sempre. Esta tendência mostra, na verdade, a falta de um efetivo fundamento da sexualidade perversa, de como ela se constitui, substituindo um fundamento perdido. Esta tendência, por sua vez, manifesta-se na regressão, na retrospectividade. Por outro lado, quando as tendências do desenvolvimento do eu se apoderam da sexualidade perversa se desenvolvem as partes mais elevadas do eu (por exemplo, as formações reativas). Mas também se se apresentar como fundamento desse impulso sexual infundado, determinará o retorno do infundado (o pensar rígido, desperta a dúvida obsessiva). Podemos pensar que não há uma conciliação entre as duas tendências, há sim formações de compromissos, mais ou menos sintomáticas, mais rígidas ou mais flexíveis.

Mas não terminamos ainda a análise da terceira fase filogenética. Não só a inteligência e a linguagem foram desenvolvidas nesta fase. A inteligência possibilitou, como vimos, um domínio sobre a realidade e com isso a proteção de vários

---

<sup>213</sup> Während das Ich die Umwandlung vom *Lust-Ich* zum *Real-Ich* durchmacht, erfahren die Sexualtriebe jene Veränderungen, die sie vom anfänglichen Autoerotismus durch verschiedene Zwischenphasen zur Objektliebe im Dienste der Fortpflanzungsfunktion führen. Wenn es richtig ist, dass jede Stufe dieser beiden Entwicklungsgänge zum Sitz einer Disposition für spätere neurotische Erkrankung werden kann, liegt es nahe, die Entscheidung über die Form der späteren Erkrankung (die *Neurosenwahl*) davon abhängig zu machen, in welcher Phase der Ich- und Libidoentwicklung die disponierende Entwicklungshemmung eingetroffen ist. Die noch nicht studierten zeitlichen Charaktere der beiden Entwicklungen, deren mögliche Verschiebung gegeneinander, kommen so zu unvermuteter Bedeutung. (Freud, 1911-1, Formulieren über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, op.cit, p. 23).

Paulo César de Souza traduz *deren mögliche Verschiebung gegeneinander* por: o possível retardamento de um em relação ao outro, e justifica que *Verschiebung* pode designar um deslocamento temporal, um adiamento. O deslocamento parece-nos sim temporal, mas quisemos com nossa tradução enfatizar a oposição (temporal) que o termo *gegeneinander* alude, oposição entre os dois processos, (entre o desenvolvimento do eu e da libido), que analisaremos na história filogenética.

desamparados. Surgiram, portanto, as hordas humanas compostas por um macho sábio e forte, por suas mulheres e seus filhos.

*Em recompensa por sua força, de produzir a segurança de vida a muitos outros desamparados, ele se atribuiu um domínio ilimitado sobre eles, representava por meio de sua personalidade as duas primeiras imposições, que ele próprio seria inviolável e que não poderia ser a ele contestado o dispor sobre as mulheres. No fim deste período a espécie humana estava decomposta em hordas isoladas, que eram dominadas por um homem forte, sábio e brutal, como pai. (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência, p. 46) <sup>214</sup>.*

O pai primevo, em *Visão geral das neuroses de transferência*, tem características distintas do de *Totem e tabu*. Ele não é o símio que se comporta de forma semelhante aos outros mamíferos que vivem em hordas, como Darwin descreveu (e Freud citou em *Totem e tabu*), mas um indivíduo inteligente que domina a natureza, cria a linguagem e é capaz de proteger uma horda. Caracteriza-se muito mais pela liberdade que pela sua natureza animal. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, enfatizando a sabedoria e a liberdade do pai primitivo, Freud chega a compará-lo com o “além do homem” (Übermensch) de Nietzsche:

*o pai da horda primitiva era livre. Seus atos intelectuais eram também, no desmembramento, fortes e independentes, sua vontade não precisava do reforço dos outros ...*

*No início da história da humanidade ele era o além do homem, que Nietzsche esperava apenas no futuro. (Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu) <sup>215</sup>.*

Esta afirmação nos leva à suposição de que as reflexões de Freud sobre a origem da cultura são fortemente influenciadas pelas reflexões de Nietzsche. É verdade que, se retiramos, como quer Freud, a dimensão futura do além do homem nietzschiano, pouco compreendemos desse conceito; no entanto, nossa intenção não é de compreender este

---

<sup>214</sup> Zum Lohn für seine Kraft, so vielen anderen Hilflosen Lebenssicherung zu schaffen, masste er sich die uneingeschränkte Herrschaft über sie an, vertrat durch seine Persönlichkeit die beiden ersten Setzungen, dass er selbst unverletzlich sei und dass ihm die Verfügung über die Frauen nicht bestritten werden dürfe. Zu Ende dieses Zeitabschnitts war das Menschengeschlecht in einzelne Horden zerfallen, die von einem starken und weisen brutalen Mann als Vater beherrscht wurden. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen).

<sup>215</sup> der Vater der Urhorde war frei. Seine intellektuellen Akte waren auch in der Vereinzelung stark und unabhängig, sein Wille bedurfte nicht der Bekräftigung durch den anderen. ... Zu Eingang der Menschheitsgeschichte war er der Übermensch, den Nietzsche erst von der Zukunft erwartete. (Freud, 1921, Studienausgabe, Band IX, Massenpsychologie und Ich-Analyse, p. 115) (Cia das Letras, p. 86)

conceito em Nietzsche, mas sim o possível uso que Freud faz dele para construir a psicologia do pai primitivo. Ao destituir o além do homem de sua dimensão futura e ao aproxima-lo do pai primitivo, cremos que Freud, em vez de considerá-lo uma auto superação, está identificando-o com o tipo nobre, forte, senhorial. Neste sentido, a aproximação realizada por Freud não é efetivamente entre a psicologia do pai primitivo e o além do homem, mas ao tipo psicológico do nobre, do senhor, do forte, nietzschiano. Se levarmos essa comparação um pouco mais adiante, podemos inclusive supor que este senhor, forte, ao qual nos referimos, está presente também na genealogia da cultura e da sociedade humana proposta por Nietzsche, na segunda dissertação da *Genealogia da moral*.

O pai primitivo descrito na história dos tempos glaciais e também em todas as posteriores referências à história filogenética (*Psicologia das massas, Mal estar na cultura, O homem Moisés e a religião monoteísta*), menos que o primata de Darwin, aludido em *Totem e tabu*, assemelha-se aos primeiros “conquistadores”, “guerreiros”, “senhores”, “com força para organizar” e “imprimir forma no animal humano”, “violentos em atos e gestos”, “os mais involuntários e inconscientes artistas”, “regidos pelo tremendo egoísmo dos artistas”. Como o pai primitivo de Freud que organiza a horda, subjuga os filhos, que é regido pela força e que é artista, são os primeiros conquistadores, senhores, de Nietzsche:

*uma raça de conquistadores e senhores, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade. ... Quem pode dar ordens, quem por natureza é “senhor”, quem é violento em atos e gestos – que tem a ver com contratos! Tais seres são imprevisíveis, eles vêm como o destino, sem motivo, razão, consideração, pretexto, eles surgem como um raio, de maneira demasiado terrível, repentina, persuasiva, demasiado “outra”, para sequer serem odiados. Sua obra consiste em instintivamente criar formas, imprimir formas, eles são os mais involuntários e inconscientes artistas – logo há algo novo onde eles aparecem, uma estrutura de domínio que vive, na qual não encontra lugar o que não tenha antes recebido um “sentido” em relação ao todo. Eles não sabem o que é culpa, responsabilidade, consideração, esses organizadores natos; eles são regidos por aquele tremendo egoísmo de artista, que tem o olhar de bronze, e já se crê eternamente justificado na “obra”, como a mãe no filho. (Nietzsche, 1887, Genealogia da moral, S.P.: Companhia das letras, 1998, p. 74/5).*



Estes primeiros conquistadores, como o pai primitivo, dão forma à sociedade, instituem leis e costumes, garantem a sobrevivência de muitos. É verdade que, diferente dos primeiros conquistadores de Nietzsche que, *por surgirem de um forma demasiadamente outra, sequer são odiados*, o pai primitivo será sim odiado e nos capítulos seis e sete (referentes as quinta e sexta fases filogenéticas) veremos a importância deste ódio. O que nos interessa agora assinalar é a semelhança entre estes primeiros conquistadores e o pai primitivo e apontar, no último, o surgimento daquilo que Nietzsche chama do instinto de liberdade, da vontade de potência: *"No fundo é a ... força ativa, que age grandiosamente naqueles organizadores e artistas da violência e constrói Estados ... é aquele instinto de liberdade (na minha linguagem: a vontade de poder)"* (Nietzsche, idem, p. 75/6).

Assim, esses primeiros organizadores, livres e artistas eram senhores. A psicologia do pai primitivo, portanto, pode ser compreendida como a psicologia dos nobres, dos aristocratas; o pai primitivo pode ser identificado com o tipo psicológico aristocrático, forte, de Nietzsche. Segundo Giacoia,

*podemos identificar o tipo aristocrático com o tipo predominantemente ativo e afirmativo ... A partir de um sentimento de plenitude ou excesso, a força valorativa cria, a partir de si mesma e projetando-o para fora, o inteiro mundo dos valores e dos juízos morais aristocráticos.* (Giacoia Jr, Oswaldo, Nietzsche como psicólogo, RS: ed Unisinos, 2001, p. 81).

O tipo psicológico nobre é aquele que diz sim a si mesmo, de natureza plena, repleto de força e espontaneamente ativo. *"Toda moral nobre nasce de um triunfante sim a si mesmo ... o nobre age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer sim a si mesmo com maior júbilo e gratidão"* (Nietzsche, idem, p. 29). *"Homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos, não sabiam separar a felicidade e a ação – para eles, ser ativo é parte necessária da felicidade"* (id., p. 30). *"Naturezas fortes e plenas, em que há excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento"* (id., p. 31). É também, em Nietzsche, essa atividade, essa afirmação de si, essa força plástica dos senhores que dá origem à linguagem.

*O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem 'isto é isto', marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas. (id., p. 19).*

Esse júbilo e essa gratidão, esse excesso de força modeladora, essa capacidade de imprimir formas como os artistas, foram também supostos, como a origem da humanidade, por Schiller, em 1795, em *A educação estética do homem*. Em Schiller, a disposição estética, que está além da satisfação da necessidade (e por isso é desinteressada e livre), corresponde às tentativas de embelezamento, à preferência pela forma e pela aparência:

*Onde encontramos os indícios de uma apreciação desinteressada e livre da pura aparência, podemos suspeitar essa reviravolta em sua natureza e o verdadeiro início de sua humanidade. Encontramos indícios dessa espécie já em suas toscas tentativas de embelezamento de sua existência, mesmo com risco de prejudicar o conteúdo sensível. Tão logo comece a preferir a forma à matéria e postergue a realidade em favor da aparência (...), seu círculo animal se abre, e ele se encontra numa via que não termina. (Schiller, 1795, A educação estética do homem, p.129).*

Se compararmos com Freud, podemos supor que é o prazer no movimento (possibilitado pela sexualidade perversa) que possibilita que a forma do objeto (seu movimento) seja reconhecida. O objeto ganha um novo valor, um valor formal, além do material, ele passa a ser representado. Neste momento, então, o homem passa a ser sensível ao objeto (a sua aparência) em vez de necessitar dele.

Constitui-se aqui a procura pela abundância, abundância da matéria (domínio do mundo), mas também abundância na matéria (a capacidade de dar forma à matéria, em Freud, por exemplo, a invenção da linguagem). Em Schiller:

*Insatisfeito apenas com o que basta à natureza e com aquilo que a necessidade exige, ele procura abundância; a princípio apenas abundância da matéria, para ocultar à avidez os seus limites, para assegurar fruição além da necessidade presente; logo a seguir, contudo, abundância na matéria, uma suplementação estética para satisfazer também o impulso formal, para ampliar a fruição além de qualquer necessidade. (Schiller, id., p. 129/30).*

Este homem estético, da abundância, não só antecipa o gozo na imaginação, como fizeram, na história filogenética de Freud, aqueles que inventaram o mundo interior e a

sexualidade perversa (na segunda fase), mas também incorpora a forma à sua fruição, como afirma Schiller:

*Enquanto apenas acumula reservas para o seu futuro e antecipa o seu gozo na imaginação, ele ultrapassa na verdade o momento presente, mas não ultrapassa o tempo em geral; frui mais porém não de outra maneira. Quando, entretanto, incorporar a forma a sua fruição, atentando para as formas dos objetos que lhe satisfazem os desejos, ele terá não só aumentado sua fruição em extensão e grau, mas também a terá enobrecido segundo a espécie. (Schiller, id., p.130)*

Não se trata do campo da privação, da necessidade, da adaptação, da reação, mas da liberdade, da expressão da força, do jogo sem utilidade, da ação:

*Mesmo ao irracional a natureza deu mais que a simples privação, lançando na obscura vida animal uma centelha de liberdade. Quando o leão não sente fome e não há outra fera a desafiá-lo, a força ociosa cria um objeto; o bramido cheio de ânimo ecoa no deserto, e, num dispêndio sem finalidade, a força vigorosa compraz-se em si mesma. ... O animal trabalha quando uma privação é o móbil de sua atividade e joga quando a profusão de força é este móbil, quando a vida abundante instiga-se à atividade. Mesmo na natureza inanimada encontramos um tal luxo de forças e uma tal variedade de determinações que poderiam ser chamadas de jogo no sentido material. São inúmeras, numa árvore, as mudas que irão murchar inúteis; as raízes, os ramos, as folhas são em número muito maior que o necessário à preservação do indivíduo e da espécie. O que a árvore por plenitude perdulária devolve, sem ter usado ou fruído, ao reino dos elementos, poderá ser dissipado, pelos viventes em alegre movimento. (Schiller, id, p. 130)*

A abundância existe na natureza, mas em poucos momentos ela é fruída pelos outros seres vivos. O leão brinca, joga quando brame sem ter necessidade disso (quando não é pressionado nem pela fome nem pelo perigo). Mas o homem, mais que qualquer outro animal frui em alegres movimentos da abundância das forças contida na natureza. Ele age, predominantemente, movido não pela privação, mas pela profusão de forças.

Segundo Schiller, primeiramente, a forma é reconhecida a partir do exterior, pela técnica, (em Freud, o homem representa o mundo por meio de seu eu e assim domina o mundo), depois o próprio interior se transforma, surgindo efetivamente a arte:

*Assim como a forma dele se aproxima um pouco pelo exterior ... do mesmo modo ela começa a tomar posse dele mesmo, transformando de início apenas o homem externo, mas por fim também o interno. O salto desregrado da alegria torna-se dança, o gesto informe torna-se movimento gracioso e harmônico; os sons*

*desordenados dos sentimentos desdobram-se, obedecem ao compasso e ordenam-se em canto.* (Schiller, id. p. 132).

Como vimos, Ferenczi identificou o impulso sexual de Freud com o impulso lúdico, com a possibilidade do jogo, um impulso entre a necessidade e os processos racionais. Podemos supor então que na segunda fase filogenética surgiu este impulso livre da necessidade. Se, em Schiller, este excedente, este impulso lúdico, esta profusão de forças já estão presentes na natureza, embora desperdiçados, em Freud, eles só surgem nos seres humanos, quando uma determinada necessidade biológica, a sexual, desvia-se da sua natureza de necessidade e se torna um impulso altamente plástico. Na terceira fase filogenética, então, essa profusão de forças, esse impulso lúdico se faz valer: reconhece as formas da natureza (reconhecendo os movimentos da natureza a partir dos próprios movimentos), cria formas que as representa (por meio da linguagem) e dá forma a si mesmo (constitui os primórdios dos processos secundários, inibidos, organizados).

Podemos supor que para Freud, nessa terceira fase, não está em jogo a adaptação, mas sim essa profusão de forças, a *vontade de poder*, por isso a relação com a arte. Nietzsche critica a concepção de adaptação (de Herbert Spencer), antepondo à própria adaptação a vontade de poder, a expansão das forças espontâneas:

*colocou-se em primeiro plano a 'adaptação', ou seja, uma atividade de segunda ordem, uma reatividade; chegou-se mesmo a definir a vida como uma adaptação interna, cada vez mais apropriada, a circunstâncias externas (Herbert Spencer). Mas com isso se desconhece a essência da vida, a sua vontade de poder; com isto não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a 'adaptação'* (Nietzsche, 1887, id. p 67).

Parece-nos que para Freud, a partir da terceira fase filogenética também a vida (humana, no caso) será essencialmente expressão de forças que se expandem e criam novas formas, e a adaptação uma das possíveis consequências dessa expansão.

Assim, portanto, nos é apresentado o pai primitivo: livre, inteligente, desenvolvido sob o signo da energia, forte e independente como o além do homem. Mas devemos notar que, na medida em que essa vontade de poder, essa profusão de forças

não é, para Freud, natural ao ser humano, mas adquirida na história da espécie humana, ela já surge sob o signo do conflito: contra sua expansão existe uma tendência que visa alcançar o natural, no caso, as funções sexuais biológicas, que visa, em última instância, transformar o impulso com sua plasticidade em instinto biológico, em uma necessidade biológica capaz de satisfação. Podemos dizer que aqui há, no mínimo, dois níveis de conflitos, um que remete ao conflito entre as próprias forças, forças que se inibem entre si, por exemplo, as imagens de movimento (principalmente as verbais) que representam o mundo e acabam inibindo a repetição das vivências de satisfação (o conflito entre processo secundário e primário), conflito que se expressa de forma mais acentuada nas formações reativas (vergonha, repugnância, piedade, moral e estética), que inibem e reprimem a sexualidade infantil (intensificando ainda mais os dois polos do conflito: a alteração do eu e a sexualidade reprimida, como vimos quando, no capítulo 1, analisamos a neurose obsessiva, cf. p. 37). Essa oposição se constitui a partir de uma característica do próprio impulso sexual, que ao ser eliminado por meio da repetição das vivências de satisfação, provoca novos estímulos (a fim de recuperar a função biológica sexual, que fora perdida na filogênese e que é parcialmente readquirida na ontogênese).

Podemos dizer que esse nível de conflito, entre essa profusão de forças, que teria surgido na terceira fase filogenética, possibilita-nos representar a alma humana como, repetindo os termos de Nietzsche, uma pluralidade, como uma estrutura social dos impulsos e afetos (cf Giacoia, 2001).

*Está aberto o caminho para novas versões e refinamento da hipótese da alma: e conceitos como “alma mortal”, “alma como pluralidade do sujeito” e “alma como estrutura social dos impulsos e afetos” querem ter, de agora em diante, direitos de cidadania na ciência. (Nietzsche, 1886, Além do bem e do mal, Cia Letras, p.19/20).*

Uma alma múltipla e hierárquica, cujo próprio querer é repleto de elementos e conflitos:

*Querer me parece, antes de tudo, algo complicado, algo que somente como palavra constitui uma unidade ... digamos que em todo querer existe, primeiro, uma pluralidade de sensações, a saber, a sensação do estado que se deixa, a sensação do estado para o qual se vai, a sensação desse ‘deixar’ e ‘ir’ mesmo, e ainda uma*

*sensação muscular concomitante, que, mesmo sem movimentarmos 'braços e pernas', entra em jogo por uma espécie de hábito, tão logo 'queremos'... em segundo lugar, também o pensar: em todo ato de vontade há um pensamento que comanda... Em terceiro lugar, a vontade não é apenas um complexo de sentir e pensar mas sobretudo um afeto do comando. O que é chamado 'livre-arbítrio' é, essencialmente, o afeto de superioridade em relação àquele que tem que obedecer ... Um homem que quer comanda algo dentro de si que obedece ... Mas agora observem o que é mais estranho na vontade (...), somos ao mesmo tempo a parte que comanda e a que obedece, e como parte que obedece conhecemos as sensações de coação, de sujeição, pressão, resistência, movimento, que normalmente têm início logo após o ato de vontade. (Nietzsche, id., p. 24).*

Podemos, portanto, supor que essa tensão entre as partes conflitantes da alma, algo como as relações de repressão, resistência, tensão entre impulsos pré-conscientes e inconscientes, entre os impulsos ambivalentes, foi então constituída, para Freud, na terceira fase filogenética e caracteriza a psicologia do pai primitivo, aquele que pode ser comparado, senão ao além do homem de Nietzsche, ao tipo psicológico aristocrático.

Mas há ainda, em Freud, outro nível de conflito e de contradição na alma humana, no que vimos até aqui. Opondo-se à expressão dessa profusão de forças (conflituosas entre si) encontramos, em Freud, uma tendência da alma em restabelecer o ser natural, biológico, anterior a essa constituição. Em oposição à tendência do eu de criar novas formas, dar formas às coisas e a si, de expandir seu poder, há nos seres humanos uma tendência da sexualidade de tornar-se função biológica. Há um conflito mais originário que implica em quais forças se apropriam desse impulso lúdico (sexual) original, as instintivas (que podemos chamar de sexual) ou as que tendem à sublimação (que podemos chamar das egoicas). Uma oposição, um choque entre distintos desenvolvimentos que tendem uns pra frente outros pra trás. Essa parece-nos ser a contradição fundamental, de séries temporais, como vimos anteriormente.

Se até aqui, pudemos comparar o pai primitivo com o tipo aristocrático de Nietzsche, ou antes com o homem que rompeu o círculo animal, em Schiller, uma característica do pai primitivo, no entanto, foge às duas comparações: o pai primitivo no curso dos tempos glaciais tornou-se egoísta, ciumento e cruel:

*É possível que a natureza egoísta, ciumenta e cruel, que nós, segundo as considerações da psicologia dos povos, atribuímos ao pai primitivo da horda humana, não esteve presente desde o começo, mas sim se formou no curso dos difíceis tempos glaciais, como resultado da adaptação às necessidades.* (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>216</sup>.

Se essa característica do pai primitivo nos é a mais familiar, já que ela prepondera em *Totem e tabu*, ela é inusitada diante da liberdade, capacidade criativa e independência do pai primitivo. Por exemplo, em Schiller, o estado estético, o impulso lúdico (que comparamos com a disposição do pai primitivo) garante ao homem seu caráter social, é ele que permite a união e a harmonia na sociedade, é no Estado estético que realiza o ideal da igualdade<sup>217</sup>.

A brutalidade e a crueldade do pai primitivo determinarão a continuação da história filogenética, não em suas novas expressões criativas, mas como forças a serem contidas e, antes disso, como forças cujas consequências determinam a psicologia dos filhos, a psicologia, a princípio, dos impotentes, dos fracos, dos que sofrem a ação destas forças.

Essas forças, estes impulsos, nem mesmo a neurose obsessiva pode repetir, pois o desenvolvimento posterior obrigará seu deslocamento para coisas insignificantes. Assim Freud indica a relação da neurose obsessiva com as disposições constituídas na terceira fase filogenética:

*A neurose obsessiva repete agora as características dessa fase da humanidade ... A ênfase exagerada do pensar, a enorme energia que retorna na compulsão, a onipotência do pensamento, a tendência a leis invioláveis são traços inconvertíveis. Mas contra os impulsos [Impulse] brutais, que querem substituir a vida amorosa, insurge-se a resistência dos desenvolvimentos posteriores ... apenas permanece,*

---

<sup>216</sup>. Es ist möglich, dass die egoistisch eifersüchtige und rücksichtlose Natur, die wir nach völkerpsychologischen Erwägungen dem Urvater der Menschenhorde zuschreiben, nicht von Anfang an vorhanden war, sondern sich im Laufe der schweren Eiszeiten als Resultat der Anpassung an die Not herausgebildet hat. (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p.76).

<sup>217</sup> “Livre da venda escura, o olho mais tranquilo apreende a forma, a alma vê a alma e da permuta egoísta de prazer surge a troca generosa de inclinação. O desejo amplia-se e eleva-se em amor ... . A fraqueza torna-se sagrada e a força domada desonra; a injustiça natural é corrigida pela generosidade dos costumes cavalheirescos.” (Schiller, Educação estética do homem, p 133) “Se já a necessidade constrange o homem à sociedade e a razão nele implanta princípios sociais, é somente a beleza que pode dar-lhe um caráter social. Somente o gosto permite a harmonia na sociedade, pois institui harmonia no indivíduo. ... somente a bela comunicação unifica a sociedade, pois refere-se ao que é comum.” (id. p. 134). “No Estado estético, todos – mesmo o que é instrumento servil – são cidadãos livres que têm os mesmos direitos que o mais nobre ... . No reino da aparência estética, portanto, realiza-se o Ideal da igualdade” (id. P. 135).

*resta, os impulsos [Impulse] deslocados para insignificâncias, como compulsão.* (Freud, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>218</sup>.

Podemos até dizer que é a crueldade do pai primitivo que faz com que a horda, diferentemente das primeiras organizações supostas por Nietzsche, não seja ainda uma comunidade, uma sociedade. Para a composição da sociedade, propriamente dita, será necessária a construção de uma psicologia capaz de contrapor-se, de forma eficiente, a esta brutalidade, a esta crueldade características do pai primitivo. Tão importante, para a constituição da cultura e da sociedade, quanto a inteligência e a capacidade de criar formas do pai primitivo, serão os mecanismos capazes de contrapor-se à crueldade.

Mas façamos ainda algumas suposições sobre a transformação, ou melhor, a concomitância da criatividade paterna com seus impulsos brutais e cruéis. Para isso avancemos mais um pouco na comparação, proposta por Freud, entre o pai primitivo e o além do homem de Nietzsche, que passamos a considerar o tipo psicológico aristocrático.

Bem diferente do Estado estético de Schiller, que realiza os ideais de igualdade, é a moral aristocrática em Nietzsche, que nada tem a ver com estes ideais. O pathos da nobreza é o pathos da distância:

*Foram os 'bons' mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse pathos da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores ... O pathos da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, o dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial em sua relação com uma estirpe baixa, com um 'sob' – eis a origem da oposição 'bom' e 'ruim'. (Nietzsche, Genealogia da moral, p. 19).*

---

<sup>218</sup> Die Charaktere dieser Menschheitsphase wiederholt nun die Zwangsneurose ... Die Überbetonung des Denkens, die riesige Energie, die im Zwang wiederkehrt, die Allmacht der Gedanken, die Neigung zu unverbrüchlichen Gesetzen sind unverwandte Züge. Aber gegen die brutalen Impulse, welche das Liebesleben ersetzen wollen, erhebt sich der Widerstand späterer Entwicklungen, der von dem libidinösen Konflikt aus endlich die Lebensenergie des Individuums lähmt und nur die auf Geringfügiges verschobenen Impulse als Zwang bestehen lässt, übrig[lässt]. (Freud, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 76)



Os senhores, diferente do rebanho que tem "vontade de reciprocidade", se irritam com os agrupamentos sociais, eles só se associam com os outros quando tem em vista a satisfação de sua vontade de poder:

*os fortes buscam necessariamente dissociar-se ... quando se unem, isto acontece apenas com vista a uma agressão coletiva, uma satisfação coletiva da vontade de poder, com muita oposição da consciência individual ... o impulso dos "senhores" natos (isto é, da solitária, predatória espécie "homem") é irritado e perturbado pela organização. (Nietzsche, id., p. 125).*

O fato dos nobres não buscarem a associação, não realizarem os ideais de igualdade, no entanto, não os caracterizam como violentos, capazes de sujeitar os outros. Como aponta Giacoia,

*forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia. (Giacoia, Nietzsche psicólogo, p. 85).*

O forte, diferente do fraco, não leva a sério seus inimigos; quando quer se vingar, reage imediatamente e não se envenena com seu ódio. Segundo Nietzsche:

*Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não envenena: por outro lado, nem sequer aparece, em inúmeros casos que é inevitável nos impotentes e fracos. Não conseguir levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus malfeitos inclusive – eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento (...) Um tal homem sacode de si, com um movimento, muitos vermes que em outros se aninham subterraneamente (Nietzsche, op. cit., p. 31).*

Neste sentido, é a própria força plástica do homem que garante que o ódio não o envenene. Mas talvez haja algo na psicologia dos senhores, de Nietzsche, que também tenha inspirado Freud a atribuir a violência e a crueldade ao pai primitivo. De acordo com Nietzsche, os membros de uma comunidade, à medida que o poder da mesma aumenta e estes se sentem também mais poderosos, sentem-se em dívida para com o ancestral.

*Na originária comunidade tribal - falo dos primórdios - a geração que vive reconhece para com a anterior, e em especial, para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica (...). A convicção prevalece de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados - e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma dívida [Schuld], que cresce permanentemente, pelo fato de que os antepassados não cessam, em sua sobrevivência como espíritos poderosos, de conceber à estirpe novas vantagens e adiamentos a partir de sua força. (Nietzsche, id., p. 77)*

Assim, "quanto mais poderosa e próspera a comunidade de estirpe, tanto mais ingente se torna o dever de obediência aos antepassados" (Giacioia, 2001, p. 118). Na horda primitiva de Freud o pai também é recompensado por proteger muitos desamparados<sup>219</sup>. Suas vidas passaram a ser protegidas e a prosperidade assegurada pela inteligência do pai primitivo. Mas, diferente de Nietzsche, em Freud os membros da horda não se fortaleceram com a proteção do pai, ao contrário tiveram de se defender dele. Se o pai foi recompensado não foi porque os membros da comunidade reconheceram-se em dívida, mas sim pela constituição de uma disposição à submissão e essa sim emergiu a partir da brutalidade paterna. Mas talvez tenha sido no próprio Nietzsche que Freud tenha se inspirado para supor a crueldade paterna, pois este grande credor que é o pai primitivo (como foram os fundadores das estirpes) pode também ter usufruído de um outro *direito senhorial*: o direito à crueldade, o direito de fazer o impotente sofrer, supostos por Nietzsche:

*O credor podia infligir ao corpo do devedor toda sorte de humilhações e torturas. ... A equivalência está em substituir uma vantagem diretamente relacionada ao dano (uma compensação em dinheiro, terra, bens de algum tipo) por uma espécie de satisfação íntima, concedida ao credor como reparação e recompensa – a satisfação de quem pode livremente descarregar seu poder sobre o impotente, a volúpia de 'fazer o mal pelo prazer de fazê-lo', o prazer de ultrajar ... Através da 'punição' ao devedor, **o credor participa de um direito dos senhores**; experimenta enfim ele mesmo a sensação exaltada de poder desprezar e maltratar alguém como 'inferior' ... A compensação consiste, portanto, em um convite e um direito à crueldade. (Nietzsche, idem, p.54) (grifo nosso).*

*Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda – eis uma frase dura mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano, que talvez até os símios subscrevessem. (idem. p.56)*

---

<sup>219</sup> Em recompensa por sua força, de produzir a segurança de vida a muitos outros desamparados, ele se atribuiu um domínio ilimitado sobre eles (Freud, Übersicht ..., p. 75/6).

Para Freud esse direito parece prevalecer, parece que a profusão de forças alcançada pelo pai primitivo conduz inevitavelmente à intensificação da crueldade, motivo pelo qual para surgir da horda primitiva uma comunidade, ainda será necessário desenvolver outras disposições. Apesar da liberdade, da nobreza, da inteligência, da plasticidade e da arte, do pai primitivo, seu direito à crueldade e seu prazer em ser cruel acaba impedindo que os filhos se fortaleçam com prosperidade da associação (da horda), impedindo que eles se sintam de fato em dívida para com o pai. Se o pai é um credor (e talvez os filhos em parte o reconheçam como tal), é um credor odiado, cuja importância está menos na dívida que institui do que no ódio que desperta. Se o pai primitivo não tinha ódio dos impotentes (apesar de não se privar de satisfazer seus impulsos que buscavam o prazer em vê-los sofrer), os filhos, sim, diante dele, intensificarão seu ódio, seu ressentimento, e este será tão fundamental quanto a plasticidade dos impulsos, para a constituição da sociedade, na concepção freudiana.

Como vimos, diferente dos primeiros conquistadores que, por surgirem de maneira demasiadamente outra, não eram sequer odiados, o pai primitivo será odiado pelos filhos (pelos membros da horda). Os filhos não só odeiam o pai, como diferente do pai que descarrega pra fora seu ódio, não descarregam seu ódio e por isso se envenenam com ele. O pai primitivo será, na verdade, o impulsionador do surgimento da psicologia dos filhos que muito se assemelha ao tipo psicológico ressentido, fraco, de Nietzsche. É uma psicologia que parte de uma posição passivo-masoquista. Vejamos então a constituição da psicologia dos filhos (ou melhor, dos membros que fazem parte da horda).



## Capítulo V

### Horda primitiva: castração, hipocondria, posição passiva-masquista

*recebe ordens aquele que não sabe obedecer a si próprio* (Nietzsche, Assim falou Zarathustra) <sup>220</sup>.

Chegamos aqui, segundo Freud, a uma nova fase da cultura humana. Findo os tempos glaciais, inicia-se a história da segunda geração, nos tempos da horda primitiva. As disposições adquiridas pela segunda geração, pelos filhos da horda primitiva, constituem o acervo necessário para o surgimento da vida social. Se o que vimos até aqui nos possibilitou compreender o desenvolvimento do sujeito humano, do eu, forjado a partir das transformações do impulso sexual, capaz de sublimar, representar e ter algum domínio sobre o mundo, agora veremos surgir outra dimensão desse mesmo eu que lhe possibilita a vida em sociedade. Essas aquisições correspondem às disposições para as neuroses narcisistas: demência precoce, paranoia e melancolia/mania.

O material clínico destas disposições, sobre o qual teremos de nos apoiar a partir de agora (das neuroses narcisistas), é bem menor e menos elaborado, por Freud, do que o material sobre o qual até agora nos apoiamos (das neuroses de transferência). No que diz respeito à demência precoce, neurose narcisista (psicose) cuja disposição foi adquirida na quarta fase filogenética, nem mesmo sua nomenclatura é precisa, nos textos de Freud. Na maior parte deles, Freud a identifica com a esquizofrenia (incluindo aí a hebefrenia, catatonia e amênia) e a chama de parafrenia, e é o termo que também predominantemente usaremos. Por outro lado, no que diz respeito à disposição para a demência precoce e seu desenvolvimento ontogenético, nossa dificuldade ainda é maior, pois Freud não diferencia claramente esta disposição das disposições adquiridas na primeira parte da história filogenética, pelo menos de como nós as analisamos. O autoerotismo, aparentemente adquirido na quarta fase filogenética, não é explicitamente diferenciado da sexualidade perversa autoerótica, e o narcisismo secundário, que talvez melhor defina a disposição para a demência precoce, também não é explicitamente

---

<sup>220</sup> Nietzsche, 1884, Assim falou Zarathustra. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 106

diferenciado daquele constituído na terceira fase filogenética, quer dizer, do narcisismo do pai primitivo que consiste na onipotência do próprio eu.

Nosso objetivo preliminar, na análise desta fase, então será diferenciar as neuroses narcisistas das de transferência, resgatando a novidade do conceito de narcisismo em relação ao de sexualidade perversa e ao de narcisismo do pai primitivo. Para isso, acompanharemos as considerações de Freud sobre as neuroses narcisistas em geral e principalmente sobre a parafrenia. Nesta diferenciação, tentaremos circunscrever a disposição para a parafrenia. A análise da parafrenia, por sua vez, nos possibilita interpretar, de forma bem diferente de como comumente é interpretado, o complexo de castração, isto é, relacionando-o com a sexulaização de uma posição de submissão. Com estes elementos então analisaremos a quarta fase filogenética, quando o pai primitivo castra seus filhos que permanecem na horda, determinando uma nova psicologia na segunda geração.

Começemos, então, com uma primeira diferenciação entre as neuroses narcisistas e as neuroses de transferência. Segundo Freud, a compreensão das neuroses narcisistas amplia o horizonte, possibilitando, por contraste, uma maior compreensão das próprias neuroses de transferência. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud afirma que enquanto as neuroses de transferência possibilitaram o conhecimento dos impulsos, as neuroses narcisistas permitiram compreender melhor o eu:

*Como as neuroses de transferência nos possibilitaram o rastreamento dos movimentos dos impulsos libidinais, assim, a demência precoce e a paranoia nos permitirão a introspecção na psicologia do eu. De novo nós teremos de descobrir o aparentemente simples do normal a partir das distorções e dos exageros do patológico.* (Freud, 1914, A introdução ao narcisismo)<sup>221</sup>.

Como vimos, a partir da análise da primeira parte da história filogenética, a compreensão das neuroses de transferência permitiram a Freud rastrear os movimentos

---

<sup>221</sup> Wie die Übertragungsneurosen uns die Verfolgung der libidinösen Triebregungen ermöglicht haben, so werden uns die Dementia praecox und Paranoia die Einsicht in die Ichpsychologie gestatten. Wiederum werden wir das anscheinend Einfache des Normalen aus den Verzerrungen und Vergrößerungen des Pathologischen erraten müssen. (Freud, 1914, Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe, Band III, p. 49) (Companhia das letras, vol 12, 2010, p. 25).

dos impulsos sexuais: a histeria de angústia possibilitou conceber um impulso no eu, que foi identificado como o impulso sexual, desprovido de função biológica; o estudo da histeria de conversão mostrou as características que o impulso sexual ganhou no ser humano, constituindo a sexualidade perversa; e a neurose obsessiva mostrou como o impulso pode ser inibido, sublimado e, com isso, potencializado. Mas, na verdade, as neuroses de transferência levaram também ao conhecimento do eu, do eu enquanto sujeito, de uma organização psíquica constituída a partir das modificações do impulso sexual, de um eu prazer que de certa forma domina o impulso e se torna parcialmente independente da realidade e que, depois, se transforma em um eu realidade, regido pelo processo secundário, pelo pensamento, processo controlado que o torna independente do prazer/desprazer imediatos. Trata-se de um eu que se constitui por meio da transformação dos impulsos sexuais biológicos em impulsos plásticos e flexíveis, e que depois se expande, por meio da contraposição, da inibição e da sublimação desses impulsos.

O que então as neuroses narcisistas acrescentam a psicologia do eu? Certamente, a compreensão das neuroses narcisistas levou Freud a abordar uma vertente do eu distinta dessa abordada nas neuroses de transferência constituída a partir dos impulsos sexuais. A apresentação do narcisismo nos leva a pensar que se trata não do eu tomado como um sujeito, mas do eu tomado como um objeto. Narcisismo designa *"o comportamento no qual o indivíduo trata o próprio corpo de modo semelhante como trata o **objeto sexual**"* (Freud, id)<sup>222</sup>. Narcisismo, como é descrito no caso Schreber, *"consiste em que o indivíduo que está em desenvolvimento ... primeiramente, toma si mesmo, seu próprio corpo como **objeto de amor**"* (Freud, 1911-2)<sup>223</sup>. Narcisismo, portanto, consiste em tomar a si mesmo como objeto. As neuroses narcisistas, portanto, podem nos mostrar como o eu se constituiu como um objeto, um objeto do outro e de si mesmo.

---

<sup>222</sup> (jenes Verhaltens ...) bei welchem ein Individuum den eigenen Leib in ähnlicher Weise behandelt wie sonst den eines Sexualobjekts (Freud, Stud., id., p. 41) (Cia letras, p.14)

<sup>223</sup> Es besteht darin, dass das in der Entwicklung begriffene Individuum ... seinen eigenen Körper zum Liebeobjekt nimmt (Freud, 1911-2, Studienausgabe, Band VII, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia, p. 184) (Cia letras, p. 81)

Devemos notar, no entanto, que já na sexualidade perversa, autoerótica, que surgiu na segunda fase filogenética, o corpo foi tomado como objeto sexual, assim, o próprio dedo substituiu o seio e se pôde alucinar o seio sugando o próprio dedo. Neste caso, no entanto, o dedo é um objeto sexual porque por meio dele é possível fantasiar o seio, o seio real é abandonado e substituído por sua representação, ele é abandonado na realidade, mas não na fantasia, não na recordação. Já no narcisismo em que o eu, o corpo, é tomado como objeto, cuja formação pode ser suposta a partir do estudo das neuroses narcisistas, esse eu, esse corpo, não substitui nenhum objeto externo, não coincide com a representação de objetos externos. Não se trata de um corpo envolvido em fantasia (constituído a partir dos impulsos atrelados a representações de objetos de satisfação). Podemos compreender a diferença entre a sexualidade perversa, autoerótica, e a atitude narcisista de tomar o corpo como objeto, pela diferenciação feita por Freud entre a relação com os objetos externos (de satisfação) nas neuroses de transferência e nas neuroses narcisistas. Enquanto nas neuroses de transferência (portanto, na sexualidade perversa) os objetos de amor são abandonados em prol dos objetos fantasiados, em prol de suas representações; nas neuroses narcisistas (portanto na atitude narcisista de tomar o corpo, o eu, como objeto) a libido retirada dos objetos não se volta para os objetos da fantasia (para suas representações), mas para o próprio corpo, um corpo que, no caso, não está associado a qualquer representação de objeto externo de satisfação.

*O afastamento do parafrênico [dementia praecox, Kraepelin, e esquizofrenia, Bleuer] face ao mundo externo pede uma caracterização mais precisa. Também o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda as mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as suas metas nesses objetos. ... É diferente com o parafrênico. Este parece efetivamente retirar a sua libido das pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-la por outras na fantasia. (Freud, id.)<sup>224</sup>*

---

<sup>224</sup> Die Abwendung des Paraphrenikers von der Aussenwelt bedarf aber einer genaueren Kennzeichnung. Auch der Hysteriker und Zwangsneurotiker hat, soweit seine Krankheit reicht, die Beziehung zur Realität aufgegeben. Die Analyse zeigt aber, dass er die erotische Beziehung zu Personen und Dingen keineswegs aufgehoben hat. Er hält sie noch in der Phantasie fest, das heisst, er hat einerseits die realen Objekte durch imaginäre seiner Erinnerung ersetzt oder sie mit ihnen vermengt, andererseits darauf verzichtet, die motorischen Aktionen zur Erreichung seiner Ziele an diesen Objekten einzuleiten. ... Anders der Paraphreniker. Dieser



O corpo, objeto narcísico que surge na segunda parte da história filogenética, não substitui um objeto sexual como o faz na sexualidade perversa (segunda fase da primeira parte da história filogenética); sua sexualização deve-se também a um excesso de excitação, mas não de uma excitação provinda do impulso que usa o objeto de satisfação (real ou fantasiado) para eliminá-la. Os modelos da constituição do narcisismo, em *Introdução ao narcisismo*, serão a dor da doença orgânica (por exemplo, a dor de dente) e a hipocondria, que é a dor sexualizada. A hipocondria é considerada o fator econômico das neuroses narcisistas, assim como a angústia de anseio (Sehnsuchtangst), que analisamos na primeira parte da história filogenética, foi considerada o fator econômico que determinou as três neuroses de transferência. Como na primeira fase da primeira parte, a segunda parte da história filogenética (a quarta fase) se inicia com a constituição do fator econômico: a dor hipocondríaca. Assim, enquanto na sexualidade perversa, Freud supôs um autoerotismo acompanhado de representações do objeto desiderativo que satisfaziam os impulsos sexuais parciais e polimorfos (perversos), agora Freud vai supor um autoerotismo independente da recordação, que tem como excitação algo similar à dor.

Na segunda parte da história filogenética aparecem os principais elementos analisados no segundo e terceiro capítulos de *Introdução ao narcisismo*: a dor e a hipocondria como modelo do narcisismo, a supervalorização do objeto sexual, o tipo de escolha narcisista e o ideal do eu. A hipocondria está relacionada, como veremos, a uma disposição passiva-masoquista, que remete à supervalorização do objeto sexual, tema também analisado no segundo capítulo de *Introdução ao narcisismo*. Tanto a disposição para a sexualização da dor/hipocondria como a disposição passiva-masoquista foram adquiridas na quarta fase filogenética. O tipo de escolha amorosa narcisista, escolha de alguém semelhante, também analisado no segundo capítulo de *Introdução ao narcisismo*, foi a disposição adquirida na quinta fase filogenética (que analisaremos no sexto capítulo). E, por último, a constituição de parte do eu (e não só o corpo) como objeto de amor de si mesmo, a constituição de um ideal do eu, baseado nos ideais coletivos, que é o

---

scheint seine Libido von den Personen und Dingen der Aussenwelt wirklich zurückgezogen zu haben, ohne diese durch andere in seiner Phantasie zu ersetzen. (Freud, id., Stud., p. 42) (Cia letras, p.15).

tema do terceiro capítulo de *Introdução ao narcisismo*, foi uma das disposições adquiridas na sexta fase filogenética (que será analisada no sétimo capítulo).

Acompanhemos então a apresentação de Freud sobre a parafrenia (como Freud chama a demência precoce e a esquizofrenia<sup>225</sup>), no primeiro e segundo capítulo de *Introdução ao narcisismo e no caso Schreber*<sup>226</sup>.

Se, na neurose de transferência, a libido, desvinculada dos objetos reais, se mantém nos objetos na fantasia (nas recordações dos objetos desiderativos), na parafrenia, a libido, desvinculada da realidade, se dirige para o próprio eu, determinando o delírio de grandeza.

*Tentarei agora penetrar alguns pequenos passos a mais no mecanismo da parafrenia ... A diferença entre tais afecções e as neuroses de transferência eu atribuo à circunstância de que a libido liberada pelo fracasso não fica em objetos na fantasia, mas retorna ao eu; o delírio de grandeza corresponde, então, ao domínio psíquico sobre este montante de libido, ou seja, à introversão para as formações de fantasia, nas neuroses de transferência. (Freud, 1914, Introdução ao narcisismo) <sup>227</sup>.*

O que significa o delírio de grandeza, a megalomania? A princípio ele é identificado com a onipotência do pensamento, a crença no poder das próprias ações, das próprias palavras e dos próprios pensamentos que, como vimos, fazem parte da

---

<sup>225</sup> "Considero o mais adequado se déssemos à Dementia praecox o nome de parafrenia" (Freud, Caso Schreber) Ich hielte es für das zweckmässigste, wenn man die Dementia praecox mit dem Namen *Paraphrenie* belegen wollte (Freud, Stud., Band VII, p. 196) (Cia letras, p. 100).

"Um motivo premente para ocupar-se com a representação de um narcisismo primário e normal mostrou-se como a tentativa feita de tomar a compreensão da *demência precoce* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob o pressuposto da teoria da libido. Esses doentes, que eu sugeri designar como **parafrênicos**, mostram duas características fundamentais: o delírio de grandeza e o abandono do interesse pelo mundo" (Freud, Introdução ao narcisismo) Ein dringendes Motiv, sich mit der Vorstellung eines primären und normalen Narzissmus zu beschäftigen, ergab sich, als der Versuch unternommen wurde, das Verständnis der Dementia praecox (Kraepelin) oder Schizophrenie (Bleuler) unter die Voraussetzung der Libidotheorie zu bringen. Zwei fundamentale Charakterzüge zeigen solche Kranke, die ich vorgeschlagen habe, als Paraphreniker zu bezeichnen: den Grössenwahn und die Abwendung ihres Interesses von der Aussenwelt (Personen und Dingen) (Freud, Stud., Band III., p. 41/2) (Cia letras, p. 15)

<sup>226</sup> Freud considera o quadro clínico de Schreber de **demência** paranoide, "levando em conta, pela evidência da fantasia desejo e pela alucinação, o caráter **parafrênico** e, pelo motivo, pelo mecanismo de projeção e pelo desenlace, o caráter paranoide." (Freud, Caso Schreber) "durch das Hervortreten der Wunschphantasie und der Halluzinationen dem paraphrenen, durch den Anlass, den Projektionsmechanismus und den Ausgang dem paranoiden Charakter Rechnung trägt" (Freud, Stud., Band VII, p 199) (Cia letras, p. 102)

<sup>227</sup> Ich versuche an dieser Stelle, einige kleine Schritte weit in den Mechanismus der Paraphrenie einzudringen ... Den Unterschied dieser Affektionen von den Übertragungsneurosen verlege ich in den Umstand, dass die durch Versagung frei gewordene Libido nicht bei Objekten in der Phantasie bleibt, sondern sich aufs Ich zurückzieht; der Grössenwahn entspricht dann der psychischen Bewältigung dieser Libidomenge, also der Introversion auf die Phantasiebildungen bei den Übertragungsneurosen (Freud, 1914, , Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe, Band III, p. 53) (Cia letras, p. 30).

psicologia do pai primitivo. Assim o delírio de grandeza dos povos primitivos é descrito em *Introdução ao narcisismo*:

*Encontramos nestes últimos [nos povos primitivos] traços que, isoladamente, podem ser atribuídos ao delírio de grandeza: uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a "onipotência dos pensamentos", uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a 'magia', que aparece como aplicação coerente desses pressupostos com vícios de grandeza. (Freud, idem)<sup>228</sup>*

O delírio de grandeza infantil, expressão do narcisismo primário, coincide com esta atitude dos povos primitivos: "*Nós esperamos uma atitude inteiramente análoga frente ao mundo externo nas crianças de nossa época*" (Freud, ibidem)<sup>229</sup>.

Mas, se fosse assim, o delírio de grandeza do parafrênico corresponderia a uma manifestação do narcisismo do pai primitivo e pouco poderíamos diferenciar a neurose narcisista da neurose de transferência. O delírio de grandeza na parafrenia, no entanto, é um pouco diferente, ele é secundário e coincide com um retorno da libido, retirada do mundo, para o eu:

*Surge a pergunta: qual o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia? o delírio de grandeza destes estados aponta aqui o caminho. Ele se originou provavelmente à custa da libido objetual. A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao eu, de modo que surgiu um comportamento que podemos chamar de narcisismo. O delírio de grandeza mesmo, porém, não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e a elucidação de um estado que já havia existido antes. Com isso somos conduzidos ao narcisismo que surge da inclusão dos investimentos objetuais, compreendido como secundário, o qual se constrói sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias. (Freud, id.)<sup>230</sup>.*

---

<sup>228</sup> Wir finden bei diesen letzteren [primitive Völker] Züge, welche, wenn sie vereinzelt wären, dem Grössenwahn zugerechnet werden könnten, eine Überschätzung der Macht ihrer Wünsche und psychischen Akte, die "Allmacht der Gedanken", einen Glauben an die Zauberkraft der Worte, eine Technik gegen die Aussenwelt, die "Magie", welche als konsequente Anwendung dieser grössensüchtigen Voraussetzungen erscheint. (Freud, id., Stud., p. 43) (Cia letras, p. 16/17)

<sup>229</sup> Wir erwarten eine ganz analoge Einstellung zur Aussenwelt beim Kinde unserer Zeit (Freud, ibidem)

<sup>230</sup> Es entsteht die Frage: Welches ist das Schicksal der den Objekten entzogenen Libido bei der Schizophrenie? Der Grössenwahn dieser Zustände weist hier den Weg. Er ist wohl auf Kosten der Objektlibido entstanden. Die der Aussenwelt entzogene Libido ist dem Ich zugeführt worden, so dass ein Verhalten entstand, welches wir Narzissmus heissen können. Der Grössenwahn selbst ist aber keine Neuschöpfung, sondern, wie wir wissen, die Vergrösserung und Verdeutlichung eines Zustandes, der schon vorher bestanden hatte. Somit werden wir dazu geführt, den Narzissmus, der durch Einbeziehung der Objektbesetzungen entsteht, als einen sekundären aufzufassen, welcher sich über einen primären, durch mannigfache Einflüsse verdunkelten aufbaut. (Freud, id., Stud., p. 42/3) (Cia letras, p. 16).

O narcisismo secundário é constituído pela libido retirada dos objetos, que é então incluída no eu. Diferente do narcisismo primário, das crianças e dos primitivos (e do pai primitivo), que é expressão dos impulsos e a partir do qual se constituem as relações com o mundo<sup>231</sup>, o narcisismo secundário é derivado de relações do eu com o mundo, relações que tiveram de ser abandonadas. Mas, poderíamos nos perguntar, também o narcisismo primário, infantil, que coincide com o narcisismo do pai primitivo, não é constituído pela retirada da libido dos objetos? Não foi esse o caminho de constituição da sexualidade perversa que substituiu os objetos externos pelos internos, tornando-se de certa forma independente do mundo externo e potencializando os impulsos? Não foi o abandono dos objetos do mundo, similar ao que ocorre nas neuroses de transferência, que, na filogênese, possibilitou a constituição do eu prazer? Será que Freud recuou na sua concepção de sexualidade perversa quando introduziu o narcisismo primário, que não corresponde ao abandono do objeto real preservado na fantasia? Acreditamos que não. Entendemos que o narcisismo primário a que Freud se refere corresponde inteiramente ao narcisismo do pai primitivo, um narcisismo constituído a partir, sim, do abandono do objeto real em prol de sua representação, em prol da fantasia. Trata-se, no entanto, de uma relação com o objeto mediada pelo impulso. No narcisismo primário, a importância do objeto deve-se a sua capacidade de satisfazer o impulso. Se a representação satisfaz o impulso é indiferente que ela seja real (percebida) ou recordada. A relação com o objeto no narcisismo secundário, no entanto, é diferente e, parece-nos, que é essa diferença que Freud quer enfatizar. Enquanto no narcisismo primário a relação com o objeto é indireta, mediada pelo impulso (o objeto só tem sua importância porque satisfaz o impulso), no narcisismo secundário a relação com o objeto parece ser direta. No narcisismo secundário, se abandona não o objeto que satisfaz o impulso, mas um outro tipo de objeto, um objeto com o qual se tem outra relação que não a satisfação do impulso. Que relação com o objeto externo, então, é essa, presente na parafrenia e, portanto, no

---

<sup>231</sup> "Nós formamos então a representação de um investimento de libido original do eu, do qual mais tarde é cedido ao objeto, que, porém, no fundo permanece e se comporta com os investimentos de objeto como o corpo de um pequeno animal protoplasma com os pseudópodes enviado por ele." (Freud, id.) Wir bilden so die Vorstellung einer ursprünglichen Libidobesetzung des Ich, von der später an die Objekte abgegeben wird, die aber, im Grunde genommen, verbleibt und sich zu den Objektbesetzungen verhält wie der Körper eines Protoplastatierchens zu den von ihm ausgeschickten Pseudopodien (Freud, id., Stud., p. 43) (Cia letras, p. 17).

narcisismo secundário? A análise do delírio de grandeza de Schreber talvez nos aponte uma resposta. O delírio megalômano, no caso de Schreber, corresponde não à crença nos próprios poderes (onipotência dos pensamentos), mas à crença de que se é escolhido, Schreber se considera o salvador, um indivíduo privilegiado: *"Ele se considerava convocado para salvar o mundo e trazer de volta a ele a felicidade perdida"*. (Freud, 1911-2, Caso Schreber)<sup>232</sup>. O delírio de grandeza religioso decorre de um delírio persecutório anterior, é uma conciliação com o mundo perseguidor: *"Um delírio de perseguição sexual foi posteriormente transformado, para o paciente, em delírio de grandeza religiosa"* (Freud, 1911-2, id.)<sup>233</sup>

Freud resume os manuais de psiquiatria que descrevem essa mesma transformação do delírio de perseguição em delírio de grandeza (Freud se opõe à explicação simplificada dos manuais e não à descrição do processo):

*Nos manuais de psiquiatria é frequente o discurso de um desenvolvimento do delírio de grandeza a partir do delírio de perseguição, que sucederia da maneira seguinte. O doente, que foi primariamente acometido pela ilusão de ser objeto de perseguição pelo lado dos mais fortes poderes, sente a necessidade de explicar para si mesmo tal perseguição, e assim chega à hipótese de ele próprio ser uma personalidade grandiosa, digna de uma tal perseguição.* (Freud, id.)<sup>234</sup>.

Apesar da semelhança com a onipotência dos pensamentos, no delírio de grandeza não são as ações do eu que são supervalorizadas, o que é supervalorizado é a posição do eu de objeto, de alguém escolhido; não é o papel ativo do eu, mas passivo; o eu não como sujeito, mas como objeto. Poderíamos dizer que não são as imagens de movimento do eu que são supervalorizadas, como o foram pelo pai primitivo, que com elas pode representar o mundo e dominá-lo, e como o são no narcisismo primário, mas

---

<sup>232</sup> Er halte sich für berufen, die Welt zu erlösen und ihr die verlorengangene Seligkeit wiederzubringen. (Freud, 1911-1, Studienausgabe, Band VII, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides), p. 145) (Cia letras, vol 10, p.22).

<sup>233</sup> ein sexueller Verfolgungswahn hat sich dem Patienten nachträglich zum religiösen Grössenwahn umgebildet. (Freud, id., Stud., p. 147) (Cia das letras, p. 25)

<sup>234</sup> In den Lehrbüchern der Psychiatrie ist häufig die Rede von einer Entwicklung des Grössenwahns aus dem Verfolgungswahn, die auf folgende Art vor sich gehen soll: Der Kranke, der primär vom Wahne befallen worden ist, Gegenstand der Verfolgung von seiten der stärksten Mächte zu sein, fühlt das Bedürfnis, sich diese Verfolgung zu erklären, und gerät so auf die Annahme, er sei selbst eine grossartige Persönlichkeit, einer solchen Verfolgung würdig. (Freud, id., Stud., p.174) (Cia letras, p. 65)

talvez imagens sensoriais, que remetem a uma posição mais passiva, à posição de ter sido escolhido. Por outro lado, devemos notar que a transformação da perseguição em privilégio mostra a natureza do objeto que se mantinha a libido e que teve de ser abandonada: trata-se de um objeto que persegue e que por isso teve de ser abandonado. Ao se acreditar escolhido, mantém-se a relação com o objeto. A perseguição é negada mas a relação é reconstruída a partir do próprio eu, que é considerado o escolhido. Por exemplo, o delírio do "fim do mundo" de Schreber consiste numa retirada do amor do mundo, fruto de uma catástrofe interior, e numa tentativa de reconstrução do mundo, de um mundo "*em que ele possa novamente viver*" e que é "*reconstruído por meio do trabalho do seu delírio*"<sup>235</sup>. Trata-se da convicção de que "*o mundo acabou e restou apenas o si mesmo*"<sup>236</sup>. Mas, na verdade, o eu não representa só o que restou do mundo, ele participa do fim do mundo atraindo a libido para si. Por exemplo, no delírio dos "raios divinos solares" há a crença de que "*o mundo vai acabar porque o eu do doente atrai para si todos os raios.*"<sup>237</sup>. Parecem ser as sensações do eu que atraem os raios divinos, que atraem a libido para si, tal atração coincide com a ideia do privilégio, a ideia de ser escolhido. Mas que imagens sensoriais seriam estas capazes de atrair a libido? Voltemos à análise do delírio de grandeza para tentar responder esta questão.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud afirma que o delírio de grandeza é um tipo de elaboração psíquica - como o é, por exemplo, o pensamento - de uma excitação que não é capaz de descarga imediata:

*Em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo um meio pelo qual é transferido o domínio das excitações que de outro modo seriam sentidas como penosas ou efetivamente patogênicas. A elaboração psíquica realiza o extraordinário para o desvio interno das excitações que não são capazes de uma descarga externa imediata ou para aquelas que uma tal descarga não seria desejável momentaneamente ... Uma semelhante elaboração interna da libido que retornou ao eu permite, na parafrenia, o delírio de grandeza; talvez somente depois*

---

<sup>235</sup> dass er wieder in ihr leben kann. Er baut sie auf durch die Arbeit seines Wahne (Freud, id., Stud., p. 193) (Cia letras, p. 94).

<sup>236</sup> die Welt sei untergegangen und das Selbst allein übriggeblieben (Freud, id., Stud., p. 195) (Cia letras, p. 97).

<sup>237</sup> Dass die Welt untergehen muss, weil das Ich des Kranken alle Strahlen an sich zieht (Freud, id., Stud., p. 200) (Cia letras, p. 103).

*de seu fracasso o represamento de libido no eu se torne patológico.* (Freud, 1914, Introdução ao Narcisismo)<sup>238</sup>

O fracasso do delírio de grandeza provoca a hipocondria, assim como o fracasso dos mecanismos das neuroses de transferência provoca angústia: *do fracasso desta realização psíquica nasce a hipocondria da parafrenia, que é homóloga à angústia das neuroses de transferência.* (Freud, id.)<sup>239</sup>.

A hipocondria está para as neuroses narcisistas, assim como a angústia está para as neuroses de transferência. Freud compara a hipocondria às neuroses “atuais” (à neurose de angústia e à neurastenia): *"Eu já anteriormente uma vez enunciei a tendência de apresentar a hipocondria como a terceira neurose atual, junto da neurastenia e da neurose de angústia"*. (Freud, id.)<sup>240</sup>. As neuroses atuais, nos primeiros escritos de Freud, se contrapunham às neuroses de transferência, devido ao seu caráter somático. Os sintomas dessas neuroses eram fruto exclusivo do acúmulo de excitação sexual e não da repressão (já abordamos a neurose de angústia na análise da primeira fase filogenética). Em *Introdução ao narcisismo*, Freud afirma que o problema da hipocondria, assim como o das neuroses atuais, remete a questões fisiológicas (portanto somáticas e não psíquicas):

*Nós notamos, se prosseguimos nesse curso de pensamento, que topamos não só com o problema da hipocondria, mas também com o das outras neuroses “atuais”, a neurastenia e a neurose de angústia. Por isso, vamos parar nesse ponto; não está no propósito de uma investigação puramente psicológica ultrapassar os limites no campo da pesquisa fisiológica.* (Freud, id)<sup>241</sup>.

---

<sup>238</sup> Wir haben in unserem seelischen Apparat vor allem ein Mittel erkannt, welchem die Bewältigung von Erregungen übertragen ist, die sonst peinlich empfunden oder pathogen wirksam würden. Die psychische Bearbeitung leistet Ausserordentliches für die innere Ableitung von Erregungen, die einer unmittelbaren äusseren Abfuhr nicht fähig sind oder für die eine solche nicht augenblicklich wünschenswert wäre. ... Eine ähnliche innere Verarbeitung der ins Ich zurückgekehrten Libido gestattet bei den Paraphrenien der Grössenwahn; vielleicht wird erst nach seinem Versagen die Libidostauung im Ich pathogen (Freud, 1914, Zur Einführung des Narzissmus, Studianausgabe, Band III, , p. 52/3) (Cia letras, p. 30).

<sup>239</sup> dem Versagen dieser psychischen Leistung entspringt die Hypochondrie der Paraphrenie, welche der Angst der Übertragungsneurosen homolog ist. (Freud, id., Stud., p. 53) (Cia letras, p. 30)

<sup>240</sup> Ich habe schon früher einmal die Neigung ausgesprochen, die Hypochondrie als dritte Aktualneurose neben die Neurasthenie und die Angstneurose hinzustellen. (Freud, id. Stud., p. 50) (Cia letras, p. 27)

<sup>241</sup> Wir merken, wenn wir diesen Gedankengang fortsetzen, stossen wir auf das Problem nicht nur der Hypochondrie, sondern auch der anderen Aktualneurosen, der Neurasthenie und der Angstneurose. Wir wollen darum an dieser Stelle haltmachen; es

Na verdade, com as reflexões filogenéticas, e não fisiológicas, pudemos conhecer as referências da angústia. O mesmo, portanto, pretendemos fazer com a hipocondria. Agora, no entanto, interessa-nos apenas assinalar que a hipocondria é, como a angústia, uma quantidade, uma excitação, tão próxima do fisiológico como do psíquico. A continuação da citação nos oferece outro dado precioso:

*Seria apenas mencionado que a partir daqui é possível supor que a hipocondria está em uma relação com a parafrenia semelhante à relação das outras neuroses “atuais” com a histeria e a neurose obsessiva, que depende da libido do eu, como as outras da libido do objeto: a angústia hipocondríaca seria a contrapartida da libido do eu, para a angústia neurótica. (Freud, id.)<sup>242</sup>.*

Freud então agrupa, por um lado: libido do objeto, angústia, neurose de transferência; por outro lado: libido do eu, hipocondria, neurose narcisista. Este agrupamento nos leva a suspeitar que a libido retirada dos objetos, constitutiva do narcisismo secundário, do delírio de grandeza na parafrenia, tem outra natureza que a de ser a libido objetal, que busca objetos (reais ou recordados) para se satisfazer, libido que até aqui estudamos. É necessário procurar outra referência, que não o impulso sexual que perdeu sua função biológica, para a libido do eu, base da hipocondria.

A comparação da hipocondria com a angústia, por sua vez, nos leva a supor que ela não só surge quando falha a elaboração psíquica (o delírio de grandeza), mas que ela é manifestação da própria excitação que não foi descarregada e que teve de ser elaborada. Também, como a angústia (enquanto transformação da excitação sexual não satisfeita), a hipocondria corresponde a sensações dolorosas, mas, diferente da angústia, a hipocondria se aproxima da doença orgânica na medida em que é uma sensação corporal dolorosa, concentrada em algum órgão:

---

liegt nicht in der Absicht einer rein psychologischen Untersuchung, die Grenze so weit ins Gebiet der physiologischen Forschung zu überschreiten. (Freud, id., Stud., p.51) (Cia letras, p. 28).

<sup>242</sup> Es sei nur erwähnt, dass sich von hier aus vermuten lässt, die Hypochondrie stehe in einem ähnlichen Verhältnis zur Paraphrenie wie die anderen Aktualneurosen zur Hysterie und Zwangsneurose, hänge also von der Ichlibido ab, wie die anderen von der Objektlibido; die hypochondrische Angst sei das Gegenstück von der Ichlibido her zur neurotischen Angst. (Freud, id., Stud., p.51) (Cia letras, p. 28)



*A hipocondria se manifesta, como a doença orgânica, em sensações corporais penosas e dolorosas ... O hipocondríaco retira interesse e libido – esta de maneira bem nítida – dos objetos do mundo e concentra ambos no órgão que o ocupa. (Freud, id.)*<sup>243</sup>.

Na doença orgânica, todo o interesse e toda a libido são retirados das coisas do mundo e concentrados no órgão dolorido:

*quem sofre de dor orgânica e de sensações anormais abandona o interesse nas coisas do mundo externo, enquanto não se referem ao seu sofrimento. ... ele também retira seu interesse libidinal de seus objetos de amor, cessa de amar enquanto ele sofre. ... O doente recolhe seus investimentos libidinas para seu eu, reenviando-os depois da cura. "Unicamente na cavidade estreita", diz W Busch do poeta doente de dor de dente, "do seu dente molar encontra-se a alma" (Freud, id.)*<sup>244</sup>.

Na hipocondria, assim como na doença orgânica, teríamos uma alteração do órgão, uma alteração física, que consumiria todo o investimento psíquico. Diferente da doença orgânica esta alteração do órgão não é demonstrável, mas *"A hipocondria há de estar certa, nela, as alterações de órgão também não podem faltar. Em que elas consistem então?"* (Freud, id.)<sup>245</sup>

As alterações do órgão remetem às excitações do órgão genital:

*Ora, o modelo conhecido por nós de um órgão dolorosamente sensível, de algum modo alterado e, todavia, não doente no sentido habitual, é o órgão genital em estado de excitação. Ele fica irrigado de sangue, inchado, umedecido e se torna o lugar de múltiplas sensações. (Freud, id.)*<sup>246</sup>.

---

<sup>243</sup> Die Hypochondrie äussert sich wie das organische Kranksein in peinlichen und schmerzhaften Körperempfindungen ... Der Hypochondrische zieht Interesse wie Libido - die letztere besonders deutlich - von den Objekten der Aussenwelt zurück und konzentriert beides auf das ihn beschäftigende Organ. (Freud, id., Stud., p. 50) (Cia das letras, p. 26/7).

<sup>244</sup> (Es ist allgemein bekannt und erscheint uns selbstverständlich, dass) der von organischem Schmerz und Missempfindungen Gepeinigete das Interesse an den Dingen der Aussenwelt, soweit sie nicht sein Leiden betreffen, aufgibt. (Genauere Beobachtung lehrt, dass) er auch das libidinöse Interesse von seinen Liebesobjekten zurückzieht, aufhört zu lieben, solange er leidet. ... Der Kranke zieht seine Libidobesetzungen auf sein Ich zurück, um sie nach der Genesung wieder auszusenden. "Einzig in der engen Höhle", sagt W. Busch vom zahnschmerzkranken Dichter, "des Backenzahnes weilt die Seele." (Freud, id., p.49) (Cia letras, p. 25/6).

<sup>245</sup> Die Hypochondrie muss recht haben, die Organveränderungen dürfen auch bei ihr nicht fehlen. Worin bestünden sie nun? (Freud, id., Stud., p. 50) (Cia letras, p.27)

<sup>246</sup> Nun ist das uns bekannte Vorbild des schmerzhaft empfindlichen, irgendwie veränderten und doch nicht im gewöhnlichen Sinne kranken Organs das Genitale in seinen Erregungszuständen. Es wird dann blutdurchströmt, geschwellt, durchfeuchtet und der Sitz mannigfaltiger Sensationen. (Freud, id, Stud., p 50/51) (Cia letras, ibidem)

Como qualquer órgão do corpo pode substituir os genitais, e constituir novas zonas erógenas, seriam as diversas alterações dos órgãos (sua excitabilidade) que provocariam o retraimento hipocondríaco sobre o mesmo.

*Podemos nos decidir a considerar a erogenidade como característica geral de todos os órgãos e, então, nos é permitido falar do aumento ou decréscimo da mesma numa determinada parte do corpo. Cada alteração dessas, da erogenidade nos órgãos, poderia vir em paralelo a uma alteração do investimento da libido no eu. Em tais fatores nós teríamos de procurar o que nós tomamos por base da hipocondria e o que pode ter o mesmo efeito na distribuição da libido que a doença material dos órgãos. (Freud, id.)<sup>247</sup>.*

Aparentemente, se a base da hipocondria é a erogenidade, então ela corresponderia à sexualidade perversa, corresponderia, portanto, à somatização que ocorre na histeria, na qual as mais diversas zonas erógenas são utilizadas para a satisfação da excitação genital. Mas aqui devemos nos perguntar, por que Freud considerou a hipocondria uma neurose atual, qual diferença entre ela e a conversão histérica? Em primeiro lugar, as alterações somáticas na histeria representam o desejo reprimido, quer dizer, tem um significado psíquico, coisa que não parece haver na hipocondria, uma vez que ela é considerada uma neurose atual. Em segundo lugar, a dor hipocondríaca do órgão não representa a excitação sexual pressionando para ser satisfeita, sua finalidade não é a satisfação por meio da alucinação ou recordação do objeto de satisfação, ela parece não ter finalidade, se tiver alguma é fazer com que todo interesse e toda a libido volte-se para o órgão. O hipocondríaco é justamente aquele que volta todo seu interesse e libido para um órgão doente ou dolorido. O corpo, o órgão doente e a dor, parecem ter uma importância maior para o hipocondríaco que para as outras pessoas. A erogeneidade da preocupação hipocondríaca corresponde ao prazer (sexual) com essa preocupação. Assim, podemos dizer que enquanto, na somatização histérica, o corpo é concebido como um instrumento de eliminação do impulso e as zonas erógenas são concebidas como sede das ações que satisfazem os impulsos, que servem ao

---

<sup>247</sup> Wir können uns entschliessen, die Erogenität als allgemeine Eigenschaft aller Organe anzusehen, und dürfen dann von der Steigerung oder Herabsetzung derselben an einem bestimmten Körperteile sprechen. Jeder solchen Veränderung der Erogenität in den Organen könnte eine Veränderung der Libidobesetzung im Ich parallel gehen. In solchen Momenten hätten wir das zu suchen, was wir der Hypochondrie zugrunde legen und was die nämliche Einwirkung auf die Libidoverteilung haben kann wie die materielle Erkrankung der Organe. (Freud, id., Stud., p. 51) (Cia letras, p. 28)

sugar, ao manipular, ao reter e ao soltar; na hipocondria, o corpo, o órgão alterado, é objeto de cuidado. O genital, no caso, não pressiona à satisfação, mas é objeto de interesse, de atenção e de cuidado. Assim, se a sexualidade perversa é manifestação de uma tentativa do organismo de se livrar da excitação, a hipocondria, se consegue, de alguma forma, eliminar a excitação, o faz porque concentra toda energia (libido e interesse) do aparelho psíquico no órgão dolorido. O órgão dolorido na hipocondria parece se caracterizar como sexual, não porque sua dor é uma manifestação do impulso sexual, mas porque ela atrai para si a libido, já que há prazer na preocupação hipocondríaca. Assim, podemos supor que o genital excitado não só pressiona a satisfação (como ocorre na sexualidade biológica ou perversa, que pressiona ao coito ou a masturbação), mas também é objeto de cuidado e por isso é o órgão, por excelência, da hipocondria. Se a hipocondria se refere à libido do eu, enquanto a sexualidade perversa (assim como a angústia) à libido de objeto, e a hipocondria corresponde à atração que o órgão dolorido exerce sobre si, podemos dizer então que a libido do eu não é a libido que parte do eu para os objetos, como a imagem do narcisismo primitivo poderia nos fazer pensar (investimentos do eu que vão para o objeto), mas é a libido que se volta ao eu, que em primeiro lugar se volta para o órgão genital (e não que parte dele).

Freud, em 1894, na primeira descrição extensiva da melancolia, no *Manuscrito G* enviado a Fliess, apresentou uma teoria da dor, na qual ela correspondia à consumação das excitações exigidas por uma ferida:

*Como se pode agora explicar os efeitos da melancolia? A melhor descrição: inibição psíquica com empobrecimento dos impulsos e dor a cerca disso. Pode-se imaginar que, quando o grupo sexual psíquico perde muito fortemente na grandeza de sua excitação, forma-se por assim dizer uma retração no psíquico que atua sugando nas grandezas da excitação adjacentes. Os neurônios associados têm de abandonar sua excitação, o que produz dor. Desfazer das associações é sempre doloroso. Por assim dizer, através de hemorragia interna surge um empobrecimento na excitação, no estoque livre, que se manifesta nos outros impulsos e atuações. Como na inibição, essa retração atua como uma ferida (ver teoria da dor física) análoga à dor. (Freud/Fliess, Correspondência completa, Manuscrito G, Melancolia) <sup>248</sup>.*

---

<sup>248</sup> Wie kann man sich nun [die] Wirkungen der Melancholie erklären? Beste Schilderung: *Psychische Hemmung mit Triebverarmung und Schmerz darüber*. Man kann sich vorstellen, wenn [die] psychische Sexualgruppe sehr stark an Erregungsgröße

A ferida provoca dor porque suga as excitações adjacentes, exige toda excitação livre (todo interesse e libido) para si e empobrece o resto do psiquismo. Essa teoria é diferente da teoria da dor do *Projeto*, na qual a dor corresponde à inserção de grandes quantidades externas no interior do aparelho e tem como finalidade estimular a ação de fuga ou de defesa ativa diante do objeto que a produziu. No *Projeto*, a dor é um mecanismo selecionado biologicamente que tem como finalidade estimular a ação cujo efeito retira o objeto que causou a dor do campo perceptivo, quer dizer, faz desaparecer o investimento da representação do objeto hostil (percebida). Na concepção do *Manuscrito G*, ao contrário, não há fuga, há sim absorção da excitação livre. A dor hipocondríaca parece aproximar-se muito mais da concepção do *Manuscrito G*, que da do *Projeto*. Ela absorve todo interesse e toda a libido psíquica.

Em *A repressão* (1915), encontramos uma definição da dor mais próxima da concepção do *Projeto*, a dor é caracterizada por Freud como um pseudoimpulso e tem sua referência em um estímulo externo que corrói ou destrói um órgão. No entanto, diferente do *Projeto*, em *A Repressão*, a dor é desvinculada da meta da fuga do objeto hostil (fuga do estímulo externo que a produziu):

*Pode ocorrer que um estímulo externo – por exemplo, se ele corrói e destrói um órgão – se interiorize, e assim se produz uma nova fonte de excitação e de aumento de tensão persistentes. Ele adquire com isso uma larga semelhança com um impulso. Sabemos que este caso nós sentimos como dor. A meta desse pseudoimpulso é porém apenas a cessação da mudança do órgão e do desprazer ligado a ela. Outro prazer direto não pode ser obtido da cessação da dor. A dor é também imperativa; ela sucumbe apenas à ação de uma supressão tóxica e à influência de uma distração psíquica (Freud, 1915-3, A repressão) <sup>249</sup>.*

---

verliert, bildet sich gleichsam *eine Einziehung im Psychischen*, die auf die anstossenden Erregungsgrößen saugend wirkt. Die assoziierten Neurone müssen ihre Erregung abgeben, *was Schmerz erzeugt*. Denn Lösung von Assoziationen ist immer schmerzlich. Gleichsam durch *innere Verblutung* entsteht eine Verarmung an Erregung, am freien Vorrat, die sich an den anderen Trieben und Leistungen kundgibt. Als Hemmung wirkt diese Einziehung wie eine *Wunde* (siehe Theorie des physischen Schmerzes) analog dem Schmerz. (Freud, Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1986, p. 102) (Imago, p. 102/104).

<sup>249</sup> Es kann vorkommen, dass sich ein äusserer Reiz, z.B. dadurch, dass er ein Organ anätzt und zerstört, verinnerlicht und so eine neue Quelle beständiger Erregung und Spannungsvermehrung ergibt. Er erwirbt damit eine weitgehende Ähnlichkeit mit einem Trieb. Wir wissen, dass wir diesen Fall als *Schmerz* empfinden. Das Ziel dieses Pseudotriebes ist aber nur das Aufhören der Organveränderung und der mit ihr verbundenen Unlust. Andere, direkte Lust kann aus dem Aufhören des Schmerzes nicht gewonnen werden. Der Schmerz ist auch imperativ; er unterliegt nur noch der Einwirkung einer toxischen Aufhebung und der Beeinflussung durch psychische Ablenkung. (Freud, 1915-3, Die Verdrängung, Studienausgabe, Band III, p. 107) (Cia letras, p. 84).

Portanto, nesse texto, a dor também é relacionada a um estímulo externo (a um objeto externo que a causa) e funciona como um impulso, mas, diferente do *Projeto*, não tem como meta a fuga, sua única meta é a mudança do órgão. Se considerarmos que a elaboração da hipocondria, o delírio de grandeza, como vimos acima, é uma transformação de um relação com um objeto perseguidor, relação que se tornará mais clara quando analisarmos a hipocondria de Schreber, podemos identificar a dor hipocondríaca com a definição da dor de *A repressão (citada acima)*: determinada por um estímulo externo, mas desvinculada da fuga, um pseudoimpulso que visa apenas cessar a dor, que só cessa com uma distração psíquica, tóxica. Talvez a hipocondria, na medida em que sexualiza os cuidados com o órgão dolorido, proporciona algo próximo dessa distração psíquica. Neste sentido, diferente do que diz a citação acima, a hipocondria encontraria na própria dor um tipo de prazer. Cremos que a constituição da hipocondria muito se assemelha a constituição do masoquismo, no qual se trata de sexualizar a dor, como foi descrito em *Os Impulsos e seus destinos*. Trata-se da transformação das dores sentidas em masoquismo:

*Uma vez efetuada a transformação em masoquismo as dores se prestam muito bem para produzir uma meta masoquista passiva, pois temos todas as razões para supor que também as sensações dolorosas, como outras sensações de desprazer, se expandem para a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em razão do qual o desprazer da dor também pode agradar. ... Naturalmente se frui ... não da dor mesma, mas da excitação sexual que a acompanha ... O fruir da dor seria, portanto, uma meta originalmente masoquista. (Freud, 1915-2, Impulsos e seus destinos)<sup>250</sup>.*

O sentir dor torna-se masoquismo quando é acompanhado de uma excitação sexual. Podemos então relacionar a hipocondria, que corresponde à sexualização da dor, à constituição do masoquismo. Assim, podemos dizer que a libido volta-se para o órgão dolorido, porque o aparelho psíquico retira da dor algum prazer.

---

<sup>250</sup> Wenn sich aber einmal die Umwandlung in Masochismus vollzogen hat, eignen sich die Schmerzen sehr wohl, ein passives masochistisches Ziel abzugeben, denn wir haben allen Grund anzunehmen, dass auch die Schmerz- wie andere Unlustempfindungen auf die Sexualerregung übergreifen und einen lustvollen Zustand erzeugen, um dessentwillen man sich auch die Unlust des Schmerzes gefallen lassen kann ... Natürlich genießt man ... nicht den Schmerz selbst, sondern die ihn begleitende Sexualerregung ... Das Schemerzgenießen wäre also ein ursprünglich masochistisches Ziel. (Freud, 1915-2, Triebe und Tribschicksale, Studienausgabe, Band III, p. 91/2) (Cia letras, p.66/7).

A hipocondria pode ser considerada uma alteração libidinal determinada por uma alteração no eu.

*A possibilidade de reações dos distúrbios da libido sobre os investimentos do eu deve tão pouco ser recusada como o inverso dessa reação, dos distúrbios secundários ou induzidos dos processos da libido pelas alterações anormais do eu. Sim, é provável que processos desse tipo constituam o caráter diferenciador das psicoses (Freud, 1911-2, Caso Schreber) <sup>251</sup>.*

Assim, enquanto, na neurose, as alterações na libido (nos impulsos) determinam alterações nos investimentos do eu; na psicose, (quer dizer, nas neuroses narcisistas) alterações nos investimentos do eu, por exemplo, uma alteração no órgão (algo como um ferida, uma doença que causa dor), determinam alterações na libido, no caso, o prazer na própria dor.

Então, associando a hipocondria a: 1º) a ação do estímulo externo (do objeto hostil) no próprio corpo (pseudoimpulso), 2º) a absorção das excitações psíquicas pelo órgão dolorido e 3º) a transformação da dor em prazer (masoquismo), acompanhem os delírios hipocondríacos de Schreber. Seus delírios hipocondríacos foram assim registrados em um relatório da casa de saúde em que foi cuidado pelo médico Flechsig, na sua primeira internação:

*No início da internação ele manifestava várias ideias hipocondríacas, queixava-se de sofrer de um amolecimento cerebral, de que teria de morrer logo etc., mas já se misturavam ideias de perseguição no quadro da doença, e na verdade baseadas nas ilusões dos sentidos, que no início aparecia mais esporadicamente, quando simultaneamente uma hiperestesia de alto grau, grande sensibilidade à luz e ao barulho, se fazia valer. Mais tarde aumentam as ilusões auditivas e acústicas, e dominam, em união com os distúrbios de sentimento comuns, sua sensibilidade e seu pensamento: considerava-se morto e apodrecido, doente de peste, supunha que no seu corpo fossem realizadas todo tipo de manipulações horríveis, e como afirma ainda hoje, passou pelas coisas mais terríveis, que alguém imagine, e na verdade por causa de um propósito sagrado. (Freud, 1911-2, Caso Schreber) <sup>252</sup>.*

---

<sup>251</sup> Die Möglichkeit von Rückwirkungen der Libidostörungen auf die Ichbesetzungen wird man so wenig von der Hand weisen dürfen wie die Umkehrung davon, die sekundäre oder induzierte Störung der Libidovorgänge durch abnorme Veränderungen im Ich. Ja, es ist wahrscheinlich, dass Vorgänge dieser Art den unterscheidenden Charakter der Psychose ausmachen. (Freud, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides), Studienausgabe, Band VII, , p. 196/7) (Cia letras, p. 99).

<sup>252</sup> Im Beginn seines dortigen Aufenthaltes äusserte er mehr hypochondrische Ideen, klagte, dass er an Hirnerweichung leide, bald sterben müsse, p.p., doch mischten sich schon Verfolgungsideen in das Krankheitsbild, und zwar auf Grund von

Todos os distúrbios do funcionamento corporal, órgãos adoecidos e ilusões sensitivas, decorriam de manipulações, realizadas por outros, no seu corpo. Tratava-se na verdade de abusos sexuais e tentativas de transformá-lo em mulher, como Schreber escreve em suas memórias:

*Desse modo foi preparado um complô dirigido contra mim (...) que iria, uma vez a incurabilidade reconhecida ou suposta da minha doença nervosa, entregar-me a um homem de um modo que concedesse minha alma a ele, meu corpo, porém ... devia ser transformado em um corpo feminino e, como tal, concedido ao homem em questão para fins de abuso sexual. (Freud, idem) <sup>253</sup>.*

Ser transformado em mulher inclusive era a condição para que Schreber pudesse salvar o mundo: "*isso [salvar o mundo], porém, ele poderia apenas se antes se transformasse de um homem em uma mulher*" (Freud, idem) <sup>254</sup>.

Na verdade, como interpreta Freud, os delírios de manipulação: emasculação e abuso sexual derivavam de seus desejos homossexuais para com o médico Flechsig, desejos que, em última instância, tinham seu pai como objeto e visavam tornar-se mulher para o pai. Seu pai, apesar de admirado, fora bastante rígido com Schreber na sua infância:

*ora, o pai do juiz-presidente Schreber não era um homem insignificante. Era um ... médico cujos esforços pelo desenvolvimento harmoniosos da juventude, pela ação conjunta de educação familiar e escolar, pela utilização de cuidado corporal e do trabalho corporal para aumentar o grau de saúde, exerceram um efeito duradouro sobre os contemporâneos. (Freud, idem) <sup>255</sup>.*

---

Sinnestäuschungen, die anfangs allerdings mehr vereinzelt aufzutreten schienen, während gleichzeitig hochgradige Hyperästhesie, grosse Empfindlichkeit gegen Licht und Geräusch sich geltend machte. Später häuften sich die Gesichts- und Gehörstäuschungen und beherrschten in Verbindung mit Gemeingefühlsstörungen sein ganzes Empfinden und Denken, er hielt sich für tot und angefault, für pestkrank, wähnte, dass an seinem Körper allerhand abscheuliche Manipulationen vorgenommen würden, und machte, wie er sich selbst noch jetzt ausspricht, entsetzlichere Dinge durch, als jemand gehaut, und zwar um eines heiligen Zweckes willen. (Freud, idem, p. 142) (Cia letras, p. 18/9)

<sup>253</sup> Auf diese Weise wurde ein gegen mich gerichtetes Komplott fertig (...), welches dahin ging, nach einmal erkannter oder angenommener Unheilbarkeit meiner Nervenkrankheit *mich einem Menschen in der Weise auszuliefern*, dass meine Seele demselbe überlassen, mein Körper aber, ... in einen weiblichen Körper verwandelt, *als solcher dem betreffenden Menschen zum geschlechtlichen Missbrauch überlassen ... werden sollte.* (Freud, id, Stud., p. 169/170) (Cia letras, p. 59)

<sup>254</sup> Das [die Welt zu erlösen] könne er aber nur, wenn er sich zuvor aus einem Manne zu einem Weibe verwandelt habe. (Freud, id., Stud., p. 145) (Cia das letras, p. 22)

<sup>255</sup> Nun war der Vater des Senatspräsidenten Dr. Schreber kein unbedeutender Mensch gewesen. Es war ... ein *Artz*, dessen Bemühungen um die harmonische Ausbildung der Jugend, um das Zusammenwirken von Familien- und Schülererziehung, um die

Marilene Carone descreve um pouco mais o trabalho do pai de Schreber:

*Pregava uma doutrina educacional rígida e implacavelmente moralista, que objetivava exercer um controle completo sobre todos os aspectos da vida, desde os hábitos de alimentação até a vida espiritual do futuro cidadão. ... Para garantir a postura ereta do corpo da criança em todos os momentos do dia, inclusive durante o sono, D.G.M. Schreber projetou e construiu vários aparelhos ortopédicos de ferro e couro. A retidão do espírito era fruto do aprendizado precoce de todas as formas de contenção emocional e da supressão radical dos chamados sentimentos imorais, entre os quais naturalmente todas as manifestações da sexualidade. 'Poucas pessoas cresceram com princípios morais tão rígidos como eu e poucas se impuseram ao longo de toda a sua vida tanta contenção de acordo com estes princípios, principalmente no que se refere à vida sexual' – afirma Schreber em suas Memórias. (Carone, M. in Schreber, Memórias de um doente dos nervos, Graal, p.9).*

Diante da rígida pedagogia e das manipulações, por meio dos aparelhos ortopédicos, realizadas pelo pai, de acordo com M. Carone, Schreber se submeteu docilmente: *"Tudo indica que ele se submeteu com docilidade ao despotismo pedagógico do pai"* (Carone, idem, p.10).

Segundo Freud, a relação de Schreber com seu pai (repetida na relação com Flechsig e com Deus) era de reverente submissão, mas também de veemente indignação. Por exemplo, Deus, segundo Schreber,

*era incapaz de aprender algo através da experiência, não conhecia os seres humanos vivos, porque sabia lidar apenas com cadáveres e manifestava seu poder em uma série de milagres que, eram suficientemente impressionantes, embora insípidos e tolos. (Freud, id.)<sup>256</sup>.*

Estes milagres insípidos e tolos correspondiam, por exemplo, aos abusos sexuais que forneceram material para sua hipocondria. Assim, se há uma dócil submissão perante o pai, há também a percepção de que ele age inadequadamente, não conhece nada dos

---

Verwendung der Körperpflege und Körperarbeit zur Hebung der Gesundheit nachhaltige Wirkung auf die Zeitgenossen geübt haben. (Freud, id., Stud., p. 176) (Cia letras, p. 68)

<sup>256</sup> Gott ... war nicht fähig, etwas aus der Erfahrung zu lernen, kannte den lebenden Menschen nicht, weil er nur mit Leichen umzugehen verstand, und äusserte seine Macht in einer Reihe von Wundern, die auffällig genug, dabei aber insipid und läppisch waren. (Freud, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides), Studienausgabe, Band VII, id., Stud., p. 176) (Cia letras, p. 68).



humanos. A submissão desejada está enredada em uma manipulação inadequada, talvez causadora de dor.

Mas o que para nós é importante é que a dor sentida pela rígida manipulação paterna é sexualizada, deseja-se a dor, deseja-se a submissão, deseja-se a emasculação. A hipocondria, como sexualização da dor, parece corresponder, a libido que volta-se às partes do corpo que foram manipuladas, partes que sofreram a ação do objeto externo ao qual se submeteu (e que se quer permanecer submisso). Assim, a ameaça de castração, que se transformou no desejo de se tornar mulher, antes de ser aceita e desejada foi combatida:

*no final do delírio de Schreber a aspiração sexual infantil festeja um grande triunfo; a volúpia torna-se temida de Deus, o próprio Deus (o pai) não cede de exigí-la do doente. A ameaça mais temida do pai, a castração, emprestou o material diretamente para a fantasia de desejo, primeiramente combatida e depois aceita, da transformação em uma mulher. (Freud, idem)<sup>257</sup>.*

Podemos então dizer que a castração primeiramente é identificada com a dor e por isso é temida, só depois a dor é sexualizada e a castração desejada.

O Homem dos Lobos também nutria desejos passivos pelo pai. Analisaremos mais minuciosamente o caso do Homem dos Lobos no próximo capítulo, quando analisarmos a recusa da castração. O que nos interessa agora, no entanto, é o desejo passivo do menino ante o pai, que neste caso é primário (não é transformação de algo temido, como o é em Schreber). Ao presenciar o coito dos pais, o menino desejou ocupar o lugar da mãe para ser objeto sexual do pai. Na cena “*pôde ver os genitais da mãe como o membro do pai e compreendeu tanto o acontecimento como o seu significado*” (Freud, 1914-2 [p.1918], O homem dos lobos)<sup>258</sup>. Desta visão, derivou-se uma corrente sexual passiva dirigida ao pai que foi a fonte do sonho dos lobos, sonho analisado por Freud:

---

<sup>257</sup> Im Ausgang des Schreberschen Wahnes feiert die infantile Sexualstrebung einen grossartigen Triumph; die Wollust wird gottesfürchtig, Gott selbst (der Vater) lässt nicht ab, sie von dem Kranken zu fordern. Die gefürchtetste Drohung des Vaters, die der Kastration, hat der zuerst bekämpften und dann akzeptierten Wunschphantasie der Verwandlung in ein Weib geradezu den Stoff geliehen. (Freud, id., Stud., p. 180) (Cia letras, p. 75).

<sup>258</sup> konnte das Genitale der Mutter wie das Glied des Vaters sehen und verstand den Vorgang wie dessen Bedeutung. (Freud, 1914-2 [p.1918], Aus der Geschichte einer infantilen Neurose, Studienausgabe, Band VIII, p. 157) (Cia letras, p. 52/3).

*Entre os desejos formadores do sonho, deve ter sido estimulado, como o mais forte, o da satisfação sexual, que ele ansiava então do pai. A força deste desejo conseguiu refrescar a pista de recordação, há muito esquecida, de uma cena que lhe podia mostrar como parecia a satisfação sexual com o pai (Freud, id.)<sup>259</sup>.*

O genital da mãe, visto na cena primária, foi representado no sonho pela ausência da cauda do lobo que, no sonho, estava por baixo: “*O sonho deveria levar a frente, para o menino, ... a imagem da satisfação sexual com o pai, tal como teria visto naquela cena primitiva, como modelo da satisfação que ele próprio ansiava do pai*” (Freud id.)<sup>260</sup>; “*desejo de copular com o pai, isto é, ser satisfeito como a mãe*” (Freud, id.)<sup>261</sup>. “*Parece, então, que durante o processo onírico ele se identificou com a mãe castrada ... Se você quer ser satisfeito pelo pai, você deve aceitar a castração como a mãe*” (Freud, id.)<sup>262</sup>. Este desejo da castração corresponde a corrente masoquista dirigida ao pai, que apareceu no seu sintoma infantil, quando o menino mudou seu caráter:

*seus acessos de fúria e cenas raivosas tiveram nova função ... diante do pai seguiam propósitos masoquistas. Ele queria por meio da exibição de sua ruindade forçar castigo e pancadas do lado do pai, procurando nisso a satisfação sexual masoquista desejada. Seus gritos eram verdadeiras tentativas de sedução. (Freud, id.)<sup>263</sup>.*

---

<sup>259</sup> Unter den traumbildenden Wünschen muss sich, als der stärkste, der nach der sexuellen Befriedigung geregt haben, die er damals vom Vater ersehnte. Der Stärke dieses Wunsches gelang es, die längst vergessene Erinnerungsspur einer Szene aufzufrischen, die ihm zeigen konnte, wie die Sexualbefriedigung durch den Vater aussah (Freud, id., Stud., p. 155) (Cia letras, p. 50).

<sup>260</sup> sollte der Traum dem Kind, das sich auf die Erfüllung seiner Wünsche zu Weihnachten freut, das Bild der Sexualbefriedigung durch den Vater vorführen, wie er es in jener Urszene gesehen hatte, als Vorbild der eigenen Befriedigung, die er vom Vater ersehnt. (Freud, id., Stud., p. 161) (Cia letras, p. 58).

<sup>261</sup> [Umsetzung] des Wunsches, vom Vater koitiert, d.h., so befriedigt zu werden wie die Mutter. (Freud, id. Stud., p. 164) (Cia letras, p. 64).

<sup>262</sup> Er scheint also, dass er sich während des Traumvorganges mit der kastrierten Mutter identifizierte ... Wenn du vom Vater befriedigt werden willst, musst du dir wie die Mutter die Kastration gefallen lassen. (Freud, id. Stud., p. 165) (Cia letras, p. 65).

<sup>263</sup> bekamen seine Wutanfälle und Tobszenen eine neue Verwendung. ... gegen den Vater verfolgten sie masochistische Absichten. Er wollte durch die Vorführung seiner Schlimmheit Züchtigung und Schläge von seiten des Vaters erzwingen, sich so bei ihm die erwünschte masochistische Sexualbefriedigung holen. Seine Schreianfälle waren also geradezu Verführungsversuche. (Freud, id. Stud., p. 147) (Cia letras, p. 39/40).

O sintoma baseava-se em fantasias de espancamento do pênis: “*fantasias ... que meninos eram castigados e espancados, especialmente espancados no pênis*” (Freud id.)

264

A fantasia masoquista de copular com o pai, portanto, passa pela castração, por tornar-se mulher para ele. No Homem dos Lobos esta fantasia precede o medo da castração, depois se vinculando a ele. Quer dizer, a posição passiva-masoquista parece ser uma disposição inata dos seres humanos. Já no caso Schreber, a recusa da castração antecede a sua aceitação. Podemos dizer que, na ontogênese, ela corresponde a uma disposição inata, mas que na patologia, como na filogênese quando foi constituída, ela foi antecedida por sua recusa. Assim, podemos dizer que a posição passiva-masoquista é uma disposição inata nos seres humanos, mas que teve sua história, isto é, foi antecedida por sua recusa.

Assim em Schreber, o medo do perseguidor, o medo dele realizar a castração, antecede a posição passiva-masoquista, antecede o desejo de se tornar mulher para o pai, portanto, de ser castrado por ele. A posição passiva-masoquista corresponde a uma submissão ao perseguidor, a uma reconciliação com ele e, por isso, uma associação da dor com a excitação sexual.

Circunscrevendo a disposição para a parafrenia à posição passiva-masoquista e a sexualização da dor (hipocondria), e remetendo-a à reconciliação com um perseguidor que causou dano e dor ao corpo, nos aproximamos do que ocorreu na quarta fase filogenética. Mas antes de analisa-la atentemos um pouco mais a relação do parafrênico (esquizofrênico) com o objeto externo, com o mundo externo.

No último capítulo de *O Inconsciente, A identificação do Inconsciente*, Freud refere-se à linguagem do esquizofrênico como “linguagem do órgão” ou “linguagem hipocondríaca”<sup>265</sup>. No esquizofrênico

---

<sup>264</sup> Phantasien ... dass Knaben gezüchtigt und geschlagen wurden, besonders auf den Penis geschlagen. (Freud, id. Stud., p. 145) (Cia letras, p. 37).

*As frases experimentam uma peculiar desorganização de construção, através da qual se tornam incompreensíveis para nós, de modo que tomamos as manifestações dos doentes como sem sentido. No conteúdo destas manifestações vem para o primeiro plano frequentemente uma relação aos órgãos ou às inervações corporais (Freud, 1915-4, O inconsciente) <sup>266</sup>.*

A fala esquizofrênica frequentemente refere-se ao corpo. Ela relata inervações que no histérico aparecem no sintoma e são inconscientes. Por exemplo, diante de um relacionamento no qual o namorado “*é um virador de olhos*” que “*virou os olhos dela*” <sup>267</sup>, a esquizofrênica queixa-se que “*os olhos não estão direitos, estão virados*”. Já a histérica, “*teria virado os olhos convulsivamente*” e o pensamento de que o namorado lhe virou os olhos não lhe seria consciente. (Freud, idem) <sup>268</sup>.

Devido ao namorado tê-la colocado falsamente, tê-la colocado em lugar errado, a esquizofrênica “*de repente sente um puxão, tem de pôr-se em outra posição, como se alguém a pusesse, como se fosse posta*”. Já a histérica, “*teria realmente executado o puxão, em vez de sentir o impulso [Impuls] ou ter a sensação de fazê-lo*” (Freud, id.) <sup>269</sup>.

Faltam, portanto, ao esquizofrênico, aquelas inervações que correspondem à sexualidade perversa, aquelas inervações que mantêm a relação com o objeto, por exemplo, o sugar representando o encontro com o seio; no caso dos sintomas relatados acima, na histérica, a relação com o namorado se mantêm por meio da inervação, dos

---

<sup>265</sup> “*A fala esquizofrênica tem aí um traço hipocondríaco, torna-se linguagem do órgão*” Die schizophrene Rede hat hier einen hypochondrischen Zug, sie ist *Organsprache* geworden. (Freud, 1915-4, Das Unbewusste, Studienausgabe, Band III, p.157) (Cia letras, p. 141).

<sup>266</sup> Die Sätze erfahren eine besondere Desorganisation des Aufbaues, durch welche sie uns unverständlich werden, so dass wir die Äusserungen der Kranken für unsinnig halten. Im Inhalt dieser Äusserungen wird oft eine Beziehung zu Körperorganen oder Körperinnervationen in den Vordergrund gerückt. (Freud, id., Stud., p. 156) (Cia letras, p. 140).

<sup>267</sup> No Brasil, diríamos, como aponta Paulo César de Souza: que virou a cabeça dela.

<sup>268</sup> Ein Mädchen ... klagt: *Die augen sind nicht richtig, sie sind verdreht...* Er (Geliebte) ist ... ein *Augenverdreher*, er hat ihr die Augen verdreht. ...

Eine Hysterika hätte übrigens ... krampfhaft die Augen verdreht .. hätte sie keinen bewussten Gedanken. (Freud, id., Stud., p. 156/7) (Cia letras, p. 141/2).

<sup>269</sup> plötzlich gibt es ihr einen Ruck, *sie muss sich anders stellen, als stellte sie jemand, als würde sie gestellt* ... Eine Hysterika hätte ... den Ruck wirklich ausgeführt, anstatt den Impuls dazu oder die Sensation davon zu verspüren. (Freud, id., Stud., p. 157) (Cia letras, p. 141).

olhos virados ou do puxão que lhe tira do lugar. Na histeria, em vez de buscar o namorado, o sintoma recupera-o na fantasia, por meio da inervação.

No esquizofrênico, no entanto, apesar do pensamento que determina o sintoma ser consciente, ele não tem referências no seu próprio eu, ele não tem imagens de movimento e de objetos correspondentes. O pensamento é consciente, mas seu correspondente inconsciente foi desinvestido. Na esquizofrenia há, como na histeria, uma tentativa de fuga do eu que se manifesta em uma retirada de investimento, mas do investimento inconsciente: *"essa fuga, na esquizofrenia, consiste na retirada do investimento do impulso dos lugares que representam a inconsciente representação do objeto"* (Freud, idem)<sup>270</sup>.

O que significa esta fuga das representações inconsciente do objeto? Sabemos que a fuga do investimento pré-consciente caracteriza a repressão nas neuroses de transferência. É desinvestida a representação pré-consciente, mas a representação inconsciente permanece investida. O modelo é da fuga daquilo que causa desprazer (mesmo que antes tenha causado prazer). Foge-se da representação recordativa que causa desprazer assim como se foge da percepção do objeto hostil. Assim funciona a repressão nas neuroses de transferência. No caso da esquizofrenia, ao contrário, não há o investimento inconsciente. Já havíamos visto que na parafrenia a libido não se volta para os objetos de satisfação da fantasia, podemos agora dizer que isso ocorre porque eles não existem, não existem também as imagens do próprio corpo que se relacionam com eles, e nem a representação do próprio impulso. Faltam representações no núcleo do eu. A fuga do investimento parece muito mais o escoamento do investimento que o não investimento de uma representação. Há algo, no núcleo do eu - em vez dos impulsos, imagens do próprio corpo e objetos de satisfação - que funciona como um ferida que faz escoar todas as excitações livres, todos os investimentos psíquicos. Isso que funciona como uma ferida faz com que faltem referências ao eu.

---

<sup>270</sup> dieses Flucht bei der Schizophrenie in der Einziehung der Triebesetzung von den Stellen besteht, welche die *unbewusste* Objektvorstellung repräsentieren (Freud, id., Stud., p. 161) (Cia das letras, p. 149).

A tentativa de cura na esquizofrenia, as alterações da fala, no entanto, nos apontam como o paciente tenta recuperar seu próprio eu, a partir da relação com o outro. Tenta-se então a partir das palavras recuperar aquilo que escoa no inconsciente:

*a parte que pertence ao sistema Pcs da mesma representação de objeto - as representações de palavra correspondentes a ela - ao contrário [do investimento inconsciente] deve experimentar um mais intenso investimento. ... o investimento da representação verbal ... apresenta a primeira das tentativas de restabelecimento ou cura que tão claramente dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Esses esforços pretendem reconquistar os objetos perdidos, e bem pode ser que, nesse propósito, eles tomem o caminho para o objeto pela parte da palavra do mesmo, nisso eles têm de se contentar com as palavras no lugar das coisas. (Freud, idem)*<sup>271</sup>.

A palavra, neste caso, diferente do impulso (atrelado às imagens de objeto e motoras), vem de fora:

*Nossa atividade anímica se move, de maneira geral, em duas direções opostas: ou dos impulsos, pelo sistema Pcs, até o trabalho do pensamento consciente, ou, por incitação de fora, pelo sistema do Cs e Pcs até os investimentos ics do eu e dos objetos. (Freud, id.)*<sup>272</sup>.

Então, enquanto os sintomas histéricos vão de dentro para fora (por isso mesmo, as representações reprimidas do impulso pressionam provocando soluções de compromisso), os sintomas esquizofrênicos vão de fora para dentro, os esquizofrênicos buscam recuperar seus objetos e seu próprio eu (que será também um objeto) a partir de fora, a partir das palavras. Assim os olhos e o equilíbrio corporal da esquizofrênica são determinados por aquilo que os outros dizem (portanto pela linguagem) de uma pessoa que se envolve com um homem inferior: tem seus olhos virados e sua posição falseada. Assim, pela fala hipocondríaca, o esquizofrênico recupera o objeto e o próprio eu.

---

<sup>271</sup> der dem System *Vbw* angehörige Teil derselben Objektvorstellung - die ihr entsprechenden Wortstellung - vielmehr eine intensivere Besetzung erfahren sollen ... die Besetzung der Wortvorstellung nicht zum Verdrängungsakt gehört, sondern den ersten der Herstellungs- oder Heilungsversuche darstellt, welche das klinische Bild der Schizophrenie so auffällig beherrschen. Diese Bemühungen wollen die verlorenen Objekte wiedergewinnen, und es mag wohl sein, dass sie in dieser Absicht den Weg zum Objekt über den Wortanteil desselben einschlagen, wobei sie sich aber dann mit den Worten an Stelle der Dinge begnügen müssen. (Freud, id., Stud., p. 161/2) (Cia letras, p. 149).

<sup>272</sup> Unsere seelische Tätigkeit bewegt sich ja ganz allgemein in zwei entgegengesetzten Verlaufsrichtungen, entweder von den Trieben her durch das System *Ubw* zur bewussten Denkarbeit oder auf Anregung von aussen durch das System des *Bw* und *Vbw* bis zu den *ubw* Besetzungen des Ichs und der Objekte. (Freud, id., Stud., p. 162) (Cia letras, p. 149/150).

Também os órgãos genitais são percebidos a partir da linguagem: seus buracos (a castração ou a vagina) são reconhecidos a partir do que se diz dos buracos (estão presentes nos cravos espremidos, na malha das meias...).

*Um paciente que observo atualmente retirou-se de todos os interesses da vida devido ao mau estado de sua pele do rosto. Ele afirma ter cravos e fundos buracos no rosto que qualquer pessoa enxerga. A análise demonstra que ele encena seu complexo de castração em sua pele. Ele ocupou-se primeiramente sem arrependimento com seus cravos, tinha grande satisfação em espreme-los, pois nisso algo jorrava, como ele diz. Depois começou a achar que em todo lugar onde havia eliminado um cravo surgia uma funda cavidade, e recriminou-se violentamente por haver estragado para sempre a sua pele com sua "constante manipulação". É evidente que espremer o conteúdo dos cravos, para ele, é um substituto da masturbação. A cavidade que, por sua culpa, surgia então, é o genital feminino, ou seja, o cumprimento da ameaça de castração (ou da fantasia que a representa) provocada pela masturbação. (Freud, id.)<sup>273</sup>.*

As semelhanças entre o jorro de um cravo e a ejaculação, e entre o buraco de um cravo e a vagina, não são semelhanças entre as coisas. As semelhanças entre jorro do cravo e ejaculação, e o buraco do cravo e vagina, são quase inexistentes, pois na verdade não se trata de um jorro verdadeiro nem de um buraco, ao menos visíveis. São apenas metáforas, são parecidos apenas na linguagem, que se utiliza da imagem de um jorro para representar o que sai do cravo e de um buraco para se referir a um cravo espremido.

*o que empresta ... à formação de substituto e ao sintoma esquizofrênicos o caráter estranho (...) é a predominância da relação de palavra sobre a relação de coisa. Entre o espremer um cravo e uma ejaculação do pênis existe uma semelhança mínima de coisa, uma ainda menor entre os inúmeros e pouco profundos poros da pele e a vagina; mas no primeiro caso algo jorra a cada vez, e para o segundo vale, literalmente, a cínica frase que diz: 'um buraco é um buraco'. A igualdade da expressão linguística, não a semelhança das coisas designadas, prescreveu o substituto. (Freud, idem)<sup>274</sup>.*

---

<sup>273</sup> Ein Patient, den ich gegenwärtig beobachte, lässt sich durch den schlechten Zustand seiner Gesichtshaut von allen Interessen des Lebens abziehen. Er behauptet, Mitesser zu haben und tiefe Löcher im Gesicht, die ihm jedermann ansieht. Die Analyse weist nach, dass er seinen Kastrationskomplex an seiner Haut abspielt. Er beschäftigte sich zunächst reuelos mit seinen Mitessern, deren Ausdrücken ihm grosse Befriedigung bereitete, weil dabei etwas herausstritzte, wie er sagt. Dann begann er zu glauben, dass überall dort, wo er einen Comedo beseitigt hatte, eine tiefe Grube entstanden sei, und er machte sich die heftigsten Vorwürfe, durch sein "beständiges Herumarbeiten mit der Hand" seine Haut für alle Zeiten verdorben zu haben. Es ist evident, dass ihm das Auspressen des Inhaltes der Mitesser ein Ersatz für die Onanie ist. Die Grube, die darauf durch seine Schuld entsteht, ist das weibliche Genitale, d.h. die Erfüllung der durch die Onanie provozierten Kastrationsdrohung (resp. der sie vertretenden Phantasie). (Freud, id., Stud., p. 158) (Cia letras, p. 143/4).

<sup>274</sup> (Fragen wir uns,) was der schizophrener Ersatzbildung und dem Symptom den befremdlichen Charakter verleiht, (so erfassen wir endlich, dass) es das Überwiegen der Wortbeziehung über die Sachbeziehung ist. Zwischen dem Ausdrücken eines

Certamente um poro da pele não serviria para simular qualquer penetração, nem mesmo a sensação de um buraco em que algo penetra (como substituto da vagina, da boca e da membrana do ânus). A ausência de sensações é ainda mais clara no próximo exemplo, no qual o esquizofrênico demora para colocar a meia porque os buracos de suas malhas representavam a vagina (neste caso o buraco nem mesmo está no próprio corpo): *"Ao calçar as meias, por exemplo, incomodava-o a ideia de que teve de separar os pontos da malha, como buracos, e cada buraco para ele era o símbolo da abertura sexual feminina."* (Freud id.) <sup>275</sup>. A origem de seu incômodo estava no fato da mesma palavra, buraco, designar os buracos das malhas da meia e o buraco da vagina.

Portanto, o próprio corpo (seus órgãos, seus buracos e suas funções) são reconstituídos, recuperados, a partir das palavras, quer dizer, a partir de fora, a partir do que se diz de órgãos, buracos e funções, a partir do que os outros pensam disso.

Essa forma de recuperar o objeto, parece-nos, assemelha-se a reconciliação de Schreber com o objeto perseguidor, ao considerar-se escolhido por ele e com isso poder reinterpretar suas manipulações (que determinaram suas sensações hipocondríacas) como algo desejado. Se o objeto externo, hostil, primeiramente fez o eu perder suas referências, posteriormente, relacioná-lo com as feridas, agora desejadas, possibilita resgatar o eu como objeto (objeto deste outro externo) e não como sujeito dos impulsos.

Assim como o esquizofrênico recupera seu corpo através do que é dito dele, Schreber também recupera suas sensações corporais considerando-as expressão de ter sido escolhido por outra pessoa. Ambos recuperam o corpo, o eu, a partir de fora, a partir do que é dito, a partir da escolha do outro. Podemos então dizer que se a perseguição do objeto externo, o dano causado por ele, determinou uma ferida no narcisismo do sujeito, que fez ele perder suas próprias referências, posteriormente, ele tenta recuperar suas

---

Mitessers und einer Ejakulation aus dem Penis besteht eine recht geringe Sachähnlichkeit, eine noch geringere zwischen den unzähligen seichten Hautporen und der Vagina; aber im ersten Falle spritzt beide Male etwas heraus, und für den zweiten gilt wörtlich der zynische Satz: "Loch ist Loch". Die Gleichheit des sprachlichen Ausdrucks, nicht die Ähnlichkeit der bezeichneten Dinge, hat den Ersatz vorgeschrieben. (Freud, id., Stud., p. 159) (Cia letras, p. 145).

<sup>275</sup> Beim Anziehen der Strümpfe störte ihn z.B. die Idee, dass er die Maschen des Gewebes, also Löcher, auseinanderziehen müsse, und jedes Loch war ihm Symbol der weiblichen Geschlechtsöffnung. (Freud, id., p. 159) (Cia letras, p. 144).



referências, agora, não a partir de seu narcisismo subjetivo, não a partir de seus impulsos e de suas fantasias, de seu narcisismo primário, mas, a partir de fora de um outro que o toma como objeto. Constitui-se então o narcisismo de objeto, o narcisismo secundário. Na patologia, como na história filogenética, é a perda do narcisismo primário que instaura o narcisismo secundário, o narcisismo de objeto. Nos seres humanos em geral, na ontogênese, podemos supor, este narcisismo de objeto é também original, uma disposição inata que se caracteriza como disposição a ocupar uma posição passiva-masquista (como vimos presente no Homem dos Lobos).

Atentemos um pouco mais a relação que existe entre a sexualização da dor e o desejo de submissão a um objeto, antes considerado hostil. A sexualização da dor parece implicar em ceder à dominação do objeto hostil, em vez de reagir a ela.

Já vimos que o desejo de ser castrado, em Schreber e no Homem dos Lobos, corresponde ao desejo de se submeter ao desejo paterno. Em Schreber, a emasculação deixa de ser abominável e passa a ser divina. A castração e a dor passam a ser desejadas, passam a ser virtuosas. A sexualização da dor, o desejo do sofrimento, faz com que a dor, o sofrimento, seja concebida (o) como uma escolha.

Podemos supor que, em Freud, há duas formas de lidar com a castração (ou a ameaça dela): uma é a fuga, reação que normalmente temos diante da dor ou da ameaça dela, outra, no entanto é desejá-la, escolhe-la. Richard Simanke, analisando as duas possibilidades do complexo de Édipo (direto e invertido), diferencia o papel da castração em cada uma delas:

*Assim, a descrição do complexo de Édipo direto e invertido (...) revela duas possibilidades de satisfazer o desejo edípico: uma ativa, com o menino colocando-se em posição masculina, no lugar do pai, e uma passiva, em que tenta fazer-se substituir à mãe e ser amado pelo pai. Ora, Freud já assinalara antes, notadamente no caso do Homem dos Lobos, que ambas as opções acarretam a perda do pênis. Na primeira, como castigo pela usurpação do lugar do pai; na segunda, como decorrência da própria colocação em posição feminina, uma vez descoberta a castração da mulher. Não é difícil perceber contudo, que as duas ameaças não são da mesma ordem. Na segunda, a castração surge como efeito da própria escolha, ela é indissociável, por assim dizer, da opção assumida, enquanto na primeira ela surge como uma possibilidade não necessariamente concretizável, já que*

*permanece aberta para o sujeito a saída da renúncia pulsional.* (Simanke, A formação da teoria freudiana das psicoses, p.197).

O que nos interessa é a segunda posição, a crença na escolha da castração. Se a castração, na filogênese, foi algo infligido a partir de fora, ao deseja-la, sexualiza-la, se crê escolhê-la. Podemos então supor que em vez de se fugir da dor, em vez de tentar evitá-la, na posição passivo-masquista se passa a cultivá-la, intensificá-la, dotá-la de valor positivo. A hipocondria coincide com essa intensificação da dor, deste prazer sexual com a dor. Ao desejar a dor e a castração, no entanto, há uma negação (o que coincidiria com a alucinação negativa da esquizofrenia) da ação do outro. É como se houvesse a transformação de: ‘ele quer que eu sofra’ em ‘eu quero sofrer’.

Na amênia, segundo Freud, ocorre uma alucinação negativa, assim podemos supor que o pai como quem pratica a castração é negado. Perde-se a referência da castração: o objeto hostil que a provocou. Nega-se a realidade externa e fica-se com a dor, essa passa a ser sexualizada por meio da hipocondria. Nega-se a perseguição, intensificando os efeitos da mesma, desejando-os, dotando-os de uma certa sacralidade, como na transformação do delírio de perseguição de Schreber em delírio de grandeza. A perseguição paterna perde sua característica de perseguição, pois não se resiste mais a ela, e seus efeitos são transformados em algo desejado, tornam-se símbolo de virtude. Podemos supor que o objeto perseguidor é transformado em objeto amado ao qual se submete com prazer, em vez de defender-se dele o supervaloriza, o superestima.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud descreve o fenômeno da supervalorização do objeto. Diferente do amor da mulher, que do seu narcisismo ama só a si mesmo e que quer apenas ser amada, "*o amor objetal completo, segundo o tipo de apoio é propriamente característico do homem*" (Freud, 1914-1, Introdução ao narcisismo)<sup>276</sup>. O homem, neste caso, escolhe seu objeto de amor, de acordo com sua libido objetal e não narcisista. O que acontece então com a libido narcisista do homem? Transforma-se em supervalorização do objeto: o amor objetal "*mostra a surpreendente superestimação*

---

<sup>276</sup> Die volle Objektliebe nach dem Anlehnungstypus ist eigentlich für den Mann charakteristisch. (Freud, 1914-1, Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe, Band III, p. 54/5) (Cia letras, p. 33)

*sexual, que provavelmente deriva do narcisismo original da criança, e corresponde assim a uma transferência do mesmo para o objeto sexual" (Freud, idem) <sup>277</sup>. "O enamoramento [o apaixonar-se] consiste num transbordar da libido do eu para o objeto. ... Ele eleva o objeto sexual a ideal sexual" (idem) <sup>278</sup>.*

Trata-se de uma idealização, de um aumento das qualidades do objeto: "A idealização é um processo com o objeto, através do qual este, sem alteração na sua natureza, é aumentado e psiquicamente elevado ... Assim, a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização do mesmo" (idem) <sup>279</sup>. O aumento do poder do objeto, sua idealização, no entanto, tem como contrapartida o empobrecimento do eu: "Esta superestimação sexual permite o surgimento do peculiar... estado do enamoramento, que remonta assim a um empobrecimento do eu na libido em favor do objeto" (id.) <sup>280</sup>. O eu se empobrece, seu narcisismo é danificado pois é transferido para o objeto. O que significa isto? Podemos supor que o sujeito abre mão do seu narcisismo subjetivo, quer dizer, de sua onipotência de pensamentos e gestos, do narcisismo nos moldes do pai primitivo, de processos que proporcionam domínio sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a realidade e que ampliam sua vontade de poder. Quando se submete ao pai, portanto, na posição passiva-masoquista, é danificado o narcisismo do sujeito (o narcisismo primitivo), ele se empobrece, no entanto, é ampliado o narcisismo de objeto (a submissão tem em vista ser o objeto escolhido pelo pai, ser privilegiado).

Em *Psicologia das massas* Freud explicita ainda mais a equivalência entre o empobrecimento do eu, que ocorre no enamoramento (no apaixonar-se), quando ocorre a superestimação do objeto, e a submissão ao objeto, por exemplo, ao líder

---

<sup>277</sup> (Sie) zeigt die auffällige Sexualüberschätzung, welche wohl dem ursprünglichen Narzissmus des Kindes entstammt und somit einer Übertragung desselben auf das Sexualobjekt entspricht. (Freud, ibidem)

<sup>278</sup> Die Verliebtheit besteht in einem Überströmen der Ichlibido auf das Objekt. ... Sie erhebt das Sexualobjekt zum Sexualideal. (Freud, id., Stud., p. 67) (Cia letras, p. 49).

<sup>279</sup> Die Idealisierung ist ein Vorgang mit dem Objekt, durch welchen dieses ohne Änderung seiner Natur vergrößert und psychisch erhöht wird ... So ist zum Beispiel die Sexualüberschätzung des Objektes eine Idealisierung desselben. (Freud, id, Stud., p. 61) (Cia letras, p. 40/1).

<sup>280</sup> Diese Sexualüberschätzung gestattet die Entstehung des eigentümlichen ... Zustandes der Verliebtheit, der sich so auf eine Verarmung des Ichs an Libido zugunsten des Objektes zurückführt. (Freud, id, Stud., p. 55) (Cia letras, p. 33).

*Se a superestimação sexual e o enamoramento crescem ainda mais ... o eu se torna cada vez menos exigente, mais modesto, e o objeto cada vez mais grandioso, mais valioso; chega enfim na posse do inteiro amor-próprio do eu, de modo que o auto-sacrifício deste torna-se uma consequência natural. O objeto consumiu o eu, por assim dizer. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de automutilação estão presentes em todos os casos de enamoramento. (Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu )<sup>281</sup>.*

Trata-se da “servidão enamorada”, que corresponde ao empobrecimento do eu: *"O enamoramento em suas mais desenvolvidas formas, chamadas de fascinação e servidão enamorada ... o eu está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar de seu mais importante componente. (Freud, id.)<sup>282</sup>.*

A superestimação do objeto, que corresponde à humilde submissão, também, caracteriza a relação com o hipnotizador: *"Do enamoramento à hipnose o passo, evidentemente, não é grande. ... A mesma humilde submissão, mesma docilidade e ausência de crítica ante o hipnotizador, como diante do objeto amado. A mesma absorção da própria iniciativa" (id.)<sup>283</sup>.* A relação entre hipnotizador/hipnotizado corresponde à relação de alguém muito poderoso com um impotente desamparado, que paralisa o impotente: *"A hipnose tem um elemento adicional de paralisia que vem da relação entre um muito poderoso e um impotente desamparado" (id.)<sup>284</sup>.* O impotente (o hipnotizado) acredita que o muito potente rouba sua vontade: *"O hipnotizador afirma*

---

<sup>281</sup> Nehmen Sexualüberschätzung und Verliebtheit noch weiter zu, (so wird die Deutung des Bildes immer unverkennbarer.) ... das Ich wird immer anspruchsloser, bescheidener, das Objekt immer grossartiger, wertvoller; es gelangt schliesslich in den Besitz der gesamten Selbstliebe des Ichs, so dass dessen Selbstaufopferung zur natürlichen Konsequenz wird. Das Objekt hat das Ich sozusagen aufgezehrt. Züge von Demut, Einschränkung des Narzissmus, Selbstschädigung sind in jedem Falle von Verliebtheit vorhanden. (Freud, Studienausgabe, Band IX, Massenpsychologie und Ich-Analyse, p. 105/6) (Cia letras, p. 72).

<sup>282</sup> ... Verliebtheit in ihren höchsten Ausbildungen, die man Faszination, verliebte Hörigkeit heisst ... ist es verarmt, hat sich dem Objekt hingegeben, dasselbe an die Stelle seines wichtigsten Bestandteiles gesetzt. (Freud, id., Stud., p. 106) (Cia letras, p. 72/3).

<sup>283</sup> Von der Verliebtheit ist offenbar kein weiter Schritt zur Hypnose. ... Dieselbe demütige Unterwerfung, Gefügigkeit, Kritiklosigkeit gegen den Hypnotiseur wie gegen das geliebte Objekt. Dieselbe Aufsaugung der eigenen Initiative. (Freud, id., Stud., p. 107) (Cia letras, p. 73).

<sup>284</sup> Sie [die Hypnose] enthält einen Zusatz von Lähmung aus dem Verhältnis eines Übermächtigen zu einem Ohnmächtigen Hilflosen (Freud, id., Stud., p. 108) (Cia letras, p. 75).

*estar de posse de um poder misterioso, que rouba do sujeito a própria vontade, ou, o que é o mesmo, o sujeito acredita isso dele" (id.)* <sup>285</sup>.

O hipnotizado retira todo seu interesse do mundo e o concentra na figura do hipnotizador: a hipnose é *"o convite a retirar todo interesse do mundo e concentrá-lo na pessoa do hipnotizador"* (id.) <sup>286</sup>. Essa retirada do interesse do mundo é bastante semelhante à retirada do interesse e da libido do mundo, que ocorre na parafrenia. Se o interesse e a libido, na parafrenia, a princípio, voltam-se para o próprio eu, para ferida do eu, também, nela, se atribui super poderes aos objetos externos. Se o poder do objeto externo, de ter causado a dor, foi negado, a ele se atribui a própria vontade. A fantasia de fim de mundo, por exemplo, pode implicar nos dois mecanismos, como afirma Freud em uma nota de rodapé de *Introdução ao narcisismo*. *"Existem dois mecanismos desse 'fim do mundo': quando todo o investimento escoo para o objeto amado e quando todo ele reflui para o eu."* (Freud, 1914-1, Introdução ao narcisismo) <sup>287</sup>.

A relação de impotência diante de um poderoso, presente no enamoramento e na hipnose, corresponde também à relação do indivíduo da massa com o líder: *"A relação hipnótica seria ... uma formação de massa a dois ... a relação do indivíduo da massa com o líder"* (id.) <sup>288</sup>. Essa submissão passiva-masoquista, encontrada no hipnotizado e no indivíduo da massa, é considerada por Freud a herança arcaica da horda primitiva:

*Com suas medidas, portanto, o hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica, que também veio ao encontro dos pais e na relação com o pai experimentou uma revivência individual, a representação de uma personalidade muito potente e perigosa, diante da qual só podia se colocar passivo-*

---

<sup>285</sup> Der Hypnotiseur behauptet im Besitz einer geheimnisvollen Macht zu sein, die dem Subjekt den eigenen Willen raubt, oder, was dasselbe ist, das Subjekt glaubt es von ihm. (Freud, id., Stud, p. 117) (Cia letras, p. 88).

<sup>286</sup> Die Aufforderung, alles Interesse von der Welt abzuziehen und auf die Person des Hypnotiseurs zu konzentrieren. (Freud, id., Stud, p. 118) (Cia letras, p. 90).

<sup>287</sup> Es gibt zwei Mechanismen dieses Weltunterganges, wenn alle Libidobesetzung auf das geliebte Objekt abströmt und wenn alle in das Ich zurückfließt. (Freud, 1914-1, Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe, Band III, p. 44)

<sup>288</sup> die hypnotische Beziehung sei ... eine Massenbildung zu zweien. ... das Verhalten des Massen-individuums zum Führer. (Freud, id., Stud., p. 107) (Cia letras, p. 74).

*masoquistamente, para qual teve de perder sua vontade, parecendo um sério risco estar a sós com ela, 'cair-lhe sobre os olhos'. Apenas assim, aproximadamente, nós podemos representar a relação de um indivíduo da horda primitiva com o pai primitivo. ...*

*O líder da massa é ainda sempre o temido pai primitivo, a massa quer sempre ser dominada por uma força ilimitada, tem, no grau mais alto, vício de autoridade, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. (Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu)<sup>289</sup>.*

Colocar-se passivo-masoquistamente, perder a própria vontade em prol da autoridade, submeter-se irrestritamente, é portanto a disposição que trazemos de herança da psicologia dos filhos da horda primitiva. A castração, como símbolo desta posição submissa, é também herança filogenética, como Freud afirma em *O homem Moisés e a religião monoteísta*. O costume judeu da circuncisão faz reviver a castração que ocorria na horda primitiva, indicando, com isso, a submissão incondicional a vontade paterna:

*Quando ouvimos que Moisés 'santificou' seu povo pela introdução do costume da circuncisão, então agora compreendemos o sentido profundo dessa afirmação. A circuncisão é o substituto simbólico da castração que o pai primitivo outrora infligira aos filhos na plenitude da sua perfeição de poder, e quem aceitava esse símbolo mostrava, com isso, que estava pronto para submeter-se à vontade do pai, também quando ele lhe impusesse o sacrifício mais doloroso. (Freud, 1938, O homem Moisés e a religião monoteísta)<sup>290</sup>.*

Aceitar a castração, deseja-la, sentir prazer com ela, significa então submeter-se incondicionalmente ao castrador, atribuir a ele a vontade própria. A sexualização da dor, a hipocondria, portanto, é a condição para essa submissão, quer dizer, o masoquismo é

---

<sup>289</sup> Durch seine Massnahmen weckt also der Hypnotiseur beim Subjekt ein Stück von dessen archaischer Erbschaft, die auch den Eltern entgegenkam und im Verhältnis zum Vater eine individuelle Wiederbelebung erfuhr, die Vorstellung von einer übermächtigen und gefährlichen Persönlichkeit, gegen die man sich nur passiv-masochistisch einstellen konnte, an die man seinen Willen verlieren musste und mit der allein zu sein, "ihr unter die Augen zu treten" ein bedenkliches Wagnis schien. Nur so etwa können wir uns das Verhältnis eines Einzelnen der Urhorde zum Urvater vorstellen. ...

Der Führer der Masse ist noch immer der gefürchtete Urvater, die Masse will immer noch von unbeschränkter Gewalt beherrscht werden, sie ist im höchsten Grade autoritätssüchtig, hat nach Le Bons Ausdruck den Durst nach Unterwerfung. (Freud, 1921, Massenpsychologie und Ich-Analyse, Studienausgabe, Band IX, p. 118/9) (Cia letras, p. 91).

<sup>290</sup> Wenn wir hören, dass Moses sein Volk "heiligte" durch die Einführung der Sitte der Beschneidung, so verstehen wir jetzt den tiefen Sinn dieser Behauptung. Die Beschneidung ist der symbolische Ersatz der Kastration, die der Urvater einst aus der Fülle seiner Machtvollkommenheit über die Söhne verhängt hatte, und wer dies Symbol annahm, zeigte damit, dass er bereit war, sich dem Willen des Vaters zu unterwerfen, auch wenn er ihm das schmerzlichste Opfer auferlegte. (Freud, 1938, Der Mann Moses und die monotheistische Religion, Studienausgabe, Band IX, p. 567).

condição para a posição passiva diante do pai. Temos então todos os dados para compreender o que ocorreu na quarta fase filogenética:

*Essa segunda geração começa com os filhos, aos quais o pai primitivo, ciumento, nada concede. Nós defendemos em outro lugar (T e T), que ele os expulsava quando alcançavam a idade da puberdade. As experiências da ΨA advertem, porém, a colocar no lugar desta solução uma outra e mais cruel, quer dizer que ele despojava-os de sua masculinidade, depois do qual eles podiam permanecer na horda como trabalhadores auxiliares inofensivos. Os efeitos da castração naquele tempo primitivo, nós podemos imaginar como extinção da libido e paralização no desenvolvimento individual. Tal estado, a demência precoce parece repetir, uma vez que como hebrephrenia conduz para o abandono de todo objeto de amor, a involução de todas sublimações e retorno ao autoerotismo. O indivíduo jovem comporta-se assim como se tivesse sofrido a castração; sim, efetivas autocastrações não são raras nesta afecção (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>291</sup>.*

Como inferimos no final da terceira fase filogenética, o pai primitivo, super poderoso, arrogava-se o direito de infligir ao corpo de seus protegidos toda sorte de humilhações e torturas, descarregando assim seu poder sobre os impotentes. Entre estas torturas e mutilações certamente a mais importante é a castração, que impede os protegidos de ter acesso às mulheres da horda. O efeito da castração, no entanto, vai muito além da impossibilidade de ter acesso às mulheres. Primeiro, sua sexualidade, perversa e sublimada, como a do pai, se extinguiu: a libido se extinguiu e paralisou o desenvolvimento individual, abandonaram os objetos e involuíram as sublimações; enfim, involuiu o narcisismo do sujeito, seu poder e sua capacidade imaginativa. A forma de lidar com esse dano, causado pelo objeto hostil, no entanto, foi nova e surpreendente, como demonstra o estudo da parafrenia. Em vez de reagir ao agressor, sexualizou-se a dor. A libido voltou-se para o órgão dolorido e passou a satisfazer-se com a própria dor, com o próprio escoamento da excitação psíquica; a dor passou a ser acompanhada de

---

<sup>291</sup> "Diese zweite Generation hebt mit den Söhnen an, welchen der eifersüchtige Urvater nicht gewähren lässt. ... ΨA Erfahrungen mahnen. Wir haben an anderer Stelle (T u T) eingesetzt, dass er sie vertreibt, wenn sie das Alter der Pubertät erreicht haben. ΨA Erfahrungen mahnen aber, eine andere und grausamere Lösung an die Stelle zu setzen, nämlich dass er sie ihrer Mannheit beraubt, wonach sie als unschädliche Hilfsarbeiter in der Horde bleiben können. Den Effekt der Kastration in jener Urzeit dürfen wir uns wohl als Erlöschen der Libido und Stehenbleiben in der individuellen Entwicklung vorstellen. Solchen Zustand scheint die Dementia praecox zu wiederholen, die zumal als Hebrephrenie zum Aufgeben jedes Liebesobjekts, Rückbildung aller Sublimierungen und Rückkehr zum Autoerotismus führt. Das jugendliche Individuum verhält sich so, als ob es die Kastration erlitten hätte; ja, wirkliche Selbstkastrationen sind bei dieser Affektion nicht selten." (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, op. cit., p.77).

excitação sexual, surgindo a hipocondria. Podemos supor que a dor, não conduzindo à defesa, à reação, pôde ser intensificada e sexualizada. Dessa forma, desenvolvendo o prazer de submeter-se ao objeto hostil, desenvolvendo a posição passiva-masoquista, se pôde manter a relação com o pai e tornar-se um inofensivo trabalhador auxiliar. O que restava de vontade, do impulso, de narcisismo primário, foi atribuído ao pai e em vez de repudiar as ações dele sobre si mesmo, passou-se a desejar-las. Assim, os filhos se tornaram inofensivos trabalhadores não porque não tinham o órgão genital para ter acesso às mulheres, mas porque sexualizando a dor da castração inventaram a posição passiva-masoquista. Talvez não reagiram ao pai justamente porque a concentração na dor possibilitou a distração psíquica, o prazer (a sexualização), que impediu a reação contra o pai. Ou descobriram outro prazer e por isso deixaram de reagir ou, porque deixaram de reagir, acabaram por descobrir um novo prazer. O fato é que ao não reagir, ao não resistir aos castigos paternos, sexualizaram a dor. Ao mesmo tempo, ao não mais resistir aos castigos paternos, renunciaram à própria força e vontade de poder. A vontade e o comando de si mesmo foram transferidos para o objeto frente o qual não mais se resistia. Renunciaram aí a (ou perderam) o narcisismo do sujeito. O eu, no entanto, foi resgatado a partir dos efeitos da ação do pai. Organizou-se ao redor do efeito, do dano, da ação do pai. O eu foi então resgatado como objeto do pai. Constituiu-se o narcisismo de objeto.

É interessante lembrar que a primeira concepção de defesa patológica, exposta por Freud no *Projeto*, a concebia como um não reconhecimento do ataque do objeto hostil. A defesa patológica que, diferente da normal, não sofria o processo de desgaste, ocorria porque o eu era pego de surpresa por uma representação própria. Quer dizer, diante de uma vivência de dor,  $\Psi$  não reagia como devia, não se afastava desta percepção e de sua representação. Como uma determinada vivência de dor, por exemplo, a vivência de sedução, não era reconhecida como tal, sua recordação passava a fazer parte do eu, como se fosse uma representação indiferente. Quando sua natureza era compreendida e ela passava a produzir o afeto de desprazer, o eu não tinha como se defender dela senão reprimindo, como se fosse atual em cada novo investimento da representação. Algo similar acontece na demência ou na quarta fase filogenética. O ataque do pai é negado, o sujeito não resiste, não reage a ele (nos termos do *Projeto*, não o reconhece como um



ataque, como uma vivência de dor). No entanto, o ataque provoca efeitos imperiosos: a castração e a dor, que tomam inteiramente o sujeito (diante da dor, não há outro interesse possível). Portanto, essa ideia da ausência da reação defensiva esperada, que na quarta fase filogenética desemboca na posição passiva-masoquista, esteve já presente na primeira explicação de Freud da patologia. Como não se reagiu adequadamente a um ataque do objeto hostil, fica-se, de alguma forma, fixado a ele.

Podemos então dizer que, na segunda parte da história filogenética, Freud resgata algumas de suas formulações sobre a vivência e dor, sobre o objeto hostil e sobre a defesa patológica, do *Projeto*. No *Projeto*, Freud diferenciou explicitamente uma teoria referente à vivência de satisfação, de outra referente à vivência de dor. A primeira dizia respeito às quantidades internas, que depois do *Projeto* culminaram na teoria dos impulsos sexuais, como analisamos nos três capítulos precedentes. A teoria da vivência de dor dizia respeito a quantidades externas que se inseriam no interior do aparelho psíquico. Estas quantidades eram provocadas por (ou associadas a) um objeto externo hostil e correspondiam à dor. Diante delas o organismo reagia (defendia-se) por meio de uma ação motora de fuga ou ataque. Como vimos acima, na defesa patológica as quantidades externas se introduziam no aparelho psíquico, sem serem reconhecidas como provindas do exterior, e determinavam uma defesa tardia e patológica. Depois do *Projeto*, parece-nos, Freud abandonou suas formulações sobre a vivência de dor quando abandonou suas teorias traumática e da sedução. Suas formulações teóricas passaram então a versar muito mais sobre os impulsos (as quantidades internas) e a vivência de satisfação. A própria repressão, que no *Projeto* estava inserida na vivência de dor, passou a atuar sobre os objetos de desejo, portanto, a fazer parte da teoria da vivência de satisfação. Os objetos externos passaram a ter sua importância apenas enquanto objetos de satisfação dos impulsos. O objeto externo só era compreendido como hostil na medida em que impedia o acesso ao objeto de satisfação. No entanto, com os conceitos de hipocondria e posição passiva-masoquista, e a concepção de castração, realizada na filogênese pelo pai, ambos relacionados com a parafrenia, nos aproximamos novamente da ideia de uma quantidade cuja origem é a relação com um objeto hostil (neste sentido

uma quantidade externa que se internaliza). Também de forma similar a ideia de defesa patológica no *Projeto*, é suposto que, em alguns casos, essa quantidade não determina uma reação sobre o mundo, que seria capaz de descarrega-la. A quantidade permanece, senão aumenta, determinando defesas e descargas patológicas. No *Projeto*, determinando a defesa patológica; na filogênese e na parafrenia, determinando, em vez de reação contra o objeto hostil, castrador, sexualização da dor (a hipocondria) e a submissão ao objeto; determinando, portanto, a posição passiva-masoquista.

No capítulo anterior fizemos uma comparação da psicologia do pai primitivo com o tipo aristocrático, forte, de Nietzsche, seguindo a indicação de Freud de que o pai primitivo seria o além do homem nietzschiano, e tomando como base a interpretação do tipo aristocrático feita por Oswaldo Giacoia. Agora, é inevitável que façamos uma comparação da psicologia dos filhos, da horda primitiva, com o tipo psicológico escravo, fraco, de Nietzsche. Seguiremos novamente a interpretação de O. Giacoia.

Vejamos primeiramente, como o tipo aristocrático reage a seus sofrimentos, já que o sofrimento "*faz parte da condição humana afetando tanto o nobre como o plebeu*" (Giacoia, Nietzsche, como psicólogo, p. 83). Segundo Nietzsche:

*Todo sofredor, todavia, busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível de sofrimento - em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou in effigie: pois a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisto, segundo minha suposição, se há de encontrar a efetiva causalidade fisiológica do ressentimento, da vingança e seus aparentados, em uma exigência, pois, de entorpecimento da dor através do afeto.* (Nietzsche, Genealogia da moral, p. 116).

O nobre quando sofre encontra um culpado e sobre ele descarrega o afeto, por exemplo, de vingança, se aliviando. Essa descarga lhe entorpece. Como já havíamos visto no capítulo anterior, diante do ressentimento o tipo psicológico nobre reage imediatamente, esquecendo-o e não sendo envenenado por ele. Neste caso, o processo de

ressentimento *"consiste em mobilizar, voltando-a para uma causa externa 'culpada' pelo sofrimento, a descarga de um afeto tônico, para apagar da consciência a marca da dor vivenciada, fazendo-a se esquecer do infortúnio e liberando-a para novas impressões."* (Giacóia, id. p. 83). Mais precisamente, *"o ressentimento é um processo reativo, que pressupõe a vivência de sofrimento e a necessidade de desembaraçar-se dela por meio de uma descarga súbita de um afeto vigoroso, como meio de narcotização da consciência."* (Giacóia, id., p 84). Culpar um objeto como causa de nosso sofrimento e descarregar sobre ele nossos afetos é fisiologicamente saudável. Nos termos de Freud poderíamos dizer que associar a dor a um objeto hostil e defender-se dele pela fuga ou pelo ataque é um caminho primário facilitado e também, podemos supor, fisiologicamente saudável.

O que então, em Nietzsche, diferencia o ressentimento do tipo aristocrático e o do tipo escravo? Nos dois, há a narcotização da consciência, mas enquanto nos nobres a descarga que acompanha esta narcotização, este entorpecimento, é capaz de apagar a dor da consciência, nos escravos, a impossibilidade de uma descarga para fora faz com que o ressentimento narcoticamente envenene.

Assim, *"é a capacidade de liberar-se do sofrimento que diferencia o ressentimento do tipo aristocrático e do tipo escravo. Essa diferença está ligada à eficácia da descarga externa, bem como à potência da capacidade ativa de esquecimento"* (Giacóia, id. p. 84). O escravo, *"o tipo ressentido é aquele no qual ocorre uma inibição ou bloqueio na capacidade de descarga de energias e afetos em direção ao exterior"* (Giacóia, id. p.83). Por isso ele é impotente *"para afastar da consciência a dor vivida"*. Na medida em que *"a descarga do afeto para fins de narcotização da consciência e supressão da dor está inibida em sua direção para o exterior ... ela só pode escoar como extravagância do sentimento"* (id., p. 87), quer dizer, como *"intensificação de outra espécie de sofrimento psíquico"* (ibidem).

Portanto, como o tipo escravo é incapaz de descarregar o afeto em direção ao exterior, descarrega-o pela extravagância do sentimento, pela intensificação de outro sofrimento psíquico, com isso narcotiza a dor, mas é incapaz de afastá-la definitivamente da consciência. Ao contrário, o ressentimento permanece e envenena.

Essa diferença entre descarregar o afeto por meio de uma ação no mundo exterior e descarregar por meio da extravagância dos sentimentos, por meio da intensificação do sofrimento psíquico, parece-nos muito próxima da diferença entre as ações do pai primitivo e a impotência para agir dos filhos da horda primitiva. Diante da dor, em vez de culpar o pai e reagir prontamente contra o agressor, como faria o tipo forte, os filhos se submetem a dor, desejam a dor na medida em que a sexualizam, inventam um novo sofrimento psíquico, a posição passiva-masquista, e se entorpecem com ela (inventam o prazer masquista). A hipocondria a nosso ver corresponderia à intensificação do sofrimento psíquico que anestesia a própria dor da castração, fazendo doer todo o corpo.

Assim, tanto o ressentimento de tipo escravo, a submissão dos filhos castrados da horda, como a defesa patológica no *Projeto* tem como fundamento uma incapacidade de descarregar o afeto na direção do objeto que causou a dor (ou a quem se atribuiu a culpa da dor). Por outro lado, o tipo de descarga (patológica) por meio da extravagância dos sentimentos, do tipo escravo, aproxima-se da sexualização da dor, na hipocondria. Em ambos os casos não se esquece da dor, envenena-se com ela, se quer mais dor.

Acontece então na quarta fase filogenética o início daquilo que Nietzsche atribui à realização do sacerdote ascético (para Freud, a sexualização da dor): "*Já não havia queixas contra a dor, ansiava-se por ela; "mais dor! mais dor!" – gritou durante séculos o desejo de seus apóstolos e iniciados.*" (Nietzsche, 1887, id., p.130)

O sujeito mutilado se organiza a partir da sua própria ferida. O demente precoce, por vezes, realiza a autocastração. O delírio hipocondríaco organiza o parafrenico.

Citando Nietzsche, poderíamos dizer que é a ferida que o faz viver: "*quando ele se fere, esse mestre da destruição, da autodestruição - é a própria ferida que em seguida o faz viver*". (Nietzsche, 1887, Genealogia da moral, p. 111)

Esse mecanismo de viver a partir da ferida, será depois retomado, na sexta fase e, portanto, quando constituída a sociedade, por meio da saudade do pai e da sofisticação do mecanismo de autodestruição, de voltar a agressividade contra si mesmo, não contra o corpo, mas contra a própria origem da agressividade: contra os próprios impulsos. Podemos dizer que o desejo da submissão, disposição adquirida na quarta fase filogenética, teve seu papel na horda primitiva, possibilitou o convívio dos filhos com o pai primitivo, e terá um papel importantíssimo na submissão aos ideais coletivos quando constituída a sociedade (na sexta fase filogenética). Acreditamos que a compreensão desta disposição passiva-masquista é fundamental para compreensão da novidade do conceito de narcisismo de objeto, quer dizer, da posição de objeto do eu, e para a compreensão da submissão necessária aos ideais coletivos na sociedade humana.



## Capítulo VI

### Amor homossexual, o amor pelos iguais.

*vós, pregadores de igualdade! Tarântulas sois para mim, e seres ocultamente vingativos! ... “Vingança vamos praticar, e difamação de todos que não são iguais a nós” – assim juram os corações das tarântulas. “E ‘vontade de igualdade’ – esse mesmo será doravante o nome para ‘virtude’; e contra tudo que tem poder levantaremos nosso grito!” Ó pregadores da igualdade, é o delírio tirânico da impotência que assim grita em vós por “igualdade”; vossos mais secretos desejos tirânicos assim se disfarçam em palavras de virtude! (Nietzsche, Assim falou Zaratustra)<sup>292</sup>.*

Na quinta fase filogenética os filhos ameaçados de castração fogem e desenvolvem sentimentos homossexuais uns pelos outros:

*A mudança seguinte pode consistir apenas em que os filhos ameaçados da castração fugiram e aprenderam, ligados uns com os outros, a assumir a luta pela vida. A vida em comum precisou produzir sentimentos sociais e pôde ser construída sobre a satisfação homossexual. É muito possível que no legado desta fase de condições seja observada a disposição hereditária longamente buscada da homossexualidade. (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>293</sup>.*

Nesta fase, os filhos, ao fugirem da vivência de castração, desenvolveram outro tipo de homossexualidade que não a analisada na quarta fase filogenética e que implicava na castração. Na quarta fase filogenética, a homossexualidade tinha como objeto o pai, que exigia a castração do filho; agora os filhos fogem do pai (não se submetem a ele) e desenvolvem desejos homossexuais entre si. Nesta fase se estabelece uma relação entre os sentimentos para com o pai perseguidor e um novo tipo de sentimento, o amor pelos irmãos, pelos iguais, por aqueles igualmente perseguidos. A fuga, no caso, não foi uma

---

<sup>292</sup> Nietzsche, 1884, Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 95.

<sup>293</sup> "Die nächste Wandlung konnte nur darin bestehen, dass die bedrohten Söhne sich der Kastration durch die Flucht entzogen und lernten, miteinander verbündet den Kampf des Lebens auf sich zu nehmen. Dies Zusammenleben musste [die] sozialen Gefühle zeitigen und konnte auf homosexueller Sexualbefriedigung aufgebaut sein. Es ist sehr möglich, dass in der Vererbung dieser Zustandsphase die lange gesuchte hereditäre Disposition der Homosexualität zu erblicken ist." (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 78).

reação que pôs fim ao ressentimento para com o pai; o ódio para com o pai, o ressentimento para com ele, permaneceu e fez surgir o amor pelos irmãos. A ameaça da castração, a perseguição do próprio pênis foi um elemento que possibilitou a identificação com os irmãos igualmente ameaçados e a preocupação não só com o próprio pênis, consigo, mas também com os irmãos e com seus órgãos genitais.

Este novo caminho da libido tem, primeiramente, como na fase anterior, o próprio genital como objeto, mas agora não objeto da dor e sim da perseguição paterna; em seguida este novo caminho da libido implica na escolha amorosa de novos de objetos externos, objetos que tenham também genitais perseguidos pelo pai.

Na história da humanidade, então, os filhos precisaram, para manter seu pênis intacto, fugir do pai e se virarem sozinhos, sem o pai, mas junto com os irmãos igualmente fracos. Diferente da fase anterior, na qual a ferida tomou todo o interesse dos filhos, nesta fase os filhos puderam manter seu interesse voltado ao mundo e assumir a luta pela vida. Puderam ainda, a partir da identificação com os iguais, desenvolver um novo tipo de sexualidade, a escolha do outro, não porque ele satisfaz o impulso, mas porque ele é semelhante ao eu, quando este é tomado como objeto. Desenvolveram, assim, sentimentos ternos, sexuais, pelos semelhantes. Podemos supor que a percepção da ameaça comum desenvolveu a compaixão, a empatia pelo semelhante, e possibilitou que a indiferença pelos semelhantes se convertesse em amor (homossexual) e esse fosse transformado em sentimento social (sublimação da homossexualidade), o que proporcionou a manutenção das relações fraternas e a luta comum pela vida. Nesta fase surgem, portanto, como reação a ameaça paterna, os sentimentos sociais tão importantes para a humanidade: *"Os sentimentos sociais aqui originados, sublimados da homossexualidade transformaram-se, no entanto, em propriedade permanente da humanidade e fundamentos de toda sociedade posterior."* (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>294</sup>.

Também, nesta fase, constitui-se a disposição para a paranoia:

---

<sup>294</sup> "Die hier entstandenen, aus der Homosexualität sublimierten sozialen Gefühle wurden aber zum dauernden Menschheitsbesitz und zur Grundlage jeder späteren Gesellschaft." (Freud, Übersicht der Übertragungsneurosen, ibidem)



*A paranoia traz de volta visivelmente esta fase de condições; melhor, contra o retorno da mesma defende-se a paranoia, nela não faltam alianças secretas e o perseguidor tem um enorme papel. A paranoia busca repelir a homossexualidade que foi o fundamento da organização dos irmãos e precisa junto mover o acometido da sociedade e destruir suas sublimações sociais. (Freud, ibidem)<sup>295</sup>.*

Sabemos que os sintomas da paranoia são os delírios de perseguição e as alianças com o perseguidor. Estes sintomas então buscam repelir a homossexualidade voltada aos irmãos, constituída na quinta fase filogenética. Mais uma vez então o sintoma da patologia nos esclarece a origem da disposição: a origem da disposição da homossexualidade é a própria perseguição. Já vimos como a perseguição paterna acompanhada da castração provocou o surgimento da posição passiva masoquista, agora vemos que a mesma perseguição, desacompanhada da castração, provocou também o surgimento do amor entre os irmãos.

Vejamos então a disposição para a homossexualidade, compreendida como o amor entre os irmãos, entre os iguais. No caso Schreber, que analisamos no capítulo anterior (pois envolve elementos da demência e da paranoia, se trata de um caso de dementia paranoides), Freud descreve, no desenvolvimento do indivíduo (portanto, na ontogênese), o surgimento da escolha homossexual, depois da narcisista:

*o indivíduo que está em desenvolvimento, que unificou seus impulsos sexuais que trabalham de forma autoerótica para conseguir um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar para a escolha de objeto de uma outra pessoa. ... Neste si mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal. O prosseguimento deste caminho leva à escolha de um objeto com genitais semelhantes; ou seja, passa pela escolha objetual homossexual, até a heterossexualidade. Supomos que os homossexuais manifestos posteriormente nunca se libertaram da exigência de genitais iguais ao próprio no objeto. (Freud, 1911-2, Caso Schreber)<sup>296</sup>.*

---

<sup>295</sup> Diese Zustandsphase bringt aber ersichtlich die Paranoia wieder; richtiger, gegen die Wiederkehr derselben wehrt sich die Paranoia, bei der die geheimen Bündnisse nicht fehlen und der Verfolger eine grossartige Rolle spielt. Die Paranoia sucht die Homosexualität abzuwehren, welche die Grundlage der Brüderorganization war, und muss dabei den Befallenen aus der Gesellschaft treiben und seine sozialen Sublimierungen zerstören. (ibidem) .

<sup>296</sup> das in der Entwicklung begriffene Individuum, welches seine autoerotisch arbeitenden Sexualtriebe zu einer Einheit zusammenfasst, um ein Liebesobjekt zu gewinnen, zunächst sich selbst, seinen eigenen Körper zum Liebesobjekt nimmt, ehe es von diesem zur Objektwahl einer fremden Person übergeht. ... An diesem zum Liebesobjekt genommenen Selbst können bereits die Genitalien die Hauptsache sein. Der weitere Weg führt zur Wahl eines Objekts mit ähnlichen Genitalien, also über die homosexuelle Objektwahl, zur Heterosexualität. Wir nehmen an, daß die später manifest Homosexuellen sich von der Anforderung der den eigenen gleichen Genitalien beim Objekt nie frei gemacht haben" (Freud, Studienausgabe, Band VII, p. 185). Freud, Studienausgabe, Band

Assim, a homossexualidade descrita acima - diferente da homossexualidade voltada ao pai, que analisamos no capítulo anterior e que exigia a castração - tem os genitais conservados como objeto de amor e busca outras pessoas, outros objetos que também o possuam. Os sentimentos sociais, por sua vez, aqui também são derivados do homossexualismo:

*Depois de alcançada a escolha de objeto heterossexual, as tendências homossexuais não são abolidas ou suspensas, mas apenas desviadas da meta sexual e dirigidas para novos usos. Juntam-se com partes dos impulsos do eu, para, com eles, como componentes “apoiados”, constituir os impulsos sociais, e apresentam assim a contribuição do erótico à amizade, à camaradagem, ao sentimento comunitário e o amor pelos seres humanos em geral. (Freud, id.)<sup>297</sup>.*

Na paranoia, no entanto, como na quinta fase filogenética e diferente da demência precoce, é mantido o interesse pelo mundo.

*Não se pode afirmar que o paranoico retirou completamente o seu interesse do mundo externo ... como se deve descrever de algumas outras formas de psicose alucinatória (amênia de Meynert) Ele percebe o mundo externo, ele dá razões para as mudanças é incitado pela impressão do mundo a elaborar explicações (...) e por isso acho bem mais provável que sua relação alterada com o mundo se explique apenas ou sobretudo pelo fim do interesse libidinal. (Freud, id.)<sup>298</sup>.*

Na paranoia, portanto, a libido que é retirada em direção aos genitais e não o interesse provindo do eu. Isso porque, podemos supor, neste caso, não há ferida, não há dor, não há castração. Há sim afeto, temor diante da ameaça de castração, diante da perseguição. Portanto aqui também o eu não se coloca em uma posição de submissão incondicional (diante de um objeto superestimado), ainda que sua posição seja de objeto.

---

VII, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia, p. 184) (Cia letras, p. 81) (as traduções deste texto são minhas baseadas na tradução de Paulo Cesar de Souza).

<sup>297</sup> Nach der Erreichung der heterosexuellen Objektwahl werden die homosexuellen Strebungen nicht etwa aufgehoben oder eingestellt, sondern bloss vom Sexualziel abgedrängt und neuen Verwendungen zugeführt. Sie treten nun mit Anteilen der Ichtriebe zusammen, um mit ihnen als 'angelehnte' Komponenten die sozialen Triebe zu konstituieren, und stellen so den Beitrag der Erotik zur Freundschaft, Kameradschaft, zum Gemeinsinn und zur allgemeinen Menschenliebe dar. (Freud, id, Stud, p. 185) (Cia letras, p.81/2).

<sup>298</sup> Man kann nicht behaupten,, dass der Paranoiker sein Interesse von der Aussenwelt völlig zurückgezogen hat ... wie man es etwa von gewissen anderen Formen von halluzinatorischen Psychosen beschreiben muss (Meynerts Amentia). Er nimmt die Aussenwelt wahr, er gibt sich Rechenschaft über ihre Veränderungen, wird durch ihren Eindruck zu Erklärungsleistungen angeregt (die 'flüchtig hingemachten' Männer), und darum halte ich es für weitaus wahrscheinlicher, dass seine veränderte Relation zur Welt allein oder vorwiegend durch den Ausfall des Libidointeresses zu erklären ist. (Freud, id, Stud., p. 197) (Cia letras, p. 99).

Para compreender a disposição da quinta fase, diferenciemos melhor os dois tipos de homossexualidade, um voltado ao pai e outro voltado aos irmãos, pois eles não são explicitamente diferenciados por Freud. Podemos dizer que a homossexualidade voltada ao pai é compatível com a castração, enquanto que a homossexualidade voltada para os irmãos coincide com um repúdio à castração. Vimos que o desejo de Schreber de ser objeto de amor do pai completa-se com o desejo de ser castrado, de ser mulher para ele. É verdade que esse desejo foi interpretado como uma transformação de um medo anterior da castração (o desejo foi concebido como uma reconciliação com a castração, antes temida). Inclusive supusemos que esta foi a sequência filogenética. Mas mesmo sendo uma conciliação posterior, mesmo supondo uma aversão anterior à castração, se, neste caso, se tratasse da mesma disposição homossexual que exige do objeto um genital igual ao próprio, a conciliação negaria justamente aquilo que era sua condição. Acreditamos, ao contrário, que são duas disposições homossexuais distintas e a história filogenética nos dá elementos para distingui-las.

Mas se em Schreber estas disposições não são bem diferenciadas, bem diferente ocorre no Homem dos Lobos. Neste texto, Freud diferencia explicitamente uma tendência passiva-masquista dirigida ao pai de uma outra tendência, que se opõe à castração, a tendência narcisista masculina. Neste caso, é verdade, Freud não diferencia dois tipos de homossexualidade, ele só se refere ao primeiro tipo de homossexualidade (relativa à posição passiva masquista, como vimos no capítulo anterior), mas a oposição narcisista a esta posição parece-nos essencial para podermos compreender o amor pelos iguais. Vemos aqui um narcisismo, que certamente não é o narcisismo do pai primitivo (narcisismo do sujeito), mas não é também um narcisismo baseado na submissão paterna. O narcisismo masculino do Homem dos Lobos é ainda um narcisismo de objeto, o eu se organiza a partir da posição de objeto, mas um narcisismo que se caracteriza como uma oposição à castração envolvida na posição passiva-masquista. Acreditamos que o narcisismo masculino do Homem dos Lobos, que se opõe à castração, é a base da identificação que precede o amor homossexual. Vejamos o caso do Homem dos Lobos mais com mais vagar.

No caso do Homem dos Lobos, a cronologia dos eventos que determinaram a neurose do paciente parecem-nos apresentar uma correspondência muito direta com os eventos elencados na história filogenética: o primeiro evento, importante do caso, fez da sexualidade do paciente algo altamente plástico, apesar de guardar uma estreita relação com a função sexual biológica (o que, na nossa interpretação, remete à primeira parte da história filogenética, especialmente, à segunda fase filogenética); o segundo evento determinou uma posição passiva, castrada, do paciente (o que corresponde à quarta fase filogenética); e o terceiro evento caracterizou-se por uma forte oposição à castração, apesar de manter o narcisismo de objeto do paciente (o que corresponde, finalmente, à quinta fase filogenética)<sup>299</sup>.

Antes de analisar cada um destes eventos mais detidamente, atentemos aos comentários finais de Freud, deste caso, sobre o patrimônio instintivo (instinktiv) e os esquemas filogenéticos herdados. Se a leitura do texto pode nos levar a não diferenciar o patrimônio instintivo dos esquemas filogenéticos herdados<sup>300</sup> - ambos, heranças que recebemos da espécie -, uma leitura à luz da história hipotética dos tempos glaciais pode esclarecer a diferença entre eles. Efetivamente, Freud afirma que a análise do caso clínico apresenta dois problemas, o primeiro diz respeito aos esquemas filogenéticos herdados e o segundo problema ao patrimônio instintivo (instinktiv). A separação em dois problemas distintos, ao menos, nos estimula a buscar uma diferença entre os dois conceitos. Começemos pelo segundo conceito: o patrimônio instintivo.

Depois de comentar sobre os esquemas filogenéticos, Freud afirma:

*O segundo problema ... é sem comparação mais importante. Se considerarmos o comportamento da criança de quatro anos diante da **cena primária** reativada, e mesmo se pensarmos apenas nas reações bem mais simples da criança de um ano e meio no vivenciar desta cena, dificilmente pode-se afastar a concepção de que **uma espécie de saber dificilmente definível, algo como uma preparação à compreensão**, participa, nesta ocasião, na criança. Em quê pode consistir isso escapa a qualquer representação; temos à disposição apenas uma excelente*

---

<sup>299</sup> Os três eventos, a saber, são: assistir o coito dos pais, ter sido seduzido pela irmã e o sonho dos lobos, que analisaremos em seguida.

<sup>300</sup> É o que fizemos quando, no capítulo 3, quando analisamos os esquemas filogenéticos.

*analogia com o vasto saber instintivo dos animais. (Freud, 1914-2 [p. 1918], O homem dos Lobos)*<sup>301</sup>.

Trata-se, portanto, de um saber instintivo, análogo ao dos animais. Esse saber instintivo aparece primeiramente como uma analogia, no entanto, seu conteúdo, apesar de dificilmente definível, é bem preciso: a compreensão (ou a preparação para a compreensão) da cena primária, quer dizer, a compreensão do ato sexual, do coito. Ao presenciar o coito dos pais, a criança, até a de um ano e meio de idade, compreende que o que os pais fazem é sexual. O caráter de analogia desse conhecimento é, então, rapidamente abandonado por Freud para se caracterizar como âmagdo do inconsciente, que retorna na repressão:

*Havendo um tal patrimônio instintivo também no homem, não seria de espantar se ele se referisse particularmente aos processos da vida sexual, embora não possa de maneira alguma limitar-se a eles. Este instintivo seria o âmagdo do inconsciente, uma primitiva atividade do espírito que posteriormente é destronada e sobreposta pela razão humana adquirida, mas muito frequentemente, talvez sempre, mantém a força para fazer baixar até si os processos anímicos mais elevados. A repressão seria o retorno a este estágio instintivo. (Freud, ibidem)*<sup>302</sup>

Não devemos esquecer que aqui Freud não está falando de Trieb, trata-se de um dos poucos momentos, em toda sua obra, que ele usa o termo Instinktive. Podemos supor que se trata de algo mais animal, mais biológico que a Trieb, e que está no âmagdo do inconsciente, quer dizer que exerce uma constante força regressiva nas atividades do espírito. Qual o conteúdo dessa força regressiva? O saber sobre a cena primária, quer dizer, o saber sobre o ato sexual. O menino (dos Lobos) se excita perante o ato sexual, ao assistir o ato, e se coloca nas mais diversas posições: do pai, da mãe, do voyer,

---

<sup>301</sup> grifo nosso. Das zweite Problem liegt von diesem nicht fernab, es ist aber ungleich bedeutsamer. Wenn man das Verhalten des vierjährigen Kindes gegen die reaktivierte Urszene in Betracht zieht, ja wenn man nur an die weit einfacheren Reaktionen des 1 1/2jährigen Kindes beim Erleben dieser Szene denkt, kann man die Auffassung schwer von sich weisen, dass eine Art von schwer bestimmbarém Wissen, etwas wie eine Vorbereitung zum Verständnis, beim Kinde dabei mitwirkt. Worin dies bestehen mag, entzieht sich jeder Vorstellung; wir haben nur die eine ausgezeichnete Analogie mit dem weitgehenden *instinktiven* Wissen der Tiere zur Verfügung. (Freud, 1914-2 [p.1918], Aus der Gesicht einer infantilen Neurose, Studienausgabe, Band VIII, p. 230) (Cia letras, p 158/9) (As traduções deste texto são minhas, baseadas na tradução de Paulo Cesar de Souza.

<sup>302</sup> Gäbe es einen solchen instinktiven Besitz auch beim Menschen, so wäre es nicht zu verwundern, wenn er die Vorgänge des Sexuallebens ganz besonders beträfe, wengleich er auf sie keineswegs beschränkt sein kann. Dieses Instinktive wäre der Kern des Unbewussten, eine primitive Geistestätigkeit, die später durch die zu erwerbende Menschheitsvernunft entthront und überlagert wird, aber so oft, vielleicht bei allen, die Kraft behält, höhere seelische Vorgänge zu sich herabzuziehen. Die Verdrängung wäre die Rückkehr zu dieser instinktiven Stufe. (Freud, ibidem)

daquele que interrompe o ato. O saber instintivo, no caso, parece ser um conhecimento prévio sobre as relações existentes entre o ato sexual (no caso, visto) e a excitação sexual e suas mais diversas possibilidades de satisfação, quer dizer, entre o ato sexual e os impulsos sexuais, no sentido de Trieb. Podemos dizer que se trata de um conhecimento inconsciente de que Trieb tem a ver com o ato sexual biológico, algo similar ao conhecimento de Hans sobre a vagina (que analisamos no segundo capítulo). O saber instintivo então parece ser um saber sobre a origem da sexualidade humana, quer dizer, sua função biológica. A vivência do menino dos Lobos diante da cena primária corresponde, portanto, à segunda fase da história dos tempos glaciais, quando aquele saber sexual instintivo tornou-se impulso sexual (Trieb) e se satisfaz das mais variadas formas, determinadas pelas vivências de satisfação. Esse instinto foi destronado e sobreposto pela razão humana quando, na terceira fase filogenética, o impulso sexual (Trieb) deixou, no seu desenvolvimento, de conduzir ao instinto e foi sublimado. Podemos então considerar como patrimônio instintivo do homem o saber de que seu instinto sexual biológico transformou-se em impulso sexual, parcial, perverso e polimorfo. São patrimônios, então, o impulso parcial, perverso e polimorfo, e sua relação com o instinto sexual biológico.

E o que seriam os esquemas filogenéticos? Já abordamos o esquema filogenético, no capítulo 3 (cf. p. 120), considerando-o algo similar ao patrimônio instintivo definido acima. Retomemos agora a mesma citação de Freud, esforçando-nos para distingui-lo do patrimônio instintivo. Como afirmamos acima este é o primeiro problema que, segundo Freud, o caso do Homem dos Lobos traz:

*Apenas dois, dos numerosos problemas que ele [o caso clínico] sugere, ainda me parecem dignos de um relevo especial. O primeiro diz respeito aos esquemas trazidos filogeneticamente, que, como as “categorias” filosóficas cuidam da acomodação das impressões da vida. Quero defender a concepção de que eles seriam precipitados da história da cultura humana (Freud, idem)<sup>303</sup>.*

---

<sup>303</sup> Nur noch zwei der zahlreichen Probleme, die er anregt, scheinen mir einer besonderen Hervorhebung würdig. Das erst betrifft die phylogenetisch mitgebrachten Schemata, die wie philosophische "Kategorien" die Unterbringung der Lebenseindrücke besorgen. Ich möchte die Auffassung vertreten, sie seien Niederschläge der menschlichen Kulturgeschichte. (Freud, id., Stud., p. 229) (Cia letras p. 157/8).

De acordo com esse trecho, o esquema trazido filogeneticamente, a maneira das categorias filosóficas de Kant, organizaria as impressões. Neste sentido o esquema filogenético seria algo similar ao patrimônio instintivo, pois, como vimos anteriormente, uma imagem (na qual a criança não tem nenhuma impressão tátil, impressão que deveria ser a origem da sexualidade infantil) é percebida, interpretada, como sexual. Podemos supor que o saber inconsciente sobre a função sexual biológica faz com que a impressão visual de um coito seja organizada como sexual e provoque a excitação sexual (que buscará satisfação por meio de uma ação que restabeleça uma impressão tátil). O esquema filogenético, no caso, possibilitaria, por um lado, a organização dos diversos prazeres corporais como prazeres sexuais, no sentido biológico (o que determinaria o desenvolvimento rumo à genitalidade); e, por outro lado, a organização daquilo que tem conteúdo sexual biológico (relacionado com o coito) como prazer corporal. Neste sentido o patrimônio instintivo (ou os esquemas filogenéticos), organizaria as impressões determinando direções progressivas ou regressivas.

No entanto, no trecho analisado do Homem dos Lobos, Freud dará um exemplo um pouco diferente dos esquemas filogenéticos. Depois de afirmar que o complexo de Édipo é um exemplo deste esquema, escreve:

*Onde as vivências não se encaixam no esquema hereditário, sucede uma remodelação delas na fantasia ... Precisamente estes casos são adequados para nos demonstrar a existência autônoma do esquema. Nós podemos frequentemente notar que o esquema triunfa sobre a vivência individual, assim quando no nosso caso, em que o pai se torna o castrador e ameaçador da sexualidade infantil, não obstante um complexo de Édipo antes invertido (Freud, ibidem) <sup>304</sup>.*

Quando o esquema remodela a vivência? Quando o pai, na vivência, em nada ameaçador, é, no entanto, percebido como ameaçador ou castrador. Quando a ameaça da castração realizada por outra pessoa é interpretada como se tivesse sido feita pelo pai. Podemos supor que isso ocorre porque, se o pai não ameaça diretamente o pênis devido à

---

<sup>304</sup> grifo nosso. Wo die Erlebnisse sich dem hereditären Schema nicht fügen, kommt es zu einer Umarbeitung derselben in der Phantasie (deren Werk im einzelnen zu verfolgen, gewiss nutzbringend wäre). Gerade diese Fälle sind geeignet, uns die selbständige Existenz des Schemas zu erweisen. Wir können oft bemerken, dass das Schema über das individuelle Erleben siegt, so wenn in unserem Falle der Vater zum Kastrator und Bedroher der kindlichen Sexualität wird, trotz eines sonst umgekehrten Ödipuskomplexes. Eine andere Wirkung ist es, wenn die Amme an die Stelle der Mutter tritt oder mit ihr verschmolzen wird. Die Widersprüche des Erlebens gegen das Schema scheinen den infantilen Konflikten reichlichen Stoff zuzuführen. (Freud, ibidem).

atividade masturbatória (como foram as ameaças ao "menino dos lobos"), ele ameaça a sexualidade voltada para a mãe e, por isso, a primeira ameaça ganha o esquema da segunda. Mas, neste caso, o esquema filogenético não estaria propriamente deformando a vivência, mas emprestando o conteúdo de uma vivência mais significativa (do desejo e da interdição do objeto materno) a uma vivência menos significativa (da proibição da masturbação). À luz da história da horda primitiva podemos, no entanto, supor que o que é deformado, devido aos esquemas filogenéticos, é a figura do pai, que passa de alguém amado, como o é para o menino dos Lobos, a alguém que é castrador. Ele não só interdita o objeto materno mas ele efetivamente exige a castração, exige a submissão irrestrita.

Neste caso, então, os esquemas filogenéticos herdados remeteriam diretamente ao pavor do pai primitivo, responsável pela posição passiva-masquista e pela fuga do mesmo. Remeteriam não as características do impulso sexual, mas às relações de poder que foram constituídas na história da espécie humana. Os esquemas filogenéticos que podem deformar a vivência recuperam disposições de submissão, sem as quais não se constitui a vida social. Assim, se considerarmos também o patrimônio instintual um esquema filogenético, poderíamos dizer que há dois tipos de esquemas: um que organiza as vivências de cada indivíduo a partir das modificações do impulso sexual nos seres humanos (a partir de seu patrimônio instintivo), assim por exemplo as vivências de prazer são sexualizadas, recordadas, associadas, tornam-se metas das ações do sujeito; outros esquemas filogenéticos são aqueles que resgatam no sujeito uma posição de submissão que, se não é determinada pela própria história do sujeito (se não há alguém que o submeta violentamente), o é pela história filogenética. Por que no primeiro caso, Freud fala de instinto e no segundo de filogênese, no caso, de história da espécie? Parece-nos que porque no primeiro caso se trata da constituição do eu como sujeito, quer dizer, da atividade do sujeito. O ser ativo não precisa de um exterior para se constituir (como vimos na afirmação de si do tipo nobre), o exterior só potencializa a atividade do sujeito. Já no segundo caso se trata da constituição do eu como objeto, da passividade do eu, o que exige, para se constituir, um objeto externo que o tome como objeto, frente o qual possa se submeter ou se opor. Se a cena primária (que será considerada por Freud, também uma fantasia originária) remete ao primeiro tipo de esquema filogenético, que



constitui o eu como sujeito; a fantasia originária da castração remete ao segundo tipo de esquema filogenético, que constitui o eu como objeto, um tipo fraco submetido a um tipo forte. Podemos dizer que a castração é símbolo de uma história e da posição do indivíduo nesta história: como sujeito (castrador) ou como objeto (castrado), ou como as duas posições simultâneas, como veremos ocorrer depois do parricídio, mais uma duplicidade que caracteriza o eterno conflito do indivíduo.

Poderíamos então afirmar que temos dois tipos de herança filogenética: a primeira, instintiva (instinktiv), refere-se aos caminhos que o impulso sexual (biológico) tomou no ser humano (tornou-se Trieb, plástico, polimorfo e posteriormente expressou-se no pensar e no agir, dando-lhes energia, tornando-os algo semelhante à vontade de poder), herança que na história dos tempos glaciais corresponde às três primeiras fases, com sua referência no período anterior ao tempo glacial (quando o impulso cumpria uma função biológica). A segunda herança seria propriamente a filogenética, quer dizer, determinada pela história de dominação da horda. História na qual a dor e a posição passiva-masquista (diante do castrador) foram sexualizadas. Agora, veremos uma terceira herança filogenética: o narcisismo masculino, que se desenvolve diante da ameaça da castração.

Analisemos então o caso do Homem dos Lobos a partir da sua cronologia, a fim de entendermos o narcisismo masculino, correspondente à fuga diante do castrador (e da castração), que, de acordo com a história filogenética, é a base do amor homossexual.

No caso do Homem dos Lobos, há três vivências que organizam a neurose: 1ª) a observação do coito dos pais (da cena primitiva), 2ª) a sedução por parte da irmã e 3ª) o sonho dos lobos.

A primeira vivência ocorreu quando ele tinha um ano e meio. Há uma longa discussão por todo o texto de se essa observação de fato ocorreu ou se foi um fruto posterior da fantasia do Homem dos Lobos. Segundo Freud o fato da observação do coito completar, como uma peça em um quebra cabeça, todos os detalhes da neurose fala a favor da observação efetiva da cena. Freud aventa a hipótese de que talvez depois de o

menino observar um coito de animais no campo, formou a fantasia de que observara também seus pais copulando quando os viu juntos no quarto. Mas os detalhes da vivência: a posição dos pais, a visão dos genitais, o horário em que ocorreu (à tarde, quando subia sua febre devido à malária), a interrupção do coito com o urinar do menino, parecem levar à ideia de que de fato o menino observou o coito. No final do texto, no entanto, depois da discussão sobre o patrimônio instintivo, numa nota acrescentada em 1923, Freud apresenta assim essa vivência na cronologia dos eventos mencionados na história: *"Um ano e meio: Malária. Observação do coito dos pais ou de uma união dos mesmos, na qual ele posteriormente inscreveu a fantasia do coito."* (id.)<sup>305</sup>. Nesta nota, já não parece ter importância para Freud se o menino observou ou não o coito. Uma vez que se trata de um patrimônio instintivo o conhecimento da função sexual biológica e sua relação com os prazeres (sexuais) corporais, ver os pais ou os animais realizando as funções biológicas sexuais não é necessário para o conhecimento das mesmas. O que interessa no caso é que esse conhecimento faz com que a sexualidade despertada pela visão associada ele, desmembre-se e se espalhe por todos os detalhes da vivência (ou das vivências). Assim, é como se um saber instintivo fizesse com que, diante de uma visão da função sexual biológica (do coito dos pais), fosse despertado o instinto sexual que, transformado em impulso sexual, busca satisfazer-se das mais diversas maneiras a partir daquilo que foi visto.

Acompanhemos então a análise da cena primitiva. A primeira menção a ela é relativa à análise do sonho dos lobos, ocasião na qual a imagem reapareceu: *"O que naquela noite [do sonho] foi ativado, a partir do caos de rastros de impressões inconscientes, foi a imagem de um coito entre os pais, em circunstâncias não muito comuns e bastante propícias à observação."* (Freud, id.)<sup>306</sup>.

---

<sup>305</sup> 1 1/2 Jahre: Malaria. Beobachtung des Koitus der Eltern oder jenes Beisammenseins derselben, in das er später die Koitusphantasie eintrug. (Freud, id., Stud., p. 231) (Cia letras, p. 160).

<sup>306</sup> Was in jener Nacht aus dem Chaos der unbewussten Eindrucksspuren aktiviert wurde, war das Bild eines Koitus zwischen den Eltern unter nicht ganz gewöhnlichen und für die Beobachtung besonders günstigen Umständen. (Freud, id., Stud., p. 156) (Cia letras, p. 51).

A cena pôde ser reconstruída a partir da interpretação de diversas repetições do mesmo sonho:

*Chega-se a obter gradualmente respostas satisfatórias para todas as questões que podiam ligar-se a esta cena, na medida em que aquele primeiro sonho no curso da cura repetiu-se em inúmeras variações e novas edições, para as quais a análise ofereceu o esclarecimento desejado.* (Freud, id.)<sup>307</sup>.

Assim, se reconstituiu a idade do menino na ocasião da cena, a malária que sofria na época, o horário da febre devido a qual era colocado no quarto de seus pais, o dia quente de verão em que os pais fizeram a sesta vespertina semidespidos, e, finalmente, a própria cena: *“Quando ele acordou, foi testemunha de um coito a tergo [por trás] repetido três vezes, pôde ver os genitais da mãe como o membro do pai, e compreendeu tanto o acontecimento como a seu significado”.* (Freud, id.)<sup>308</sup>.

Aqui é, portanto, claro qual é o patrimônio instintivo: o menino compreendeu a cena e seu significado. Seu significado certamente sexual. Desta cena, desdobrar-se-ão várias possibilidades de satisfação sexual: *“da cena primitiva não partiu uma única corrente sexual, mas toda uma série delas, verdadeiramente uma fragmentação da libido.”* (id.)<sup>309</sup>. Uma corrente desenvolvida a partir da observação da cena primária foi a do desejo pela mãe. Esta corrente foi reeditada primeiramente no amor por uma menina babá, Grucha, expresso na cena que ocorreu, pouco antes de dois anos e meio: *“um dia emergiu, tímida e indistintamente, um tipo de lembrança, de que bem cedo ... precisou existir uma menina babá, que o amava muito”*<sup>310</sup> ... *“Logo depois veio a lembrança de uma cena, incompleta, mas enquanto era conservada, precisa. Grucha estava no chão,*

---

<sup>307</sup> Es gelang allmählich, für alle Fragen, die sich an diese Szene knüpfen konnten, befriedigende Antworten zu erhalten, indem jener erste Traum im Verlauf der Kur in ungezählten Abänderungen und Neuauflagen wiederkehrte, zu denen die Analyse die gewünschten Aufklärungen lieferte. (Freud, ibidem).

<sup>308</sup> Als er erwachte, wurde er Zeuge eines dreimal wiederholten *coitus a tergo*, konnte das Genitale der Mutter wie das Glied des Vaters sehen und verstand den Vorgang wie dessen Bedeutung. (Freud, id., p. 157) (Cia letras, p. 52/3).

<sup>309</sup> nicht etwa eine einzige Sexualströmung von der Urszene ausgegangen ist, sondern eine ganze Reihe von solchen, geradezu eine Aufsplitterung der Libido. (Freud, id., Stud., p. 162) (Cia letras, p. 62).

<sup>310</sup> Eines Tages tauchte schüchtern und undeutlich eine Art von Erinnerung auf, es müsste sehr frühe, (noch vor der Kinderfrau,) ein Kindermädchen gegeben haben, das ihn sehr lieb hatte (Freud, id., Stud., p. 204). (Cia letras, p. 121).

*junto a ela um balde e uma vassoura curta, de varetas atadas, ele estava ali, ela o provocava ou o desfazia.*"<sup>311</sup>. Outras associações do paciente puderam completar a cena com Gruscha, na qual o urinar e a própria ameaça de castração tiveram um caráter lúdico, divertido, de brincadeira:

*Esse material juntou-se sem constrangimento para preencher as lacunas na lembrança da cena com a Gruscha. Ele teria, quando viu a menina na limpeza do chão, urinado no recinto e ela, sobre isso, proferiu, certamente de forma divertida, uma ameaça de castração.* (Freud, id.)<sup>312</sup>.

A cena com Gruscha então se liga a cena primitiva, do coito dos pais.

*Esse episódio da primeira infância estabelece uma importante ligação entre a cena primitiva e a posterior compulsão amorosa ... e introduz além disso uma condição do amor que esclarece esta compulsão.*

*Quando ele viu a menina no chão, ocupada em lavá-lo, ajoelhada, as nádegas projetadas, o dorso mantido em linha horizontal, ele reencontrou nela a posição que a mãe tomou na cena do coito. Ela se tornou, para ele, a mãe, a excitação sexual, devido à ativação daquela imagem, o atingiu, e comportou-se masculinamente perante a ela, como o pai, cuja ação, naquele momento, ele poderia ter compreendido apenas como um urinar. Seu urinar no chão foi propriamente uma tentativa de sedução, e a menina respondeu a isso com uma ameaça de castração, como se ela o tivesse compreendido.* (Freud, id.)<sup>313</sup>.

Depois da cena da Gruscha, então, se liga à corrente sexual masculina o urinar como sua expressão, a posição rebaixada do objeto sexual, da mulher, na relação sexual, e a divertida, brincalhona, ameaça de castração (Gruscha o provoca e se desfaz dele).

---

<sup>311</sup> Sehr bald kam nun die Erinnerung an eine Szene, unvollständig, aber soweit sie erhalten war, bestimmt. Gruscha lag auf dem Boden, neben ihr ein Kübel und ein aus Ruten gebundener kurzer Besen; er war dabei und sie neckte ihn oder machte ihn aus. (Freud, id., Stud., p. 205) (Cia letras, p. 122).

<sup>312</sup> Dieses Material fügte sich zwanglos zusammen, um die Lücke in der Erinnerung der Szene mit der Gruscha auszufüllen. Er hatte, als er dem Mädchen beim Aufwaschen des Bodens zusah, ins Zimmer uriniert und sie darauf eine gewiss scherzhafte Kastrationsdrohung ausgesprochen. (Freud, ibidem) (Cia letras, p. 123).

<sup>313</sup> Grifo nosso. Sie [diese frühinfantile Episode] stellt eine wichtige Verbindung her zwischen der Urszene und dem späteren Liebeszwang ... und führt überdies eine Liebesbedingung ein, welche diesen Zwang aufklärt.

Als er das Mädchen auf dem Boden liegen sah, mit dem Aufwaschen desselben beschäftigt, kniend, die Nates vorgestreckt, den Rücken horizontal gehalten, fand er an ihr die Stellung wieder, welche die Mutter in der Koitusszene eingenommen hatte. Sie wurde ihm zur Mutter, die sexuelle Erregung infolge der Aktivierung jenes Bildes ergriff ihn, und er benahm sich männlich gegen sie wie der Vater, dessen Aktion er damals ja nur als ein Urinieren verstanden haben konnte. Sein auf den Boden Urinieren war eigentlich ein Verführungsversuch, und das Mädchen antwortete darauf mit einer Kastrationsdrohung, als ob sie ihn verstanden hätte. . (Freud, id., Stud., p. 206) (Cia letras, p. 124).

Essa corrente sexual é masculina pois deriva da cópia do pai na cena primitiva (na cena do coito dos pais).

*A ação, dos dois anos e meio de idade, na **cena com Grucha, é o primeiro efeito, que se tornou conhecido, da cena primitiva**; ela o apresenta como cópia do pai e nos permite reconhecer uma tendência de desenvolvimento na direção que depois merecerá o nome de masculina* (Freud, id.)<sup>314</sup>.

Mas da cena primitiva também se desenvolveu outra corrente, que já abordamos no capítulo anterior: a corrente feminina, passiva, para com o pai, o desejo de copular com o pai e ser satisfeito como a mãe na cena primitiva. Essa corrente, por sua vez, foi intensificada por uma vivência que também foi responsável pela neurose infantil do Homem dos Lobos. Trata-se do segundo evento que organiza o caso do Homem dos Lobos: a sedução realizada pela sua irmã<sup>315</sup>.

Aqui então começamos a analisar a segunda vivência que organizou a neurose do menino: de ter sido seduzido pela irmã. O menino tinha então, três anos e três meses<sup>316</sup>: "*a irmã teria, quando ele era ainda muito pequeno, o seduzido a práticas sexuais*"<sup>317</sup>. A vivência foi a seguinte:

*Foi na primavera, num tempo em que seu pai estava ausente; as crianças brincavam no chão, num cômodo, enquanto a mãe trabalhava no cômodo vizinho. **A irmã tinha segurado o seu membro, brincado com ele e dito coisas incompreensíveis sobre a Nânia [a babá] como explicação. A Nânia fazia o mesmo***

---

<sup>314</sup> Die Aktion des 2 1/2-jährigen in der Szene mit Gruscha ist die erste uns bekanntgewordene Wirkung der Urszene, sie stellt ihn als Kopie des Vaters dar und lässt uns eine Entwicklungstendenz in der Richtung erkennen, die später den Namen der männlichen verdienen wird. (Freud, id., Stud., p. 207) (Cia letras, p. 126).

<sup>315</sup> Diferente da cena com a Gruscha que não consideramos organizadora do caso clínico, a cena com a irmã tem sua importância independentemente da cena primitiva (do coito dos pais). Ela desperta elementos filogenéticos que de certa forma a superam, e com isso possibilita uma reinterpretação da cena primitiva. Por essa razão, ela tem uma importância similar à cena primitiva (coisa que a cena com a Gruscha não tem). Na verdade é Freud quem dá a cena de sedução um papel central no caso, dedicando-lhe um capítulo (cap III, A sedução e suas consequências mais próximas) antes do capítulo dedicado ao sonho dos lobos e à cena primitiva.

<sup>316</sup> É interessante notar que em relação a essa segunda vivência: de ter sido seduzido pela irmã, não há qualquer preocupação de Freud em determinar se ela de fato ocorreu ou se foi fruto da fantasia. Mesmo porque a vivência é negada pelo menino dos lobos. Mas ela é essencial para a reativação da posição passiva para com o pai, esta sim fantasiada a partir das determinações filogenéticas de prazer e de pavor. A cena de sedução, portanto, no Homem dos Lobos, não é uma fantasia (uma fantasia originária), mas ela desperta uma fantasia, essa sim originária, filogenética, da castração.

<sup>317</sup> die Schwester habe ihn ja, als er noch sehr klein war ..., zu sexuellen Tätlichkeiten verführt. (Freud, id., Stud., p. 139) (Cia letras, p. 29).

*com todas as pessoas, por exemplo, com o jardineiro, ela o colocava de cabeça para baixo e agarrava seus genitais. (Freud, id.)*<sup>318</sup>.

A consequência da vivência foi então a tentativa de repeti-la não com a irmã, que não o agradava sexualmente, mas com sua babá Nânia:

*Como reagiu o garoto às tentações da irmã mais velha? A resposta é: com a recusa, mas a recusa valia para a pessoa, não para a coisa. A irmã não lhe era agradável como objeto sexual, provavelmente porque a relação com ela já era determinada no sentido hostil pela competição no amor dos pais. Ele a evitava, e as solicitações dela também logo cessaram. Mas ele buscou conseguir, em seu lugar, outra pessoa mais amada, e informações da própria irmã, que se referiu a Nânia como modelo, orientaram sua escolha para esta. Ele começou então, diante da Nânia, a brincar com seu membro, o que, como em muitos outros casos, quando a criança não esconde o onanismo, deve ser aprendido como tentativa de sedução. A Nânia o decepcionou, fez uma cara séria e explicou que aquilo não era bom. As crianças que o faziam ficavam com uma 'ferida' no lugar. (Freud, id.)*<sup>319</sup>.

Apesar da semelhança entre as tentativas de sedução, por parte do menino, de Nânia e de Gruscha, em ambas o menino se masturbava diante delas, cada uma tinha uma meta diferente. Enquanto a masturbação na frente de Gruscha representava, assim como o urinar, uma manifestação da corrente masculina, portanto, ativa; a masturbação na frente de Nânia tinha um objetivo passivo, sua meta era ser objeto de Nânia. A relação com a vivência do menino de ter sido seduzido pela irmã, deu a sua relação com Nânia o caráter passivo: "*A sedução lhe havia dado a meta sexual passiva de ser tocado os genitais*" (Freud, id.)<sup>320</sup>.

---

<sup>318</sup> Es war im Frühjahr, zu einer Zeit da der Vater abwesend war; die Kinder spielten auf dem Boden in einem Raum, während im benachbarten die Mutter arbeitete. Die Schwester hatte nach seinem Glied gegriffen, damit gespielt und dabei unbegreifliche Dinge über die Nanja wie zur Erklärung gesagt. Die Nanja tue dasselbe mit allen Leuten, z.B. mit dem Gärtner, sie stelle ihn auf den Kopf und greife dann nach seinen Genitalien. (Freud, id., Stud., p. 140) (Cia letras, p. 29).

<sup>319</sup> Wie reagiert der Knabe auf die Verlockungen der älteren Schwester? Die Antwort lautet: mit Ablehnung, aber die Ablehnung galt der Person, nicht die Sache. Die Schwester war ihm als Sexualobjekt nicht genehm, wahrscheinlich, weil sein Verhältnis zu ihr bereits durch den Wettbewerb um die Liebe der Eltern im feindseligen Sinne bestimmt war. Er wich ihr aus, und ihre Werbungen nahmen auch bald ein Ende. Aber er suchte an ihrer Statt eine andere, geliebtere Person zu gewinnen, und Mitteilungen der Schwester selbst, die sich auf das Vorbild der Nanja berufen hatte, lenkten seine Wahl auf diese. Er begann also vor der Nanja mit seinem Glied zu spielen, was, wie in so vielen anderen Fällen, wenn die Kinder die Onanie nicht verbergen, als Verführungsversuch aufgefasst werden muss. Die Nanja enttäuschte ihn, sie machte ein ernstes Gesicht und erklärte, das sei nicht gut. Kinder, die das täten, bekämen an der Stelle eine "Wunde". (Freud, id., Stud., p. 143/4) (Cia letras, p. 34/5).

<sup>320</sup> Grifo nosso. Die Verführung hatte ihm das passive Sexualziel gegeben, an den Genitalien berührt zu werden (Freud, id., Stud., p. 144) (Cia letras, p. 35).

A meta sexual, a partir da cena de sedução, cena na qual ele foi seduzido pela irmã, é ser tocado nos genitais. Não é, como em Hans ou como na cena com Gruscha, introduzir seus genitais, simulando um coito, em Nânia. Sua meta é ser tocado por Nânia, como foi tocado pela irmã, sua meta é que seu corpo seja objeto sexual de Nânia. A sedução da irmã intensificou a meta passiva de sua sexualidade. A recusa de Nânia e a ameaça de castração, por sua vez, determinaram, por um lado, a expressão de ódio por ela e a intensificação de tendências sádicas, quase nos moldes da vingança contra Gruscha, e, por outro lado, um retorno ao primeiro objeto da meta sexual passiva: seu pai (despertado na cena primitiva), agora, objeto da tendência masoquista. Realizando ambas as tendências sexuais (sádica e masoquista), o menino muda totalmente seu caráter, tornando-se intratável. Por um lado desenvolveu sua tendência sádica contra Nânia:

*Ele conta que logo depois da recusa e da ameaça de Nânia ele deixou o onanismo. ... Em consequência da supressão do onanismo a vida sexual do garoto recebeu a característica sádico-anal. Ele se tornou irritadiço, atormentador, satisfazendo-se dessa maneira junto às pessoas e aos animais. Seu principal objeto era a amada Nânia, que ele sabia torturar até lhe arrancar lágrimas. (Freud, id.)<sup>321</sup>.*

Ao lado das tendências sádicas, no entanto, foram desenvolvidas as tendências efetivamente passivas, as tendências masoquistas que, como já vimos no capítulo anterior, se expressavam na fantasia de ter o pênis espancado e na tentativa de ser punido. As fantasias contemporâneas a sua mudança de caráter, como já vimos no capítulo anterior, eram "*fantasias em que meninos eram castigados e espancados, recebiam pancadas especialmente no pênis*" (id.). O objeto das fantasias masoquistas era o pai: "*depois da rejeição pela Nânia, ele desprende dela sua expectativa libidinosa e passou a ver outra pessoa como objeto sexual. Essa pessoa era o pai*" (id.)<sup>322</sup>. Sua mudança de caráter dirige-se agora ao pai e realiza seu masoquismo (repito a citação, completando-a):

---

<sup>321</sup> Er erzählt, das er nach der Abweisung und Drohung der Nanja die Onanie sehr bald aufgab. ... Infolge der Unterdrückung der Onanie nahm das Sexualleben des Knaben sadistisch-analen Charakter an. Er wurde reizbar, quälerisch, befriedigte sich in solcher Weise an Tieren und Menschen. Sein Hauptobjekt war die geliebte Nanja, die er zu peinigen verstand, bis sie in Tränen ausbrach. (Freud, id., Stud., p. 145) (Cia letras, p. 36/7).

<sup>322</sup> er nach der Abweisung durch die Nanja seine libidinöse Erwartung von ihr löste und eine andere Person als Sexualobjekt in Aussicht nahm. Diese Person war der damals abwesende Vater. . (Freud, id., Stud., p. 146) (Cia letras, p. 38/97).

*seus acessos de fúria e cenas raivosas tiveram nova função. Diante da Nânia serviam a finalidades ativa-sádicas; diante do pai seguiam propósitos masoquistas. Ele queria por meio da exibição de sua ruindade forçar castigo e pancadas do lado do pai, procurando nisso a satisfação sexual masoquista desejada. Seus gritos eram verdadeiras tentativas de sedução. (Freud, id.)<sup>323</sup>.*

Ele seduzia o pai, por seus gritos, no entanto, de forma diferente de como sua irmã o seduziu. Seduzir o pai é fazer com que o pai o tome como objeto, se coloque no lugar da irmã (e não dele mesmo, na cena da sedução). Seduzir o pai é o mesmo que se masturbar na frente de Nânia, tem como objetivo fazer com que o objeto externo coloque-se na posição de sujeito e tome o menino, o seu genital, como objeto. Fazendo uma comparação entre a história filogenética e a história do Homem dos Lobos, podemos afirmar que a vivência de sedução, por parte da irmã, introduziu na sexualidade do menino dos Lobos o que fora introduzido na história da humanidade na quarta fase filogenética: a saber, a corrente masoquista em direção ao pai, o desejo de que o próprio pênis fosse espancado, o desejo da castração e da dor, como já analisamos no capítulo anterior. É aqui que a cena de sedução desperta o esquema filogenético. O pai do menino dos Lobos em nenhuma ocasião o ameaçou de castração: não exigiu a castração para que o menino fosse seu objeto (o que o menino interpretou da cena primitiva, quando viu que o objeto sexual do pai, quer dizer, a mãe era castrada), nem ameaçou de castrá-lo para puni-lo pela masturbação masculina (como na cena com Gruscha); no entanto, o menino vivencia como se o fizesse. Para o menino é o pai que exige a castração ou a ameaça, e este é o esquema filogenético que se sobrepõe às vivências do indivíduo. Assim, Freud descreve a vivência do menino do pai castrador, na sua fase em que fazia indagações religiosas sobre a crueldade de Deus:

*É totalmente indubitável que para ele por essa época o pai se tornou aquela pessoa assustadora a partir da qual ameaça a castração. ... O menino tem aqui um esquema filogenético para cumprir e o realiza, ainda que suas vivências pessoais não se harmonizem a isso. As ameaças de castração ou alusões que ele experimentou haviam partido antes das mulheres, mas isso não pode adiar por*

---

<sup>323</sup> Als der Vater ... zurückkam, bekamen seine Wutanfälle und Tobszenen eine neue Verwendung. Gegen die Nanja hatten sie aktiv-sadistischen Zwecken gedient; gegen den Vater verfolgten sie masochistische Absichten. Er wollte durch die Vorführung seiner Schlimmheit Züchtigung und Schläge von seiten des Vaters erzwingen, sich so bei ihm die erwünschte masochistische Sexualbefriedigung holen. Seine Schreianfälle waren also geradezu Verführungsversuche. (Freud, id. Stud., p. 147) (Cia letras, p. 39/40).



*muito tempo o resultado final. No fim foi mesmo do pai que ele temeu a castração. Neste ponto a hereditariedade venceu as vivências acidentais; na pré-história da humanidade foi certamente o pai quem praticou a castração como punição e então a reduziu à circuncisão. (Freud, id.)<sup>324</sup>.*

É verdade que Freud se refere ao esquema filogenético, que vence as experiências próprias, no que diz respeito à temida ameaça de castração do pai e não o desejo de ser castrado por ele como inferimos anteriormente. Mas parece-nos bastante coerente supor a herança filogenética da posição passiva-masquista, pois é ela que acarreta o temor e o repúdio da castração que veremos a seguir.

Se, no menino dos Lobos, por um lado, temos uma corrente sexual ativa, a grosso modo despertada na cena primitiva, e, por outro lado, uma corrente sexual passiva, despertada na cena da sedução (em que ele foi seduzido pela irmã), toda a lógica de decifração do caso do Homem dos Lobos está em uma outra corrente sexual que se opõe ao desejo de ser objeto do pai, quer dizer, se opõe ao desejo de ser castrado para ser objeto do pai. Por isso, esse caso é importante para a análise da quinta fase filogenética, na qual os filhos fogem do destino da castração, assim como fez o menino dos Lobos em sua neurose infantil. Se os dois primeiros eventos, no caso do menino dos Lobos, estabeleceram os patrimônios instintivo e filogenético no menino, a saber, a plasticidade da libido com sua referência ao impulso sexual biológico e o desejo de ser castrado pelo pai, sua neurose será ditada por um outro patrimônio, também filogenético: a oposição ao desejo de castração, oposição que remete também, na nossa leitura, à disposição constituída na quinta fase filogenética<sup>325</sup>.

---

<sup>324</sup> Es ist ganz unzweifelhaft, dass ihm um diese Zeit der Vater zu jener Schreckensperson wurde, von der die Kastration droht. ... Der Knabe hat hier ein phylogenetisches Schema zu erfüllen und bringt es zustande, wengleich seine persönlichen Erlebnisse nicht dazu stimmen mögen. Die Kastrationsdrohungen oder Andeutungen, die er erfahren hatte, waren vielmehr von Frauen ausgegangen, aber das konnte das Endergebnis nicht für lange aufhalten. Am Ende wurde es doch der Vater, von dem er die Kastration befürchtete. In diesem Punkte siegte die Heredität über das akzidentelle Erleben; in der Vorgeschichte der Menschheit ist es gewiss der Vater gewesen, der die Kastration als Strafe übte und sie dann zur Beschneidung ermässigte. (Freud, ibidem, Stud., p. 200/1) (Cia letras, p. 116/7).

<sup>325</sup> É interessante notar que estas heranças filogenéticas correspondem ao que ficou conhecido como fantasias originárias: da cena primitiva, da sedução e da ameaça da castração (distinguindo a ameaça da efetiva vivência de castração, que, na nossa interpretação, corresponde à vivência de sedução). Neste sentido, as fantasias originárias organizam a sexualidade, no primeiro caso (cena primária) relaciona o impulso sexual, perverso e polimorfo, com a função sexual biológica (o que corresponde ao patrimônio instintivo); nos segundo e terceiro casos (sedução e castração) garantem uma sexualidade constituída a partir de fora (os esquemas filogenéticos).

Acompanhemos então este terceiro movimento no caso do homem dos Lobos, cujo evento originário é o sonho dos Lobos (terceira vivência que organiza a neurose). A primeira aproximação, no tratamento psicanalítico, como é relatado por Freud, da tendência que se opõe à corrente sexual passiva foi a interpretação de uma fantasia encobridora sobre as relações passivas com a irmã. As fantasias encobridoras eram as seguintes: "*Conforme estas fantasias, ele não tinha desempenhado o papel passivo diante da irmã, mas, pelo contrário, foi agressivo, quis ver a irmã despida, foi desaprovado e castigado, e por isso o enfurecer-se de que a tradição doméstica tanto falava*". (id.)<sup>326</sup>. A função das fantasias era: "*Elas deviam apagar a lembrança de um acontecimento que mais tarde parecia ofender a autoestima masculina do paciente, e alcançavam essa meta colocando no lugar da verdade histórica um oposto desejável*" (ibidem)<sup>327</sup>.

Trata-se portanto de uma lembrança encobridora na qual o menino tem um papel sexualmente ativo, diante da irmã, e atribui sua fúria (sua mudança de caráter) ao castigo a que foi submetido devido a sua atividade sexual. Essa fantasia encobre o verdadeiro motivo da sua mudança de caráter que, como vimos, visava à satisfação masoquista em relação ao pai (ser punido pelo mesmo) ou ainda à vingança contra Nânia porque ela não quis tomá-lo como objeto sexual (a fúria no caso refere-se a impossibilidade de realizar sua corrente sexual passiva e não ativa, como aparece na fantasia). De toda maneira, o que determina as deformações da lembrança é a ofensa a uma corrente masculina, à autoestima, provocada pela corrente passiva. Essa tendência tem sua primeira expressão no sonho de angústia dos Lobos e determina a neurose posterior.

O sonho ocorreu quando o menino tinha quatro anos. Nele era realizada a corrente sexual passiva dirigida ao pai a partir da lembrança da cena primária, na qual pela

---

<sup>326</sup> Nach diesen Phantasien hatte nicht er die passive Rolle gegen die Schwester gespielt, sondern im Gegenteil, er war aggressiv gewesen, hatte die Schwester entblösst sehen wollen, war zurückgewiesen und bestraft worden und darum in die Wut geraten, von der die häusliche Tradition soviel erzählte. . (Freud, id. Stud., p. 140) (Cia letras, p. 29)

<sup>327</sup> Sie sollten die Erinnerung an einen Vorgang, welcher später dem männlichen Selbstgefühl des Patienten anstößig erschien, verlöschen, und erreichten dieses Ziel, indem sie einen Wunschgegensatz an Stelle der historischen Wahrheit setzten. (ibidem).

primeira vez foram despertados os desejos pelo pai. Vamos repetir a citação a fim de complementá-la com o pavor que o menino foi tomado:

*Entre os desejos formadores do sonho, deve ter sido estimulado, como o mais forte, o da satisfação sexual, que ele ansiava então do pai. A força deste desejo conseguiu refrescar a pista de recordação, há muito esquecida, de uma cena que lhe podia mostrar como parecia a satisfação sexual com o pai, e o resultado foi pavor, horror ante a realização deste desejo, repressão do movimento que se apresentou por esse desejo” (Freud, id.)<sup>328</sup>.*

O sonho tornou-se um sonho de angústia (pavor, horror) pois nele surgiu uma outra tendência que se opôs à exigência da castração para obter a satisfação homossexual com o pai.

*A angústia era uma recusa do desejo de satisfação sexual com o pai, aspiração que lhe havia inspirado o sonho. ... Sua última meta sexual, a posição passiva para com o pai, sucumbiu a uma repressão, a angústia ante o pai tomou seu lugar na forma de fobia dos lobos. (Freud, id.)<sup>329</sup>.*

A repressão coincide, no caso, com uma libido genital narcísica (genital não no sentido biológico, pois se trata de tomar o genital como objeto de cuidado) que se rebela contra a castração. Exatamente o mesmo repúdio que na quinta fase filogenética fez com que os irmãos fugissem da horda. Assim Freud descreve as forças repressivas que atuaram no sonho dos Lobos:

*E a força motriz dessa repressão? Conforme o completo estado de coisas, só podia ser a libido genital narcísica, que, como cuidado em volta de seu membro masculino, rebelou-se contra uma satisfação para a qual a renúncia de seu membro parecia condição. Do narcisismo ameaçado ele extraiu a masculinidade com a qual se defendeu da posição passiva frente ao pai. (Freud, ibidem)<sup>330</sup>.*

---

<sup>328</sup> Unter den traumbildenden Wünschen muss sich, als der stärkste, der nach der sexuellen Befriedigung geregt haben, die er damals vom Vater ersehnte. Der Stärke dieses Wunsches gelang es, die längst vergessene Erinnerungsspur einer Szene aufzufrischen, die ihm zeigen konnte, wie die Sexualbefriedigung durch den Vater aussah, und das Ergebnis war Schreck, Entsetzen vor der Erfüllung dieses Wunsches, Verdrängung der Regung, die sich durch diesen Wunsch dargestellt hatte (Freud, ibidem., Stud., p. 155) (Cia letras, p. 50).

<sup>329</sup> Die Angst war eine Ablehnung des Wunsches nach Sexualbefriedigung durch den Vater, welches Streben ihm den Traum eingegeben hatte. ... Sein letztes Sexualziel, die passive Einstellung zum Vater, war einer Verdrängung erlegen, die Angst vor dem Vater in Gestalt der Wolfsphobie an ihre Stelle getreten (Freud, ibidem., Stud., p. 164) (Cia letras, p. 63/4).

<sup>330</sup> Und die treibende Kraft dieser Verdrängung? Dem ganzen Sachverhalt nach konnte es nur die narzisstische Genitallibido sein, die sich als Sorge um sein männliches Glied gegen eine Befriedigung sträubte, für die der Verzicht auf dieses Glied Bedingung schien. Aus dem bedrohten Narzissmus schöpfte er die Männlichkeit, mit der er sich gegen die passive Einstellung zum Vater wehrte. (Freud, ibidem).

A meta sexual passiva – que, como já vimos, foi intensificada pela sedução da irmã, que levou à solicitação para que Nânia tocasse no seu genital e que tornou-se provocação para que seu pai o castigasse, satisfazendo, assim, a fantasia de ser golpeado no pênis – transformou-se agora em algo comprometedor à integridade do próprio narcisismo, do próprio corpo. Durante o sonho ele percebeu que ser objeto do pai equivalia à castração (repetimos complementando):

*Parece, então, que durante o processo onírico ele se identificou com a mãe castrada e agora se rebelava contra esse resultado. Em tradução que espero exata: Se você quer ser satisfeito pelo pai, você deve aceitar a castração como a mãe, isso, porém, eu não quero. Portanto, um claro protesto da masculinidade! (Freud, id.)<sup>331</sup>.*

Mas é importante notar que esse protesto masculino não consiste em uma transformação da corrente passiva na ativa, consiste apenas num repúdio da castração, repúdio que inclusive coexiste com uma corrente passiva, representada em distúrbios intestinais e em uma neurose obsessiva com conteúdos religiosos, e com outra ativa.

*No fim, coexistiam nele duas correntes opostas, ao lado uma da outra, das quais uma abominava a castração e a outra estava preparada para aceitá-la e consolar-se com a feminilidade como substituto. A terceira, mais antiga e mais profunda, que simplesmente recusava a castração (Freud, id.)<sup>332</sup>.*

Podemos supor que a corrente ativa-masculina, como a voltada à Gruscha, abomina a castração mais que a teme (nela, a castração não se apresenta como uma ameaça), a corrente passiva aceita e deseja a castração e uma terceira corrente a teme e a recusa. Nesta terceira corrente, o próprio genital é objeto de amor, que deve ser cuidado. Repete-se assim o que ocorrera na quinta fase filogenética quando os filhos fugiram da castração imposta pelo pai.

---

<sup>331</sup> Er scheint also, dass er sich während des Traumvorganges mit der kastrierten Mutter identifizierte und sich nun gegen dieses Ergebnis sträubte. In hoffentlich zutreffender Übersetzung: Wenn du vom Vater befriedigt werden willst, musst du dir wie die Mutter die Kastration gefallen lassen; das will ich aber nicht. Also ein deutlicher Protest der Männlichkeit! (Freud, id. Stud., p. 165) (Cia letras, p. 65).

<sup>332</sup> Am Ende bestanden bei ihm zwei gegensätzliche Strömungen nebeneinander, von denen die eine die Kastration verabscheute, die andere bereit war, sie anzunehmen und sich mit der Weiblichkeit als Ersatz zu trösten. Die dritte, älteste und tiefste, welche die Kastration einfach verworfen hatte (Freud, id. Stud., p. 199) (Cia letras, 114).

Como na quinta fase filogenética também, a libido narcisista do menino dos Lobos voltou-se, em seguida, para objetos externos que também tinham o genital ameaçado. No entanto, no caso, a libido voltou-se para o próprio pai, não mais visto como castrador, mas como castrado (ou melhor, ameaçado de castração). O pai fora internado em um sanatório (e o menino o visitou) e a partir de então é também visto como castrado, comparado com mendigos e aleijados.

*A identificação do pai com o castrador foi significativa como a fonte de uma intensa hostilidade inconsciente a ele, elevada até o desejo de morte. ... O curioso foi então que também havia nele em compensação uma contracorrente, na qual o pai era antes o castrado, e como tal provocava sua compaixão (Freud, id.)<sup>333</sup>.*

Foram substitutos do pai, ameaçados de castração, um empregado surdo-mudo, outros serventes adoentados, tuberculosos e judeus que gozavam de sua compaixão. A origem da identificação do pai com alguém ameaçado de castração, também remete a cena primitiva:

*A análise então recuou subitamente para a pré-história ... e o deixou estabelecer a afirmação de que no coito da cena primitiva ele observou o desaparecimento do pênis, se compadeceu por isso do pai e se alegrou com a reaparição do que acreditara perdido. Portanto, um novo movimento emocional, que mais uma vez partia dessa cena. A origem narcisista da compaixão, para o que fala a própria palavra, é aqui aliás inconfundível. (Freud, id.)<sup>334</sup>.*

O protesto masculino, contra a castração, foi seguido então, no Homem dos Lobos, de uma compaixão narcisista. Esta compaixão parece-nos corresponder à identificação que é condição da escolha amorosa homossexual. Se o protesto masculino se opõe à castração, a compaixão significa sofrer junto com o outro igualmente ameaçado de ser castrado.

---

<sup>333</sup> Die Identifizierung des Vaters mit dem Kastrator wurde bedeutungsvoll als die Quelle einer intensiven, bis zum Todeswunsch gesteigerten, unbewussten Feindseligkeit gegen ihn und der darauf reagierenden Schuldgefühle. ... Das Merkwürdige war dann, dass auch hierfür bei ihm eine Gegenströmung existierte, bei der der Vater vielmehr der Kastrierte war und als solcher sein Mitleid herausforderte hatte (Freud, id., Stud., p. 201) (Cia letras, 117).

<sup>334</sup> Dann wandte sich die Analyse plötzlich ... in die Vorzeit zurück und liess ihn die Behauptung aufstellen, dass er bei dem Koitus der Urzene das Verschwinden des Penis beobachtete, den Vater darum bemitleidet und sich über das Wiedererscheinen des verloren Geglaubten gefreut habe. Also eine neue Gefühlsregung, die wiederum von dieser Szene ausgeht. Der narzisstische Ursprung des Mitleids, für den das Wort selbst spricht, ist hier übrigens ganz unverkennbar. (Freud, id., Stud., p. 202) (Cia letras, 118).

Atentemos ao mecanismo da compaixão. No *Projeto de uma psicologia*, Freud descreve a compaixão como o reconhecimento do sofrimento do outro a partir do movimento de defesa do outro. Quando analisamos a psicologia do pai primitivo, vimos que uma das vicissitudes do impulso é a intensificação das imagens de movimento e do reconhecimento dos movimentos externos a partir dos próprios movimentos (a criança reconhece o movimento da mão do outro a partir de seu próprio movimento da mão). O mesmo pode ocorrer com a ação defensiva do outro, por exemplo, com o grito ou com a fuga; se reconhece a ação do outro a partir de movimentos próprios similares. Como estes movimentos se relacionam com o afeto de desprazer e com o objeto hostil (com uma vivência de dor), a ação defensiva do outro é compreendida como relacionada com o afeto de desprazer e com o objeto hostil. Há uma compreensão do outro, de sua dor, a partir de uma identidade dos movimentos de defesa dele com os próprios.

Relacionando essa concepção da compaixão, do *Projeto*, com a história filogenética, podemos supor que, na filogênese, a fuga comum possibilitou a identificação entre os irmãos, eles compreenderam o sofrimento e a perseguição que sentiam em comum. Desenvolveram, então, o sofrer junto com os outros sofredores, a compaixão. Se compararmos, agora, a história filogenética, com o caso do Homem dos Lobos, vemos que, enquanto neste tanto a posição passivo-masquista como a compaixão dirigem-se ao mesmo objeto, ao pai, na história filogenética, há mudança do objeto externo: a posição passivo-masquista dirige-se ao pai, enquanto a compaixão dirige-se aos irmãos, igualmente ameaçados pelo pai. O que é comum, no entanto, é que a compaixão surge da revolta, narcisista masculina, contra a castração.

Vejamos melhor esta identificação com os iguais, tomando como base a própria descrição dos casos de homossexualidade. A homossexualidade de *Leonardo da Vinci*, por exemplo, também é derivada do narcisismo: Leonardo busca rapazes semelhantes a ele próprio. Porém nesta análise é fundamental o papel da mãe de Leonardo que, ao tomá-lo como objeto, determina sua homossexualidade. Leonardo toma si próprio como objeto (e posteriormente rapazes semelhantes a ele) porque anteriormente sua mãe o tomara como objeto sexual. O que é inédito nesta interpretação é o fato de ser a mãe

quem determina a escolha narcisista e homossexual de Leonardo. Inédito porque a mãe, como objeto sexual, é normalmente relacionada à libido objetal, de apoio, e não à libido narcisista. A posição, de Leonardo, porém, de objeto sexual, diante da mãe, e não de sujeito sexual, justifica o papel da mãe como determinante de seu narcisismo e de sua homossexualidade. A posição de objeto (e não de sujeito) é expressa na fantasia oral de Leonardo, na fantasia do abutre. A fantasia repete a vivência da amamentação. Mas, em vez de uma fantasia ativa, na qual a mãe (ou seu seio) seria tomada como objeto de satisfação, encontramos uma fantasia passiva, na qual a mãe é ativa e Leonardo somente seu objeto: a mãe/abutre coloca seu pênis/cauda na boca de Leonardo. Não é Leonardo que suga o seio, mas a mãe que introduz violentamente seu seio, percebido como um pênis, na boca de Leonardo. Trata-se da mãe fálica, tão protetora e perigosa como o pai primitivo.

O que nos parece, no entanto, importante sublinhar é o fato de que a homossexualidade é determinada pela posição de objeto do eu, seja objeto de amor, da mãe, do pai, ou da irmã (como no caso do menino dos Lobos), seja objeto de perseguição, do pai primitivo, do pai castrador fantasiado (novamente no menino dos Lobos) ou do pai severo (como era o pai de Schreber). A mãe do homossexual, ao tomá-lo como seu objeto sexual, então, faz o papel do pai perseguidor, na história filogenética. É ela que introduz a posição passiva do eu. Tanto a mãe do homossexual como o pai primitivo produzem uma sexualidade diferente daquela que se satisfaz repetindo as vivências de satisfação das necessidades internas. Esse objeto externo, tanto o pai como a mãe, tem um lugar bem distinto que o do objeto de satisfação de um impulso. Eles, ao tomarem o filho (ou seus genitais) como objeto, geram impulsos, similares a dor ou ao temor, e não simplesmente satisfazem os impulsos do filho, como é o caso dos objetos de satisfação. São objetos que invadem o sujeito, e este ou se submete, nos moldes da quarta fase filogenética, ou reage a eles, nos moldes da quinta fase, determinando uma nova psicologia.

Se Leonardo, primeiramente, submeteu-se a mãe, depois, quando teve de se separar dela, ocupou seu lugar e buscou objetos externos com os quais se identificou,

objetos, podemos supor, que como ele poderiam ser objetos da mãe. Quer dizer, quando Leonardo aparentemente toma uma posição ativa, se identifica com a mãe fálica, na verdade, permanece na posição de objeto, mas projetando-a nos seus objetos de amor, que ocupam o mesmo lugar que ele ocupava diante da mãe. A identificação com a mãe, portanto, não significa a identificação com a mãe fálica e castradora, mas a manutenção da posição de objeto do eu, agora, não por meio de uma submissão incondicional, mas pela identificação com outros objetos similares a ele. Podemos dizer que a identificação com a mãe possibilita que ele se mantenha numa posição de objeto, objeto de si mesmo e depois projete essa posição de objeto sobre outros semelhantes. Diferencemos a identificação com a mãe da identificação com os objetos de amor similares a si mesmo. Identificar-se com a mãe é assumir o lugar dela; identificar-se com os objetos sexuais escolhidos é perceber-se igual a eles, antes de escolhê-los. É esta segunda identificação que nos interessa, pois é ela que caracteriza a relação entre os irmãos. Podemos dizer que os objetos escolhidos são percebidos como iguais, em última instância, porque são possíveis objetos da mãe, como ele foi. Assim, a identificação com o igual é determinada pelo fato de ele ser possivelmente um objeto de um terceiro como o foi o próprio eu. Temos então uma sequência similar ao Homem dos Lobos: posição passiva, abandono da posição passiva (no caso de Leonardo devido a separação da mãe), identificação com aqueles passíveis de também ocupar a posição passiva.

A identificação com os iguais, também, é tratada por Freud, em *Psicologia das massas*. Nesse texto, Freud diferencia um tipo de identificação que independe das relações objetais (que não é 1. uma substituição de um objeto amado ou de quem o objeto amado ama, nem 2. uma relação primitiva com o objeto amado; dois tipos de identificação que poderíamos remeter à substituição do objeto externo por um objeto fantasiado, que passa a fazer parte do eu). Esse tipo de identificação, independente do objeto de amor, parece-nos ser a condição para o surgimento do amor pelo igual (homossexual). Condição, portanto, para o surgimento da disposição adquirida na quinta fase filogenética. O exemplo dado por Freud é o seguinte:

*Quando, por exemplo, uma das moças no pensionato recebe uma carta de um amado secreto que incita seu ciúme, à qual reage com um ataque histérico, então*



*algumas amigas suas, que sabem disso, assumirão este ataque, como nós dizemos, pelo caminho da infecção psíquica. O mecanismo é o da identificação baseada em, neste mesmo lugar, poder se colocar ou querer se colocar. As outras também gostariam de ter uma relação amorosa secreta e aceitariam, sob a influência da consciência de culpa, o sofrimento ligado a isso. Seria incorreto afirmar que elas se apropriam do sintoma por compaixão. Ao contrário, a compaixão surge somente da identificação, e a prova disso é que tal infecção ou imitação se produz também sob circunstâncias, nas quais é suposta uma simpatia preexistente entre ambos ainda menor que a que costuma existir entre amigas de pensionato. Um tal eu percebeu no outro uma significativa analogia em um ponto, no nosso exemplo, na mesma disposição de sentimentos, por isso forma-se uma identificação neste ponto, e sob a influência da situação patogênica se desloca essa identificação para o sintoma, que o tal eu produziu.*(Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu)

335

Aqui, então a compaixão é precedida pela identificação. Parece que Freud diferencia a identificação da compaixão considerando que esta pressupõe a simpatia entre as pessoas e aquela não, podemos dizer que, enquanto na compaixão parece já haver laços de amizade, amorosos, eles não são necessários na identificação. A compaixão no caso seria uma sexualização (uma vez que exige a amizade) da identificação, como o é o amor homossexual (a compaixão pode ser considerada um amor homossexual inibido em sua finalidade). A identificação neste caso, não tem como base uma ação comum (por exemplo, o ataque histérico), como tem no *Projeto*, mas uma disposição de sentimentos. Podemos nos perguntar, entretanto, como seria possível perceber sentimentos semelhantes se estes não fossem manifestos em movimentos. Neste caso, mantém-se o esquema do *Projeto*, de que o reconhecimento de movimentos comuns provocam a compreensão do afeto que está por trás do movimento.. Por outro lado, no exemplo acima, os sentimentos coincidem com desejos, um querer colocar-se no lugar da outra e ter um amor secreto, e não com afetos determinados por vivências de dor, como no

---

<sup>335</sup> Wenn zum Beispiel eines der Mädchen im Pensionat einen Brief vom geheim Geliebten bekommen hat, der ihre Eifersucht erregt und auf den sie mit einem hysterischen Anfall reagiert, so werden einige ihrer Freundinnen, die darum wissen, diesen Anfall übernehmen, wie wir sagen, auf dem Wege der psychischen Infektion. Der Mechanismus ist der der Identifizierung auf Grund des sich in dieselbe Lage Versetzenkönnens oder Versetzenwollens. Die anderen möchten auch ein geheimes Liebesverhältnis haben und akzeptieren unter dem Einfluss des Schuldbewusstseins auch das damit verbundene Leid. Es wäre unrichtig zu behaupten, sie eignen sich das Symptom aus Mitgefühl an. Im Gegenteil, das Mitgefühl entsteht erst aus der Identifizierung, und der Beweis hiefür ist, dass sich solche Infektion oder Imitation auch unter Umständen herstellt, wo noch geringere vorgängige Sympathie zwischen beiden anzunehmen ist, als unter Pensionsfreundinnen zu bestehen pflegt. Das eine Ich hat am anderen eine bedeutsame Analogie in einem Punkte wahrgenommen, in unserem Beispiel in der gleichen Gefühlsbereitschaft, es bildet sich daraufhin eine Identifizierung in diesem Punkte, und unter dem Einfluss der pathogenen Situation verschiebt sich diese Identifizierung zum Symptom, welches das eine Ich produziert hat. (Freud, Studienausgabe, Band IX, Massenpsychologie und Ich-Analyse, p. 100) (as traduções deste texto são minhas, baseadas na tradução de Paulo César de Souza).

*Projeto.* Mas, notemos, tratam-se de desejos insatisfeitos, relacionados com o ciúme e provocados por um objeto externo, pelo amado que não os satisfaz. Neste sentido aproxima-se de uma vivência de dor.

O desejo insatisfeito é ainda mais evidente no outro exemplo desse tipo de identificação dado em *Psicologia das massas*, embora, nesse segundo exemplo, a relação com um objeto que impede a satisfação do desejo seja menos evidente.

*Pensa-se no bando de mulheres e moças exaltadamente apaixonadas que se aglomeram em torno do cantor ou pianista depois de sua apresentação. Certamente seria natural cada uma delas ter ciúmes da outra, apenas diante de seu número e da impossibilidade, relacionada a isso, de alcançar a meta de sua paixão, elas renunciam a ela e em lugar de arrancar mutuamente os cabelos, elas agem como uma massa única, rendem homenagens ao celebrado em ações comuns e ficariam alegres de repartir seus enfeites atrativos. Elas, originalmente rivais, através do amor comum ao mesmo objeto, puderam uma com a outra se identificar.* (Freud, id)

<sup>336</sup>

O que determina esta identificação? a impossibilidade de alcançar a meta da paixão. É o desejo insatisfeito que determina a identificação. Mas notemos que identificar-se com a outra não significa encontrar uma satisfação substituta para o desejo insatisfeito. A identificação só existe se o desejo continuar insatisfeito, se ele se satisfizesse, por meio da identificação, ele desapareceria e terminaria a identificação. É porque elas continuam amando o artista e este desejo insatisfeito perdura que continuam unidas entre si. É condição da identificação que o desejo permaneça insatisfeito. Se há prazer na identificação (se ela é sexualizada), quer dizer, então, que foi encontrada uma forma de obter prazer na insatisfação. Não se trata, portanto, de uma satisfação substituta do desejo, mas de um ganho de prazer que acompanha o desejo insatisfeito. Neste sentido, trata-se de um prazer similar ao prazer da dor, o prazer está no sentir dor e não quando esta cessa. No mesmo sentido, o prazer que as fãs encontram ao se identificar é um prazer retirado da manutenção do desejo insatisfeito (e não de sua satisfação).

---

<sup>336</sup>Man denke an die Schar von schwärmerisch verliebten Frauen und Mädchen, die den Sänger oder Pianisten nach seiner Produktion umdrängen. Gewiss läge es jeder von ihnen nahe, auf die andere eifersüchtig zu sein, allein angesichts ihrer Anzahl und der damit verbundenen Unmöglichkeit, das Ziel ihrer Verliebtheit zu erreichen, verzichten sie darauf, und anstatt sich gegenseitig die Haare auszuraufen, handeln sie wie eine einheitliche Masse, huldigen dem Gefeierten in gemeinsamen Aktionen und wären etwa froh, sich in seinen Lockenschmuck zu teilen. Sie haben sich, ursprünglich Rivalinnen, durch die gleiche Liebe zu dem nämlichen Objekt miteinander identifizieren können. (Freud, id., Stud., p. 112) (Cia letras, p. 81/2).

O mesmo ocorre no desenvolvimento do indivíduo, na relação entre os irmãos. Assim, na ontogênese,

*Então, nada se nota na criança, por um longo tempo, de um instinto de rebanho ou sentimento de massa. Um tal se forma primeiramente, na maioria dos quartos de criança, a partir da relação das crianças com os pais, e na verdade como reação à inveja inicial, com a qual a criança mais velha recebe a menor (Freud, id.)<sup>337</sup>.*

As crianças sentem inveja uma das outras, porque supõem que a outra recebe um amor dos pais que ela mesma não recebe. Esta inveja entre os irmãos, no entanto, devido ao amor dos pais, torna-se sentimento de massa, instinto de rebanho.

*A criança mais velha, certamente, gostaria de reprimir ciumentamente a que veio depois, de mantê-la afastada dos pais e despojá-la de todos os direitos, mas em vista do fato de que também esta criança – como todas posteriores – é amada pelos pais da mesma maneira, e devido à impossibilidade de manter sua atitude hostil sem danos próprios, é obrigada a identificar-se com as outras crianças, e assim se forma no bando de crianças um sentimento de massa ou de comunidade, que então na escola experimenta seu posterior desenvolvimento. A primeira exigência dessa formação reativa é aquela por justiça, tratamento igual para todos. ... Quando não se pode ser o favorito, então, pelo menos, nenhum dos outros deve ser favorito. (Freud, id.)<sup>338</sup>.*

Então, os irmãos são obrigados a se identificarem um com o outro. O que os obriga? A primeira vista, o fato de ambos serem amados pelos pais ou o medo de perder o amor dos pais, quer dizer, de sofrer danos se não se identificar com o irmão. Nesse segundo caso, quando um irmão se identifica com o outro porque tem medo de perder o amor dos pais e sofrer danos por isso, teríamos uma situação em que o irmão se torna bom para com o outro como uma estratégia para não perder seu objeto de satisfação. Mas aqui não há a identificação com o irmão. Há sim uma utilização do outro como aproximação do objeto de satisfação. No caso, se continuaria com a inveja, mas não a

---

<sup>337</sup> Dann merkt man beim Kinde lange nichts von einem Herdeninstinkt oder Massengefühl. Ein solches bildet sich zuerst in der mehrzähligen Kinderstube aus dem Verhältnis der Kinder zu den Eltern, und zwar als Reaktion auf den anfänglichen Neid, mit dem das ältere Kind das jüngere aufnimmt. (Freud, id., Stud., p. 111) (Cia letras, p., 81).

<sup>338</sup> Das ältere Kind möchte gewiss das nachkommende eifersüchtig verdrängen, von den Eltern fernhalten und es aller Anrechte berauben, aber angesichts der Tatsache, dass auch dieses Kind - wie alle späteren - in gleicher Weise von den Eltern geliebt wird, und infolge der Unmöglichkeit, seine feindselige Einstellung ohne eigenen Schaden festzuhalten, wird es zur Identifizierung mit den anderen Kindern gezwungen, und es bildet sich in der Kinderschar ein Massen- oder Gemeinschaftsgefühl, welches dann in der Schule seine weitere Entwicklung erfährt. Die erste Forderung dieser Reaktionsbildung ist die nach Gerechtigkeit, gleicher Behandlung für alle. ... Wenn man schon selbst nicht Bevorzugte sein kann, so soll doch wenigstens keiner von allen bevorzugt werden. (Freud, id., Stud., p., 111/2). (Cia letras, ibidem).

manifestaria. O irmão poderia até, para agradar seus objetos de satisfação (os pais), acabar se submetendo aos caprichos do outro irmão, supervalorizando-o (como os pais, que podem considerar "sua majestade", o bebê). Mas neste caso, também não há identificação, trata-se da submissão, que vimos no capítulo anterior. Haveria identificação, no entanto, se ambos os irmãos compartilhassem o medo de perder o amor do pai. Ao perceber que o outro, antes visto como favorito, também tem este medo, o que foi inveja pode se tornar identificação.

No primeiro caso, quando a identificação ocorre porque os irmãos são igualmente amados pelos pais, podemos perguntar: são amados de que maneira? da maneira que cada um dos irmãos em questão se sente amado, quer dizer, pouco amado, uma vez que tem ciúmes, inveja, que não se sente o favorito. Aqui também, podemos supor que um irmão se identifica com o outro quando percebe que o outro também não tem privilégio. Assim, a igualdade que se percebe no outro não se deve ao fato de ambos serem amados mas ao fato de ambos não serem os favoritos. O amor do pai pelo irmão gera inveja, ódio pelo irmão, e não identificação. A menos que o outro irmão também sinta inveja, quer dizer, também tenha sentimentos hostis para com o irmão porque também não se sente satisfeito, como gostaria, pelos pais. Então, no caso, a identificação transforma a própria inveja em sentimentos de comunidade, de rebanho, de igualdade, de dever:

*O que depois se encontra operante na sociedade, como espírito comunitário, esprit des corps, não desmente sua procedência da inveja original. Ninguém deve querer se distinguir, cada um deve ser e ter o mesmo. Justiça quer dizer que se nega muito a si mesmo, para que também os outros tenham de renunciar a isso ou, o que é o mesmo, não possam exigir. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do sentimento do dever. (Freud, id.)<sup>339</sup>.*

A exigência de igualdade, de que ninguém se distinga, de que ninguém se torne o favorito, é o fundamento dos sentimentos sociais, porque se alguém se distinguir, se

---

<sup>339</sup> Was man dann später in der Gesellschaft als Gemeingeist, *esprit de corps* usw. wirksam findet, verleugnet nicht seine Abkunft vom ursprünglichen Neid. Keiner soll sich hervortun wollen, jeder das gleiche sein und haben. Soziale Gerechtigkeit will bedeuten, dass man sich selbst vieles versagt, damit auch die anderen darauf verzichten müssen, oder was dasselbe ist, es nicht fordern können. Diese Gleichheitsforderung ist die Wurzel des sozialen Gewissens und des Pflichtgefühls. (Freud., id., Stud. p. 112) (Cia letras, p 82).

alguém for o favorito e ter seus desejos satisfeitos, acaba a identificação e acabam os laços fraternos. Os laços fraternos então se baseiam na insatisfação do desejo comum.

Assim como no caso dos irmãos, no caso do fã clube e no caso das moças do pensionato, na massa também é necessário um laço com um superior para que o sentimento hostil para com o outro membro da massa se torne identificação.

*O sentimento social repousa portanto na inversão de um sentimento primeiramente hostil em um laço acentuado positivamente, da natureza de uma inversão. ... essa inversão parece se efetuar sob a influência de um laço afetuosamente comum a uma pessoa colocada fora da massa. ... a exigência de igualdade da massa vale apenas para os indivíduos da mesma, não para o líder. Todos os indivíduos devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dominados por um. Muitos iguais que podem identificar-se uns com os outros e um único superior a todos eles ... . Ousemos portanto corrigir a declaração de Trotter de que o homem seria um animal de rebanho (Herdentier), ele seria antes um animal da horda (Hordentier), um indivíduo de uma horda conduzida por um chefe. (Freud, id.)<sup>340</sup>.*

Podemos dizer que a identificação baseia-se na ideia de que todos devem amar o líder, mas ninguém deve ser satisfeito neste amor. O líder não pode amar ninguém exclusivamente. Se o líder ama a todos igualmente, na verdade, não ama ninguém exclusivamente. A identidade com o outro membro da massa é a renúncia comum ao amor exclusivo do líder.

Voltemos então à filogênese. Não só em *Visão geral das neuroses de transferência*, mas também em *Totem e tabu* e *Psicologia das massas*, Freud supôs que o amor homossexual surgiu antes do parricídio (quer dizer, antes da constituição da sociedade propriamente dita) e que ele é a base dos sentimentos sociais. Em *Totem e tabu*, Freud afirma que a organização social está baseada nos sentimentos homossexuais que surgiram no tempo da expulsão. A respeito da proibição do incesto, instituída pelos filhos depois do parricídio, Freud afirma: "*Assim, salvaram a organização, que os havia*

---

<sup>340</sup> Das soziale Gefühl ruht also auf der Umwendung eines erst feindseligen Gefühls in eine positiv betonte Bindung von der Natur einer Identifizierung ... scheint sich diese Umwendung unter dem Einfluss einer gemeinsamen zärtlichen Bindung an eine ausser der Masse stehende Person zu vollziehen. ... die Gleichheitsforderung der Masse nur für die Einzelnen derselben, nicht für den Führer gilt. Alle Einzelnen sollen einander gleich sein, aber alle wollen sie von einem beherrscht werden. Viele Gleiche, die sich miteinander identifizieren können, und ein einziger ihnen allen Überlegener ... . Getrauen wir uns also, die Aussage Trotters, der Mensch sei ein Herdentier, dahin zu korrigieren, er sei vielmehr ein Hordentier, ein Einzelwesen einer von einem Oberhaupt angeführten Horde. (Freud, id., Stud., p. 113) (Cia letras, p. 83).

*fortalecido e que pode ter se baseado nos sentimentos e atividades homossexuais, que teriam surgido entre eles no tempo da expulsão". (Freud, 1913-1, Totem e tabu)* <sup>341</sup>. Podemos apontar apenas uma diferença entre esta suposição de *Totem e tabu* e a história hipotética de *Visão geral das neuroses de transferência*. Nessa última, os filhos fugiram em vez de terem sido expulsos. A fuga nos aproxima, mais que a expulsão, da ideia de uma reação contra a castração, mas parece que Freud oscila entre supor uma reação (fugir) ou uma ação externa (expulsão) frente a qual se é passivo. Mas seja fuga ou expulsão, trata-se de uma relação com um objeto hostil e cruel.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud também afirma que a identificação antecede os sentimentos homossexuais: "*os filhos expulsos ... progrediram da identificação uns com os outros para o amor de objeto homossexual.*" (Freud, op.cit.) <sup>342</sup>. Há uma sequência que se repete: identificação - amor homossexual - sentimentos sociais. As satisfações homossexuais acrescentam a característica sexual, de prazer, à identificação, tornando-a base da organização social.

Na filogênese, como é apresentado em *Psicologia das massas*, as ações do pai primitivo obrigam ao estabelecimento dos laços afetivos entre os filhos.

*O pai primitivo impediu a seus filhos a satisfação de suas tendências sexuais diretas, ele obrigou-os à abstinência e, em consequência disso, aos laços de sentimento com ele e uns com os outros, que puderam surgir das tendências com meta sexual inibida. Ele os obrigou, por assim dizer, à psicologia da massa. Seus ciúmes sexuais e intolerância tornaram-se, em última análise, as causas da psicologia das massas. (Freud, ibidem)* <sup>343</sup>.

---

<sup>341</sup> Sie retteten so die Organisation, welche sie stark gemacht hatte und die auf homosexuellen Gefühlen und Betätigungen ruhen konnte, welche sich in der Zeit der Vertreibung bei ihnen eingestellt haben mochten. . (Freud, Totem und Tabu, Studienausgab, Band IX, p. 428) (Cia letras, p. 220).

<sup>342</sup> die vertriebenen Söhne ... den Fortschritt von der Identifizierung miteinander zur homosexuellen Objektliebe machten (Freud, 1921, Massenpsychologie und Ich-Analyse, op.cit., Stud., Note, p. 116) (Cia letras, nota, p. 87).

<sup>343</sup> Der Urvater hatte seine Söhne an der Befriedigung ihrer direkten sexuellen Strebungen verhindert; er zwang sie zur Abstinenz und infolgedessen zu den Gefühlsbindungen an ihn und aneinander, die aus den Strebungen mit gehemmtem Sexualziel hervorgehen konnten. Er zwang sie sozusagen in die Massenpsychologie. Seine sexuelle Eifersucht und Intoleranz sind in letzter Linie die Ursache der Massenpsychologie geworden. (Freud, ibidem).

De acordo com essa citação, poderíamos supor que a pressão exercida pela abstinência propiciou a busca de um novo tipo de satisfação sexual. Como se as satisfações sexuais entre os irmãos fossem um tipo de satisfação substituta, nos moldes da sexualidade perversa. Cremos que esta é uma interpretação equivocada, a satisfação homossexual não substitui a satisfação sexual biológica, como a sexualidade perversa substitui (como vimos na segunda fase da história dos tempos glaciais). A diferença está na identificação com o objeto de amor. A abstinência propiciou os laços amorosos entre os irmãos não porque pressionava a uma satisfação substituta mas porque por meio dela os irmãos puderam se identificar.

Por que os filhos da horda primitiva eram abstinentes? Porque o pai os castrava, os expulsava da horda ou os impediam de alguma forma de ter acesso às mulheres. A abstinência dos filhos, diferente da abstinência da primeira fase dos tempos glaciais (quando se deixou de buscar a satisfação do impulso sexual biológica), aparece como uma, entre as outras, marca da perseguição paterna. É porque ela possibilita, como o temor e o ódio, a identificação entre os irmãos, que ela impele às satisfações homossexuais. Em última instância, como afirma Freud, é a perseguição que propicia a identificação:

*é a ilusão de que o líder ama todos os indivíduos de um modo igual e justo. Isto é porém diretamente uma remodelação idealista das relações da horda primitiva, na qual todos os filhos sabiam-se igualmente perseguidos pelo pai primitivo e igualmente o temiam. (Freud, ibidem) <sup>344</sup>.*

Assim, podemos dizer que a abstinência que levou os filhos, dos tempos da horda primitiva, à satisfação homossexual e que consiste em desejos insatisfeitos (como são os desejos insatisfeitos do fã clube pelos ídolos, dos filhos pelos pais, ou da massa pelos líderes) funciona exatamente como a dor e o temor diante do pai. Portanto, a identificação não é realizada a partir de uma relação amorosa com os objetos, mas de uma relação hostil com os objetos: trata-se de um realidade que ataca direta ou

---

<sup>344</sup> es ist die Vorspiegelung, dass der Führer alle Einzelnen in gleicher und gerechter Weise liebt. Dies ist aber geradezu die idealistische Umarbeitung der Verhältnisse der Urhorda, in der sich alle Söhne in gleicher Weise vom Urvater verfolgt wussten und ihn in gleicher Weise fürchteten. (Freud, ibidem) (Cia letras, p. 87/8).

indiretamente, impedindo a satisfação dos desejos. Em ambos os casos, no entanto, o eu se defende sexualizando o desprazer, provindo do ataque ou da insatisfação. Trata-se então de sexualizar a insatisfação e não de buscar satisfações substitutas.

A sexualização da identificação tem, no entanto, ainda mais uma condição. Não basta perceber-se igualmente insatisfeito e valorizar a insatisfação para conservar o amor pelo igual. Para que a inveja, a hostilidade para com o outro, transforme-se em um sentimento positivo para com o outro, é necessário que a hostilidade possa encontrar um outro objeto que não aquele com quem ocorre a identificação.

Vejamos como isso ocorre nas massas. O que caracteriza o sentimento da massa? Na massa desaparecem as particularidades dos indivíduos: *"Na massa, considera Le Bon, desvanecem-se as aquisições próprias do indivíduo, e com isso sua particularidade. O inconsciente contido da raça ressalta, o heterogêneo se afunda no homogêneo."* (Freud, id.)<sup>345</sup>. Acaba, portanto, na massa, toda psicologia do indivíduo, todas as aquisições que vimos surgir na terceira fase filogenética (a inteligência, o controle, o poder). Em vez de narcisismo do sujeito, de afirmação de si, encontramos a sugestionabilidade. Estar de acordo com o outro se torna mais importante que a afirmação de si, *"o indivíduo na massa abandona suas particularidades e se deixa sugestionar-se pelos outros, ele faz isso porque nele existe uma necessidade de estar antes em acordo com eles do que em oposição a eles, portanto, talvez 'por amor a eles'."* (Freud, id.)<sup>346</sup>. O desejo da massa de permanecer igual coincide com a aversão à diferença, com a aversão à inovação: *"Oposição ao rebanho é tanto quanto se separar dele e por isso é evitado angustiosamente. O rebanho rejeita todo o novo, o inusitado."* (Freud, id.)<sup>347</sup>.

---

<sup>345</sup> In der Masse, meint Le Bon, verwischen sich die individuellen Erwerbungen der Einzelnen, und damit verschwindet deren Eigenart. Das rassenmässig Unbewusste tritt hervor, das Heterogene versinkt im Homogenen. (Freud, id., Stud., p. 69) (Cia letras, p. 19/20).

<sup>346</sup> (wenn) der Einzelne in der Masse seine Eigenart aufgibt und sich von den anderen suggerieren lässt, er tue es, weil ein Bedürfnis bei ihm besteht, eher im Einvernehmen mit ihnen als im Gegensatz zu ihnen zu sein, also vielleicht doch 'ihnen zuliebe'. (Freud, id., Stud., p. 87) (Cia letras, p. 45).

<sup>347</sup> Widerspruch gegen die Herde ist soviel wie Trennung von ihr und wird darum angstvoll vermieden. Die Herde lehnt aber alles Neue, Ungewohnte ab. (Freud, id., Stud., p. 110) (Cia letras, p. 79).



Trata-se então de renunciar a afirmação de si e ser sugestionado, contagiado, pelo outro. Trata-se de renunciar ao narcisismo do sujeito, o narcisismo do pai primitivo que implica na afirmação de si e na hostilidade ao outro, como Freud o descreve (o narcisismo do sujeito)

*Nas aversões e afastamentos que se sobressaem sem reservas contra estranhos próximos nós podemos reconhecer a expressão de um amor próprio, um narcisismo, que aspira a afirmação de si ... . ... é evidente que nesse comportamento dos seres humanos manifesta uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja procedência é desconhecida e que se pode atribuir um caráter elementar. (Freud, id.)<sup>348</sup>.*

Nas massas, no entanto, desaparecem a hostilidade e o narcisismo do sujeito, e os indivíduos se tornam homogêneos. O amor a si encontra limite no amor ao outro. Freud, afirma que as situações vantajosas de colaboração não exigem a limitação do narcisismo do sujeito. As ligações são temporárias, permanecem enquanto são vantajosas e cessam quando terminam as vantagens. Na massa, no entanto, as ligações prolongam-se além do vantajoso. São estabelecidas relações libidinais que possibilitam transformar o egoísmo em altruísmo, que possibilitam transformar o amor a si em amor ao outro.

O que acontece com o narcisismo do sujeito na massa? Podemos dizer que ele se torna um narcisismo das pequenas diferenças. Em vez de hostilizar um membro da massa, hostiliza-se alguém fora da massa. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, na verdade, Freud não caracteriza exatamente esta destinação da hostilidade para fora. Ele apenas afirma a existência da hostilidade e suas possíveis formas de manifestação, nos grupos:

*Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima entre duas pessoas, de longa duração - relação de casamento, amizade, paternidade e filiação - contém um sedimento de sentimentos hostis e de recusa<sup>349</sup>, que se perdeu*

---

<sup>348</sup> In den unverhüllt hervortretenden Abneigungen und Abstossungen gegen nahestehende Fremde können wir den Ausdruck einer Selbstliebe, eines Narzissmus, erkennen, der seine Selbstbehauptung anstrebt ... . es ist unverkennbar, dass sich in diesem Verhalten der Menschen eine Hassbereitschaft, eine Aggressivität kundgibt, deren Herkunft unbekannt ist und der man einen elementaren Charakter zusprechen möchte. (Freud, id., Stud., p. 96) (Cia letras, p. 57/8).

<sup>349</sup> É interessante que em nota de rodapé Freud escreve que talvez a relação da mãe com o filho seja uma exceção, quer dizer, nela não há sentimento hostil. Podemos dizer que do ponto de vista do filho, isso significa que o único objeto humano que pode ser só objeto de satisfação e não também objeto hostil é a mãe. No grupo, na massa tenta-se eliminar esse sentimento de seu interior, mas a custa da manutenção da igualdade, a custa da hostilidade a qualquer manifestação de diferença, a qualquer manifestação de individualidade.

*apenas em consequência da repressão da percepção. ... De duas cidades vizinhas cada uma se torna concorrente invejosa da outra; cada pequeno cantão despreza desdenhosamente o outro. Etnias bastante aparentadas repelem uma a outra, o alemão do sul não pode tolerar o alemão do norte, o inglês acusa o escocês de todo o mal, o espanhol despreza o português. Que junto a diferenças maiores se produza uma aversão difícil de superar, do gaulês contra o germano, do arianos contra o semita, do branco contra o de cor, deixa de nos surpreender. (Freud, id.)<sup>350</sup>.*

Em *Mal estar na cultura*, no entanto, Freud esclarece a relação entre a eliminação da hostilidade interna ao grupo, que se unem no amor, e a intensificação da hostilidade dirigida para alguém fora do grupo: "*É sempre possível ligar uma grande quantidade de pessoas no amor, um com o outro, apenas se restarem outros para a exteriorização da agressão.* (Freud, *Mal estar na cultura*)<sup>351</sup>. Freud então repete todos os exemplos dados em *Psicologia das massas* (reproduzidos na citação acima), chama o fenômeno de "*narcisismo de pequenas diferenças*" e acrescenta outros exemplos: os massacres dos judeus na Idade Média; a intolerância aos não cristãos depois de que o apóstolo Paulo fez do amor universal o fundamento do cristianismo; o antissemitismo necessário para o sonho de um domínio mundial germânico; e a perseguição burguesa necessária à cultura comunista na Rússia. O que nos interessa é a exterioridade do grupo odiado ou da pessoa odiada.

Podemos supor que também a criança transforma sua inveja pelo irmão em laços afetuosos quando percebe que não é ele o responsável por sua insatisfação (pois ele também é insatisfeito), mas sim os pais, pois eles que propiciam a insatisfação dos filhos. Neste sentido, o ódio para com os pais, absorve o sentimento hostil antes voltado ao irmão. Encontramos então o verdadeiro laço que une os irmãos: o ódio comum ao objeto externo que provoca a insatisfação. A percepção deste ódio comum, simultâneo a

---

<sup>350</sup> Nach dem Zeugnis der Psychoanalyse enthält fast jedes intime Gefühlsverhältnis zwischen zwei Personen von längerer Dauer – Ehebeziehung, Freundschaft, Eltern- und Kindschaft – einen Bodensatz von ablehnenden, feindseligen Gefühlen, der nur infolge von Verdrängung der Wahrnehmung entgeht. ... Von zwei benachbarten Städten wird jede zur missgünstigen Konkurrentin der anderen; jedes Kantönli sieht geringschätzig auf das andere herab. Nächstverwandte Völkerstämme stossen einander ab, der Süddeutsche mag den Norddeutschen nicht leiden, der Engländer sagt dem Schotten alles Böse nach, der Spanier verachtet den Portugiesen. Dass bei grösseren Differenzen sich eine schwer zu überwindende Abneigung ergibt, des Galliers gegen den Germanen, des Ariers gegen den Semiten, des Weissen gegen den Farbigen, hat aufgehört, uns zu verwundern (ibidem., Stud. p. 95) (Cia letras, p. 57).

<sup>351</sup> Es ist immer möglich, eine grössere Menge von Menschen in Liebe aneinander zu binden, wenn nur andere für die Äusserung der Aggression übrigbleiben. (Freud, *Das Unbehagen in der Kultur*, Studienausgabe, Band IX, p. 243) (Cia letras, p. 80/1).

percepção dos desejos insatisfeitos comuns é que possibilita a efetiva sexualização dos iguais.

Assim compreendemos as características da massa: homogeneidade e aversão ao inusitado. Se ama o igual, porque, juntos, se odeia o diferente. O amor pelo igual é a contrapartida do ódio pelo diferente, o amor pelo igual é, por assim dizer, uma sexualização do ódio pelo diferente. O ódio pelo diferente primeiramente possibilita a identificação com os que também o odeiam, e em seguida possibilita o amor pelos iguais. Mas vejamos, trata-se de uma sexualização de um ódio muito diferente da sexualização da crueldade (neste sentido, do ódio) do pai primitivo. Neste, o prazer estava em descarregar o ódio; agora, o prazer não está em descarregar o ódio, mas em sentir o ódio, um ódio que não é descarregado e que por isso envenena, narcotiza, contagia e dá prazer. Aqui está a base então da sugestibilidade, do contágio: a intensificação do ódio por alguém externo ao grupo. Se o ódio fosse descarregado, terminariam as satisfações sexuais com os iguais, por isso trata-se de um ódio que deve permanecer, como condição da satisfação sexual com os iguais.

Temos então todos os dados para compreender o que ocorreu na filogênese. A fuga comum da perseguição paterna, possibilitou a identificação com os outros fugitivos. Compreendeu-se que o outro também é perseguido e que ele também teme e odeia o perseguidor. O ódio comum pelo perseguidor por um lado, possibilitou a identificação, por outro absorveu toda hostilidade que existia entre os irmãos fugitivos. Ao ser intensificado pela identificação e pela absorção do ódio antes dirigido ao irmão, esse ódio comum pelo perseguidor inebria, narcotiza, contagia um ao outro, determinando assim a contrapartida do próprio ódio que é o prazer na associação com o igualmente perseguido. Quanto mais ódio ao perseguidor, mais amor para com os igualmente perseguidos. Ser perseguido torna-se então algo de valor, a fraqueza se torna virtude, o não ao exterior se torna sim ao grupo; o ódio ao diferente constitui o narcisismo das pequenas diferenças, proporcionando o amor pelos iguais. Está então constituído o amor homossexual.

A ideia de que o ódio contra o pai, contra o mau, possibilita a identificação e o amor entre os filhos, entre os bons, parece-nos muito próxima à ideia de Nietzsche de que a moral do fraco, do ressentido, constitui-se como antítese ao forte. De acordo com a psicologia dos ressentidos, como escreve Scarlett Marton,

*o fraco concebe primeiro a ideia de 'mau', com que designa os nobres, os corajosos, os mais fortes do que ele - então a partir dessa ideia, chega, como antítese, à concepção de 'bom' que atribui a si mesmo ... o fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não se pode igualar (Marton, Scarlett; Nietzsche e a Revolução francesa, p. 90).*

Como afirma Nietzsche, o não ao fora é, nos fracos, seu ato criador:

*Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (Nietzsche, Genealogia da moral, id, § 10, p. 28/9)*

Assim como, em Freud, entre os membros da massa é excluída toda a agressividade, em Nietzsche, entre os fracos não há o que temer, ... *se o forte é 'mau' porque causa temor, 'bom' deve ser aquele de quem não há nada a temer.*" (Scarlett Marton, *ibidem*). Como a massa, em Freud, o ressentido ama o igual e odeia o diferente. Seu ódio, por sua vez, não pode ser descarregado, por isso conduz, mais que ao reagir (como na citação acima em que Nietzsche está enfatizando a reação ao que está fora), ao res-sentir, como nos esclarece Marton:

*Ódio e desejo de vingança seriam as palavras-chaves para se compreender o ressentimento. É a diferença que causa ódio, ou melhor, é a recusa da diferença que o engendra. É da própria impotência que nasce e se alimenta o desejo de vingança. É por isso que ressentimento não é sinônimo de reação: justamente por ser impotente para re-agir, ao fraco, só restaria res-sentir. (Marton, Scarlett; Nietzsche e a Revolução francesa, p. 91).*

A ideia de que a associação entre os irmão produz prazer, quer dizer, em Freud, satisfação sexual (satisfação sexual com os iguais, i.e., homossexual), também está

presente em Nietzsche. Os fracos tem prazer no agrupamento, nele, de certa forma, se livram do sentimento de fraqueza:

*a formação do rebanho é avanço e vitória essencial na luta contra a depressão. ... Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza ... onde há rebanho, é o impulso de fraqueza que o quis ..... os fortes buscam necessariamente dissociar-se, tanto quanto os fracos buscam associar-se; ... os fracos ... se agrupam, tendo prazer nesse agrupamento – seu impulso se satisfaz com isso (Nietzsche, Genealogia da moral, p. 125).*

Neste agrupamento, como na massa, faz-se então da fraqueza, da insatisfação, uma virtude. A percepção de que todos são insatisfeitos, fracos valoriza-os, faz todos virtuosos. Trata-se de um amor baseado na fraqueza, na impossibilidade de satisfazer seus desejos. Ama-se o outro não porque ele é forte, admirado, pois realiza seus desejos, mas justamente porque ele é, como si mesmo, fraco e insatisfeito.

Assim, então, poderíamos dizer, que na quinta fase da história filogenética de Freud, os irmãos igualmente fracos diante do pai primitivo, teriam adquirido uma disposição para obter prazer com a associação dos iguais.

Para Freud, no entanto, a satisfação homossexual entre os irmãos propiciará o efetivo fortalecimento da massa. Graças a satisfação homossexual, os irmãos adquirem liberdade e podem agir coletivamente. Em *Psicologia das massas*, completando a citação que já vimos anteriormente, Freud escreve: "*Também é de se supor que os filhos expulsos, separados do pai, progrediram da identificação uns com os outros para o amor de objeto homossexual e assim conseguiram a liberdade para matar o pai.*" (op.cit.)<sup>352</sup>.

Na filogênese, se o ódio e a impotência comum diante do pai propiciou a identificação e sua sexualização, esta, por sua vez, libertou os filhos. Se a sexualização da dor, colocou os irmãos em uma posição passiva, a sexualização do igual possibilitou resgatar a ação de forma coletiva. Se no grupo de irmãos "*A vontade do indivíduo era*

---

<sup>352</sup> Es lässt sich etwa auch annehmen, dass die vertriebenen Söhne, vom Vater getrennt, den Fortschritt von der Identifizierung miteinander zur homosexuellen Objektliebe machten und so die Freiheit gewannen, den Vater zu töten. (Freud, op. cit., Stud. Note, p. 116) (Cia letras, nota, p.87).

*muito fraca, ele não ousava a ação*" (Freud, id.) <sup>353</sup>, no entanto, nele surgiu a vontade coletiva: "*Nenhum outro impulso (Impuls) que não o coletivo tinha êxito, existia apenas uma vontade comum, nenhuma singular. A representação não se arriscava em se converter em vontade se ela não fosse reforçada pela percepção de sua disseminação comum.*" (Freud, ibidem) <sup>354</sup>. Os filhos que fugiram da horda conseguiram resgataram a vontade, agora, coletiva. Uma vontade reforçada pela vontade dos demais e que pôde então se transformar em ato. Os filhos então se fortaleceram e coletivamente realizaram o parricídio.

---

<sup>353</sup> Der Wille des Einzelnen war zu schwach, er getraute sich nicht der Tat. (Freud, id., Stud., Note, p. 114) (Cia letras, nota, p. 85).

<sup>354</sup>Es kamen gar keine anderen Impulse zustande als kollektive, es gab nur einen Gemeinwillen, keinen singulären. Die Vorstellung wagte es nicht, sich in Willen umzusetzen, wenn sie sich nicht durch die Wahrnehmung ihrer allgemeinen Verbreitung gestärkt fand.(Freud, ibidem).

## **Capítulo VII**

### **Identificação com o pai primitivo e Retorno do ódio contra si mesmo**

Façamos um rápido resumo das fases filogenéticas analisadas nos capítulos anteriores:

#### 1ª Parte: Tempos glaciais

1ª fase – disposição: transformação do impulso sexual em angústia. Impulso sexual deixa de cumprir funções biológicas.

2ª fase – disposição: sexualidade perversa. Impulso sexual se satisfaz de novas formas, ganha sua plasticidade; busca repetir vivências de satisfação. Constituição dos processos primários (alucinação) e do eu prazer.

3ª fase – disposição: inteligência e poder (psicologia do indivíduo). Impulso sexual é sublimado, serve para representar e dominar o mundo. Constituição dos processos secundários e do eu realidade. Psicologia do pai primitivo e surgimento das hordas

#### 2ª Parte: Hordas primitivas

4ª fase – disposição: sexualidade passiva-masoquista. Filhos submetem-se à castração e à submissão incondicional ao pai. Constitui a sexualidade apoiada na dor (o prazer masoquista).

5ª fase – disposição: amor homossexual. Os filhos se identificam a partir do ódio comum pelo pai e desenvolvem o amor entre eles, o amor pelo igual. Fortalecidos realizam o parricídio.

Acompanhemos então a sexta fase filogenética, pós-parricídio.

Constituídas as disposições relativas à posição de objeto: prazer na dor e amor pelo igual, mais uma disposição foi necessária para ser constituída e mantida a organização social: a identificação narcisista com o objeto<sup>355</sup>. Isso ocorre na sexta fase filogenética quando, depois que os irmãos juntos se fortaleceram e mataram o pai, se identificaram com ele. Identificaram-se com o pai adquirindo sua força individual, o que corresponde à disposição para a mania, e se identificaram com ele, enquanto objeto odiado, o que corresponde à disposição para a melancolia.

A reaquisição da força individual (disposição à mania) e o ódio ao objeto internalizado (disposição à melancolia) caracterizam um dos destinos dos impulsos expostos por Freud em *Impulsos e seus destinos*: a volta do impulso contra a própria pessoa. O impulso é primeiramente desperto e, em segundo lugar, dirigido contra si. Em *Os impulsos e seus destinos*, Freud analisa dois destinos dos impulsos: a inversão no contrário e o voltar-se contra a própria pessoa<sup>356</sup>. Apesar de Freud supor que o segundo destino (voltar-se contra a própria pessoa) está por trás do primeiro destino, inversão no contrário (pelo menos a volta da atividade em passividade), consideramos que aquele destino, pelo menos no que diz respeito ao retorno da agressividade contra si mesmo, só será adequadamente analisado no texto posterior *Luto e melancolia*. A análise de *Luto e melancolia* é a base de nossa interpretação das disposições adquiridas na sexta fase. Aqui cabe, no entanto, observar que a análise feita por Freud, em *Os impulsos e seus destinos*, do primeiro destino – inversão no contrário – relaciona-se com as duas últimas disposições adquiridas na quarta e quinta fase filogenética. Acompanhemos a análise de

---

<sup>355</sup> "As neuroses narcisistas porém retrocedem para fases anteriores ao encontro do objeto, a demência precoce regride até o autoerotismo, a paranoia até a escolha de objeto homossexual, e a melancolia toma por base uma identificação narcisista com o objeto." "Die narzisstischen Neurosen aber gehen auf Phasen vor Objektfindung zurück, die Dementia praecox regrediert bis zum Autoerotismus, die Paranoia bis zur narzisstischen homosexuellen Objektwahl, der Melancholie liegt narzisstische Identifizierung mit dem Objekt zugrunde". (Freud, 1915-1, Übersicht der Übertragungsneurosen, p. 72).

<sup>356</sup> No ensaio *Impulsos e seus destinos*, Freud elenca quatro destinos dos impulsos: a inversão no contrário (Die Verkehrung ins Gegenteil), o voltar-se contra a própria pessoa (Die Wendung gegen die eigene Person), a repressão e a sublimação e analisa os dois primeiros destinos. De acordo com nossa leitura filogenética podemos considerar que a disposição para a sublimação foi adquirida pelo pai primitivo e será readquirida pelos filhos quando constituída a organização social. A reaquisição desta disposição será fruto da identificação narcisista com o objeto, dito de outra forma, fruto da identificação com o pai e a internalização das relações com o objeto. Também a repressão será fruto da internalização das relações objetais, que conduz as censuras contra o objeto interno. O segundo destino, voltar-se contra a própria pessoa, parece-nos ser a nova disposição, de fato, adquirida na sexta fase filogenética, fruto da identificação narcisista com o objeto e da internalização das relações objetais, que então será condição da repressão e da sublimação (realizadas pelos filhos).



Freud a título de completar nossa interpretação das últimas disposições, das adquiridas na quarta e quinta fases, contrapondo-as com a disposição adquirida na sexta fase.

A inversão no contrário se divide em dois processos: a volta do impulso da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo<sup>357</sup>.

De acordo com o que vimos na história filogenética, o primeiro processo teria sido constituído na quarta fase e o segundo na quinta. Nele ocorre a substituição da meta ativa em passiva: “A inversão diz respeito apenas às metas do impulso; para a meta ativa: atormentar, olhar, é inserida a passiva: ser atormentado, ser olhado. (Freud, 1915-2, Impulsos e seus destinos)<sup>358</sup>.

Inverter o impulso ativo em passivo foi justamente o que fizeram os filhos castrados na quarta fase filogenética. Em vez da expansão da vontade de poder, da atividade, os filhos castrados se reorganizaram a partir de sua ferida, a partir do efeito da ação do objeto externo hostil. Ser o objeto do pai, ser castrado, ser punido pelo pai passou a ser seu desejo. O filho satisfaz sua vontade de poder, atribuindo-a ao pai, portanto, satisfaz de forma passiva. Em *Os impulsos e seus destinos*, um exemplo dessa mudança é a transformação do sadismo em masoquismo (atormentar, ser atormentado). A explicação desse primeiro processo, a volta do impulso da atividade para a passividade, é completada pela explicação do segundo destino, a volta contra a própria pessoa. Utilizaremos também essa segunda explicação, ressaltando, no entanto, apenas a mudança da atividade para a passividade.

Então, ao analisar o destino *volta contra a própria pessoa*, Freud esclarece alguns aspectos da mudança (da volta) do sadismo em masoquismo<sup>359</sup>:

---

<sup>357</sup> “Olhando mais de perto, a inversão no contrário se dissolve em dois processos distintos, a mudança [a volta] de um impulso da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo” (Freud, Os impulsos e seus destinos, Obras completas, vol. 12, Companhia das Letras, p. 64). Die *Verkehrung ins Gegenteil* löst sich bei näherem Zusehen in zwei verschiedene Vorgänge auf, in die *Wendung* eines Triebes von der Aktivität zur Passivität und in die inhaltliche *Verkehrung*. (Studienausgabe, Band III, p. 90).

<sup>358</sup> Die *Verkehrung* betrifft nur die *Ziele* des Triebes; für das aktive Ziel: quälen, beschauen, wird das passive: gequält werden, beschaut werden eingesetzt. (Freud, 1915-2, Studienausgabe, Band III, p. 90) (Cia letras, vol. 12, p. 65).

<sup>359</sup> Retiramos da análise o processo intermediário, a volta contra si mesmo (Die *Wendung gegen die eigene Person*), para melhor enfatizarmos a mudança (*Wendung*) da atividade para a passividade.

*A observação analítica também não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquismo goza ele mesmo da fúria contra a sua pessoa ... . O essencial no processo, portanto, é a mudança de objeto com a meta inalterada. ...*

*O sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo a outra pessoa como objeto ... .*

*Agora se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito. ... o que comumente se chama de masoquismo. (Freud, id.)<sup>360</sup>.*

Trata-se, portanto, de colocar outra pessoa no lugar de sujeito e si mesmo no lugar de objeto. Se na posição ativa (do pai primitivo) encontramos o narcisismo do sujeito, o sujeito (narcisista); na posição passiva, um outro eu assume o lugar do sujeito narcisista, quer dizer, o próprio eu se torna objeto de outro sujeito (de um objeto externo):

*Assim, a transformação do sadismo em masoquismo significa um retorno ao objeto narcísico, quando, nos dois casos [isto é, no prazer passivo de ver e no masoquismo\*], o sujeito narcísico é trocado, mediante a identificação, por outro eu. (Freud, id.)<sup>361</sup>.*

Podemos supor que, na filogênese, a transformação da atividade em passividade foi uma disposição necessária para o surgimento de um outro tipo de narcisismo que não o do pai primitivo: do objeto narcísico, em vez do sujeito narcísico. O narcisismo, como já havíamos feito, é então decomposto em narcisismo de objeto e de sujeito. O narcisismo de objeto está baseaeado na capacidade do eu de ter prazer na posição de objeto de um outro sujeito. Uma vez constituída a meta passiva, a dor é sexualizada e passa-se a fruir dela.

---

<sup>360</sup> Die analytische Beobachtung lässt auch keinen Zweifel daran bestehen, dass der Masochist das Wüten gegen seine Person, der Exhibitionist das Entblößen derselben mitgenießt. Das Wesentliche an dem Vorgang ist also der Wechsel des *Objektes* bei ungeändertem Ziel. ...

Der Sadismus besteht in Gewalttätigkeit, Machtbetätigung gegen eine andere Person als Objekt. ...

Es wird neuerdings eine fremde Person als Objekt gesucht, welche infolge der eingetretenen Zielverwandlung die Rolle des Subjekts übernehmen muss. Fall c ist der des gemeinhin so genannten Masochismus. (Freud, id., Studienausgabe, Band III, p. 90/1) (Cia letras, p. 65/6) .

<sup>361</sup> \*colchetes introduzido na Studienausgabe. Ebenso bedeute die Umwandlung des Sadismus in Masochismus eine Rückkehr zum narzisstischen Objekt, während in beiden Fällen [d.h. der passiven Schaulust und dem Masochismus] das narzisstische Subjekt durch Identifizierung mit einem anderen, fremden Ich verstauscht wird. (Freud, id., Studienausgabe, p. 95) (Cia letras, p. 70).

Assim, na quarta fase filogenética, como vimos, os filhos teriam adquirido a disposição passiva-masquista: sexualizaram a dor, que acompanhou a ferida da castração, quer dizer, expandiram a dor para a excitação sexual, e assim sexualizaram também a posição de objeto.

Faz parte desta disposição passiva também a transformação do amar em ser amado:

*Amar – ser amado, completamente a volta da atividade em passividade ... . Conforme o objeto ou o sujeito seja trocado por um exterior, resulta a tendência de meta ativa, amar, ou a passiva, de ser amado, das quais a última permanece próxima do narcisismo. (Freud, id.)<sup>362</sup>.*

Podemos supor que, na filogênese, trata-se da mudança do amar, nos moldes do pai primitivo, que ama a si mesmo e os objetos que satisfazem seus impulsos, em ser amado, como querem os filhos. Os filhos desejam submeter-se ao pai, ser objeto do pai, e por isso, como Schreber, desejam a castração. Trata-se da constituição de uma relação direta, passiva com os objetos e não de uma relação ativa, de uma relação indireta com os objetos, mediada pelos impulsos. Assim, em *Impulsos e seus destinos*, Freud diferencia as posições passiva e ativa, diante dos objetos externos:

*O eu se comporta passivamente diante do mundo externo, enquanto recebe estímulos dele, e ativamente, ao reagir a ele. É impelido por seus impulsos a uma atividade bem particular frente ao mundo exterior, de modo que, destacando o essencial, pode-se dizer: o eu-sujeito é passivo diante dos estímulos externos, e ativo pelos próprios impulsos. (Freud, id.)<sup>363</sup>.*

O pai primitivo era ativo, agia sobre o mundo, o dominava, pois satisfazia nele seus impulsos. Os filhos renunciaram aos seus impulsos e agiam de acordo com a vontade do pai. O que determinou a passividade narcisista (o narcisismo de objeto) foi a

---

<sup>362</sup> (Von diesen drei Gegensätzen entspricht der zweite,) der von lieben-geliebt werden, durchaus der Wendung von der Aktivität zur Passivität .... Je nachdem nun das Objekt oder das Subjekt gegen ein fremdes vertauscht wird, ergibt sich die aktive Zielstreben des Liebens oder die passive des Geliebtwerdens, von denen die letztere dem Narzissmus nahe verbleibt. (Studienausgabe, id, p. 96) (Cia letras, p. 72).

<sup>363</sup> Das Ich verhält sich passiv gegen die Aussenwelt, insoweit es Reize von ihr empfängt, aktiv, wenn es auf dieselben reagiert. Zu ganz besonderer *Aktivität* gegen die Aussenwelt wird es durch seine Triebe gezwungen, so dass man unter Hervorhebung des Wesentlichen sagen könnte: Das Ich-Subjekt sei passiv gegen die äusseren Reize, aktiv durch seine eigenen Triebe. (Freud, Studienausgabe, id. p. 96/7) (Cia letras, p. 73).

relação com o pai primitivo protetor, mas cruel. Ser amado, no caso, era ser objeto de satisfação de sua crueldade.

O segundo processo da inversão no contrário é a de conteúdo e o exemplo analisado é o da inversão do amor em ódio. Segundo Freud, na ontogênese, primeiramente amor e ódio não se opõem entre si, ambos se opõem à indiferença. Podemos supor que essa situação corresponde à psicologia do indivíduo, a psicologia do pai primitivo. Vejamos a análise de Freud a respeito da oposição amor/ódio: "*amor e ódio, tomados conjuntamente, se opõem ao estado de indiferença e apatia*" (Freud, id.)

364

O amor remete às fontes de prazer: "*Se primeiramente definimos o amar como relação do eu com suas fontes de prazer, então se explica a situação na qual ele ama apenas a si mesmo e é indiferente para com o mundo, a primeira das relações de oposição em que encontramos o 'amar'*" (Freud, id.)<sup>365</sup>.

O ódio remete a tudo que resiste a afirmação de si:

*O eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações de desprazer, indiferentemente se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. Pode-se sim afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do eu por sua conservação e afirmação.* (Freud, id.)<sup>366</sup>.

Afirmação do eu é auto conservação mas, se pensamos na psicologia do pai primitivo, é também expansão. O ódio diante das fontes de desprazer, que provoca a luta pela afirmação, provoca o aparecimento das fontes de prazer (de superação do desprazer). Originalmente, ódio e amor coincidem:

---

<sup>364</sup> und überdies setzen sich lieben und hassen zusammengenommen dem Zustande der Indifferenz oder Gleichgültigkeit entgegen. (Freud, id., Studienausgabe, p. 96). (Cia letras, p. 72).

<sup>365</sup> Definieren wir zunächst das Lieben als die Relation des Ichs zu seinen Lustquellen, so erläutert die Situation, in der es nur sich selbst liebt und gegen die Welt gleichgültig ist, die erste der Gegensatzbeziehungen, in denen wir das "Lieben" gefunden haben. (Freud, id., Studienausgabe, p.98) (Cia letras, p. 74).

<sup>366</sup> Das Ich hasst, verabscheut, verfolgt mit Zerstörungsabsichten alle Objekte, die ihm zur Quelle von Unlustempfindungen werden, gleichgültig ob sie ihm eine Versagung sexueller Befriedigung oder der Befriedigung von Erhaltungsbedürfnissen bedeuten. Ja, man kann behaupten, dass die richtigen Vorbilder für die Hassrelation nicht aus dem Sexualleben, sondern aus dem Ringen des Ichs um seine Erhaltung und Behauptung stammen. (Freud, id., Studienausgabe, p. 100) (Cia letras, p. 78).

*Estágios preliminares do amor se revelam como metas sexuais provisórias... Como primeiro desses estágios reconhecemos o incorporar em si ou devorar, um tipo de amor compatível com a supressão da existência separada do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente. No estágio mais elevado da organização pré-genital sádico-anal aparece a aspiração pelo objeto, sob a forma de uma pressão para o apoderamento, a qual é indiferente se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distinguem do ódio, em seu comportamento para com o objeto. (Freud, id.)<sup>367</sup>.*

Trata-se aqui da relação do pai primitivo com o mundo. Tudo ele quer incorporar e o faz pela imitação, pelo domínio. Incorporar tanto significa amar, quanto dominar e até destruir o objeto que resiste à incorporação, à dominação<sup>368</sup>.

Só posteriormente o amor será contrário ao ódio, quando amar "*finalmente se fixa nos objetos sexuais em sentido estrito, e em tais objetos que satisfazem as necessidades dos impulsos sexuais sublimados.*" (Freud, id.)<sup>369</sup>.

Apenas quando à escolha do objeto sexual são acrescentados os impulsos sublimados, quer dizer a afetuosidade, que surge a oposição amor/ódio e os objetos amados não mais coincidem com os objetos odiados, com os objetos que devem ser dominados, destruídos. Amar não será mais incorporar mas cuidar, não destruir; será, portanto, o oposto do desejo de dominar e de destruir. Quando se inicia essa oposição, na filogênese? Quando surge o amor compassivo, o amor homossexual pelos irmãos, o amor pelos iguais, quando os irmãos, que fugiram da horda primitiva, inventaram um novo tipo de amor, não nos moldes do amor do pai primitivo, mas nos moldes do "amor ao próximo", que posteriormente será levado ao extremo no cristianismo. Amor que parte da escolha narcisista de objeto e que opõe o diferente odiado ao igual amado. Se mesmo

---

<sup>367</sup> Vorstufen des Liebens ergeben sich als vorläufige Sexualziele ... . Als erste derselben erkennen wir das *Sichinverleiben* oder *Fressen*, eine Art der Liebe, welche mit der Aufhebung der Sonderexistenz des Objekts vereinbar ist, also als ambivalent bezeichnet werden kann. Auf der höheren Stufe der prägenitalen sadistisch-analen Organisation tritt das Streben nach dem Objekt in der Form des Bemächtigungsdranges auf, dem die Schädigung oder Vernichtung des Objekts gleichgültig ist. Diese Form und Vorstufe der Liebe ist in ihrem Verhalten gegen das Objekt vom Hass kaum zu unterscheiden. (Freud, id., Studienausgabe, p. 101) (Cia letras, p. 79).

<sup>368</sup> Trata-se do amor dos fortes pelos fracos, como é o amor, segundo Nietzsche, das aves de rapina pelas ovelhinhas: "*nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso que uma tenra ovelhinha*". (Nietzsche, Genealogia da moral, p.36).

<sup>369</sup> (Das Wort "lieben" rückt also immer mehr in die Sphäre der reinen Lustbeziehung des Ich zum Objekt und) fixiert sich schliesslich an die Sexualobjekte im engeren Sinne und an solche Objekte, welche die Bedürfnisse sublimierter Sexualtriebe befriedigen. (Freud, id, Studienausgabe, id. p. 100) (Cia letras, p. 77).

para os filhos da horda (castrados) o pai era odiado e admirado (amado) agora ele será só odiado, e este ódio será estimulado para que o amor entre os iguais, antes rivais, indiferentes ou odiados (no sentido de resistência à afirmação de si), seja intensificado. Os diferentes, os fortes, que buscam se distinguir, passam a ser odiados, os semelhantes, igualmente sofrendores, que despertam a compaixão, são agora amados. Os irmãos inventaram então um amor que se opõe ao ódio. Os que são amados são preservados, não se deve manifestar contra eles nenhuma agressividade, a agressividade se dirige apenas aos que são odiados. Odeia-se o diferente e se ama o igual, não é mais possível amar e odiar o diferente (como se amava o pai), nem amar e odiar o igual (ora útil, ora rival). Na medida em que os objetos de ódio e de amor se opõem, a intensificação do ódio por uns, pelos diferentes, aumenta o amor pelos outros, pelos iguais, e vice-versa, quer dizer, na filogênese, o ódio pelo pai alimenta o amor pelos irmãos, a intensificação do ódio fortalece os laços homossexuais e, por outro lado, a intensificação dos laços sociais aumenta o ódio (levando-o até a ação, por exemplo, no parricídio). Por outro lado, o enfraquecimento do ódio enfraquece os laços sociais e vice-versa. O amor compassivo, homossexual, também, terá a função de satisfazer o ódio, e vice-versa. Cria-se assim uma disposição baseada no ódio insatisfeito, contra o pai: o amor pelo igual. Amar se torna proteger da violência, amar já não coincide com destruição (incorporação) mas com preservação, reação contra a destruição. A inversão no conteúdo contrário, portanto, pressupõe que os conteúdos sejam contrários e a construção desta oposição seria fruto da disposição adquirida na quinta fase filogenética.

Podemos então considerar que os três destinos dos impulsos analisados em *Os impulsos e seus destinos* remetem a: 1º) disposição adquirida na quarta fase filogenética, transformação da atividade em passividade, 2º) disposição adquirida na quinta fase, constituição de um amor que se contrapõe ao ódio, amor ao igual oposto ao ódio ao diferente, 3º) disposição adquirida na sexta fase, volta do impulso (readquirido por meio da identificação com o pai) contra a própria pessoa (por meio de um mecanismo cujo esclarecimento acompanharemos neste capítulo).

Antes de analisarmos efetivamente a sexta fase filogenética e a disposição para mania/melancolia, observemos a descrição destas mesmas disposições em *Introdução ao narcisismo*. Inicialmente, neste texto, Freud diferencia o narcisismo primário do secundário. Como vimos, o narcisismo primário caracteriza-se pela onipotência do pensamento e pela força mágica das palavras. O narcisismo secundário, por sua vez, é característico da parafrenia e coincide com o abandono do interesse pelo mundo.

Podemos então considerar que o narcisismo primário coincide com o narcisismo do pai primitivo, aquilo que temos chamado de narcisismo do sujeito. É um narcisismo constituído a partir da abundância de libido, de vontade de poder, coincide com um movimento de expansão do eu. Já o narcisismo secundário se constitui como uma oposição ao objeto. Coincide muito mais com um movimento de fuga do que com um movimento de expansão. A libido retirada do objeto externo reencontra um novo objeto que é o eu. Trata-se daquilo que estamos chamando de narcisismo de objeto, e que se desenvolve na segunda parte da história filogenética, na história dos filhos, quando eles sexualizam a dor e o ódio pelo pai (por meio da satisfação sexual com o igual). Podemos supor que na ontogênese ambos os narcisismos, de sujeito e de objeto, desenvolvem-se concomitantemente. A história filogenética sugere que, na espécie, ambos narcisismos desenvolveram-se independentemente em situações distintas e só na sexta fase foram unidos.

Se as bases do narcisismo do sujeito são os impulsos e os desejos, a base do narcisismo secundário é outra, e ela é analisada no segundo capítulo de *Introdução ao narcisismo*. Em primeiro lugar são analisadas a dor e a hipocondria, em segundo lugar, a escolha de objeto narcisista. São estes os fenômenos que tornam o narcisismo (de objeto) conhecido:

*Em todo caso, alguns outros caminhos continuam abertos para nós, para nos aproximarmos do conhecimento do narcisismo e quero agora descrevê-los em*

*ordem: a consideração da doença orgânica, da hipocondria e da vida amorosa dos sexos [des Geschlechter] (Freud, 1914-1, Introdução ao narcisismo) <sup>370</sup>.*

A dor sexualizada (quer dizer, a hipocondria) é a disposição adquirida na quarta fase filogenética e a escolha de objeto narcisista (revelada na vida amorosa), a disposição adquirida na quinta fase. A escolha narcisista pode coincidir também com a supervalorização do objeto sexual, no caso com a disposição adquirida na quarta fase filogenética, disposição que como no enamoramento e na hipnose implica numa submissão ao objeto amado. Mas a escolha propriamente narcisista é aquela que toma si mesmo como modelo para a escolha objetal. Podemos então afirmar que no segundo capítulo de *Introdução ao narcisismo* Freud refere-se às disposições adquiridas na quarta e quinta fase filogenéticas. Já o terceiro capítulo remete à disposição adquirida na sexta fase filogenética: trata-se do ideal do eu.

A libido narcisista no adulto normal forma o ideal do eu, que é condição da repressão.

*A observação do adulto normal mostra que ... se apagaram os traços psíquicos a partir do qual nós exploramos o seu narcisismo infantil. O que aconteceu à libido do eu? ...*

*Nós podemos dizer que uma [pessoa] ergueu em si um ideal, pelo qual mede o seu eu atual ... A formação do ideal seria para o eu a condição para a repressão. (Freud, 1914-1, Introdução ao narcisismo) <sup>371</sup>.*

Se o ideal do eu é condição para repressão, ele também requer e instiga a sublimação (portanto ele está ligado aos dois outros destinos da libido elencados em *Impulsos e seus destinos: repressão e sublimação*). Mas a sublimação é um processo independente do ideal do eu, este não pode forçá-la:

---

<sup>370</sup> Immerhin bleiben uns einige andere Wege offen, um uns der Kenntnis des Narzissmus anzunähern, die ich nun der Reihe nach beschreiben will: die Betrachtung der organischen Krankheit, der Hypochondrie und des Liebeslebens der Geschlechter. (Freud, 1914-1, Zur Einführung des Narzissmus, Studienausgabe, Band III, p. 49) (Cia letras, vol. 12, p. 25).

<sup>371</sup> Die Beobachtung der normalen Erwachsenen zeigt dessen einstigen Grössenwahn gedämpft und die psychischen Charaktere, aus denen wir seinen infantilen Narzissmus erschlossen haben, verwischt. Was ist aus seiner Ichlibido geworden? ...

Wir können sagen, der eine habe ein *Ideal* in sich aufgerichtet, an welchem er sein aktuelles Ich misst ... Die Idealbildung wäre von seiten des Ichs die Bedingung der Verdrängung. (Freud, Studienausgabe, id., p. 60) (Cia letras, p. 39/40).



*O ideal do eu exige na verdade tal sublimação, mas ele não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja introdução pode ser instigada pelo ideal do eu, mas cuja execução permanece independente de tal instigação. (Freud, id.)*<sup>372</sup>

Um ideal que exige a sublimação, por um lado, e uma incapacidade (constitutiva) de sublimar, por outro, é causa da tensão psíquica, na neurose:

*Encontra-se justamente nos neuróticos as mais altas diferenças de tensão entre a formação do ideal do eu e o grau de sublimação de seus primitivos impulsos libidinais, e em geral é bem mais difícil convencer os idealistas do que os homens simples, modestos em suas pretensões, acerca do inadequado paradeiro de sua libido. (ibidem)*<sup>373</sup>.

Na verdade, o objetivo primeiro do ideal do eu é a repressão dos impulsos. Se o sujeito for capaz de sublimar não precisará reprimi-lo: *"a formação de ideal aumenta as exigências do eu e é o auxílio mais forte à repressão; a sublimação representa a saída de como se pode cumprir a exigência sem provocar a repressão."* (id.).<sup>374</sup>

O ideal do eu diferencia-se da parte do eu que visa satisfazer os impulsos, a parte do eu que visa satisfazer os impulsos é a parte que sofre repressão, mas que também pode, se for capaz, satisfazer o impulso por meio da sublimação, atendendo assim as exigências do ideal sem ter de submeter-se a repressão. A sublimação é um processo que ocorre no impulso, poderíamos dizer, relativa ao narcisismo do sujeito, já o ideal é um processo relacionado com o objeto, portanto com o narcisismo do objeto.

*É natural examinar as relações desta formação do ideal com a sublimação. A sublimação é um processo na libido objetal e consiste em que o impulso se lança a outra meta, afastada da satisfação sexual; a ênfase recai no desvio do sexual. A idealização é um processo com o objeto, mediante o qual este é aumentado e*

---

<sup>372</sup> Das Ichideal fordert zwar solche Sublimierung, aber es kann sie nicht erzwingen; die Sublimierung bleibt ein besonderer Prozess, dessen Einleitung vom Ideal angeregt werden mag, dessen Durchführung durchaus unabhängig von solcher Anregung bleibt. (Freud, Studienausgabe, id., p. 61) (Cia letras, p. 41)

<sup>373</sup> Man findet gerade bei den Neurotikern die höchsten Spannungsdifferenzen zwischen der Ausbildung des Ichideals und dem Mass von Sublimierung ihrer primitiven libidinösen Triebe, und es fällt im allgemeinen viel schwerer, den Idealisten von dem unzweckmässigen Verbleib seiner Libido zu überzeugen, als den simplen, in seinen Ansprüchen genügsam gebliebenen Menschen. (ibidem).

<sup>374</sup> Die Idealbildung steigert, wie wir gehört haben, die Anforderungen des Ichs und ist die stärkste Begünstigung der Verdrängung; die Sublimierung stellt den Ausweg dar, wie die Anforderung erfüllt werden kann, ohne die Verdrängung herbeizuführen. (Stud, id., p. 62) (Cia letras, ibidem).

*psiquicamente elevado sem alteração da sua natureza. A idealização é possível no âmbito da libido do eu como também no da libido objetal. De modo que a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização dele. Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao impulso, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, elas devem se manter separadas conceitualmente. (Freud, id.)<sup>375</sup>.*

A sublimação é um processo que ao dessexualizar a meta do impulso sexual aumenta a potência do indivíduo. Corresponde, na nossa interpretação, à disposição adquirida na terceira fase filogenética, que consideramos característico da psicologia do pai primitivo, do indivíduo: a capacidade de transformar processo primário em secundário, de representar o mundo a partir de seu eu, de desenvolver a inteligência e a linguagem, e ganhar, com isso, um maior poder sobre o mundo externo e sobre os outros. É o apoderar-se do excesso produzido pela natureza (como afirma Schiller), o excesso dos próprios impulsos, expandindo assim o poder. Nota-se, no entanto, que, uma vez constituída a organização social, a sublimação aparece como um possível destino do impulso, capaz de substituir a repressão, mais favorável, mas inacessível à maior parte das pessoas. No entanto, neste caso, a sublimação tem de se submeter às exigências do ideal do eu que em última instância remetem aos ideais da coletividade. Assim, constituída a organização social, o mecanismo da sublimação, adquirido pelo pai primitivo, tem de se submeter a exigências dos ideais da coletividade.

Diferente do processo de sublimação, o ideal do eu não se refere aos impulsos. Ele, ao contrário, requer a repressão dos impulsos. O ideal do eu remete às relações do eu com o objeto, nos dois sentidos de objeto: com o objeto externo (com o não eu/outro) e com a posição passiva que faz dele um objeto, seja objeto de um Outro (de um sujeito/objeto externo), seja objeto de si mesmo. Se do ponto de vista do impulso, da psicologia do pai primitivo, objeto é sempre o objeto externo (ou seus substitutos); do ponto de vista da psicologia dos filhos, o objeto externo, em vez de objeto, pode ser

---

<sup>375</sup> Es liegt nahe, die Beziehungen dieser Idealbildung zur Sublimierung zu untersuchen. Die Sublimierung ist ein Prozess an der Objektlibido und besteht darin, dass sich der Trieb auf ein anderes, von der sexuellen Befriedigung entferntes Ziel wirft; der Akzent ruht dabei auf der Ablenkung vom Sexuellen. Die Idealisierung ist ein Vorgang mit dem Objekt, durch welchen dieses ohne Änderung seiner Natur vergrößert und psychisch erhöht wird. Die Idealisierung ist sowohl auf dem Gebiete der Ichlibido wie auch der Objektlibido möglich. So ist zum Beispiel die Sexualüberschätzung des Objektes eine Idealisierung desselben. Insofern also Sublimierung etwas beschreibt, was mit dem Trieb, Idealisierung etwas, was am Objekt vorgeht, sind die beiden begrifflich auseinanderzuhalten. (Stud, id., p. 61) (Cia letras 40/1).

sujeito e o objeto, propriamente dito, é o próprio eu (tomado como objeto do outro ou de si mesmo). O processo de idealização pode ocorrer sobre o objeto externo, a supervalorização do objeto. Neste caso o processo caracteriza-se por se colocar no lugar de objeto (tornar passivo o eu), elevando o objeto externo à posição de sujeito (o que ocorreria na quarta fase filogenética). Quando o processo de idealização ocorre no eu, no entanto, trata-se de supervalorizar o próprio eu, mas em detrimento de o que? Ou do objeto hostil, como vimos, na quinta fase filogenética, ou de parte do próprio eu, como veremos a seguir. Mas o que nos importa assinalar nesse momento é a posição de objeto que ocupa o ideal do eu.

Mas se, em *Introdução ao narcisismo*, o ideal do eu é tomado como objeto em *Psicologia das massas e análise do eu*, ele toma o eu como objeto. Neste texto, Freud afirma que as relações do ideal do eu com o eu repetem as relações do objeto externo com o eu:

*Nós consideramos que o eu se coloca na relação de um objeto com o ideal do eu, que dele se desenvolveu, e que possivelmente todas as ações recíprocas que nós conhecemos na teoria das neuroses entre o objeto externo e o eu como um todo chegam a se repetir nesse novo palco dentro do eu.* (Freud, 1921, *Psicologia das massas e análise do eu*)<sup>376</sup>.

Assim, o ideal do eu tomaria o eu como objeto, da mesma forma que o objeto externo antes o fizera. O ideal, então, não é objeto, mas sujeito que toma o eu como objeto. Neste caso, no entanto, parece-nos que Freud não diferencia o ideal do eu de outra instância que o toma como objeto, mas que também toma o resto do eu como objeto. Vejamos mais atentamente esta diferenciação em *Introdução ao narcisismo*.

*A esse eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que na infância gozou o eu real. O narcisismo aparece deslocado para esse novo eu ideal que, como o infantil, se encontra de posse de toda a valiosa perfeição. A pessoa se mostrou aqui ... incapaz de renunciar à satisfação que uma vez gozou. Ela não quer se privar da perfeição narcisista de sua infância, e se não pode mantê-la ... procura readquiri-la na forma nova do ideal do eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o*

---

<sup>376</sup> Denken wir daran, dass das Ich nun in die Beziehung eines Objekts zu dem aus ihm entwickelten Ichideal tritt und dass möglicherweise alle Wechselwirkungen, die wir zwischen äusserem Objekt und Gesamt-Ich in der Neurosenlehre kennengelernt haben, auf diesem neuen Schauplatz innerhalb des Ichs zur Wiederholung kommen. (Freud, 1921, Studienausgabe, Massenpsychologie und Ich-Analyse. Band IX, p. 121) (Cia letras, vol. 15, p. 94).

*substituto para o narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era seu próprio ideal.* (Freud, 1914-1, Introdução ao narcisismo)<sup>377</sup>.

O eu real não é mais amado, ele, na verdade, é odiado. A criança teve de renunciar ao seu narcisismo, ao sujeito narcísico, e agora ela ama um ideal que se opõe ao que ela era. Mas quem ama o ideal do eu? Outra instância psíquica: a consciência moral. Ela ama o ideal que compara com o odiado eu atual:

*Não é para se admirar se nós formos obrigados a localizar uma instância psíquica especial que realize a tarefa de velar pela segurança da satisfação narcísica a partir do ideal do eu e que, com esse propósito, observe continuamente o eu atual, medindo-o pelo ideal. Se uma tal instância existe, é impossível que aconteça para nós descobri-la, nós apenas podemos identifica-la e devemos dizer que o que nós chamamos de nossa consciência moral completa estas características. ... um tal poder, que observa todos os nossos propósitos, os aprende e os critica, existe realmente, e existe em todos nós na vida normal.* (Freud, id.)<sup>378</sup>

O ideal do eu constitui-se então como uma mescla da supervalorização (quer dizer, idealização) antes voltada ao objeto externo e à posição passiva, posição do eu de objeto. O eu supervalorizado, como fora o objeto, é amado pela consciência moral.

De onde vem a supervalorização do ideal do eu? dos ideais da coletividade. E a libido que mantém este amor é a libido homossexual, quer dizer, o amor pelos iguais, pela coletividade. *"Grandes cargas de libido essencialmente homossexual foram assim carregadas para a formação do ideal do eu narcisista, e encontram vazão e satisfação na sua conservação."* (Freud, id.)<sup>379</sup>.

---

<sup>377</sup> Diesem Idealich gilt nun die Selbstliebe, welche in der Kindheit das wirkliche Ich genoss. Der Narzissmus erscheint auf dieses neue ideale Ich verschoben, welches sich wie das infantile im Besitz aller wertvollen Vollkommenheiten befindet. Der Mensch hat sich hier, wie jedesmal auf dem Gebiete der Libido, unfähig erwiesen, auf die einmal genossene Befriedigung zu verzichten. Er will die narzisstische Vollkommenheit seiner Kindheit nicht entbehren, und wenn er diese nicht festhalten konnte, durch die Mahnungen während seiner Entwicklungszeit gestört und in seinem Urteil geweckt, sucht er sie in der neuen Form des Ichideals wiederzugewinnen. Was er als sein Ideal vor sich hin projiziert, ist der Ersatz für den verlorenen Narzissmus seiner Kindheit, in der er sein eigenes Ideal war. (Freud, 1914-1, Studienausgabe, Zur Einführung des Narzissmus, Band III, p. 60/1) (Cia letras, vol. 12, p. 40).

<sup>378</sup> Es wäre nicht zu verwundern, wenn wir eine besondere psychische Instanz auffinden sollten, welche die Aufgabe erfüllt, über die Sicherung der narzisstischen Befriedigung aus dem Ichideal zu wachen, und in dieser Absicht das aktuelle Ich unausgesetzt beobachtet und am Ideal misst. Wenn eine solche Instanz existiert, so kann es uns unmöglich zustossen, sie zu entdecken; wir können sie nur als solche agnoszieren und dürfen uns sagen, dass das, was wir unser *Gewissen* heissen, diese Charakteristik erfüllt. ... eine solche Macht, die alle unsere Absichten beobachtet, erfährt und kritisiert, besteht wirklich, und zwar bei uns allen im normalen Leben. (Freud, Studienausgabe, id. p. 62) (Cia letras, p. 41/2)

<sup>379</sup> Grosse Beiträge von wesentlich homosexueller Libido wurden so zur Bildung des narzisstischen Ichideals herangezogen und finden in der Erhaltung desselben Ableitung und Befriedigung. (Freud, Stud. id., p. 62/3) (Cia letras, p. 42/3).

O ideal do eu é o lado individual do ideal comum de uma coletividade e está relacionado com a libido homossexual:

*Do ideal do eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Este ideal tem, além da sua parte individual, uma parte social, ele é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. Ele liga além da libido narcisista um montante considerável da libido homossexual de uma pessoa, que por esse caminho retorna ao eu. A insatisfação pela não realização desse ideal libera libido homossexual que se transforma em consciência de culpa (angústia social). A consciência de culpa foi originalmente a angústia diante do castigo dos pais, mais corretamente, diante da perda do seu amor; no lugar dos pais colocou-se depois um número indefinido de companheiros. (Freud, id.)<sup>380</sup>.*

O ideal do eu então é constituído pela libido homossexual (ela mesma, baseada na libido narcisista, no amor ao semelhante, como vimos na quinta fase) e corresponde ao ideal comum, da coletividade. Se a libido homossexual não é satisfeita por meio da realização do ideal da coletividade (da igualdade), transforma-se naquilo que a originou, a saber, no medo, angústia, do castigo (que foi sexualizado, por meio da identificação). Se o eu não se identifica mais com os iguais (por meio da realização dos ideais coletivos) todo o mundo externo se torna hostil e provoca temor. O amor aos ideais coletivos coincide com repúdio ao objeto odiado e temido, se ele não é realizado, retorna o perigo.

Mas quando o ideal do eu (o ideal coletivo) é realizado, o ódio não se volta mais para o objeto externo e sim para o próprio eu. A consciência moral, diferentemente do narcisismo das pequenas diferenças, não se volta para um objeto exterior, mas sim para o próprio eu atual. É o eu atual que agora ameaça e é dele que a coletividade tem de se defender. Essa então seria a diferença entre a quinta e a sexta fase. Se, na quinta fase, foi constituído um ideal coletivo, formado por valores opostos aos do pai primitivo, valores que fizeram da fraqueza uma virtude já que oposta à força, agora estes valores se opõem

---

<sup>380</sup> Vom Ichideal aus führt ein bedeutsamer Weg zum Verständnis der Massenpsychologie. Dies Ideal hat ausser seinem individuellen einen sozialen Anteil, es ist auch das gemeinsame Ideal einer Familie, eines Standes, einer Nation. Es hat ausser der narzisstischen Libido einen grossen Betrag der homosexuellen Libido einer Person gebunden, welcher auf diesem Weg ins Ich zurückgekehrt ist. Die Unbefriedigung durch Nichterfüllung dieses Ideals macht homosexuelle Libido frei, welche sie in Schuldbewusstsein (soziale Angst) verwandelt. Das Schuldbewusstsein war ursprünglich Angst vor der Strafe der Eltern, richtiger gesagt: vor dem Liebesverlust bei ihnen; an Stelle der Eltern ist später die unbestimmte Menge der Genossen getreten. (Stud, id., p. 68) (Cia letras, p. 50).

ao próprio eu. O ideal do eu e a consciência moral assumem agora uma crítica contra o eu, comportam-se neste sentido como o objeto hostil que pune, que impede a satisfação:

*A incitação para a formação do ideal do eu, cuja tutela foi dada à consciência moral, partiu, a saber, da influência crítica dos pais, intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma multidão imensa e indefinível, todas as outras pessoas do meio (o próximo, a opinião pública).*

*A instituição da consciência moral foi, no fundo, uma corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, um processo que se repete na origem de uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou de um obstáculo primeiramente externos (Freud, id.)<sup>381</sup>.*

A consciência moral tutela a realização do ideal do eu, das ideias coletivas, criticando, de certa forma, punindo o eu atual. Ela torna-se tão cruel e punitiva para com o eu, como o pai primitivo ou a autoridade que não satisfaz os desejos. Quer dizer, o ódio para com o eu atual não coincide apenas com o ódio pelo diferente que intensifica o amor pelo igual. O ódio da consciência moral é um ódio que se descarrega cruelmente sobre o próprio eu.

Estabelece-se então não apenas o ódio ao diferente, ao forte, ao feliz, mas também um ódio contra a própria força e contra a própria felicidade, como, mais uma vez, podemos comparar com a psicologia do ressentimento de Nietzsche:

*Estes são todos homens do ressentimento, estes fisiologicamente desgraçados, carcomidos, todo um mundo fremente de subterrânea vingança, inesgotável, insaciável em irrupções contra os felizes, e também em mascaramentos de vingança, em pretextos para vingança: quando alcançariam realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo de vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda miséria, de modo que estes um dia comesçassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz! Existe muita miséria! ...*

---

<sup>381</sup> Die Anregung zur Bildung des Ichideals, als dessen Wächter das Gewissen bestellt ist, war nämlich von dem durch die Stimme vermittelten kritischen Einfluss der Eltern ausgegangen, an welche sich im Laufe der Zeiten die Erzieher, Lehrer und als unübersehbarer, unbestimmbarer Schwarm alle anderen Personen des Milieus angeschlossen hatten. (Die Mitmenschen, die öffentliche Meinung.)

... Die Institution des Gewissens war im Grunde eine Verkörperung zunächst der elterlichen Kritik, in weiterer Folge der Kritik der Gesellschaft, ein Vorgang, wie er sich bei der Entstehung einer Verdrängungsneigung aus einem zuerst äusserlichen Verbot oder Hindernis wiederholt. (Stud, id., p 62/3) (Cia letras, p. 43).

*os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade.* (Nietzsche, Genealogia da moral, op. cit. p. 113/4).

É este, por fim, o trabalho realizado em cada novo membro da sociedade, em cada criança que nela ingressa. A criança deve constituir um ideal que a faz duvidar de seu direito à felicidade, de seu direito a satisfazer seus impulsos.

Vejamos efetivamente o que se passou na sexta fase filogenética, os acontecimentos que possibilitaram que o impulso se voltasse contra a própria pessoa (como analisado em *Impulso e seus destinos*) e que se constituísse o ideal do eu baseado nos ideais da coletividade e oposto ao eu atual (como analisado em *Introdução ao narcisismo*).

Na sexta fase, depois de ocorrido o grande acontecimento que pôs fim à horda primitiva e a substituiu pela organização social: o parricídio, se constituem as consequências deste ato tanto na coletividade quanto nos indivíduos. Na coletividade, surgiu uma nova organização: a cultura, a sociedade, com suas restrições e com sua força enquanto grupo. No indivíduo, suas novas disposições correspondentes à mania/melancolia, a saber, a internalização dos objetos amados (i. da coletividade, ii. do pai perante o qual se submete e iii. do pai como modelo de satisfação dos impulsos) e dos objetos odiados (i. do pai como modelo de satisfação dos impulsos e ii. dos irmãos rivais).

Assim Freud descreve o que se passou na sexta fase filogenética e sua relação com a mania/melancolia:

*Se se considera a alternância característica da depressão e entusiasmo, é difícil não se recordar da semelhante sequência do triunfo e luto, que forma a efetividade regular das festividades religiosas. Luto pela morte de Deus, alegria de triunfo por sua ressurreição. Este cerimonial religioso repete, porém então, como nós supomos a partir das informações da psicologia dos povos, em direção invertida, o comportamento dos membros do clã de irmãos, depois que eles dominaram e mataram o pai primitivo: triunfo pela sua morte e então luto porque eles todos o adoravam como modelo. Assim este grande acontecimento da história da*

*humanidade, que pôs um fim na horda primitiva e a substituiu pela vitoriosa organização dos irmãos, seria a predisposição para a peculiar sequência de humor que nós reconhecemos como particular afecção narcisista ao lado das parafrenias. O luto pelo pai primitivo sucede da identificação com ele e tal identificação nós comprovamos como a condição do mecanismo melancólico. (Freud, 1915-1, Visão geral das neuroses de transferência)<sup>382</sup>.*

Analisaremos este grande acontecimento da história da humanidade, que pôs fim à horda primitiva e a substituiu pela fraternidade vitoriosa, tomando como base o texto *Totem e tabu* e relacionando-o com a disposição para a mania. Depois então analisaremos a disposição para a melancolia, que nos parece ser a grande mantenedora da civilização, tomando como base o texto *Luto e melancolia*.

Em *Totem e tabu*, antes da narração do parricídio, Freud descreve a horda primitiva, baseada em uma hipótese darwiniana. Freud introduz a hipótese darwiniana para explicar o enigma da origem do horror ao incesto:

*Devo ainda mencionar uma tentativa de esclarecer a emergência do horror ao incesto ... Podemos designá-la como uma dedução histórica. Essa tentativa relaciona-se a uma hipótese de Charles Darwin sobre o estado social primitivo dos homens. Darwin deduziu, dos hábitos de vida dos macacos superiores, que também o homem viveu originalmente em pequenas hordas, dentro das quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impediu a promiscuidade sexual. "... o homem primitivo originalmente viveu em pequenas comunidades, cada homem com uma mulher ou, se ele tinha poder, com muitas, que ele ciumentamente defendia dos outros homens. Ou pode não ter sido um animal social e ter vivido sozinho com várias esposas, como o gorila; pois todos os nativos 'concordam em que apenas um macho adulto é enxergado num grupo; quando o macho jovem cresce, realiza-se uma luta pelo domínio, e o mais forte, matando ou expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade'. (Dr Savage, Boston Journal of Nat. Hist, vol V, 1845-7) Os machos jovens, que foram expulsos dessa maneira e agora vagam, quando finalmente são vitoriosos em encontrar uma parceira, evitam*

---

<sup>382</sup> Fasst man die charakteristische Abwechslung von Depression und Hochstimmung ins Auge, so ist es schwer, sich nicht an die so ähnliche Aufeinanderfolge von Triumph und Trauer zu erinnern, welche regelmässigen Bestand religiöser Festlichkeiten bildet. Trauer über den Tod des Gottes, Triumphfreude über seine Wiederauf[er]stehung. Dieses religiöse Zeremoniell wiederholt aber nur, wie wir aus den Angaben der Völkerpsychologie erraten haben, in umkehrender Richtung das Verhalten der Mitglieder des Brüderklans, nachdem sie den Urvater überwältigt und getötet hatten: Triumph über seinen Tod und dann Trauer darüber, da sie ihn doch alle als Vorbild verehrt hatten. So gäbe dieses grosse Ereignis der Menschengeschichte, welches der Urhorde ein Ende machte und sie durch die siegreiche Brüderorganisation ersetzte, die Prädisposition für die eigentümliche Stimmungsfolge, die wir als besondere narzisstische Affektion neben den Paraphrenien anerkennen. Die Trauer um den Urvater geht aus der Identifizierung mit ihm [her]vor, und solche Identifizierung haben wir als die Bedingung des melancholischen Mechanismus nachgewiesen. (Freud, 1915-1, Übersicht der Ubertagungsneurosen, op. cit. p.78/9).



*cruzamentos muito restritos, no interior dos membros de uma e mesma família."* (Darwin, *Descendência do homem*, 1871, p. 362). (Freud, *Totem e tabu*)<sup>383</sup>.

Se a primeira sugestão da horda primitiva veio de Darwin, de suas observações dos hábitos dos símios superiores que vivem em hordas, as modificações introduzidas por Freud na história da horda primitiva, em *Visão geral das neuroses de transferência*, aproximam-na muito mais das primeiras comunidades formadas pelos primeiros conquistadores, supostas por Nietzsche, do que das hipóteses darwinianas. Devemos notar, no entanto, que para Freud não parece haver conflito entre a hipótese darwiniana e a nietzschiana. De toda forma, foram duas as modificações introduzidas em *Visão geral das neuroses de transferência*. Em primeiro lugar, como já afirmamos, o chefe da horda tem características mais próximas do nobre, forte, nietzschiano que do símio: é inteligente, inventa a linguagem, domina a natureza e impõe leis para os mais fracos que são protegidos por ele. Em segundo lugar, Freud supôs outro destino para os filhos dos tempos da horda que não a morte ou expulsão: eles puderam permanecer na horda como inofensivos trabalhadores castrados. Destino que foi analisado na quarta fase filogenética e que configurou, na nossa interpretação, a primeira relação entre credor e devedor, um primeiro convívio entre fortes e fracos, uma associação marcada pelas relações de poder.

Mas, já em *Totem e tabu*, o destino dos irmãos expulsos não concorda com a tese darwiniana. Eles não se preveniram da endogamia, encontrando uma fêmea fora do grupo, e sim, se uniram, o que os tornou fortes para pôr fim à horda, matando e devorando o pai.

*Certo dia, os irmãos expulsos se mancomunaram, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos ousaram e realizaram o que*

---

<sup>383</sup> Ich muss noch eines Versuches erwähnen, die Entstehung der Inzestscheu zu erklären ... . Man könnte ihn als eine historische Ableitung bezeichnen. Dieser Versuch knüpft an eine Hypothese von Ch. Darwin über den sozialen Urzustand des Menschen an. Darwin schloss aus den Lebensgewohnheiten der höheren Affen, dass auch der Mensch ursprünglich in kleineren Horden gelebt habe, innerhalb welcher die Eifersucht des ältesten und stärksten Männchens die sexuelle Promiskuität verhinderte. " ... der Mensch ursprünglich in kleinen Gesellschaften lebte, jeder Mann mit einer Frau oder, hatte er die Macht, mit mehreren, welche er eifersüchtig gegen alle anderen Männer verteidigte. Oder er mag kein soziales Tier gewesen sein und doch mit mehreren Frauen für sich allein gelebt haben wie der Gorilla; denn alle Eingeborenen 'stimmen darin überein, dass nur ein erwachsenes Männchen in einer Gruppe zu sehen ist. Wächst das junge Männchen heran, so findet ein Kampf um die Herrschaft statt, und der Stärkste setzt sich dann, indem er die anderen getötet oder vertrieben hat, als Oberhaupt der Gesellschaft fest" (Dr Savage, Boston Journal of Nat. Hist, Bd. 5, 1 845-7). Die jüngeren Männchen, welche hiedurch ausgestossen sind und nun herumwandern, werden auch, wenn sie zuletzt beim Finden einer Gattin erfolgreich sind, die zu enge Inzucht innerhalb der Glieder einer und derselben Familie verhüten. " [Darwin, 1871, Bd. 2, 362 f) (Freud Totem und Tabu, Stud., p. 410/1) (Cia letras, p. 193).

*seria impossível ao indivíduo. (Talvez algum avanço cultural, o manejo de uma nova arma, deu-lhes um sentimento de superioridade.) Que eles também devoraram o morto, é natural para canibais selvagens. O violento pai primitivo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do bando de irmãos. Então no ato de devorar conseguiram a identificação com ele, adquirindo cada um uma parte de sua força. (ibidem)<sup>384</sup>.*

Os irmãos, portanto, unidos, mancomunando-se, tornaram-se fortes. Esta força foi adquirida por meio de um fruto da inteligência (uma arma), agora, compartilhada por todos (e não posse de um indivíduo, como fora a inteligência do pai). Os filhos individualmente fracos se tornaram fortes para por fim à horda paterna.

Assim, para Freud, o prazer dos fracos em se associarem (o prazer homossexual) teve um papel fundamental na constituição da cultura: conduziu ao ato que a inaugurou. Aqui, mais que com Nietzsche, podemos aproximar novamente Freud de Darwin, na medida em que este ressalta a importância dos impulsos altruístas na adaptação da espécie humana. De acordo com Darwin, aqueles que desenvolveram estes impulsos, e portanto o prazer relacionado a eles, tiveram melhor destino que os que não o desenvolveram. Como fixaram comportamentos vantajosos estes impulsos foram selecionados.

*é muito mais provável que estas sensações [de embaraço quando separados dos companheiros e a vontade em sua companhia] se tenham a princípio para determinar a viver reunidos os animais que tenham um vantajoso partido a tirar da vida em sociedade. Da mesma forma que, sem dúvida, os sentimentos da fome e o do gozo de comer foram adquiridos, em princípio, para levar os animais a se alimentar. A impressão de prazer da sociedade é provavelmente uma extensão das afeições de parentesco ou filiais, que se pode atribuir à seleção natural e talvez, em parte, ao costume dos animais para os quais a vida social é vantajosa. Os indivíduos que encontraram maior prazer em estar reunidos, podiam escapar a diversos perigos, enquanto que os que pouco se incomodavam com os companheiros e viviam solitariamente, deviam por força perecer em maior quantidade ... as afeições sociais ... podemos admitir ... foram, numa medida importante, adquiridas por seleção natural. (Darwin, A descendência do homem, p. 75/6).*

---

<sup>384</sup>Eines Tages taten sich die ausgetriebenen Brüder zusammen, erschlugen und verzehrten den Vater und machten so der Vaterhorde ein Ende. Vereint wagten sie und brachten zustande, was dem Einzelnen unmöglich geblieben wäre. (Vielleicht hatte ein Kulturfortschritt, Handhabung einer neuen Waffe, ihnen das Gefühl der Überlegenheit gegeben.) Dass sie den Getöteten auch verzehrten, ist für den kannibalen Wilden selbstverständlich. Der gewalttätige Urvater war gewiss das beneidete und gefürchtete Vorbild eines jeden aus der Brüderschar gewesen. . Nun setzen sie im Akte des Verzehrns die Identifizierung mit ihm durch, eigneten sich ein jeder ein Stück seiner Stärke an. (Freud, ibidem, Stud., p. 426) (Cia letras, p. 217).

No entanto, devemos ressaltar que, se Freud valoriza o papel dos laços sociais (do amor homossexual) na constituição da cultura, ele, diferente de Darwin, supõe que a origem destes laços (portanto dos impulsos altruístas, gregários) está no ressentimento, no ódio contra o diferente.

Depois de se fortalecerem em conjunto e cometerem o parricídio, os irmãos, então, devoraram o pai e se identificaram cada um individualmente com ele. Cada um resgatou a força individual do pai, a psicologia do indivíduo, que fora abandonada pelos filhos nos tempos da horda primitiva. A disposição para a mania é uma repetição deste ato memorável: quando o pai odiado foi executado e cada filho pode então resgatar a psicologia do indivíduo.

Devemos lembrar que todas as disposições estão presentes em todos os indivíduos, de forma mais ou menos intensa. A intensidade da disposição é o que determina a escolha da neurose. Em *Os impulsos e seus destinos* Freud supõe estas disposições, neste texto chamadas de destinos dos impulsos, como uma série de ondas que irrompem com uma certa independência uma das outras: os primeiros destinos prosseguem inalterados ao lado de destinos que sofreram alterações (portanto, uma disposição permanece inalterada ao lado de outra):

*Pode-se decompor cada vida do impulso em ondas separadas, temporalmente particulares, e, no interior de uma unidade de tempo (qualquer), homogêneas, que se comportam entre si como erupções de lava sucessivas. Pode-se então representar que a primeira e mais primitiva erupção do impulso prossiga inalterada e não sofra nenhuma evolução. Uma onda seguinte estaria sujeita desde o início a uma alteração, a conversão para a passividade, por exemplo, e se adicionaria com esse novo caráter à anterior, e assim por diante. (Freud, 1915-2, Os impulsos e seus destinos)<sup>385</sup>.*

Assim, se na época da horda surgiram novas disposições, novos destinos para o impulso – a saber: 1) sua forma passiva, atribuindo ao outro a vontade, 2) sua forma

---

<sup>385</sup> Man kann sich jedes Triebleben in einzelne zeitlich geschiedene und innerhalb der (beliebigen) Zeiteinheit gleichartige Schübe zerlegen, die sich etwa zueinander verhalten wie sukzessive Lavaeruptionen. Dann kann man sich etwa vorstellen, die erste und ursprünglichste Trieberuption setze sich ungeändert fort und erfahre überhaupt keine Entwicklung. Ein nächster Schub unterliege von Anfang an einer Veränderung, etwa der Wendung zur Passivität, und addiere sich nun mit diesem neuen Charakter zum früheren hinzu usw. (Freud, 1915-2, Triebe und Tribschicksale, Stud., Band III, p. 95) (Cia letras, p. 69).

homossexual, na qual se ama o igual e se odeia o diferente; disposições que se apresentaram, naquele momento, mais importantes que as disposições adquiridas pelo pai primitivo –, as disposições adquiridas pelo pai não deixaram de existir nos filhos e depois do parricídio puderam novamente ser fortificadas.

A disposição para a mania repete o triunfo sobre o pai: a satisfação do ódio e a identificação com sua força, o resgate da psicologia do indivíduo. Este resgate da psicologia do indivíduo, no entanto, trouxe problemas à associação dos irmãos. Para se constituir a organização social foram necessários ainda alguns novos expedientes, para que não se perdessem os laços fraternos.

Segundo Freud, Atkinson já havia antecipado este problema. Freud o cita:

*[Atkinson] supõe ainda que após vencer o pai acontece uma desintegração da horda pela amarga luta dos filhos vitoriosos um com o outro. Desse modo, nunca tem êxito uma nova organização da sociedade: "uma violenta e sempre renovada sucessão à tirania solitária do pai, por filhos cujas mãos parricidas logo se acham novamente cerradas em luta fratricida"* (Freud, 1913-1, Totem e tabu)<sup>386</sup>.

O mesmo ódio dirigido ao pai facilmente se voltaria contra os irmãos e, depois de uma luta fratricida, um membro mais forte do grupo chefiaria a nova horda. A união dos irmãos seria temporária, determinada pelo ódio contra o pai. Satisfeito o ódio, a reunião entre os irmãos não teria mais razão de ser. Segundo Freud, os irmãos *"odiavam o pai, que colocou sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais poderosamente no caminho. ... Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e levaram a cabo o desejo de identificação com ele"*<sup>387</sup>. O ódio de cada irmão pelo pai visava em última instância tomar o seu lugar. Depois do parricídio, os irmãos se identificaram com o pai apenas simbolicamente e não efetivamente: nenhum deles pode ocupar o lugar do pai, *"o ato não pode trazer plena satisfação a nenhum dos que o realizaram. De certo ponto de vista,*

---

<sup>386</sup> Er [Atkinson] nimmt dann weiter an, dass nach der Beseitigung des Vaters ein Zerfall der Horde durch den erbitterten Kampf der siegreichen Söhne untereinander eintritt. Auf diese Weise käme eine neue Organisation der Gesellschaft niemals zustande: "an ever recurring violent succession to the solitary paternal tyrant by sons, whose parricidal hands were so soon again clenched in fratricidal strife". (Freud, Stud., Note, p.426) (Cia letras, nota, p. 217/8).

<sup>387</sup> Sie hassten den Vater, der ihrem Machtbedürfnis und ihren sexuellen Ansprüchen so mächtig im Wege stand. ... Nachdem sie ihn beseitigt, ihren Hass befriedigt und ihren Wunsch nach Identifizierung mit ihm durchgesetzt hatten. (Freud, ibidem, Stud., p. 427) (Cia letras, p. 218).

*ocorrera em vão. Nenhum dos filhos pôde concretizar seu desejo original de tomar o posto do pai"* <sup>388</sup> (id.).

O que os impediu de tomar o lugar do pai foi a pressão do bando de irmãos:

*os irmãos que se juntaram para matar o pai foram cada um animados pelo desejo de tornar-se igual ao pai e exprimiram esse desejo pela incorporação das partes do seu substituto na refeição totêmica. Esse desejo, em consequência da pressão que o bando do clã de irmãos exercia sobre cada um deles, tinha de permanecer insatisfeito. Ninguém mais podia nem era capaz de alcançar a plenitude de poder do pai, a que todos haviam aspirado.* (Freud, id.) <sup>389</sup>.

Essa pressão fraterna consistiu no "*original igualamento democrático de todos os membros individuais do clã*" <sup>390</sup> (ibidem). A base deste "igualamento democrático" foram novamente os laços homossexuais, adquiridos na quinta fase filogenética. Laços que possibilitaram o parricídio e depois do parricídio se opuseram à identificação efetiva de cada irmão com o pai. Assim, repito, os laços homossexuais salvaram a organização social: *Assim salvaram a organização social, que os havia fortalecido e que pode ter se baseado nos sentimentos e atividades homossexuais que teriam surgido entre eles no tempo da expulsão.* (id.) <sup>391</sup>.

Como se expressou essa pressão do grupo? Por meio de proibições, a principal delas: a proibição do incesto, que fortaleceu os laços entre os irmãos impedindo que cada um se tornasse rival dos outros e iniciasse uma luta fratricida:

*a proibição do incesto tinha uma forte fundamentação prática. A necessidade sexual não une os homens, ela os divide. Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, assim eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejava,*

---

<sup>388</sup> die Tat keinem der Täter die volle Befriedigung bringen konnte. Sie war in gewisser Hinsicht vergeblich geschehen. Keiner der Söhne konnte ja seinen ursprünglichen Wunsch durchsetzen, die Stelle des Vaters einzunehmen. (ibidem, Stud., Note, p. 426) (Cia letras, nota, p. 218).

<sup>389</sup> Die Brüder, welche sich zur Tötung des Vaters zusammengetan hatten, waren ja jeder für sich vom Wunsche beseelt gewesen, dem Vater gleich zu werden, und hatten diesem Wunsche durch Einverleibung von Teilen seines Ersatzes in der Totemmahlzeit Ausdruck gegeben. Dieser Wunsch musste infolge des Druckes, welchen die Bande des Brüderclan auf jeden Teilnehmer übten, unerfüllt bleiben. Es konnte und durfte niemand mehr die Machtvollkommenheit des Vaters erreichen, nach der sie doch alle gestrebt hatten. (Freud, Stud., p. 431/2) (Cia letras, p. 226).

<sup>390</sup> Die ursprüngliche demokratische Gleichstellung aller einzelnen Stammesgenossen (ibidem).

<sup>391</sup> Sie retteten so die Organisation, welche sie stark gemacht hatte und die auf homosexuellen Gefühlen und Betätigungen ruhen konnte, welche sich in der Zeit der Vertreibung bei ihnen eingestellt haben mochten. (Freud, Stud., p. 428). (Cia letras, p. 220).

*como o pai, tê-las todas para si, e, na luta de todos contra todos, a nova organização sucumbia. Nenhum era mais super forte para que pudesse assumir com êxito o papel do pai. Assim, aos irmãos, se eles queriam viver juntos, nada restou senão – talvez após superarem graves incidentes – instituir a proibição do incesto, com a qual eles renunciavam simultaneamente às mulheres que desejavam, pelas quais haviam, antes de tudo, eliminado o pai. (Freud, id.)<sup>392</sup>.*

As necessidades sexuais não unem os homens, diante delas todos são rivais (como eram para com o pai). Unidos, os filhos ficaram fortes; rivais, voltaram a ser fracos. O intuito deles só se realizou pela metade, pois conseguiram matar o pai, mas a segunda etapa que consistiria em sobrepujar-se aos irmãos para alcançar as mulheres não pôde ser realizada. Eles podiam se opor ao pai, conjuntamente matá-lo, mas não tinham força, individualmente, para ser como o pai. Se algum tivesse força suficiente para tomar o lugar do pai, seria constituída nova horda, como diversas vezes deve ter acontecido, como escreveu Atkinson. Para que a nova organização não fosse conduzida ao seu fim, podemos supor, os irmãos tomaram consciência de sua fraqueza individual, da necessidade do outro e assim, novamente, os sentimentos fraternos, sociais, homossexuais, saíram vitoriosos:

*Os sentimentos sociais dos irmãos, nos quais se baseia a grande subversão, conservam, a partir daí, por longos períodos uma penetrante influência no desenvolvimento da sociedade. Manifestaram-se na sacralização do sangue comum, na ênfase na solidariedade de todas as vidas do mesmo clã. (Freud, id.)<sup>393</sup>.*

Segundo Freud, no entanto, não havia outra alternativa. Nenhum filho era suficientemente forte para constituir nova horda. A organização social, portanto, é um produto de um grupo de fracos, nos quais ninguém se distingue. Se algum indivíduo se sobressaísse seria constituída nova horda e não a organização social. Na inexistência de um forte, os valores dos fracos então saem vitoriosos, pois mantêm a organização por

---

<sup>392</sup> das Inzestverbot, hatte auch eine starke praktische Begründung. Das sexuelle Bedürfnis einigt die Männer nicht, sondern entzweit sie. Hatten sich die Brüder verbündet, um den Vater zu überwältigen, so war jeder des anderen Nebenbuhler bei den Frauen. Jeder hätte wie der Vater alle für sich haben wollen, und in dem Kampfe aller gegen alle wäre die neue Organisation zugrunde gegangen. Es war kein Überstarker mehr da, der die Rolle des Vaters mit Erfolg hätte aufnehmen können. Somit blieb den Brüdern, wenn sie miteinander leben wollten, nichts übrig, als – vielleicht nach Überwindung schwerer Zwischenfälle – das Inzestverbot aufzurichten, mit welchem sie alle zugleich auf die von ihnen begehrten Frauen verzichteten, um derentwegen sie doch in erster Linie den Vater beseitigt hatten. (Freud, Stud., p. 428/9) (Cia letras, p. 220).

<sup>393</sup> Die sozialen Brudergerfühle, auf denen die grosse Umwälzung ruht, bewahren von nun an über lange Zeiten den tiefstgehenden Einfluss auf die Entwicklung der Gesellschaft. Sie schaffen sich Ausdruck in der Heilung des gemeinsamen Blutes, in der Betonung der Solidarität aller Leben desselben. (Freud, Stud., p. 429) (Cia letras, p. 222).

meio de novos mecanismos próprios dos fracos. Primeiro mecanismo: criam ideais opostos ao egoísmo do pai primitivo, criam os ideais coletivos que são internalizados como ideal do eu de cada um, por exemplo, o ideal de privar-se do incesto. Assim, os irmãos se asseguram de que nenhum tentará impor sua força (por mais fraca que ela seja). A constituição da proibição do incesto e, portanto, dos ideais coletivos são uma vitória dos impulsos gregários, sociais, altruístas, homossexuais sobre os impulsos de liberdade, individuais e egoístas. Portanto, na origem da organização social ocorre a vitória do altruísmo sobre o egoísmo, como suposto por Darwin, e a vitória dos ideais dos fracos, que transformam a fraqueza em virtude, como suposto por Nietzsche.

Mas observemos um aspecto: são os impulsos sociais, altruístas (os laços homossexuais) que conduzem ao parricídio ou o desejo de tomar o lugar do pai e, portanto, os desejos sexuais e de poder? A história filogenética de *Visão geral das neuroses de transferência* nos leva a crer que foram os primeiros, os impulsos sociais (homossexuais) e não propriamente os desejos sexuais pelas mulheres. Estes teriam sido fortificados apenas com a identificação com o pai, possibilitada por sua devoração pós parricídio. É preciso diferenciar o ódio ressentido pelo pai, cuja origem está no amor homossexual, do desejo de ser o pai, possibilitado pela identificação pós parricídio com o pai. O primeiro é a base, intercalado pelos laços sociais, dos impulsos sociais. Os impulsos sociais, por sua vez, foram responsáveis pelo ato inaugural da organização social, pondo fim ao poder do forte, do pai primitivo. Em seguida, foram também responsáveis pela manutenção da organização social, erigindo ideais coletivos que foram internalizados como ideais do eu, ideais que proibiram qualquer manifestação da vontade de poder, qualquer expressão do desejo de tomar o lugar do pai, suscitados pelo resgate da psicologia do indivíduo (devido à identificação com o pai).

Devemos notar, no entanto, que se primeiramente os impulsos sociais (as forças que levaram ao parricídio) se opunham à submissão, à castração infligida pelo pai, à disposição passiva-masquista; no segundo momento, quando foi despertada a psicologia individual (devido à identificação com o pai), os impulsos sociais passaram a se opor à psicologia do indivíduo, à vontade de poder, e passaram a se caracterizar como uma

forma de submissão (submissão aos ideais da coletividade). Mas então, os impulsos sociais fortaleceram os irmãos, já que se opunham à submissão, ou os enfraqueceram, já que são a base da submissão?

Podemos nos perguntar qual diferença efetivamente existe entre a associação dos irmãos, constituída na quinta fase filogenética, onde os irmãos fracos juntos sobreviveram, e a organização social, constituída depois do parricídio baseada nos ideais coletivos e na internalização do ideal do eu. A diferença está no fato de que, enquanto na associação dos irmãos o pai era odiado, na organização social, os filhos se identificam (mesmo que parcialmente, simbolicamente) com o pai, despertando os impulsos da psicologia individual, o que lhes deu novamente a possibilidade de sublimar. Vimos que o ideal do eu é responsável pela repressão, mas pode também induzir à sublimação. Sublimação como a realizada pelo pai primitivo, agora, no entanto, limitada pelos ideais coletivos. Trata-se da constituição do indivíduo na coletividade, reconstituição da força, agora, submetida aos ideais coletivos.

Assim como na organização social se readquiriu a possibilidade de sublimar, também nela foi possível restabelecer para os filhos, dentro dos ideais da coletividade, alguns direitos antigos do pai, constituindo famílias em bases patriarcais:

*a sociedade sem pai gradualmente transformou-se numa sociedade organizada patriarcalmente. A família era uma restauração da antiga horda primitiva, e devolvia aos pais uma grande parte de seus direitos de antes. Existiam agora novamente pais, mas as aquisições sociais do clã de irmãos não foram abandonadas e a efetiva distância entre os novos pais de família e o ilimitado pai primitivo da horda era grande o suficiente.* (Freud, 1913-1, Totem e tabu).<sup>394</sup>.

Em *Psicologia das massas*, Freud é mais preciso: é a insatisfação em ter de renunciar a herança do pai e em ter de se submeter às proibições que determinou a formação de novas famílias.

---

<sup>394</sup> (Mit der Einsetzung der Vatergottheiten) wandelte sich die vaterlose Gesellschaft allmählich in die patriarchalisch geordnete um. Die Familie war eine Wiederherstellung der einstigen Urhorde und gab den Vätern auch ein grosses Stück ihrer früheren Rechte wieder. Es gab jetzt wieder Väter, aber die sozialen Errungenschaften des Brüderclan waren nicht aufgegeben worden, und der faktische Abstand der neuen Familienväter vom unumschränkten Urvater der Horde war gross genug (Freud, Totem und Tabu, Stud, p. 432/3). (Cia letras, p. 227).



*Essa maioria se juntou numa ocasião, o mataram e despedaçaram. Nenhum dos vencedores da massa pôde se colocar no seu lugar, ou, quando um deles o fez, renovaram-se as lutas, até que eles se dessem conta de que todos tinham de renunciar à herança do pai. Então formaram a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições do totem (...). Mas continuou a insatisfação com o que haviam alcançado, e tornou-se a fonte de novos desenvolvimentos. Pouco a pouco a aliança para a massa dos irmãos aproximou-se do estabelecimento do antigo estado em um novo nível, o homem tornou-se outra vez chefe de uma família (...); mas a nova família era apenas uma sombra da antiga, os pais eram muitos e cada um limitado pelos direitos dos outros. (Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu)<sup>395</sup>*

Assim, na organização social, diferentemente de na associação dos irmãos, cada membro, além de se identificar um com o outro (como na associação), pôde resgatar a psicologia do indivíduo, pôde se identificar com o pai, constituir-se como um indivíduo na coletividade, com um certo poder e uma certa liberdade. Assim, restitui-se a masculinidade e a potência perdidas pelos filhos da horda, castrados pelo pai, potência agora submetida ao poder da fraternidade.

Também o herói é expressão da psicologia do indivíduo. Ele toma o lugar do pai e por isso é tomado como ideal do eu:

*Naquele tempo a privação de anseio pode ter movido um indivíduo a desligar-se da massa e imaginar-se no papel do pai. Quem realizou isso foi o primeiro poeta épico, o avanço ocorreu em sua fantasia. O poeta transmentiu [transformou mentindo] a realidade no sentido de seu anseio. Ele inventou o mito heroico. Herói era aquele que sozinho havia matado o pai ... assim agora o poeta criava no herói, que pretende substituir o pai, o primeiro ideal do eu. ...*

*O herói pretende ter realizado sozinho o feito, o que certamente apenas a horda como um todo se arriscaria. ...*

---

<sup>395</sup> Diese Mehrheit fasste sich einmal zusammen, tötete und zerstückelte ihn. Keiner der Massensieger konnte sich an seine Stelle setzen, oder wenn es einer tat, erneuerten sich die Kämpfe, bis sie einsahen, dass sie alle auf die Erbschaft des Vaters verzichten mussten. Sie bildeten dann die totemistische Brüdergemeinschaft, alle mit gleichem Rechte und durch die Totemverbote gebunden ... . Aber die Unzufriedenheit mit dem Erreichten blieb und wurde die Quelle neuer Entwicklungen. Allmählich näherten sich die zur Brudermasse Verbundenen einer Herstellung des alten Zustandes auf neuem Niveau, der Mann wurde wiederum Oberhaupt einer Familie ... doch war die neue Familie nur ein Schatten der alten, der Väter waren viele und jeder durch die Rechte des anderen beschränkt. (Freud, 1921, Massenpsychologie und Ich-Analyse, Stud., p. 126) (Cia letras, p. 101).

*O mito<sup>396</sup> é, portanto, o passo com que o indivíduo sai da psicologia da massa. O primeiro mito foi certamente o psicológico, o mito do herói. (Freud, id.)<sup>397</sup>.*

O ideal do herói seria um ideal do eu posterior aos ideais coletivos que foram expressos nas proibições do incesto, um ideal que expressa a vontade de ser livre e de buscar o poder como o pai. O herói, como a família patriarcal, alivia as exigências democráticas sem, no entanto, comprometer a organização social.

Levando em conta essa pressão que o social exerce sobre o indivíduo, torna-se então clara uma outra descrição da disposição da mania, analisada por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*. Neste texto, Freud relaciona a mania não com o triunfo sobre o pai primitivo, como em *Visão geral da neurose de transferência*, mas com o triunfo sobre o ideal do eu, com o triunfo do eu sobre as inibições exigidas devido a sua comparação com o ideal do eu:

*Partindo de nossa análise do eu não é de duvidar que no maníaco o eu e o ideal do eu se tenham juntado, de modo que a pessoa, numa disposição, não perturbada por qualquer autocrítica, de triunfo e felicidade consigo, pode alegrar-se da supressão de inibições, considerações e reproches a si mesmo. (Freud, id.)<sup>398</sup>.*

Trata-se de um triunfo sobre uma situação cuja permanência é insuportável, triunfo que as diversas culturas realizam em suas festas, desrespeitando as restrições

---

<sup>396</sup> É interessante notar que Freud inicia este tópico (tópico B do capítulo XII de *Psicologia das massas e análise do eu*) chamando suas hipóteses filogenéticas do “mito científico do pai da horda primordial”. Mito, como o mito do herói, que satisfaz desejos, mas também científico, na medida em que dá conta dos inúmeros dados e contradições da realidade. A ciência, para Freud, como é afirmado em outros lugares (por exemplo, na carta a Einstein) sustenta-se em mitologias. O que faz os mitos mais ou menos científicos talvez seja sua capacidade de realizar, mais ou menos, os desejos, quanto menos realiza os desejos, mais científico é, e sua capacidade de dar mais ou menos conta dos inúmeros dados e contradições da realidade, quanto mais dá conta das contradições, mais científico é. O mito do herói também dá conta das contradições: o desejo de querer ser o pai e ao mesmo tempo de repudiá-lo em nome da coletividade, o faz no entanto enfatizando a realização do desejo: o herói torna-se o pai. O mito da horda e do parricídio, elaborado por Freud, é um mito do ponto de vista dos filhos, realiza menos desejo, mas explicita mais as contradições instauradas pela organização social.

<sup>397</sup> Damals mag die sehnsüchtige Entbehrung einen Einzelnen bewegen haben, sich von der Masse loszulösen und sich in die Rolle des Vaters zu versetzen. Wer dies tat, war der erste epische Dichter, der Fortschritt wurde in seiner Phantasie vollzogen. Der Dichter log die Wirklichkeit um im Sinne seiner Sehnsucht. Er erfand den heroischen Mythos. Heros war, wer allein den Vater erschlagen hatte ... so schuf jetzt der Dichter im Heroen, der den Vater ersetzen will, das erste Ichideal ...

Der Heros will die Tat allein vollbracht haben, deren sich gewiss nur die Horde als Ganzes getraut hatte. ...

Der Mythos ist also der Schritt, mit dem der Einzelne aus der Massenpsychologie austritt. Der erste Mythos war sicherlich der psychologische, der Heroenmythos (Freud, Stud., p. 126/7) (Cia letras, p. 101/2/3).

<sup>398</sup> Auf dem Boden unserer Ichanalyse ist es nicht zweifelhaft, dass beim Manischen Ich und Ichideal zusammengefloßen sind, so dass die Person sich in einer durch keine Selbstkritik gestörten Stimmung von Triumph und Selbstbeglücktheit des Wegfalles von Hemmungen, Rücksichten und Selbstvorwürfen erfreuen kann. (Freud, Stud., p. 123) (Cia letras, p. 97).

impostas pela coletividade, triunfo que coincide com a realização de outro ideal que não o coletivo:

*É concebível que também a separação do ideal do eu frente ao eu não seja suportada de maneira duradoura e tenha de se desfazer temporariamente. Com todas as renúncias e limitações, que foram impostas ao eu, a periódica irrupção das proibições é regra, como demonstra aliás a instituição das festas que originalmente nada mais são do que excessos oferecidos pela lei, e a esta liberação deve-se também seu caráter alegre. As saturnais dos romanos e o nosso moderno carnaval coincidem, neste traço essencial, com as festas dos primitivos, que tratam de acabar no desregramento de todo o tipo, com transgressão, aliás, dos mandamentos mais sagrados. O ideal do eu compreende, porém, a soma de todas as restrições, às quais o eu deve se submeter, e por isso a supressão do ideal tem de ser uma grande festa para o eu, que pode então voltar a se sentir contente consigo.<sup>399</sup>*

*Há sempre sensação de triunfo quando algo no eu coincide com o ideal do eu (Freud, id) <sup>400</sup>.*

A descrição da festa como desrespeito às proibições, como excesso, desregramento, transgressão coincide com a descrição em *Totem e tabu* da refeição totêmica que repete o parricídio, o ato criminoso inaugural da organização social:

*A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável, criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais e a religião. (Freud, 1913-1, Totem e tabu) <sup>401</sup>.*

Assim Freud descreve a refeição totêmica:

---

<sup>399</sup> neste ponto Freud insere uma nota de rodapé que será analisaremos adiante.

<sup>400</sup> Es wäre gut denkbar, dass auch die Scheidung des Ichideals vom Ich nicht dauernd vertragen wird und sich zeitweilig zurückbilden muss. Bei allen Verzichten und Einschränkungen, die dem Ich auferlegt werden, ist der periodische Durchbruch der Verbote Regel, wie ja die Institution der Feste zeigt, die ursprünglich nichts anderes sind als vom Gesetz gebotene Exzesse und dieser Befreiung auch ihren heiteren Charakter verdanken. Die Saturnalien der Römer und unser heutiger Karneval treffen in diesem wesentlichen Zug mit den Festen der Primitiven zusammen, die in Ausschweifungen jeder Art mit Übertretung der sonst heiligsten Gebote auszugehen pflegen. Das Ichideal umfasst aber die Summe aller Einschränkungen, denen das Ich sich fügen soll, und darum müsste die Einziehung des Ideals ein grossartiges Fest für das Ich sein, das dann wieder einmal mit sich selbst zufrieden sein dürfte.

Es kommt immer zu einer Empfindung von Triumph, wenn etwas im Ich mit dem Ichideal zusammenfällt. (Freud, Stud., p. 122) (Cia letras, p 95/6)

<sup>401</sup> Die Totemmahlzeit, vielleicht das erste Fest der Menschheit, wäre die Wiederholung und die Gedenkfeier dieser denkwürdigen, verbrecherischen Tat, mit welcher so vieles seinen Anfang nahm, die sozialen Organisationen, die sittlichen Einschränkungen und die Religion. (Freud, Totem und Tabu, Stud., p. 426) (Cia letras, p. 217).

*Representemos agora a cena de uma tal refeição totêmica ... O clã que, numa ocasião solene, de modo cruel mata seu animal totêmico, e o devora cru, sangue, carne e ossos; nessa ocasião, os membros do clã estão vestidos à semelhança do totem, imitam-no em sons e movimentos, como se quisessem enfatizar sua identidade e a dele. Há a consciência de realizar uma ação que é proibida a cada um, que apenas pela participação de todos pode ser justificada; e nenhum deles pode se excluir do assassinato e da refeição.*

*... segue a mais alta alegria festiva, o desencadeamento de todos os impulsos e a permissão de todas as satisfações. Sem dificuldade vislumbramos aí a essência da festa.*

*Uma festa é um excesso permitido, ou melhor, exigido, uma solene ruptura de uma proibição. ... o excesso está na essência da festa; e a disposição festiva é gerada pela liberação do que antes é proibido. (Freud, id.)<sup>402</sup>.*

A semelhança entre as descrições é evidente, no entanto as explicações são diferentes: enquanto em *Totem e tabu*, a refeição totêmica repete o assassinato do pai e comemora o triunfo da coletividade sobre o mesmo, as festas descritas em *Psicologia das massas e análise do eu* repetem o triunfo do eu sobre as restrições impostas pelo ideal do eu, pelo ideal, em última instância, da coletividade. Em ambos os casos trata-se de triunfo sobre as restrições, mas em um caso, é o triunfo da coletividade e no outro o triunfo sobre, contra, a coletividade.

Tentemos então juntar estas duas concepções da disposição à mania. Ela é, nos dois casos, um triunfo sobre restrições. Assim, podemos supor que a coletividade (seus ideais internalizados no ideal do eu) assume perante o eu o papel do pai primevo, daquele que impõe restrições.

---

<sup>402</sup> Stellen wir uns nun die Szene einer solchen Totemmahlzeit ... . Der Clan, der sein Totemtier bei feierlichem Anlasse auf grausame Art tötet und es roh verzehrt, Blut, Fleisch und Knochen; dabei sind die Stammesgenossen in die Ähnlichkeit des Totem verkleidet, imitieren es in Lauten und Bewegungen, als ob sie seine und ihre Identität betonen wollten. Es ist das Bewusstsein dabei, dass man eine jedem Einzelnen verbotene Handlung ausführt, die nur durch die Teilnahme aller gerechtfertigt werden kann; es darf sich auch keiner von der Tötung und der Mahlzeit ausschliessen.

... folgt die lauteste Festfreude, die Entfesselung aller Triebe und Gestattung aller Befriedigungen. Die Einsicht in das Wesen des Festes fällt uns hier ohne jede Mühe zu.

Ein Fest ist ein gestatteter, vielmehr ein gebotener Exzess, ein feierlicher Durchbruch eines Verbotes. ... der Exzess liegt im Wesen des Festes; die festliche Stimmung wird durch die Freigebung des sonst Verbotenen erzeugt. (Freud, Stud. p. 424/5) (Cia letras, p. 214/5).

Como afirma Freud, os impulsos gregários são responsáveis pela repressão e a condição para que esta ocorra é a constituição do ideal do eu:

*Segundo Trotter, a repressão procede do impulso de rebanho. É mais uma tradução em outra forma de expressão do que uma contradição, quando afirmei, na "Introdução ao narcisismo": "a formação do ideal seria, do lado do eu, a condição da repressão" (Freud, 1921, Psicologia das massas e análise do eu) <sup>403</sup>.*

Repetindo, portanto, a idéia que já havíamos visto anteriormente (quando analisamos *Introdução ao narcisismo*), o ideal do eu é expressão dos impulsos do rebanho (sociais, homossexuais), da pressão do grupo, e é condição da repressão. Infligir a repressão e, portanto, a pressão social é um triunfo similar a matança do pai que impunha cruelmente suas leis invioláveis. A mania, portanto, significa uma revolta dos impulsos, da vontade de poder, do eu real, contra a tirania do ideal do eu que corporifica o ideal coletivo ou contra a tirania do pai primitivo. Ela é um alívio diante de uma opressão, um triunfo das forças dos impulsos do eu sobre as forças que as reprimem. No entanto, como triunfo sobre o pai, ela comemora, repetindo simbolicamente, um acontecimento possibilitado pelos laços sociais e que os fortaleceu, e, neste caso, está em sintonia com os impulsos sociais. Como triunfo sobre os ideais da coletividade, ela corresponde a um enfraquecimento dos ideais e das restrições da coletividade, erigindo-se como uma força que se opõe aos impulsos sociais.

Voltamos então à mesma questão levantada anteriormente: se a mania ora é expressão dos impulsos sociais, ora se opõe aos impulsos sociais, é porque estes ora se opõem à submissão, ora intensificam-na, representam-na. Voltemos então a *Totem e tabu*, à análise do tabu do incesto, para compreender um pouco melhor as relações entre os impulsos sociais (a libido homossexual) e a opressão, ora o impulso social se opondo à opressão (e neste caso em harmonia com a disposição da mania), ora representando-a (e neste caso, contrário à disposição da mania).

---

<sup>403</sup> Trotter lässt die Verdrängung vom Herdentrieb ausgehen. Es ist eher eine Übersetzung in eine andere Ausdrucksweise als ein Widerspruch, wenn ich in der "Einführung des Narzissmus" gesagt habe: "Die Idealbildung wäre von seiten des Ichs die Bedingung der Verdrängung." (Freud, Massenpsychologie und Ich-Analyse, op. cit., Stud., p. 122) (Cia letras, p. 96).

A proibição do incesto, realização dos impulsos sociais, não tem apenas uma motivação prática, salvar a organização social; tem segundo Freud, também uma motivação emocional<sup>404</sup>. A investigação desta motivação nos mostrará outra parte dos mecanismos que garantem a manutenção da organização social e que é revelada na disposição para a melancolia. Acompanhemos então a motivação emocional da proibição do incesto. Depois do assassinato, assim Freud descreve os acontecimentos, em *Totem e tabu*:

*Depois que o eliminaram [o pai], satisfizeram seu ódio e levaram a cabo o desejo de identificação com ele, os movimentos afetuosos até então subjugados tinham de se fazer valer. Isso ocorreu na forma do arrependimento, emergiu uma consciência de culpa, que aí coincide com o arrependimento sentido em comum. ... O que antes ele impediu com sua existência, eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da "obediência posterior", por nós tão conhecida a partir das psicanálises. Eles revogaram seu ato, à medida que declararam ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram a seus frutos, à medida que eles negaram a si as mulheres então liberadas. Assim eles criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo [as proibições de matar o totem e do incesto]. (Freud, Totem e tabu)<sup>405</sup>.*

Há então um segundo fator que justifica a submissão às regras da organização social: o sentimento de culpa, o remorso, uma obediência a posteriori à vontade do pai primitivo. Mas culpa, remorso, em relação ao que, exatamente? Culpa por ter assassinado alguém pelo qual se tinha afeição. Mas que afeição era esta? Há dois tipos de afeição (de amor) pelo pai. Uma é a admiração, um tipo de amor similar ao amor do pai primitivo, admiração que implica em querer tomar seu lugar (um amor que, como vimos, é compatível com o ódio). Outro tipo de afeição é aquela desenvolvida na quarta fase filogenética, que corresponde ao desejo de ser objeto do pai, de se submeter a ele. Como

---

<sup>404</sup> "Os dois tabus do totemismo ... não são do mesmo valor psíquico. Apenas um, aquele que poupa o animal totêmico, baseia-se inteiramente em motivos emocionais [Gefühlsmotiven] ... Mas o outro, a proibição do incesto tinha **também** (auch) uma sólida fundamentação prática." (Freud, Totem e tabu, p 219) (Paulo César omite o também. Ele é importante pois mostra as duas motivações do incesto: emocional e prática.

<sup>405</sup> Nachdem sie ihn beseitigt, ihren Hass befriedigt und ihren Wunsch nach Identifizierung mit ihm durchgesetzt hatten, mussten sich die dabei überwältigten zärtlichen Regungen zur Geltung bringen. Es geschah in der Form der Reue, es entstand ein Schuldbewusstsein, welches hier mit der gemeinsam empfundenen Reue zusammenfällt. ... Was er früher durch seine Existenz verhindert hatte, das verboten sie sich jetzt selbst in der psychischen Situation des uns aus den Psychoanalysen so wohl bekannten "nachträglichen Gehorsams". Sie widerriefen ihre Tat, indem sie die Tötung des Vaterersatzes, des Totem, für unerlaubt erklärten, und verzichteten auf deren Früchte, indem sie sich die freigewordenen Frauen versagten. So schufen sie aus dem *Schuldbewusstsein des Sohnes* die beiden fundamentalen Tabu des Totemismus (Freud, Totem und Tabu, Stud., p. 427) (Cia Letras, p. 218/9).

o próprio texto nos mostra, a afeição para com o pai, que se transformou em remorso, não é a afeição que leva à identificação com ele, mas à obediência, portanto, à disposição que, em *Visão geral das neuroses de transferências*, foi adquirida na quarta fase filogenética. Esta disposição agora retorna como obediência às leis impostas pelo grupo. Por que é necessário resgatar a obediência ao pai e não bastam os sentimentos homossexuais para garantir a obediência às regras do grupo? Porque os sentimentos homossexuais tinham como base o ódio para com o pai e quando este ódio foi satisfeito estes sentimentos foram enfraquecidos. Era o ódio pelo pai que ligava os irmãos. Satisfeito o ódio, se enfraqueceu os laços entre eles.

Mas não vimos que o ódio era apenas um meio para que cada um dos irmãos ocupasse o lugar do pai? Justamente aquilo que a organização social não permitiu que fosse realizado? Se retomarmos a quinta fase filogenética, podemos encontrar outra interpretação.

Os irmãos, na quinta fase, intensificaram o ódio pelo pai que era a contrapartida do amor entre eles. Trata-se do ódio do ressentido, um ódio que tem um fim em si mesmo e que não é, como é o ódio do forte, um meio para a expansão da vontade de poder. Já vimos que o ódio, que o ressentimento do homem forte se exaure em uma reação. Já o fraco, o ressentido, reage de forma oposta ao forte: se envenena com tal ódio, mais que isso, não o esquece, o intensifica pela imaginação. O ódio dos filhos para com o pai primitivo os unia e, para isso, era intensificado com ameaças ilusórias. Um ódio que não era compatível com o amor, com uma superação de uma resistência, como seria ódio como manifestação do desejo de ocupar o lugar do pai. Neste sentido, o ódio que conduziu ao parricídio era um ódio especificamente contra o perseguidor e não um ódio para ocupar seu lugar. Morto o pai, o ódio se exauriu e sua contraparte, o amor homossexual, aos poucos se enfraqueceu.

Se em Nietzsche o ressentimento dos fracos não conduz à ação, em Freud, devido ao fato do ódio fortalecer a coletividade (fruto do amor homossexual) ele a conduziu à ação (como vimos, Freud supõe que a associação dos fracos torna-os fortes, conduzindo à ação) e nisso se exauriu no crime. As relações homossexuais entre os irmãos, pós-

parricídio, tiveram então de ter outro suporte que não o ódio pelo pai (pois este foi assassinado) e este suporte foi a obediência adiada em relação ao pai, em outras palavras, a posição passivo-masquista, adquirida na quarta fase.

A submissão à proibição do incesto, assim como a religião totêmica, se baseou em um sentimento de culpa/dívida para com o pai/credor.

*A religião totêmica resultou da consciência de culpa dos filhos, como tentativa de apaziguar esse sentimento e de reconciliar-se com o pai ofendido, mediante a obediência posterior.*

*...a corrente afetuosa em relação ao pai, transformada em arrependimento (Freud, id.)<sup>406</sup>.*

Assim os desejos afetuosos para com o pai, quer dizer, os desejos de se submeter ao pai foram despertados e transformados em obediência, acompanhada de culpa/sentimento de dívida e remorso.

Mesmo que interpretemos a corrente afetuosa dos filhos pelo pai como a admiração pelo pai, o desejo de tomar seu lugar, teríamos de supor que o amor nos moldes do pai primevo se transformou em amor nos moldes dos filhos castrados (em dívida, culpa, submissão incondicional ao pai) e este amor serviu à submissão necessária aos ideais coletivos.

Vejamos mais atentamente as fontes desta obediência posterior.

*Na situação estabelecida pelo assassinato do pai houve um fator que precisou gerar, no decorrer do tempo, um extraordinário aumento da ânsia pelo pai. ... Assim, após um longo período pôde diminuir a irritação contra o pai, que impelira ao ato, o anseio por ele pôde aumentar, e foi possível emergir um ideal que tinha por conteúdo a plenitude do poder e o estado ilimitado do outrora combatido pai primitivo, e a prontidão para a ele se sujeitar. O original igualamento democrático de todos os membros individuais do clã, devido a mudanças culturais decisivas já não podia ser mantido; assim manifestou-se uma inclinação - apoiada na veneração de indivíduos que haviam se destacado ante os demais - a reviver o*

---

<sup>406</sup> Die Totemreligion war aus dem Schuldbewusstsein der Söhne hervorgegangen als Versuch, dies Gefühl zu beschwichtigen und den beleidigten Vater durch den nächsträglichen Gehorsam zu versöhnen. (Freud, idem, Stud., p. 428)

... der in Reue verwandelten zärtlichen Strömung gegen den Vater (Stud., p. 429) (Cia letras, p. 221/2)



*antigo ideal do pai, na criação de divindades. ... A elevação do pai outrora assassinado à condição de deus, ao qual o clã vinculava então sua proveniência, era uma tentativa de expiação muito mais séria do que o velho contrato com o totem. (Freud, id.)*<sup>407</sup>.

A obediência posterior (e, talvez, sua intensificação), no caso, é a contrapartida da constituição das famílias patriarcais, quando a pressão do grupo não era mais suficiente para manter a igualdade democrática. A obediência posterior foi a forma de manter a pressão do grupo, impossível de ser mantida apenas pelos laços homossexuais. Os laços homossexuais se enfraqueceram pois o ódio contra o pai (o fundamento dos laços homossexuais), que havia impulsionado os irmãos à ação, se enfraqueceu (pois o pai fôra morto). O objeto odiado retornou de forma idealizada, com um poder ilimitado a quem os irmãos se submeteram. O mesmo pai antes odiado retornou engrandecido, idealizado, como fôra o pai para os filhos castrados na quarta fase filogenética. Os laços sociais cuja função fôra lutar contra o pai, agora dão lugar à submissão; a disposição adquirida na quinta fase dá lugar para a disposição adquirida na quarta fase filogenética. Esta, por sua vez, acaba fazendo o papel dos laços homossexuais, acaba garantindo a proibição do incesto e impedindo o surgimento dos impulsos egoístas. A disposição à submissão serve para reprimir os impulsos egoístas, como os laços homossexuais primeiramente, logo após o parricídio (na igualdade democrática), serviram. Ou melhor, como a libido homossexual foi se enfraquecendo, devido à satisfação de seu fundamento, do ódio contra o pai no parricídio, para continuar atuando e se confrontar com os impulsos egoístas, ela teve de se vincular à disposição à submissão (que originalmente ela se opôs). Se em um primeiro momento, a libido homossexual fortaleceu-se com os impulsos egoístas (com o desejo de cada filho de manter o próprio pênis) possibilitando a libertação da submissão, em um segundo momento ela é fortalecida pela disposição à

---

<sup>407</sup> In der durch Beseitigung des Vaters hergestellten Situation lag in Moment, welches im Laufe der Zeit eine ausserordentliche Steigerung der Vatersehnsucht erzeugen musste. ...

Somit konnte im Laufe langer Zeiten die Erbitterung gegen den Vater, die zur Tat gedrängt hatte, nachlassen, die Sehnsucht nach ihm wachsen, und es konnte ein Ideal entstehen, welches die Machtfülle und Unbeschränktheit des einst bekämpften Urvaters und die Bereitwilligkeit, sich ihm zu unterwerfen, zum Inhalt hatte. Die ursprüngliche demokratische Gleichstellung aller einzelnen Stammesgenossen war infolge einschneidender kultureller Veränderungen nicht mehr festzuhalten; somit zeigte sich eine Geneigtheit, in Anlehnung an die Verehrung einzelner Menschen, die sich vor anderen hervorgetan hatten, das alte Vaterideal in der Schöpfung von Göttern wiederzubeleben. ... Die Erhöhung des einst gemordeten Vaters zum Gott, von dem nun der Stamm seine Herkunft ableitete, war aber ein weit ernsthafterer Sühneversuch als seinerzeit der Vertrag mit dem Totem. (Freud, Stud., p. 431/2) (Cia letras, p. 226/7).

submissão, na luta contra os impulsos egoístas, disposição necessária para que os membros da coletividade se submetam aos ideais coletivos.

Os laços sociais, portanto, para Freud são ora intensificados pelos impulsos, pelo poder, pela força – e, nesse sentido, encontramos uma proximidade entre a suposição de Freud e a de Darwin, na medida em que os laços sociais ampliam o poder do grupo – e ora intensificados pela disposição à submissão, mostrando a presença da moral do escravo de Nietzsche, nas suposições de Freud. Neste sentido, o tabu do incesto, mais pura expressão dos laços sociais (dos laços homossexuais) tem uma base prática, como em Darwin, que expressa a vitória, na luta pela sobrevivência, na seleção natural, dos impulsos altruístas; mas tem também uma base emocional: a moral dos fracos, dos escravos, baseada no prazer da submissão.

Assim, na filogênese, exaurido o ódio, os irmãos para salvar a organização social regressaram para aquela disposição à qual se opuseram, a posição do castrado, passiva, masoquista. Essa regressão nos mostra, no entanto, uma das bases dos laços homossexuais, eles correspondem a um protesto contra a castração paterna, mas eles se mantêm ainda em volta da figura do castrador. Não é o desejo pelo castrador mas o ódio por ele que fundamenta a homossexualidade, no entanto, a figura do castrador continuou sendo fundamental na constituição da homossexualidade, assim como foi na disposição passiva-masoquista. Não são as relações pulsionais (a vontade de poder) mas as relações com o credor que determinam os laços homossexuais, como determinaram a posição passiva-masoquista. Neste caso, enfraquecido o ódio (e com isso os laços homossexuais), a posição passiva-masoquista será determinante para a manutenção da nova organização social dos filhos. Será, no entanto, importante trocar a relação com o pai primitivo pelos ideais da coletividade.

Aqui então encontramos o caminho para a disposição da melancolia, a internalização do objeto odiado. Vejamos mais atentamente a constituição desta disposição.

Voltemos à citação de *Visão geral das neuroses de transferência*: "O luto pelo pai primitivo sucede da identificação com ele e tal identificação nós comprovamos como a condição do mecanismo melancólico".

O luto pelo pai, aqui, não emana do amor ou obediência a ele (como em *Totem e tabu*), mas da identificação com ele. Podemos então supor que o luto que deve ser realizado (trata-se aqui de luto e não de remorso, dívida ou culpa) pelo melancólico, e que foi realizado pelos filhos na sexta fase filogenética, é o luto da identificação com o pai primitivo, com o modelo de quem satisfaz os impulsos, o luto que deve ser realizado é o luto da psicologia do indivíduo que fora parcialmente resgatada depois do parricídio.

Atentemos ao trabalho do luto tendo como base o texto *Luto e melancolia*.

O luto normal consiste em um trabalho psíquico posterior a perda de um objeto amado, no qual antigas posições de libido, que querem permanecer ligadas ao objeto, têm de ser contrapostas aos novos dados de realidade relacionados à perda do objeto:

*Em que consiste o trabalho realizado pelo luto? ... O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então promulga-se a exigência de retirar toda libido de suas conexões com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição – observa-se geralmente que o ser humano não abandona de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo quando um substituto já lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que se realiza um afastamento da realidade e uma conservação do objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória (...). O normal é que o respeito à realidade seja vitorioso. (Freud, 1915-6, Luto e melancolia)<sup>408</sup>.*

Trata-se, portanto, de uma luta entre o princípio do prazer que tende a alucinação do objeto desejado e o princípio da realidade que quer inserir o novo dado de realidade, a ausência do objeto, no psiquismo para que os processos psíquicos ocorram sem que sejam atraídos pela alucinação ou forte recordação do objeto perdido. Podemos exemplificar o processo da seguinte forma: depois de perder um ente amado, cada nova

---

<sup>408</sup> Worin besteht nun die Arbeit, welche die Trauer leistet? ... Die Realitätsprüfung hat gezeigt, dass das geliebte Objekt nicht mehr besteht, und erlässt nun die Aufforderung, alle Libido aus ihren Verknüpfungen mit diesem Objekt abzuziehen. Dagegen erhebt sich ein begreifliches Sträuben - es ist allgemein zu beobachten, dass der Mensch eine Libidoposition nicht gern verlässt, selbst dann nicht, wenn ihm Ersatz bereits winkt. Dies Sträuben kann so intensiv sein, dass eine Abwendung von der Realität und ein Festhalten des Objekts durch eine halluzinatorische Wunschpsychose (...) zustande kommt. Der Normale ist, dass des Respekt vor der Realität den Sieg behält. (Freud, 1915-6 [1917], Trauer und Melancholie, Studienausgabe, Band III, p. 198/9) (Cia letras, p. 173/4).

intenção do sujeito ainda se encontra ligada a recordação do objeto perdido, assim, por exemplo, se o sujeito tem uma intenção de viajar, imagina realizando-a em companhia do ente amado falecido. O sujeito terá, então, de realizar um trabalho para desvincular a intenção da representação do objeto perdido e, por exemplo, ser capaz de realizar a intenção (viajar) sem a companhia do ente amado falecido. Este é o trabalho do luto, cada movimento do eu, antes acompanhado da representação e percepção do objeto perdido, deverá ser realizado sem a percepção (sem aluciná-lo) e também, se possível, sem a recordação (ao menos intensa) do objeto. Esta inserção dos novos dados da realidade no psiquismo, no entanto, leva algum tempo:

*Mas sua tarefa [da realidade] não pode ser realizada imediatamente. Ela é cumprida pormenorizadamente, com grande gasto de tempo e de energia de investimento, e, entretanto, a existência do objeto perdido prossegue psiquicamente. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido estava ligada ao objeto é ajustada e superinvestida, e em cada uma delas sucede o desligamento da libido. (...) Efetivamente, porém, o eu, depois da consumação do trabalho do luto, torna-se novamente livre e desinibido. (Freud, id.)<sup>409</sup>.*

Também na melancolia há um trabalho similar ao do luto. Ela é também uma reação a uma perda, mas uma perda na qual não se sabe bem o que se perdeu. A perda no final das contas é uma perda de aspectos do eu e não uma perda do objeto:

*A perda desconhecida, na melancolia, terá por consequência um trabalho interior semelhante [ao do luto], e por isso será responsável pela inibição da melancolia..*  
...

*No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio eu. O doente nos descreve seu eu como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se faz auto censuras e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. (...) O quadro deste delírio de pequenez – predominantemente moral – é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psiquicamente mais notável superação do impulso que compele todo ser vivo a se conservar na vida. (Freud, id.)<sup>410</sup>.*

---

<sup>409</sup> Doch kann ihr Auftrag nicht sofort erfüllt werden. Er wird nun im einzelnen unter grossem Aufwand von Zeit und Besetzungsenergie durchgeführt und unterdes die Existenz des verlorenen Objekts psychisch fortgesetzt. Jede einzelne der Erinnerungen und Erwartungen, in denen die Libido an das Objekt geknüpft war, wird eingestellt, überbesetzt und an ihr die Lösung der Libido vollzogen. ... Tatsächlich wird aber das Ich nach der Vollendung der Trauerarbeit wieder frei und ungehemmt. (Stud., p. 199) (Cia letras, p. 174).

<sup>410</sup> Eine ähnliche innere Arbeit wird auch der unbekannt Verlust bei der Melancholie zur Folge haben und darum für die Hemmung der Melancholie verantwortlich werden. ... Bei der Trauer ist die Welt arm und leer geworden, bei der Melancholie ist es das Ich selbst. Der Kranke schildert uns sein Ich als nichtswürdig, leistungsunfähig und moralisch verwerflich, er macht sich

Na melancolia, não é o mundo que se empobrece, quer dizer, o que é perdido não é um objeto do mundo (um objeto externo), mas é o eu que se empobrece, como se algo do eu tivesse sido perdido ou tivesse de ser perdido. As forças que atuam no trabalho realizado pelo melancólico são diferentes das que atuam no luto. No luto, as forças são, por um lado, o desejo de estar com o objeto e, por outro, o dado de realidade de que este não existe mais e que o eu tem de deixar sua representação. Na melancolia, uma das forças são os impulsos que fazem os viventes se apegarem à vida: alimentação, sono, desejo de permanecer vivo, comumente chamados de impulsos de auto-conservação, impulsos do eu (forças que se apagam no delírio de pequenez). A outra força implica na aceitação de alguma perda do eu, algum aspecto do eu que deve ser abandonado. Podemos então comparar o desejo de permanecer com o objeto amado, no luto, com o desejo de permanecer vivo, na melancolia; o amor ao objeto, no luto, com o amor ao eu, na melancolia. Por outro lado, a exigência da realidade que diz que o objeto amado foi perdido (morreu) pode ser comparada com a queixa do melancólico de que seu eu não tem valor. O que, na verdade, o melancólico perdeu foi seu auto-respeito: "*Ele [o melancólico] perdeu seu auto-respeito*"<sup>411</sup>.

A luta portanto realizada no trabalho do melancólico é entre o auto-respeito (impulsos do eu) e o auto-desrespeito. Mas quais seriam as forças que determinariam o desrespeito, assim como a morte do ente amado determinou o luto? Quais motivos exigem que o eu se auto-desrespeite? Vejamos outros elementos antes dessa resposta.

Freud afirma que a luta na melancolia ocorre no interior do eu, há uma parte do eu que desmerece a outra:

*uma parte do eu se contrapõe à outra, a avalia criticamente, toma-a de algum modo como objeto .... O que aqui nós conhecemos é a instância habitualmente*

---

Vorwürfe, beschimpft sich und erwartet Ausstossung und Strafe. ... Das Bild dieses - vorwiegend moralischen - Kleinheitswahnnes vervollständigt sich durch Schlaflosigkeit, Ablehnung der Nahrung und eine psychologisch höchst merkwürdige Überwindung des Triebes, der alles Lebende am Leben festzuhalten zwingt. (Stud., p. 119/200). (Cia letras, p. 175/6)

<sup>411</sup> Er hat seine Selbstachtung verloren (Idem, Stud., p. 201) (Cia letras, p. 178)

*chamada de consciência moral; nós a incluímos, com ... o exame da realidade, nas grandes instituições do eu. (Freud, id.)<sup>412</sup>.*

Podemos então supor que o trabalho na melancolia é realizado pela consciência moral, que faz um trabalho similar ao exame de realidade no luto. A consciência moral deve então criticar o eu, assim como o exame de realidade averigua se o objeto ainda existe ou não. Na medida em que se vincula à auto-depreciação podemos supor que se trata de avaliar, criticar e se afastar de uma característica do eu (como, no luto, deve se afastar da representação intensa do objeto amado perdido). Assim como no luto o exame de realidade diz ao eu: ele não existe mais, viva sem ele; a consciência moral diz ao eu: você não vale nada, suas características negativas devem ser afastadas, caso contrário não vale a pena viver (outra forma de dizer: viva sem estas características negativas).

A consciência moral, portanto, trata o eu como um objeto. Como um objeto cujas características têm de ser abandonadas. Assim como o objeto amado perdido tem de ser abandonado, algumas características do eu tem de ser abandonadas; no primeiro caso, no entanto, deve-se afastar porque o objeto já foi efetivamente perdido, no segundo caso, porque ele deve, ele tem de ser perdido.

Mas as relações entre luto e melancolia não são só essa semelhança (necessidade de abandonar, num caso, a representação do objeto, no outro, as características do próprio eu). O tratamento do eu como um objeto, que ocorre na melancolia, tem sua origem em uma experiência de luto do objeto. Vejamos melhor essa origem.

O tratamento do eu como um objeto é precedido de uma relação com um objeto externo. Na verdade, as recriminações dirigidas ao eu, pela consciência moral, foram antes dirigidas a um objeto externo:

*Se se ouvir com paciência as várias autoacusações de um melancólico, não podemos, afinal, resistir à impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas se adequam muito pouco a sua própria pessoa, mas, com pequenas modificações, ajustam-se a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar. (...)*

---

<sup>412</sup> (Wir sehen bei ihm, wie) sich ein Teil des Ichs dem anderen gegenüberstellt, es kritisch wertet, es gleichsam zum Objekt nimmt. ... Was wir hier kennenlernen, ist die gewöhnlich *Gewissen* gennante Instanz; wir werden sie mit der Bewusstseinszensur und der Realitätprüfung zu den grossen Ichinstitutionen rechnen. (Stud., p. 201) (Cia letras, p. 178).

*Assim, tem-se na mão a chave para o quadro clínico, à medida que se reconhece as autorecriminações como recriminações a um objeto amoroso, que deste se voltaram para o próprio eu. (ibidem)<sup>413</sup>.*

*Não se envergonham nem se escondem, pois toda depreciação, que falam de si, é dita, no fundo, de um outro. ... eles são, ao contrário, no mais alto grau importunos, sempre como ofendidos, como se lhes tivesse sido feita uma grande injustiça. Isso tudo é possível apenas porque as reações de seu comportamento ainda vêm da constelação psíquica da revolta, que, por um determinado processo, foi transportada para o arrependimento melancólico. (Freud, id.)<sup>414</sup>.*

Trata-se então de uma reação ressentida, ofendida, que se torna arrependimento. As recriminações que deveriam ter sido feitas a uma outra pessoa, a um objeto externo, voltam-se contra a própria pessoa. O processo então é o seguinte:

*Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. (...) O investimento objetal demonstrou-se como pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o eu. Mas lá ... serviu para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. A sombra do objeto caiu, assim, sobre o eu, que, a partir de então, pode ser julgado por uma instância especial, como um objeto, como o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada, numa cisão entre crítica do eu e o eu modificado pela identificação. (Freud, id.)<sup>415</sup>.*

Retomemos mais detidamente este processo: houve uma perda de um objeto, como no luto, não necessariamente devido a morte mas a uma ofensa ou decepção.

---

<sup>413</sup> Hört man die mannigfachen Selbstanklagen des Melancholikers geduldig an, so kann man sich endlich des Eindruckes nicht erwehren, dass die stärksten unter ihnen zur eigenen Person oft sehr wenig passen, aber mit geringfügigen Modifikationen einer anderen Person anzupassen sind, die der Kranke liebt, geliebt hat oder lieben sollte. ... So hat man denn den Schlüssel des Krankheitsbildes in der Hand, indem man die Selbstvorwürfe als Vorwürfe gegen ein Liebesobjekt erkennt, die von diesem weg auf das eigene Ich gewälzt sind. (Stud., p. 202) (Cia letras, 179).

<sup>414</sup> sie schämen und verbergen sich nicht, weil alles Herabsetzende, was sie von sich aussagen, im Grunde von einem anderen gesagt wird ... sie sind vielmehr im höchsten Grade quälerisch, immer wie gekränkt und als ob ihnen ein grosses Unrecht widerfahren wäre. Dies ist alles nur möglich, weil die Reaktionen ihres Benehmens noch von der seelischen Konstellation der Auflehnung ausgehen, welche dann durch einen gewissen Vorgang in die melancholische Zerknirschung übergeführt worden ist. (Stud., p. 202) (Cia letras, p. 180).

<sup>415</sup> Es hatte eine Objektwahl, eine Bindung der Libido an eine bestimmte Person bestanden; durch den Einfluss einer realen Kränkung oder Enttäuschung von seiten der geliebten Person trat eine Erschütterung dieser Objektbeziehung ein. ...Die Objektbesetzung erwies sich als wenig resistent, sie wurde aufgehoben, aber die freie Libido nicht auf ein anderes Objekt verschoben, sondern ins Ich zurückgezogen. Dort fand sie aber nicht eine beliebige Verwendung, sondern diente dazu, eine Identifizierung des Ichs mit dem aufgegebenen Objekt herzustellen. Der Schatten des Objekts fiel so auf das Ich, welches nun von einer besonderen Instanz wie ein Objekt, wie das verlassene Objekt herzustellen. Der Schatten des Objekts fiel so auf das Ich, welches nun von einer besonderen Instanz wie ein Objekt, wie das verlassene Objekt, beurteilt werden konnte. Auf diese Weise hatte sich der Objektverlust in einen Ichverlust verwandelt, der Konflikt zwischen dem Ich und der geliebten Person in einen Zwiespalt zwischen der Ichkritik und dem durch Identifizierung veränderten Ich. (Stud., p. 202/3) (Cia letras, p. 180/1).

Rapidamente, sem muita resistência foi feito o trabalho de luto, o investimento no objeto foi cancelado (superado), quer dizer, todas as expectativas e recordações ligadas ao objeto foram desligadas. Findo o trabalho do luto, no entanto, a libido livre e desinibida em vez de ir para outro objeto voltou-se para o eu. Descobre-se então que o objeto aparentemente abandonado não o foi, ele passou a fazer parte do eu, houve uma identificação com o mesmo. Identificando-se com o objeto, a outra parte do eu, a consciência moral, pode tomá-lo (o próprio eu) como objeto.

O que é esta identificação com o objeto que substitui a ligação afetiva com ele?

*A identificação narcísica com o objeto se torna, então, substituto do investimento amoroso, o que tem êxito, pois a relação amorosa, apesar do conflito com a pessoa amada, não precisa ser abandonada. (Freud, id.)<sup>416</sup>.*

Já vimos (na análise da quinta fase filogenética) que a identificação aparece no processo natural de desenvolvimento. Leonardo da Vinci se identificou com sua mãe e assim pode abandoná-la, o mesmo fazem inúmeros homossexuais. As crianças conseguem abandonar seus pais quando se apoderam de características do mesmo, o que começa com a imitação. Essa identificação refere-se também à incorporação da fase oral canibal:

*a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o eu distingue o objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e, na verdade, conforme a fase oral canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. (Freud, ibidem)<sup>417</sup>.*

Trata-se da incorporação, do amor nos moldes do pai primitivo, amor que como vimos em *Os impulsos e seus destinos* não se diferencia do ódio. Um amor que vai dominando por meio da imitação tudo que lhe resiste, que possibilita a representação do mundo a partir do próprio corpo, que assim incorpora e se apodera do objeto e amplia seu

---

<sup>416</sup> Die narzisstische Identifizierung mit dem Objekt wird dann zum Ersatz der Liebesbestetzung, was den Erfolg hat, dass die Liebesbeziehung trotz des Konflikts mit der geliebten Person nicht aufgegeben werden muss. (Stud., p. 203) (Cia letras, p. 181/2).

<sup>417</sup> die Identifizierung die Vorstufe der Objektwahl ist und die erste, in ihrem Ausdruck ambivalente Art, wie das Ich ein Objekt auszeichnet. Es möchte sich dieses Objekt einverleiben, und zwar der oralen oder kannibalischen Phase der Libidoentwicklung entsprechend, auf dem Wege des Fressens. (Stud., p. 203) (Cia letras, p. 182).



poder e sua força. O objeto externo, o inimigo, aquele que lhe resiste, é aquilo que deve ser dominado, que amplia a vontade de poder e a força.

Trata-se aqui de um processo de identificação diferente da identificação entre os irmãos (identificação com o igual, devido à compaixão), mas de uma identificação similar à ação do pai primitivo que imitava a natureza e os outros homens. O amor, que determina essa identificação, também coincide com a admiração dos filhos que cometeram o parricídio pelo pai e que, devido à admiração, o devoraram. Identificação que correspondeu ao desejo de ser o pai, imitar suas ações, tomar seu lugar (identificação que teve de ser reprimida).

No final do trabalho do luto normal, também, parece ocorrer algo similar a esta identificação. O eu se fortalece ao abandonar o objeto. Frente ao veredicto: o objeto está morto, o eu, do seu narcisismo, afirma: estou vivo.

*A cada uma das recordações e situações de expectativa que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz seu veredicto, de que o objeto não mais existe, e o eu, como que posto diante da questão de se quer partilhar esse destino, é determinado, pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper seu vínculo com o objeto aniquilado. (Freud, id.)<sup>418</sup>.*

Assim, o fim do trabalho do luto implica em uma satisfação narcisista, quer dizer, a perda do objeto acaba fortificando o eu, o narcisismo do sujeito; o objeto é abandonado e o eu narcisista engrandecido.

A declaração, no luto normal, de que o objeto morreu corresponde na melancolia à depreciação do próprio eu, e o engrandecimento do eu, por estar vivo, no luto normal, à identificação do eu com o objeto (a fixação da libido no objeto), na melancolia:

*Como o luto leva o eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao eu o prêmio de continuar vivo, do mesmo modo, assim também cada luta de*

---

<sup>418</sup> An jede einzelne der Erinnerungen und Erwartungssituationen, welche die Libido an das verlorene Objekt geknüpft zeigen, bringt die Realität ihr Verdikt heran, dass das Objekt nicht mehr existiere, und das Ich, gleichsam vor die Frage gestellt, ob es dieses Schicksal teilen will, lässt sich durch die Summe der narzisstischen Befriedigungen, am Leben zu sein, bestimmen, seine Bindung an das vernichtete Objekt zu lösen. (Stud., p. 209) (Cia letras, p. 189)

*ambivalência afrouxa a fixação da libido no objeto, desvalorizando-o, depreciando-o, como também o matando. (Freud, id.)*<sup>419</sup>.

Consideramos então o engrandecimento do eu (que ocorre no final do luto normal) o mesmo processo que a identificação com o objeto, que corresponde a mania e é, portanto, a primeira etapa da melancolia. A melancolia continuaria, então, em um processo posterior à identificação com o objeto; assim, não seria um processo similar ao luto, mas posterior a ele. Uma vez estabelecida a identidade com o objeto perdido, “a sombra do objeto cai sobre o eu”, toda a luta que houve no processo de luto, entre manter ou abandonar o objeto, agora é transferido para o interior do eu. Mas vejamos bem, se a identificação posterior ao trabalho de luto representa uma vitória da tendência que visava abandonar o objeto (o eu consegue abandonar o objeto, quer dizer, não mais o alucina e se tornou independente de sua recordação), a identificação também significa uma vitória da tendência que visa manter a relação libidinal com o objeto, pois o eu se engrandece incorporando características do objeto. A identificação, na verdade, é uma solução de compromisso entre ambas as tendências.

Na melancolia, no entanto, existe uma grande ambivalência para com o objeto e a luta continua sobre a identificação (sobre a solução de compromisso).

*A melancolia, como vimos, tem, porém, algo mais no conteúdo que o luto normal. A relação com o objeto nela não é simples, ela é complicada pelo conflito de ambivalência. (...). Tramam-se, portanto, na melancolia, inúmeras batalhas individuais em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para afirmar essa posição da libido contra o ataque. (Freud, id.)*<sup>420</sup>.

Na melancolia, então, as tendências que visam abandonar uma característica do eu não coincidem com as exigências do princípio da realidade, não visam à aceitação de uma perda ou de uma deficiência do eu, por exemplo, à aceitação de algo que provoque

---

<sup>419</sup> Wie die Trauer das Ich dazu bewegt, auf das Objekt zu verzichten, indem es das Objekt für tot erklärt und dem Ich die Prämie des Amlebenbleibens bietet, so lockert auch jeder einzelne Ambivalenzkampf die Fixierung der Libido an das Objekt, indem er dieses entwertet, herabsetzt, gleichsam auch erschlägt. (Stud., p 211) (Cia letras, p. 192).

<sup>420</sup> Die Melancholie hat aber, wie wir gehört haben, etwas mehr zum Inhalt als die normale Trauer. Das Verhältnis zum Objekt ist bei ihr kein einfaches, es wird durch den Ambivalenzkonflikt kompliziert. ... Es spinnt sich also bei der Melancholie eine Unzahl von Einzelkämpfen um das Objekt an, in denen Hass und Liebe miteinander ringen, die eine, um die Libido vom Objekt zu lösen, die andere, um diese Libidoposition gegen den Ansturm zu behaupten. . (Stud., p 210) (Cia letras, p. 191).

uma certa inferioridade no eu<sup>421</sup>. As tendências atuantes na melancolia são hostis e não representantes do princípio da realidade. Se odeia algumas características do eu e por isso as quer abandonar. É, na verdade, a melancolia que nada tem a ver com os dados da realidade (e sim com a hostilidade) e não o luto que não contém ambivalência. Sabemos que as relações com o objeto são sempre ambivalentes e é facilmente presumível o trabalho de luto sobre uma relação ambivalente em vez de uma perda por morte. Por exemplo, podemos supor um processo de separação desejado, uma pessoa que deseja separar-se de outra por quem que ela tem uma forte ligação libidinal mas que a agride. Neste caso, as tendências hostis que até podem se identificar com o exame de realidade dizem ao eu: a imagem que você tem do objeto é equivocada, o objeto verdadeiro não corresponde ao objeto amado, mas a um odiado, que lhe faz mal. Este seria então o trabalho do exame de realidade, do luto, em um processo de separação desejado: as relações hostis para com o objeto devem vencer as relações amorosas. Também neste caso, é possível que o processo de separação termine quando, em vez da libido ser dirigida ao objeto (do qual se deseja separar), ela se dirija ao próprio eu, que se coloca no lugar do objeto se oferecendo como objeto de satisfação da libido. Trata-se aqui também do mecanismo da identificação.

Mas o que ocorre então na melancolia que a difere do luto normal? A direção da hostilidade. A novidade da disposição da melancolia é a possibilidade da satisfação em si mesmo das tendências agressivas: sádicas e de ódio.

*Se o amor ao objeto – que não pode ser abandonado, quando se tem de abandonar o objeto mesmo – refugiou-se na identificação narcísica, ativa-se neste objeto substitutivo o ódio, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica nesse sofrimento. O automartírio da melancolia, indubitavelmente prazeroso, significa ... a satisfação de tendências sádicas e de ódio que valem para um objeto e por essa via experimentaram uma volta contra a própria pessoa. (Freud, id.)<sup>422</sup>.*

---

<sup>421</sup> “defeitos físicos, feiúra, debilidade, inferioridade social muito raramente são objeto de auto-avaliação” “körperliche Gebrechen, Hässlichkeit, Schwäche, soziale Minderwertigkeit sind weit seltener Gegenstand der Selbsteinschätzung”. (Stud., p 201) (Cia letras, p. 179).

<sup>422</sup> Hat sich die Liebe zum Objekt, die nicht aufgegeben werden kann, während das Objekt selbst aufgegeben wird, in die narzisstische Identifizierung geflüchtet, so betätigt sich an diesem Ersatzobjekt der Hass, indem er es beschimpft, erniedrigt, leiden macht und an diesem Leiden eine sadistische Befriedigung gewinnt. Die unzweifelhaft genussreiche Selbstquälerei der Melancholie

A hostilidade não se dirige ao objeto externo mas ao eu. É essa hostilidade contra si mesmo, esta auto-depreciação, essa necessidade de se auto-castigar, que Freud pretende compreender. A hostilidade ao objeto é fácil de ser compreendida (e Freud a tomará como caminho de análise), mas o fenômeno que Freud agora quer esclarecer é o ódio contra si mesmo. Ódio que, podemos dizer, deveria ser dirigido ao objeto e que surpreendentemente se dirige ao eu. Para que o ódio volte-se contra si mesmo, será então necessário supor a identificação com o objeto externo, este sim passível de ser odiado. A ambivalência portanto na melancolia não se dirige ao objeto, mas ao desejo do eu de ser o objeto, de se identificar com ele, de incorporar características dele. Se, na identificação, se incorpora as características do objeto, na automartirização melancólica, odeia-se essa incorporação. Assim novamente se aproximam o trabalho do luto e da melancolia: enquanto no luto se diz: você tem de abandonar o objeto, na melancolia se diz: você tem de abandonar sua semelhança com o objeto, se no luto se diz: o objeto morreu, na melancolia se diz: suas características incorporadas do objeto têm de ser mortas. Não se trata de uma constatação (de prova da realidade), mas de algo que tem de ser realizado (o objeto incorporado tem de ser morto, imobilizado), e que o será, baseado no retorno do ódio contra si mesmo. Retorno que pode chegar até a realização da própria morte do eu, ao suicídio.

*Agora a análise da melancolia nos ensina que o eu pode se matar apenas quando, por meio do retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que vale para um objeto, e que substitui a reação original do eu diante dos objetos do mundo externo. (Freud, id.)<sup>423</sup>*

O eu, ao se identificar com o objeto, trata a si mesmo como trataria o objeto externo. Todo ódio que o eu dirigiria ao objeto agora dirige contra si mesmo.

---

bedeutet ganz wie das entsprechende Phänomen der Zwangsneurose die Befriedigung von sadistischen und Hasstendenzen, die einem Objekt gelten und auf diesem Wege eine Wendung gegen die eigene Person erfahren haben. (Stud., p. 205) (Cia letras, p. 184).

<sup>423</sup> Nun lehrt uns die Analyse der Melancholie, dass das Ich sich nur dann töten kann, wenn es durch die Rückkehr der Objektbesetzung sich selbst wie ein Objekt behandeln kann, wenn es die Feindseligkeit gegen sich richten darf, die einem Objekt gilt und die die ursprüngliche Reaktion des Ichs gegen Objekte der Aussenwelt vertritt. (ibidem, Stud., p. 206) (Cia letras, p. 185).

E a mania? *"Na mania, o eu precisa ter superado a perda do objeto (ou o luto sobre a perda, ou talvez o próprio objeto), e fica então disponível todo o montante de contrainvestimento que o doloroso sofrimento da melancolia atraiu do eu e vinculou".* (Freud, id.)<sup>424</sup>.

Se a mania é a superação da perda do objeto e se, no início do processo da melancolia, a perda do objeto é solucionada pela identificação com ele, podemos concluir, sem muitos questionamentos, que a mania consiste justamente nesta identificação com o objeto, como na devoração do pai, pós-parricídio.

O que ocorre na mania, então, é algo similar ao que ocorre no luto quando se rompe com o objeto perdido convencido pela idéia narcisista de que, diferente do objeto, se está vivo. A mania é aquilo que ocorre no final do luto, o eu se engrandece, pois está vivo, e assim assume as características do objeto abandonado.

Ocorre que o eu não pode devido à organização social, aos ideais coletivos, identificar-se com o objeto, o eu que fora engrandecido agora tem de sofrer um processo de diminuição, o que é realizado dirigindo o ódio para ele.

Podemos então agora entender a citação de *Visão geral da neurose de transferência: O luto pelo pai primitivo sucede da identificação com ele*. O luto pelo pai primitivo não é propriamente o luto por sua morte, mas o luto por identificar-se com ele, posição que a organização social impede, e que cada um terá de abandonar. Se a mania é o fim de um primeiro luto (a primeira parte da melancolia), o verdadeiro trabalho de luto (similar ao trabalho da melancolia), será o luto da identificação. Ela terá de ser abandonada e o fará a custa da internalização do ódio.

O trabalho que cada um tem de realizar para fazer parte da organização social é, portanto, um trabalho similar ao do luto, cada um tem que abandonar seu desejo de ser o pai, de ser um indivíduo forte. A aceitação desta posição decorre, além da força do

---

<sup>424</sup> In der Manie muss das Ich den Verlust des Objekts (oder die Trauer über den Verlust oder vielleicht das Objekt selbst) überwunden haben, und nun ist der ganze Betrag von Gegenbesetzung, den das schmerzhaft Leiden der Melancholie aus dem Ich an sich gezogen und gebunden hatte, verfügbar geworden. (ibidem, Stud., p. 208) (Cia letras, p. 188)

indivíduo, da força da coletividade e da força da posição passiva-masquista (quer dizer do prazer na submissão) adquirida pelos filhos, na quarta fase filogenética. Se a identificação com o pai indica para onde a consciência moral deve dirigir o ódio, o prazer masquista fixa este caminho. Caso contrário, o eu não aceitaria o ódio da consciência moral e não se submeteria, como ocorre nos episódios de mania.

Podemos então relacionar as disposições da mania e da melancolia com a sexta fase filogenética. Pós-parricídio o pai foi devorado e, por meio da sua incorporação material, os filhos se identificaram com ele e despertaram em si aspectos do pai: a liberdade dos impulsos e a vontade de poder (disposição para mania). Devido à pressão da organização social, apoiada no amor homossexual, constituiu-se uma instância que, submetida aos valores da fraternidade, dirigiu a própria força despertada pela identificação contra a própria identificação. Assim a própria força, despertada pela identificação, passou a reprimir sua própria origem, a identificação. Essa instância, a consciência moral, então assumiu a força da identificação com o pai, utilizando-a para reprimir esta mesma identificação. A força assumida pela consciência moral é a hostilidade. Assim, o azedume pelo pai diminui na mesma proporção em que aumenta o azedume em cada filho contra o desejo de querer ser o pai.

Mas, devemos nos perguntar, de onde surge a hostilidade? Da hostilidade para com o pai? Mas esta hostilidade não foi satisfeita no parricídio? Vimos que a identificação completa com o pai, a realização do desejo de tomar seu lugar, faria os irmãos rivais entre si, quer dizer, despertaria o ódio entre eles. Podemos então supor que é a hostilidade para com os irmãos, despertada por ocasião da identificação com o pai, que se voltará contra o próprio eu. Assim, a consciência moral, dirigida pelo ideal coletivo, agora, dirige o ódio (para com os irmãos) contra o próprio eu (contra a parte do eu que quer ser o pai). Assim, por um lado, impede que o eu realize seus desejos e impulsos e, por outro lado, faz com que a hostilidade despertada entre os irmãos não se dirija para eles, salvando os laços fraternos.

Assim, a consciência moral que nos enfraquece é condição para a vida social, para que a violência para com os outros, de certa forma, seja contida. O ódio volta-se

para o eu deixando de se dirigir para fora, para a comunidade. Se a identificação com os irmãos (compaixão) foi primeiramente possibilitada pelo ódio comum ao pai, na falta deste (depois do parricídio), ela é possibilitada pelo novo direcionamento do ódio (que não para os irmãos): é possibilitada pelo ódio comum de cada um por si mesmo. O amor pelos iguais se faz ainda, na sexta fase, à custa do ódio pelo diferente, no entanto, diferente agora não é o pai, mas si mesmo.

Por um lado então temos a consciência moral dirigida pelos ideais coletivos, por outro lado temos o eu identificado com o pai primitivo, com o forte, o indivíduo livre da comunidade. A consciência moral reprime, odeia este eu, torna-o fraco. Se o eu, no entanto, tem uma constituição mais forte, resta a ele a sublimação, contornando o ódio e a repressão. Neste caso o indivíduo consegue se libertar parcialmente dos ideais coletivos e do ódio da consciência moral. Situação rara, mas possível, que faz da civilização um processo criativo, enriquecedor e ampliador da potência da comunidade.

Por outro lado, trata-se de construir um arranjo psíquico no qual o eu vise sua própria destruição. Nesse novo arranjo é salva a organização social, pois os outros deixam de ser odiados. Mas como é possível se formar algo tão contra aos interesses do próprio eu? Esse novo arranjo foi possível na medida em que se tratou a si mesmo como se trata o objeto. Por isso, a identificação com o objeto é imprescindível. O eu jamais se odiaria diretamente, é necessário que ele se identifique com o objeto para então se odiar. O eu aceita se odiar, desde que possa se identificar com o objeto odiado. A vitória pode vir para o ódio, mas também para a identificação, para o desejo de ser forte, livre e independente da massa. Trata-se de um trabalho realizado por cada indivíduo dentro da organização social cuja vitória pode pender para qualquer um dos lados. O importante, no entanto, é que a tensão permaneça e nem o ódio vença levando ao suicídio, nem a mania vença estabelecendo apenas a psicologia do indivíduo. Esta tensão interna garante a existência da organização social e a possibilidade do indivíduo de se libertar da mesma.

De acordo com as disposições adquiridas nas diversas fases filogenéticas, podemos então supor que a organização social baseou-se nas seguintes formações psíquicas: 1º) submissão aos ideais coletivos, constituindo, a partir destes ideais, o ideal

do eu e a consciência moral zeladora da realização deste ideal, 2º) a identificação com o pai, quer dizer, o resgate da psicologia do indivíduo e o fortalecimento dos impulsos e 3º) a satisfação da agressividade, despertada pelo fortalecimento dos impulsos, pela ação da consciência moral (instância que assume a agressividade) contra os próprios impulsos (contra a identificação com o pai) e pelo intensificação da disposição passivo-masoquista. Esta gradação do eu: ideal do eu, consciência moral agressiva, parte do eu que visa satisfazer os impulsos (identificada com o pai), eu masoquista que recebe os ataques da consciência moral, será então constituída na sexta fase filogenética, pós-parricídio, e será determinante para a manutenção da organização social, para a submissão às leis da coletividade e para a intensificação dos impulsos; para a repressão dos impulsos e para a possibilidade da sublimação. São duas então as disposições adquiridas na sexta fase filogenética: o resgate da psicologia do indivíduo (dos impulsos, da liberdade, da vontade de poder e da capacidade de sublimação) e a auto-agressão, disposição que sustenta a organização social.

Ocorre na sexta fase, então, uma mudança na direção do ódio, da direção do ressentimento. Ocorre algo similar aquilo que Nietzsche descreve como obra do sacerdote ascético.

*“Eu sou: disso alguém deve ser culpado” – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – somente você é culpada de si! ... “ Isso é ousado bastante, falso bastante: mas com isto se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é – mudada. (Nietzsche, 1887, Genealogia da moral, p. 117)*

O que o sacerdote diz é o seguinte: o pai odiado é você. Cada membro da coletividade terá então de dizer isso pra si mesmo. Ao se identificar com o pai os irmãos criaram uma oportunidade para voltar o ódio contra si: se cada um se identificou com o pai, cada um agora será objeto de ódio. O ódio (contra o pai) fôra necessário para o fortalecimento dos irmãos, agora o ódio (não mais contra o pai, que foi morto, mas contra os rivais) com sua direção mudada será fundamental para a manutenção da sociedade, portanto, novamente para o fortalecimento dos irmãos.



Os laços sociais então estão estabelecidos e não precisam mais de um inimigo comum, nem de um inimigo ilusório, o inimigo é o próprio eu. Os laços sociais não precisam mais de um inimigo externo comum pois se dirigem a um inimigo interno permanente.

Ao mesmo tempo, a própria força sucitada pela identificação com o pai, pode voltar-se contra si mesma, contra sua origem. Ideia também presente em Nietzsche, na descrição da vida ascética:

*uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado impulso e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força<sup>425</sup>; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autosacrifício. ... torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica. (Nietzsche, id., p. 107)*

Parece-nos que aquilo que Nietzsche descreve como uma loucura da vontade, uma crueldade psíquica, uma vontade de se sentir culpado, desprezível, é muito próximo da descrição de Freud da melancolia:

*Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua vontade de crer-se castigado, sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa [dívida], sua vontade de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa (Nietzsche, id., p. 81).*

A disposição à melancolia corresponde a uma culpa pela própria força, pelos próprios desejos, pela própria felicidade. Na sociedade cada um deve abdicar do seu direito à felicidade, quer dizer, a satisfação de seus próprios impulsos. E para isso deve usar seus próprios impulsos.

---

<sup>425</sup> grifo nosso

Podemos dizer que na organização social há, nos seus membros, um excesso de força como havia, na horda primitiva, na psicologia do pai primitivo; no entanto, uma força que muda de direção e acaba reprimindo a si mesma fortalecendo assim a associação dos fracos (os laços fraternos).

## Conclusão

Tentemos agora recolher os elementos, as forças, que compõem a história filogenética, compreendendo-os a partir das diversas patologias e do desenvolvimento ontogenético.

Nos tempos glaciais, foi constituída a primeira característica própria dos seres humanos: sua peculiar sexualidade. O primeiro movimento para constitui-la foi o afastamento da função sexual biológica. A marca deste afastamento aparece, na patologia, na angústia de anseio, disposição que predomina na histeria de angústia. A análise da angústia de anseio a revela, por um lado, como transformação da libido e, por outro, decorrente do afastamento das representações que levariam à função sexual biológica. Essa análise possibilita-nos compreender a primeira fase filogenética como a da aquisição da angustia de anseio, que é a expressão de um impulso sexual afastado da sua função biológica. A presença da angústia de anseio originalmente nas crianças, em todas as crianças, por sua vez, demonstra a universalidade dessa disposição, a universalidade de um impulso que deixou de ter função biológica.

O segundo movimento de constituição da sexualidade humana foi sua satisfação na fantasia. O impulso sexual, destituído de função sexual, passou a ser satisfeito por meio de recordações, de representações, o que deu um novo caráter às próprias recordações; elas deixam de ser meios que auxiliam a realização de uma função, e passaram, elas mesmas, a satisfazer o desejo sexual. Trata-se da constituição do mundo da fantasia (da satisfação por meio da imaginação) que ganha autonomia em relação às funções biológicas. A interpretação dos sintomas da histeria de conversão pôde revelá-los como expressão das fantasias sexuais e, com isso, então, pudemos compreender a segunda fase filogenética como a da aquisição de uma sexualidade que se satisfaz na fantasia. A sexualidade perversa, original na infância, também coincide com essa disposição, ela se satisfaz com as recordações das vivências de satisfação. A presença dela em todas as crianças, caracterizando o impulso sexual infantil, mostra também a universalidade dessa disposição, de um impulso sexual que se satisfaz na fantasia. O

desenvolvimento ontogenético da sexualidade perversa, comparado ao filogenético, mostrou ainda outro aspecto, não estático mas dinâmico, dessa disposição. Se o impulso sexual abandonou a função sexual e por isso pode se satisfazer na fantasia, na filogênese; na ontogênese a fantasia tem de ser abandonada e a função recuperada. A disposição é um precipitado, mantém-se como um precipitado (sempre haverá a fantasia), que sofre, no entanto, modificações. Estas modificações são determinadas por tendências que, na filogênese, na ocasião de sua aquisição, foram abandonadas, no caso, pela função sexual biológica. Podemos então dizer que junto com a aquisição da disposição, adquire-se também uma tendência a se desfazer dela e recuperar aquilo que fora perdido na ocasião de sua aquisição. A história filogenética, neste caso, nos auxilia a compreender mais uma característica universal do ser humano: seu desenvolvimento sexual tende estabelecer a função sexual biológica, estabelecimento que nunca será integral, mas que exerce uma força contrária à própria disposição.

A história filogenética, então, nos possibilitou circunscrever um pouco melhor três das características universais dos seres humanos: 1) que seus impulsos sexuais não visam à função sexual biológica; 2) que seus impulsos sexuais se satisfazem na fantasia, dando a ela autonomia em relação à função biológica do organismo; e 3) que existem forças contrárias às satisfações dos impulsos sexuais na fantasia, forças que visam reestabelecer a função sexual biológica.

O terceiro movimento da constituição da sexualidade humana foi então, aproveitando-se das forças contrárias à satisfação na fantasia, inibi-la e assim constituir a inteligência e a linguagem. Pôde-se então transformar a fantasia em realidade, quer dizer, constituir uma ação sobre a realidade guiada pelo desejo (pela fantasia), aumentando o poder do homem sobre o mundo. A neurose obsessiva, cujos sintomas estão na esfera dos pensamentos e nas ações (compulsões) determinadas por estes pensamentos, nos ensina que o pensamento, por um lado, é expressão dos impulsos sexuais (isto é., das fantasias sexuais) e, por outro, das forças reativas que inibem este impulso. A onipotência dos pensamentos e a compulsão (Zwang, obsessão), na neurose obsessiva, mostram-nos quão potente se torna o impulso sexual quando inibido. O desenvolvimento ontogenético do

pensamento, dos processos secundários, a partir dos processos primários, nos mostra que a origem sexual do pensamento é universal (e não ocorre apenas nos neuróticos obsessivos) e que a ação sobre a realidade orientada pelo desejo, quer dizer, a sublimação, que possibilita um maior domínio do homem sobre a realidade, também é universal. Orientados pela neurose obsessiva e pelo desenvolvimento ontogenético do eu, então pudemos compreender o que se passou na terceira fase filogenética: surgiram os processos secundários. O mundo pode ser representado e o impulso sexual potencializado pode se exteriorizar como ação de domínio sobre o mundo. O impulso sexual potencializado pela fantasia e pela inibição da mesma passou a se assemelhar à vontade de potência, à necessidade do eu de afirmar-se e expandir-se.

Neste ponto, a história filogenética, mais que em qualquer outro lugar da obra de Freud, nos possibilita compreender o conflito entre os impulsos do eu e os sexuais, como um conflito entre sua dupla existência, sua dupla função. Ambos, eu e função sexual biológica, fundam-se nos impulsos sexuais e nas inibições que os dirigem. No entanto ambas as direções não coincidem, o eu utiliza a sexualidade para sua expansão, enquanto os impulsos sexuais visam satisfazer as necessidades procriativas da espécie. Podemos supor que o conflito remete a dupla função que o impulso sexual tem no ser humano, cumprir uma função biológica e dominar o mundo por meio da sublimação.

Temos então mais duas características do ser humano: a capacidade de sublimação do impulso sexual e com isso a expansão de seu poder sobre o mundo (sua capacidade de representá-lo e transformá-lo); e o conflito entre expansão de seu poder e a função sexual biológica que tem de ser recuperada.

A nosso ver, estas três fases filogenéticas constituíram aquilo que Freud chamou em *O Homem dos Lobos* de patrimônio instintivo dos seres humanos. No que consiste este patrimônio? Em impulsos sexuais, destituídos de sua função biológica, que potencializam o eu com as representações de seus objetos de satisfação, e em forças inibitórias que dirigem os impulsos para exercer sua função biológica. O eu potencializado pelas recordações de seus objetos de satisfação, por sua vez, coincide com o eu já concebido, por Freud, no *Projeto*, que tinha como núcleo a recordação das

vivências de satisfação e cujo desenvolvimento, determinado pela inibição produziu todos os processos psíquicos superiores (linguagem, pensamento, julgamento). Com a história filogenética, é dado um fundamento para esse eu: o impulso sexual, afastado da função biológica, e a inibição, que busca recuperar a função biológica.

Finda as três fases, encontramos um eu que tem seu poder ampliado, que representa o mundo e que age sobre ele, realizando seus desejos e expandindo seu poder.

Mas, se nesta primeira fase da humanidade foi desenvolvida, a custa do impulso sexual, a inteligência, os impulsos sociais ainda não existiam. Assim como no mito de Epimeteu e Prometeu do diálogo *Protágoras* de Platão (mito atribuído ao sofista), no qual, depois dos homens receberem de Prometeu a inteligência, ainda lhes faltavam a sociabilidade: *"Foi assim que o homem recebeu a posse das artes úteis à vida, mas a política lhe escapou"*, na concepção de homem de Freud ainda serão necessários novos desenvolvimentos para o surgimento dos impulsos sociais. É interessante que, como no mito de Platão, em Freud, este processo será posterior e constituído a duras penas e sob ameaça. No mito de Platão, depois dos homens terem desenvolvido a linguagem, inventado as habitações, as vestimentas e os alimentos e mesmo assim não conseguirem viver juntos para melhor se defender, *"Zeus, temeroso por nossa espécie ameaçada de extinção, envia Hermes para trazer aos homens o pudor e a justiça, a fim de que houvesse nas cidades harmonia e laços criadores de amizade"* (...). E diante da pergunta de Hermes entre quem devia repartir estes bens, Zeus responde: *"Entre todos, e que cada um receba a sua parte ... além disso estabelecerás esta lei em meu nome: que todo homem incapaz de compartilhar do pudor e da justiça deve ser entregue à morte, por ser um flagelo para a cidade"*.<sup>426</sup>

Mas só a ameaça aproxima a concepção de Freud da do mito do diálogo *Protágoras*. Longe de ameaçar por querer o bem da espécie humana, como Zeus, o pai

---

<sup>426</sup> Tradução do francês de Maria Auxiliadora Ribeiro Keneipp. DROZ, Geneviève, Os mitos platônicos. Brasília: ed UNB, 1997, p. 22)

primitivo ataca e ameaça por dar livre expressão a sua vontade de potência, ao seu direito à crueldade devido à sua inteligência e à sua energia.

Assim, se, em Freud, a inteligência é fruto de um desenrolar do impulso sexual, que se afastou da função biológica, o mesmo não ocorre com a sociabilidade. Ela será constituída no seio das relações de poder, como reações aos ataques e ameaças de objetos mais poderosos, ataques e ameaças vindos de objetos hostis. Reações que, em Freud, serão sexualizadas.

Retomemos, então, como foi constituída a sociabilidade.

Primeiro movimento: em uma relação de poder, na qual o chefe da horda castrava os filhos, estes inventaram o prazer da dor, o prazer da submissão, a partir da posição passiva-masoquista. Em vez de se defender, se submeteram à dor. O parafrênico (demente precoce), cujas características são o afastamento do mundo e a hipocondria (quer dizer, a sexualização da dor), que provoca em si mesmo dor e até autocastração, e cujo sintoma delirante é uma tentativa de recuperar o eu a partir da linguagem, a partir de fora, nos mostra que há um desejo da castração, há um prazer masoquista que o faz submeter-se prazerosamente ao ataque externo, e há uma reorganização do eu a partir da ação do objeto, a partir de fora, a partir da própria dor, que é o efeito da ação do objeto. A parafrenia, como expressão do narcisismo secundário, quando o eu é objeto de um outro externo e se organiza a partir da ação deste outro, coincide com o que teria ocorrido na quarta fase filogenética. Diante da castração do pai primitivo (do chefe da horda), os filhos inebriados pela dor, sexualizaram-na, desejaram mais dor e assim mais submissão. Se por um lado afastaram-se do mundo enquanto lugar do investimento da libido, voltando-a para a ferida, para a dor, para as alterações do corpo, por outro lado, passaram a ser moldados pelo mundo, pelo objeto. Constituiu-se a posição passiva e o prazer nessa posição.

Afastamento do mundo enquanto satisfação dos impulsos, mas supervalorização do objeto externo que toma o eu como objeto e lhe exige submissão, é a partir da ação do objeto externo que o eu será reconstituído. Então, o eu deixa de ser constituído por seus

próprios impulsos e por suas satisfações e passa a ser constituído pela ação do objeto externo sobre si. Trata-se de uma relação direta com o objeto que age sobre o eu e não de uma relação indireta, mediada pelos impulsos, como são as relações com os objetos de satisfação. A existência de uma posição passiva nas crianças, como é mostrado no Homem dos Lobos, e o fenômeno da supervalorização que ocorre, nas crianças, diante dos pais, no enamoramento, diante do objeto amado e, na massa, diante do líder, mostra a universalidade dessa disposição.

O segundo movimento consistiu na fuga dos filhos, na identificação de um irmão com o outro devido à ameaça comum que sofriam, na intensificação do ódio comum pelo pai e na sexualização das relações com os irmãos. Em contraposição ao ódio pelo perseguidor desenvolveu-se o amor pelo igualmente perseguido, pelo igualmente fraco, o amor homossexual, pelo igual. A paranoia possibilita-nos relacionar o delírio de perseguição com o amor homossexual, a sensação de sentir-se perseguido e o amor agora não pelo perseguidor mas pelo igualmente perseguido. O amor pelo igual, no entanto, é melhor analisado, por Freud, na própria escolha homossexual, na formação dos sentimentos sociais, quer dizer na identificação entre os irmãos e entre os membros da massa, na compaixão e no narcisismo das pequenas diferenças. Essas manifestações mostram a universalidade da transformação do ódio, pelo igual/rival, em amor, a partir de um ódio maior comum, e a universalidade da intensificação do amor pelo igual, pelo fraco, por meio da intensificação imaginária do ódio comum pelo diferente, pelo forte.

Se trata aqui daquilo que Freud chamou de esquema filogenético, esquema que pode não coincidir com as vivências do indivíduo. Diferente das transformações do impulso (o patrimônio instintivo), aqui encontramos uma relação direta com o objeto, são as relações com o objeto perseguidor que determinam estes novos tipos de prazeres (da submissão e do amor pelo igual). Portanto, na ontogênese, também é a relação com o objeto que determina estas novas disposições. As relações com o objeto, no entanto, dificilmente são tão ameaçadoras como foram na filogênese e a percepção da ameaça é fundamental para estabelecer o desejo de submissão e a identidade (e o amor) entre os irmãos. Caso o objeto da vivência da criança não seja um objeto que ataca e ameaça,



mesmo assim a criança vivencia o ataque e a ameaça, como se projetasse uma recordação do cruel pai primitivo, que tem em si, no objeto que tem a sua frente. Só então, a partir do exterior, o ataque e a ameaça podem ser sexualizados (obtendo prazer, por um lado, na dor e na submissão e, por outro lado, com o outro igualmente ameaçado). É necessário o exterior (vivenciado ou alucinado a partir da herança filogenética) para que o interior se constitua. Podemos dizer que estas são disposições inatas que precisam, no entanto, de um exterior contrário, para que, se opondo a ele, possam surgir. O esquema filogenético parece ter sido uma solução de Freud para supor uma disposição que se constitui a partir da relação direta com o exterior.

Parece-nos que o esquema filogenético aponta também a que não basta, para a manutenção da organização social, a capacidade de se submeter à repressão dos impulsos exigida pela organização social. É necessário que se obtenha prazeres na submissão e na identificação com os igualmente ameaçados, e estes prazeres só podem ser obtidos se a situação de ataque e ameaça for imposta. Se a dor não fosse imposta, ninguém retiraria prazer dela, ninguém buscaria a dor para ter prazer. Esse prazer tem de ser marginal. É porque estes ataques se impõem de forma violenta, como fatalidade, que é possível retirar deles prazer.

Um terceiro movimento da constituição da sociabilidade ainda na quinta fase da história filogenética foi o fortalecimento dos fracos para combater o forte e o estabelecimento, por meio do parricídio, da organização social. A fraqueza coletiva se tornou força.

Por último, na sexta fase, os filhos identificam-se com o pai, resgatam a psicologia do indivíduo e se culpam por isso. A mania e a melancolia (depressão) nos auxiliam a compreender melhor os fatos que ocorreram na sexta fase. A mania corresponde à suspensão da opressão, à identificação do oprimido com o opressor, e à liberação da energia gasta na opressão. A melancolia, por sua vez, consiste em um retorno do ódio contra si mesmo. Podemos então interpretar os acontecimentos da sexta fase: primeiro ocorreu uma identificação, por meio da devoração, com o pai primitivo (identificação no sentido de introjeção e não de percepção de igualdades), uma

reaquisição de seus impulsos e de sua potência (como na mania), em seguida, um retorno do ódio contra essa mesma identificação, agora internalizada (como na melancolia). Voltando o ódio contra si mesmo, o amor homossexual (o impulso social) enfraquecido pela satisfação do ódio pelo pai, no parricídio, e pelo surgimento do ódio pelo irmão, devido ao resgate da psicologia do indivíduo, pôde novamente se fortalecer, já que encontrou um objeto que não o rival/igual para odiar: encontrou o próprio eu. A crueldade, resgatada pela identificação com o pai, pôde também agora voltar-se contra sua própria origem, contra a identificação. Por sua vez, o prazer na submissão diante desta crueldade pôde também ser satisfeito recebendo o ódio de si mesmo. Assim, como na melancolia, na sexta fase constituiu-se um arranjo psíquico capaz de garantir a organização social e a parcial manifestação dos impulsos sexuais humanos. Os impulsos sexuais readquiridos, por sua vez, puderam garantir, com todas suas contradições (vistas na primeira parte da história filogenética), a sublimação, agora dirigida pelos ideais coletivos que usam a força do próprio impulso para submetê-lo. A necessidade desse arranjo psíquico para a manutenção da organização social mostra-nos então sua universalidade<sup>427</sup>.

Então elenquemos as disposições:

dos impulsos sexuais:

- 1) perda da função biológica
- 2) satisfação na fantasia
- 3) tendência em direção a recuperação da função sexual biológica
- 4) sublimação

---

<sup>427</sup>As palavras necessário e universal talvez ofereçam uma equivocada visão essencialista e dogmática de Freud. A universalidade remete a ideia de que esse arranjo como também as disposições estão presentes em todos os seres humanos, dizem respeito ao ser humano em geral, e não apenas aos neuróticos e psicóticos. Isso não quer dizer que esse arranjo de forças não poderia ocorrer de outra forma. Sua necessidade deve-se ao fato de que este arranjo dá conta das forças que, acreditamos, para Freud, estão presentes na civilização: os ideais coletivos, a iniciativa do indivíduo (realizada na sublimação), o conflito psíquico, a culpa. Mas a própria origem independente de cada uma das disposições e o arranjo que elas formam mostram como são contingentes. Melhor que um arranjo necessário seria que falássemos em um arranjo bastante estável, mas, se assim fizéssemos, em nome de um purismo conceitual, teríamos de abrir mão de um vocábulo bastante útil.

5) conflito entre a tendência à sublimação e à recuperação da função sexual biológica

da relação com o objeto hostil:

6) sexualização da dor provinda da ação de um objeto que ataca, masoquismo

7) sexualização da contrapartida do ódio comum pelo objeto mais forte e diferente: amor pelo fraco e pelo igual

8) fortalecimento coletivo dos fracos, a partir do amor entre eles, parricídio

9) identificação individual com o forte, resgate dos impulsos sexuais constituídos antes da relação com o objeto hostil

10) retorno da agressividade contra si mesmo, utilizando-se I) do ódio da coletividade, contra o pai, agora dirigido à própria identificação com ele; II) da crueldade atrelada à satisfação dos impulsos sexuais recuperados, agora satisfeita internamente; e III) do prazer em submeter-se a agressão.

Tem-se então, em 10, constituídas as diversas graduações do eu que possibilitam a manutenção da organização social. As graduações do eu são: i) eu prazer, ii) eu realidade, iii) ideal do eu, iv) consciência moral e v) eu masoquista que tem prazer na submissão. Suas origens, relativas à sequência exposta acima, são:

i) em 2 (referente à 2ª fase): eu prazer, que será recuperado em 9 (identificação com o pai) e odiado em 10.

ii) em 4 (referente à 3ª fase): eu realidade, capaz de sublimar, que será recuperado em 9 e será submetido aos ideais coletivos, em 10.

iii) em 7 e 8 (referente à 5ª fase): ideal do eu, constituído pelos ideais coletivos e internalizado em 10.

iv) em 4, 7 e 8) (referente às 3ª e 5ª fases) Consciência moral, eu cruel que será recuperado em 9 e, em 10, garantirá o ideal da coletividade, atacando a si mesmo.

v) em 6 (referente à 4ª fase): eu masoquista que em 10 com prazer se submeterá à consciência moral.

Acrescenta-se a estas graduações uma tendência no desenvolvimento a recuperar a função sexual biológica.

A história filogenética, que se inicia no afastamento das funções sexuais biológicas, acaba por nos oferecer um arranjo psíquico presente no indivíduo que vive na organização social. A interpretação da história filogenética nos possibilitou circunscrever as forças, supostas por Freud, que atuam no psiquismo do seres humanos civilizados.

Terminamos aqui nossa interpretação das disposições constitutivas do psiquismo humano. Uma interpretação pouco conhecida, talvez ambiciosa e, em certo sentido, dogmática, mas que é, e esperamos que o leitor concorde, coerente e muito próxima dos textos de Freud escritos por volta de 1914 e 1915. Tentamos, apesar de nos identificarmos com a ambição de Freud de montar um quadro de disposições que desse conta do que é universal no ser humano, foi esta ambição que nos fez deter tanto interesse a este texto de Freud, evitar o dogmatismo. Se o presente texto, assim como o décimo segundo ensaio, parece apresentar um Freud dogmático, que circunscreve por completo a natureza humana, esperamos que a reflexão sobre as disposições nos mostre um Freud que tenta dar conta de um aparelho psíquico flexível, plástico, cujas determinações (biológica, da experiência, culturais) conflitantes resultam menos numa visão determinista do ser humano que numa visão do ser humano como a expressão de forças que taticamente se compõem mas que são irreconciliáveis. Não se trata de buscar elementos que componham o aparelho psíquico mas de circunscrever forças, tendências que se juntam, se chocam, avançam e recuam. Forças, didaticamente consideradas universais (cf nota 427), cuja manifestação depende do confronto e do arranjo com as outras.

É possível supor que, na medida em que partimos das disposições que explicam as neuroses e psicoses e o ser humano em geral, buscamos, juntos com Freud, encontrar os fundamentos biológicos tanto para a patologia quanto para o aparelho psíquico em geral (disposições similares, por exemplo, a ficar ereto, a faculdade para a linguagem, a maternagem ...). Teríamos, então, optado por fundamentar biologicamente o aparelho psíquico, negando assim a própria autonomia do objeto da psicanálise? Teríamos optado por interpretar Freud como o Darwin da mente? Nada mais longe de nossos objetivos, e esperamos ter mostrado ao leitor o quão longe estamos deste objetivo, uma vez que a história começa mostrando como o impulso sexual no ser humano se caracteriza pelo afastamento da sua função biológica e em seguida se caracteriza por estabelecer a autonomia da fantasia e da imaginação sobre a função biológica.

Façamos então um balanço teórico apontando o que de novo traz a história filogenética dos tempos glaciais e da horda primitiva para a compreensão da teoria freudiana:

1º) é inédita, nesta história filogenética, a explicitação da diferença entre dois tipos de psicologia: a do pai primitivo e a dos filhos, a identificação da primeira com o desenvolvimento do impulso sexual e da segunda com as relações com um objeto que ataca e ameaça (com o pai primitivo). Grosso modo, há, nesta história, por um lado, uma teoria dos impulsos e das suas vivências de satisfação (de seus objetos de satisfação) e, por outro lado, uma teoria das vivências de dor e do objeto hostil; de maneira que podemos compreendê-la como um desenvolvimento teórico de uma diferença já explicitada no *Projeto de uma psicologia* (tentamos, no nosso mestrado, circunscrever estas duas teorias no *Projeto de uma Psicologia*<sup>428</sup>). Dando continuidade a essas teorias, por um lado, pudemos identificar o desenvolvimento do impulso sexual e suas vivências de satisfação com a constituição do sujeito narcisista e, por outro lado, a sexualização das vivências de dor e das relações com o objeto hostil, pudemos identificar com o objeto narcisista.

---

<sup>428</sup> Corrêa, Fernanda Silveira: "As teorias da vivência de dor e da vivência de satisfação, no *Projeto de uma Psicologia*, de Freud", Campinas, 2000.

A história filogenética, portanto, nos proporcionou cindir o desenvolvimento dos impulsos sexuais e o desenvolvimento das relações com os objetos mais poderosos; cindir o narcisismo em sujeito narcisista (constituído a partir do desenvolvimento dos impulsos) e objeto narcisista (constituído a partir da ação do objeto externo mais poderoso e hostil).

No que diz respeito à teoria do impulso sexual:

2º) é inédita, nesta história filogenética, a ideia de que o impulso sexual, em determinada ocasião, deixou de realizar sua função biológica. Essa ideia explicita a relação, suposta por Freud, entre a sexualidade perversa, infantil, e a sexualidade biológica. Se é conhecida a ideia de que a sexualidade perversa não coincide com a função biológica mas que no seu desenvolvimento tende a mesma, a história filogenética aponta para uma perda desta função e portanto a uma necessidade de, cada indivíduo, recuperá-la. Se, por um lado, o conceito de sexualidade perversa atribui autonomia ao psíquico, às representações, na medida em que elas se tornam a finalidade da satisfação sexual, em detrimento do biológico; por outro lado, é suposta uma força que age sobre o sujeito e limita a autonomia do psíquico e que o dirige para a função sexual biológica. Essa força tende a organizar este campo originalmente autônomo e determinado exclusivamente pelas recordações das vivências de satisfação.

A história filogenética, portanto, nos proporcionou uma compreensão mais abrangente da relação entre a sexualidade perversa (incluindo aqui, fantasia e desejo) e a função sexual biológica.

3º) é inédita a suposição de que o pai primitivo desenvolveu a inteligência e a linguagem, aquilo que coincide, em Freud, com os processos secundários. O poder adquirido pelo pai primitivo é compreendido, portanto, não como o poder da força bruta, no estado de natureza, mas como a capacidade do impulso sexual de se potencializar a partir de sua inibição, por meio do processo secundário. Também, a localização da inteligência e da linguagem, na psicologia do pai primitivo, marca uma efetiva diferença entre elas, i.e., entre as capacidades de simbolização e sublimação, por um lado, e a

sociabilidade e cultura, ausentes no pai primitivo, por outro. Assim, a constituição dos processos secundários não representa a passagem da natureza para a cultura, pois nem a sexualidade perversa significa a natureza, nem os processos secundários (e a sublimação) significam a cultura. Trata-se talvez da passagem do imaginário para o simbólico, mas para um simbólico que ainda não coincide com a organização social. Para surgir a organização social, ainda terão de surgir as bases para os sentimentos sociais.

Com essa localização dos processos secundários, obtemos também uma compreensão bem mais acurada do conflito entre sexualidade e eu. A história da espécie nos sugere, então, que os mesmos impulsos sexuais têm de se tornar função biológica ou ser sublimados (tornar-se processo secundário), que, se há um movimento de recuperar o que fora perdido na filogênese (a função biológica), há também uma tendência para repetir o caminho percorrido na filogênese, no qual se constituiu a linguagem e a inteligência, que possibilitou maior domínio sobre a realidade. Na medida em que tanto a sublimação como a função biológica são realizadas com a mesma energia psíquica, com os mesmos impulsos, está dado o conflito: sexualidade biológica X domínio da realidade, por parte do eu. Ou a sexualidade perversa se torna processo secundário e é sublimada ou se torna função biológica. O impulso sexual ora é apoderado por uma tendência, ora por outra. Mais que entre impulsos, o conflito se constitui de séries que se chocam, desenvolvimentos em descompasso. Uma tendência visa reconstituir a natureza, as funções biológicas sexuais perdidas na filogênese, e outra tendência visa repetir o desenvolvimento alcançado pela espécie. São tendências opostas e não conciliáveis, por isso séries temporais conflitantes. Um esquema muito parecido representará a oposição entre impulsos de morte e de vida. Enquanto os primeiros visam reconstituir o inorgânico, o que fora perdido na constituição da vida, os segundos visam repetir um determinado percurso antes de alcançar a morte, percurso determinado por todas as aquisições da espécie.

É possível pensar, a partir da história filogenética, que, no espaço entre a perda da função sexual biológica e a necessidade de recuperá-la, se constitui o espaço da criação e

da sublimação. Portanto, entre a determinação empírica original do impulso sexual e sua orientação para o cumprimento da função sexual biológica, que implica em inibições, o impulso, potencializado pela representação dos objetos, por sua mobilidade e capacidade de inibição, expande-se no pensamento, na constituição da linguagem, na sublimação e no aumento de poder.

A história filogenética, portanto, nos proporcionou uma compreensão mais abrangente do conflito psíquico entre sexualidade e eu.

A história filogenética também nos proporciona distinguir a origem da linguagem da origem da sociabilidade (a primeira remetendo ao sujeito narcísico e a segunda ao objeto narcísico).

No que diz respeito às relações com um objeto externo mais poderoso, hostil:

4º) é inédita a ideia de que a vivência de castração, realizada pelo pai primitivo, propiciou uma nova forma de satisfação sexual. A relação da castração realizada pelo pai primitivo e a autocastração do demente precoce aproxima a sexualidade constituída nesta fase com a hipocondria (da sexualização da dor), e a dor com a ação, ao ataque, do objeto hostil externo. A sociabilidade (os impulsos sociais) são então constituídos à força e apresentam-se, primeiramente, como uma forma de ceder, com prazer, ao poder do mais forte. Com a história filogenética temos, então, o estabelecimento da sexualidade baseada em uma posição passiva-masquista, baseada na submissão. Se em *Totem e Tabu* a ideia da submissão, da obediência adiada ao pai é fundamental para a compreensão das instituições sociais e da culpa, nessa nova história filogenética a submissão ganha o estatuto de disposição, podemos dizer, de uma força com uma origem independente, que, no arranjo constituído na organização social, terá também um papel importante.

A história filogenética, portanto, propiciou elevar a posição passivo-masquista e o desejo de submissão ao estatuto de disposição. A história filogenética mostrou que essa disposição, tão importante para a manutenção da organização social, foi constituída à



força, a partir do ataque de um objeto externo cujos efeitos se inseriram no interior do psiquismo (como dor) e acabaram por provocar prazer.

Diferentemente da inteligência (constituída como potencialização das vivências de satisfação) a sociabilidade é conseguida à força, como forma de reação (ou melhor, de res-sentimento) diante do objeto hostil, do objeto violento, que ataca o eu.

5º) é inédita, na história filogenética, a relação do perseguidor e das alianças contra ele com os sentimentos sociais. Diferente de *Totem e Tabu*, na história filogenética de *Visão Geral das Neuroses de Transferência*, os filhos, ameaçados de castração, fogem (e não são expulsos) e aprendem a viver juntos. Portanto, são a ameaça e a fuga comuns que determinam a vida coletiva e os sentimentos sociais. A fuga comum possibilita que os irmãos se identifiquem entre si, como no *Projeto*, desenvolvendo a compaixão, o sofrer junto diante da ameaça externa, o compartilhar o medo comum. Esse medo comum e o ódio pelo objeto ameaçador são sexualizados, tudo que é oposto ao perseguidor é transformado em objeto de satisfação sexual. Constitui-se uma nova sexualidade (as satisfações homossexuais), a partir da contraposição ao externo hostil. Mais um aspecto do impulso social é, portanto, constituído à força, a partir de uma ameaça externa. Constitui-se o prazer de sofrer junto com o igualmente ameaçado e de odiar coletivamente o perseguidor.

A história filogenética proporcionou compreendermos os sentimentos sociais, estabelecidos entre os iguais, como fruto de uma ameaça igualmente sofrida. O sofrimento comum foi sexualizado transformando o ódio comum ao perseguidor, em sua contrapartida, na satisfação sexual com os igualmente perseguidos (satisfações homossexuais).

6º) é inédita na história filogenética a suposição de que o luto pelo pai emana da identificação com ele e, portanto, como ensina a melancolia, corresponde ao ódio contra o objeto internalizado, ao ódio, por conseguinte, contra si mesmo. Essa interpretação do luto, e, portanto também da culpa, é bem diferente da de *Totem e tabu*. Os filhos sofrem, ficam de luto, não porque cometeram um crime, o parricídio, mas porque na medida em

que se identificaram com o pai e readquiriram a psicologia do indivíduo, cada um volta seu ódio agora contra sua própria pessoa. É inédito deslocar a culpa do parricídio, que mal aparece na história filogenética de *Visão Geral das Neuroses de Transferência*, para a identificação com o pai. Podemos dizer que com isso o conflito psíquico entre desejo e proibição desloca-se para o conflito entre os valores do indivíduo (a força, inteligência, afirmação de si, criação) e os valores da coletividade (que clama por igualdade e justiça, e odeia a diferença e a violência); entre a psicologia do indivíduo (que é composta de pelo menos três forças conflitantes: satisfação na fantasia X função sexual biológica X sublimação) e a psicologia das massas (composta também de pelo menos três forças conflitantes: desejo de submissão X amor pelos iguais X ódio contra si mesmo).

Na medida em que, a partir da interpretação dessa história filogenética, pudemos conceber a culpa como um retorno do ódio contra si mesmo, e não como a sensação de ter cometido um crime, de ter feito algo errado, acreditamos ter alcançado uma apresentação metapsicológica dos impulsos e da culpa, que dificilmente obteríamos de outra forma.

## Referências Bibliográficas:

ADLER, ALFRED. Estudios sobre la inferioridad de los organos. Barcelona, Ediciones Paidós, 1980.

ASSOUN, PAUL-LAURENT. Freud e Nietzsche, semelhanças e dessemelhanças. São Paulo: ed Brasiliense, 1989.

BREUER, JOSEPH./FREUD, SIGMUND. (1895). Studien über Hysterie. Fischer Taschenbuch Verlag. 1990.

CANEPPELE, ALESSANDRA. A angústia na formação da concepção freudiana de afeto. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da FFCHL da UNICAMP.

CARONE, MARILENA. Da loucura ao prestígio da loucura. In SCHREBER, Memórias de um doente dos nervos, R.J.: Ed Graal, 1985.

CAVALCANTI, ANNA HARTMANN. Símbolo e alegoria, a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche. São Paulo: Annablume; Fapesp. Rio de Janeiro: DAAD, 2005.

KOLTAI, Caterine. Totem e tabu: um mito freudiano (Para ler Freud). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DARWIN, CHARLES. (1859) On the origin of species by means of natural selection. London: John Murray (Darwin online). Origem das espécies. B.H., Ed.Itatiaia, S.P., Ed. Universidade de São Paulo, 1985.

----- (1871) The descent of man. Vol I e II. London: John Murray (Darwin online). A descendência do homem e a seleção sexual. R.J. Editora Marisa, 1933.

----- (1873) A expressão das emoções no homem e nos animais. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

DELEUZE, GILLES. Apresentação de Sacher-Masoch. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1983.

----- Nietzsche e a filosofia. Porto-Portugal: Rés-editora. 2001.

DROZ, GENEVIÉVE. Os mitos platônicos. Brasília: Editora UnB, 1997.

ENRIQUEZ, EUGÈNE. (1983) Da Horda ao Estado, Psicanálise do vínculo social. RJ: Zahar Editora, 1991.

FERENCZI, SANDOR. (1913) Stages in the development of the sense of reality. Sex in Psychoanalysis. New York, Basic Books, inc. Publishers.

----- (1923) Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Versuch einer Genitaltheorie. Leipzig, Wien, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.

FIGUEIREDO, LUÍS CLAUDIO. Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi. São Paulo: ed. Escuta. 1999.

FOUCAULT, MICHEL. “Nietzsche, a genealogia e a história”, in Microfísica do poder. 6ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

----- Nietzsche, Freud e Marx. São Paulo: ed. Princípio, 1987.

FREUD, SIGMUND (1915-1) [p.1985] Übersicht der Übertragungsneurosen. Freud, S. Übersicht der Übertragungsneurosen: Ein bisher unbekanntes Manuskript - Ediert Ilse Grubrich-Simitis. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1985. Neuroses de Transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto). Versão bilíngue, R.J., Imago, 1987.

----- (1895-1) [p. 1950]) Entwurf Einer Psychologie. Gesammelte Werke, Nachtragsband. Projeto de uma psicologia. Obras isoladas de Freud, tradução Osmyr Faria Gabbi Jr., R.J.: Imago, 1995

----- (1894) Die Abwehr- Neuropsychosen. Gesammelte Werke,. Band I. As neuro-psicoses de defesa. E.S.B. vol III. R.J: Imago.

----- (1891) A interpretação das afasias. Lisboa, Edições 70, 1977.

----- (1887 - 1904) Correspondência para Wilhelm Fliess, org. Masson, J.M.. R.J.: Imago, 1986.

----- (1912-1914) Correspondência para Sandor Ferenczi, vol I, tomo 2. R.J.: Imago, 1995.

------(1914-1916) Briefwechsel/ Sigmund Freud; Sándor Ferenczi. Band II/1. Wien; Köln; Weimar: Böhlau, 1996.

-----**Werke. Studienausgabe.** Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. 1982

----- **Obras completas.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010/12.

------(1895-2) Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen. Stud. Band VI.

----- (1896) Zur Ätiologie der Hysterie. Stud. Band VI.

----- (1900) Die Traumdeutung. Stud. Band II.

----- (1901) Bruchstück einer Hysterie-Analyse. Stud. Band VI.

----- (1905) Drei Abhandlung zur Sexualtheorie. Stud., Band V.

----- (1909-1) Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. Stud. Band VIII.

----- (1909-2) Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. Stud. Band VII.

----- (1910) Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. Stud. Band X.

----- (1911-1) Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. Stud. Band III. Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. Obras completas, vol 10. Companhia das letras.

------(1911-2) Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides). Stud. Band VII. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (Dementia paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). Obras completas, vol 10.

----- (1913-1) Totem und Tabu. Stud. Band IX. Totem e tabu. Obras completas, vol 11.

----- (1913-2) Die Disposition zur Zwangsneurose (Ein Betrag zum Problem der Neurosenwahl). Stud. Band VII. A predisposição à neurose obsessiva. Obras completas, vol 10.

----- (1914-1) Zur Einführung des Narzißmus. Stud. Band III. Sobre o narcisismo: uma introdução. Obras completas, vol 12.

----- (1914-2 [p. 1918]) Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. ). Stud. Band VIII. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). Obras completas, vol 14.

----- (1915-2) Triebe und Triebchicksale. Stud. Band III. Os impulsos e seus destinos. Obras completas, vol 12.

----- (1915-3) Die Verdrängung. Stud. Band III. A repressão. Obras completas, vol 12.

----- (1915-4) Das Unbewußte. Stud. Band III. O inconsciente. Obras completas, vol 12.

----- (1915-5 [p.1917]) Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre. Stud. Band III. Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. Obras completas, vol. 12.

----- (1915-6 [1917]) Trauer und Melancholie. Stud. Band III. Luto e melancolia. Obras completas, vol 12.

----- (1916 - 1917) Vorlesung zur Einführung in die Psychoanalyse - Dritter Teil: Allgemeine Neurosenlehre. Stud. Band I.

----- (1920) Jenseits des Lustprinzips. Stud. Band III. Além do princípio do prazer. Obras completas, vol 14.

----- (1921) Massenpsychologie und Ich-Analyse. Stud. Band IX. Obras completas, vol 15.

----- (1923) Das Ich und das Es. Stud. Band III. Obras completas, vol 16.

----- (1927) Die Zukunft einer Illusion. Stud. Band IX. ESB, vol XXI.

- (1929) Das Unbehagen in der Kultur. Stud. Band IX. Obras completas, vol 18.
- (1932) Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. Stud. Band I. Obras completas, vol 18.
- (1932) Warum Krieg. Stud. Band IX. Obras completas, vol 18.
- (1938) Der Mann Moses und die Monotheistische Religion: Drei Abhandlungen. Stud. Band IX.
- FREZZATTI JR, WILSON ANTONIO. Nietzsche contra Darwin. São Paulo - Ijuí: Discurso Editorial - Unijuí, 2001.
- Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX, in Scientiae Studia, vol. 1, n. 4, 2003.
- GABBI JR., OSMYR FARIA. Freud: racionalidade, sentido e referência. Campinas, Unicamp, Coleção C.L.E., 1994
- Notas críticas sobre Entwurf einer Psychologie. Projeto de uma psicologia (Freud,S). R.J., Imago, 1995.
- Memória e Desejo. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- GASSER, REINHARD. Nietzsche und Freud. Berlin/New York: Walter Gruyter, 1997.
- GIACOIA JR, OSWALDO. Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável (Para ler Freud). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.
- Nietzsche como psicólogo. RS: ed Unisinos, 2001.
- Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: ed. da Unicamp. 1997.

GRUBRICH-SIMITS, ILSE (1985) Metapsicologia e Metabiologia. Ensaio complementar a "Neuroses de Transferência:uma síntese" (Freud, S.). R.J., Imago. 1987.

HAECKEL, ERNST. The History of Creation. New York: D. Appleton and Company, 1880.

HANNS, LUIZ. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

IRION, ULRICH. Eros und Thanatos in der Moderne. Würzburg: Könnighausen & Neuman, 1992.

JONES, ERNEST. Vida e obra de Sigmund Freud. R. J., Zahar Editores, 1979.

LAMARCK, J.B. (1809) Philosophie Zoologique. Paris, Schleicher Frères, Editeurs. 1907.

LAPLANCHE, J. / PONTALIS, J. B. Fantasia originária, fantasias das oigens, origens da fantasia. R.J., Jorge Zahar Editor, 1988

----- Vocabulário de Psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. (1949) As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.

----- (1962) O totemismo hoje. Lisboa, Edições 70, 1986.

MACINTYRE, ALASDAIR C. (1958) O inconsciente, uma análise conceitual. Lisboa: editorial Presença, 1979.

MANN, THOMAS. Ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MARCUSE, HERBERT. (1955) Eros e civilização. R.J. LTC. 1999.

MARTON, SCARLETT. Nietzsche e a revolução francesa. Discurso, Revista do departamento de filosofia da USP (18). São Paulo, 1990.

MAYR, ERNST. Biologia, ciência única. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

MONZANI, LUIZ ROBERTO. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas, Editora da Unicamp, 1989



----- A "fantasia" freudiana. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.

----- Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.

-----Totem e Tabu: uma revisão. Revista de Filosofia Aurora. PUC do Paraná. . 23 n. 33 Jul./Dez. 2011. Curitiba: Champagnat, 2011.

MOURA, CARLOS A.R. Nietzsche: civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. Coleção Obras de Nietzsche. Tradução ou coordenação de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da letras (1992/2011).

----- (1872) O nascimento da tragédia (tradução Guinsburg,). Die Geburt der Tragödie. Stuttgart: Reclam. 2007

------(1878) Humano, demasiado humano I e II.

------(1881) Aurora.

------(1882) A Gaia Ciência. Die fröhliche Wissenschaft. Stuttgart: Reclam. 2006.

------(1884) Assim falou Zarathustra. Also sprach Zarathustra. Stuttgart: Reclam. 2008.

------(1886) Além do bem e do mal. Jenseits von Gut und Böse. Stuttgart: Reclam. 2007.

------(1887) Genealogia da moral. Zur Genealogie der Moral. Stuttgart: Reclam. 2009.

------(1888) O anticristo.

------(1888) Crepúsculo dos ídolos.

------(1885-1889). Fragmentos finais. Seleção e tradução de Flávio R. Kothe. Brasília: editora UNB. 2000.

------(1869-1889) Die nachgelassenen Fragmente. Eine Auswahl. Stuttgart: Reclam. 1996.

-----Vontade de potência. Tradução Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes. (2011).

PRADO JR., BENTO A narrativa na psicanálise, entre a história e a ficção. Narrativa: ficção e história, org. Dirce Côrtes Riedel. R.J., Imago, 1988.

----- Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud. In: Filosofia da Psicanálise. Brasiliense. 1991

RICOEUR, PAUL. Da interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

----- O conflito das interpretações. R.J., Imago.

RITVO, LUCILLE B. A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências. R.J., Imago, 1992.

SCHILLER, FRIEDRICH. (1795) A educação estética do homem, numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SCHREBER, DANIEL P. Memória de um doente dos nervos. R.J., Graal, 1985.

SIMANKE, RICHARD T. A formação da teoria freudiana das psicoses. R.J., Editora 34, 1994.

SULLOWAY, FRANK J. Freud: Biologist of the mind. Fontana Paperbacks, 1979.

SOUZA, PAULO CÉSAR. As palavras de Freud. São Paulo: Companhia das letras, 2010

TAUBER, ALBERT I. Freud, the reluctant philosopher. New Jersey: Princeton University Press, 2010.

----- “A Typology of Nietzsche’s Biology”, Biology and Philosophy 9: 24-44, 1994.

WEBER, MAX. Metodologia das Ciências Sociais, parte I e parte II. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

WINOGRAD. MONAH. “Freud e a filogenia anímica”. Revista do departamento de Psicologia UFF. V19, n.1, jan-jun 2007.

----- “O que se Traz para a Vida e o que a Vida nos Traz: Uma Análise da Equação Etiológica proposta por Freud à Luz das Neurociências”. Revista Psicologia: reflexão crítica, 20 (3).